Sérgio
11/77

SÍNTESE DA DOUTRINA SECRETA

HELENA P. BLAVATSKY

SÍNTESE DA DOUTRINA SECRETA

Introdução, organização, seleção e tradução de textos por
CORDÉLIA ALVARENGA DE FIGUEIREDO

EDITORA PENSAMENTO
SÃO PAULO

MCMLXXV

Todos os direitos reservados
EDITORA PENSAMENTO S. A.
Rua Conselheiro Furtado, 648, fone 278-4811, São Paulo

Impresso no Brasil Printed in Brasil

SUMÁRIO

Prefácio (C. A. F.) 9
Alguns dados sobre a vida de H. P. Blavatsky e a Doutrina Secreta 11
Prefácios da 1." e 2.' edições (H. P. B.) 15
Prefácio da 3.* edição revista 15
Introdução (Autora) 17
Proêmio. Páginas de um período pré-histórico 23
Capítulo I — (Primeiro Volume) COSMOGÊNESE
A Evolução Cósmica — Sete Estâncias do Livro de Dzyan 33
Estância I. A noite do universo 33
Estância II. A idéia da diferenciação 37
Estância III. O despertar do Cosmos 39
Estância IV. As hierarquias setenárias 44
Estância V. Fohat: o filho das hierarquias setenárias 48
Estância VI. Nosso mundo, seu crescimento e expansão 51
Estância VII. Os pais do homem na terra 63
Capítulo II — (Segundo Volume) A EVOLUÇÃO DO SIMBOLISMO
Simbolismo e ideologia 69
A linguagem dos mistérios e sua chave 70
A substância primordial e o pensamento divino 72
Caos, Theos, Kosmos 75
Os dias e noites de Brahmâ 77
O lótus como símbolo universal 78
A lua: Deus lunus; Phoebe 79
O culto da árvore, da serpente e do crocodilo 81
Demon est Deus inversus 82
A teogonia dos deuses criadores 85
As sete criações — Os Kümaras 90
Os quatro elementos 92
Kwan-Chai-Yin e Kwan-Yin 93
Adenda — Sobre ciência oculta e moderna 93
Os físicos modernos brincam de cabra-cega 95
É a gravitação uma lei? . 97
Teoria "A" 98
Teoria "B" . 98

Os disfarces da ciência: Física ou Metafísica? 99
Ataque de um homem de ciência à teoria científica da força 103
A teoria solar 108
A força futura 110
Sobre os elementos e os átomos 114
O pensamento antigo vestido à moderna 118
As forças, modos de movimento ou inteligências 122
Deuses, mônadas e átomos 125
Evolução cíclica e karma 130
O Zodíaco e sua antigüidade 133
Resumo 134
Capítulo III — (Terceiro Volume) ANTROPOGÊNESE
Notas preliminares sobre as estâncias arcaicas e os quatro continentes pre--históricos 136
Antropogênese das estâncias de Dzyan
Estância 1 139
Comentários de H. P. B. 140
A suástica 160
Tábua dos elementos e sentidos 162
Dilúvios e Noés 166
Evolução dos animais mamíferos 172
Os filhos de deus e a ilha sagrada 177
A história da quarta raça 179
Uma visão panorâmica das primeiras raças 184
Os manus primitivos da humanidade 189
A civilização e a destruição das quarta e quinta raças 192
A quinta raça e os seus instrutores divinos 195
Capítulo IV — (Quarto Volume) O SIMBOLISMO ARCAICO DAS RELIGIÕES DO MUNDO
Adão-Adami 207
O "Santo dos Santos", sua degradação 209
O mito dos anjos caídos, em seus vários aspectos.O espírito do mal; quem e quê é? 212
Os deuses da luz procedem dos deuses das trevas 214
Os muitos significados da guerra nos céus 217
Prometeu, o titã. Sua origem na índia antiga 222
Enoichion — Henoch 223
O símbolo dos nomes de mistério, Tao e Jeová em suas relações com a cruz e o círculo 225
A cruz e o círculo . 227
Os Upanishads na literatura gnóstica 231
Os mistérios da hebdômada 239
A tetraktys em relação ao heptágono 244
O elemento setenário nos Vedas corrobora o ensino oculto referente aos sete globos e às sete raças 246
O sete na astronomia, na ciência e na magia 247
As sete almas dos egiptólogos 248

Adenda: Ciência e doutrina secreta comparadas 251
Os antecessores oferecidos pela ciência à humanidade 252
As relíquias fósseis do homem e do mono antropóide — Fatos geológicos que se referem à sua relação 254
Sobre as cadeias planetárias e sua pluralidade 260
Cálculo aproximado da duração dos períodos geológicos em anos 262
Evolução orgânica e centros criadores 269
Origem e evolução dos mamíferos: a ciência e a filogênese esotérica 271
A "raiz" segundo o Ocultismo 272
As raças paleolíticas européias. Donde vêm e como estão distribuídas 273
Gigantes; civilizações e continentes submersos, assinalados na História 274
Algumas declarações dos clássicos sobre os continentes e ilhas sagradas explicados esotéricamente 277
Provas científicas e geológicas de vários continentes submersos 281
Capítulo V — (Quinto Volume) CIÊNCIA, RELIGIÃO E FILOSOFIA
A crítica moderna e os antigos 291
A origem da magia 292
O sigilo dos iniciados 294
Alguns motivos do sigilo 298
Perigos da magia prática 302
Vinho velho em odres novos 306
O livro de Enoch, origem e fundamento do Cristianismo 307
Doutrinas herméticas e cabalísticas 310
Sistemas ocultos de interpretação de alfabetos e cifras numéricas 312
O hexágono como sistema chave 315
Simão o mago e seu biógrafo Hipólito 318
São Paulo, o verdadeiro fundador do Cristianismo 319
Apolônio de Tiana 321
Fatos subjacentes nas biografias dos adeptos 323
São Cipriano de Antióquia 330
A Gupta Vidya oriental e a Cabala 332
Alegorias hebréias 336
O Zohar quanto à criação dos Elohim 337
Os modernos cabalistas da ciência e astronomia oculta 342
Ocultismo oriental e ocidental 343
Os ídolos e os terafins 346
A magia egípcia 348
A origem dos mistérios 353
A prova do iniciado do Sol 357
O mistério do Sol e da iniciação 359
Os objetivos dos mistérios 360
Vestígios dos mistérios 361
Os mistérios na Europa 364
Os sucessores pós-cristãos dos mistérios 366
Simbolismo do Sol e das estrelas 369
As almas das estrelas — heliolatria universal 372
Astrolatria e Astrologia 372
Ciclos e avataras 373
Ciclos secretos 374

O mistério de Buda. A doutrina dos Avataras 375
Os sete princípios 382
O mistério de Buda 384
Reencarnações de Buda 387
Um sermão inédito de Buda 388
Nirvana — Moksha 389
Os livros secretos de "Lam-Rin" e Dzyan 392
Amita Buda, Kwan-Shai-Yin e Kwan-Yin. O que o livro de Dzyan e as comunidades de lamas dizem acerca de Tsong-Kha-Pa 393
Tson-Kha-pa — Choans na China 393
Retificação de alguns dados outros conceitos errôneos 394
A "Doutrina do Olho" e a "Doutrina do Coração" ou o "Selo do Coração" 396
Alguns apontamentos sobre a significação da filosofia oculta na vida 400
Nota 400
Apontamento I — Uma advertência 400
Om 401
Correspondência entre os conteúdos das matrizes da natureza e da mulher 405
Resumindo 412
Os planetas, os dias da semana e seus correspondentes metais e cores 413
Uma explicação 414
As raízes da cor e do som 427
A unidade da deidade 429
Algumas considerações sobre os primeiros estudos 430
Considerações sobre o sigilo 431
Sobre os "princípios" e os "aspectos" 433
Significado e correlação dos Tattwas 435
Sobre os véus exotéricos e a morte da alma 440
Justificação filosófica desta doutrina 443
Notas sobre os estudos I, II e III 447
Notas sobre algumas instruções orais — Os três ares vitais 450
O ovo áurico 450
O morador do umbral 451
O intelecto 451
Karma 451
O estado de turya 452
Mahat 452
Como progredir 452
O temor e o ódio 453
O triângulo 453
A visão psíquica 453
O triângulo e o quaternário 453
Prana 454
Antakharana 454
Correspondência de órgãos físicos com os "princípios" 454
Os sons 455
A consciência cósmica 455
O plano terrestre 455
O plano astral e suas divisões 456
Notas gerais 458
Sóis e planetas 460
Classificação vedantina dos Lokas (mundos, estados) 461
Consciência 462
Os nidanas do budismo 465
Skandas 467

PREFÁCIO

Escrevi esta Síntese da Doutrina Secreta com a intenção de, facilitando sua leitura, tornar mais conhecida a obra-prima de Helena Petrovna Blavatsky entre os brasileiros, principalmente os estudantes espiritualistas que, geralmente, se assustam com os seus seis grossos volumes.

Meu trabalho foi selecionar os ensinamentos esotéricos, divulgados pela Autora, excluindo as críticas e polêmicas perfeitamente dispensáveis conservando, apenas, as necessárias para a elucidação dos textos, suprimindo as repetições usadas para clarear e afirmar certos conceitos julgados de fundamental importância.

Usei para a tradução a 3ª edição espanhola da Biblioteca Orientalista da Editorial Maynadé, de 1932, Barcelona.

Tive especial cuidado de conservar tudo o que ela diz a respeito secretos ensinamentos das religiões orientais, copiando, na íntegra, as passagens mais importantes devidas ao conhecimento adquirido pela Autora em suas extraordinárias experiências espirituais e as recebidas seus Mestres da Loja Branca.

Usei o Glossário de Helena Blavatsky para traduzir os termos escritos em línguas mortas como o sânscrito e o zenzar e, também, para dar o significado das expressões teosóficas muito empregadas no livro, completamente desconhecidas por muita gente.

Meu principal cuidado foi conservar a pureza e unidade do pensamento da Autora e dos seus ensinos em meio ao apurado estudo que faz da Filosofia Oriental em seus vários aspectos.

Escolhi as mais preciosas e belas flores, algumas raríssimas, em meio a um montão de folhagens e flores que tiravam o brilho e beleza que ousei selecionar.

Espero benevolência dos que me lerem: que levem em conta somente o esforço que fiz para a divulgação deste tesouro que lhes ofereço.

Cordélia Alvarenga de Figueiredo

ALGUNS DADOS SOBRE A VIDA DE H. P. BLAVATSKY E A DOUTRINA SECRETA

Helena Petrovna Blavatsky, uma das mais notáveis figuras do mundo em fins do século XIX, nasceu prematuramente, à meia-noite de 30 para 31 de julho (a 12 de agosto, segundo o calendário russo) de 1831, em Ekaterinoslav, província do mesmo nome, ao sul da Rússia. Seu pai foi o capitão Peter Hahn, filho do general Alexis von Rotteens-tern Hahn. Sua mãe, Helena de Fadeyev, uma ilustrada literata, filha da talentosa e erudita princesa Helena Pavlovna Dolgoroukov, faleceu quando a filha contava apenas onze anos, passando desde então a ser educada na velha mansão de sua avó em Saratov, onde seu avô era Governador Civil.

Alguns incidentes extraordinários marcaram a hora de seu nascimento e a ocasião de seu batismo, o que levou alguns dos circunstantes a pressagiar-lhe uma vida envolta de mistérios e bastante tormentosa. E de fato assim o foi. De natureza super-sensível e muito psíquica, e descendente de uma estirpe milenar de homens e mulheres poderosos e altivos em toda a história da Rússia, Helena foi uma criança indócil, voluntariosa, sui generis num ambiente tradicionalmente jungido a convencionalismos, etiquetas e preconceitos, pois, além de sua sensitividade peculiar, comprazia-se em conviver e brincar com as crianças filhas do povo, do que ater-se às rígidas e regias normas palacianas.

Desde tenra idade sustentava e demonstrava possuir raros dotes psíquicos, que a habilitavam a comunicar-se com os habitantes dos mundos hiperfísicos e com os chamados "mortos". Esta sua aptidão inata foi posteriormente disciplinada e aperfeiçoada ao longo de sua vida, e depois aplicada a serviço da humanidade. Sua educação recebeu a influência da cultura e posição social de sua família. Assim, foi ela uma hábil lingüista e brilhante musicista, e obteve muito senso científico e experiências através de sua erudita avó, além das faculdades literárias características de sua família.

Em 1848, mais para livrar-se das incômodas injunções da criadagem e parentes do que por amor, casou-se aos dezessete anos com o general Nicephore V. Blavatsky, Governador da província de Erivan, e homem

de idade bem avançada. Mas o matrimônio não a agradou, e três meses depois abandonou o marido e fugiu da casa de seus familiares, que acabaram devolvendo-a a seu pai. Mas, temerosa de que a obrigassem a voltar ao marido, tornou a fugir, iniciando então um longo e sinuoso ciclo de peregrinações e aventuras heróicas.

Em 1851, achando-se em Londres já como "Madame Blavatsky" (ou simplesmente H.P.B., como preferia a chamassem), encontrou-se surpreendentemente no Hide Park, fisicamente e, pela primeira vez, com o seu Mestre, o "Mestre de seus sonhos desde a infância". Era Ele o seu Irmão Maior, o "Irmão Mais Velho", como Ele se considerava, mas de fato o alto Adepto que dos planos superiores sempre a havia preservado de perigos maiores em suas aventuras juvenis. Desde esse feliz encontro, ela se converteu em Sua leal discípula, integralmente fiel às Suas indicações e conselhos. Foi sob Sua orientação toda especial que Helena aprendeu a dominar e dirigir as forças imponderáveis a que sempre esteve sujeita por sua sensibilidade excepcional. Essa sábia orientação a levou a experiências as mais variadas, dentro dos campos da magia e do Ocultismo. Aprendeu a receber de seus Instrutores mensagens, para transmiti-las a seus destinatários, e ensinamentos que muito a ajudaram a enfrentar os perigos que a rodeavam, e a dar sua assistência nunca negada aos que a ela recorriam.

Seguir suas peregrinações durante o seu aprendizado significaria ter de acompanhá-la em suas múltiplas e complexas atividades pelos quatro quadrantes do mundo, — tarefa impossível a um mortal comum, Boa parte desse tempo ela passou nas plácidas regiões do Himalaia, estudando e preparando-se em mosteiros onde se conservam religiosamente os ensinamentos de alguns dos mais destacados e cultos Instrutores espirituais desde tempos remotos. Ali ela estudou a Vida e as Leis imperantes nos mundos internos, as normas a obedecer, para merecer ingressar nos seus domínios. Testemunha direta desta mística fase de seu treinamento pessoal é o seu precioso livrinho A Voz do Silêncio, uma tradução de máximas espirituais da mais alta transcendência, hoje ao alcance de qualquer aspirante sério. Ela apresenta essa jóia espiritual com as palavras adiante: "As páginas seguintes são extratos do Livro dos Preceitos Áureos, uma das obras dadas a ler aos estudiosos do misticismo no Oriente. O seu ensino é obrigatório naquela escola... A obra, donde são extraídos os trechos que traduzo, faz parte da mesma série donde são extraídas as estrofes do Livro de Dzyan, sobre as quais se baseia A Doutrina Secreta." {Op. cit., pp. 41, 43, Ed. Civilização Brasileira.)

Em 1873 foi Madame Blavatsky "enviada" para os Estados Unidos da América, a fim de dar início à obra de que fora incumbida. Em ali chegando, dirigiu-se logo para a mansão da família Eddy, na qual se estavam manifestando e desenvolvendo extraordinários fenômenos psíquicos, que, sendo relatados na imprensa nova-iorquina, empolgavam os meios científicos norte-americanos e de outros países. Foi

nessa oportunidade e nesse local que, pela primeira vez, ela conheceu o coronel Henry Steel Olcott, do exército norte-americano, e com ele se relacionou. O coronel já vinha acompanhando o desenvolvimento dos fenômenos e enviando reportagens aos jornais. Desde logo se fizeram bons camaradas e leais amigos, e aliaram-se na edificação da obra iniciada, que culminou na fundação da Sociedade Teosófica a 17 de novembro de 1875, em Nova Iorque, donde se trasladou, em 1879, para a índia, onde hoje se localiza em Adyar, Madras.

Como os cientistas materialistas se achassem perplexos e ansiosos por descobrir a origem de tão estranhos fenômenos, de duas maneiras procurou Blavatsky explicá-los: primeira, pela demonstração prática de seus próprios poderes; segunda, pela declaração expressa de que existia um antiquíssimo conhecimento das leis mais profundas da Vida, conhecimento esse estudado e preservado por Aqueles que podiam utilizá-lo com segurança na prática do bem e do altruísmo. Em suas mais altas hierarquias, eles recebiam a denominação de "Mestres", bem como ainda de Adeptos, Chohans, Irmãos Maiores, Hierarquia Oculta, Grande Fraternidade Branca etc.

Para consubstanciar suas declarações, H.P.B. escreveu em 1877 Isis Unveiled (em espanhol, Isis sin Velo, 4 volumes, ed. mexicana), e em 1888 publicou A Doutrina Secreta, em Londres e Nova Iorque, simultaneamente, da qual em 1950 se reeditou em Adyar a 13ª edição e hoje se encontra em vários idiomas, inclusive o nosso.

A Doutrina Secreta define-se por seu próprio título, e, no dizer de sua Autora, "não expõe a Doutrina Secreta, em sua totalidade, senão um número selecionado de fragmentos de seus princípios fundamentais". Por monumental que se nos afigure, essa obra "apenas levanta uma ponta do véu da Sabedoria das Idades", na expressão de um dos grandes Mestres de H. P. B., mas, no parecer do erudito professor orientalista Max Muller, ela "será o futuro evangelho da humanidade". Essa obra mostra, em suma, que: 1º, pode se alcançar uma percepção das verdades universais através da comparação da Cosmogênese dos antigos; 2°, levanta o véu da alegoria e do simbolismo para revelar a beleza da Verdade; 3.°, apresenta ao intelecto anelante, à intuição e à percepção espiritual, os "segredos" científicos do Universo para a exata compreensão dos mesmos, e que só serão segredos enquanto não forem comprovados.

Esta obra monumental foi escrita a longas e duras provas e sacrifícios, e teria perecido se não houvesse contado, providencialmente, com uma interferência superior. Achando-se em Ostende, prosseguindo seu paciente labor, Blavatsky caiu gravemente enferma, com perigo de vida, tanto que "ela creu haver seu Mestre lhe permitido, por fim, ser livre". Mas eis que inesperadamente ela se curou "milagrosamente", uma vez mais. Depois explicou: "O Mestre esteve aqui e me deu a escolher entre morrer e ficar livre ou continuar existindo para terminar

A Doutrina Secreta ... quando eu pensei naqueles estudantes aos quais se me permitia ensinar umas poucas coisas e na Sociedade Teosófica em geral, à qual eu havia dado já o sangue de meu coração, aceitei o sacrifício". (Reminiscences, condessa Constance Wachmeister, p. 73.)

Helena Petrovna Blavatsky faleceu a 8 de maio de 1891, pouco tempo depois de publicar sua obra, legando à humanidade um dos mais ricos relicários espirituais e culturais num estilo e numa proporção jamais vistos pelo mundo, até então. A grande maioria de seus contemporâneos não a reconheceu e alguns despeitados e fanáticos a trataram da maneira mais cruel, tal qual no passado se fez com todos os grandes mensageiros da Verdade, mas, sem dúvida, também como tem acontecido no passado, os povos vindouros, mais perceptivos e intuitivos, lhe saberão tributar as glórias bem merecidas.

Esta Síntese da Doutrina Secreta contém o essencial dos seis volumes com 2177 páginas da obra total, que são um desdobramento da terceira edição em três volumes publicados em Londres em 1893, depois de cuidadosamente revistos pelos eruditos G. R. Mead, Dra. Annie Besant, que foram discípulos e íntimos colaboradores da insigne Autora. Além disso estes os enriqueceram com alguns dos ensinamentos que ela ministrara a seu Círculo Interno. Representa um grande passo dado para divulgar em nosso idioma instruções e concepções transcendentais, colocando-as ao alcance intelectual da maioria dos principiantes e daqueles que, absorvidos por suas atividades profissionais, dificilmente achariam tempo para aprofundá-las na magna obra original. Tal é o seu escopo principal. Esperamos que ela seja um modesto mas seguro pórtico pelo qual o estudante sério possa ingressar de cheio no santuário da "Sabedoria das Idades" e ali satisfazer plenamente as suas mais profundas aspirações.

A Editora Pensamento

PREFÁCIOS da 1ª e 2ª edições pela Autora — H. P. B.

Esta é a história do Ocultismo, segundo o conteúdo das vidas dos Grandes Adeptos da Raça Ária e da influência da Filosofia Oculta na direção da Vida, tal como é e deve ser. Esta obra não é a continuação de Isis sem Véu, como se pensou a princípio, e da qual contém talvez umas 20 páginas. É uma compilação dos fragmentos fundamentais das doutrinas secretas das Filosofias e Religiões asiáticas e primitivas européias (sua essência, digamos) ocultas sob hieróglifos e símbolos, cujo significado ela comunica, graças aos conhecimentos adquiridos com Sábios qualificados, e o estudo das obras que cita. Não apresenta estas verdades como "Revelações", nem pretende tal coisa, pois o que publica está contido em milhares de volumes que encerram as Religiões asiáticas. Ela não tem teorias pessoais. Esta obra não é a Doutrina Secreta em sua totalidade, mas uma seleção de seus fundamentos, pois é a essência de todas as Religiões e Filosofias antigas. Não apela para autoridades dogmáticas; apenas mantém-se intimamente unida à Natureza e segue as Leis de Analogia demonstrando que a Natureza não é um aglomerado de átomos; dá ao homem o seu lugar no plano universal e, resguardando da degradação as verdades arcaicas que constituem a base de todas as religiões, entrega a obra ao tribunal da apelação das gerações futuras para julgá-las.

PREFÁCIO da 3ª edição revista pela Dra. ANNIE BESANT

A Dra. Besant declara ter corrigido as passagens obscuras devidas ao conhecimento imperfeito do idioma inglês pela Autora. Comprovou datas e números. Para a transliteração castelhana do sânscrito, foi adotado o Glossário Teosófico de H. P. B.

Refere-se H.P.B. ao costume de se chamar "Buddhismo Esotérico" à literatura teosófica por ela divulgada e à confusão feita entre os princípios da filosofia pregada por Gautama, o Buddha, com as doutrinas apresentadas em largos traços no Buddhismo Esotérico, (*) o qual não continha nem buddhismo nem esoterismo. A autora expõe os fundamentos da Doutrina Esotérica das Religiões antigas, remontando sua origem ao surgimento do homem na terra, quando os deuses os dirigiam e em cuja fonte beberam os Instrutores da Humanidade a essência do conhecimento humano. E acrescenta que nem ao maior dos Adeptos vivos seria permitido declarar a um mundo incrédulo o que permaneceu oculto durante séculos.

Budismo — é o sistema religioso de moral pregado por Gautama, o Buda, o "Iluminado". Budismo — de buda (Sabedoria) conhecimento ou faculdade de conhecer, da raiz sânscrita budh — conhecer. Bodha é a posse inata da Inteligência ou entendimento divino; Buddha é a aquisição da mesma por esforços pessoais e mérito, e Buddhi é a faculdade de conhecer, o canal pelo qual o Conhecimento Divino chega ao Ego, o discernimento entre o Bem e o Mal (também consciência divina); Bodhi ou Samadhi é também um estado de êxtase. O verdadeiro filósofo perde de vista as personalidades, as crenças dogmáticas e as religiões especiais. A filosofia esotérica reconcilia todas as religiões provando a sua origem comum. Prova a necessidade de um Princípio Absoluto na Natureza. Ela não nega a deidade como não nega o Sol; repele os deuses criados pelos homens à sua própria imagem. Nela estão citados os trechos secretos do dan ou janna ou dhyana, a reforma do homem pela meditação, e a metafísica de Gautama; as verdades ocultas, as coisas visíveis e invisíveis, o mistério do Ser fora de nossa esfera terrestre que ele reservara somente para seus discípulos ou Arhats. A doutrina de Buda é a dos Iniciados brâmanes conservada nos santuários secretos. O Livro de Dzyan é completamente desconhecido dos filólogos modernos e não figura nas bibliotecas européias. Esta obra, escrita em folhas de palma, tratadas por um processo

(*) Livro publicado em 1883 por A. P. Sinnett. (N. da Ed.)

desconhecido que as impermeabilizou à ação da água e do fogo, é de uma antigüidade que não se pode calcular. A Doutrina Secreta está baseada nos ensinos deste Livro de Dzyan e as explicações dadas por sábios orientais, a quem H.P.B. chama de Mestres. Os membros de várias escolas esotéricas cujo centro se acha além dos Himalaias e cujas ramificações se encontram na China, Japão, índia e Tibete, como na América do Sul, afirmam possuir a soma total de todas as obras sagradas e filosóficas manuscritas e impressas que se escreveram em quaisquer línguas ou caracteres desde o começo da arte de escrever, incluindo os hieróglifos até o alfabeto de Cadmo e o Devanagari. Afirmam que desde a destruição da Biblioteca de Alexandria todas as obras que por seu caráter conduzissem o profano à descoberta final e compreensão de alguns dos Mistérios da ciência secreta foram procuradas com diligência graças aos esforços combinados dos membros dessas Fraternidades. Essas obras, uma vez encontradas, foram destruídas, excetuando-se três exemplares de cada uma, que eram ciosamente guardados em locais secretos. Na Índia os últimos desses preciosos manuscritos foram guardados em local oculto durante o reinado do Imperador Akbar, o qual não conseguiu, nem pelo suborno nem pela ameaça, que os brâmanes lhe fornecessem o texto original dos Vedas. Diz-se ainda que os livros sagrados desta espécie, cujos textos não se achavam suficientemente velados pelo simbolismo e que continham referências diretas aos antigos mistérios, foram copiados em caráter criptológico, tais como para desafiar a arte do mais hábil paleógrafo, e depois, destruídos até o último exemplar.

Badáoni, no seu livro Muntakab at Tawarikh, conta com horror não dissimulado a mania de Akbar pelas Religiões idolatras, como os brâmanes apresentaram provas fundadas em razões e testemunhos que ninguém pôs em dúvida. Nas ricas Lamaserias existem criptas subterrâneas e covas escavadas nas rochas, onde se ocultam preciosas bibliotecas; e nas terras do Tsaydam ocidental, nos solitários passos do Kuen-lun, há vários destes lugares ocultos.

No cume do Altin-tág existe uma aldeia perdida numa garganta profunda, onde um templo de miserável aspecto guardado por um velho Lama possui galerias e aposentos subterrâneos contendo uma coleção de livros, cujo número não caberia no Museu Britânico. Segundo a tradição, a região árida do Tarim (deserto do Turquestão) outrora estava coberta de florescentes cidades. Hoje alguns verdes oásis rompem a monotonia dessa solidão. Um destes oásis que atapetou o sepulcro arenoso do deserto sobre uma enorme cidade enterrada não pertence a ninguém, mas é freqüentemente visitado por mongóis e budistas. As investigações coletivas dos orientalistas os fizeram compreender que um incalculável número de manuscritos desaparecidos de grande valor jazem entre as ruínas destas cidades. Essas obras, que desapareceram sem deixar rasto, constituem a chave verdadeira de obras existentes atualmente, mas incompreensíveis sem os volumes adicionais explicativos.

Tal sucede, por exemplo, com as obras de Láo-tsé, o predecessor de Confúcio. Sua grande obra, o Tao-te-King, o coração de sua Doutrina e a escritura sagrada de Tao-sse, contém apenas 5.000 palavras numa escassa dúzia de páginas, cujo texto é incompreensível sem os comentários e chaves. A religião de Confúcio está fundada nos cinco livros King e nos quatro Shu, acompanhados de comentários volumosos. As escrituras sagradas das religiões semíticas, as da Caldéia, irmã maior e mestra da Bíblia Mosaica, base e partida do Cristianismo, nos chegaram através de uns poucos fragmentos que se atribuem a Beroso. Escritas em grego para o seu discípulo Alexandre o Grande, estas obras se perderam.

Beroso foi sacerdote no tempo de Belo na Pérsia e possuía anais astronômicos e cronológicos que compreendiam um período de 200.000 anos, pertencentes ao templo e conservados por gerações de sacerdotes do mesmo.

Tudo isto se perdeu. No 1º século antes de nossa era, Alexandre Polystor escreveu uma série de extratos dessa obra, que também desapareceram. Eusébio, bispo de Cesaréia, usou-os para escrever o seu Crônicon (270-340). A semelhança das escrituras hebréias e caldéias converteu estas num perigo para Eusébio, o falsificador armênio, que transviou a civilização histórica num período de 1.500 anos, fazendo aceitar as derivações judaicas como direta revelação divina. Eusébio não perdoou as tábuas egípcias sincrônicas de Manethon, agora encontradas e verificadas por George Smith.

Tanto Sócrates, historiador do século V, como Sincello, vice-patriarca de Constantinopla no começo do século VIII, denunciaram Eusébio como cínico falsificador das Escrituras.

Os Budistas do Norte têm um livro o Kanjur (325 volumes) e um outro, o Tanjur, dos 84.000 volumes que constituíam a obra. Os Arhats budistas começaram o seu êxodo religioso no ano 300 (a.C.) para propagar a fé além dos Himalaias e Cachemira. Chegaram à China no ano 61 de nossa era, quando Kasyapa, convidado pelo imperador Meng-ti para lá seguiu a fim de ensinar ao "Filho do Céu" a doutrina budista.

Os textos estão perdidos só para o Ocidente. Alguns eruditos escritores do século passado afirmaram haverem existido fragmentos de uma revelação primitiva feita aos antecessores do gênero humano, conservados nos templos da Grécia e da Itália. O mesmo repetem os Pandits orientais e os Iniciados, que os principais tratados budistas pertencentes ao cânone sagrado se acham ocultos nos países inacessíveis aos europeus. O sábio Dayanand Saravasti, eminente sanscritista da índia, declarou: "Existe uma revelação primitiva e sobrenatural feita aos pais da raça humana." Ele disse conhecer uma cripta secreta perto de Okhee Math, nos Himalaias, onde existiam os livros sagrados, isto no ano de 1880, em Merut. Os caldeus receberam seus primeiros conhecimentos dos brâmanes. Rawlison mostra a influência védica na mitologia

da primitiva Babilônia. A tribo de Korassan pretende ter vindo do Afeganistão antes de Alexandre, e para provar esse fato, apresenta conhecimentos legendários. Num deserto da Ásia, no oásis de Tchert-chen, existem ruínas de imensas cidades que, segundo a tradição local, foram destruídas há 3.000 anos por um herói gigante, sendo que a última cidade foi destruída pelos mongóis no século X de nossa era. Lá foram encontrados ataúdes, de um material incorruptível, encerrando corpos embalsamados, admiravelmente conservados, sendo que as múmias masculinas revelam grande estatura e robustez, com os cabelos ondulados; algumas têm olhos fechados com discos de ouro.

Em suma, a Doutrina Secreta foi a religião universalmente difundida no mundo antigo e pré-histórico, como provam os autênticos anais de sua história, os documentos existentes em todos os países e que se conservam nas secretas bibliotecas das Fraternidades ocultas. Os fatos seguintes conservam a sua tradição: 1º — Milhares de antigos fragmentos, salvos da destruição da biblioteca de Alexandria; 2º — as obras sânscritas desaparecidas da índia durante o reinado de Akbar; 3º — a tradição universal, na China e no Japão, de que os verdadeiros textos antigos e comentários que os tornam decifráveis (há milhares de volumes) estão fora do alcance das mãos profanas; 4º — a desaparição da vasta literatura sagrada da Babilônia; 5º — a tradição na índia de que os verdadeiros comentários dos Vedas, ainda que invisíveis para os profanos, estão à disposição dos Iniciados em locais ocultos para os demais. Há textos da Ciência sagrada que foram tirados de circulação e ocultados, porque representam um perigo para as multidões ignorantes e não preparadas, arriscando mesmo a existência do globo, se indevidamente utilizados.

A doutrina das cadeias planetárias setenárias subministra guia seguro para a descoberta da natureza do homem, cujos princípios estão em relação com os planos de manifestação, cada um dos sete planetas, uma das sete raças e uma das forças ocultas da Natureza, sendo os correspondentes nos planos mais elevados de uma potência formidável. Isto poderia acarretar a descoberta de tremendos poderes ocultos cujo abuso traria à humanidade males incalculáveis. Há segredos como o do "Vril" e da força que descobriu J. W. Keely, de Filadélfia, que não podem ainda ser postos ao alcance das massas.

Os Hierofantes dos templos, nos quais foram os Mistérios uma disciplina e um estímulo às virtudes, nunca fizeram segredo dos conhecimentos e de sua existência, e os transmitiam aos discípulos iniciados. Na Biblioteca Imperial de São Petersburgo existem documentos provando a ida, no fim do século passado e começo deste século, de místicos russos ao Tibete, através dos montes Urais, para adquirir o saber e a iniciação nas criptas da Ásia Central. Eles voltaram com um tesouro de conhecimentos que nunca poderiam adquirir na Europa. Consultem-se para isso os anais da Franco-maçonaria, nos arquivos da Biblioteca citada.

Todos os fundadores de Religiões foram os transmissores, não Mestres originais, mas autores de novas formas e interpretações da ciência sagrada, chamada Gupta Vidya. A Doutrina Secreta expõe a Cosmogonia e Evolução das quatro raças que precederam à nossa quinta raça humana.

Cada nação recebeu por sua vez algumas das verdades sob o véu simbólico próprio, local e especial, o qual, com o tempo, desenvolveu um culto mais ou menos filosófico. E lá, se contém tudo que pôde ser dado ao mundo neste século. A Autora cita nomes históricos e dignos de confiança, muitos de reconhecida competência e juízo reto, para garantir a sua autoridade, e obras clássicas que confirmam sua doutrina.

No fim do livro se fará uma recapitulação de todos os Adeptos principais, conhecidos na história, e se contará a decadência dos Mistérios e o desaparecimento entre os homens da Iniciação e da Ciência Sagrada. Os primeiros padres católicos levaram mil anos trabalhando para apagar todos os traços da Doutrina Secreta da memória humana, mas não puderam destruir os símbolos da Antiga Sabedoria da qual copiaram os rituais e ensinamentos. Existe um livro, surgido no começo da Idade Negra (Kali-Yuga), há 5.000 anos, portanto, referindo as profecias deste período. O 2º volume destas profecias está quase terminado, tendo começado no tempo de Sankârachârya, o sucessor de Buda. Afirma-se com fundamentos históricos que Orígenes, Synésio e Clemente de Alexandria foram iniciados nos "Mistérios" antes de acrescentar ao Neoplatonismo da Escola de Alexandria o sistema dos gnósticos sob o véu cristão.

Algumas das doutrinas das escolas secretas se conservam no Vaticano, e desde então se converteram em parte e porção dos Mistérios sob a forma de acréscimos desfigurados feitos pela Igreja Latina ao programa Cristão original. Tal é o Dogma da Imaculada Conceição.

O reinado de Constantino foi a última etapa da luta que terminou no Ocidente com a destruição das antigas Religiões em favor da nova, constituída sobre os seus cadáveres. A perspectiva de um passado remoto além do Dilúvio e do Jardim do Éden, foi interceptado aos olhos indiscretos da posteridade, de modo implacável, recorrendo-se para isso a todos os meios lícitos e ilícitos. Mas ficaram entre os documentos mutilados o suficiente para provar a existência de uma Doutrina Matriz, cuja Sabedoria foi sempre a fonte original, a corrente sempre fluindo e da qual se alimentaram os riachos das Religiões posteriores de todos os povos. Este período, começado com Buda e Pitágoras e terminado com os neoplatônicos e gnósticos, é o único foco que nos resta.

PROÊMIO
PÁGINAS DE UM PERÍODO PRÉ-HISTÓRICO

A Autora tem diante de si um manuscrito arcaico, coleção de folhas de palma impermeáveis à ação do tempo por um processo específico desconhecido. A primeira página é de um negro intenso, com um disco branco ao centro. A segunda é igual à primeira, mas dentro do círculo foi acrescentado um ponto. A primeira representa o Cosmos na Eternidade, antes de voltar a despertar a energia, ainda em repouso, na emanação de mundos em sistemas posteriores. O ponto no disco representa a Aurora da diferenciação. 0 ponto no Ovo do mundo é o germe donde se desenvolverá o Universo, o Todo, o Cosmos, infinito e periódico; Germe que é latente ou ativo por turnos. O círculo único representa a Unidade Divina, de onde tudo procede e para onde tudo volta. A circunferência representa a Presença abstrata e sempre incognoscível, e seu plano — A Alma Universal — sendo que as duas são aspectos da Unidade. Nesta Alma dormita, durante o repouso, o Pensamento Divino. É a Vida Única, eterna, invisível e onipresente, inconsciente, e, no entanto, é consciência absoluta, incompreensível e, assim, a única Realidade existente por si mesma. Seu único atributo é o movimento eterno e incessante — o Grande Alento. O que permanece imóvel não pode ser divino. Isto está no Livro de Dzyan, um único exemplar existente. O documento hebreu mais antigo referente à Sabedoria Oculta, — o Siphrah Dzeniouta — é uma compilação do Livro de Dzyan, feito quando este já era considerado relíquia literária. Uma de suas vinhetas representa a Essência Divina emanando de Adão (Anthropos), à maneira de um arco luminoso que passa a formar um círculo e, depois de chegar ao ponto superior de sua circunferência, a Glória Inefável retrocede e volta à Terra, levando em seu vórtice um tipo de humanidade superior. À medida que mais se aproxima de nosso planeta, a emanação se faz mais densa e escura até que, ao tocar a Terra, é negra como a noite. Desse livro antigo foram copiados e compilados o Kiu-ti e o Siphrah Dzeniouta.

O Siphrah Jetzirah, atribuído pelos cabalistas hebreus à Abraão (!), o Shu-King (Bíblia primitiva dos chineses), os livros sagrados de

Thot Hermes, os Purânas da índia, o Livro dos Números (caldeu) e o Pentateuco mesmo, todos se originaram daquele volume-pai. Diz a tradição que foi escrito em Senzar, a língua secreta sacerdotal, conforme as palavras dos Seres Divinos que o ditaram aos Filhos da Luz, na Ásia Central, no começo de nossa Raça, quando o Senzar era conhecido pelos Iniciados de todas as nações, quando os antepassados dos Toltecas o sabiam tanto como os Atlantes que o herdaram da Terceira Raça, os Manuchis, que o receberam dos Devas da Primeira e Segunda Raças.

O Inconsciente chegou ao plano da criação ou da evolução, por meio de uma Sabedoria clarividente superior a toda a consciência (Sabedoria Absoluta) que transcende Tempo e Espaço. A mente se resolve como série de estados de consciência, cuja duração, intensidade, complexidade e demais qualidades são variáveis, fundados todos na Sensação que é Maia (Ilusão).

Há cinco séculos antes de nossa era, Leucipo, preceptor de Demócrito, sustentava que o Espaço estava eternamente cheio de átomos impelidos pelo movimento incessante que gerava, com o transcorrer do tempo e à medida que os átomos se agregavam, o movimento rotatório, em virtude das colisões mútuas que produziam movimentos laterais. Epicuro e Lucrécio ensinaram o mesmo e acrescentaram a idéia de afinidade (ensino oculto).

Desde a primeira aparição dos arquitetos do globo em que vive, a Deidade não revelada foi reconhecida e considerada sob seu único aspecto filosófico — o Movimento Universal, a Vibração do Alento Criador na Natureza. O ocultismo sintetiza assim a Existência Única: A Deidade é um fogo misterioso, vivo (o movente), e os eternos testemunhos desta Presença invisível são a Luz, o Calor e a Umidade, trindade esta que abarca e é causa de todos os fenômenos da Natureza. O movimento intra-cósmico é eterno e incessante; o movimento cósmico visível, isto é, aquele objeto de percepção, é finito e periódico. Como eterna abstração, é o Sempre Presente; como manifestação, é finito e periódico, sendo os dois o Alfa e o Omega das reconstruções sucessivas. O Cosmos (Númeno) não tem nada a ver com as relações causais do mundo fenomenal. Só nos referindo à Alma intra-cósmica, ao Cosmos Ideal no Pensamento Divino Imutável, podemos dizer: "Jamais teve princípio e jamais terá fim." Em cada novo ciclo de criação pode se considerar sua organização como a primeira e última de sua espécie, desde que evolui cada vez num plano mais elevado.

Há apenas uns poucos anos se declarou:

A doutrina esotérica ensina, da mesma forma que o Budismo e Bramanismo, e até mesmo a Cabala, que a Essência una, infinita e desconhecida, existe em toda a eternidade, é ora passiva ora ativa, em sucessões alternadas, harmônicas e regulares. Na poética linguagem de Manu chama-se a essas condições os Dias e Noites de Brahmâ. Este último está "acordado" ou "adormecido". Os svabbavikas ou filósofos da escola mais antiga do Budismo, que ainda existe em Nepal,

especulam unicamente sobre as condições ativas desta "Essência", à qual eles chamam *Svabhavat,* e consideram uma necessidade teorizar acerca do poder abstrato e "incognoscível" em sua condição passiva. Daí serem chamados ateus pelos teólogos cristãos e cientistas modernos, pois nem uns nem outros são capazes de compreender a lógica profunda de sua filosofia. Os primeiros não consentirão outro Deus senão a personificação dos poderes secundários formadores do Universo visível, constituída no Deus antropomórfico dos cristãos — o Jeová masculino, rugindo entre trovões e raios. Por sua vez, a ciência racionalista considera os budistas e *svabhavikas* como os "positivistas" das idades arcaicas. Se considerarmos a filosofia destes últimos apenas sob um de seus aspectos, podem os nossos materialistas ter razão na sua maneira de considerá-la. Sustentam os budistas que não há Criador, senão uma infinidade de poderes criadores, que coletivamente formam a eterna substância, cuja essência é inescrutável, e daí que não seja objeto de especulação para nenhum filósofo verdadeiro. Sócrates recusava-se sistematicamente a discutir acerca do mistério do ser universal, e, contudo, a ninguém ocorreu acusá-lo de ateísmo, exceto aqueles que desejavam a sua morte. Ao inaugurar-se um período de atividade — diz a Doutrina Secreta — tem lugar uma expansão desta Essência Divina, de fora para dentro e de dentro para fora, segundo imutável e eterna lei, sendo o universo fenomenal e visível o último resultado da longa cadeia de forças cósmicas postas em movimento progressivo. Do mesmo modo, quando sobrevém a condição passiva, ocorre uma contração da Essência Divina, e a obra prévia da criação desfaz-se gradual e progressivamente. O universo visível se desintegra, o seu material se dispersa, e tão-só solitárias trevas pairam uma vez mais sobre a face do "abismo". Empregando uma metáfora dos livros secretos, que explicará a idéia de um modo mais claro, uma expiração da essência desconhecida produz o mundo; e uma inalação o faz desaparecer. Esse processo tem tido lugar desde toda a eternidade, e nosso Universo presente é apenas um da série infinita que não teve princípio nem terá fim. (*)

Esta passagem será explicada, quanto possível, na presente obra. E se bem que, tal como se acha agora, nada de novo contém para o orientalista, a sua interpretação esotérica pode conter muitas coisas novas, inteiramente desconhecidas até hoje para os eruditos ocidentais.

A primeira figura é um disco simples ○ . A segunda representa no símbolo arcaico um disco com um ponto no centro ⊙ ; é a primeira diferenciação nas manifestações periódicas da Natureza eterna, sem sexo e infinita, o "Espaço potencial dentro do Espaço abstrato". Na sua terceira etapa, o ponto se transforma num diâmetro ⊖ . Então simboliza uma Mãe-Natureza imaculada e divina dentro do Infinito absoluto onienvolvente. Quando o diâmetro horizontal está cruzado por uma vertical ⊕ , representa a Cruz Mundana. A Humanidade atingiu a sua Terceira Raça-Raiz: é o sinal da origem da vida humana. Quando desaparece a circunferência, fica unicamente a ┼ : é o sinal que indica a consumação da queda do homem na matéria e o início da Quarta Raça-Raiz. A Cruz dentro de um círculo simboliza o Panteísmo puro; a Cruz não inscrita no círculo, é fálica. Tinha os mesmos e outros significados que a Tau inscrita num círculo ⊕ , ou que o martelo de

(1) *Isis Unveiled,* II, pp. 264-5.

Thor, chamado Cruz Jaina, ou simplesmente Suástica, dentro de um círculo  .
Pelo terceiro símbolo — um círculo dividido em duas partes por um diâmetro horizontal — se significava a primeira manifestação da Natureza criadora (ainda passiva, por ser feminina). A primeira e vaga percepção que o homem tem da procriação é feminina, porque ele conhece mais a sua mãe que a seu pai. Daqui que as deidades femininas fossem mais sagradas que as masculinas. Portanto, a Natureza é feminina, e até certo grau, objetiva e tangível; e o princípio espiritual que a fecunda está oculto. Acrescentando à linha horizontal no círculo uma linha perpendicular, formou-se a Tau T, a forma mais antiga da letra. Este foi o hieróglifo da Terceira Raça-Raiz até o dia de sua Queda simbólica, isto é, quando teve lugar a separação dos sexos pela evolução natural, e a figura se tornou  , ou a vida assexuada modificada ou separada, — um duplo hieróglifo ou símbolo. Com as sub-raças de nossa Quinta Raça-Raiz, na simbologia, Tau veio a ser o Sacr', e em hebreu N'cabvah, das raças primitivas; depois se transformou no emblema egípcio da vida  , e mais tarde ainda no signo de Vênus  . Vem em seguida a Suástica (o Martelo de Thor ou a atual Cruz Hermética), completamente separada do seu Círculo, e tornando-se assim puramente fálica. O símbolo esotérico de Kali Yuga (Idade Negra) é a estrela de cinco pontas, mas invertida, com as suas duas pontas (cornos) voltadas para cima, assim  , o signo da feitiçaria humana, uma posição que qualquer ocultista reconhecerá como a da "mão esquerda", usada na magia cerimonial.
É de se esperar que ao ler-se esta obra, se modifiquem as idéias errôneas que o público em geral tem do Panteísmo. É falso e injusto considerar ateus os ocultistas budistas e advaitas. Se todos eles não são filósofos, são pelo menos lógicos, que baseiam seus argumentos no estrito raciocínio. Com efeito, se se tomar o Parabrahman dos hindus como um representante das deidades ocultas e inominadas de outras nações, ver-se-á que esse Princípio absoluto é o protótipo do qual se copiaram todos os outros. Parabrahman não é "Deus", porque não é um Deus. "É supremo e não-supremo (paravam)", explica o Mandukya Upanishad (2:28). Ê supremo como causa e não-supremo como efeito. Parabrahman é simplesmente, como uma "Realidade ímpar", o oni-inclusivo Kosmos (2) — ou antes, o Espaço Cósmico infinito — no sentido

(2) Tenha-se em mente que na Doutrina Secreta H. P. B. escreve Kosmos (com K) quando se refere ao Espaço infinito, e Cosmos (com C), quando alude a um Universo limitado. (N. da Êd.)

mais espiritual. Brahmam (neutro), a Raiz suprema imutável, pura, livre, indecadente, a "verdadeira Existência Única, Paramárthika, é incognoscível. Pode-se chamar à chama a Essência do Fogo? Esta essência é "a Vida e a Luz do Universo; o fogo e a chama visíveis são a destruição, a morte e o mal".

Portanto, quando os panteístas se fazem eco dos Upanishads, que declaram, tanto quanto a Doutrina Secreta, que "Isto" não pode criar, eles não negam a existência de um Criador, ou antes, de um conjunto coletivo de criadores; o que unicamente fazem é recusar-se, com muita lógica, atribuir a um Princípio Infinito a criação, e especialmente a formação, de coisas finitas.

Parabrahman é, em suma, o agregado coletivo do Kosmos em sua infinidade e eternidade, o "AQUILO" e "ISTO" (o Universo) ao qual não se podem aplicar agregados distributivos. No simbolismo esotérico ao Espaço se chama "o Eterno Pai-Mãe de Sete Peles". Desde a sua superfície indiferenciada até a diferenciada se compõe de sete capas. "O que é que foi, é e será, haja ou não Universo, existam deuses ou não?" — pergunta o Catecismo esotérico Senzar. E a resposta é: "O Espaço".

Há sete Elementos Cósmicos, quatro dos quais são completamente físicos e o 5º, o Éter, semi-material, o qual será visível no ar pelo final da Quarta Ronda (a nossa) para dominar por completo os outros quatro durante toda a Quinta Ronda. Os outros dois elementos se acham fora da percepção humana. O Akasha (do qual o Éter é a forma mais grosseira) é o quinto princípio cósmico Universal, do qual procede o Manas Humano; é cosmicamente uma matéria radiante, fria, plástica e criadora em ?ua natureza física.

A Doutrina Secreta estabelece três proposições fundamentais, a saber:

1 — Um Princípio Onipotente, Eterno, Ilimitado e Imutável — sobre o qual toda a especulação é impossível, porque transcende o poder de percepção humana. Qualquer expressão da inteligência só poderia diminui-lo. Está fora do alcance do pensamento humano; é inconcebível e inefável. Há uma realidade absoluta anterior a todo o Ser manifestado e condicionado. Esta Causa Infinita e Eterna, obscuramente formulada no Inconsciente e no Incognoscível da Filosofia moderna, é a Raiz de tudo que É, Foi e Será; não tem atributos e permanece sem qualquer relação com o Ser manifestado, finito. É antes Seidade([3]) (Be-ness) que Ser (Sat em sânscrito), e acha-se além de todo pensamento ou especulação.

Esta Seidade é simbolizada na Doutrina Secreta sob dois aspectos. De um lado, o Espaço Abstrato absoluto, que representa a

(3) Seidade: Neologismo a que nos vimos obrigados pata traduzir a palavra inglesa Beness, também um neologismo. (Nota da tradução castelhana.)

mera subjetividade, coisa que mente humana alguma logra extrair de conceito algum, nem conceber por si mesma. Do outro lado. Movimento absoluto representa a Consciência Incondicionada. Os próprios pensadores ocidentais têm mostrado ser a Consciência, para nós, inconcebível sem a mutação, e ser o movimento o que melhor simboliza a mutação, sua característica essencial. Este último aspecto da Realidade Única se simboliza também pela expressão o Grande Alento, símbolo suficientemente pinturesco para dispensar outra explicação. Assim, pois, o primeiro axioma fundamental da Doutrina Secreta é esta Seidade (Be-ness) metafísica, Una e Absoluta, simbolizada pela inteligência finita. como a Trindade teológica.

Parabrahman (a Realidade Única, o Absoluto) é o campo da Consciência Absoluta, isto é, aquela Essência que está fora de toda relação com a existência condicionada, e da qual a existência consciente é um símbolo condicionado. Mas assim que, em pensamento, passamos desta (para nós) Negação Absoluta, surge o dualismo no contraste do Espírito (ou Consciência) e Matéria, Sujeito e Objeto.

O Espírito (ou Consciência) e a Matéria devem, no entanto, ser considerados não como realidades independentes, mas como os dois símbolos ou aspectos do Absoluto (Parabrahman), que constituem a base do Ser condicionado, seja subjetivo ou objetivo

Considerando esta Tríada metafísica como a Raiz da qual procede toda manifestação, o Grande Alento toma caráter de Ideação pré-cósmica. Ele é fons et origo, a fonte e origem da força e de toda consciência individual, e fornece a inteligência guiadora no vasto plano da Evolução cósmica. Por outro lado, a Substância-Raiz pré-cósmica (Mulaprakriti dos hindus) é aquele aspecto do Absoluto que fundamenta todos os planos objetivos da Natureza.

Assim como a Ideação pré-cósmica é a raiz de toda a consciência individual, assim também a Substância pré-cósmica é o substrato da matéria nos vários graus de sua diferenciação.

Daí se evidencia que o contraste desses dois aspectos do Absoluto é essencial à existência do Universo Manifestado. Separada da Substância cósmica, a Ideação Cósmica não poderia manifestar-se como consciência individual; pois só por meio de um veículo (upadhi) de matéria se revela esta consciência como "Eu sou Eu", sendo necessária uma base física para focalizar um Raio da Mente Universal em certo grau de complexidade. A Substância Cósmica, por sua vez, separada da Ideação Cósmica, permaneceria como uma abstração, e não se poderia dar nenhuma manifestação de Consciência.

Portanto, o Universo Manifestado está estruturado na dualidade que vem a ser a essência mesma de sua Existência como manifestação. Mas, assim como os pólos opostos de Sujeito e Objeto, de Espírito e Matéria, não são mais que aspectos da Unidade Una, na qual estão sintetizados, assim também no Universo Manifestado existe "algo" que une o Espírito à Matéria, o Sujeito ao Objeto.

Esse "algo", presentemente desconhecido para a especulação ocidental, é chamado Fohat pelos ocultistas. É a "ponte" que as idéias existentes no Pensamento Divino atravessam para imprimir-se na Substância Cósmica, como Leis da Natureza. Assim Fohat é a energia dinâmica da Ideação Cósmica; ou, considerado sob o seu outro aspecto, é o meio inteligente, o poder diretivo de toda manifestação, o Pensamento Divino transmitido e tornado manifesto por meio dos Dhyan-Choans (os Arcanjos, Serafins etc., da Teologia Cristã), que são os Arquitetos do Mundo visível. Assim, do Espírito, ou Ideação Cósmica, vem a nossa consciência; da Substância Cósmica vêm os diversos veículos em que essa consciência se individualiza e atinge a autoconsciência, ou consciência reflexiva; ao passo que Fohat, em suas variadas manifestações, é o elo misterioso que une a Mente à Matéria, é o princípio vivificador que eletriza cada átomo para dar-lhe vida.

O seguinte resumo dará ao leitor uma idéia mais clara:

1. O Absoluto: o Parabrahman dos vedantinos, ou a Realidade Única, Sat, que é, como diz, Hegel, ao mesmo tempo, Absolutos Ser e Não-Ser.
2. O Primeiro Logos: o Logos impessoal e, em Filosofia, não-Manifestado, o precursor do Manifestado. É a "Causa Primeira", o "Inconsciente" dos panteístas europeus.
3. O Segundo Logos: Espírito-Matéria, Vida; o "Espírito do Universo", Purusha e Prakriti.
4. O Terceiro Logos: a Ideação Cósmica, Mahat ou Inteligência, Alma do Mundo Universal; o Número Cósmico da Matéria, a base das operações inteligentes da Natureza, também chamada Mahâ-Buddhi.

A Realidade Única; seus aspectos duais no Universo condicionado. Além disso, a Doutrina Secreta afirma:

II. A Eternidade do Universo in toto, como um plano sem limites. Periodicamente, o "cenário de Universos inumeráveis, manifestando-se e desaparecendo incessantemente", chamados "as Estrelas manifestantes", e as "Centelhas da Eternidade". "A Eternidade do Peregrino" (a Mônada) "é como um piscar de olhos da Auto-Existência", diz o Livro de Dzyan. "O aparecimento e desaparecimento de Mundos é como o fluxo e o refluxo das marés".

Esta segunda asserção da Doutrina Secreta é a universalidade absoluta daquela lei de periodicidade, de fluxo e refluxo, de eliminação e crescimento, que a ciência física tem observado e consignado em todas as esferas da Natureza. Alternativas tais como as de Dia e Noite, Vida e Morte, Sono e Vigília, são fatos tão comuns, tão perfeitamente universais e sem exceção, que será fácil compreender como nelas vemos uma das Leis absolutamente fundamentais do Universo.

Ensina também a Doutrina Secreta:

III. A identidade fundamental de todas as Almas com a Super-Alma Universal, sendo esta última um aspecto da Raiz Desconhecida; e a peregrinação obrigatória para todas as Almas — reflexos da primeira — através do ciclo de Encarnação ou de Necessidade, conforme a Lei Cíclica e Kármica, durante todo o período. Noutras palavras, nenhum Buddhi puramente espiritual (Alma Divina) pode ter uma existência consciente independente antes que a faísca brotada da pura Essência do Sexto Princípio Universal, ou seja a Super-Alma, tenha passado por todas as formas elementares do mundo fenomenal desse Manvântara (Período de atividade), e adquirido individualidade, primeiramente por impulso natural, e depois por esforços próprios, conscientes e regulados por seu Karma. Desse modo ascende por todos os graus de inteligência, do mais ínfimo ao mais elevado Manas (Mente), do mineral e planta ao Arcanjo mais santo (o Dhyan-Buddha). A Doutrina Secreta fundamental da Filosofia Esotérica não admite no homem nem privilégios nem dons especiais, salvo aqueles ganhos pelo seu próprio Ego, por esforço e mérito pessoais através de uma longa série de metempsicoses e reencarnações. Por isto dizem os hindus que o Universo é Brahman e Brahmâ; pois Brahman está em todos os átomos do Universo, sendo os seis princípios da Natureza o broto ou os aspectos diversamente diferenciados do Sétimo e Uno, a única realidade no Universo cósmico ou microcósmico; e também porque as permutações psíquicas, espirituais e físicas do Sexto (Brahmâ, o veículo de Brahman) no plano da manifestação e da forma, são, por antífrase metafísica, consideradas ilusórias e mayávicas. Pois ainda que a raiz de todos os átomos individualmente, de todas as formas coletivamente, seja este Sétimo Princípio, ou a Realidade Única, todavia, em sua aparência manifestada, fenomenal e temporal, tudo isso é tão somente uma ilusão fugaz de nossos sentidos.

Em sua condição absoluta, o Princípio Uno sob os seus dois aspectos (de Parabrahman e Mulaprakriti) é assexuado, incondicionado e eterno. Sua emanação periódica (manvantárica), ou irradiação primária, é também Una, andrógina e, fenomenalmente, finita. Quando a irradiação irradia por sua vez, todas as suas irradiações são também andróginas, convertendo-se nos princípios masculino e feminino em seus aspectos inferiores. Depois de um Pralaya (Repouso ou Obscurecimento), o Maior ou o Menor — deixando este último os mundos em statu quo([4]), — o primeiro que desperta para a vida ativa é o plástico Akasha, o Pai-Mãe, o Espírito e a Alma do Éter, ou seja, o Plano

(4) Não são os organismos físicos os que permanecem em statu quo, e menos ainda os seus princípios psíquicos, durante os grandes Pralayas Cósmicos, ou os Solares, mas sim unicamente as suas "fotografias" akáshicas ou astrais. Mas durante os Pralayas Menores, os planetas, uma vez submersos na "Noite", permanecem intactos, se bem que mortos, à maneira de um enorme animal que, sepultado nos gelos polares, se conserva inalterável por muitos milênios.

na superfície do Círculo. O Espaço é chamado a "Mãe", antes da sua atividade cósmica, e "Pai-Mãe" na primeira etapa de seu despertar.
Tais são as concepções básicas em que se assenta a Doutrina Secreta.

A história da evolução cósmica, tal qual a expõem as Estâncias, é, por assim dizer, a fórmula algébrica abstrata dessa evolução. Portanto, o leitor não deve abrigar a esperança de nelas encontrar a explanação de todas as etapas e transformações correspondentes entre os começos da Evolução "universal" e o nosso presente estado. Seria tão impossível dar uma tal explicação, quanto incompreensível seria ela para homens que nem sequer podem aperceber-se da natureza do plano da existência imediata, à qual, no momento presente, se acha limitada à sua consciência.

As Estâncias, pois, dão uma fórmula abstrata que pode aplicar-se, mutatis mutandis, a toda a evolução, à de nossa diminuta Terra, à da Cadeia de Planetas de que esta Terra faz parte, à do Universo Solar ao qual pertence esta Cadeia; e assim, em gradação sucessiva e escala ascendente, até que a mente se perturbe e se exaure pelo esforço.

As sete Estâncias que se dão neste volume representam os sete termos dessa fórmula abstrata. Referem e descrevem as sete grandes etapas do processo evolutivo, que os Puranas narram como as "Sete Criações", e a Bíblia, como os "Dias da Criação".

Capítulo I (Primeiro Volume)

COSMOGÊNESE

A EVOLUÇÃO CÓSMICA

Sete Estâncias do Livro de Dzyan

Estância I A NOITE DO UNIVERSO

1." — O Pai Eterno (Espaço), envolto em suas Vestes invisíveis, dormira mais uma vez por sete eternidades.

2.° — O Tempo não existia, pois jazia adormecido no seio infinito da Duração.

3.° — A Mente Universal não existia, pois não havia Ah-hi para contê-la.

4.° — As sete sendas da Felicidade não existiam. As grandes Causas da Miséria não existiam, porque não havia ninguém que as produzisse ou fosse cativado por elas.

5.° — Só Trevas enchiam o Todo sem limites, pois Pai, Mãe e Filho eram mais uma vez Um e o Filho não tinha ainda despertado para a nova Roda (Cadeia) e sua peregrinação nela.

6º — Os Sete Senhores Sublimes e as Sete Verdades tinham deixado de ser, e o Universo (filho da Necessidade) estava sumido no seio do Pai para ser exalado por Aquele que é e não é. Nada existia.

7.° — As causas da existência tinham sido destruídas. O Invisível que foi e o Invisível que é permaneciam no Eterno Não-Ser — o único Ser.

8.° — A Forma única da Existência sem limites, infinita, sem causa, se estendia só em sono sem sonhos, e a Vida palpitava inconsciente no Espaço Universal em toda a extensão daquela onipresença que o "Olho Aberto" de Dangma percebe.

9." — Porém onde estava Dangma quando o Alaya do Universo estava em Paramartha e a Grande Roda era Anapadaka?

Comentário — 0 "Espaço-Pai" é a Causa eterna, onipresente a incompreensível Deidade, cujas "Vestes invisíveis" são a raiz mística de toda a Matéria e do Universo. Imutável em sua abstração e sobre a qual não exerce influência — a presença de qualquer universo objetivo.

Não tem dimensão em nenhum sentido e existe por Si Mesmo. O Espírito é a sua primeira diferenciação. Foi e sempre Será. As "Vestes" significam o númeno da matéria cósmica não diferenciada (sua essência espiritual no sentido abstrato e ainda coeterna com o Espaço).

A Natureza Raiz é a fonte das propriedades sutis e invisíveis da matéria visível; é a Alma do Espírito Único e Infinito. Os hindus a chamam de Mulaprakriti e consideram-na a base de todos os fenômenos físicos, psíquicos e mentais. É o princípio de onde irradia o Akasha. As Sete Eternidades são os sete períodos ou elos de um ciclo (Manvântara) da Criação, perfazendo um tempo total de 311.040.000.000.000 de anos. Cada dia de Brahmâ (um ciclo menor de criação) contém 4.320.000.000 de anos, dos nossos, o que representa indubitavelmente uma eternidade para o homem. O Tempo é uma ilusão, produzida por uma sucessão de nossos estados de consciência em nossa viagem, através da duração eterna, e só existe onde há consciência, em que se possa produzir a ilusão. O Presente é uma linha matemática que separa a parte da duração eterna, que chamamos Passado, da outra parte, que chamamos Futuro. Nada existe que dure eternamente, porque nada permanece sem mudanças. As pessoas e coisas que, caindo do "vir a ser" (futuro), no "foi" (passado), apresentam momentaneamente a nossos sentidos — como uma seção transversal de suas próprias totalidades, conforme vão passando através do tempo e do "espaço-matéria" em seu caminho de uma a outra eternidade; estas duas eternidades constituem aquela duração em que unicamente há algo que tenha real existência, percebida por nossos sentidos, se fossem aptos para conhecê-la.

Mente — é a totalidade dos estados de consciência compreendidos por: Pensamento, Vontade e Sentimento. Durante o sono profundo cessa a Ideação no plano físico e a memória está em suspenso, e durante esse tempo a mente não existe praticamente, porque o órgão por meio do qual o Ego manifesta a Ideação é a memória no plano material, função do cérebro. A mente superior continua a existir nos planos superiores, porém não funciona no plano físico durante o sono, em condições normais. Um númeno pode chegar a ser fenômeno em qualquer plano de existência — só com o manifestar-se naquele plano por meio de um veículo apropriado. Durante o longo período de repouso chamado Pralaya, quando todas as existências estão dissolvidas, a Mente Universal fica com uma possibilidade permanente de ação mental (o absoluto pensamento abstrato do qual a Mente é relativa manifestação concreta).

Os Dhyân-Choans, os Ah-hi são seres celestiais, hostes coletivas de espíritos (os anjos dos cristãos) os Elohim ou mensageiros dos judeus, realmente os veículos para a manifestação do Pensamento e Vontade Divina; são as Forças Inteligentes que estabelecem as Leis que lhes são impostas por poderes mais elevados e sob as quais eles mesmos obram.

Mas não são personificação dos poderes da Natureza. Essas Hierarquias de Seres Espirituais, por cujo meio a Mente Universal se põe em ação, assemelham-se a um exército, pelo qual se manifesta o poder militar de uma nação, compondo-se de corpos, divisões, brigadas, regimentos, grupos, cada uma de cujas unidades tem a sua individualidade separada, liberdade de ação e responsabilidades limitadas, cada uma das quais está contida numa individualidade superior, à qual os seus interesses próprios se acham subordinados, e que, por sua vez, contém em si mesma individualidades superiores até o mais elevado escalão. Existem sete caminhos para a felicidade da "Não-Existência" que é Absoluto Ser, Existência ou Consciência. Há doze Causas principais da Existência, cada uma sendo o efeito da que a precede e, por sua vez, causa da que a sucede, estando baseadas na soma total das quatro Verdades; é a teoria da Lei do Encadeamento que produz mérito e demérito e finalmente manifesta o Karma na plenitude de seu poder. O homem, para escapar da tortura dos nascimentos e falsa felicidade, no Devachan (Paraíso) tem que lograr o Conhecimento e a Sabedoria únicos que dissipam os frutos da ignorância e da ilusão. Maia-Ilusão é o elemento que entra em todos os seres finitos, dado que todas as coisas existentes possuem somente uma realidade relativa (e não absoluta), posto que a aparência que o número oculto assume para qualquer observador depende do seu poder de cognição. Só é permanente a Existência Única que contém em Si mesma os números de todas as realidades. As existências pertencentes a cada plano do ser, até os mais elevados Arcanjos, são relativamente de natureza das sombras projetadas por uma lanterna mágica sobre uma tela. Sem dúvida, todas as coisas são relativamente reais, porque o conhecedor é também um reflexo, e portanto as coisas conhecidas são tão reais para ele como ele mesmo. Em qualquer plano que a nossa consciência esteja atuando, tanto nós como as coisas pertencentes àquele plano somos as nossas únicas realidades. À medida que nos elevamos na escala do desenvolvimento aprendemos que, nas etapas através das quais passamos, confundimos as sombras com a realidade e que o progresso do Eu para cima consiste numa série de despertares progressivos levando consigo — a cada avanço — a idéia de que naquele momento, pelo menos, alcançamos a realidade. Quando penetramos realmente na Consciência Absoluta, pela realização, é que ficamos livres de Maia ou Ilusão.

"As Trevas são Pai-Mãe, a Luz seu Filho" diz um provérbio oriental; pois a origem da Luz é inconcebível e desconhecida e é considerada como um aspecto das Trevas. Luz e Trevas são fenômenos do mesmo número, o qual é treva absoluta. Tudo é relativo; o que é luz para

nós, é treva para os olhos de certos insetos. No começo da Criação, não havendo olhos para contemplar, as trevas enchiam o Todo sem limites. O Pai-Mãe é o princípio masculino-feminino da Natureza Raiz. Os pólos opostos que se manifestam em todas as coisas em cada plano do Cosmos, o Espírito e a Substância e cujo resultado é o Filho-Universo, são uma só Unidade, quando o Universo objetivo volta à sua causa única, eterna e primária para reaparecer na aurora seguinte, como o faz periodicamente no começo de um novo dia de Brahmâ.

Os Sete Sublimes Senhores que velam sobre as Rondas e Raças Raízes de nossa Cadeia Planetária, enviando seus Cristos e Budas em cada Raça e Ronda que são os seus legítimos representantes no meio da humanidade, merecem o nosso respeito e adoração. Das Sete Verdades, apenas quatro nos foram comunicadas até agora (estamos na Quarta Ronda) e, por isso, só tivemos quatro Budas, um para cada Raça.

Na conclusão de um grande período de atividade, todas as existências alcançam a perfeição absoluta. O nosso Universo é apenas um dentre um número infinito de Universos, todos filhos da Necessidade, posto que são os elos da grande Cadeia Cósmica de Universos, sendo cada um deles o efeito do seu predecessor e a causa do que o suceder. O Tempo é a sucessão panorâmica de nossos estados de consciência, fases objetivas do Todo subjetivo.

As causas da existência não são só físicas, mas também metafísicas, sendo a principal o desejo de existir, que se manifesta por si mesmo, no átomo como no Sol, e é um reflexo do Pensamento Divino, impelindo a existência objetiva em forma de Lei para que o Universo possa existir. O quartzo aurífero contém ouro que é invisível para o olho do mineiro que, no entanto, conhece a presença do ouro no minério por seu aspecto e ele sabe como será o ouro, depois de extraído do quartzo. O mesmo acontece com o número e o fenômeno. O Iniciado, com a sabedoria adquirida pelas inumeráveis gerações de seus predecessores, dirige o olho de Dangma (Alma Perfeita) para a essência das coisas, sobre as quais Maia não pode ter influência alguma. Seu olho aberto é o olho do Vidente, olho interno e espiritual, por meio do qual se manifesta a faculdade da intuição espiritual ou o poder do conhecimento direto e certo.

A Doutrina Secreta pressupõe uma Forma Única de Existência como base e origem de todas as coisas, um plano — digamos — onde se originam e se dissolvem todas as coisas. A Alma do Mundo, Alaya, muda periodicamente a sua natureza, ainda que se mantenha imutável em sua essência interna nos planos inatingíveis pelos homens como pelos deuses cósmicos. A Matéria é o veículo para a manifestação da Alma neste plano de existência; a Alma é o veículo, num plano mais elevado, para a manifestação do Espírito, e estes três são sintetizados pela Vida que os compenetra. A idéia da Vida Universal é um daqueles antigos conceitos que estão voltando à mente humana neste século,

pois só pode ser compreendido pelo espírito em liberdade, assim mesmo, de modo vago. A Alma Universal é a síntese dos Espíritos existentes por si mesmos — as Almas de Diamante mergulhadas no infinito. Cada homem dotado de Alma é uma Alma de Diamante em estado latente.

Estância II
A IDÉIA DA DIFERENCIAÇÃO

1.° — Onde estavam os Construtores, os brilhantes Filhos da Aurora do Manvântara? Nas Trevas Desconhecidas, no seu Ah-hi Paranisphanna. Os Produtores de Formas derivadas da Não-Forma, que é a Raiz do mundo, a Devamatri e Svabhavat, repousam na Beatitude do Não-Ser.

2." — Onde estava o Silêncio? Onde os ouvidos para percebê-lo? Não, não havia Silêncio nem Som; nada, salvo o incessante Alento Eterno, para Si mesmo desconhecido.

3.° — A hora não tinha ainda soado; o Raio não tinha brilhado no Germe; a Matripadma não tinha ainda intumescido.

4.° — Seu coração ainda não abrira para receber o Raio Único, e cair depois, como Três em Quatro, no Regaço de Maia.

5." — Os Sete não tinham nascido ainda da Tela de Luz. 0 Pai-Mãe, Svabhavat, era só Trevas; e Svabhavat estava em trevas.

6.° — Estes Dois são o Germe e o Germe é Um. O Universo ainda estava oculto no Pensamento Divino e no Divino Seio.

Comentário — A idéia de que as coisas podem cessar de existir e, no entanto, ser é fundamental na psicologia oriental. A água, por exemplo, combinação do hidrogênio com o oxigênio, os quais continuam existindo na combinação com aparência diferente (digamos o estado do não-ser dos elementos), na qual cada um dos gases é mais real que em sua existência, como gás isolado. É um símbolo do Universo que aparece e desaparece num Manvântara. De Brahmâ procedem as potências que hão de criar ou converter-se em causa real (no plano material). O Infinito não pode conceber o Finito. A consciência implica limitações e qualificações, algo de que ser consciente e alguém que seja consciente de algo; o Absoluto contém o conhecedor, o conhecido (coisa) e o conhecimento, os três em Si mesmo; daí chamar-se Inconsciência — a Consciência Absoluta. São conceitos difíceis de compreender, porque faltam os termos próprios. O Raio das Trevas eternas converte-se, ao ser emitido, num Raio de Luz Resplandecente ou Vida e penetra no germe, representado pela matéria, no sentido abstrato (constituído de átomos que recebem a Vida separadamente) constituindo a sua coletividade o número da matéria eterna e indestrutível.

Padma — o Lótus — ou lírio d'água da Índia, é o símbolo do poder dual e criador da Natureza (matéria e força). O Lótus é o produto do calor (fogo) e da água (éter) representando o fogo — Espírito da Deidade e o éter a Alma da Matéria. A Luz do Fogo simboliza o princípio feminino passivo do qual emanaram todas as coisas deste Universo. Daí a Água ser a Mãe e o Pai ser o Fogo. As sementes do Lótus contêm, mesmo antes da germinação, folhas perfeitamente formadas, a miniatura da planta perfeita em que se converterá um dia. Daí ser tomada como símbolo da Vida, do Cosmos e do Homem. Isto simboliza o fato de que os protótipos espirituais de todas as coisas existem no mundo imaterial, antes de se materializarem na Terra. O Lótus cresce através da água com a raiz na lama e abre suas flores no ar, como a Vida material, astral e espiritual em seus três planos; representa a evolução completa do homem no Universo.

A substância Primordial em sua latência pré-cósmica não passara ainda à objetividade diferenciada nem sequer para converter-se no Protilo invisível da ciência. Quando soa a hora, ele recebe a impressão Fohática do Pensamento Divino (o Logos, Alaya, aspecto masculino da Anima Mundi). Então a substância se diferencia e os Três se convertem em Quatro. Esta é a origem da Trindade e do Mistério da Imaculada Conceição. Isto conduz a uma concepção possível da Deidade, a qual — como Unidade Absoluta — tem que permanecer incompreensível para as inteligências finitas. A Deidade, sendo Absoluta, tem que ser onipresente; daí não existir um só átomo que não a contenha.

A raiz, o tronco e os ramos são objetos distintos, e no entanto constituem uma árvore. A manifestação é tríplice, em seus aspectos, porque requer três princípios para se tornar objetiva: privação, forma e matéria. A união destes três princípios depende de um quarto, a Vida.

O Quaternário-Pai-Mãe-Filho, como Unidade e o quaternário como manifestação vivente (O Universo) é o fundamento que conduziu à idéia da Imaculada Conceição — que era puramente astronômica, matemática e metafísica, o elemento masculino na natureza, personificado pelas deidades masculinas e o Logos — Viraj, — Brahmâ, Horus, Osíris, nascem, não através de uma origem imaculada personificada pela mãe, porque aquele varão tendo uma Mãe não pode ter um Pai, pois a Deidade abstrata carece de sexo e não é sequer um Ser, mas a Seidade ou Vida mesma. É o princípio masculino emanando do princípio feminino ou imaculada concepção. O Filho da Virgem Celestial Imaculada (átomo cósmico não-diferenciado) nasce de novo na terra como filho da Eva terrestre e converte-se na humanidade como um total — passa-do-presente-futuro. O regaço de Maia significa a Grande Ilusão, a Luz astral que recebe os sentidos limitados do homem. Os Sete Filhos são os Criadores de nossa cadeia planetária.

Svabhavat é a Essência Plástica que enche o Universo; é a raiz de todas as coisas, é a aparência da Substância e sinônimo do Ser.

0 Pensamento Divino não implica a idéia de um Pensador Divino; é o Sat, Totalidade, como o passado e o futuro cristalizados num eterno presente, é a Ideação refletida numa causa secundária ou manifestada.

Estância III 0 DESPERTAR DO COSMOS

1.° — A última Vibração da 7ª Eternidade freme através do Infinito. A Mãe intumesce de dentro para fora como o botão do Lótus.

2.° — A Vibração propaga-se e suas asas velozes tocam o Universo inteiro e o Germe latente nas Trevas, que alentam sobre as adormecidas águas da Vida.

3.° — As Trevas irradiam a Luz e a Luz emite um Raio solitário nas águas dentro do Abismo da Mãe. 0 Raio atravessa o Ovo Virgem, fazendo-o estremecer, e desprende o Germe no Eterno, que se condensa no Ovo do Mundo.

4° — Os Três caem nos Quatro. A Radiante Essência vem a ser Sete interiormente, e Sete exteriormente. O Luminoso Ovo, que é Três em si mesmo, coalha, e se espalha em Coágulos Brancos como o leite, por toda a extensão das profundidades da Mãe, a raiz que cresce nos Abismos do Oceano da Vida.

5.° — A Raiz permanece, a Luz permanece, os Coágulos permanecem e, todavia, OEAOHOO é Um.

6.° — A raiz da Vida estava em cada Gota do Oceano de Imortalidade, e o Oceano era Luz Radiante, a qual era Fogo, Calor e Movimento. As Trevas se desvaneceram e não foram mais; desapareceram em sua Essência mesma o Corpo de Fogo e Água, do Pai e da Mãe.

7.° — Eis aqui, ó Lanu! o Radiante Filho dos Dois, a Glória refulgente sem par — o Espaço Luminoso, Filho do Negro Espaço, que surge das Profundidades das grandes Águas Obscuras. Ele é OEAOHOO, o Mais Jovem, o * * * Ele brilha como o Sol; é o resplandecente Dragão Divino da Sabedoria. O Um é Quatro e Quatro toma para si os Três, e a união produz o Sapta (Sete), em quem estão os Sete que vêm a ser os Tridasla, os Hostes e as Multidões. Contempla-o levantando o Véu e desfraldando-o do Oriente ao Ocidente. Ele oculta o de cima e deixa ver o de baixo como a Grande Ilusão. Assinala os lugares para os Resplandecentes Seres e converte o de Cima (espaço) num mar de fogo sem praias, e o Único Manifestado (elemento) nas grandes Águas.

8." — Onde estava o Germe e onde estavam as Trevas? Onde está o Espírito da Chama que arde em tua Lâmpada, ó Lanu? 0 Germe é Aquele, e Aquele é a Luz, o Branco e Resplandecente Filho do Obscuro Pai Oculto.

9." — A Luz é Chama Fria, a Chama é Fogo e o Fogo produz o Calor que dá lugar à Água — a Água da Vida na Grande Mãe.

10." — O Pai-Mãe tece uma Tela cujo extremo superior está unido ao Espírito, Luz da Escuridão Única, e o inferior à Matéria, sua Sombra. Esta Tela é o Universo, tecida com as Duas Substâncias feitas Uma, que é Svabhavat.

11.° — Ela (a Tela) se estende quando o Sopro de Fogo está sobre ela; contrai-se quando a atinge o Alento da Mãe. Os Filhos, então, se desagregam e se espalham para voltar ao Seio de sua Mãe no final do Grande Dia e ser outra vez unos com ela. Quando ela se esfria, torna-se radiante. Seus filhos se dilatam e contraem dentro de Si Mesmos e em seus Corações; eles abarcam o Infinito.

12." — Então Svabhavat envia a Fohat, para endurecer os Átomos. Cada um deles é uma parte da Tela. Refletindo "o Senhor que existe por Si mesmo", como um Espelho, cada um deles, por sua vez, vem a ser um Mundo.

Comentário — O Tempo é um fenômeno, aparecendo periodicamente como efeito da Inteligência (Mahat) limitada pela duração manvantárica. A Inteligência Universal é Filha Primogênita da Substância Primordial. A última vibração da sétima eternidade estava pré-ordenada pela Lei eterna e imutável de periodicidade. A expansão da Mãe significa o desenvolvimento da subjetividade, sem limites, para a objetividade determinada; uma mudança de condição. Manvântara (manuantara) significa um período entre dois Manús; há 14 Manús em cada ciclo de criação ou dia de Brahmâ (cada dia de Brahmâ tem 1.000 agregados de quatro idades ou 1.000 Grandes Idades", ou Mahayugas. Segundo os dicionários, Manu procede da raiz sânscrita man, "pensar", daí o homem pensador. Mas esotéricamente cada Manú é um padrão antropomorfizado de seu ciclo especial ou Ronda, sendo pois o Manú o Deus especial, o Criador, ou formador de tudo que aparece durante o seu próprio clico ou Manvântara.

Fohat conduz velozmente as mensagens do Manu e faz com que os protótipos ideais se estendam de dentro para fora, isto é, passem, gradualmente, em uma escala descendente, por todos os planos do numenal ao fenomenal para florescer por último em plena objetividade ou manifestação.

As águas adormecidas da Vida significam a Matéria Primordial com o Espírito latente nela — é o Caos, o princípio feminino no simbolismo, a base da existência material. O Raio solitário ou Inteligência impregnando o Caos é uma realidade, pois o Ovo Virginal no sentido abstrato de toda a ova, o poder de desenvoltura por meio da fecundação, é eterno e sempre o mesmo. Como a fecundação do ovo é feita antes do ovo ser posto, assim o Germe periódico — não eterno — que se converte no Ovo do Mundo contém em si quando emerge deste símbolo a promessa e a potência do Universo inteiro.

Ainda que a idéia em si seja uma abstração, é um símbolo verdadeiro, pois sugere a idéia do Infinito como um Círculo ilimitado. O Ovo mostra a forma esferoidal das coisas manifestadas, do átomo ao globo, do Anjo ao homem, pois a esfera é o emblema da Eternidade. 0 Ovo do Mundo simboliza a Virgem Mãe. O Número é uma entidade que emana de Deus; é um sopro vindo do Todo que organiza o Cosmos físico onde "nada" obtém sua forma senão por meio da Deidade, a qual é um efeito do Número. Um matemático dirá que o infinito dos números existe, mas é indemonstrável à nossa mente. "Deus é um Número dotado de movimento, que se sente mas não se demonstra", diz Balzac. A existência do Número depende da Unidade a qual sem um só Número os engendra a todos.

A Radiante Essência se coagula e difunde através dos Abismos do Espaço. A Via Láctea é o material dos mundos ou Matéria Primordial em sua forma primitiva; ela contém mais de uma dúzia de símbolos, cada um dos quais possui um significado misterioso e oculto. A Via Láctea formou-se antes da Terra e acha-se em relação direta com outra lenda universal sobre a guerra nos céus e a queda dos Anjos.

OEAOHOO se traduz nos comentários por Pai-Mãe dos deuses, ou os Seis em Um, Raiz Setenária de que tudo procede. Este nome pode ser pronunciado com uma, três e até sete sílabas, conforme o acento que se dê a estas sete vogais. Pode-se acrescentar um "e" depois do final para entoar em sete sílabas. Sua pronúncia é tríplice; só assim produz efeito. É "um", e refere-se à não-separatividade de tudo quanto vive e possui sua existência já no estado ativo já no passivo. OEAOHOO é a raiz sem raiz do Todo; daí ser um com Parabrahman. É o nome da Vida Única Manifestada eternamente viva. A Raiz é o conhecimento puro — (Sattwa), a Realidade eterna, (nitya) não condicionada ou o Sat, quer se chame Parabrahman, quer Mulaprakriti, porque estes não são senão dois símbolos do Um. A Luz é o Raio onipresente e espiritual que penetra e fecunda o Ovo Divino e convoca a matéria cósmica para que comece sua série de diferenciações. Os coágulos são a primeira diferenciação (matéria cósmica, origem da Via Láctea).

Durante o Pralaya, esta matéria é tenuíssima, radiante e fria. Espalha-se pelo espaço quando se inicia o despertar dos mundos futuros, material das estrelas. Sendo a essência das trevas, Luz Absoluta, torna-se Trevas como representação simbólica da condição do Universo durante o período de repouso. O Protógonos (Luz Primogênita) é o Filho do Caos e do Espírito. Só a Mente humana distingue a Luz das Trevas. A Luz é matéria, as Trevas Espírito Puro — Luz Subjetiva. Nas Trevas existia a Vida e a Vida era a Luz dos Homens, (São João, 1,4). E a Luz brilhou nas Trevas e as Trevas não a compreenderam. (0 Absoluto que não pode conhecer a Luz transitória.) Demon est Deus inversus. 0 Livro de Jó dá o nome de Filho de Deus, Estrela resplandecente da manhã, a Lúcifer, o primeiro Arcanjo que brotou da

profundidade do Caos e foi chamado Lux, o Luminoso Filho da Manhã (Aurora Manvantárica). Este é o Satã do Catolicismo Romano, mais antigo e elevado que Jeová.

OEAOHOO é Kwan-Shai-Yin, o Espaço de Luz, e corresponde ao Raio emitido na Primeira Vibração (Lúcifer), que surge diferenciado como o "Mais Jovem" (vida nova) para converter-se no final do ciclo vital no Germe de todas as coisas.

É o homem incorpóreo que contém em si mesmo a Idéia Divina. É o gerador da Luz e da Vida, o resplandecente Dragão de Sabedoria, porque é o Verbo Divino que contém em si mesmo as Sete Hostes Divinas.

Kwan-Shai-Yin é uma deidade andrógina, como todos os Logos antigos; só em algumas seitas da China se converte em Deusa da Misericórdia ou Voz Divina, equivalente à Sofia dos gnósticos e ao Espírito Santo dos católicos. Júpiter em sua origem era um deus andrógino; é a mesma Vênus barbada ou o Apoio bissexual; o Cristo esotérico da Gnose carece de sexo. Eka — Um, em sânscrito; Jeová em hebreu é também "um", Achad Jeová — esotéricamente Elohim, é a serpente que tentou Eva. Simbolizam a Luz Astral, que é a Sabedoria do Caos. A Luz Pura condensa-se gradualmente na forma e daí se converte em matéria.

A serpente dos gnósticos com as sete vogais sobre a sua cabeça é o emblema das Sete Hierarquias Criadoras Planetárias. Há uma diferença entre a boa e a má serpente, pois a primeira simboliza a Sabedoria Divina na região Espiritual, e a segunda é o Mal no plano material; Mal no sentido de involução na matéria ou ignorância; é Maia ou Ilusão. Antes de o globo assumir a forma de Ovo, uma esteira de pó cósmico ou névoa ígnea se movia e retorcia no espaço. "O Espírito de Deus se movia sobre as águas". No Livro de Hermes, "Pymander" (Logos) aparece sob a forma de Dragão de Fogo, e diz: "A Luz Sou Eu; Eu Sou o Nous (Manu, mente); Eu Sou Teu Deus, muito mais antigo que o princípio humano que escapa da sombra (deidade oculta). Eu Sou o Germe do Pensamento, o Verbo Resplandecente, o Filho de Deus; tudo o que vês e ouves em Ti é o Verbo do Mestre, o Pensamento, Mahat, o qual é Deus, o Pai (Sétimo Princípio, que é inseparável em sua essência e natureza do Sétimo Princípio cósmico.)

O oceano celestial, o Éter, é o Alento do Pai, o Princípio que dá a Vida, a Mãe, o Espírito Santo, pois estes não estão separados e a sua união é a vida. O mar de fogo é a Luz Astral em sua essência, que se diferencia em matéria astral. Há somente um elemento universal, infinito, inato, imortal; tudo o mais, como o mundo, são fenômenos ou múltiplos aspectos e transformações diferenciadas dessa Unidade, desde os efeitos macrocósmicos aos microcósmicos, desde os super-humanos à totalidade da existência objetiva.

Tanto na teogonia egípcia como na indiana existia uma Deidade oculta — o Um — Deus Criador andrógino. Existe um agente único universal que se chama Od, Ob e Aour, ativo-passivo, positivo-negativo, como o dia e a noite. Fohat silva como a serpente quando se desloca de um lugar para outro. É o agente mágico por excelência, o Espírito que determina as formas manifestadas. Od é a luz pura que dá a Vida — o fluido magnético. Ob é o mensageiro da Morte, usado pelos feiticeiros — o mau fluido. Aour é a síntese dos dois — a Luz Astral.

Nos manuscritos mais antigos a Deidade abstrata não tem nome, É Aquele — Tad em sânscrito — e significa tudo que é, foi e será. Hamsa — Eu Sou Ele, por anagrama So-Ham — Ele é Eu. Nesta palavra está contido o mistério universal, a doutrina da identidade da essência do homem com a essência divina. Kalahamsa — "Eu Sou Eu" na eternidade do tempo ou "Eu Sou Quem Sou" simbolizam a idéia do micro e macroprósopos. As letras desta palavras estão dispostas de modo a dar a idéia do Divino operando por meio da criação. Para compreender isto é preciso admitir que:

1 — Há uma Deidade universalmente difundida, onipresente e eterna na Natureza.

2 — Deve-se aprofundar o mistério da eletricidade em sua verdadeira essência.

3 — Admitir que o Homem é setenário (no plano terrestre) e símbolo da Grande Unidade — o Logos das sete Vogais, o Alento cristalizado no Verbo.

Quem acreditar nisto crera nas múltiplas combinações dos Sete planetas do Ocultismo e da Cabala, e nos doze signos do Zodíaco, atribuindo-lhes uma influência benéfica ou maléfica, segundo o Espírito Planetário que os rege.

Hamsa ou Oca é a ave fabulosa que quando se lhe dá leite com água, separa-os, bebendo o leite e deixando a água, mostrando a sabedoria própria, desde que o leite representa o Espírito e a água a matéria. A eletricidade é o gerador sagrado de uma sucessão não menos sagrada:

1 — Fogo — Criador, Conservador e Destruidor.
2 — Luz — essência de nossos divinos antecessores.
3 — Chama — a Alma das coisas.

A Eletricidade é a Vida Una no degrau superior do Ser; no degrau inferior está a Luz Astral, o Athanor dos Alquimistas, Deus e o Diabo, o Bem e o Mal. Na ordem da evolução cósmica, a energia que age sobre a matéria, depois de sua primeira formação em átomos, é gerada em nosso plano pelo calor cósmico. A contração e expansão da Tela (material dos mundos), constituída pelos átomos, expressa o movimento de pulsação, a vibração universal dos átomos. Existe em cada átomo calor interno e externo.

Estância IV

AS HIERARQUIAS SETENÁRIAS

1 — Filhos da Terra, ouvi os Filhos do Fogo vossos Instrutores. Sabei que não há nem primeiro nem último, porque tudo é um só Número que procede do que não é Número.

2 — Aprendei o que nós que descendemos dos Sete Primordiais, que nascemos da Chama Primordial aprendemos de nossos Pais.

3 — Do Resplendor da Luz — o Raio das Eternas Trevas — surgem no Espaço as Energias despertadas de novo, o Um do Ovo, o Seis e o Cinco. Depois o Três, o Um, o Quatro, o Um, o Cinco, o duplo Sete, a Soma Total. E estas são as Essências, as Chamas, os Elementos, os Construtores, os Números, os Arüpa (sem forma), os Rüpa (com forma) e a Força ou o Homem Divino, a Soma Total. E do Homem Divino emanaram as Formas, as Chispas, os Animais Sagrados, os Mensageiros dos Sagrados Pais dentro do Santo Quatro.

4 — Este era o Exército da Voz, a Divina Mãe dos Sete. As Cintilações dos Sete estão submetidas e são os servidores do Primeiro, do Segundo, do Terceiro, do Quarto, do Quinto, do Sexto e do Sétimo dos Sete. Estes são chamados Esferas, Triângulos, Cubos. Linhas e Modeladores; pois assim se sustenta o Eterno Nidâna — o Oi-Ha-Hou.

5 — O Oi-Ha-Hou, que é as trevas, o Ilimitado, ou o que não é Número, Adi-Nidana, Svabhavat, o 0 (zero = x, quantidade desconhecida).

a) O Adi-Sanat, o Número, pois ele é Um.

b) A Voz da Palavra, Svabhavat, os Números, pois Ele é Um e Nove.

c) O Quadrado sem forma (Arúpa). E estes Três, encerrados no 0 (Círculo sem limite), são os Quatro Sagrados, e os 10 são o Universo Arúpa. Logo vêm os Filhos, os Sete Combatentes, o Um, o Oitavo excluído, e o seu Alento que é o Produtor da Luz.

6 — Depois os Segundos Sete que são os Lipikas produzidos pelos Três (Palavra, Voz e Espírito), O Filho rejeitado é Um; os Filhos-Sóis são inumeráveis.

Comentário — As expressões os "Filhos do Fogo", os "Filhos da Névoa Ígnea", e outras análogas, requerem explicação. Relacionam-se com um grande mistério primitivo e universal, e não é fácil esclarecê-lo. Existe um parágrafo no Bhagavad Gita, em que Krishna, falando simbólica e esotéricamente, diz:

Eu indicarei os tempos (condições) ... em que os devotos ao partir (desta vida) o fazem para não voltar jamais (a renascer), ou para voltar (a encarnar-se de novo). O fogo, a chama, o dia, a quinzena brilhante (feliz), os seis meses do solstício do Norte, partindo (morrendo) ... nestes, os que conhecem a Brahman

(os Yogues) vão a Brahman. O fumo, a noite, a quinzena sombria (infeliz), os seis meses do solstício Meridional (morrendo) ... nestes, o devoto vai à luz lunar (ou mansão, também a Luz Astral), e volta (renasce). Essas duas sendas, a brilhante e a sombria, se diz que são eternas neste mundo (ou Grande Kalpa, "idade"). Por uma vai (o homem) para não voltar jamais, e pela outra volta. (Op. cit., VIII: 23-26.)

Os nomes "fogo", "chama", "dia", são os nomes das Deidades que presidem sobre os poderes Cosmopsíquicos. "Fogo" é a Deidade que preside sobre o Tempo. Os Pítris são as Deidades lunares que criaram o Homem Físico. Os Agnishvattas, os Sete Kümaras, são Deidades solares, que formaram o Homem Interno. Estes são os "Filhos do Fogo" na Doutrina Secreta; foram os primeiros Seres dotados de Mente e desenvolvidos do Fogo Primordial.

O fogo é Éter em sua forma mais pura, e daí o motivo de não ser considerado matéria; é a unidade manifestada em sua universalidade. Mas existem dois "Fogos", e nos ensinos ocultos se estabelece distinção entre ambos. Do primeiro, ou seja, do Fogo informe e invisível, oculto no Central Sol Espiritual, se fala como sendo tríplice (metafisicamente); ao passo que o fogo do Kosmos Manifestado é Setenário em todo o Universo e em nosso Sistema Solar. "O fogo do conhecimento consome toda a ação no plano das ilusões" — diz o Comentário Oculto. — Portanto aqueles que o têm adquirido e estão emancipados são chamados "Fogos".

A expressão "Tudo é um número que procede do que não é número" refere-se ao princípio universal. O Absoluto não tem número, porém em seu último significado tem uma aplicação, tanto no espaço como no tempo, pois qualquer coisa manifestada é parte de um Todo, sendo a soma total — o Universo Manifestado que procede do Infinito Imanifestado. A diferença entre os Construtores Primordiais e os Sete subseqüentes é que os primeiros são: o Raio — emanação direta do "Quatro Sagrado", a Tetraktis ou eternamente existente por si mesma; eterna em sua essência, não em sua manifestação, e distinta do Um Universal. Latentes durante o Pralaya e ativos durante o Manvântara, os "Primordiais" precederam o Pai-Mãe. O outro Quaternário Manifestado e os Sete procederam da Mãe; somente Esta é a Imaculada Mãe Virgem, em sua condição indiferenciada. Na realidade todos são Um, mas seus vários aspectos no plano do Ser são diferentes. Os "Primordiais" são os Seres mais elevados na Escala da Existência. São os Arcanjos do Cristianismo, aqueles que se negam a criar ou reproduzir-se, como o fez Miguel e seus anteriores companheiros nascidos da Mente de Brahmâ.

Os Kümaras são quatro e sete ao mesmo tempo quando somados à Tríade Logóica. São Eles: Sanaka, Sananda, Sanatama, Sanatkú-mara. Sobre estes Seres e suas hierarquias e números completos está edificado o mistério da estrutura do Universo inteiro. "Aquele, o Senhor de todos os seres... o princípio animador dos deuses e dos homens", se originou na Matriz de Ouro, a Esfera do Nosso Universo.

Ê um Ser andrógino e a alegoria de Brahmâ, separando-se em duas partes, é uma prova disso.

"O Um do ovo", os Seis e Cinco, dão 1065, valor do Primogênito (varão e fêmea), posteriormente Brahmâ Prajapati que correspondem aos números 7, 14, 21, respectivamente. Da Trindade primitiva emanaram os outros sete, também dez, se contarmos separados os 3 primeiros que existem em um, e um em três, estando todos contidos no Supremo ou Super-Alma. Os sete senhores do Ser permanecem ocultos, como os pensamentos num cérebro. "Os Três, o Um, os Quatro, o Um, os Cinco" (em sua totalidade), (duas vezes sete) representam 31415, — a hierarquia numérica dos Dhyan-Choans das várias ordens e do mundo interno ou circunscrito. Este número na frente do círculo "Não se passa", chamado o "Cordão dos Anjos", que separa o Cosmos fenomenal do numenal, não se acha no limite da percepção de nossa consciência presente, objetiva. É o número da mística Suástica, outra vez o duplo Sete. Matematicamente representa a razão do diâmetro da circunferência, o valor de Pi (3,1415). Na metafísica, o círculo com o ponto central não possui nenhum número, é chamado Anupâdaka (sem pai) — o sem número, porque é incalculável. No mundo manifestado o Ovo do Mundo se acha circunscrito dentro do grupo chamado Linha, Triângulo, Pentágono, a segunda Linha e o Quadrado ou 13 514. Quando o ponto engendrou uma linha e se converteu em diâmetro, os números se converteram em 31 415 ou 1 triângulo, 1 linha, 1 quadrado, outra linha e 1 pentágono. Quando o Filho se separa da Mãe, se converte no Pai, pois o diâmetro representa o princípio feminino na Natureza. No mundo do Ser o Ponto frutifica a linha — a Matriz Virgem do Cosmos (o zero em forma de ovo) — e a Mãe imaculada do nascimento à forma que combina todas as formas. Prajapati é chamado o 1.° macho procriador, o marido de sua Mãe. Isto dá a tônica de todos os Filhos Divinos nascidos de Mães Imaculadas.

Os Animais Sagrados encontrados na Bíblia têm uma profunda significação nas origens da Vida. No Sepher Jetzirah se diz que: "Deus gravou no Santo Quatro (Tetraktis) as Rodas ou Esferas, os mundos Aufanins, os Serafins e Animais Sagrados, como os Anjos Ministros, (ar, água, fogo, éter) e destes formou a sua habitação". A Deidade era considerada como Universo. Os Animais Sagrados se converteram nos signos do Zodíaco, com a chave astronômica.

Os Devas na Índia são os Poderes conscientes e inteligentes da natureza. A esta hierarquia corresponde o tipo atual da humanidade que em seu todo é a expressão materializada da Natureza ainda imperfeita.

A Legião da Voz está relacionada com o Som e a Linguagem, como um efeito e corolário da Causa — o Pensamento Divino. Quando a nossa Mente cria ou evoca um pensamento, o signo representativo deste existe gravado por si mesmo no fluido astral, que é o receptáculo de todas as manifestações da existência. O signo expressa a coisa; a coisa é a virtude oculta do signo.

Pronunciar uma palavra é evocar um pensamento e fazê-lo presente; a potência magnética da linguagem humana é o princípio de todas as manifestações do mundo oculto. Pronunciar um nome é não só definir um Ser (uma entidade), senão que o expõe e condena por meio da emissão da Palavra ou Verbo à influência de uma ou mais Potências ocultas. As coisas são para cada um de nós aquilo em que Ele, o Verbo, as converte quando as pronunciamos. A palavra de cada homem é inconscientemente, para ele, bênção ou maldição, por isso nossa ignorância acerca das propriedades da idéia e da matéria é freqüentemente fatal para nós.

Sim, os nomes e as palavras são dispensadores de saúde ou malefícios de acordo com as influências ocultas, unidas pela Sabedoria Suprema a seus elementos, isto é, as letras que os compõem e os números correspondentes a essas letras.

Em sânscrito, hebreu e demais alfabetos, cada letra possui um significado oculto e sua razão de ser; é uma causa e um efeito de outra causa precedente, a combinação destas produz efeitos mágicos. As vogais, especialmente, possuem potências ocultas formidáveis. As invocações religiosas, os mantrans são cantados pelos brâmanes para produzirem efeitos determinados.

A Legião da Voz é o Protótipo da Hoste do Logos ou Verbo, o Princípio da Unidade Eterna. A Teogonia esotérica começa com o Um manifestado, (portanto não-eterno em sua presença ou ser, mas eterno em sua essência). O número 10 representa a Natureza Criadora, a Mãe.

A linguagem produzida no corpo por meio de Prana e logo transformada em ar vital e, depois, assimilada pelos órgãos físicos da linguagem, se localiza no umbigo, na forma de Som como causa material de todas as palavras.

A Hatha-Yoga é desaprovada pelos Arhats como prejudicial à saúde e, por si só, jamais poderá transformar-se em Raja-Yoga. A mente Espiritual não trava conhecimento com os sentidos físicos do homem. Existe um Imóvel Alento do Um Supremo, o meu próprio Eu acumulado em numerosas formas. Este Sopro é a síntese dos sete sentidos, numenalmente, todas as Deidades menores e esotéricamente o setenário e a Legião da Voz.

A Natureza geometriza em todas as suas manifestações. Há uma lei fundamental em ocultismo: "Não existe na Natureza repouso ou cessação completa de movimento. O que parece repouso é, apenas, a mudança de uma a outra forma. O Movimento é eterno no Imanifestado e periódico no Manifestado".

O significado da palavra OEAOHOO entre os ocultistas orientais é um vento circular, um torvelinho expressando o movimento cósmico ou Força Motriz, a Causa sempre ativa. Aâi-Sanat é o Ancião dos Dias, o Criador, a essência mística, a Raiz Plástica da Natureza física. O Zero significa que o círculo sem limites se converte em número,

unicamente quando uma das nove cifras o precede, manifestando então o seu valor ou potência. O Verbo, em união com a Legião da Voz, e o Espírito (expressão e origem da Consciência) significam as nove cifras e formam com o Zero a década que contém em si todo o Universo. A forma da Tetraktis é o Triângulo inscrito no círculo (1 e 3) formando o Quatro Sagrado, sendo o Quadrado inscrito no círculo a mais poderosa figura mágica.

Aditi, o Espaço Infinto, gerou os corpos celestes de nosso sistema, o Sol e os planetas. Oito Filhos nasceram de Aditi; ela arrojou de si o oitavo, Marttanda (o Sol), e aproximou-se dos deuses com os outros sete — os Aditias. Eram quatro grandes e quatro pequenos.

Marttanda não estava satisfeito, apesar de sua casa ser a maior. Atraiu para si os ares vitais de seus irmãos e devorou-os; os quatro maiores estavam muito longe na fronteira de seu reino e não foram despojados. Os menores, porém, se queixaram à Mãe, que desterrou Bal-i-lu para o centro de seu reino onde não podia mover-se. Desde então ele vigia e ameaça.

A Doutrina Secreta diz que o Sol é uma estrela central que segue os planetas. Os oito Aditias estão formados da substância eterna que constituem o 6.° e 7.° princípios cósmicos, a base da Alma Universal, como no homem Manas é a base de Buddhi ou Alma Divina.

A matéria cometária é homogênea em sua forma primitiva além dos Sistemas Solares, e só se diferencia quando cruza as fronteiras de nossa Terra. Originalmente os planetas eram sóis, passando gradualmente à objetividade.

Lipikas são os Seres divinos que se acham relacionados com o Karma, a Lei de Retribuição. São os Cronistas que imprimem na Luz Astral um registro fiel de cada ação e pensamento do homem, de tudo quanto foi, é e será, no universo fenomenal. Esse é o Livro da Vida. Os Lipikas estão em paralelo com os sete Anjos da Presença ou Espíritos Planetários. Jamais cai uma sombra num muro, sem deixar marca; esta é registrada permanentemente no invisível. Cada partícula de matéria existente é um registro de tudo quanto sucedeu já.

Estância V FOHAT: 0 FILHO DAS HIERARQUIAS SETENÁRIAS

1 — Os Sete Primordiais, os Sete Primeiros Sopros do Dragão da Sabedoria produzem, por sua vez, o Torvelinho de Fogo com seus Sagrados Alentos de Circulação giratória.

2 — Eles fazem de Fohat o mensageiro de sua Vontade. O Dzyan se converte em Fohat: o veloz Filho dos Filhos Divinos, cujos Filhos são os Lipikas, e leva mensagens circulares. Fohat é o Corcel, e o

Cavaleiro é o Pensamento. Ele atravessa como o raio as nuvens de fogo; dá Três e Cinco e Sete Passos através das Sete Regiões superiores e das Sete inferiores. Eleva a Voz e chama as Chispas inumeráveis e as reúne (os átomos).

3 — Ele é o seu condutor, o espírito que as guia. Quando começa a sua obra, separa as Chispas do Reino Inferior, as quais flutuam e estremecem felizes em suas radiantes moradas (nuvens gasosas) e formam com elas os Germes das Rodas. Coloca-as nas Seis Direções do Espaço e uma no Centro — a Roda Central.

4 — Fohat traça espirais para reunir a Sexta à Sétima — a coroa. Um Exército dos Filhos da Luz se situa em cada um dos ângulos e os Lipikas se colocam na Roda Central. E Eles dizem: "Isto é bom." O Primeiro Mundo Divino está pronto; o Primeiro, o Segundo depois, o "Divino Arúpa" (o Universo informe do Pensamento) se reflete no Mundo Intelectual da forma primitiva, a Primeira Veste de Anupadaka.

5 — Fohat dá cinco passos e constrói uma roda alada em cada ângulo do Quadrado para os Quatro Santíssimos... e suas Hostes.

6 — Os Lipikas circunscrevem o Triângulo, o Primeiro Um, o Cubo, o Segundo Um, e o Pentáculo dentro do Ovo. Este é o chamado "Anel não se passa", para os que descem e sobem durante o Kalpa e estão marchando para o grande Dia "Sê conosco". Assim foram formados os Arupa e os Rúpa (mundo informe e mundo da forma); da Luz Única Sete Luzes; de cada uma das Sete, sete vezes Sete Luzes. As Rodas vigiam o Anel.

Comentário — As Hostes dos Filhos da Luz, nascidos da Mente do Primeiro Raio manifestado do Todo Desconhecido, constituem a Raiz mesma do Homem Espiritual. Diz a Doutrina Secreta que para chegar a converter-se um Deus divino e plenamente consciente, as Inteligências Espirituais Primárias têm que passar pelo estado humano (mortais que habitam qualquer mundo) para adquirir equilíbrio entre o espírito e a matéria. A Humanidade atual passou o ponto médio da Quarta Raça-Raiz da Quarta Ronda (o ponto de equilíbrio, o fiel da balança) e agora cada Entidade deve conquistar pelo esforço próprio o direito de converter-se em divindade. Hegel num lampejo de intuição disse: "O Inconsciente desenvolve o Universo unicamente com esperança de alcançar consciência clara de si mesmo."

"O Alento se converteu em pedra, esta em planta, a planta em animal, este em homem, o homem num espírito, e o espírito num Deus." — é uma frase cabalística.

Os nascidos da Mente foram todos homens, qualquer que tenha sido sua forma e aspecto, nos outros mundos e em Manvântaras precedentes.

O "Vento flamígero Circular", é o pó cósmico incandescente que segue, magneticamente, o pensamento diretor das "Forças Criadoras".

Cada átomo do Universo possui em si a potência da própria consciência e é um universo em miniatura; é um átomo e um Anjo.

Fohat tem dois aspectos, um, no mundo Imanifestado, e outro, no mundo fenomenal e cósmico. Neste é o poder elétrico vital, oculto, sob a Vontade do Logos Criador que une e relaciona as formas dando-lhes o primeiro impulso que com o tempo se converte em Lei. No mundo imanifestado Fohat é o Poder Criador Potencial, em virtude de cuja ação o númeno de todos os fenômenos futuros se divide para emitir o Raio Criador. Quando o "Filho Divino" brota, Fohat se converte na Força propulsora, no Poder ativo que faz que o Um se converta em Dois e em Três. O desejo é o princípio da Criação.

Fohat está intimamente relacionado com a "Vida Una". 0 Desconhecido emana a Totalidade Infinita, o Manifestado ou a Deidade Manvantárica periódica, ou a Mente Universal, que separada de sua fonte original é o Demiurgo ou Logos Criador. Atua sobre a Substância manifestada ou elemento único, diferenciando-o em vários centros de energia e movimentando a Lei de evolução cósmica em obediência à Ideação da Mente Universal, traz à existência todos os estados do Ser no Sistema Solar manifestado, o qual se compõe de Sete Princípios.

Fohat une as energias cósmicas nos planos visíveis e invisíveis. No plano terrestre é a força magnética. Metafisicamente é o Verbo feito Carne, a energia solar, o Fluido Elétrico ou a "Alma Animal da Natureza".

A eletricidade é atômica e, portanto, material embora não exposta ainda à experiência e percepção.

Há sete regiões no Universo, habitadas pelo homem. Os "Passos" são símbolos do Espírito, Alma e Corpo (Homem); do círculo transformado em Espírito, a Alma do Mundo e seu Corpo — a Terra. Os Três Passos se referem à descida do espírito na matéria, o Logos caindo como um raio no Espírito, depois na Alma e por fim no corpo físico do homem onde é Vida.

A Doutrina Secreta nos vem das Terceira e Quarta Raças-Raízes e a herança vinda através dos árias primitivos, seus descendentes diretos. Em todas as nações o círculo era sinal do Desconhecido, "Espaço sem Limites", a Deidade incognoscível. Representa também o Tempo sem limites, na Eternidade. O círculo cabalístico dos Elohim revela por seu número e letras, 13514, ou anagramaticamente 31415, o "pi" astronômico, o significado oculto dos Dhyâni-Buddhas. O Sete era sagrado, e Fohat é o laço entre o Incondicionado e o Manifestado; é o Amor.

Ele une a Alma (do homem) com o Espírito puro. Os reflexos das Sete Luzes constituem as Mônadas dos homens, o Atma ou Espírito imortal irradiador de cada criatura humana. O 1.° Grupo de construtores se ocupa da criação e evolução dos sistemas planetários. O 2° Grupo é o construtor da nossa Cadeia Planetária exclusivamente. O 3.° Grupo é o construtor de nossa humanidade, e protótipo

macro-cósmico do microcosmo. Os Espíritos Planetários animam os astros e planetas em geral. Os Lipikas são os Espíritos do Universo, e os Construtores são unicamente nossas próprias deidades planetárias. Na união com Cristo a Mônada volta ao seio do Logos.

Estância VI

NOSSO MUNDO, SEU CRESCIMENTO E EXPANSÃO

1 — Pelo poder da Mãe de Misericórdia, Kwan-Yin (*), o "Triplo" de Kwan-Shai-Yin, residente em Kwan-Yin-Tien, Fohat, o Alento de sua Progênie, o Filho dos Filhos, tendo Suscitado do Abismo inferior (caos) a Forma Ilusória de Sien-Tchan (nosso Universo) e os Sete Elementos:

2 — O Radiante e Veloz Um produz os Sete Centros Laya (matéria indiferenciada), contra os quais nada prevalecerá até o Grande Dia "Sê Conosco"; e assenta o Universo nestes Fundamentos eternos, rodeando Sien-Tchan com os Germes Elementares (os átomos da Ciência).

3 — Dos Sete (elementos) — primeiro Um manifestado, Seis ocultos; Dois manifestados, Cinco ocultos; Três manifestados, Quatro ocultos; Quatro produzidos. Três escondidos; Quatro e Um Tsan (fração) revelados, Dois e Meio ocultos; Seis para serem manifestados, Um posto de lado. Finalmente, Sete Pequenas Rodas girando; uma dando nascimento à outra.

— Ele as constrói à semelhança das Rodas (mundos) mais antigas, colocando-as nos Centros Imperecíveis. E como as constrói Fohat? Juntando a Poeira ígnea. Ele forma Esferas de Fogo, percorre-as através e ao redor, infundindo-lhes vida; depois as põe em movimento, umas numa direção, outras em direção diferente. Estão frias, e ele as aquece. Estão secas, e ele as umedece. Brilham, e ele as ventila e refresca. Assim procede Fohat de um a outro Crepúsculo, durante Sete Eternidades.

— Na Quarta (Ronda, ou revolução da vida e do ser em volta "das sete pequenas Rodas") os Filhos recebem ordem para criar suas

(1) Esta Estância foi traduzida do texto chinês, e foram conservados os nomes como os equivalentes dos termos originais. Não se pode dar a verdadeira nomenclatura esotérica, que só confundiria o leitor, e a doutrina bramânica não possui equivalente algum para esses termos. Nenhum sistema religioso exotérico adotou jamais um Criador feminino, e assim é que a mulher foi considerada e tratada desde o princípio mesmo das religiões populares, como inferior ao homem. Tão somente na China e no Egito foram Kwan-Yin e Isis equiparadas aos deuses masculinos. O Esoterismo ignora ambos os sexos. A sua Deidade mais elevada carece de sexo e de forma; não é nem Pai nem Mãe, e os seus primeiros seres manifestados, tanto celestiais como terrestres, só gradualmente se convertem em andróginos e finalmente se separam em dois sexos distintos.51

Imagens. Um Terço se recusa, Dois (terços) obedecem. Profere-se a Maldição: eles nascerão na Quarta (Raça), sofrerão e farão sofrer. É esta a Primeira Guerra.

6 — As Rodas mais antigas giraram para baixo e para cima... A Desova da Mãe encheu o Todo (o Kosmos, nosso Sistema Solar). Houve Batalhas entre os Criadores e os Destruidores, e Batalhas pelo Espaço; a Semente (da Mãe) aparecendo e reaparecendo continuamente. (Isto é puramente astronômico.)

7 — Fazei teus cálculos, ó Lanu (estudante), se queres saber a data exata de tua Pequena Roda (Cadeia). Seu Quarto Raio é nossa Mãe (Terra). Atinge o Quarto Fruto da Quarta Senda do Conhecimento que conduz ao Nirvana, e compreenderás, porque verás...

Comentário — A essência da Trindade — Fohat, "o Filho dos Filhos", cuja energia é a Sakti, é um andrógino que provém da Luz do Logos ou a Vida. Assim a Luz manifestada por meio do Logos ou Verbo é o mesmo Fohat, ou energia andrógina. Diz Subba Row: A evolução começa pela energia intelectual do Logos... e não pelas potencialidades encerradas em Mulaprakriti (Raiz da Matéria). A Luz Logáica é o laço... entre a matéria objetiva e o Pensamento de Ishwara (ou Logos). Fohat é o instrumento pelo qual opera o Logos.

Kwan-Yin, a potência mágica do Som Oculto na Natureza, evoca do Caos os sete elementos ou forma ilusória do Universo. Então temos o Verbo manifestado como Cosmos.

Laya é o ponto zero da diferenciação da matéria, onde se desvanece toda a manifestação. Todo o Cosmos existe na fonte única de Energia da qual emana esta Luz — Fohat. A matéria diferenciada no Sistema Solar existe em sete condições diferentes, personificadas por Fohat no qual se fundem as outras seis; são elas: calor, som, coesão, eletricidade, magnetismo e o espírito da eletricidade que é a vida do universo. Fohat é, pois, o espírito da Evolução através da matéria grosseira. Não é um Deus pessoal, mas a emanação dos Poderes dos "Filhos da Luz".

Dos Sete Elementos que compõem a Terra, quatro estão plenamente manifestados atualmente, o 5.° que é o Éter está, parcialmente, manifestado nesta segunda metade da Quarta Ronda e só se manifestará, plenamente, na Quinta Ronda. Nenhum mundo ou corpo celeste poderia ser construído no plano objetivo, sem que os Elementos estivessem suficientemente diferenciados de seu Ilus primitivo, latente em Laya.

No espaço há uma perpétua mudança de moléculas e átomos, correlacionando-se e transformando-se sobre cada planeta seus equivalentes de combinação. A escala de temperatura pode superar a mesma no Universo inteiro, mas suas propriedades fora da associação diferem em cada planeta e, assim, entram os átomos em novas formas de existência, desconhecidas para a Ciência. Por exemplo: a essência da matéria cometária, durante a rápida passagem através de nossa atmosfera, experimenta mudança em sua natureza porque os elementos de

nosso planeta, como os de seus irmãos do Sistema Solar, diferem uns dos outros em suas combinações como os dos Elementos Cósmicos de além de nossos limites solares. Cada mundo possui seu Fohat, que é onipresente em sua própria esfera de ação. Os mundos variam em poder e graus de manifestação. Os Fohats planetários constituem um Fohat coletivo Universal — o aspecto entidade de uma única e absoluta "Não-Entidade", que é Absoluta Seidade (Be-ness), Sat. Sat — (Be-ness, não-Ser).

Bilhões de mundos são produzidos num Manvântara. O alento do Pai-Mãe sai frio e radiante, e aquece-se e corrompe para esfriar de novo e se purificar na etéreo seio do Espaço. Encerrado no Seio da Eterna Mãe, em seu estado de prístina e virginal pureza, cada átomo nascido além dos umbrais de um reino está condenado à diferenciação incessante. A Mãe dorme ainda, que está sempre respirando. Cada expiração envia ao plano manifestado seus produtos proteus, os quais arrebatados pela onda do fluxo são espalhados por Fohat e arrastados para além desta ou de outra atmosfera planetária. O processo das pequenas Rodas, uma dando nascimento à outra, tem lugar na Sexta Região (contando de cima para baixo), no plano do mundo mais material de todos no Cosmos manifestado, que é o nosso planeta Terra. Estas Sete Rodas são nossa Cadeia Planetária. Por Rodas se indicam as várias esferas e centros de força.

Os mundos são construídos pelos modelos mais antigos, que existem em outros Manvântaras precedentes e entraram, em Pralaya, pois a Lei que rege o Cosmos é a mesma para o Sol e o átomo.

Há uma obra perpétua de perfeição em cada uma das novas aparições, porém a Substância-Matéria e as Forças são sempre as mesmas. Esta Lei age em cada planeta por meio de Leis variáveis e de menor valor.

Os Centros Laya têm grande importância, pois são uma condição, não um ponto matemático, mas Centros Imperecíveis. Os mundos não são construídos em cima, nem embaixo, nem nos pontos Laya. Os dementais, as forças da natureza, são as causas secundárias que operam invisíveis e que são os efeitos de causas primeiras atrás dos véus dos fenômenos terrestres. Para propósitos formativos ou criadores, as grandes Leis modificam seu movimento perpétuo em Sete Pontos Invisíveis, dentro da área do Universo manifestado. O Grande Alento faz no espaço Sete Buracos ou Centros Laya para faze-los girar durante o Manvântara. Sendo Laya o reino do negativo absoluto, o númeno do sétimo estado da Substância cósmica não diferenciada é também o ponto de partida de qualquer diferenciação.

O Átomo Primordial não pode ser multiplicado nem em seu estado pré-genético nem em seu estado primogenético; portanto, é chamado a "Soma" ou "Soma Total", em sentido figurado, pois carece de limites. Nosso Cosmos e nossa Natureza só se esgotarão para reaparecer num plano mais perfeito, depois de cada Pralaya {repouso).

A Lua está morta só no que se refere aos seus princípios internos, isto é, psíquica e espiritualmente. Fisicamente é um corpo semi paralisado. Cada átomo possui sete planos de ser ou existência e está regido por suas leis especiais de evolução e absorção. Há 18.618.727 anos que o homem existe nesta Ronda, em sexos separados, segundo a Doutrina Secreta.

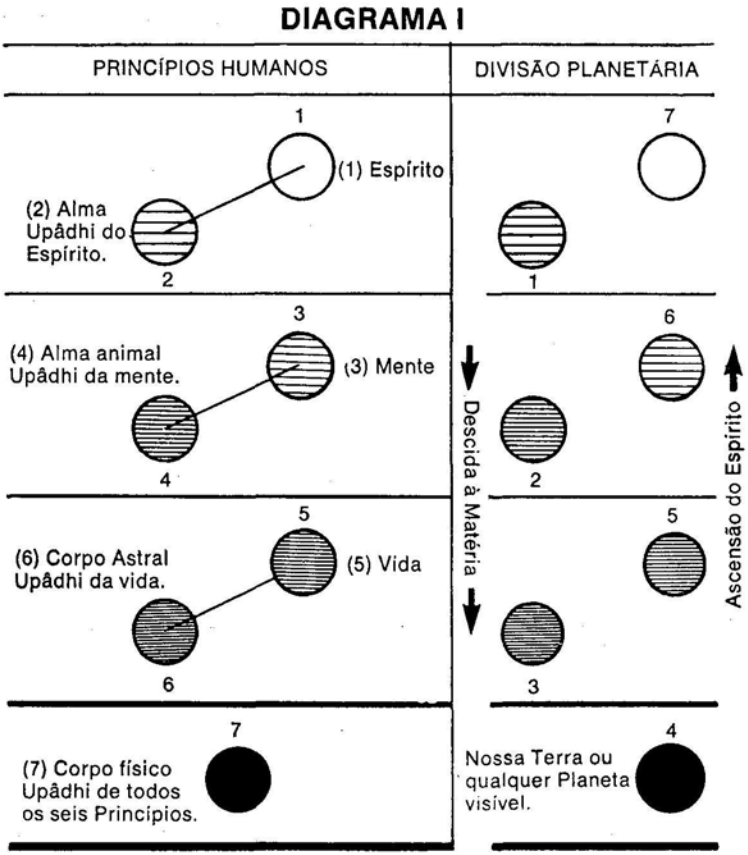
Fohat, a Força construtora, brotou como eletricidade Cósmica do Cérebro do Pai e do Seio da Mãe. Depois se transformou em macho-fêmea, isto é, polarizou-se em positiva e negativa. Fohat tem Sete Filhos que são seus irmãos (as formas de magnetismo cósmico: Eletricidade, Som, Magnetismo, Luz, Coesão, Calor e Força). Todos são emanações de qualidades espirituais super-sensíveis, não-personificadas, mas pertencentes a causas reais e conscientes, os Obreiros divinos. Quando morre um planeta, os seus princípios são transferidos a um Centro Laya ou de repouso, como energia potencial, latente, e são despertados à Vida em novo ciclo, convertendo-se num novo corpo sideral.

Com esta Sloka termina a parte das Estâncias, que se refere à cosmogonia do Universo depois do Mahapralaya ou Dissolução Universal. Daí em diante as Estâncias se relacionam com o nosso Sistema Solar em geral, com as Cadeias Planetárias do mesmo, e principalmente com a História de nosso globo e evolução de nossa Terra.

A Eterna Lei Única desenvolve todas as coisas do Universo Manifestado, de acordo com um princípio sétuplo, e, entre outros, as inúmeras Cadeias circulares de mundos, compostas de sete globos graduados nos quatro planos inferiores do mundo em formação, pertencendo as outras três ao Universo Arquetípico. Dos Sete globos só um, o inferior e mais material de todos, se acha dentro de nosso plano de percepção, permanecendo os outros Seis fora do mesmo e sendo portanto invisíveis ao olho terrestre. Cada uma de tais Cadeias de mundos é o produto e criação de outra inferior e morta; é sua reencarnação, por assim dizer.

Cada um dos planetas, dos quais apenas sete eram chamados sagrados, por estarem regidos por Regentes ou deuses, é também setenário, como o é a Cadeia a que a Terra pertence. Os outros planetas visíveis no mesmo plano que o nosso são: Vênus, Marte, Mercúrio, Júpiter e Saturno. Os outros planetas companheiros de cada um destes Sete estão em outros planos, e, portanto, invisíveis para nós. Eles correspondem aos princípios humanos Atma, Buddhi, Manas (Alma humana ou Ego Superior), Kama Rupa (corpo emocional), Prana (corpo vital), Línga Sharira (duplo éter) e Sthula Sharira (corpo físico).

Quando uma Cadeia Planetária atinge sua última Ronda, seu globo A, antes de morrer por completo, envia todos os seus princípios e sua energia a um Centro neutro de força latente (Laya), dando, assim, vida a um novo núcleo de substância. Suponhamos que uma evolução semelhante teve lugar na Cadeia Planetária lunar, que é muito mais antiga que a Terra.



Imaginemos que evos, antes de se desenvolver o primeiro globo de nossa Cadeia, permaneciam os seis globos companheiros da Lua na mesma posição em relação uns aos outros, que a que ocupam atualmente os globos de nossa Cadeia, em relação à Terra. 0 globo extremo "A", da Cadeia Lunar, dando vida ao globo "A" da Cadeia Terrestre e morrendo em seguida. Logo o globo "B" da primeira Cadeia, transmitindo sua energia ao globo "B" da nova Cadeia e, por último, a Lua lançando toda a sua vida e energia ao globo "D" (a Terra), o mais inferior de nossa Cadeia Planetária. A Lua, então, morre.

Mercúrio e Vênus são muito mais antigos que a Terra e antes que esta chegue à Sétima Ronda, sua mãe a Lua terá se dissolvido no ar sutil como sucederá às luas dos demais planetas. A Lua penetra a

Terra por todos os lados, com a influência maligna invisível e envenenada, emanante de seu lado oculto, pois é um corpo morto e, no entanto, vive. As partículas de seu corpo corrupto estão cheias de vida ativa e destrutora, apesar de que o corpo, antes animado por ela, carece de Alma e Vida. Por isso, suas emanações são benéficas e maléficas, paralelamente à Terra, onde nos cemitérios brotam as plantas com mais vigor. Como os vampiros, a Lua é a amiga dos bruxos. Os três princípios superiores do homem podem ser separados por um Adepto, sem perigo de morte, mas os Sete, se fossem separados de outro modo, destruiriam a constituição humana.

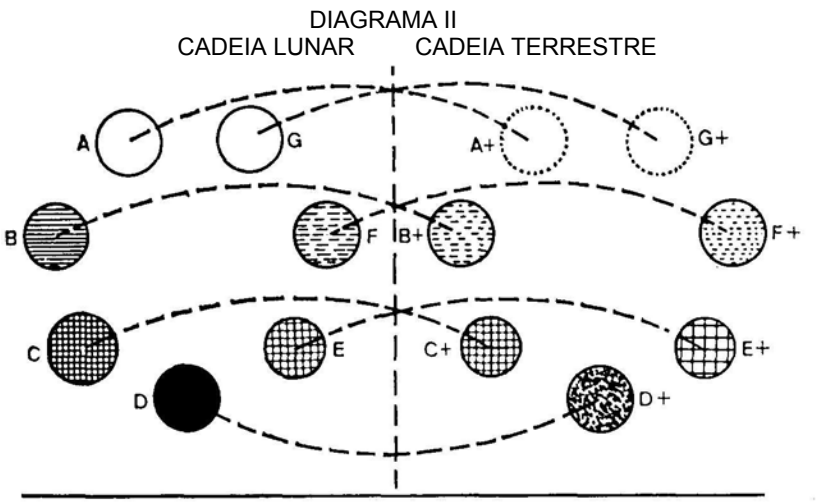
Corpo Físico	corpo físico corpo vital corpo etéreo
Alma Humana	astral mental inferior mental superior (consciência)
Espírito	Alma espiritual Buddhi Espírito — Atma

A evolução da vida procede nestes seis globos, do Primeiro ao Sétimo, em sete ciclos. A humanidade só se desenvolve por completo na Quarta Ronda. O reino vegetal continua sua evolução ulterior por meio do homem. A humanidade, como o globo em que vive, tem de voltar à sua primitiva forma de Hoste angélica. O homem tende a converter-se num Deus, como todos os átomos do universo. Cada ciclo vital terrestre se compõe de Sete Raças-Raízes, que começam com a Raça etérea e terminam com a espiritual, numa dupla linha de evolução física e moral. Os primeiros homens da Terra foram os descendentes dos Homens celestes, ou os Pítris Lunares, dos quais existem Sete Hierarquias. Cada Ronda leva consigo, num desenvolvimento novo, uma mudança completa na constituição mental, psíquica, espiritual e física do homem, evoluindo todos esses princípios numa escala sempre ascendente.

Vênus se acha em sua última Ronda. Mercúrio começou a sair do Pralaya. Marte se acha ainda no estado de obscuridade. A Terra está no fundo do arco de descida, onde a matéria de nossa percepção se manifesta do modo mais grosseiro. Os outros globos pertencem a outros estados de consciência distintos. Existe um número limitado de Mônadas, que evoluem e se aperfeiçoam por meio da assimilação de muitas personalidades sucessivas, em cada novo Manvântara.

Nosso planeta está adaptado ao estado peculiar de sua humanidade. A filosofia oriental admite que existe um número limitado de

DIAGRAMA II



Mônadas evoluindo em estados de progresso diferentes. As Mônadas, que circulam em torno de qualquer Cadeia Setenária, se acham divididas em sete classes ou hierarquias, segundo o grau de evolução, consciência e mérito.

Há várias classes de Pralaya:

1 — Individual de cada globo (passagem de uma humanidade para outro globo).
2 — Sete Pralayas menores em cada Ronda (destruição de Raças e Continentes).
3 — Pralaya Planetário, depois de sete Rondas.
4 — Pralaya Solar, quando conclui um Sistema Solar.
5 — Pralaya Universal (conclusão de uma Idade de Brahmâ).

A primeira classe de Mônadas que encarna é a única que alcança o estado humano na primeira Ronda. As Mônadas da segunda Ronda só alcançam o estado humano na segunda Ronda. Na quarta Ronda é que o estado humano alcança o completo desenvolvimento. Então cerra-se a porta que dá entrada ao reino humano por estar completo o número de Mônadas.

As Mônadas estão divididas em três grandes classes:

1." — Deuses lunares — as Mônadas mais desenvolvidas chamadas Pítris na Índia, cuja função é passar na primeira Ronda através do

tríplice ciclo do reino mineral, vegetal e animal em suas formas mais etéreas e rudimentares, nebulosas, com o objetivo de revestir-se com elas e assimilar a natureza da Cadeia recentemente formada. São as primeiras a alcançar a forma humana no globo "A", na primeira Ronda. (Note-se que a forma nesse globo é quase subjetiva.) São essas Mônadas que representam o elemento humano na segunda e terceira Rondas e as que preparam as suas sombras (Chayas) no princípio da quarta Ronda.

2.* — As Mônadas que são as primeiras a alcançar o grau humano durante as três Rondas e meia para converter-se em homens.

3.* — As Mônadas atrasadas que, por impedimento kármico, não alcançarão o estado humano durante este Ciclo ou Ronda. Esses homens eram entidades diferentes de nós na forma e na inteligência, pois eram mais deuses que homens (Manus). Uma Mônada, para progredir, tem de ser afetada pelas mudanças de estado por que passa, pois é eterna; é como uma estrela de luz arrojada à Terra para salvar as personalidades com as quais convive, e estas devem apegar-se à sua natureza divina para obter a Imortalidade. Abandonada a si mesma, a Mônada não se unirá a ninguém e será arrastada a novas encarnações pela corrente evolutiva.

O corpo físico evolui em torno do duplo etérico e é produzido pelas forças terrestres somadas à do homem interno, real. É a viagem da Alma Peregrina, através dos diferentes estados de consciência, para adquirir o conhecimento interno. A Mônada emerge de seu estado de inconsciência espiritual e intelectual, saltando dos primeiros planos demasiado próximos ao espírito para que seja possível alguma correlação com algo pertencente ao reino inferior, e lança-se diretamente ao plano mental.

REINOS

Existem sete grandes Reinos; o primeiro grupo compreende três grandes centros dementais de forças (a partir da diferenciação da substância até o terceiro grau), isto é, da plena inconsciência até a semi percepção. O segundo grupo (mais elevado) compreende os Reinos desde o vegetal ao nominal. Três estados subfísicos nos elementais. Reino mineral; três estados no Reino objetivo físico e aí estão os sete primeiros degraus da escala evolutiva. Então começa a descida do Espírito na Matéria, equivalente a uma promoção na evolução física.

Na quarta Ronda de nosso globo a Mônada Cósmica (Buddhi) se enlaça ao Raio Átmico e se converte em seu veículo, entrando, assim, no primeiro degrau da escala setenária da evolução, que seguirá eventualmente ao décimo ou coroa. No Universo tudo segue a Lei da Analogia. "Assim como é em cima, assim é embaixo." O homem é o Microcosmo do Universo. Os três Reinos dementais, que precedem o mineral, correspondem aos três mundos superespirituais e arquetípicos.

A Mônada não tem relação alguma com o átomo ou molécula, tal como os classifica a Ciência. A Mônada Espiritual é Una, Universal, Ilimitada, Indivisa, e os seus raios é que formam as Mônadas individuais do homem. Do mesmo modo a Mônada mineral, achando-se na curva oposta do círculo, é, também, Una e dela procederam os inúmeros átomos físicos que a ciência considera como individualizados. A Mônada é a combinação dos dois últimos princípios, o sexto e o sétimo, no homem.

Seria errado imaginá-la como entidade separada, e correto dizer: Uma Mônada se manifestando na forma de substância mineral. O átomo é uma manifestação concreta da Energia Universal, ainda não individualizada, uma manifestação serial da única Mônada Universal.

O Universo e a Deidade que o habita são inconcebíveis separados um do outro. Os Pítris são as Mônadas que, tendo terminado o seu ciclo de vida na Cadeia Lunar (inferior à nossa), encarnaram-se na Terra e converteram-se no homem terrestre. No princípio da quarta Ronda, no globo D, os Pítris exsudaram seus duplos astrais das formas parecidas aos monos que desenvolveram na terceira Ronda; em torno desse modelo sutil a Natureza construiu o homem físico. Esses Pítris se converteram em homens a fim de alcançar a consciência própria desse plano, cujos veículos recebem a inteligência e consciência dos Manasaputras ou Agnishvattas, os filhos da Mente. Cada sistema é regido por leis próprias e dirigido por um grupo ou hoste dos mais elevados Dhyân Choans.

A Natureza não poderia desenvolver a inteligência sem a ajuda da mente para obter a experiência ou laço de união entre o Espírito e a Matéria nesta Ronda. As Mônadas mais desenvolvidas (as lunares) alcançam o estado humano germinal na primeira Ronda e se convertem em seres humanos terrestres, ainda que etéreos no final da terceira Ronda; constituíram os duplos etéreos dos homens da quarta Ronda. Outras Mônadas alcançam o estado humano só durante as primeiras e segunda e terceira metades da quarta Ronda.

O homem é a forma física mais elevada da Terra. O feto humano segue, em suas transformações, todas as formas que a estrutura física assumiu através das três Rondas na tentativa da formação plástica em torno da Mônada verificada pela matéria sem mente. O embrião humano é uma planta, um réptil, um animal antes de se converter em forma humana. No princípio o homem astral, carente de razão, foi aprisionado nas malhas da matéria. Nenhuma unidade de qualquer reino será animada por Mônadas destinadas a converter-se em humanas em seu próximo estado; só pode ser ocupada pelos elementais inferiores de seu respectivo reino. Estes só se converterão em humanos no próximo Manvântara.

Os antropóides de hoje apareceram no período mioceno, quando, como todos os cruzamentos, começaram a mostrar tendências para voltar ao tipo de seu primeiro pai — o gigantesco lemuro-Atlante amarelo e negro.

Constituem uma exceção; não estavam previstas na Natureza, mas são, pelo contrário, uma criação dos homens destituídos de razão. Os homens da terceira Raça eram deuses de outros planos, que se converteram em mortais sem mente, e misturaram-se com os animais inferiores, dando origem ao antecessor do atual pitecóide. Estão destinados a extinguir-se em nossa Ronda e suas Mônadas libertas passarão aos dementais superiores das Raças Sexta e Sétima, e depois às formas mais inferiores da Quinta Ronda.

No ponto médio da Quarta Ronda ocorreu o equilíbrio perfeito entre o Espírito e a Matéria. A Raça Atlante atingiu o apogeu da inteligência, da civilização e do conhecimento, e com a crise final de adaptação fisiológico-espiritual das Raças, a humanidade se ramificou em duas direções opostas: direita e esquerda (Magia Branca e Magia Negra).

Os germes dos acontecimentos ficaram latentes e brotaram no começo da Quinta Raça (atual). Para se tornar consciente de si mesmo, o Espírito tem de passar por cada um dos ciclos de existência que culminou na Terra com o homem. O Espírito per se é uma abstração inconsciente e negativa. Sua pureza é inerente, daí que, para se transformar no mais elevado Dhyân-Choan, é necessário que o Ego alcance a plena consciência como ser humano.

Na alegoria cristã: "Satã e sua hoste rebelde negaram-se a criar o homem físico a fim de se tornarem os seus salvadores, dando-lhes a própria consciência, liberdade e responsabilidade. Diante dos fatos, o Chefe dos Eons, o Verbo Solar (Cristo), identificado com São Miguel, compadecendo os rebeldes ante a magnitude de sua ambição, disse; "Façamos surgir o mundo e chamemos os poderes à existência". Os rebeldes serão os princípios, os filhos da Luz, porém Tu serás o mensageiro da Vida e para equilibrar a influência dos sete princípios mal dispostos, o senhor do Esplendor produziu outras sete vidas (virtudes cardiais) que resplandecem em suas próprias formas de luz desde o alto, estabelecendo, assim, o equilíbrio entre o Bem e o Mal, entre a Luz e as trevas."

Esta é a doutrina cabalista. Segundo a Doutrina Secreta, porém, a Luz Astral é o aspecto inferior do Absoluto, a Anima Mundo dual e bissexual. O aspecto superior dessa luz, sem o qual só podem surgir criaturas de matéria, é este Fogo vivo o seu sétimo princípio. O aspecto ideal da Anima Mundi (porção masculina) é puramente divino e espiritual, é a Sabedoria — o Espírito.

A porção feminina está ligada à matéria e, portanto, é imperfeita. É o princípio de Vida de cada pessoa e proporciona à Alma astral o perispírito, que possuem homens e animais e todas as coisas vivas. Os animais têm, apenas, o germe latente da alma imortal mais elevada, a qual só se desenvolverá após uma série de inúmeras encarnações.

A progressão das naturezas angélicas, do estado passivo ao ativo, desce, na proporção de que o último destes seres, estando tão próximo ao elemento Ahankara (Eu sou Eu) como os primeiros Dhyân-Choans estão da Essência não diferenciada. Estes são incorpóreos, ao passo que os primeiros são corpóreos. O Jeová dos judeus é um dos sete

Elohim ou Espíritos Criadores (sefiroth inferiores). Todos são, segundo a sua própria imagem, Espíritos Estelares ou Espíritos da Face, e os reflexos recíprocos que obscurecem e se materializam à medida que se separam da causa primeira.

Eles habitam sete regiões dispostas como uma escada, cujos degraus constituem uma descida na escala do Espírito e da Matéria.

São os Gênios dos sete planetas, ou esferas planetárias de nossa Cadeia Setenária, dos quais a nossa Terra é a mais inferior.

Assim é que Satã se converte na grandiosa imagem que fez do homem terrestre um homem divino. Aquele que lhe concedeu através de um longo ciclo do Mahakalpa, a Lei do Espírito de Vida, e o libertou do pecado da Ignorância e, portanto, da Morte. Os globos precedentes se desintegram e reaparecem transformados e aperfeiçoados para uma nova vida.

A Lei rege os criadores; os sete planos correspondem aos sete estados de consciência no homem. A ele cabe sintonizar os três estados superiores com os três planos superiores do Cosmos, porém, antes de tentar faze-lo, terá de despertar as três sedes da vida e da atividade.

Resumindo: todos os mundos e corpos siderais (sempre em estrita analogia) são formados um do outro, desde a manifestação Primordial, no princípio da Grande Idade. As mansões de Fohat são muitas. Ele coloca seus quatro Filhos (forças eletropositivas) nos quatro círculos (equador, trópicos e elíptica), dos outros; sete filhos presidem os sete lokas quentes, mais os sete lokas frios (pólos) da terra. As sete transformações fundamentais dos globos ou esferas celestes, ou das partículas de matéria que as constituem, são descritas da seguinte forma:

1 — homogênea
2 — aeriforme (radiante, gasosa)
3 — coagulada (nebulosa)
4 — atômica (etérea, começo do movimento)

5 — germinal ígnea (diferenciada, composta dos germes dos elementos em seus estados primordiais, possuindo sete estados, quando desenvolvidos por completo em nossa terra).

6 — quádrupla (vaporosa, terra futura)
7 — fria (dependente do Sol para a Vida e a Luz).

O Um (a Deidade) se torna Dois (Anjo ou Deva) e o Dois se torna Três (ou Homem); do mesmo modo, os Coágulos (material para mundos) se convertem em Cometas (Vagabundos), estes se convertem em Estrelas e estas (centros de vórtices) em nosso sol e planetas. Há quatro Caminhos que conduzem ao Nirvana, que são os quatro graus de Iniciação mencionados nas obras exotéricas e conhecidos em sânscrito como Srotapanna, Sakridagancin, Anagamin e Arhat.

Ao Arhat resta galgar três graus mais elevados para chegar à cúspide do Arhatado. As faculdades necessárias para conseguir estes

graus só estarão plenamente desenvolvidas no tipo geral do asceta, no final desta Raça-Raiz ou nas Sexta e Sétima Raças. Os "Arhats da Névoa de Fogo" do Sétimo grau acham-se apenas a um passo da raiz fundamental de sua Hierarquia, a mais elevada que existe em nossa Cadeia terrestre.

Essa raiz fundamental tem um nome que se traduz por "Baniana Humana Sempre Viva". Durante a primeira parte da Terceira Época, antes da separação de sexos na Terceira Raça-Raiz. Este Ser Maravilhoso desceu de uma "elevada região" sobre a Terra e, entre os homens puros da Terceira Raça e os "Filhos da Sabedoria", encarnaram nesta Terceira Raça pelo poder de Kriyashakti e produziram uma geração chamada "Os Filhos de Ad", ou da "Névoa de Fogo". Esta foi uma geração, produto consciente e não uma Raça. Era no princípio um Ser Maravilhoso, o Iniciador rodeado de um grupo de seres semi-divinos, os Eleitos, na gênese arcaica, os mais elevados Dhyanis, Munis e Rishis de Manvântaras anteriores, encarnaram-se para formar a sementeira de futuros Adeptos humanos no Ciclo presente. Estes "Filhos da Vontade e da Yoga", nascidos de modo imaculado, permaneceram à parte da humanidade.

O Ser Inominado ao qual nos referimos é a árvore da qual, em épocas subseqüentes, se ramificaram todos os grandes sábios e Hierofantes, historicamente conhecidos como Kapila, Hermes, Orfeu etc.

Ele possui autoridade espiritual sobre todos os Adeptos Iniciados que existem no mundo — é o Iniciador, a Grande Vítima, porque sentado nos umbrais da Luz a contempla desde o Círculo das Trevas que não quer cruzar até o final deste Ciclo de Vida. Ele se sacrificou pela humanidade, e guia os instrutores do mundo desde o despertar da consciência humana. Quando os Senhores da Sabedoria, impelidos pela Lei da evolução, infundiram no homem divino da Quinta Raça a chispa da consciência, o primeiro sentimento que despertou à vida e à atividade foi o da solidariedade e unidade com os seus Criadores espirituais. Viva e enérgica se estabeleceu no coração ário-asiático a chama da devoção. Veio à existência um veículo perfeito para a encarnação de habitantes de esferas mais elevadas, os quais desde então estabeleceram morada nestas formas nascidas da Vontade Espiritual e do Poder Natural e Divino no Homem. Era um Filho do Espírito, puro, livre, mentalmente desprendido da mescla de elementos terrestres. Era a "Árvore Viva da Sabedoria Divina". A essência de nosso Ser, o mistério que em nós se chama "Eu", é um sopro dos céus, o mais elevado dos Seres que no homem se revela. Diz Novalis: Só existe um templo no Universo — o corpo do homem. Somos o milagre dos milagres, o grande Mistério inescrutável.
Tocamos o céu quando pomos as mãos sobre um corpo humano.

Estância VII

OS PAIS DO HOMEM NA TERRA

1 — Eis aqui o princípio da Vida informe senciente.

Primeiro o Divino (veículo), o Um que procede do Espírito-Mãe (Atma); depois o Espiritual (Atma-Buddhi). Espírito-alma; (de novo) os Três que procedem do Uno, os Quatro que procedem do Um, e os Cinco, dos quais procedem os Três, os Cinco e os Sete. Estes são os Triplos e os Quádruplos descendentes; os Filhos nascidos da Mente do Primeiro Senhor (Avalokiteshwara), os Sete Resplandecentes (Construtores). Eles são tu, eu, ele, ó Lanu! os que velam sobre ti e tua mãe, Bhumi (a Terra).

2 — O Raio Único multiplica os Raios menores. A Vida precede a Forma, e a Vida sobrevive ao último Átomo (da Forma, Sthula-sarira, corpo externo). Através dos Raios inumeráveis, o Raio de Vida, o Único, se assemelha a um Fio que ensarta muitas Contas (Pérolas).

3 — Quando o único se torna Dois, aparece o Triplo (ou a Triplicidade), e os Três são (enlaçados em) Um; e este é o nosso Fio, ó Lanu, o Coração do Homem-Planta, chamado Saptaparna (Sétuplo ou Sete Folhas).

4 — Ele é a Raiz que jamais morre; a Chama de Três Línguas dos Quatro Pavios. Os Pavios são as Chispas que brotam da Chama de Três Línguas (sua Tríada Superior), lançada pelos Sete, a sua Chama; as Radiações e Chispas da Lua única refletida nas movediças Ondas de todos os Rios da Terra.

5 — A Chispa pende da Chama pelo tenuíssimo fio de Fohat. Ela viaja através dos Sete Mundos de Maia. Detém-se no Primeiro (Reino), e é um Metal e uma Pedra; passa para o Segundo (Reino), e ei-la feita uma Planta; a Planta turbilhona através de sete formas e vem a ser um Animal Sagrado (a primeira Sombra do Homem Físico). Dos atributos combinados de todos eles forma-se o Manu (o Homem), o Pensador. Quem o forma? As Sete Vidas e a Vida Única. Quem o completa? O Quíntuplo Lha (Espírito, Ser Celestial). E quem aperfeiçoou o último Corpo? Peixe, Pecado e Soma (a Lua).

6 — Do Primogênito (Primeiro ou Primitivo Homem) o Fio entre o Vigilante Silencioso e a sua Sombra (o homem mortal) se torna cada vez mais forte e radiante a cada mudança (Reencarnação). A Luz do Sol matutino se transformou na glória da Luz Meridiana.

7 — "Esta é a Tua Roda atual" — disse a Chama à Chispa. "Tu és eu mesma, minha imagem e minha sombra. Eu me revesti de ti, e tu és meu Vahan (Veículo) até o Dia "Sê Conosco", em que voltarás a ser "eu mesma e outros, tu mesma e eu". Então os Construtores, tendo vestido sua primeira Roupagem, descem à Terra irradiante e reinam sobre os Homens — que são eles mesmos.

A Hierarquia de Poderes Criadores está esotéricamente dividida em Sete (4 e 3), dentro das Doze grandes Ordens, simbolizadas nos doze Signos do Zodíaco; as Sete Ordens da escala manifestada estão, além disso, relacionadas com os Sete Planetas. Todas estas estão subdivididas em numerosos grupos de Seres Divinos espirituais, semi-espirituais e etéricos. As principais Hierarquias se acham apontadas no grande Quaternário; são as chamas divinas — os Leões do Fogo, cujo esoterismo se acha oculto no signo zodiacal de Leo.

São o nucléolo do Mundo Superior Divino. Os sopros ígneos informes.

É o Divino se submergindo no humano e criando na metade do caminho de sua descida à matéria — o Universo visível.

O Absoluto emana o Homem Celeste (1.* Causa) como seu veículo para descer e manifestar-se no mundo fenomenal — o Adão Kadmon (macho-fêmea), o Logos manifestado — O Universo objetivo.

A primeira Ordem é divina e nela ascendem os três grupos descendentes. Seu símbolo é a Estrela de seis pontas, o Microprosopus é o protótipo do homem terrestre, o aspecto menor do Homem Celestial Imanifestado. A Estrela de seis pontas simboliza as seis forças ou poderes da Natureza, os seis planos, os princípios sintetizados pelo sétimo ponto central da Estrela. Todos estes emanaram da Grande Mãe. Nesta Unidade a Luz Primordial é o 7.° e mais elevado princípio, é a Luz do Logos Imanifestado. Essa diferenciação se converte em Fohat ou os Sete Filhos.

A Primeira Hierarquia se acha simbolizada no ponto central do Triângulo duplo, a Segunda pelo hexágono mesmo ou os seis membros do Microprosopus, sendo a sétima — Malkuth, a "desposada" ou nossa Terra. "O Primogênito é a Vida, o Coração e o Pulso do Universo, o Segundo é a sua Mente ou Consciência".

A Segunda Ordem de Seres celestiais corresponde ao Espírito e Alma (Atma-Buddhi), cujo número e nomes são legião. Carecem de forma, mas são substanciais e os protótipos das Mônadas que se encarnam e estão constituídas pelo Espírito ígneo da Vida. O último Espírito emanado da Mãe aparece como a primeira forma divina e humana (varão e fêmea).

A Terceira Ordem corresponde a Âtma-Buddhi-Manas (Espírito, Alma e Inteligência), são as "Tríadas".

A Quarta Ordem é formada pelas entidades substanciais. É o grupo mais elevado entre os Rüpas (Formas atômicas). É o plantei das Almas humanas conscientes e espirituais. São as jóias imperecíveis e constituem através da Ordem inferior à sua o primeiro grupo da Primeira Hoste Setenária, o grande mistério do Ser humano consciente e intelectual.

Na Doutrina Esotérica, o físico se desenvolve, gradualmente, do espiritual, mental e psíquico. O germe intelectual na célula física, o

plasma espiritual, é a chave que abrirá um dia a porta da Terra. Enquanto a química moderna repele como superstição a teoria das substâncias invisíveis chamadas Anjos e Elementais, já conhece a progressão e dissociação dos átomos químicos.

O grupo dos Anjos Rüpa (com forma) é quaternário; acrescentando um elemento a cada um deles na ordem decrescente. Do mesmo modo são os átomos, — adotando a nomenclatura química — mono-atômicos, diatômicos, triatômicos e tetratômicos, na progressão descendente.

Eis a Lei da Analogia em ação. O Fogo, a Água, o Ar do ocultismo, são chamados elementos da criação Primaria; não são os elementos compostos que figuram na Terra, mas os elementos numenais homogêneos — os espíritos — digamos dos elementos. Segue-se a Hoste Setenária, colocada no diagrama, em linhas paralelas com os átomos e se verá que a natureza destes seres corresponde de maneira matemática à escala progressiva para baixo dos elementos compostos. Na Filosofia esotérica, cada partícula física corresponde e depende de seu númeno superior, o Ser a cuja essência pertence — e acima como abaixo, o Espiritual se desenvolve do divino, o psicomental do Espiritual (viciado no seu plano inferior pelo astral), desdobrando-se toda a natureza animada e inanimada em linhas paralelas e desenhando seus atributos tanto em cima como em baixo. O número sete aplicado à Hoste Setenária não implica apenas sete entidades, mas sete grupos ou hostes. 0 grupo mais elevado — os Asuras nascidos do primeiro corpo de Brahmâ que se converteu em noite — é setenário e dividido em sete classes, três das quais são arüpa (sem corpo) e quatro rúpa. São os nossos antepassados os Pítris que projetaram o primeiro homem físico.

A Quinta Ordem é muito misteriosa, pois se acha relacionada com o Pentágono microcósmico, a estrela de cinco pontas que representa o homem. Na Índia e no Egito antigos, os deuses desta ordem estão relacionados com o Crocodilo, e sua mansão está em Capricórnio. O décimo signo zodiacal, que é ali chamado Makara, se traduziu, livremente, por Crocodilo, Sebekh (o sétimo), mostrando que é o tipo da Inteligência, na realidade um dragão, não um crocodilo. O dragão é o símbolo da Sabedoria, o Manas, a Alma Humana, a Mente ou princípio inteligente. Diz o Livro dos Mortos: "Eu vejo as formas (Eu mesmo como vários) de homens transformando-se eternamente": O quinto grupo de Seres celestiais se supõe que contém, em si mesmo, os duplos atributos de ambos os aspectos do Universo Espiritual e físico, os dois pólos, por assim dizer, de Mahat — a Inteligência Universal e a dupla natureza do homem. Daí, o número cinco duplicado simbolizando Makara o décimo signo do Zodíaco.

A Sexta Ordem e também a Sétima participam das qualidades inferiores do Quaternário. São entidades conscientes e etéreas, tão invisíveis como o éter, que brotam como os rebentos de uma árvore

do primeiro grupo central dos Quatro e, por sua vez, fazem brotar de si inúmeros grupos secundários, dos quais os inferiores são os Espíritos da Natureza ou Elementais de espécies e variedades infinitas, desde os informes e insubstanciais (pensamentos ideais de seus criadores) até os atômicos organismos invisíveis para a humana percepção. Estes são considerados os espíritos dos átomos, pois constituem o primeiro degrau (para trás) desde o átomo físico (criaturas sencientes mas não inteligentes).

Todos eles se acham sujeitos ao Karma e têm que esgotá-lo em cada ciclo de existência. Não existem Seres privilegiados no Universo.

Quando nos referimos a um mundo superior na qualidade ou essência, não nos referimos à colocação, mas à sua qualidade e essência mesmas.

Um Dhyân-Choan tem que chegar a sê-lo, e não aparece ou nasce subitamente no plano da vida como um Anjo. A Hierarquia Celestial do Manvântara presente será transportada no ciclo seguinte de vida a Mundos superiores mais elevados, e dará lugar a uma nova Hierarquia composta dos eleitos da Humanidade presente. A existência é um ciclo interminável dentro da Eternidade Absoluta, no qual se movem inúmeros ciclos internos, finitos e condicionados. A Sexta Hierarquia permanece quase inseparável do homem que deriva dela em todos os seus princípios, exceto do mais elevado e do inferior (seu espírito e corpo), sendo os cinco princípios humanos intermédios a essência mesma dos Dhyân-Choans. Paracelso os chama — "Flagae", os cristãos os denominam — "Anjos Custódios", os ocultistas — Pítris. São os Dhyan-Choans sêxtuplos os que possuem os seis elementos espirituais, isto é — o Homem Real, sem o corpo físico. Somente o Raio Divino, o Atma, procede diretamente do Um. O segundo comentário dessa sloka expressa o conceito, puramente vedantino, de um Fio de Vida, o Sutrâtma, prosseguindo através das gerações sucessivas. Analogamente temos o desenvolvimento do corpo físico que parte da segmentação de um óvulo infinitamente pequeno e de um espermatozóide. Isto se refere à expansão atômica e física desde o microscopicamente pequeno até algo muito grande, do invisível a simples vista ao visível e objetivo. A ciência responde a isto com as teorias embriológicas e fisiológicas, bastante correta no que se refere à observação exata do material. As duas principais dificuldades da embriologia são: 1.* — as forças que agem na formação do feto; 2.* — as causas da transmissão hereditária, semelhança física, moral e mental, que ainda não foram resolvidas propriamente.

O Professor Weissman, com a sua nova teoria embriológica, faz ver uma célula infinitesimal entre milhões de outras, trabalhando para a formação de um organismo, determinando só, sem nenhum auxílio, por meio da segmentação e multiplicação constantes, a imagem correta do homem futuro com suas características físicas, mentais e psíquicas. Esta célula é a que imprime a face e a forma do novo indivíduo, o

tipo dos pais ou de algum antepassado distante, transmitindo, ainda, as idiossincrasias intelectuais e mentais de seus pais. Este plasma é a porção imortal de nosso corpo se desenvolvendo por meio de um processo de assimilação sucessiva. A teoria de Darwin não é capaz de explicar a transmissão hereditária. Como explica, a Ciência, o aparecimento desta célula eterna na embriologia humana?

0 Esoterismo explica: o plasma físico completa a célula germinal do homem com todas as suas potencialidades materiais, com o plasma espiritual ou fluido que contém os cinco princípios inferiores dos Dhyan-Choans de seis princípios e eis resolvido o problema. Exponhamos agora o símile prometido:

Quando a semente do homem animal é lançada no terreno próprio da mulher animal, não pode germinar, a menos que haja sido fortificada pelas cinco virtudes (fluido ou emanação dos princípios) do Homem Sêxtuplo Celestial. Por isso se representa o Microcosmo por um pentágono dentro do Hexágono em forma de estrela (Macrocosmo). ([B])

As funções de Jiva nesta terra são de caráter quíntuplo. No átomo mineral se acha relacionado com os princípios inferiores dos Espíritos da Terra (os Sêxtuplos Dhyânis). Na partícula vegetal com o segundo dos mesmos, o Prana, (Vida). No animal com os anteriores mais o terceiro e o quarto. No homem deve o germe receber a frutificação de todos os cinco. De outra maneira não nascerá superior a um animal (isto é, idiota de nascença).

Só no homem está o Jiva completo. Quanto ao seu sétimo princípio, é só um dos raios do Sol Universal, pois cada criatura racional recebe unicamente o empréstimo temporal daquele que tem de devolver à sua origem. Respeito ao corpo físico está formado pelas vidas terrestres mais inferiores através da evolução físico-química e fisiológica.

Os Bem-aventurados nada têm a ver com as depurações da matéria, diz a Cabala, no Livro dos Números. A humanidade na sua primeira forma prototípica e de sombra é o produto dos Elohim de Vida, ou Pítris; em seu aspecto qualitativo e físico é a produção direta dos antepassados, os Dhyânis inferiores ou Espíritos da Terra, enquanto que a sua natureza moral, psíquica e espiritual devem-na a um grupo de Seres Divinos cujos nomes e qualidades se darão noutro capítulo.

Coletivamente, são os homens a obra numenal de Hostes Espirituais várias. Distributivamente, são os tabernáculos destas Hostes e, em ocasiões e individualmente, os veículos de alguns deles. Em nossa Quinta Raça completamente materializada, o espírito terreno da Quarta Raça é, ainda, forte em nós. Estamos próximos ao ponto em que o pêndulo da evolução dirigirá sua propensão para cima, conduzindo a humanidade ao nível espiritual da Terceira Raça-Raiz primitiva.

(5) Embriologia Oculta, livro I.

Em sua infância a Humanidade estava constituída por aquela hoste angélica; os espíritos que residiam e animavam os monstruosos e gigantescos tabernáculos de barro da Quarta Raça, construídos por milhares e incontáveis vidas, como o são agora nossos corpos.

Os tabernáculos se desenvolveram e melhoraram a forma como o globo que os leva, graças ao Homem Interno colaborando com a Natureza. Os três Princípios médios do Homem e da Terra se fizeram mais materiais em cada Raça, retrocedendo a Alma para dar lugar à Inteligência física, convertendo a essência dos elementos nos conhecidos elementos materiais compostos.

Os primeiros Dhyanis comissionados para criar o homem à sua imagem podiam apenas projetar suas sombras como um molde delicado sobre o qual pudessem trabalhar os Espíritos naturais da Matéria. É verdade que o homem também foi criado do pó da Terra, mas seus criadores foram muitos. Os sete Raios de Heptakis, o "Iao" caldeu, nas pedras gnósticas, indicam o mesmo Setenário. A Terra dá ao homem seu corpo físico, os Dhyanis seus cinco princípios internos. O Espírito, Atma, é um só e indistinto.

Na Quarta Ronda, ou melhor, na metade da Quarta Ronda, a evolução alcança o auge de seu desenvolvimento físico coroando sua obra com o surgimento do Homem perfeito. Deste ponto em diante, começa a sua volta para o Espírito. Em seu caminho ascendente a evolução espiritualiza tudo, nivelando-a com o plano do lado oposto, de modo que ao chegar ao Sétimo globo, em qualquer Ronda, a natureza volve à condição em que se achava em seu ponto de partida, acrescida de mais um grau de consciência.

Uma entidade invisível pode estar corporalmente presente na Terra sem abandonar o seu estado e funções nas regiões supra-sensíveis. A Alma pode morrer, enquanto o homem físico pode continuar vivo na Terra. Os grandes santos também podem abandonar o seu corpo físico, enquanto suas Almas vivem nos mundos etéreos, e seus corpos permanecem vivos e em êxtase.

Fim do volume I

Capítulo II
(Segundo Volume)
A EVOLUÇÃO DO SIMBOLISMO.

SIMBOLISMO E IDEOGRAFIA

Helena P. Blavatsky alude ao estudo do significado oculto das lendas religiosas e profanas de vários países, principalmente do Oriente, ao qual dedicou grande parte de sua vida. Afirma a sua crença na subjacência histórica de uma verdade nas lendas populares. Cita Mr. Gerald Massey, que diz ser a mitologia um modo primitivo de objetivar o pensamento fundando-se em fatos naturais; é o depósito mais antigo da ciência humana. Suas fábulas eram meios de comunicar fatos. Em sua conferência Mr. Massey se refere ao mito egípcio do gato "quando os egípcios representavam a Lua como um gato, não viam nisso nenhuma semelhança do astro com o animal; simplesmente tinham observado que o gato via na obscuridade, e seus olhos cresciam e se tornavam mais luminosos durante a noite.

A Lua era a vidente nos céus e o gato o seu equivalente na Terra, daí o gato se tornar o seu símbolo (da Lua). O nome de gato é mau em egípcio, que significa ver, vidente. A Lua como gato era o olho do Sol, porque refletia a luz solar e porque o olho reflete a imagem em seu espelho. Esta é uma exposição correta do mito lunar sob o aspecto astronômico. A Lua está intimamente relacionada com a Terra e todos os seus mistérios, como Vênus-Lúcifer, irmão oculto e "Alter-Ego" da Terra. A simbologia deve ser estudada em cada um de seus aspectos, pois cada povo tem seu método particular de expressão. Cada símbolo é um diamante de muitas facetas, cada uma das quais encerra várias interpretações e se relaciona com várias crenças. Diz Mr. Mackenzie na Royal Masonic Cyclopedia: "há grande diferença entre emblema e símbolo. O primeiro compreende uma série de pensamentos e o último encerra uma só idéia especial." Daí que os símbolos lunares e solares de vários países, compreendendo cada um uma idéia ou série de idéias especiais, formam coletivamente um emblema esotérico. Emblema é, pois, uma pintura, ou sinal concreto visível que representa

princípios, ou uma série destes, compreensível para aqueles que receberam certas instruções (Iniciados).

Digamos que é uma série de pinturas gráficas consideradas alegóricamente. Assim os Puranas, o Antigo e Novo Testamento, a Bíblia, são emblemas escritos. Uma parábola é um símbolo falado, representando, alegóricamente, as realidades da vida. A história religiosa e esotérica de todas as nações mergulha nos símbolos e se revela pela expressão pictórica das alegorias e parábolas. A palavra falada tem uma potência desconhecida que nem sequer se suspeita. 0 som e o ritmo estão estreitamente relacionados aos quatro elementos dos antigos, e toda a vibração no ar desperta os poderes correspondentes, e a união com eles produz resultados bons ou maus, segundo o caso. Os acontecimentos históricos e religiosos eram narrados durante a Iniciação, e os estudantes registravam-nos com os símbolos correspondentes, tirados de sua mente e examinados pelos Mestres antes de serem definitivamente adotados. Assim se criou o alfabeto chinês e os símbolos hieráticos do antigo Egito. Os caracteres chineses podem ser lidos em qualquer língua, porque suas palavras têm um símbolo correspondente em forma pictórica. Ralston Skinner, que escreveu a Chave do Mistério Hebreu-Egípcio na Origem das Medidas, afirma ter descoberto que a razão geométrica era a origem muito antiga e, provavelmente, divina das medidas lineares e que houve uma linguagem simbólica de uso universal no mundo, em época mui remota, um perfeito sistema de ciência que fora comunicado somente aos Iniciados, pela primeira humanidade e vinda de outras esferas.

A Linguagem dos Mistérios e sua Chave

Descobertas recentes provam, sem dúvida, que todas as teologias, desde as mais antigas às mais recentes, surgiram de origem comum de crenças abstratas ou de uma linguagem esotérica universal, a dos Mistérios. O grande sistema arcaico — a ciência sagrada da Sabedoria, que se encontra em todas as Religiões antigas, como nas modernas, tinham e têm a sua linguagem universal, a língua dos Hierofantes, a qual possui sete dialetos referentes aos sete mistérios da Natureza, e poderia ser lida em sua plenitude ou sob um de seus aspectos. Essa língua universal, conhecida em todas as nações, mas de uso exclusivo dos Iniciados, tinha as suas chaves. Afirma-se que Adeptos da Índia possuem o conhecimento de sete sub-sistemas e a chave do sistema completo. No Livro dos Mortos, em seus rituais e dogmas citados por Maspero, lemos: "Osíris dizendo que é Tum (a Força criadora da Natureza), filho de Num (Deidade primordial, equivalente ao Caos ou Oceano, impregnado pelo Espírito Invisível); Osíris encontrou Shu (força solar) na escada da cidade dos Oito (quatro quadrados do bem e quatro do mal) e aniquilou os princípios maus de Num — os filhos da Revolta. Osíris é o Fogo e a Água e cria deuses de seus membros

(em número de 14, sete escuros e sete luminosos) equivalentes aos Sete Espíritos da Presença e aos Sete Gênios do Mal.

Osíris é a Lei da existência e do Ser, a Fênix da ressurreição na Eternidade (Reencarnação). Ele fala dos Sete Luminosos que seguem aquele que confere a Justiça no Amenti. "Isto serviu de fonte e origem aos dogmas cristãos." John Packer descobriu que o valor de *pi* = 6561 a 20612 serviu de base para cálculos astronômicos e que um sistema de ciência exata, geométrica, numérica e astronômica, fundado nestas relações, foi usado na construção da Grande Pirâmide egípcia, e era em parte o conteúdo desta linguagem que se acha oculto no texto hebreu da Bíblia. A polegada e a régua de dois pés (24 polegadas), interpretada para o uso dos elementos do círculo, estava na base deste sistema.

Só o ocultismo oriental possui o segredo desta linguagem com as suas Sete Chaves. Os símbolos datam de épocas mui remotas. O mito de Moisés salvo das águas pela filha do Faraó, por exemplo, foi herdado dos Assírios e enxertado por Esdras no Pentateuco, como original. O Sr. George Smith, no seu livro Antigüidades Assírias, diz que, no palácio de Senacherib, encontrou um fragmento da história de Sargão (o Moisés babilônico). Era a grande cidade de Accad ou Agadé (mencionada no Gênese como a capital de Ninrod), situada perto de Sippara no Eufrates (coincidência, a mulher de Moisés chamava-se Séppora). A lenda é a mesma relatada por Esdras sobre Moisés.

Esses fatos aconteceram, no entanto, 2.000 anos antes de Moisés. Isto também significa que o Êxodo não foi escrito por Moisés, mas reconstituído por Esdras com antigos materiais que lhe chegaram às mãos.

Encontramos números e figuras geométricas, usados como expressão em todas as Escrituras simbólicas arcaicas.

Cada Cosmogonia começou com um círculo, um ponto, um triângulo, um quadrado até o número nove e a Década Pitagórica mística, a soma do todo que abarcava os mistérios do Cosmos.

São encontrados nas cavernas e nos templos abertos, nas rochas do Industão e da Ásia Central, nas Pirâmides e monólitos do Egito e da América, nas ruínas de Palenque e na Ilha de Páscoa.

Lê-se na Origem das Medidas: "O cubo desdobrado é uma cruz ou Tau; um círculo unido a esta forma a Cruz Ansata. Os 3 + 4 = 7 (dias no círculo da semana), como as sete luzes do Sol. A Ilha de Páscoa, no meio do Pacífico, resto de um continente submerso, possui gigantescas estátuas, vestígios de uma civilização ciclópica e inteligente. Nas costas destas estátuas estão gravadas cruzes ansatas. Entre os Aztecas há uma relação muito perfeita do dilúvio, e as suas pirâmides correspondem às pirâmides do Egito.

A pirâmide de Papantla contém sete degraus e é pontiaguda, construída com pedras talhadas de grande tamanho e forma preciosa. Três escadas conduzem ao alto, e 318 nichos ornam as escadas (318 é o

valor gnóstico de Cristo); é o valor abstrato e universal do diâmetro tomando a circunferência como unidade. As raças pré-adâmicas (Atlantes e antes destes os hermafroditas) se encontram mencionadas na Bíblia assim como na Doutrina Secreta.

As Sete Chaves descobrem os mistérios passados e futuros das sete grandes Raças-Raízes e dos sete Kalpas, e os cientistas escolherão entre a versão do aparecimento de Adão há 6.000 anos, desde a criação, ou optarão pelas ciências arcaicas com suas raças desaparecidas, de cores negra e amarela, como já descobriram os geólogos.

A Substância Primordial e o Pensamento Divino

O Éter, esse Proteu hipotético, é um dos princípios inferiores da Substância Primordial (Akasha), que se converteu, agora, no sonho da Ciência. Para os ocultistas, tanto o Éter como a Substância Primordial são realidades.

O Éter é a mesma Luz Astral e a Substância Primordial é o Akasha, base do Pensamento Divino ou Ideação Cósmica, ou Espírito. Estes são o Alfa e o Omega do Ser, as duas facetas da Existência Absoluta. A evolução da idéia de Deus corre junto com a própria evolução intelectual do homem. Os filósofos tinham de ser iniciados nos mistérios, antes de assimilar a idéia correta dos antigos em relação ao assunto. Desde o começo da Quarta Raça (quando só se cultuava o Espírito e os Mistérios estavam manifestados), até os gloriosos dias da Grécia, na aurora do Cristianismo, só os helenos se atreveram a levantar um altar ao "Deus Desconhecido", Aquele que não mora nos templos construídos pelas mãos, no dizer de São Paulo.

O Pensamento Divino não pode ser definido nem explicado.

Nas primitivas cartas simbólicas está representado por uma obscuridade sem limites, no meio da qual está um ponto branco, simbolizando o Espírito-Matéria, coevo e coeterno, aparecendo no mundo fenomenal antes de sua primeira diferenciação. Quando o Um se converte em Dois, pode então chamar-se Espírito-Matéria. Espírito é a manifestação da consciência refletida, Matéria é o objetivo em sua mais pura abstração, a base existente por si mesma, cujas diferenciações setenárias constituem a realidade objetiva, base dos fenômenos de cada fase da existência consciente. O impulso manvantárico principia com o despertar da Mente Universal (Ideação cósmica).

A Sabedoria Absoluta reflete sobre a Mente, e converte-se em Energia Cósmica — (Fohat). Vibrando no seio da Substância inerte, Fohat a impele à atividade e guia as suas diferenciações nos sete planos da consciência cósmica.

Há na Natureza sete Protilos ou bases relativamente homogêneas, que se diferenciam nos fenômenos complexos que se apresentam à percepção.

O nome — Protilo — se deve ao eminente químico M. Crookes, que assim chamou à pré-matéria. A agregação incipiente da matéria primordial em átomos e moléculas só começa depois da evolução dos sete Protilos.

Por meio de uma agregação molecular é que surge o Espírito, como uma corrente de subjetividade individual ou subconsciente. Matéria é o agregado de objetos de possível percepção, e a palavra Substância se aplica aos números, já que os fenômenos de nosso plano são a criação do Ego, que percebe as modificações de sua própria subjetividade. A cooperação do sujeito e do objeto resultam no fenômeno. Conclui-se que suceda o mesmo em todos os planos, resultando um agregado setenário de fenômenos que são, igualmente, não existentes per se, ainda que sejam realidades concretas para as Entidades de cuja experiência formam parte. Do ponto de vista da metafísica mais elevada, todo o Universo, inclusive os deuses, é uma Ilusão {Maia).

A Ideação Cósmica, enfocada em um princípio (base), resulta como consciência do Ego individual. Sua manifestação varia segundo o grau da base.

Por exemplo: por meio de Manas (Mente) surge a consciência mental; por meio de Buddhi (sexto princípio), uma corrente de Intuição Espiritual.

Enquanto dura o contraste do Sujeito e Objeto, isto é, enquanto desfrutamos, apenas, de nossos cinco sentidos, e não sabemos como divorciar deles o nosso Ego, que é todo percepção, será impossível ao Eu pessoal romper a barreira que o separa do conhecimento das coisas em si mesmas, ou seja, da Substância. Aquele Ego, progredindo num arco de subjetividade ascendente, tem que esgotar as experiências de todos os planos. Porém, até que a Unidade mergulhe no Todo, neste ou em qualquer outro plano, ou que tanto o sujeito como o objeto se desvaneçam na negação absoluta do estado nirvânico, não se chega a alcançar aquele pináculo de Onisciência — o conhecimento das coisas em si mesmas, aproximar-se à solução do enigma mais importante — o inexprimível mistério de Parabrahman.

A Substância Primordial é o todo da Natureza manifestada, e nada, para os nossos sentidos. Tocamo-lo e não o sentimos, olhamo-lo e não o vemos, respiramo-lo e não o percebemos, pois está em cada molécula da Matéria em qualquer de seus estados; é a base ou veículo de todos os fenômenos possíveis, quer sejam físicos, mentais ou psíquicos. É chamado o Caos, a Face das Águas incubadas pelo Espírito-Inteligência — Mahat — associado à Ignorância (Ishwara como Deidade pessoal) acompanhado do seu poder projetivo, no qual predomina a sensibilidade. Deste procede o Éter, que gera o Ar, e do Ar procede o calor, e do calor a água, e a água gera a terra com tudo que há nela.

Deste mesmo Eu foi produzido o Éter, dizem os Vedas; evidente que não é este Éter o princípio elevado, a entidade deifica à qual rendiam culto os gregos e latinos sob o nome de "Pater Omnipotens

Aether" em seus agregados coletivos. A Igreja fez do Éter a morada de suas legiões satânicas. A Luz Astral, ou Éter inferior, está cheia de entidades conscientes, semiconscientes e inconscientes. A diferença estabelecida entre os sete estados do Éter, que é um dos Sete Princípios Cósmicos, e o Éter dos antigos, é que este é o Fogo Universal.

Anaxágoras de Clasomenes acreditava que os protótipos espirituais de todas as coisas, como os seus elementos, se encontravam no Éter sem limites, onde eram gerados, evoluíam e a ele voltavam (doutrina oculta).

Entre os filósofos hindus, os elementos são tamas, isto é, "não iluminados pela inteligência", à qual obscurecem. O *Æter*, com todas as suas propriedades misteriosas e ocultas, contendo em si os germes da criação universal, é a Virgem Celestial, Mãe de todas as formas e seres existentes. Brahmâ é o círculo com um diâmetro vertical, ou 10, a década. Ele criou a Mente, que é e não é, e da Mente, o Egoísmo (a consciência própria), o dono e o senhor.

A mente brota da Consciência Universal; é dual, pois serve para os sentidos e para a ação, estando a fim com Âtma-Buddhi e com os quatro princípios inferiores. Manas segue Âtma-Buddhi ao Devacham e o Manas inferior permanece com o Kama Rupa no Limbo ou Kama Loka (mansão dos cascarões).

Âtma, o sétimo princípio, é a síntese dos outros seis; depois de penetrar as partes sutis dos outros seis pelos elementos do Eu, criou todos os seres. Este Universo não-eterno nasce do Eterno, por meio dos elementos sutis dos sete gloriosíssimos Princípios. Brahmâ criador, como todos os Protólogos, é masculino-feminino.

São estes deuses populares a verdadeira Deidade? Impossível: cada um e todos são degraus da escala setenária da Consciência Divina.

No Gênese, Deus ordena a outro Deus que obedeça as suas ordens. No princípio Deus fez o céu e a terra, e esta estava vazia e sem forma.

Primeiro é o Caos com as trevas sobre a sua face. E o Espírito de Deus se movia sobre a face das águas, o Grande Oceano do Espaço Infinito.

E Deus disse: "Faça-se o firmamento" e Deus (o segundo), obedeceu e fez o firmamento. E Deus disse: "Faça-se a Luz" e houve luz. Esta significa Adão Kadmon, o Andrógino (Luz Espiritual), pois os Dois são Um, ou os Anjos secundários, segundo o Livro dos Números, sendo os primeiros os Elohim, que são o agregado daquele Deus formador. Quem ordena é a Lei Eterna e quem obedece — os Elohim. Tanto faz chamar as Forças de Alfenins ou Dhyan-Choans. Da Luz Una Universal procede, periodicamente, a Energia, a qual se reflete no Caos (depósito dos mundos futuros), despertando-o e agitando-o, frutificando, assim, as forças latentes que são suas eternas potencialidades, e um novo Universo surge à existência.

O Caos é a Deidade que penetra todo o Espaço e todas as coisas; é o Espírito invisível e imponderável, o fluido magnético, a eletricidade

vital, a Vida mesmo. É a tocha acesa de Apoio, a chama do altar de Pan, o Fogo inextinguível da Acrópolis e do altar de Vesta, as Línguas de Fogo do Pentecostes, a sarça ardente de Moisés, o pilar de Fogo do Êxodo; é a Luz Astral de Elifas Levi e o Od de Reinchembach. É tudo isto e muito mais, dizemos nós.

CAOS, THEOS, KOSMOS

Um cabalista assim definiu o Espaço: "É o que tudo contém sem ser contido, é a primeira corporabilidade da Unidade simples, a extensão sem limites, o desconhecido continente de tudo, a Causa primeira desconhecida.

É o corpo do Universo com os seus sete princípios, sendo cada um deles setenário; só manifestam em nosso mundo fenomenal a estrutura mais densa de suas subdivisões. Jamais alguém viu os elementos em sua plenitude, ensina a Doutrina. O Caos era chamado pelos gregos — "sem sentido" — porque continha em si mesmo todos os elementos em seu estado rudimentar indiferenciado. Faziam do Éter o quinto elemento, a síntese dos outros quatro.

O Éter dos gregos é o Akasha dos Indos, enquanto o éter da Física é uma de suas divisões em nosso plano: a Luz Astral dos Cabalistas com todos os seus efeitos bons e maus. As doutrinas cosmogônicas árias, herméticas, órficas, pitagóricas como as de Sanchoniaton e Beròso, estão baseadas numa fórmula irrefutável, a saber: que o Éter e o Caos (mente e matéria) foram os dois princípios primitivos e eternos do Universo, independentes por completo de tudo o mais.

0 primeiro foi o princípio intelectual que tudo vivifica e o Caos um princípio fluído, informe, "Sem sentido", e da união dos dois surgiu à existência, o Universo, a primeira Deidade Andrógina, convertendo-se a Matéria caótica em seu corpo e o Éter em sua Alma. Segundo um fragmento de Mermeias: "o Caos, obtendo o sentido dessa união com o Espírito, resplandeceu de prazer e assim foi produzida a Luz, o Protógonos ou Primogênito.

Esta é a Trindade universal, baseada nos conceitos metafísicos dos antigos. Este Primogênito era o agregado das Hostes dos Construtores. Na mitologia egípcia, Knef, o Deus Eterno, não-revelado, é representado por uma Serpente, emblema da eternidade, cercando uma vasilha d'água, com a cabeça suspensa sobre a água que incuba com seu alento. É o Agathodaimon, o bom Espírito. No seu aspecto oposto é o Kako-daimon ou Mau Espírito.

Tales de Mileto sustentava que a Água era o grande princípio de todas as coisas. Só na cosmogonia da Quinta Raça se usa o inefável e impronunciável Nome, símbolo da deidade desconhecida, que só se empregava nos Mistérios em relação com a criação do Universo.

No Rig Veda, não é Brahmâ quem cria, mas os Prajâpatis, os senhores do "SER". A palavra Deus no singular que abarca todos os

deuses, ou "Theoi", tem uma origem estranha. Para os latinos ela vem do Dyaus ário, o Dia, para os eslavos, do Baco grego — Bagh-bog e para os saxões diretamente do Yod ou Jod hebreu. Daí o Godh saxão e o Gott alemão e o God inglês. Este termo simbólico representa o Criador da Humanidade física no plano terrestre, porém nada tem a ver com a criação do Espírito dos deuses ou do Cosmos. Caos-Theos-Cosmos, a tríplice deidade é tudo no todo, portanto masculino-feminino, bom e mau, positivo e negativo etc.

Só pode ser conhecido em suas funções ativas, por conseguinte como Matéria-Força e Espírito Vivente, expressão no plano visível, da Unidade para sempre desconhecida.

Diz o Puranas: "por meio da potência da Causa Única, todas as coisas criadas chegam a manifestar-se por sua própria natureza.

Na índia, a deidade criadora é um Proteu, com 1008 nomes e aspectos diferentes. O mesmo difícil problema do Um nos muitos, e da multidão em Um, se encontra em todos os Pantheons da antigüidade.

A Igreja Católica sabia que Jeová não era mais que uma Potência de terceira ordem e não um Deus Superior. Valentino, o "doutor" mais profundamente versado na Gnósis, sustentava que havia um "Aion" perfeito que existiu antes de Bythos (Natureza, Caos) e se chamava Propator. Este "Aion" é que surge como um Raio do Absoluto o qual não cria, e é por meio deste Aion que tudo é criado e evolui. A Deidade não é Deus; o mais elevado Deus que conhecemos é o imanifestado Logos. O Infinito, imutável, e Ilimitado Absoluto não pode querer, pensar ou atuar; para fazer isto tem que se converter em finito e o faz, por meio de seu Raio, penetrando o Espaço e emanando d'Ele como um Deus Finito. Por meio de uma palpitação constante o mundo foi gerado. O Ovo é o símbolo sagrado da cosmogonia de todos os povos da Terra, porque representava melhor a origem e o segredo do Ser, o desenvolvimento gradual do germe imperceptível, encerrado na casca, o trabalho interno, sem intervenção externa que, de um nada latente, produzia um algo ativo, usando apenas o calor e rompendo a casca para aparecer aos sentidos externos como um Ser por si mesmo criado. Isto foi sempre um milagre permanente. Brahmâ é chamado Kalahansa, "o Cisne no espaço e no tempo", e põe um Ovo de ouro (símbolo do Universo) no princípio de cada Idade. A segunda razão desse símbolo é a sua forma. A figura oviforme de nosso globo devia ser conhecida desde o princípio da simbologia, posto que foi adotada universalmente entre os gregos, sírios, persas, egípcios etc. O 10, como número sagrado do Universo, era secreto e esotérico, tanto como unidade quanto como um círculo. O um representa o masculino e o zero o feminino; o 10 é o símbolo do andrógino. O número dez representa também o conjunto de forças, metade positivas e metade negativas necessárias ao desenvolvimento do Universo em sua interação, bem e mal, Anjos e Demônios, atração e repulsão, sem os quais não haveria existência, fruto que é do choque entre forças contrárias.

A Doutrina Secreta afirma que o sistema decimal foi usado pela humanidade arcaica, desde que toda a parte astronômica e geométrica da língua sacerdotal estava baseada no número 10, ou combinação dos princípios masculino e feminino. A pirâmide está construída sobre medidas desta notação decimal, isto é, o dígito e suas combinações com o zero. O ovo era o símbolo da Vida e da eternidade e o signo da matriz geradora. Osíris nasceu de um ovo como Brahmâ. Os chineses crêem que o primeiro homem nasceu de um ovo, que Tieu deixou cair do céu sobre as águas da Terra.

OS DIAS E NOITES DE BRAHMÂ

Este é o nome dado aos períodos de tempo chamados Manvântaras ("entre Manus") e Pralayas (dissolução) aos períodos de atividade e descanso do Universo. Estes períodos que se sucedem são os grandes e pequenos Kalpas.

Sobre o Pralaya, antes do qual transcorrem 14 Manvântaras, presididos por outros tantos Manus e em cuja conclusão ocorre a Dissolução, — diz o Vishnu Purana: "No fim de mil períodos de quatro idades, que completam um dia de Brahmâ, a Terra está quase exausta; então Vishnu assume o caráter de Destrutor (Shiva) e volta a reunir todas as criaturas em si mesmo. Entra nos Sete Raios do Sol e absorve todas as águas do globo, faz evaporar a umidade, secando toda a Terra. Alimentados com esta umidade, os Sete Raios solares se convertem em sete sóis por dilatação e, finalmente, põem fogo no mundo. Hari, o destrutor de todas as coisas, consome por último a Terra. Há muitas classes de Pralaya, entre os quais se destacam quatro:

1 — Naimittika: intervalo entre os dias de Brahmâ. É a destruição das criaturas, de tudo o que vive e tem forma, porém não da substância que permanece em statu quo até a nova aurora.

2 — Prakritika: no fim da Idade ou vida de Brahmâ, quando tudo o que existe se resolve no elemento primário para ser modelado de novo no final da Longa Noite.

3 i— Atyantika: não concerne aos mundos nem aos universos, mas só a certas classes de individualidades (Pralaya individual ou nirvânico), uma vez alcançado o qual já não há mais existência futura possível, nenhum renascimento até depois do Maha Pralaya.

4 — Nitya: dissolução constante, mudança imperceptível em todas as coisas deste Universo desde o globo até o átomo (vida e morte).

Quando o Maha Pralaya chega, os habitantes das esferas superiores buscam refugio nos Pítris seus progenitores, os Manus, Rishis, e Espíritos Celestiais. Então todos os Seres jazem em suas formas sutis, destinadas a voltar a tomar corpo em estados semelhantes aos anteriores, quando se renova o mundo no primeiro Kalpa seguinte.

O Grande Pralaya ou final é a morte do Cosmos, onde tudo é reabsorvido em seu elemento original Único. Até os deuses desaparecem nesta longa noite. Todos os demais Pralayas são periódicos e seguem os Manvântaras em sucessão regular como a noite segue o dia. A Terra e Mahat são os limites interiores e exteriores do Universo. Desta maneira, como no princípio foram contadas as sete formas da Natureza desde Mahat à Terra, assim estas sete entrarão, sucessivamente, uma na outra. A água é bebida pelo Fogo, este é absorvido pelo Ar, o Ar se mistura com o Éter (Akasha), o elemento primário devora o Éter e é destruído por Mahat, a Mente Universal, a qual é arrebatada por Prakriti (a Natureza) e desaparece.

A Natureza e o Espírito se resolvem, finalmente, no Espírito Supremo.

O Ciclo da criação do Cosmos se esgota, pois a Energia da Palavra Manifestada tem seu crescimento, sua culminação e descida como todas as coisas temporais, por maior que seja a sua duração. A força criadora é eterna como númeno, como manifestação fenomenal tem seus aspectos, princípio e fim. Os seis, cuja essência é o sétimo, são a base ou fundamento sobre o qual está construído o Universo objetivo; os númenos de todas as coisas são, portanto, as Forças da Natureza e os sete Espíritos da Presença, o sexto e o sétimo princípios no homem, as esferas da Cadeia Planetária.

Os reis de Edom simbolizam as Raças pré-adâmicas das primeiras Rondas, e que existiram antes da Terceira Raça-Raiz separada. Como eram como espectros, sem razão, pois ainda não tinham comido o fruto da árvore do Conhecimento, não podiam ver a Face (inconsciência). Por isso, os Sete Reis Primordiais morreram.

O Lótus Como Símbolo Universal

Não há nenhum símbolo que não tenha um profundo significado na Filosofia. Tal é o Lótus, a flor consagrada à Natureza e a seus deuses, que representa o Universo abstrato e concreto e é o emblema dos poderes produtivos da natureza espiritual e física. É sagrado desde a mais remota antigüidade, entre os indo-ários, egípcios e budistas. Reverenciado na China e no Japão, adotado como emblema cristão pela igreja grega e latina, que o substituiu mais tarde pelo lírio. 0 Anjo Gabriel, quando saúda Maria na cena da anunciação, traz numa das mãos uma haste de Lótus, o símbolo da geração e criação, que vinha anunciar.

No Egito, o Lótus era o emblema do poder gerador da Natureza por meio do Espírito. Sir William Jones explica como as sementes do lótus contêm, antes de germinar, folhas perfeitamente formadas, a miniatura do que será, um dia, como planta perfeita. No Índia, vemos o lótus brotando do umbigo de Vishnu, simbolizando o Universo que se desenvolve do Sol central ou Ponto, o germe sempre oculto. Este é o significado ideal e cósmico dos povos orientais. 0 recém-nascido é

um milagre constante, um testemunho de um poder inteligente criador, para unir uma alma vivente a um mecanismo físico. A maravilha do fato dá um caráter de santidade sagrada a tudo que se relaciona com os órgãos da reprodução, como morada da intervenção construtora da Deidade. É o Santo Sanctorum, o templo verdadeiro do Deus Vivo. Entre os brâmanes, é um dever religioso ter um filho; depois de cumprir esta missão de criador humano, retira-se o homem à vida religiosa para meditar e realizar-se espiritualmente. Os semitas inventaram uma tentação da carne no jardim do Éden, apresentando o seu Deus — esotéricamente, o tentador e Regente da Natureza, maldizendo, para sempre, um ato que estava dentro do programa lógico da Natureza.

0 Lótus e a Água são símbolos muito antigos e de origem puramente ária. A letra M é o símbolo da água — o grande mar — eqüivale ao número cinco, ou pentágono, signo sagrado, monograma divino.

Maytréia é o nome sagrado do quinto Buda, Aquele que virá como Messias na culminação do Grande Ciclo. "M" é a letra de Maia a Mãe, Mut no Egito, Minerva na Grécia, e Maria, a mãe do Logos cristão.

A mais antiga Deidade egípcia é representada pela deusa Hiquit, de natureza anfíbia — como uma rã repousando sobre um lótus.

Hoje se vê no Museu de Bulaque, no Cairo, as antigas lâmpadas dos primitivos egípcios, com a forma de uma rã encerrada numa flor de lótus, tendo uma inscrição: "Eu sou a ressurreição". A imagem desta Deusa era encontrada junto às múmias, como amuleto.

A LUA: DEUS LUNUS; PHOEBE

A Lua é o símbolo arcaico mais poético e filosófico que se conhece, e está em íntimas relações com a Terra. O Sol é a fonte de Vida de todo o Sistema Planetário, a Lua é o dispensador de Vida em nosso globo. As primeiras Raças sabiam e compreendiam isto desde a sua infância. Era o rei Soma, antes de se transformar em Febo e a casta Diana. A Lua era o símbolo de Jeová, o que dispõe da existência em nosso mundo.

Se Ártemis foi a Lua no céu, Diana o foi na Terra. É o protótipo de nossa Trindade, que não foi sempre completamente masculina.

Segundo a Doutrina Secreta, os cultos solar e lunar são os mais antigos do mundo, e prevalecem ainda sobre a Terra, para uns abertamente, para outros de modo secreto, como no cristianismo simbólico. Os Parses adoradores do Sol são poucos, mas o culto lunar está dentro dos símbolos judaicos posto que Jeová é um deus lunar. Cristo é um deus solar.

Entre os caldeus, o deus babilônico Sin, chamado também deus Lunus pelos gregos, era adorado, secretamente, sob diferentes nomes masculinos e femininos. (*)

(1) H. P. B. faz uma longa dissertação sobre o uso fálico do emblema lunar entre os judeus, que julgo desnecessário reproduzir.

Entre os judeus, o sétimo dia da semana é consagrado à Lua, sim bolo de Jeová, o sábado. Os antecessores dos misteriosos acadianos, os chandravanshas, reis lunares que a tradição mostra reinando em Pralaya, (Allahabad), idades antes de nossa era, chegaram à Índia trazendo o culto de seus antepassados, o de Soma e seu filho Buda, que mais tarde foi o mesmo dos caldeus. Diz Massey: "0 homem na lua (Osíris-Sut, Jeová-Satã, Cristo-Judas, e outros gêmeos lunares), é acusado com freqüência, de má conduta. Nos fenômenos lunares a Lua era uma; como Lua de duplo sexo e caráter tríplice (mãe, filho e varão) era adulto. O filho da Lua foi o marido da própria mãe, sendo, por conseguinte, seu próprio pai. O homem primitivo da Lua foi suprimido pelo repúdio a este parentesco e, no entanto, se converteu na doutrina fundamental da superstição mais grosseira que se viu no mundo, como base da Trindade na Unidade dos cristãos.

Por causa da ignorância do simbolismo, a simples representação do tempo arcaico se converteu no mistério religioso mais profundo do moderno culto lunar.

O magnetismo lunar gera Vida, conservando-a e destruindo-a, tanto psíquica como fisicamente. Considerada astronomicamente, é um dos sete planetas do mundo antigo; na teogonia é um dos Regentes. Nenhum símbolo foi mais complexo em seus múltiplos que o símbolo lunar.

Seu sexo era duplo; para uns era varão como o Soma indo e o Sin caldeu; para outras nações era fêmea, a deusa Diana, Slythyía, Lucina, Ártemis etc. Os cretenses chamavam-na Ditina e os medos e persas Anaítis. Hecate-Lua, ciumenta, ávida, vingativa e exigente, é o duplo do deus ciumento dos profetas judeus. Todo o panteão dos deuses lunares Neftys ou Neíth, Proserpina, Melita, Cibele, Isis, Astarté, Vênus, Hecate, Apoio, Dionísio, Adônis, Baco, Osíris, Actys, Thamuz etc., mostram em seus títulos, filhos e esposos de suas mães, sua identidade com a trindade cristã. Maia, Maria, Mâyâ, é um nome genérico, significando Mãe (da raiz Ma = matriz). Sua primitiva origem, no entanto, era Mâyâ-Dürgâ traduzido pelos orientalistas como "inacessível", no sentido de ilusão sem realidade, causas dos encantos. Nos ritos religiosos, a Lua servia para um duplo objeto; significava uma deusa feminina para fins exotéricos, ou um deus varão nas alegorias e símbolos. O deus Lunus era uma potência oculta da Lua; mais um signo do Mal que do Bem. No culto mais antigo de todos, no da Terceira Raça de nossa Ronda, os Hermafroditas, a Lua (macho) se fez sagrada quando, depois da queda, os sexos se separaram. O Deus Lunus se transformou em andrógino, macho e fêmea por turno, até que serviu para fins de bruxaria, como poder dual para a Quarta Raça, a dos Atlantes. Na Quinta Raça o culto solar-lunar dividiu as nações em dois campos distintos e antagônicos, e produziu os sucessos descritos mais tarde, na guerra do Mahabharata, a luta entre os Suryavanshas e os Indovanshas, que os europeus consideram fabulosa, e é histórica para

os ocultistas e os hindus. O culto aos princípios macho e fêmea se originou no aspecto duplo da Lua e terminou nos cultos distintos do Sol e da Lua.

Os antigos ensinavam a autogeração dos deuses. A Essência Divina Una manifestada, concebendo, eternamente, um segundo Eu manifestado, o qual, andrógino em sua natureza, gera de modo imaculado a todo o macrocosmo e microcosmo deste Universo. A mãe Natureza, sempre jovem, gera e dá à luz seu filho nascido da Mente, o Universo, o Sol e a Lua, como deidades masculino-feminina, frutificam a terra, a mãe microcósmica e esta concebe e dá à luz por sua vez. Certamente Isis era uma demiurga visível e invisível ao mesmo tempo, que tinha o seu lugar no céu e ajudava a geração das espécies. Os aspectos e poderes da Lua são inúmeros.

Todas as deusas lunares tinham um aspecto duplo, um divino, outro infernal. Todas eram Virgens, mães de um filho nascido de modo imaculado, o Sol.

O Culto da Arvore, da Serpente e do Crocodilo

Os ofitas asseguravam que havia várias classes de Gênios entre Deus e o homem; que sua relativa superioridade se determinava pela grande Luz que a cada um se concedia.

Serpente e dragão eram os nomes que se davam aos Adeptos e Iniciados dos tempos antigos. Epifânio diz que os ofitas tinham razão de honrar a Serpente, porque esta ensinou os Mistérios aos homens primitivos. Os Nagas dos Adeptos hindus e tibetanos eram humanos (serpentes), não répteis.

A serpente sempre foi o símbolo da renovação consecutiva, da imortalidade e do tempo. Como símbolo, a serpente tinha tantos aspectos e significados ocultos como a mesma árvore da Vida, com a qual estava relacionada de modo emblemático e quase indissolúvel. A interpretação fálica só se ajusta ao símbolo no grau mais inferior do desenvolvimento evolucionário do "Dador de Vida". Era a última e mais grosseira transformação física da Natureza no animal e na planta, como polarização sexual. Esta polarização é uma fase passageira que proporciona os fenômenos da vida e tendem a desaparecer na próxima Raça Raiz. O universo dos seres vivos, aqueles que procriam suas próprias espécies, é o testemunho dos diferentes modos da evolução das raças e animais.

Como símbolos do Ser Imortal, a árvore e a serpente eram imagens divinas. A árvore era representada invertida e suas raízes nasciam no céu, surgindo da raiz sem raiz do Ser Total. Seu tronco cresceu e, ao cruzar os planos do Pleroma, projetou, transversalmente, seus ramos até tocar o plano terrestre. As raízes representam o Logos; seus ramos principais, os mais elevados Dhyân-Choans ou Devas. Dizem os Vedas: "aquele que for além das raízes não voltará mais".

Só quando os seus ramos puros tocaram o lodo da terra no jardim do Éden, de nossa raça adâmica, se manchou com o contato e perdeu a sua prístina pureza. Nos dias da dinastia divina na Terra, as formas eram cósmicas e astronômicas, deístas, panteístas, abstratas e concretas.

Assim se converteram, sucessivamente, em Dragão Polar, Cruzeiro do Sul, e a "Alfa Draconis" da Pirâmide. Então a árvore era sempre verde, porque era regada pelas águas da vida. O Grande Dragão permaneceu divino, porque se manteve nos limites dos campos siderais. Quando a Árvore, crescendo, tocou com os seus ramos a Terra, então a Grande Serpente começou a roer a Árvore do Mundo.

Os dragões e serpentes da antigüidade têm todos sete cabeças, uma para cada Raça, e cada cabeça tem sete cabelos. Isto simboliza os sete princípios em toda a Natureza e no homem, sendo o sétimo a cabeça mais alta, (a do meio). Diz Filon na Criação do Mundo: "quando aquela razão Nous (a Mente), que é santa de acordo com o número sete, entrou na Alma (ou melhor, no corpo vivo), o número seis ficou aprisionado por ele com todas as coisas mortais que formam este número. 0 número sete é o dia festivo da Terra, o dia do nascimento do mundo. O setenário de estrelas da Ursa Maior é o Dragão de sete cabeças, a Mãe do Tempo ou o Verbo Vivo; no antigo Egito, é Sevekh-Kronus ou a deusa das sete estrelas. O dragão egípcio (depois simbolizado pelo crocodilo) era o símbolo duplo do céu e da terra, do Sol e da Lua.

Somente na Idade Média é que a serpente se converteu em símbolo do Mal e do demônio. Os primitivos cristãos, os gnósticos e ofitas tinham o seu Logos dual, a boa e a má serpente, como se vê em Pistis Sophia.

Entre os budistas esotéricos da Índia, Egito, Caldéia, as sete vogais estão representadas pela cruz Suástica sobre as coroas das cabeças da Serpente da Eternidade.

DEMON EST DEUS INVERSUS

Esta frase simbólica, em suas múltiplas formas, é certamente muito perigosa e iconoclasta ante as teologias e, especialmente, ante a luz da cristandade.

Não se pode dizer que o Cristianismo concebeu e deu à luz Satã.

Como poder oposto, requerido pelo equilíbrio e harmonia das coisas do universo, assim como a sombra é necessária para dar relevo à luz, a noite ao dia, o frio ao calor, sempre existiu Satã. Se a Homogeneidade é Una e indivisível, tem de conter em si mesma tanto a essência do Bem como a do Mal; de outro modo não se pode admitir o Absoluto Eterno.

O pensamento pagão representa o Bem e o Mal como gêmeos nascidos da Mãe-Natureza. No princípio, os símbolos do Bem e do Mal

eram abstrações, Luz e Trevas, mais tarde seus tipos foram eleitos entre os fenômenos cósmicos mais naturais e periódicos, o Dia e a Noite, o Sol e a Lua.

Depois foram representados pelas deidades respectivas, e o Dragão das Trevas era o contraste do Dragão da Luz. A hoste de Satã é filha de Deus como a hoste de Bualhim, os filhos de Deus que se apresentaram ante o Senhor. Os Filhos de Deus se tornaram Anjos caídos só quando compreenderam que as filhas dos homens eram formosas.

0 primeiro adversário em forma individual humana, que se encontra na antiga literatura purânica, é um dos maiores Rishis — Nârada, também chamado o produtor de contendas. Em todo o mundo, exceto nas nações cristãs, o Diabo não é mais que o aspecto oposto na natureza dual do chamado Criador. Isto é natural.

Demon est Deus Inversus é um adágio muito antigo; é a reação à oposição, o contraste, pondo em evidência a obra divina. Não há mal em si; há apenas a sombra da Luz, sem a qual esta não existiria. 0 antigo Dragão era Espírito Puro antes de se converter em Matéria; era passivo, antes de ser ativo. Antes da queda na Terra, o Ophis-Cristo simbolizava o Espírito; depois da queda, converteu-se em Ophiomorphos-Crestos.

As especulações cabalistas tratam o Mal como Força contrária, mas essencial ao Bem, dando-lhe vitalidade e existência, que de outro modo não seria possível. Se não houvesse Morte, não haveria Vida no sentido que lhe damos. Não há regeneração sem destruição.

O homem seria um autômato, sem o exercício do livre arbítrio e sem aspiração para a luz. Nos planos manifestados, um equilibra o outro.

A Cabala científica e simbólica nos revela que a Serpente do Éden e Deus são idênticos, e o mesmo sucede com Jeová e Caim.

Jeová se converte em Serpente de Fogo para morder aqueles que o desagradavam, e anima a Serpente de Bronze que os curava. Estas contradições se devem a que os poderes estão separados, em lugar de ser considerados como fases de uma mesma coisa.

Na natureza humana o mal denota, apenas, a polaridade da Matéria e do Espírito, a luta pela Vida entre os dois princípios manifestados no espaço e no tempo. O equilíbrio do Cosmos tem que ser preservado.

As operações dos dois opostos produzem harmonia, como as forças centrípeta e centrífuga que, sendo independentes, são necessárias uma à outra a fim de que ambas possam existir. Toda a antigüidade estava impregnada da filosofia da involução do Espírito na Matéria, a descida progressiva cíclica ou evolução ativa, consciente de si.

Os gnósticos alexandrinos divulgaram bastante os segredos da Iniciação; os seus anais estão cheios das Quedas dos Eons, em sua dupla qualidade de Seres angélicos e Períodos, sendo uns a evolução natural dos outros. As tradições orientais estão cheias, em todos os continentes,

de alegorias sobre a queda do Pleroma ou dos deuses e devas. Todas explicam a queda como o desejo de aprender e adquirir conhecimento — o desejo de saber. Esta a conseqüência natural da evolução mental, o espiritual chegando a transmutar-se no material ou físico. A mesma lei da descida à matéria e subida ao Espírito se afirmou durante a era cristã.

A alegoria dos sete Reitores abrindo caminho nos sete círculos de Fogo (Pymander) há 10.000 anos, destinada a registrar um fato astronômico, antropológico e químico, reduziu-se numa interpretação material e antropomórfica — a rebelião e a queda dos anjos. A narração filosófica, sob forma poética, do casamento do Céu com a Terra, o amor da Natureza pela forma Divina, e o Homem Celeste, fascinado pela própria formosura refletida na Natureza, isto é, o Espírito atraído pela Matéria, se converteu agora sob a manipulação teológica nos sete Reitores desobedecendo a Jeová.

Resumindo, os belos Anjos Planetários, os eons cíclicos dos antigos, se sintetizaram em sua forma mais ortodoxa em Samael, o chefe dos demônios do Talmud, essa grande serpente de doze asas, que arrasta consigo na queda o sistema solar e os Titãs.

Samael (Schemal), esotéricamente, e sob o aspecto filosófico, significa o "Ano" em seu mau aspecto astrológico com seus doze meses de males inevitáveis em a Natureza. Os talmudistas admitem que Samael é o nome divino de um dos sete Elohim. Jeová e Saturno são, também, idênticos em seus símbolos. Há uma diferença entre as Forças opostas cósmicas primordiais, guiadas pela Lei cíclica, os gigantes Atlantes humanos, e os grandes Adeptos pós-diluvianos, sejam da direita ou da esquerda.

Assim, Miguel é também um Titã com o adjetivo de "divino". Os Urânidas, em todas as partes, se chamam "Titãs divinos"; eles se rebelaram contra Cronos e Saturno (por isso inimigos de Samael) que é, igualmente, um dos Elohim, e sinônimo de Jeová em sua coletividade, e são idênticos a Miguel e sua hoste. Cronos é a duração ilimitada, imutável, sem princípio nem fim, além do Tempo e do Espaço. Esses anjos que nasceram para atuar dentro do Espaço e do Tempo, isto é, abrir caminho através dos sete círculos dos planos superiores ou superespirituais até as regiões superterrestres, fenomenais e circunscritas, se diz, alegóricamente, que se rebelaram contra Cronos e combateram contra o Leão, que era o Deus Vivo mais elevado.

Quando Cronos é representado mutilando Urano, seu pai, a alegoria significa o condicionamento ou limitação do tempo absoluto. Assim, Saturno, o Pai dos deuses, foi transformado em período limitado. Cronos, com a sua gadanha, derruba os ciclos mais longos que para nós são sem fim.

A primeira guerra teve lugar na noite dos tempos e durou um ano divino, (um dia de Brahmâ dura 4.320.000.000 de anos solares) e desenrolou-se entre os Deuses e os Asuras (poderes cósmicos personificados).

Segundo a Doutrina Secreta, esta guerra foi antes da construção do Sistema Solar. Houve outra na Terra, quando o homem foi criado e, por último, uma terceira guerra no fim da Quarta Raça entre os seus Adeptos e os da Quinta Raça, isto é, entre os Iniciados da Ilha Sagrada e os bruxos da Atlântida. Os ocultistas sabem que a Alma da Luz Astral é divina e que seu corpo, as ondas de luz nos planos inferiores, é infernal.

Esta Luz está simbolizada no Zohar pela Cabeça Mágica, a Dupla Cara sobre a Dupla Pirâmide; a negra levantando-se sobre um campo branco e dentro de um triângulo negro e a pirâmide branca invertida — reflexo da primeira nas águas escuras, mostrando o reflexo negro da cabeça branca.

Esta é a Luz Astral, o Demon est Deus Inversus.

A TEOGONIA DOS DEUSES CRIADORES

Para compreender a idéia básica de toda a teogonia, ou cosmologia antiga, é preciso uma análise comparativa de todas as religiões passadas, a fim de ressaltar, desse estudo, a idéia fundamental.

0 conceito original, transcendental e filosófico, era um, porém, como os sistemas principiaram a refletir mais e mais as idiossincrasias das nações, no transcurso dos séculos, cada nação, evoluindo de acordo com suas tendências ao separar-se das demais, velou-se a idéia fundamental com a fantasia humana.

Enquanto as Forças da Natureza (seus poderes inteligentes) eram objeto de honras divinas, em alguns países, em outros não se admitia a idéia de que estas forças fossem dotadas sequer de inteligência.

No seu livro Asgard e os Deuses, diz Anson:

"Se bem que na Ásia Central ou nas margens do Indo, no país das pirâmides, nas penínsulas grega e italiana e até no Norte, onde os celtas, teutões e eslavos viveram errantes, os conceitos religiosos do povo assumiram distintas formas, mas, sua origem comum pode ainda notar-se. Assinalamos esta relação entre as histórias dos Deuses, e o pensamento profundo encerrado nelas, e sua importância, para que o leitor saiba que não é um mundo mágico de fantasia divagadora o que se lhe apresenta, porém que.a Vida e a Natureza formavam a base da existência e da ação dessas divindades."

Assim é a história como, também, a religião, porque um mito grego significa tradição oral transmitida de uma a outra geração, verbalmente; e até hoje, na etimologia moderna, o termo envolve a idéia de uma afirmação fabulosa, que contém uma verdade importante, a história de algum personagem extraordinário, cuja biografia se exagerou por efeito de veneração excessiva, porém que não é uma fábula.

Com o correr dos tempos, a Doutrina Arcaica foi se velando e as nações perderam de vista o Princípio Superior e Único de todas as coisas, transferindo os atributos abstratos da causa aos efeitos

causados — que por sua vez se converteram em causativos — os poderes criadores do Universo.

Nenhuma nação da antigüidade concebeu, jamais, o princípio Único como criador imediato do Universo visível.

Esse princípio, primeiro e único, era chamado "Círculo do Céu", e era simbolizado pelo hierograma de um Ponto dentro do Círculo ou Triângulo Equilátero; o Ponto representava o Logos, a origem, a Unidade do qual partia o sistema numérico inteiro, sendo, o Ponto, a causa primeira. Aquele de que emana se deixava em silêncio. Mostra Porfírio que a Mônada e a Dúada de Pitágoras são idênticos ao Infinito e o Finito de Platão.

Só a última — a Mãe — é substancial, sendo a primeira causa de toda a Unidade e medida de todas as coisas. Demonstra-se que a Dúada é Mulaprakriti, a Mãe do Logos e, ao mesmo tempo, sua Filha, isto é, objeto de sua percepção. Segundo Pitágoras, a Mônada volve ao silêncio e à obscuridade, depois de desdobrar a Tríade da qual emanam os sete números restantes, dos doze que são a base do Universo manifestado. Subba Row, em Notas sobre o Bhagavad Gita, diz:

"Parabrahman, o Desconhecido e Incognoscível, não é Ego, não é o Não-Ego nem tampouco a consciência, não é Âtma sequer... mas, ainda que não seja em Si um objeto de conhecimento, é, sem dúvida, capaz de sustentar e dar lugar a todas as coisas e classes de existência que se convertam em objeto de conhecimento. É a essência Una, da qual nasce à existência um centro de Energia, que se chama Logos.

Ê o Verbo dos cristãos, no sentido esotérico verdadeiro, é o Avalo-kitshvara dos budistas.

É o primeiro Ego no Cosmos e todos os demais Egos são, apenas, seus reflexos e manifestação. Existe no estado latente no seio de Parabrahman, durante o Pralaya. Possui uma consciência e individualidade próprias.

É um centro de Energia, mas semelhantes centros são inumeráveis no seio de Parabrahman. Este Ego é abstrato e a primeira diferenciação de Parabrahman. Quando entra na existência como ser consciente, se lhe aparece Parabrahman desde o seu ponto de vista objetivo — como Mulaprakriti. Esta é material, para Ele o Logos, do mesmo modo que qualquer objeto material o é para nós.

Parabrahman não pode ser visto tal como é em Si mesmo; é visto pelo Logos como um véu que o encobre, e esse véu é a poderosa extensão da Matéria cósmica.

Depois de aparecer como Ego por uma parte e Mulaprakriti por outra, age como Energia Única por meio do Logos.

Experimente o estudante fechar os olhos, e, com a percepção consciente, esforce-se para pensar, exteriormente, até os limites extremos em todas as direções. Verá que linhas e raios iguais de percepção se

estendem da mesma maneira em todos os lados, de tal modo que um supremo esforço para perceber terminará na abóbada de uma esfera; a limitação dessa esfera será, por força, um círculo máximo e os raios diretos do pensamento em qualquer e todas as direções devem ser linhas retas, raios de círculo.

Este deve ser, humanamente falando, o conceito extremo, que abarque o Logos manifestado, o qual se formula como uma figura geométrica ou círculo com um diâmetro que o divide em raios. Portanto, uma forma geométrica é o primeiro meio cognoscível de relação entre o Logos e a Inteligência do homem. Este Círculo máximo, com um Ponto no centro, é o Logos ou Verbo de Subba Row. Mas esse Deus manifestado é tão desconhecido para nós, exceto por seu Universo manifestado, como o é o Um, e o Ego que está latente em nós.

Por meio dessa Luz, que é o Verbo, são criadas todas as coisas.

Essa raiz do Eu mental é, também, a raiz do Eu físico, porque esta Luz é a permutação em nosso mundo manifestado de Mulaprakriti.

Em seu terceiro aspecto se converte em Mãe do Logos. Existem no Esoterismo oriental e ocidental dois aspectos de todas essas personificações do poder feminino na Natureza: o NUMENAL e o FENOMENAL.

0 primeiro é o aspecto puramente metafísico, e o segundo é o terrestre ou físico, mas ao mesmo tempo divino.

A deusa Kwan-Yin — a Mãe de Misericórdia, a Voz da Alma, o Verbo da Criação — a Palavra, todos são o Logos Feminino em seu aspecto numenal.

Essas personificações alegóricas podem ver-se sob quatro aspectos principais e três secundários, num total de sete.

A forma Para é a Luz e o Som, sempre subjetivos e latentes, que existem, eternamente, no seio do Desconhecido, considerado como Ideação Lógica ou sua Luz latente. Há, pois, quatro classes de Luz:

1 — a clara e penetrante luz objetiva;
2 — a luz refletida;
3 — a luz abstrata;
4 — a luz que compenetra as demais.

A Cabala considera três fatores na Criação: Luz, Som e Número.

Parabrahman só pode ser conhecido por meio do Ponto luminoso ou Logos que não conhece Parabrahman, mas somente Mulaprakriti. Só quando se divide em três e sete, na esfera manifestada, forma o andrógino e a figura manifestada é diferenciada. Os pitagóricos afirmavam que a doutrina dos números, a mais importante do esoterismo, foi revelada ao homem por Deidades Celestes. A Mônada é o Princípio de todas as coisas. Da Mônada e a Dúada (indeterminada) ou Caos, os números; destes os Pontos; dos pontos as linhas, destas as superfícies e os sólidos, dos sólidos os quatro elementos (fogo, ar, água e terra) tudo correlacionado e transformado, consiste o mundo.

Ísis é a Natureza mística e, também, a Terra numenal e fenomenal a um tempo, com todas as suas formas e propriedades mágicas.

Diz o Livro de Dzyan, ou do Real Conhecimento, que se obtém pela meditação:

A Grande Mãe (Caos) se infla com o △ (Triângulo), e a / (Linha), e o □ (Quadrado), a segunda / (Linha) e o ☆ (Pentágono) (2), em seu Seio, pronta para "dá-los à luz", os valentes Filhos do □ △ / / (ou do Ciclo de 4.320.000 anos), cujos dois Antepassados são o **O** (Círculo) e o . (Ponto).

No começo de cada Ciclo de 4.320.000 anos, os Sete ou, segundo algumas nações, os Oito Grandes Deuses descem para estabelecer a nova ordem de coisas e dar ímpeto ao novo ciclo. Esse oitavo Deus era o Círculo unificador, ou o Logos, separado e destacado da sua Hoste, no dogma exotérico, tal como as hipóstases divinas dos antigos gregos são agora consideradas nas Igrejas como três pessoas distintas. Segundo um Comentário: Os Poderosos, cada vez que penetram dentro de nosso véu mayávico (atmosfera), executam grandes obras e deixam atrás de si monumentos imperecíveis para comemorar sua visita. (3)

Ensina-se-nos que as grandes pirâmides foram edificadas sob sua inspeção direta, quando a Estrela Polar estava em sua culminação inferior, e as Plêiades a contemplavam do alto (achavam-se no mesmo meridiano, mas em cima) para vigiar a obra dos gigantes. Isto foi há uns 31.000 anos. Mor Isaac indica que os antigos sírios definiam seu mundo dos Regentes e deuses ativos do mesmo modo que os caldeus. O mundo terrestre, ou sublunar, era vigiado pelos anjos de ordem inferior; o imediato em ordem era Mercúrio, regido pelos Arcanjos. Seguia-se Vênus, cujos deuses eram os Principados; o quarto era o Sol, domínio dos deuses mais elevados de nosso sistema, os Deuses Solares de todas as nações; o quinto era Marte, governado pelas Virtudes, e o sexto o de Bel, ou Júpiter, regido pelas Dominações; o sétimo mundo, Saturno, era regido pelos Tronos. Estes são os mundos da Forma. Sobre eles estão os mundos elevados que não são mencionáveis. O oitavo é composto de 1.122 estrelas; é o domínio dos Querubins; ao nono pertencem as estrelas errantes, inumeráveis por causa de sua distância, é regido pelos Serafins; o décimo mundo é composto de estrelas invisíveis, que se podem tomar por nuvens na região da Via Láctea.

(2) 31415, ou pi, a síntese, ou a Hoste Unificada no Logos, e o Ponto, chamado no Catolicismo Romano o "Anjo da Face", e no Hebreu, Miguel, "quem é (semelhante ou igual) como Deus", a representação manifestada.

(3) Eles aparecem no princípio dos Ciclos, como também de cada Ano Sideral de 25.868 anos luni-solares. Por isto os Rabeira ou Kabarim receberam seu nome na Caldéia, pois significa "as Medidas do Céu"; de Kob, "medida de", e Urim, "Céus".

O nome secreto, que não se pode pronunciar, a "Palavra" que não é Palavra, deve buscar-se nos sete nomes das sete primeiras emanações, os Filhos do Fogo, nas escrituras secretas de todas as religiões e até no Zohar.

Essa Palavra, composta de sete letras em todas as línguas, se encontra envolvida nos restos arquitetônicos de todos os grandes edifícios sagrados do mundo, desde os restos ciclópicos da Ilha de Páscoa (parte de um continente submerso nos mares há mais de 4.000.000 de anos), até as primeiras pirâmides egípcias. Se a submersão final da Atlântida ocorreu há 850.000 anos (período Eoceno), temos de admitir que a Lemúria, o continente da Terceira Raça, foi o continente destruído por combustão, isto é, a primeira terra purificada pelos 49 Fogos, e depois submerso nas águas oceânicas. A segunda Terra, com a sua raça, desapareceu como o vapor se desvanece no ar. A terceira viu consumirem-se todas as coisas sobre ela, depois da separação e, em seguida, se afundou no oceano. Isto ocorreu há 164 (cento e sessenta e quatro) anos cíclicos. Um ano cíclico está baseado na precessão dos equinócios. O ano sideral dura 25.868 anos solares, portanto o período mencionado é de 4.242.352 anos. Os animais sagrados e as Chamas ou Chispas, dentro do santo quatro, se referem aos protótipos de tudo que se encontra no Universo, e no Pensamento divino, na Raiz que é o Cubo perfeito, o fundamental Cosmos, coletiva e individualmente.

Todos têm uma relação oculta com as formas cósmicas primordiais e as primeiras concreções da obra e evolução do Cosmos.

O Grande Arquiteto imprime o primeiro impulso ou movimento rotatório, passando por turno por cada planeta e corpo. E as esferas giraram por si mesmas em torno do Sol. Depois os Dhyân-Choans se encarregam de suas próprias esferas até o fim do Kalpa. Os Criadores são os sete Rishis e os catorze Manus, como representantes dos sete e catorze ciclos de existência.

As aves negras das cosmogonias significam a primitiva Sabedoria que emana da fonte pré-cósmica do Todo, simbolizada pela Cabeça, Círculo ou Ovo. Todos têm um significado idêntico e se referem ao Homem primordial arquetípico Adão Kadmon, composto das ordens ou Hostes dos Poderes Cósmicos, os Dhyân-Choans Criadores, além dos quais tudo são trevas.

Quando Noé, o novo homem de nossa Raça, se preparava para abandonar a Arca (Matriz da Natureza terrestre), símbolo que era do homem puramente espiritual, sem sexo e andrógino, das três primeiras Raças que desapareceram da terra para sempre, ele soltou um corvo e uma pomba; esta voltou com um ramo de oliveira no bico e o corvo não voltou mais.

Noé permaneceu na Arca um ano e um dia (365 dias). O ano simbolizava a nova Raça nascida de mulher, depois da separação dos sexos.

O Esoterismo apresenta só o homem físico como criado à imagem da Deidade ("deuses menores").
0 Ego verdadeiro é o único divino e é Deus.

AS SETE CRIAÇÕES — OS KUMARAS

No Vishnu Purana diz Parashara a Maytréia (seu discípulo):

Expliquei assim, excelente Muni, seis criações... as dos seres Arvaksrotas foi a sétima, a do homem.

Valentim estuda o poder dos grandes Sete, que foram chamados a produzir este Universo, depois que Ar(r)hetos, o Inefável, cujo nome está composto de sete letras, tinha representado a primeira Hebdômada. Este nome, Ar(.r)hetos, indica a natureza setenária do Um — o Logos.

A deusa Réia, diz Próculo, é uma Mônada, Dúada e Héptada, compreendendo em si mesma todos os Titânidas, que são sete.

As sete criações se encontram em quase todos os Puranas, todas precedidas pelo Espírito Contínuo, independente em toda relação com os objetos dos sentidos. Elas são:

1 — A Mente Divina (Alma Universal), Inteligência Infinita.

2 — Tanmatras: criação elemental (primeira diferenciação da substância contínua universal).

3 — Indrya: Evolução orgânica. Estas três são criações prakríticas, os desenvolvimentos de natureza contínua, precedidos pelo Princípio contínuo.

4 — Mukhya: Criação fundamental (coisas perceptíveis). Foi a dos corpos inanimados.

5 — Taíryagyonya: dos animais (germe da vida animal).

6 — Urdhvasrotas: das divindades.

7 — Arvaksrotas: a do homem.

Esta é a apresentação exotérica. A doutrina esotérica apresenta sete criações primárias e sete secundárias, sendo as primeiras as Forças que evoluem por Si mesmas, procedentes da Força Única, sem causa; e as últimas mostram o Universo manifestado, emanado dos Elementos Divinos, já diferenciados.

Todos representam os sete períodos da evolução, seja depois de um Dia ou de uma Idade de Brahmâ.

A filosofia oculta jamais emprega o termo "Criação" ou "Evolução", a respeito da criação primária, mas chama — as Forças ou aspectos da Força sem causa. Marcos, cuja filosofia era mais pitagórica que outra coisa, fala de uma revelação que teve acerca dos sete céus que produziam cada um o som de uma vogal, pronunciando eles os sete nomes das sete hierarquias angélicas.

A Criação Primária é a da Luz (Espírito) e a Secundária, ou das Trevas, é a da Matéria. A primeira é a emanação dos Elohim, nascidos por Si mesmos (deuses) e a segunda é a Natureza física. Os Manus são idênticos aos Dhyâns-Choans.

Manu vem da raiz sânscrita Man "pensar"; o pensamento procede da mente. É, em Cosmogonia, o Período Prenebular.

A Segunda Criação é a origem de todo ser, consciente ou inconsciente, origem da Forma; os Rishis, que animam as sete estrelas, são as inteligências, que, depois de Deus, animam o Universo. Este é o período da Névoa de Fogo, o primeiro grau da Vida cósmica, quando os átomos saem de Laya. 0 primeiro bosquejo da personalidade.

A Terceira Criação é o conceito do Eu, de Abram = Eu; é a criação orgânica ou dos sentidos, principiando por Buddhi. É a Mônada Humana liberta do plano da Ilusão, livre das formas de Ahnkara, livre de Manas terrestre, Buddhi é eterna e imortal, a Inteligência Divina.

A Quarta Criação é a evolução orgânica do reino vegetal. O ponto médio entre os três reinos superiores e os três inferiores, que representam os sete reinos esotéricos do Cosmos e da Terra.

A Quinta Criação, a dos Animais Sagrados (germe do conhecimento interno ou da consciência). Em nosso globo, durante a Primeira Ronda, a criação animal precede a do Homem, enquanto os animais mamíferos se desenvolvem do homem em nossa Quarta Ronda, no plano físico.

A Sexta Criação é a das Divindades, os protótipos da Primeira Raça. Os Seres criados — explica o Vishnu Purana — ainda quando são destruídos em suas formas individuais, nos períodos de dissolução, sendo afetados por atos bons e maus de existências anteriores, jamais ficam isentos de suas conseqüências. Quando Brahmâ produz um novo mundo, são eles a progênie de sua Vontade. Concentrando sua Mente em Si mesmo, Brahmâ cria as quatro Ordens de Seres denominados Deuses, Demônios, Progenitores e Homens.

Os Progenitores são os Pítris, e são sete classes.

A Sétima Criação é a Evolução dos seres (homens).

A Oitava Criação é um véu, pois se refere a um processo puramente mental, ao conhecimento da Nona Criação, na qual, por sua vez, se manifesta. Esta é a criação Intelectual, a dos Sankyas, da qual temos uma leve percepção. É a noção de nossas relações com os Deuses e, especialmente, os Kumaras, que são um reflexo da Sexta em nosso Manvântara.

A Nona Criação, a dos Kumaras, é ao mesmo tempo primária e secundária. Os Kumaras são os Dhyâns, imediatamente derivados do Princípio Supremo que reaparecem no período de Vaivasvata Manu para o progresso da Humanidade. Os Kumaras são os filhos nascidos da Mente de Brahmâ; são sete.

Seus nomes são: Sanaka, Sanandana, Sanatana, Kapila, Ribhu, Panchashikha e Sanat. Os quatro esotéricos são: Sanatkümara, Sananda, Sanaka e Sanatana, e os três esotéricos são: Sna, Kapila e Sanasujara.

Reclamamos especial atenção sobre esta classe de Dhyân-Choans, porque aqui jaz o mistério da geração e herança, a que se faz alusão no Comentário da Estância VII.

São os Anjos das Trevas do Catolicismo. Estas Divindades, negando-se a criar progênie, permaneceram sempre jovens Kumaras, isto é, sempre puros e inocentes, pelo que receberam o nome de KÜMARA. São cinco, porque dois dos Kümaras sucumbem. Os teólogos rebaixaram-nos à categoria de anjos caídos. Satã e demônios. Os Kümaras, sendo ascetas Virgens, se negam a criar o ser material do homem.

Os Quatro Elementos

Metafisicamente só existe um elemento na natureza, na raiz do qual está a Deidade. Os sete elementos, dos quais cinco já estão manifestados e afirmada a sua existência, são o véu da Deidade, de cuja essência vem, diretamente, o Homem, considerando-o física, psíquica, mental ou espiritualmente.

O corpo do Éter não está, ainda, completamente manifestado e seu Númeno é a síntese do resto.

0 Fogo, o Ar, a Água e a Terra eram, apenas, a veste visível, os símbolos das Almas ou Espíritos animadores visíveis. As Hierarquias dessas Forças são classificadas numa escala setenária do imponderável, desde a composição química ou física até o puramente espiritual.

Nos Antigos Fragmentos de Cory, se lê: "Do Éter vieram todas as coisas e ao mesmo voltarão, depois; as imagens de todas as coisas ficam impressas nele de maneira indelével; é o depósito dos germes e dos restos de todas as formas visíveis e até das idéias.

Os Deuses Cósmicos, como Júpiter Dodôneo, incluíam em Si os quatro Elementos e os quatro Pontos Cardeais.

Os antigos podiam distinguir os elementos corpóreos dos espirituais nas Forças da Natureza.

Diz o Livro das Regras: "o elemento está composto de sons, não de palavras — de sons, números e figuras. O que souber atrair e combinar os três terá a resposta do Poder Diretor (deus Regente do Elemento) específico requerido. Essa é a linguagem dos mantrans, sendo o som o agente mágico mais potente e eficaz, e a primeira chave que abre a porta da comunicação entre os mortais e os imortais. Todos os objetos sobre a terra têm uma natureza dual, espiritual e material — visível e invisível. O Fogo etéreo é a emanação do Cabiro mesmo; o aéreo é só a correlação do primeiro com o Fogo terrestre pertencente a um Cabiro de menor dignidade (talvez um elemental). 0 Ser

Humano possui várias forças: magnética, simpática, antipática, nervosa, dinâmica, oculta, mecânica, mental etc... Essas Potências têm seus fenômenos fisiológicos, físicos, mecânicos, nervosos, estáticos, clari-auditivos, clarividentes considerados como naturais pela ciência. Então, por que não admitir que todos os elementos tenham os seus veículos?

KWAN-SHAI-YIN E KWAN-YIN

Como Avalokitshvara, Kwan-Shai-Yin passou por várias transformações. Nascido do Fogo e da Água, antes que esses se convertessem em Elementos distintos, o Verbo foi o Autor e Modelador de todas as coisas. "Sem Ele nada feito existia do que foi feito." Nele estava a Vida e a Vida era a Luz dos Homens", diz o Evangelho.

Na Sétima Raça Ele aparecerá como Maytréia Buda, o último dos Avatares. Por isso, o ritual, no culto esotérico desta Deidade, foi fundado na Magia. Os mantrans se tiraram de livros especiais, manidos secretos pelos sacerdotes, e cada um deles origina um efeito mágico, pois os que o recitam ou lêem produzem com o só cantá-los causas secretas que se traduzem em efeitos imediatos. Kwan-Shai-Yin é a forma do Sétimo Princípio Universal. Em seu caráter metafísico mais elevado, esta Deidade é o agregado sintético de todos os Espíritos Planetários — os Dhyân-Choans.

Ele é o Manifestado por Si mesmo, o Filho do Pai — o Verbo e Salvador Universal de todos os seres vivos.

Avalokitshvara e Kwan-Shai-Yin além de ser as Deidades protetoras dos ascetas budistas, os Yoguis do Tibete, são os Deuses da Castidade.

Seu nome significa: "O Eu divino percebido pelo Eu humano", isto é, Atma submerso no Universo percebido por Buddhi (Alma Divina). É o Espírito Universal Onipresente, manifestado no templo da Natureza.

Kwan-Shai-Yin e Kwan-Yin são os dois aspectos masculino-feminino do mesmo princípio do Cosmos na Natureza e no Homem, da Sabedoria e Inteligência divinas. É o Logos e sua Sakti ou Shakti (o Cristo-Sofia dos gnósticos).

ADENDA — Sobre Ciência Oculta e Moderna

Razões — Muitas das doutrinas contidas nas sete Estâncias e Comentários anteriores foram criticadas como deficientes sob o ponto de vista geral do conhecimento científico moderno.

Não pode haver conflito possível entre a Ciência Oculta e a Ciência. Exata, quando as conclusões desta última descansam sobre o cimento dos fatos irrefutáveis. Quando os cientistas atribuem à Matéria cega a formação do Universo e suas Forças vivas, os ocultistas reclamam o direito de discutir suas teorias.

A Ciência não pode, pela natureza mesma das coisas, descobrir o mistério do Universo que nos rodeia.

A Ciência coleciona, classifica e generaliza sobre os fenômenos; mas para sondar os segredos da Natureza é preciso transpor os limites dos sentidos, transportando a consciência às regiões dos Númenos e à esfera das Causas Primárias.

Para tal empreitada é preciso desenvolver as faculdades superiores, ainda adormecidas na atual Quinta Raça.

As Estâncias ensinam a crença em Poderes e Entidades Espirituais conscientes, em Forças terrestres semi-inteligentes e altamente inteligentes de outros planos; em seres que vivem em volta de nós em esferas imperceptíveis para o telescópio ou microscópio.

Daí a necessidade de comparar as opiniões e analisá-las. Os ocultistas crêem nos Senhores da Luz, crêem num Sol que, como milhares de outros, é a morada ou veículo de um Deus e de uma Hoste de Deuses. E o público que ignora as verdades fundamentais da Natureza chamará os ocultistas de supersticiosos.

O Sol é Matéria e Espírito; é o símbolo da Divindade que oculta o Deus Radiante da Luz Espiritual e Terrestre.

A Unidade e relações mútuas de todas as partes do Cosmos eram conhecidas dos antigos, antes que se fizessem evidentes aos astrônomos e filósofos modernos. Outra razão para essa Adenda é a seguinte: "Já que só uma parte dos conhecimentos secretos pode publicar-se, atualmente, jamais seriam as doutrinas compreendidas se déssemos explicações sobre elas. Comparem-se os axiomas arcaicos com as hipóteses modernas, e a conclusão do mérito respectivo deixa-se ao leitor.

Sobre a questão dos "Sete Construtores" (Espíritos que dirigem as operações da Natureza), cujos átomos animados são as sombras em seu próprio mundo de seus Primários nos Reinos Astrais, esta teoria terá contra si todos os materialistas e cientistas. As idéias novas são repelidas antes de serem aceitas. Ainda por muito tempo o homem se considerará um amontoado de carne, ossos e músculos, ignorando sua natural Espiritualidade.

Atrás do "modo de movimento", considerado como propriedade da matéria pelos cientistas, os ocultistas vêem o Númeno Radiante — o Espírito da Luz, o Primogênito do Elemento Eterno Puro, cuja Energia ou emanações está reunida no Sol — o Grande Doador de Vida ao mundo físico; do mesmo modo o Sol Espiritual Oculto é o Doador da Luz e da Vida nos reinos espirituais, e psíquicos. Dizia Bacon que Deus criou primeiro a luz dos sentidos para depois criar a Luz da razão.

Mas é precisamente o contrário. A Luz do Espírito é o eterno Sabbath do ocultista, e ele concede pouca atenção à luz dos sentidos. A sentença bíblica alegórica, Fiat Lux, significa, esotéricamente interpretada: "Sejam os Filhos da Luz", ou o Númeno de todo o fenômeno.

São chamados Filhos da Luz porque emanam e se engendram naquele Oceano Infinito de Luz, do qual um dos Pólos é o Espírito Puro, perdido no Absoluto do "Não Ser" — e o outro Pólo a Substância ou Matéria em que Ele se condensa, cristalizando, à medida que desce na manifestação, em um tipo cada vez mais grosseiro.

A Matéria encerra em Si a presença completa de Sua Alma — o Princípio que ninguém, nem sequer os Filhos da Luz, surgidos de sua "Obscuridade Absoluta", conhecerá jamais.

Milton expressa essa idéia ao sondar a Luz Santa que é "O Primogênito de estirpe celeste, o Raio coeterno do Eterno; posto que Deus é a Luz, e só na Luz Inacessível vive desde a eternidade, vive portanto em ti, Esplêndida Emanação de brilhante Essência incriada."

OS FÍSICOS MODERNOS BRINCAM DE CABRA-CEGA

O ocultista faz à Ciência a seguinte pergunta: É a Luz um corpo?

Para saber o que é a Luz, se é uma substância real ou mera ondulação do "meio etéreo", a Ciência tem que aprender, primeiro, o que na realidade são: Matéria, Átomo, Éter e Força. A verdade é que a Ciência ignora tudo sobre estas coisas — e confessa-o. Há inúmeras hipóteses que se contradizem freqüentemente. Citando G. Hiru, autor das Memórias da Academia Real da Bélgica, doutrinas que atribuem a universalidade dos fenômenos somente ao movimento dos átomos, temos o direito de esperar a mesma unanimidade nas qualidades assinaladas a esse Ser Único, fundamento de tudo quanto existe. Então, desde o primeiro exame dos sistemas particulares expostos tropeça-se com a mais estranha decepção, compreende-se, então, que o Átomo do químico, o do físico, o do metafísico, e o do matemático nada têm em comum, além do nome. O resultado é a subdivisão existente em nossas ciências, cada uma das quais, construindo um átomo que satisfaça a exigência dos fenômenos que estuda, sem preocupar-se no mínimo com os fenômenos próprios da ciência vizinha.

O metafísico repudia os princípios da atração e da repulsão e o matemático que analisa as leis da elasticidade e propagação da luz aceita-os, implicitamente. O químico não pode explicar o agrupamento dos átomos em suas moléculas com freqüências complicadas sem atribuir-lhe qualidades específicas distintivas. Não há conformidade numa mesma ciência quanto às propriedades do átomo; cada qual fabrica o átomo conforme sua fantasia para explicar o fenômeno que o ocupa particularmente. É a Luz um corpo? ou não?

Respondemos: não, a luz não é um corpo. A ciência física assegura que a luz é uma força, uma vibração ou ondulação do Éter.

É uma propriedade ou qualidade da matéria, jamais um corpo.

Sir William Grove foi o primeiro a mostrar, no, Instituto de Londres, em 1842, que o calor e a luz podem considerar-se como afecções da matéria mesma, e não de um fluido distinto, etéreo, imponderável que a penetra. O que vários sábios, algo místicos, ensinaram era que a luz e o calor, o magnetismo, a eletricidade, a gravidade etc... não eram as causas finais dos fenômenos visíveis, incluindo o movimento planetário, mas os efeitos secundários de outras causas de que a Ciência atual pouco ou nada cuida, porém que o Ocultismo admite e crê, exibindo provas da validez de seus títulos em todas as épocas.

Isaac Newton sustentava a teoria corpuscular pitagórica e se inclinava a admitir suas conseqüências, porém, suas teorias foram desnaturalizadas. Que sabe a Física Moderna a respeito do Éter?

O primeiro conceito de Éter pertence aos filósofos antigos, tendo-o tomado os gregos dos árias, e encontrando-se a sua origem no Akasha desfigurado. Em ótica foi aceito como base das ondulações luminosas, para explicar a dispersão e polarização da luz.

Os físicos dotaram-no de:

a) uma estrutura atômica ou molecular;

b) enorme elasticidade, decorrendo a teoria da descontinuidade da matéria e por conseqüência do Éter.

A suposição de uma constituição atômica ou molecular do Éter fica destruída pela termodinâmica, pois, como demonstrou Maxwell, semelhante meio seria simplesmente um gás. As exigências da teoria atômico-mecânica conduziram os matemáticos e físicos a substituir os átomos da matéria por movimentos peculiares vertiginosos em um meio material universal, homogêneo, incompreensível e contínuo (Éter). Isto prova, ainda, que a ciência oficial nada sabe a respeito do Éter. O Ocultismo admite que o Éter é matéria num plano completamente distinto de percepção e do ser, e não pode ser analisado por aparelho científico nenhum, a menos que seus possuidores estudem as ciências ocultas, porque a maioria dos cientistas repelem a actio in distans — um dos princípios fundamentais na questão do Akasha. Diz Stallo: "Todas as propriedades da matéria dependem de diferenças e mudanças, e como o hipotético Éter, como o definiram, está destituído de diferenças e mudanças, e é incapaz delas no sentido físico. Isto prova que se o Éter é matéria, só é tal como algo visível, tangível e existente unicamente para sentidos espirituais, e é, efetivamente, um Ser, mas não de nosso plano — Pater Éter ou Akasha. Os pontos materiais de Cauchy são as Mônadas de Leibnitz e ao mesmo tempo o material com que os deuses e outros poderes invisíveis se revestem em corpos. A desintegração e reintegração de partículas materiais sem extensão, como fator principal nas manifestações de fenômenos, deviam apresentar-se, facilmente, como uma clara possibilidade.

Dispondo dessa propriedade da matéria, que chamamos impenetrabilidade, considerando os átomos como pontos materiais exercendo, um sobre outro, atração e repulsão, que variam com as distâncias que

os separam — explica Cauchy — (sete lições de Física Geral), que se o autor da Natureza quisesse somente modificar as leis, segundo as quais os átomos se atraem ou repelem uns aos outros, veríamos os corpos mais duros penetrando-se entre si, e as mais diminutas partículas de matéria ocupando espaços imensos, ou massas maiores reduzindo-se a volumes menores — o Universo inteiro concentrando-se num só ponto.

E esse ponto invisível em nosso plano de percepção e matéria é perfeitamente visível para o "Olho do Adepto", que pode segui-lo e vê-lo presente em outros planos.

Para os ocultistas, que dizem que o Autor da Natureza é a Natureza Mesma, algo indistinto e inseparável da Deidade, resulta que os versados nas leis ocultas sabem como mudar e provocar novas condições no Éter, e podem não modificar as Leis, mas operar e fazer o mesmo em harmonia com estas leis imutáveis.

É A GRAVITAÇÃO UMA LEI?

O princípio de que todos os corpos se atraem uns aos outros com uma força em proporção direta de suas massas, e inversa do quadrado das distâncias que as separam (Newton), sobrevive e reina nas supostas ondas do espaço. Os astrônomos que vêem na gravitação uma cômoda solução de muitas coisas e uma força que lhes permite calcular movimentos planetários pouco se preocupam com a causa da atração. Chamam à Gravidade uma Lei — uma causa em si mesma.

Nós chamamos efeitos às forças que operam sob esse nome, e efeitos muito secundários. Um dia se descobrirá que a hipótese científica não satisfaz e terá a mesma sorte que a teoria corpuscular da luz, caindo no esquecimento.

Cuvier, na Revolution du Globe, previne os leitores sobre a natureza duvidosa das chamadas Forças, dizendo que não é muito seguro que esses agentes não sejam afinal "Poderes Espirituais".

Disse Newton que a palavra "atração", a respeito da ação mútua dos corpos no sentido físico, era empregada numa concepção puramente matemática, que não envolvia consideração nenhuma de causas físicas reais e primárias. Existe algum espírito sutil, por cuja força e ação são determinados todos os movimentos da matéria. A gravidade deve ser originada por um agente que atua constantemente certas leis, porém esse agente, seja material ou imaterial, deixo-o à consideração dos leitores. Matéria e Força são inseparáveis, eternas e indestrutíveis; até aí Newton estava certo; mas dizer que toda a força é propriedade inerente e necessária da Matéria, é falso. Para Pitágoras, as Forças eram entidades espirituais, deuses independentes dos planetas e da Matéria segundo os vemos e reconhecemos na Terra. Platão representava os planetas movidos por um Reitor intrínseco — uno com sua morada.

Aristóteles chamava aqueles diretores "substâncias imateriais". Reconhecia que as estrelas e planetas não eram massas inertes, mas realmente corpos ativos e viventes.

A Deidade Única Universal é um princípio, uma Idéia fundamental abstrata que nada tem a ver com a obra inspirada — Forma Finita.

Não adoramos os Deuses, só os honramos como Seres Superiores a nós; o que repelimos é um Deus Pessoal. O ocultista vê na manifestação de toda a Força da Natureza a ação da qualidade ou característica especial de seu Númeno (uma Individualidade separada e inteligente do outro lado do Universo).

A Luz, o calor, a eletricidade e outras, são afecções e não propriedades da Matéria. A Matéria é a condição, base ou veículo necessário à manifestação dessas forças ou agentes neste plano. O Ocultismo sustenta que: "Quando a força é oposta à força e se produz o equilíbrio estático, a balança do equilíbrio preexistente fica afetada e dá origem a um novo movimento equivalente ao que foi desviado para um estado de suspensão. Este processo tem o seu repouso ou intervalo no Pralaya, porém é eterno e incessante como o Alento no repouso do Cosmos manifestado. Kepler se aproxima da verdade oculta mais que os seus contemporâneos. Ele viu que:

1 — O Sol é um grande ímã (crença ocultista).

2 — A substância solar é imaterial (no sentido conceituai da matéria existente em estados desconhecidos da Ciência).

3 — Atribuiu a um Espírito ou Espíritos a perpétua vigilância do movimento dos planetas, e restauração constante da energia do Sol. Os ocultistas não usam a palavra Espírito, mas Forças criadoras dotadas de Inteligência, que podemos também chamar de Espíritos.

Há uma série de Teorias científicas da Rotação. Citaremos algumas. A rotação se originou:

TEORIA "A"

Primeira hipótese: pela colisão de massas nebulosas errantes, sem objeto, pelo Espaço, ou por atração — nos casos em que não houve contato efetivo.

Segunda hipótese: pela ação tangencial de correntes de matéria nebulosa (amorfa) descendo de níveis superiores a níveis inferiores (em relação ao observador apenas), ou, simplesmente, pela ação da gravidade central da massa (Jacob Emirs). "É um princípio fundamental em física que não poderia originar-se rotação alguma em semelhante massa pela ação de suas próprias artes."

TEORIA "B"

Origem dos cometas e planetas.

1 — Devemos o nascimento dos planetas a uma explosão do Sol, um parto de sua massa central. Uma espécie de ruptura dos anéis nebulosos.

2 — Os cometas são estranhos ao sistema planetário (La Place).a) os cometas se originam em nosso sistema solar (Faye).

3 — As estrelas fixas carecem de movimentos, dizem uns; todas as estrelas estão em movimento, dizem outros (certo) Wolf.

a) Há 350.000.000 de anos que não cessa o movimento lento e majestoso do Sol em torno de seu eixo (Le Couturier).

b) Nosso Sol tem Alcíone (nas Plêiades) como centro de sua órbita e gasta 180.000.000 de anos em completar uma só revolução (Winchell).

c) O Sol existe há 15.000.000 de anos e só emitirá calor por mais 10.000.000 de anos (W. Tompson).

Por aí vemos o desacordo entre cientistas, astrônomos e físicos. As Forças são realidades ativas cujos atributos podem ser determinados pela observação e indução diretas.

Admitir-se uma pluralidade de forças procedentes da Deidade e possuindo poderes inerentes não é contrário à razão, diz o Professor Jaumes, da Academia de Medicina de Montpellier.

OS DISFARCES DA CIÊNCIA: FÍSICA OU METAFÍSICA?

Se há na Terra progresso ou algo parecido, a Ciência terá, um dia, de renunciar às suas leis físicas, governadas por si mesmas, vazias de Alma e Espírito e terá, então, de voltar-se para o Ocultismo.

Todos os conceitos filosóficos que nos chegaram até hoje, mais ou menos disfarçados pelas filosofias e teorias modernas, tiveram origem nas doutrinas arcaicas e foram transmitidos pelos Iniciados de todas as épocas, os quais as aprenderam através da alegoria das Iniciações.

O maior erro cometido pela Ciência na opinião dos ocultistas é a possibilidade de existir na Natureza algo que seja matéria morta ou inorgânica. Há algo morto que seja capaz de transformar-se? Há algo que permaneça imutável e constante? Que alguma coisa esteja morta implica que, em algum tempo, esteve viva. Em que período da cosmogonia? O Ocultismo afirma que em todos os casos em que a matéria parece inerte é quando ela está mais ativa. Por exemplo, a madeira, a pedra, cujas moléculas vibram com tanta rapidez e incessantemente, que dão a impressão de imobilidade ante o olho físico.

O professor Spiller (alemão) afirma a substancialidade independente da Força, mostrando-a como matéria incorpórea ou substância. Em metafísica, substância não é matéria. Depois Spiller relaciona e identifica essa matéria com o Éter. Em linguagem oculta, poderia dizer-se que esta Substância-Força é o Éter positivo fenomenal, sempre ativo, que chamamos Prakriti, enquanto o Éter onipresente, que

tudo penetra, é o Númeno do primeiro ou base de tudo — o Akasha. 0 Éter, em Esoterismo, é a quinta essência de toda a energia possível; é a esse agente universal (composto de muitos agentes) que são devidas todas as manifestações de energia nos mundos material, psíquico e espiritual.
Que são, realmente, a eletricidade e a luz?

Como pode a Ciência saber que uma é um fluido e a outra um modo de movimento? Se ambas são consideradas correlações da Força, por que não se estabelece diferença entre elas?

Um dia se confessará que as forças que conhecemos não são mais que manifestações fenomenais de Realidades das quais nada sabemos, mas que eram conhecidas dos antigos, que as veneravam.

Newton reconheceu a Inércia como uma força; para o Esoterismo é a maior de todas as forças ocultas. Um corpo jamais poderá ser isolado de suas relações com outros corpos, e a morte mesma é incapaz de separá-lo de suas relações com as forças universais, das quais a Força Única — A Vida — é a síntese: a relação recíproca continua em outros planos.

A matéria é para o ocultista a totalidade de existências no Cosmos, que entra em alguns planos de percepção. Se querem aprofundar a natureza última dessas forças têm que admitir, primeiro, sua natureza substancial, por supra-sensível que essa natureza possa ser. Os ocultistas não negam a exatidão da teoria das vibrações, só que limitam suas funções à nossa terra, declarando sua nulidade em outros planos. Os Mestres percebem as causas que produzem vibrações etéreas. Palavras de um Mestre ocultista. referindo-se à "Aura": "Há Forças semi-inteligentes, cujos meios de comunicação conosco não são por palavras faladas, mas por sons e cores correlacionados entre as vibrações de ambos. Não existe diferença fundamental entre Luz e calor, cada um sendo a metamorfose do outro; o calor é luz em repouso completo, luz é calor em movimento rápido. Logo que a Luz se combina com um corpo, converte-se em calor; arrojada fora do corpo transforma-se outra vez em luz.

A ciência oculta tem tradições imutáveis que datam dos tempos pré-históricos; pode errar nos detalhes mas nunca em questões de Leis universais, simplesmente porque essa ciência, com justiça chamada Divina, nasceu nos planos superiores e foi trazida à terra por Seres que eram mais sábios que o será o Homem na Sétima Raça da Sétima Ronda, e essa ciência sustenta que as forças não são o que a ciência moderna apregoa. O Ocultismo não considera a eletricidade ou qualquer outra força originada por esta como matéria em nenhum dos estados conhecidos pela ciência física; nenhuma destas forças é um gás, fluido ou sólido, mas, apenas, um efeito (não uma causa) de um Númeno, que é a causa consciente.

Butlerof argüi da seguinte maneira: "Que é a força sob o ponto de vista científico, confirmado pela lei da conservação da energia? É,

simplesmente, a passagem de um estado de movimento a outro — da eletricidade ao calor e à luz, do calor ao som, ou alguma função mecânica, e assim sucessivamente. A primeira vez que o homem produziu o fluido elétrico na Terra devia ter sido por fricção — o calor o produz, alterando o seu estado zero, e a eletricidade não existe mais per se na Terra, quer existam o calor, a luz ou outra força qualquer; todas elas são correlações.

Quando uma quantidade de calor produzido por uma máquina a vapor é transformada em trabalho mecânico, chamamos o poder do vapor ou força. Quando um corpo cai, tropeçando num obstáculo, originando calor e som, chamamos a isto força de choque. Quando a eletricidade decompõe a água ou aquece um fio de platina, chamamos a força do fluido elétrico. Quando cessa um determinado movimento, produzindo outro estado de movimento equivalente ao anterior, gera-se a Força. Em todos os casos em que não existe tal transformação, ou passagem de um movimento a outro, não é possível força alguma. Admitamos, por vim momento, um estado do Universo absolutamente homogêneo, e nossa concepção da Força cai por terra. Portanto, resulta evidente que a Força considerada pelo materialismo como causa da diversidade que nos rodeia é na realidade só um efeito, um resultado dessa diversidade. Então a força não é a causa do movimento, mas o seu resultado, enquanto que a causa dessa força não é a Substância ou Matéria, mas o movimento mesmo. Se a Força é o resultado do movimento, não se compreende porque esse movimento deva testemunhar a Matéria e não o Espírito, ou uma essência espiritual. O grande dogma "Não há força sem matéria e não há matéria sem força" vem abaixo e perde o seu significado. O conceito de força não dá mais idéia de matéria.

Admitindo-se a doutrina ocultista — a inércia cega sendo substituída pelos poderes ativos inteligentes, atrás do véu da matéria — o movimento e a inércia se convertem em subordinados daqueles poderes; o Ocultismo se baseia na natureza ilusória da matéria e na divisibilidade infinita do átomo. Ela abre horizontes infinitos à substância animada pelo sopro divino de sua Alma em todo o estado possível de tenuidade ainda não sonhado, mesmo pelos físicos e químicos mais espiritualmente predispostos. Estas idéias foram enunciadas por Butlerof, eminente químico russo, que defendia os fenômenos espiritualistas das materializações, nos quais acreditavam, também, os professores Zõllner e Hare, Russel Wallace e Mr. Crookes. Os ocultistas afirmam que as chamadas Forças são, unicamente, os efeitos de causas originadas por Poderes substanciais, supra-sensíveis, além da Matéria conhecida pela Ciência.

As naturezas física, psíquica e espiritual dos Elementos estão ocultas nos Vedas e nos Puranas sob alegorias somente compreensíveis pelos Iniciados. Cada Fogo tem uma função e um significado distinto nos mundos físico e espiritual. Ele tem, além disso, em sua natureza

essencial, uma relação correspondente a uma das faculdades psíquicas humanas, a parte suas virtualidades químicas e físicas bem determinadas quando entram em contato com a Matéria diferenciada terrestre. A Ciência não tem especulação a oferecer a respeito do Fogo per se; o Ocultismo a tem. Lê-se no Vishnu Purana: "Então o éter, o ar, a luz, a água e a terra, unidos diversamente às propriedades do som e às outras, existiam como distinguíveis, segundo suas qualidades... Porém, possuindo muitas e distintas energias e não estando relacionadas, não podiam, sem combinação, criar seres vivos, por não haverem se fundido uns nos outros. Tendo, porém, se combinado, assumiram, por mútua associação, o caráter de uma massa de completa unidade e com direção do Espírito." Por aí se vê como estavam familiarizados com a correlação e origem do Cosmos. Eles ensinavam a evolução dos átomos em nosso Plano Físico e sua primeira diferenciação do estado Laya ao protilo (matéria) substância primordial — além da linha zero —, ali onde colocamos o princípio-raiz do material do mundo e de tudo que existe. Isto pode ser facilmente demonstrado. No Catecismo Vedantino, ensinado desde 1017, encontramos o sistema seguinte: "Antes de começar a Evolução, a Natureza se encontrava na condição Laya ou de homogeneidade absoluta; pois a matéria existe em duas condições: Sukshuna ou latente indiferenciada, e Sthula ou diferenciada".

Logo se converteu em atômica (Anu). Ele fala em Suddasattwa, uma substância não sujeita às qualidades da Matéria, da qual difere por completo; e acrescenta que dessa substância são formados os corpos dos deuses. Diz, ainda, que cada partícula ou átomo de Prakriti contém Jiva (a vida divina) e é o veículo do Jiva que ele contém. Jiva é, por sua vez, o corpo do Espírito Supremo, pois Parabrahman impregna todo o Jiva assim como toda a partícula de Matéria. Por dualística que seja esta doutrina é, não obstante, superior em lógica à filosofia moderna. Os advaítas são chamados ateus porque consideram como ilusão todas as coisas, salvo a Realidade Absoluta, Parabrahman. Os mais sábios Iniciados e os maiores ioguis saíram de suas filas. Os Upanishads mostraram que conheciam a substância causai nos efeitos da fricção, estavam familiarizados com a conversão do calor em força mecânica, como também conheciam o Númeno de todos os fenômenos, tanto espirituais como cósmicos. O Gandharva dos Vedas é a Deidade que conhece e revela aos mortais os segredos do céu e as verdades divinas. Cosmicamente, são os poderes agregados do Fogo Solar e constituem as suas forças; psiquicamente, são a Inteligência que reside no Sushumna, o Raio Solar, o mais elevado dos sete Raios.

Misticamente, são a Força oculta no Soma, a Lua, ou planta lunar e a bebida produzida por esta; fisicamente, são as causas fenomenais e espiritualmente as numenais, do "Som" e "Voz da Natureza". São os protótipos dos Anjos de Enoch, os Filhos de Deus que viram que as Filhas dos homens eram formosas; e ensinaram às filhas da Terra os segredos do céu.

Ataque de um Homem da Ciência à Teoria Científica da Força

0 Dr. B. W. Richardson, F. R. S., num artigo sobre "Força Solar e Força Terrestre", publicado na Revista de Ciência Popular, diz que:

"Vou declarar a opinião exata sobre a Força Solar, do imortal herege Samuel Métcalfe. Partindo do argumento — sobre o qual se acham de acordo quase todos os físicos — de que existem na natureza dois agentes: a matéria que é ponderável, visível e tangível, e um algo, imponderável, intangível e invisível, só apreciável por sua influência sobre a matéria, Métcalfe sustenta que o agente imponderável e ativo, que ele chama "Calórico", não é uma mera forma de movimento, não é uma vibração entre as partículas de matéria ponderável, mas por si mesmo uma substância material, que emana do Sol através do espaço que enche os vazios entre as partículas dos corpos sólidos, e comunica por sensação a propriedade chamada calor. A natureza da Força Solar é discutida por ele pelas razões seguintes:

1 — pode ser acrescentada e extraída de outros corpos e medida com precisão matemática;

2 — aumenta o volume dos corpos, que se reduzem de novo por sua extração;

3 — modifica as formas, propriedades e condições de todos os outros corpos;

4 — passa por uma radiação através do vazio mais perfeito que seja possível formar, no qual produz os mesmos efeitos sobre o termômetro na atmosfera;

5 — mostra forças mecânicas e químicas que nada é capaz de conter como nos vulcões, explosão de pólvora etc;

6 — age de modo sensível sobre o sistema nervoso, produzindo dor intensa e, quando excessiva, a desorganização dos tecidos.

Por estas razões estabeleceu Métcalfe a hipótese de que a Força Solar é um princípio ativo por si. Tem afinidades por todas as partículas da matéria ponderável, atraindo-a com forças que variam inversamente aos quadrados da distância. Atua, assim, através da matéria ponderável.

Repele suas próprias partículas. Se o espaço universal estivesse cheio de energia solar (calórico), sem matéria ponderável, permaneceria inativo o calórico, porque não teria coisa sobre que agir.

A matéria ponderável, apesar de inativa por si, possui certas propriedades por meio das quais modifica e reprime as ações do calórico, sendo ambas regidas por leis imutáveis que têm a sua origem nas mútuas relações e propriedades específicas de cada uma. E formula uma das leis que expressa assim: "pela atração do calórico, pela matéria ponderável, ela une e mantém juntas todas as coisas por sua própria energia repulsiva, e separa e espalha todas as coisas".

Ele se refere à Força Fohática, o segundo princípio masculino e ativo Prana; essa substância é o segundo princípio do elemento setenário, a Terra. No Sol se converte no corpo solar e no dos Sete Raios. No espaço sideral corresponde a outro princípio, e assim sucessivamente. O Todo é uma Unidade homogênea, as partes é que são diferenciações. Calor é movimento ou reverberação, e por repercussão do Som em nosso plano, do qual é um movimento perpétuo, dessa substância nos planos superiores. Nossos sentidos e nosso mundo são vítimas de Maia. Há dois elementos no Universo: um é a matéria ponderável, outro é o éter que em tudo penetra, o Fogo Solar. Carece de cor, peso, forma e substância; é a matéria infinitamente divisível e suas partículas se repelem umas às outras.

É tão sutil que só a palavra éter pode expressá-la: enche o espaço.

A ação de Fohat sobre um corpo simples é que produz a Vida.

Quando morre um corpo, passa a mesma polaridade que sua energia masculina e, portanto, repele o agente ativo, o qual se fixa sobre suas moléculas e esta ação é química. A matéria ponderável pode estar inerte, porém jamais morta. Isto é Lei oculta.

O corpo humano está carregado de éter (luz astral) e mantém unidas suas diminutas partículas. E assim é com a planta, a rocha, o cristal.

Existem diferenças nas capacidades das distintas classes de matérias ponderáveis, para receber a energia solar, e disto dependem as várias condições mutáveis da matéria, as condições sólida, líquida e gasosa.

Os corpos sólidos atraem mais calórico que os fluidos, daí sua firme coesão. A dureza e brandura dos corpos, o sólido e o líquido — não são condições essenciais dos corpos — mas dependem das proporções relativas da matéria etérea e ponderável de que são feitos.

O éter, qualquer que seja a sua natureza, veio do Sol e dos sóis, os quais procedem daqueles que emanaram do Sol Central.

Sem éter não haveria movimento nem impulso que excitasse à ação as partículas de matéria. O Sol é posto em relação com o planeta por meio do éter; o planeta com outro planeta, o homem com o planeta e o homem com o homem.

Não haveria luz, nem calor, nem movimento algum, se não houvesse éter; ele é o Espírito e a Alma do Cosmos. Em nosso sistema solar, o Sol é o Sexto Princípio — Surya.

O espectroscópio nos ajuda a ver os elementos ou as vestes eternas do Sol — não o Sol mesmo — mas os físicos tomando estas vestes, o véu solar cósmico, pelo Sol, declaram que a sua luminosidade é devida à combustão e à chama, confundindo assim o princípio vital daquela luminária com uma coisa material que se chama cromosfera.

A força solar é a causa primeira de toda a Vida sobre a Terra e de todo o movimento no céu. A Doutrina Secreta diz que Marttanda

(o Sol) vigia e ameaça seus sete irmãos, os planetas, sem abandonar a posição central a que o relegou a sua Mãe Aditi. O comentário diz: "Ele os persegue girando, lentamente, sobre si mesmo, seguindo de longe a direção em que se movem seus irmãos, no caminho que rodeia suas casas (órbitas).

Os fluidos ou emanações do Sol são os que imprimem todo o movimento, despertando tudo à Vida no sistema solar. É a Atração e a Repulsão, mas não segundo o entende a Física Moderna, conforme a Lei da Gravidade.

Roberto Hunt, P. R. S., referindo-se à envoltura luminosa do Sol à sua aparência peculiar de coágulos, diz: "A superfície da fotosfera é semelhante ao nácar". Mr. Nasmyth descobriu objetos de forma particular, semelhantes a discos de diferentes tamanhos e sem ordem determinada, que se cruzavam uns com outros em todas as direções num movimento irregular entre si. Parecem uma espessa aglomeração de peixes aos quais se assemelham na forma; parecem folhas ou discos, e medem cerca de mil milhas de comprimento e 300 de largura. As chamas solares vistas através do telescópio são reflexos, diz o Ocultismo.

Temos, pois, uma fotosfera de matéria fotogênica, que oscila com poderosa energia, comunicando o seu movimento ao meio etéreo no espaço estelar, produzindo luz e calor em remotos mundos. Aquelas formas são comparadas a certos organismos como participando da vida (por que não?). Será por acaso o pulsar da matéria vital, no Sol Central de nosso sistema a fonte de toda essa vida que enche a Terra e que, sem dúvida, se estende a outros planetas para os quais o Sol é o poderoso ministro?

O Ocultismo responde afirmativamente a esta pergunta, e chegará o dia em que a Ciência averiguará este caso.

Porém, considerando a Força Vital como um Poder muito mais elevado que a luz e o calor ou a eletricidade e, efetivamente, capaz de exercer uma ação diretora sobre todos eles (isto é absolutamente oculto)... estamos dispostos a aceitar, com agrado, esta especulação, que supõe a fotosfera como sede primitiva do poder vital, e a considerar com prazer essa hipótese que atribui as energias solares à Vida.

Temos aqui uma importante corroboração científica para um de nossos dogmas fundamentais, a saber: a) que o Sol é o depósito da Força Vital, o Númeno da Eletricidade; b) que de suas misteriosas e insondáveis profundidades é que partem essas correntes de Vida, que pulsam através do Espaço e através de todo o organismo que vive sobre a Terra.

O Dr. Richardson, referindo-se ao Éter Nervoso, diz:

"A teoria de que, entre as moléculas de matéria sólida ou fluídica de que se compõem os organismos nervosos e as partes orgânicas de um corpo, existe um meio sutil, refinado, vaporoso ou gasoso, que mantém as moléculas em condição-

própria para o movimento de umas sobre as outras na organização e reorganização da forma... Quando falo Éter Nervoso, não digo que ele exista só na estrutura nervosa; creio que é uma parte especial da organização nervosa e como os nervos se acham em todas as estruturas que têm capacidade para o movimento e sensibilidade, do mesmo modo se acha o Éter Nervoso em todas essas partes. O éter é o meio que mantém em comunicação o órgão, ou parte do corpo, com as demais partes, pelo qual e através do qual o mundo vivo externo comunica como o homem vivente. Sendo o Éter Nervoso um produto direto do sangue, podemos considerá-lo como parte da atmosfera do sangue; existe, inquestionavelmente, na estrutura nervosa um fluido nervoso como ensinou Paracelso; a composição química exata desse fluido ainda não é bem conhecida. Penso que deve haver outra forma de matéria que se acha presente durante a vida; uma matéria que existe sob a forma de vapor ou gás que penetre o organismo nervoso inteiro, envolvendo-o como uma atmosfera cada molécula do sistema nervoso e é o meio de todo o movimento comunicado aos centros nervosos. Quando se compreende com claridade que, durante a vida, existe, no corpo animal, uma forma de matéria sutilmente difundida, um vapor que enche tudo e é, constantemente, renovada pela química vital; matéria que se expele com a mesma facilidade que o alento, depois de alcançado o seu objetivo, um novo raio de luz penetra a inteligência."

Paracelso escreveu o mesmo há 300 anos:

O Microcosmos inteiro está contido, potencialmente, no Liquor Vital, fluido nervoso, no qual a qualidade, natureza, caráter e essência dos seres estão contidos. O Árqueo é uma essência distribuída em todas as partes do corpo humano, por igual, o Spiritus Vitx toma sua origem no Spiritus Mundi. Sendo uma emanação do último, contém os elementos de todas as influências cósmicas, e, portanto, a causa que explica a ação das estrelas sobre o corpo invisível do homem.

Diz o Dr. Richardson que isto seria o Panteísmo descoberto fisIcamente.

O Panteísmo se manifesta na vasta extensão estrelada dos céus, na respiração dos mares e oceanos e no tremor de vida da erva mais humilde. A Filosofia repele um Deus finito e imperfeito no Universo; a Deidade antropomórfica do monoteísta, tal como a apresentam seus adoradores. Repudia, em virtude de seu nome de Filoteosofia, a idéia grotesca de que a Deidade Infinita, Absoluta, possa ter relação direta ou indireta com as evoluções finitas ilusórias da Matéria e, por conseguinte, não pode imaginar um universo fora daquela Deidade ou a ausência da mesma na mais diminuta partícula da substância animada ou inanimada. Não significa isto que cada ramo, árvore, pedra, seja um Deus; porém, que cada partícula do material manifestado do Cosmos pertence a Deus e é a substância de Deus, por muito baixo que possa ter caído em sua rotação cíclica através das eternidades do Sempre Vir a Ser; e também que cada ponto destes, individualmente, e o Cosmos coletivamente, é um aspecto recordatório d'Aquela Alma Universal Una, que a Filosofia se nega a chamar Deus, limitando, assim, a Raiz e Essência Eterna, sempre presente.

Há uma dupla série de sentidos: espirituais e materiais. A Fisiologia nega a priori os sentidos espirituais, aqueles que obram sobre

um plano superior da consciência, porque ignora a Ciência Sagrada. As correlações, tanto mentais como físicas, dos sete sentidos — sete no plano físico e sete no plano mental — estão claramente explicadas e definidas nos Vedas e particularmente no Anugita:

O Indestrutível e o Destrutível, tal é a dupla manifestação do Ser. Destes, o Indestrutível é o existente (a verdadeira essência ou natureza do Ser, os princípios fundamentais); a manifestação como entidade é chamada o Destrutível. Todo Iniciado sabe que tal é a doutrina dos antigos. O Espaço é a primeira Entidade; o Espaço (Akasha) é o Númeno do éter e possui uma qualidade — o som só — e as qualidades do som são: Shadia, Rishabha, Gandhara, Madhyama, Panchama, Nishada e Dhaivata, (a escala musical hindu). Estas sete notas são os princípios do som. As qualidades de cada elemento, assim como de cada sentido, são setenárias.

Só pela emancipação do Ser destas sete causas da ilusão, podemos adquirir o conhecimento das qualidades dos objetos dos sentidos em seu plano dual de manifestação, o visível e o invisível.

A divisão dos sentidos físicos em cinco chegou-nos desde uma antigüidade mui remota. Porém, ao adotar o número, nenhum filósofo perguntou como podiam existir esses sentidos, isto é, ser empregados de uma maneira consciente própria a não ser que exista o sexto sentido, a percepção mental para registrá-los e recordá-los, e o sétimo (para os ocultistas) a fim de conservar o fruto espiritual e a recordação do mesmo, como em um Livro de Vida que pertence ao Karma.

Atenta a classificação completa das causas: "O nariz, a língua, os olhos, a pele e o ouvido, como a mente e o entendimento, estes sete sentidos devem ser considerados como as causas do conhecimento destas qualidades. O cheiro, o gosto, a cor, o som, o tato, o objeto da operação mental e o objeto do entendimento (percepção espiritual mais elevada) estes sete são causas de ação. O que cheira, o que ouve, come, fala, pensa e compreende, estes sete devem entender-se que são as causas dos agentes, estes possuindo qualidades gozam de suas próprias qualidades.

Esotericamente significa que estes sete sentidos são produzidos por agentes que são as deidades, ou númenos dos diferentes fenômenos.

O Éter Nervoso é o princípio inferior da Essência Primordial, que é a Vida. É a vitalidade animal, difundida na Natureza inteira e que opera de acordo com as condições que encontra para sua atividade. Não é um produto animal, mas o animal, a planta são produtos seus. Desce em maior quantidade à vegetação no Raio Solar Sushumna que ilumina e alimenta a Lua, e por meio de seus raios verte sua luz sobre os homens e animais e os penetra mais quando dormem e descansam que quando estão em plena atividade.

Acumula-se nos centros nervosos durante o sono, e o corpo completamente renovado por ele oferece capacidade para o movimento, a plenitude da forma — a Vida. Mudando seu estado de atividade para a passividade, temos o fenômeno da morte. O Éter Nervoso de uma pessoa pode ser envenenado pelo Éter Nervoso de outra pessoa, ou por suas emanações áuricas.

No Bhagavad Gita, diz Shri Krishna:

Só alguns me conhecem verdadeiramente. A terra, a água, o fogo, o ar, o espaço, a mente, o entendimento e o egoísmo (percepção de todos os outros no plano ilusório) esta é uma forma inferior de minha natureza. Sabe que existe outra forma de minha natureza superior a esta que está animada, ó tu, de poderosos braços! E pela qual este Universo é sustentado. Tudo isto está tecido em mim como pérolas enfiadas num fio. Sou o gosto na água, ó filho de Kunti! Sou a Luz do Sol e da Lua... Sou o som no espaço, o aroma na terra, o resplendor no fogo etc....

E continua:

A raiz da grande Árvore, cuja semente (Parabrahman) consiste na Inteligência (Mahat ou Alma Universal), como seu tronco, cujos ramos são o grande egoísmo (Ahankara), em cujos Ocos se encontram os sentidos (elementos ocultos), sendo seus ramos de flores os elementos grosseiros, que são eternos e cuja semente é Brahaman (a Deidade) e cortando-o com a excelente espada do conhecimento se alcança a imortalidade.

Esta é a Árvore da Vida — Ashvattha — e só depois de tê-la cortado, pode o homem emancipar-se.

O Caos indiferenciado é o aspecto primário da Matéria-raiz e a primeira idéia abstrata que o homem pode formar de Parabrahman.

O Éter tem seus sete princípios como tudo na Natureza, e se não houvesse Éter não haveria som algum, posto que é a vibrante caixa sonora da natureza em suas sete diferenciações. Este foi o primeiro mistério que os Iniciados da antigüidade aprenderam. Tendo perdido em espiritualidade o que adquirimos em desenvolvimento físico até o fim da Quarta Raça, estamos agora perdendo do mesmo modo gradual e imperceptivelmente no físico tudo o que voltamos a ganhar na revolução espiritual. Este processo continuará até a Sexta Raça-Raiz.

Voltemos a Paracelso:

O Árqueo é de origem magnética e atrai ou repele outras forças simpáticas ou antipáticas pertencentes ao mesmo plano. A força vital não está encerrada no homem, mas irradia dentro de si e ao seu redor como uma esfera luminosa (aura) e pode ser empregada à distância. Pode envenenar o sangue e produzir doenças, como pode restabelecer a saúde. O princípio de Vida pode matar quando é exuberante ou quando é insuficiente. Mas este princípio no plano manifestado é só o efeito da ação inteligente da "Hoste" coletiva da Vida e da Luz manifestando-se.

Acha-se ele mesmo subordinado à Vida Una e Absoluta, sempre invisível e eterna, da qual emana, numa escala descendente e reascendente de graus hierárquicos, a escala setenária, com o Som, o Logos no extremo Superior e os Pítris inferiores no mais baixo.

A TEORIA SOLAR

Na resposta do professor Beale, o grande fisiólogo, ao ataque dirigido por Dr. Gull contra a teoria da vitalidade, inseparavelmente

ligada aos elementos dos antigos na Filosofia oculta, há algumas palavras muito significativas:

Existe um mistério na vida que jamais foi sondado e cresce à medida que se estudam e observam mais a fundo os fenômenos da vida.

Nos centros viventes, observados com os mais poderosos instrumentos de ampliação, onde o olho não pode penetrar, mas onde a inteligência pode especular, se produzem mudanças sobre cuja natureza os físicos e químicos mais adiantados não nos dão um conceito; são de ordem distinta de qualquer outro fenômeno que conhecemos. O ocultista coloca este mistério — a origem da essência da Vida — no mesmo centro que o núcleo da matéria-prima de nosso Sistema Solar, pois eles são um.

O Sol é o coração do Sistema Solar e seu cérebro está oculto atrás do sol visível; daí a sensação é irradiada para cada centro nervoso do grande corpo e as ondas da essência da Vida fluem para dentro de cada artéria.

Os planetas são seus membros e pulsações.

A filosofia oculta nega que o Sol seja um globo em combustão, e o define como um mundo ou esfera resplandecente, ocultando o verdadeiro Sol, sendo o sol visível o seu reflexo ou concha.

As folhas de Nasmyth, que Herschel tomou como habitante do Sol, são os depósitos da energia solar, a eletricidade vital que alimenta todo o Sistema. O Sol in abscondito é o depósito de nosso pequeno Cosmos gerando ele mesmo o seu fluido vital e recebendo sempre tanto quanto dá.

O sol visível é apenas uma janela aberta no verdadeiro palácio.

O Sol se contrai ritmicamente como o coração humano, empregando o sangue solar dez anos para circular e um ano inteiro para passar por sua aurícula e ventrículo, antes de banhar os pulmões e voltar às grandes artérias e veias.

A Astronomia sabe que há um ciclo de onze anos em que aumentam as manchas solares, sendo isto devido ao aumento das contrações do coração solar.

0 Universo respira como o homem sobre a Terra. O fenômeno é semelhante à pulsação regular e sã do coração humano, ao passar o líquido da vida pelos orifícios de seus músculos; e as manchas solares são idênticas à contração e ímpeto do sangue. Todos os corpos simples são modificações de um só elemento material. Na realidade não existe Espírito e Matéria, mas somente números, aspectos do eternamente oculto Sat.

O elemento homogêneo primordial é simples e só, unicamente no plano terrestre de consciência e sensação, pois a Matéria não é outra coisa que a série de nossos próprios estados de consciência e o Espírito uma idéia de intuição psíquica. No reino do Espírito sucede o

mesmo que no da matéria — a sombra do que é conhecido no plano objetivo existe no da subjetividade pura. O ponto da substância, perfeitamente homogênea, é considerado como arquibiose da existência terrestre (o protoplasma de Huxley).

A filosofia esotérica compreende bem o significado secreto da Estância: "Brahmâ tem, essencialmente, o aspecto de Prakriti, tanto desenvolvido como não desenvolvido. o Espírito, ó Iniciado!, é o aspecto principal de Brahmâ. O imediato é um duplo aspecto, tanto desenvolvido como não desenvolvido; e o Tempo é o último. Anu é um dos nomes de Brahmâ, distinto de Brahman, e significa átomo — o imperecível e imutável Purushottama".

Os elementos que agora conhecemos não são, nem podem ser, os Elementos Primordiais. Os corpos simples conhecidos hoje chegaram a seu estado permanente nesta Quarta Ronda e Quinta Raça. Têm um curto repouso antes de ser novamente impelidos em sua evolução espiritual ascendente, quando o Fogo Vivo de Orcus desassociará os mais irresolúveis, dispersando-os no Um Primordial. O Espírito e a Matéria são as duas facetas da Unidade Incognoscível, dependendo os seus aspectos dos vários graus de diferenciação alcançados pelos homens. A Matéria é eterna no seu estado Laya (zero).

A matéria radiante de Mr. Crookes apareceria como matéria da classe mais grosseira no reino dos Começos, posto que ela se converte em puro Espírito antes que volte a seu primeiro ponto — de diferenciação.

O caduceu de Mercúrio é o símbolo da evolução dos deuses e átomos, sendo que a vara do caduceu representa a árvore da Vida, que desce no começo do Manvântara das duas obscuras asas do Cisne (Hamsa) da Vida.

As duas serpentes, Espírito e Matéria, o eternamente vivo e sua ilusão, provêm da cabeça entre as duas asas, e descem estreitamente abraçadas, juntando-se as caudas sobre o universo manifestado.

A FORÇA FUTURA

Força é a manifestação da energia ou matéria agitada, ou são os aspectos diferenciados da Substância cósmica primária e não diferenciada.

Em Ocultismo, os sete Irmãos ou Filhos de Fohat são as sete forças primárias da Eletricidade, cujos efeitos fenomenais (os mais grosseiros) são os únicos conhecidos pelos físicos no plano cósmico e terrestre. Estes compreendem, entre outras coisas, o Som, a Luz, o calor e a cor etc. O Ocultismo vê nestas forças e manifestações uma escala cujos degraus inferiores pertencem à Física esotérica e os superiores se remontam a um Poder vivo inteligente e invisível, que é a causa indiferente, ainda que consciente, dos fenômenos que afetam os

sentidos, e que se designam com o nome de Leis da Natureza. Nós dizemos, por exemplo, que o Som é um tremendo "Poder" oculto, uma força estupenda, cuja potencialidade menor, quando se dirige com conhecimento do oculto, não poderia ser controlada pela eletricidade que engendrasse um milhão de Niáfaras. Poderia produzir-se um som de tal natureza que elevasse no ar a pirâmide de Quéops ou fizesse reviver um moribundo. Porque o Som engendra, ou congrega os elementos que produzem um ozona, cuja fabricação transpassa as faculdades da Química. Pode ressuscitar um homem ou um animal cujo corpo astral não tenha sido separado, de modo irreparável, de seu corpo físico pela rutura do cordão magnético. Salva da morte por três vezes, em virtude deste poder, a escritora pôde conhecer, pessoalmente, algo do mesmo. A Força etérea descoberta por John Worrell Keely, de Filadélfia, não é uma alucinação. Esse gerador de força invisível, capaz de arrastar uma máquina de 25 cavalos, só com o passar um arco de violino por um diapasão. Natureza e espaço são o mesmo. Keely estava no umbral de um dos maiores segredos do Universo, principalmente daquele em que está fundado todo o mistério das forças físicas. A filosofia oculta, considerando o Cosmos manifestado e não-manifestado como uma Unidade, simboliza o conceito ideal do primeiro num ovo de ouro com (dois pólos.

0 pólo positivo é o que atua no mundo manifestado da matéria, enquanto o negativo se perde no desconhecido Absoluto — Sat (a Seidade).

As idéias do Sr. Keely sobre a construção material do Universo se parecem, estranhamente, às nossas. O Sr. Keely diz: "Nunca se encontrou o meio de produzir um centro neutro, ao projetar as máquinas até hoje construídas. No projeto de minha máquina vibratória, não tratei de conseguir o movimento contínuo; porém, forma-se um circuito que tem, realmente, um centro neutro, o qual está em condições de ser vivificado por meu éter vibratório, e enquanto se acha sob a vibração desta substância, é na realidade uma máquina independente da massa, o que acontece por causa da velocidade assombrosa do circuito vibratório. Todas as construções requerem bases de uma resistência proporcional ao peso da massa que devem sustentar; porém as bases do Universo se assentam num ponto vazio muito menor que uma molécula, isto é, num ponto interetérico para cuja compreensão se necessita de uma Mente infinita. Investigar as profundidades de um centro etérico é o mesmo que buscar os confins do vasto espaço do éter dos céus, com a diferença de que um é o campo positivo, enquanto o outro é o negativo."

Isto é, precisamente, a doutrina oriental. O ponto interetérico de Sr. Keely é o ponto Laya dos ocultistas; para compreendê-lo não é preciso uma mente infinita, mas apenas uma intuição especial para encontrar o lugar em que se oculta dentro deste mundo de Matéria. Não se pode produzir um ponto Laya, porém um vazio interetérico, como já se provou pelo som de campainhas no espaço. A área de um

átomo apresenta a força atrativa ou magnética, eletiva ou propulsora, toda a força receptiva e antagônica, que caracteriza um planeta de maior tamanho; por conseguinte, continuando a acumulação, permanece a equação perfeita. Uma vez fixado este centro diminuto, o poder necessário para arrancá-lo de sua posição teria de ser tão grande quanto o necessário para tirar do seu lugar o maior planeta existente. Quando este centro neutro atômico varia de lugar, o planeta tem de segui-lo. O centro neutro leva consigo todo o peso de uma acumulação qualquer desde o ponto de partida, e permanece o mesmo para sempre, em equilíbrio no espaço eterno. A imaginação se turva ao contemplar a imensa carga que suporta este ponto central, onde o peso cessa. É isto mesmo que o ocultista entende por um centro Laya.

A Filosofia oculta divulga muito pouco os seus mistérios vitais mais importantes; deixa-os cair como pérolas preciosas, um a um, à grande distância uns dos outros, e assim mesmo só quando se vê obrigada a isto pela corrente evolutiva que arrasta, lenta e silenciosamente, o gênero humano para a aurora da Sexta Raça Raiz. O Sr. Keely era um mago de nascimento e inventou o "Automotor", porque possuía a capacidade inerente à sua própria natureza especial para mover a máquina e não podia transferir a outros a sua própria faculdade. Todo homem possui este princípio que pode guiar a força etérica vibratória. Não são muito raros os indivíduos que nascem com tais capacidades, mas quase todos eles vivem e morrem na ignorância de que possuem tais poderes.

Há, no entanto, mortais cujos "Eus internos" se acham relacionados, por descendência direta, desde um princípio com esse grupo de Dhyàn-Choans chamados os primeiros nascidos do Éter. A espécie humana, considerada fisicamente, está dividida em vários grupos, cada um dos quais está relacionado com um grupo de Dhyân-Choans que formaram primeiro o homem psíquico. Este quarto estado da matéria, descoberto por Keely, encerra o aumento da energia, o isolamento do Éter e a adaptação da força dinaesférica às máquinas. Precisamente porque a descoberta de Keely conduziria ao conhecimento de um dos segredos mais ocultos, que jamais se permitirá possa cair em poder das massas, que fracassou a sua descoberta. A vibração molecular é o legítimo campo de investigações de Keely; ele definia a eletricidade como uma determinada forma de vibração atômica; nisto está certo. O seu sistema, no desenvolvimento da potência como em suas diversas aplicações, está fundado na vibração simpática, por meio de um arame condutor. Isto ocorreu em 1886. Keely estima as vibrações moleculares em:

Vibrações moleculares	em	100.000.000 por segundo
Vibrações intermoleculares	em	300.000.000 por segundo
Vibrações atômicas	em	900.000.000 por segundo
Vibrações interatômicas	em	2.700.000.000 por segundo

Vibrações etéricas	em	8.100.000.000 por segundo
Vibrações interetéricas	em	24.300.000.000 por segundo

Não há vibrações que possam ser contadas além do reino do quarto Filho de Fohat, para usar uma frase oculta, isto é, o quarto estado da matéria neste plano. Keely descobriu, de modo inconsciente, a terrível força sideral conhecida pelos Atlantes e por eles chamada Mashmak, a qual é denominada pelos Rishis ários em seu Astra Vidya por outro nome. É o mesmo Vril da Raça Futura de Bulwer Lytton e das futuras raças de nossa humanidade.

A descoberta em toda a sua extensão é ainda prematura: enquanto isso, funcionará por meio de arames. O que o Sr. Keely disse sobre a cor e o Som é também correto sob o ponto de vista oculto. Comparando a tenuidade da atmosfera com as ondas etéreas obtidas por seu invento, para romper as moléculas do ar por meio da vibração, Keely se expressa deste modo: "A separação molecular do ar nos leva só à primeira subdivisão, a intermolecular; à segunda, atômica; à terceira, interatômica; à quarta, a etérica; à quinta, interetérica; à sexta ou associação positiva com o Éter luminoso. Esta é a capa vibratória de todos os átomos. Existe a sétima, além da qual começa a mesma enumeração da primeira à última em outro plano mais elevado. O cheiro é uma substância real de uma tenuidade maravilhosa, desconhecida, a qual emana de um corpo, produzida por percussão e lançando ao exterior corpúsculos absolutos de matéria, partículas inter-atômicas, dotadas de uma velocidade de 1.120 pés por segundo, no vazio de 20.000. A substância disseminada é uma parte da massa agitada e, se mantém nesta agitação continuamente, será num transcurso de tempo completamente absorvida pela atmosfera.

Os sons dos diapasões vibratórios, produzidos de modo que originem acordes etéricos, enquanto por uma parte difundem seus tons (compostos), compenetram por outra todas as substâncias que se acham dentro do limite de seu bombardeio atômico. Ao tocar uma campainha no vazio se põe em liberdade esses átomos com a mesma velocidade e volume que o ar livre.

Creio que a definição exata do som é a perturbação do equilíbrio atômico, que rompe verdadeiros corpúsculos atômicos, e a substância que deste modo se desprende deve ser, seguramente, uma determinada ordem de fluxo etéreo.

Por infinitamente tênue que seja o cheiro, resulta grosseiro, comparado com a substância correspondente à subdivisão que corresponde ao fluxo magnético (corrente de simpatia). Esta é imediata ao som, mas superior a ele. É um grande exemplo o domínio da mente sobre a Matéria, que gradualmente diminui no físico, até que tem lugar a dissolução. Na mesma proporção o ímã perde, gradualmente, seu poder e chega a ser inerte. Se as relações que existem entre a mente e a matéria pudessem igualar-se e sustentar-se, viveríamos eternamente

em nosso estado físico, porque não haveria depreciação física. Essa depreciação física conduz à origem de um desenvolvimento muito elevado, a saber: a liberação do Éter puro do molecular grosseiro. O Sr. Organ, M.D., diz: "No sentido verdadeiramente filosófico, não há ação independente, pois toda força ou substância é correlativa de outra força ou substância". Há uma série transcendental de causas postas em movimento, na realização dos fenômenos que, não estando em relação com os estreitos limites de nossa faculdade de conhecer, só podem ser compreendidas pelas faculdades superiores dos Adeptos. São "corpos incorpóreos", tais como "aparecem no espelho", e "formas abstratas", que vemos, ouvimos e cheiramos em nossos sonhos e visões.

SOBRE OS ELEMENTOS E OS ÁTOMOS

Quando o ocultista fala dos Elementos e dos seres humanos que viveram durante essas Idades geológicas, cuja duração é impossível fixar, assim como a Natureza da Matéria, ele não se refere ao homem em sua forma fisiológica e antropológica presente, nem aos átomos elementais científicos. Em Ocultismo a palavra elemento significa rudimento; quando dizemos "homem elementar" significamos o esboço primitivo incipiente do homem em seu estado incompleto e sem desenvolver, portanto, nessa forma que se acha agora latente no homem físico durante sua vida e que só se manifesta eventualmente e sob certas condições, isto é, aquela forma que sobrevive ao corpo material por algum tempo e que se conhece pelo nome de Elementar.

Quanto ao Elemento no sentido metafísico, significa o homem divino, incipiente, distinto do mortal; em seu significado físico quer dizer matéria "incoada", isto é, em sua condição primária indiferenciada, ou no estado Laya, a condição eterna e normal da substância que só se diferencia periodicamente. Durante a diferenciação a Substância está em estado anormal, (ilusão transitória dos sentidos). Segundo os ocultistas, os átomos elementais são Almas, já que não são conhecimento, um Jiva como dizem os Hindus, um centro de vitalidade potencial com Inteligência latente em si; uma existência inteligente ativa da ordem mais elevada à mais inferior, uma forma composta de mais ou menos diferenciações.

Todos esses Átomos-almas são diferenciações do Um, e estão na mesma relação com Ele como está a Alma Divina e Buddhi com o seu Espírito animador e inseparável, Atma.

Os físicos modernos, ao tomarem dos antigos a Teoria Atômica, esqueceram um ponto, o mais importante da doutrina: o fato de que estes filósofos acreditavam, mais ou menos, em Átomos animados, não em partículas invisíveis da chamada matéria "bruta". Segundo eles, o movimento rotativo foi gerado por átomos maiores (mais puros e divinos) que impeliam os outros átomos para baixo, sendo simultaneamente

impelidos para cima os mais ligeiros. A idéia era metafísica tanto quanto física, abarcando, sua interpretação oculta, deuses e almas em forma de átomos, como causas de todos os efeitos sobre a terra pelas secreções dos corpos divinos.

Nenhum filósofo antigo dissociou nunca o Espírito da Matéria ou vice-versa; todas as coisas tinham origem na Unidade da qual procediam e à qual deveriam voltar.

A Luz se converte em calor e se consolida em partículas ígneas, as quais desde a sua ignição se convertem em partículas frias, duras, redondas e lisas, e a isto se chama a Alma aprisionada em seu envoltório de matéria. Na linguagem dos Iniciados, Átomos e Almas eram sinônimos.

A doutrina das "Almas vortiginosas", Gilgoolem, na qual acreditaram os judeus, não tem outro significado esotérico. A alegoria se refere aos átomos do corpo, cada um dos quais tem de passar através das formas antes de alcançar o estado final, que é o ponto de partida de cada átomo, seu estado Laya primitivo. Gilgoolem quer dizer "revolução das almas", e significa a idéia das Almas e Egos reencarnantes.

"Todas as Almas vão a Gilgoolem", isto é, todas passam pelo caminho cíclico do renascimento.

A passagem da "Alma-Átomo", através das sete Câmaras Planetárias, tinha o mesmo significado físico e metafísico.

Até Epicuro, o ateu, acreditava na Antiga Sabedoria que ensinava que a Alma era distinta do Espírito imortal; os antigos Iniciados significavam pela palavra Átomo uma Alma, Gênio ou Anjo (o primogênito da Causa). Neste sentido sua doutrina é compreensível. Não há Causa no universo manifestado que não tenha seus efeitos adequados, seja no Espaço ou no Tempo; nem pode haver efeito nenhum sem causa anterior, a qual, por sua vez, deve a existência a outra causa mais elevada até o Absoluto final, "a Causa sem Causa", incompreensível para o homem.

A Doutrina Esotérica diz: "nada se cria, tudo se transforma".

Tudo, no plano subjetivo, é um eterno é, como tudo no plano objetivo está sempre "vindo a ser", porque tudo é transitório. Neste universo nada pode manifestar-se — desde um globo até um fugaz pensamento — que já não estivesse no Universo. A Mônada, segundo a definiu Good, é uma indivisível conjunção, de Âtma-Buddhi e Manas Superior, Trindade una e eterna. A Mônada só pode seguir no curso de sua peregrinação, e em sua mudança de veículos provisórios, desde o estado incipiente do Universo manifestado. No Pralaya, período intermédio entre dois Manvântaras, perde ela seu nome como também o perde quando se submerge em Brahmâ no caso de Samâdhi elevado. Buddhi é o espelho que reflete Âtma; e ainda este reflexo não está livre da ignorância e não é o Espírito Supremo, posto que está sujeito a condições, é uma modificação espiritual de Prakriti, e um efeito.

Só Àtma é o fundamento Único, Real e Eterno de tudo, a Essência e o Conhecimento Absolutos.

O Espírito dá testemunho porque o Espírito é a Verdade. (São João, v. 6). Àtma é o Sétimo Princípio do homem, idêntico ao Espírito Universal com o qual o homem é uno em sua Essência. O que é a Mônada propriamente? Ela é a chispa homogênea que irradia em milhões de raios procedentes dos Sete Princípios Primordiais; é a chispa que emana do raio incriado, um mistério.

Este é o Logos, o Primeiro, o Buddhi Supremo. Como o Senhor de todos os Mistérios, não pode manifestar-se, mas envia ao mundo da manifestação seu Coração, o Coração de Diamante. Do Segundo Logos da Criação emanam os sete Dhyânis-Buddhas. Estes Buddhas são as Mônadas primordiais do mundo do Ser Incorpóreo, o Mundo Arúpa, onde as Inteligências (só naquele plano) não têm forma nem nome. Estes Dhyânis-Buddhas emanam de si mesmos, por virtude de Dhyâna, Egos celestiais — os Bodhisattvas super-humanos. Estes, encarnados no princípio de cada ciclo humano sobre a Terra como homens mortais, se convertem, às vezes, devido ao seu mérito pessoal, em Bodhisattvas entre os Filhos da Humanidade, depois do que podem reaparecer como Buddhas humanos.

Quaisquer que sejam as entidades neste mundo, são as primeiras a dissolver-se no Pralaya: em seguida os elementos de que está formado o universo visível; depois destas entidades evoluídas, todos os elementos. Tal é a graduação entre as entidades (graduação ascendente): Deuses, Homens, Gandharvas, Pishachas, Asuras, Rakshasas, todos foram criados pela Natureza.

Estes Brâmanes (os Rishi Prajapati?), os criadores do mundo, nascem aqui (na Terra) uma e outra vez. E o que quer que se produza deles se dissolve no devido tempo nesses mesmos cinco grandes Elementos da humanidade.

Aquele que se liberta destes cinco Elementos alcança a meta mais elevada. O Senhor Brahmâ criou tudo isto só com a Mente (por meio da meditação ou Dhyâna). Os Elementos primordiais inteligentes se convertem nos criados das Mònadas destinadas a serem humanas neste Ciclo.

Esotéricamente, a Mônada divina, puramente Ãdi-Búdica, se manifesta como o Buddhi Universal ou Mahat, a raiz espiritual, onisciente e onipotente da Inteligência divina, o Anima Mundi mais elevado ou Logos.

Este desce como uma Chama difundindo-se no ciclo de existência e se converte em Vida Universal, no plano do mundo. Deste plano de vida consciente brotam sete línguas de fogo, os Filhos da Luz ou Estrelas.

A estrela sob a qual nasce uma entidade humana, diz a Doutrina oculta, permanece para sempre sua estrela através de todo o ciclo de suas encarnações (num Manvântara).

Porém, esta não é a sua estrela astrológica. A estrela astrológica se relaciona com a personalidade; a primeira com a individualidade. O Anjo da estrela, ou guia, preside cada novo renascimento da Mônada, que é parte de sua própria essência ainda que o seu veículo, o homem, possa permanecer para sempre ignorante deste fato. Os Adeptos têm cada um sua "Alma Gêmea" ou Alma-Pai.

É verdade que só a reconhecem na última e suprema Iniciação, quando colocados ante a brilhante "Imagem".

Âtma é não-Espírito em seu estado final Parabrâmico; Ishvara, o Logos, é Espírito ou Uma Unidade, composta de Espíritos viventes manifestados, a fonte ou sementeira de todas as Mônadas terrestres, mas seu reflexo divino que emana do Logos e volta ao mesmo quando cada uma chega ao ponto culminante de seu tempo. Há sete grupos principais desses Dhyân-Choans, que podem encontrar-se e reconhecer-se em todas as religiões, pois são os sete Raios. Há só sete planetas relacionados com nossa Terra, e doze casas.

A Mônada, pois, considerada como Una, está acima do sétimo princípio no Cosmos e no homem, e como Tríada é a progênie direta radiante da mencionada Unidade. As Tríadas nascidas sob o mesmo Raio são, em todas as suas vidas e renascimentos posteriores, almas gêmeas, nesta Terra.

Eu e meu Pai somos um — dizia Jesus — Glorificai vosso Pai que está no céu. A identidade entre a Mônada angélica e a Mônada humana se revela nas seguintes sentenças: Meu Pai é maior que Eu (João, XVI, v. 28). Não sabeis que sois templo de Deus e que o Espírito de Deus mora em vós?

São, pois, os sete Filhos da Luz chamados pelos nomes de seus planetas, e amiúde identificados com eles pela massa ignorante, a saber: Saturno, Júpiter, Mercúrio, Marte, Vênus, o Sol e a Lua para os críticos que não vão além da superfície das antigas religiões. Sendo o Sol uma estrela central e não um planeta, acha-se com os seus sete planetas em relação mais oculta e misteriosa com nosso globo.

Saturno, Júpiter, Mercúrio e Vênus, os quatro planetas esotéricos e os outros três que não se podem citar, eram os corpos celestes em comunicação direta astral e psíquica, moral e fisicamente, com a Terra, seus guias e Vigilantes proporcionando seus Regentes, nossas Mônadas e faculdades espirituais. Entre os três Anjos estelares não estão incluídos Urano e Netuno, porque são os deuses e guardiães de outros globos setenários dentro de nosso Sistema. Cada povo e nação tem o seu Vigilante direto, Custódio ou um Espírito planetário. A origem planetária da Mônada ou Alma, de suas faculdades, foi ensinado pelos gnósticos. Entre os egípcios, Thot Hermes era o chefe dos sete, cujos nomes são dados por Orígenes como:

Adônis	Gênio do Sol
Tao	Gênio da Lua

Eloi	Gênio de Júpiter
Sabaoth	Gênio de Marte
Orai	Gênio de Vênus
Astaphai	Gênio de Mercúrio
Jeová-Ildabaoth	Gênio de Saturno

É evidente que os planetas não são meras esferas brilhantes no espaço, sem objeto algum, mas o domínio de vários Seres desconhecidos até agora pelos não-Iniciados, que têm uma conexão misteriosa, potente, ininterrupta, com os homens e os globos.

Cada corpo celeste é o templo de um Deus e estes Deuses são por sua vez os templos de Deus, o Desconhecido "Não-Espírito".

O PENSAMENTO ANTIGO VESTIDO À MODERNA

A Ciência moderna não é mais que o pensamento antigo desfigurado. Quanto à cosmogonia da matéria primitiva, as especulações modernas são, inegavelmente, o pensamento antigo aperfeiçoado pelas teorias contraditórias de origem recente.

Na filosofia ária e na grega encontramos o conceito de uma matéria não-organizada, homogênea, o Caos que tudo penetra e que foi batizada pela Ciência moderna de "condição nebular da matéria universal".

O que Anaxágoras chama Caos é, agora, fluido primitivo; os atomistas hindus e gregos, Kanada, Leucipo, Demócrito, Epicuro, Lucrécio etc, refletem como um espelho a teoria atômica de nossa época, começando com as Mônadas de Leibnitz e terminando com os Átomos vertiginosos de sir William Thomson. A teoria corpuscular antiga foi substituída pela teoria ondulatória. A Luz é o Primogênito, a primeira emanação do Supremo, e a Luz é Vida; ambos são eletricidade — o princípio da vida — o Anima-Mundi que impregna o universo, o vivificador elétrico de todas as coisas. A luz é o grande Proteu mágico, e sob a divina vontade dos construtores, suas ondas diversas e onipotentes deram nascimento a toda a forma e todo o ser vivente. De seu seio elétrico grávido brotam o Espírito e a Matéria; em suas radiações jazem o princípio de toda a ação física e química e de todos os fenômenos cósmicos e espirituais.

"Foi no raio desta primeira Mãe, Um nos Três que Deus", segundo Platão, "acendeu um Fogo que agora chamamos Sol." A Luz é tão material como a eletricidade mesma.

Helmholtz diz: Se aceitamos a hipótese de que as substâncias elementais estão compostas de átomos, não podemos evitar de concluir que também a eletricidade — tanto negativa como positiva — está dividida em porções elementais definidas, que se conduzem como átomos da eletricidade. Crookes afirmou que; Só há um Desconhecido:

a última essência do Espírito (Espaço). Mais adiante, falando sobre o protilo, ele afirma:

Aquele que não é o Absoluto nem o Um é, em virtude dessa mesma diferenciação, — por mais afastada que se ache dos sentidos físicos — sempre acessível à mente espiritual humana; é um Resplendor do Integral indiferenciável. Partamos do momento em que o primeiro elemento vem à existência; antes, a matéria como a conhecemos, não existia. É inconcebível a Matéria sem Energia como a Energia sem Matéria. Antes do nascimento dos átomos, todas essas formas de energia, que se fazem evidentes quando a Matéria atua sobre a Matéria, não podiam existir porque estavam encerradas no protilo — só como potencialidades latentes. Coincidindo com a criação dos átomos, todos esses atributos e propriedades, que formam os meios para distinguir um elemento químico de outro, surgem à existência dotados por completo de energia. (Crookes.)

O ocultista exporia isto de outro modo; diria que nenhum átomo é criado, pois são eternos no seio do Único Átomo, considerado, durante a criação, a matriz causativa do mundo.

O Espírito e a Matéria indiferenciada são eternamente Um; só durante o Pralaya eles são despidos dos atributos e qualidades, pois estão além dos planos de consciência da existência. O átomo científico é inseparável da Energia (Espírito). No protilo o átomo passou, simplesmente, para o estado eterno de todas as coisas fora dos planos de ilusão. O que a Ciência chama força binaria é a substância do mundo, sua Alma que tudo penetra. A Unidade toda potencial atua sobre Maia — o plano da ilusão como três coisas distintas, durante um Ciclo de criação (Manvântara).

Na filosofia órfica da Grécia antiga, eram chamados Phanes, Caos e Cronos, equivalentes à trindade ocultista daquele tempo.

Crookes, falando ainda sobre a evolução do átomo, diz:

Encontramos os elementos da água, do amoníaco, do ácido carbônico, da atmosfera na planta e vida animal; fósforo para o cérebro; sal para os mares; barro para a terra; fosfato e silicatos, mas não encontramos o fosfato de cálcio — indispensável para os ossos — o que faz supor que os homens daquela época não possuíam ossos. Talvez que a nossa Terra não tivesse ainda se convertido em membro do Sistema Solar. Há um vazio aí que a Ciência não explica e que talvez só ocorra em nossa Terra e não seja geral em todo o Universo.

Isto vem confirmar a Doutrina oculta sobre a existência de outros mundos em outros planos de consciência; ensina, também, que a Raça primitiva não tinha ossos e que há mundos invisíveis para nós e povoados como o nosso, além das povoações de Dhyân-Choans. O Sol e as estrelas não estão constituídos dos elementos da Terra, familiares à química, ainda que se achem presentes nas vestes externas do Sol, assim como outros muitos elementos até agora desconhecidos. 0 nosso globo tem seu laboratório especial nos confins da atmosfera, cruzados os quais, todo o átomo e molécula mudam e se diferenciam de sua natureza primordial. Sir George Airy admite a concepção ou existência de corpos não-sujeitos à gravitação.

A autora conhece bem as correspondências dos tipos e antetipos na Natureza e a perfeita analogia como Lei Fundamental em Ocultismo; daí se permitir fazer uma observação: "este método de ilustrar a lei periódica na conduta dos corpos simples, seja ou não uma hipótese na Química, é uma Lei nas Ciências Ocultas."

Todo ocultista sabe que os membros sétimo e quarto — seja numa cadeia setenária de mundos, na hierarquia setenária dos anjos, na constituição do homem, do animal, da planta ou do átomo mineral — que os membros sétimo e quarto, repetimos, desempenham sempre uma parte distinta e específica no sistema setenário, nas obras geométricas e matematicamente uniformes das leis imutáveis da Natureza. Desde os mundos aos átomos, tudo no Universo procede em sua evolução espiritual e física de um modo cíclico e setenário. A Natureza jamais dá saltos.

Esta é a Lei Una, e um método infalível que conduz sempre ao êxito a quem o siga.

A Ciência podia aprender com a Filosofia Oculta a significação mística, alquímica e transcendental das muitas substâncias imponderáveis que enchem os espaços interplanetários e, compenetrando os mundos, são a causa direta, no extremo inferior, da produção dos fenômenos naturais que se manifestam pela vibração. O conhecimento verdadeiro do Éter ou do Akasha e outros mistérios pode conduzir ao conhecimento das Forças.

O Materialismo não pode admitir a existência de algo fora da Matéria porque, com a aceitação de uma Força Imponderável — fonte e origem de todas as forças físicas — teria que admitir, virtualmente, outras forças inteligentes, e isto conduziria a Ciência muito longe; pois teria de aceitar, como conseqüência, a presença no homem de um poder ainda mais espiritual, independente de toda a classe de Matéria que os físicos conhecem.

Examinemos, agora, alguns pontos da teoria nebular moderna.

A nebulosa existe, sem dúvida, mas a teoria nebular é errônea. Uma nebulosa existe num estado de dissociação elementar completa, é gasosa e luminosa por si mesma; isto é tudo. O Sol e os planetas são só irmãos co-uterinos que têm a mesma origem nebular, porém de um modo diferente do postulado pela Astronomia moderna. A nossa nebulosa solar é homogênea; as estrelas diferem em sua matéria constituinte e até exibem elementos completamente desconhecidos na Terra, mas isso não afeta o ponto de que a Matéria Primordial (tal como aparecia em sua primeira diferenciação) é, até hoje, homogênea, a imensas distâncias nas profundidades do infinito e também nos confins de nosso Sistema Solar.

O dever do ocultista refere-se à Alma e Espírito do Espaço cósmico, e não só às aparências e modos de ser ilusórios.

Para aceitar as idéias ocultas sobre a teoria nebular, teríamos que estudar todo o sistema cosmogônico esotérico, principiando pelo repúdio à solidez e incandescência do Sol, pois se ele resplandece, nem por isso arde. Os ocultistas afirmam que todas as Forças têm a sua origem no Princípio Vital, a Vida Una Coletiva de nosso Sistema Solar, sendo essa Vida um dos aspectos da Vida Una Universal.

Os Adeptos ensinam o seguinte:

"Que o Sol expele só o Princípio de Vida, a Alma dos planetas, dando-lhes e recolhendo-os em nosso pequeno Sistema Solar, como o 'Doador Universal de vida'"... na infinidade e na eternidade; afirmam que "o Sistema Solar é o Microcosmo do Macrocosmo Uno, da mesma maneira que o Homem é o primeiro com relação a seu pequeno Cosmo Solar".

0 poder essencial de todos os Elementos cósmicos e terrestres para gerar dentro de si mesmos uma série regular e harmônica de resultados, um encadeamento de causas e efeitos, é uma prova irrefutável de que se acham animados por uma Inteligência ab extra ou ab intra, ou a ocultam dentro ou atrás do véu manifestado. O Ocultismo não nega a certeza da origem mecânica do Universo; só sustenta a necessidade de alguma classe de mecânicos dentro daqueles elementos, um dogma entre nós.

Newton reconhecia os limites que separam a ação das Forças naturais da ação das Inteligências que põem em ordem e ação as leis imutáveis.

Para que uma teoria cosmogônica seja completa e compreensível, tem de partir de uma substância Primordial, difundida em todo o Espaço sem limites, de natureza intelectual e divina. Esta Substância deve ser a Alma e o Espírito, a Síntese e o sétimo Princípio do Cosmos manifestado, e como base deste princípio espiritual, deve existir o sexto, seu veículo, a Matéria Física Primordial, ainda que sua natureza tenha de escapar, para sempre, aos nossos sentidos normais limitados.

É preciso que a Mente — a corporação coletiva de deuses — comece a trabalhar sobre o material dos mundos (nebulosas), comunicando-lhes movimento e ordem. O espectroscópio revelou a transformação de uma classe de estrelas que se diferenciavam numa nebulosa planetária, desmentindo a teoria nebular. A teoria ocultista, ainda que incompleta, diz: "A essência da matéria cometária (de que se compõem as estrelas) é completamente diferente de qualquer dos caracteres físicos e químicos que a Ciência conhece, devido à ação química da luz terrestre sobre os raios interceptados."

Da substância terrestre e sideral não se podem descobrir as ações químicas peculiares aos orbes do espaço, diferentemente evoluídas, nem se pode provar a sua identidade com as observadas em nosso próprio planeta.

Wolf observa que a hipótese nebular pode mostrar em seu favor que existem nebulosas planetárias em vários graus de desenvolvimento ou condensação, e nebulosas espirais com núcleos de condensação sobre ramos e centro. 0 laço que une as nebulosas com as estrelas ainda não foi descoberto. O protilo de Crookes não é a matéria primordial com que foi construído nosso Sistema Solar; nem sequer é a matéria-prima de Kant, que constitui os mundos; o protilo é uma fase mediata na progressiva diferenciação da Substância Cósmica desde seu estado normal indiferenciado.

É o aspecto que assume a Matéria na metade de seu caminho para a objetividade completa.

AS FORÇAS, MODOS DE MOVIMENTO OU INTELIGÊNCIAS?

A Matéria-Prima Primordial Divina e Inteligente, a emanação direta da Mente Universal, a Luz Divina (Fohat) que emana do Logos, formou os núcleos de todos os "orbes" que se movem no Cosmos. É o poder de movimento e o princípio animador, ou princípio informador de vida, sempre presente, a Alma Vital dos Sóis, Luas, Planetas e até de nossa Terra, latente o primeiro, e ativo o segundo; o soberano Guia invisível do corpo grosseiro, unido e relacionado com sua Alma, que é, afinal, a emanação espiritual destes respectivos Espíritos planetários.

Outra doutrina oculta é a de Kant; diz que: "a Matéria de que estão formados os habitantes e animais de outros planetas é de uma natureza mais leve e sutil e de uma conformação mais perfeita, em proporção de sua distância do Sol. Este último está cheio de eletricidade vital, do princípio físico produtor da Vida. Portanto, os homens de Marte são mais etéreos que nós, enquanto os de Vênus são mais densos, e se são menos espirituais, são muito mais inteligentes."

A última doutrina não é bem a nossa; da Mente e Alma kantianas, dos sóis e estrelas ao Mahat e o Prakriti dos Puranas, não há mais que um passo. Neste caso Mahat, a Mente, é um Deus, e a Fisiologia só admite a mente como uma função temporal do cérebro material e nada mais.

A Doutrina Esotérica reconhece um Princípio Vital, independente do organismo material (pois a força física não pode ser divorciada da matéria), mas de uma substância que existe num estado desconhecido da Ciência, sendo para eles, a Vida, algo mais que a mera interação de moléculas e átomos. Sem este Princípio Vital nenhuma combinação molecular poderia jamais produzir um organismo vivente, e muito menos a chamada matéria inorgânica de nosso plano de consciência.

Na realidade a Matéria não é independente de nossas percepções, nem existe fora delas, 0 Homem é uma ilusão; porém a existência

e a efetividade de outras entidades, ainda mais ilusórias — porém não menos reais que nós — nem por isso perde seu valor.

A Atração e a Repulsão são dois aspectos da Mente manifestada ou Unidade Universal, em cujos aspectos, o Ocultismo, por meio de seus grandes videntes, percebe uma Hoste inumerável de Seres operativos, os Dhyân-Choans cósmicos, entidades cujas essências, em sua natureza dual, são a causa de todos os fenômenos terrestres, co-substancial com a Vida, e sendo dual (positiva e negativa) as emanações dessa dualidade são as que atuam agora sobre a Terra sob o nome de "Modos de movimentos".

Os efeitos duplos dessa essência dual são as forças centrípeta e centrífuga, ora pólo positivo, ora negativo, ou polaridade frio e calor etc...

Dos Deuses aos homens, dos mundos aos átomos, de uma estrela a um pirilampo, o mundo de forma e existência é uma imensa cadeia, cujos elos estão todos unidos. A Lei de analogia é a primeira chave para o problema do mundo e estes elos têm que ser estudados coordenadamente em suas relações ocultas, uns com os outros.

A Doutrina Secreta pressupõe que o espaço condicionado não possui existência real alguma além deste mundo de ilusão (nossas faculdades perceptivas), e ensina que todos os mundos inferiores e superiores se acham compenetrados com o nosso próprio mundo objetivo, que milhões de seres e coisas se acham em volta de nós e em nós, assim como estamos em torno deles, com eles e neles; isto é um fato real da Natureza, por incompreensível que pareça aos nossos sentidos.

Ainda que a Terra possua dois pontos fixos nos pólos Norte e Sul, tanto o Este como o Oeste são variáveis relativamente à posição que ocupam na superfície da Terra, como conseqüência de sua rotação de Ocidente para Oriente. Daí que, quando mencionam outros mundos, melhores e piores mais espirituais ou mais materiais, ainda que invisíveis ambos, o ocultista não coloca estas esferas nem dentro nem fora de nossa Terra, pois a sua posição não está em lugar algum do espaço conhecido ou concebido pelo profano; acham-se, sim, confundidos com o nosso mundo que compenetram e são por ele compenetrados. Há milhões de firmamentos e mundos visíveis para nós, ainda que muito maior é o número dos que estão fora do alcance de nosso telescópio, e grande parte destes últimos não pertencem ao nosso plano objetivo.

Estes mundos são tão objetivos e materiais para os seus próprios habitantes como o é o nosso para nós. Cada um está sujeito às suas próprias Leis e condições especiais sem ter relação direta com nossa esfera.

Seus habitantes podem estar passando através ou ao lado de nós sem que nos apercebamos disto, como se fosse para eles um espaço vazio.

"Os Filhos da Terra consideram os filhos das esferas angélicas como seus deuses; e os filhos dos reinos inferiores olham os homens da Terra como seus devas." Os mundos invisíveis das Sílfides, Ondinas, Salamandras e Gnomos existem tão densamente povoados como o nosso; acham-se espalhados pelo espaço aparente em grande número, alguns mais materiais que os nossos, outros exteriorizando-se, gradualmente, até que perdem a forma e são como sopros. O fato de não vê-los com os olhos físicos não é razão para negá-los. A cauda de um cometa não a vemos nem a sentimos, apenas a percebemos; esta cauda pode ou não ser uma parte integrante do Ser do Cometa.

Dr. Winchell, discutindo sobre a pluralidade dos mundos, observa: "Há animais que vivem onde o homem pereceria, no solo, nas águas dos rios, nos mares... e por que não pode suceder o mesmo com seres humanos de organização diferente? Podem existir inteligências em corpos de tal natureza que não requeiram o processo de alimentação, assimilação e reprodução. Tais corpos não precisariam de calor e alimentos diários. Poderiam perder-se nos abismos dos oceanos ou viver agrupados em escarpadas rochas açoitadas pelas tormentas de um inverno ártico ou submergir-se durante cem anos num vulcão e conservar, apesar de tudo, a consciência e o pensamento."

Por que não haveria de existir naturezas psíquicas encerradas no pedernal ou na platina indestrutíveis?

Não poderiam Inteligências elevadas estar compreendidas em formas tão insensíveis às condições externas como as bactérias que passam vivas através da água fervendo? A Inteligência é, por sua natureza, tão universal e tão uniforme como as Leis do Universo. Os corpos são meramente a adequação local da inteligência a modificações particulares da matéria universal ou a Força. (Winchell.)

A Doutrina Secreta cita as naturezas psíquicas encerradas nas formas de matéria primitiva igualmente indestrutíveis: os progenitores de nossa Quinta Raça. Quanto tempo necessitou o mundo para converter-se no que é?

Ainda hoje chega à nossa Terra pó cósmico, que antes nunca havia pertencido à Terra; muito mais lógico é crer, como fazem os ocultistas, que através de milhões de anos que transcorreram desde que aquele pó cósmico se agregou e formou o globo em que vivemos em torno de seu núcleo de substância Primitiva e Inteligente, muitas humanidades, diferentes da nossa presente, como diferirão das que se desenvolveram dentro de milhões de anos, apareceram e desapareceram da superfície da Terra, como acontecerá com a nossa. Quando dizemos que os homens habitam esta Terra, desde há 18.000.000 de anos, não estamos considerando os homens de nossa Raça atual nem as Leis atmosféricas, condições termais etc... de nosso tempo.

"Os dias dos pecadores" significam os dias em que a Matéria alcançou seu domínio completo sobre a Terra e o homem chegou ao ápice do desenvolvimento físico em estatura e animalidade. Isto ocorreu

durante o período dos Atlantes no ponto médio de sua Raça, a Quarta, que pereceu afogada.

DEUSES, MÔNADAS E ÁTOMOS

Na filosofia dos Vedas o Eu Espiritual — o Atma — é chamado Alma-Fio, porque passa através dos cinco corpos sutis ou princípios, para formar o homem setenário.

As crenças nas Hostes das Inteligências invisíveis de vários graus têm todas os mesmos fundamentos. A verdade e o erro se acham misturadas em todas. A extensão exata dos mistérios da Natureza só se encontram na Ciência Esotérica Oriental. Tão vastos e profundos são, que só uns poucos Iniciados mais elevados, cuja existência é conhecida só de um punhado de discípulos, são capazes de assimilar o conhecimento.

Desde tempos imemoriais os mistérios da Natureza foram registrados pelos discípulos dos Homens Celestes, em figuras geométricas e símbolos, cujas chaves passaram através das gerações de Homens sábios e dessa forma vieram do Oriente para o Ocidente. O Triângulo, o Quadrado, o Círculo, são descrições mais eloqüentes e científicas da evolução espiritual e psíquica do Universo do que volumes de Cosmogêneses.

Os dez pontos inscritos no Triângulo pitagórico valem por todas as teologias. A cosmologia esotérica está inseparavelmente relacionada com a Filosofia e a Ciência modernas. Os Deuses e as Mònadas dos antigos, e os átomos das escolas materialistas atuais (teoria das escolas gregas), são somente unidades compostas, ou graduadas, como a estrutura humana que principia com o corpo e termina com o Espírito.

O Triângulo num Círculo significava a natureza trina co-igual da primeira substância diferenciada ou a consubstanciabilidade do Espírito (manifestado) Matéria e Universo, filho dos dois que procede do Ponto ou Logos esotérico real, a Mônada Pitagórica. Os que não podem compreender a diferença entre Mônada, Unidade Universal e as Mônadas ou unidades manifestadas, assim como o Logos sempre oculto e o Verbo revelado, não deviam ocupar-se desses assuntos.

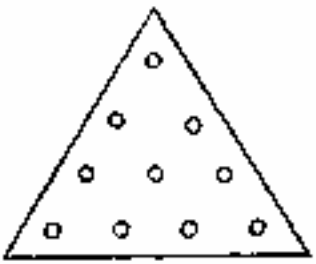
Nossos Deuses Mônadas não são os elementos da extensão mesma, mas só da Realidade invisível, que é a base do Cosmos manifestado.

A Mônada, emanação e reflexo somente do Ponto ou Logos, no mundo fenomenal, converte-se no ápice do Triângulo equilátero manifestado no "Pai". A linha do lado esquerdo é a Dúada, a "Mãe", considerada como um princípio mau de oposição. O lado direito representa o Filho, "Esposo de sua Mãe" em todas as Cosmogenias, como sendo uno com o ápice; a linha da base é o plano universal da Natureza produtora, unificando no plano fenomenal Pai-Mãe-Filho, como estes estavam

unificados no ápice, no Mundo supra-sensível. Por transmutação mística se converteram no Quaternário; o Triângulo se converteu na Tetraktys. Os físicos consideram o Espaço, a Força e a Matéria como símbolos convencionais; no entanto a Filosofia arcaica considera o Espaço como uma entidade substancial, ainda que aparente, incognoscível e vivente.

0 Espaço é um Mundo Real, enquanto o nosso mundo é um mundo artificial.

É a Unidade através da sua infinitude, e esse Mundo Real é uma unidade de Força; isto está simbolizado no Triângulo Pitagórico, símbolo do Universo. O ponto do ápice representa a Mônada, da qual tudo procede e de cuja essência tudo participa. Os dez pontos dentro do triângulo equilátero representam o mundo fenomenal; os três lados são a barreira da Matéria numenal ou a Substância que a separa do mundo do Pensamento.


A Tetraktys Pitagórica

Segundo Pitágoras, um ponto corresponde à Unidade, uma linha a duas, uma superfície a três, um sólido a quatro, e definia um ponto como uma Mônada que tem posição e é o princípio de todas as coisas. A pirâmide é o símbolo do Universo fenomenal. Pitágoras considerava a linha como correspondendo à dualidade, porque era produzida pelo movimento da natureza indivisível e formava a união de dois pontos. Os quatro pontos da base do triângulo pitagórico correspondem a um sólido, ou cubo, que combina os princípios de comprimento, largura e profundidade, pois nenhum sólido pode ter menos de quatro pontos-limites extremos.

Argüi-se que: "A inteligência humana não pode conceber uma Unidade indivisível sem a aniquilação da idéia com o seu sujeito." Isto é um erro, mas existe o que chamamos Metamatemática e Metageometria. O ensino se originou na índia e foi ministrado por Pitágoras na Europa. Deitando um véu sobre o Ponto e o Círculo, que nenhum mortal pode definir a não ser com abstrações incompreensíveis ele colocou a origem da Matéria cósmica diferenciada na base do Triângulo. Assim se converteu este último na primitiva figura geométrica.

Como dizíamos anteriormente, a pirâmide é símbolo do Universo fenomenal, sumindo-se no universo Numenal do pensamento no vértice dos quatro triângulos. A Dúada ou Terceira Mônada (é a linha de união entre os dois pontos) é a origem de todas as chispas nos três mundos ou planos superiores e nos quatro inferiores que estão em constante interação e correspondência. Esta é uma doutrina oculta.

Como um emblema aplicável à idéia objetiva, o triângulo simples se converteu em sólido. Quando convertido em pedra, dá frente para

os quatro pontos cardeais, na forma de pirâmide e como figura imaginária construída como três linhas matemáticas, simbolizou as esferas subjetivas, encerrando estas linhas um espaço matemático, que é igual a nada, incluindo nada; tudo que está fora da linha da matéria diferenciada, isto é, fora e além do reino mesmo da substância mais espiritual, tem que permanecer para sempre igual a nada. No reino da Ciência Esotérica, a Unidade dividida ad infinitum, em lugar de perder sua Unidade, aproxima-se com cada divisão aos planos da realidade única e eterna. O Olho do Vidente pode segui-la e contemplá-la em toda a sua glória pré-genética.

Esta mesma idéia da realidade do Universo subjetivo, e da não-realidade do objetivo, se encontra no fundo das doutrinas de Pitágoras e de Platão, porém só para os eleitos.

A Dúada, ainda que origem do Mal (Matéria), portanto irreal em Filosofia, é também Substância durante o Manvântara e se chama em Ocultismo a Terceira Mônada.

Shakti é o duplo feminino de qualquer Deus; eqüivale à Sofia dos gnósticos e ao Espírito Santo dos cristãos.

Da Dúada saem os Elohim (Deuses) e destes saem as Chispas ou Almas.

Cada Átomo se converte numa unidade complexa visível (uma molécula), e uma vez atraído à esfera da atividade terrestre, a essência Monádica, passando através dos Reinos mineral, vegetal e animal, se converte em homem. Deus, a Mônada, o Átomo, "são as correspondências do Espírito, Mente e Corpo (Atma, Buddhi, Manas) no homem".

Em sua agregação setenária, é o Homem Celeste, cujo reflexo é homem terrestre. Ás Mônadas são as Almas dos átomos; ambos são a estrutura com que se revestem os Dhyân-Choans quando necessitam uma forma.

As Mônadas ou Almas Atômicas são chamadas Jivas antes de descerem à forma terrestre pura, para a peregrinação individual.

A descida à Matéria eqüivale a um acesso para a Mônada na evolução física; é uma reascensão das profundidades da materialidade ao estado primitivo com uma dissipação correspondente da forma concreta e da substância até o estado Laya.

O professor Crookes, falando sobre os corpos simples da Química, assim se expressa: "Nossos corpos simples, aceitos como tais, não são simples e primordiais, não apareceram por casualidade nem foram criados de modo mecânico e irregular, mas se desenvolveram de matérias mais simples ou, talvez, de uma só matéria." Uma idéia é um Ser incorpóreo que não tem substância por si mesmo, porém dá forma e figura à matéria informe e converte-se na causa da manifestação (Plutarco).

Os três Primogênitos não são o Oxigênio, Hidrogênio e Nitrogênio?

As Mônadas de Leibnitz podem chamar-se Forças de um lado e Matéria de outro, pois são dois aspectos de uma só Substância.

Cada Mônada, sendo um espelho vivo do Universo e refletindo todas as demais, segundo Leibnitz, está de acordo com uma sloka sânscrita que diz: "Oculto atrás de um véu de densas trevas, Mahat formou espelhos dos átomos do mundo, e lançou o reflexo de sua própria face sobre cada átomo." A Doutrina Secreta ensina que ao começar o Pralaya, todos os átomos e moléculas se separam de suas formas e corpos compostos e se resolvem na substância única, a qual gerará "Essências Divinas", cujos "Princípios" (correspondendo na escala cósmica com o Espírito, Alma, Mente, Vida e os três veículos: corpo astral, duplo etérico e físico) são os Elementos Primários, os Subelementos, as Energias Físicas, e a Matéria subjetiva e objetiva, ou Deuses, Mônadas e Átomos.

Na aurora de um novo Manvântara, a Substância pura se dividirá de novo, gerando Essências cujos Princípios serão os elementos primários, e assim, sucessivamente, seguirão o processo evolutivo natural.

A Ciência descobriu que o Hidrogênio é o corpo simples mais próximo ao protilo, o Primogênito que durante muito tempo foi a única forma de matéria existente no Universo. Está certo: o Númeno conhecido como Hidrogênio infundiu a Vida na Mãe (Substância) por incubação, (o Espírito) o númeno do que se converte, em sua forma mais grosseira na Terra, em Oxigênio e Hidrogênio e Nitrogênio (não sendo este de origem divina, mas unicamente o cimento terrestre para unir os outros gases e fluidos e servindo como esponja para levar consigo o Alento de Vida, o ar puro).

"0 Senhor é um fogo devorador", e Nele estava a Vida, e a Vida era a Luz dos Homens.

Leibnitz, considerando os átomos centro de força, reduziu-os a pontos matemáticos... porém se a sua extensão no espaço não era nada, muito mais completa era a sua vida interna. Supondo que a existência interna, como a da mente humana, era uma nova dimensão, não geométrica, mas metafísica, Leibnitz os dotou de uma extensão infinita na direção de sua dimensão metafísica para encontrar e conhecer a essência verdadeira do que aparece no espaço como um ponto matemático. Assim como um cone se gera no seu vértice ou uma reta perpendicular corta um plano horizontal, só num ponto matemático, porém pode estender-se ao infinito em altura e profundidade, assim as essências das coisas reais têm só uma existência pontual neste mundo físico do espaço, mas têm uma grande profundidade de vida interna no mundo metafísico do pensamento.

Este é o Espírito mesmo, a raiz da doutrina e pensamentos ocultos.

0 "Espírito-Matéria" e a "Matéria-Espírito" se estendem, infinitamente, em profundidade, e como a essência das coisas reais está na sétima profundidade, a matéria grosseira e irreal da Ciência (o mundo

externo) se encontra no extremo mais baixo de nossos sentidos perceptíveis.

Spinoza só reconhecia uma Sabedoria Universal, indivisível, um Todo Absoluto como Parabrahman. Leibnitz, ao contrário, percebia a existência de uma pluralidade de substâncias. Daí que ambos admitindo apenas Uma Entidade Real, Spinoza a fazia impessoal e invisível, enquanto Leibnitz dividia a sua Deidade pessoal em um número de Seres infinitos, seres divinos e semidivinos. Spinoza era Panteísta Subjetivo e Leibnitz era um panteísta objetivo, ainda que ambos fossem grandes filósofos em suas percepções intuitivas. Se essas doutrinas se fundissem e se corrigissem mutuamente e, se sobretudo, fosse a Realidade Una libertada de sua personalidade, daria como resultado: a Essência Divina Absoluta, impessoal, sem atributos, que já não é Ser, mas a raiz de todo o Ser.

Traçando, mentalmente, uma divisória profunda entre a sempre Incognoscível Essência e a Presença Invisível, ainda que compreensível de Mulaprakriti, desde mais além e através da qual vibra o Som do Verbo, e procedentes da qual se desenvolvem as inúmeras hierarquias de Egos Inteligentes, de Seres conscientes e semiconscientes, cuja essência é força espiritual, cuja substância são os elementos, e cujos corpos são os átomos, aí está a Doutrina Secreta.

"Aquilo que existe fora de nós de uma maneira absoluta são Almas cuja essência é a força", repete Leibnitz.

Assim, pois, a Realidade no mundo manifestado está composta de uma unidade de unidades, por assim dizer, imaterial e infinita. São as Mônadas ou Jivas, a expressão do Universo; e cada ponto físico não é senão a expressão fenomenal do Ponto Metafísico Numenal.

A descoberta de Leibnitz, de que "uma energia ativa forma a essência da substância", é um Princípio ocultista. A sua concepção de que as partículas elementais são forças vitais que não atuam mecanicamente, mas por um princípio interno, prova que os seus Centros de Força "eram Seres espirituais cuja natureza mesma é ação". Os átomos não se distinguem uns dos outros; são qualitativamente iguais, porém uma Mônada difere de todas as demais Mônadas qualitativamente, e cada uma é um mundo peculiar para si mesma. O mesmo não sucede com os átomos que são absolutamente iguais, quantitativa e qualificativamente, e não possuem individualidade própria.

Assim a Alma Humana é uma Mônada e cada célula do corpo tem a sua Mônada como, também, cada célula do corpo do animal, do vegetal e até dos chamados corpos inorgânicos. Cada Mônada é um espelho vivo do Universo dentro de sua própria esfera, e ao refletir o mundo, as Mônadas não são meros agentes refletores passivos, mas, espontaneamente ativa por si mesmas, elas produzem imagens de um modo espontâneo como a alma em sonho. Portanto, em cada Mônada o Adepto pode ler tudo, até o futuro, pois elas estão em toda a parte.

Os átomos de Leibnitz nada têm a ver com os átomos da Ciência moderna nem com os dos materialistas gregos.

Todas as porções do Universo estão distintamente representadas nas Mônadas, porém algumas se refletem numa Mônada, algumas em outras.

Uma coleção de Mônadas poderia, por exemplo, representar o pensamento dos milhões de habitantes de Paris.

A Doutrina Secreta divide as Mônadas em três Hostes distintas, que contadas desde o plano mais elevado, são: Primeiro, os Deuses ou Egos espirituais conscientes, os Arquitetos Inteligentes que trabalham segundo o plano na Mente Divina. Logo vêm os Elementais ou Mônadas que constituem coletivamente, de modo inconsciente, os Grandes espelhos universais de tudo o que se relaciona com o seu reino respectivo. Por último, os átomos e moléculas materiais que, por sua vez, são animadas por suas Mônadas "perceptivas", o mesmo acontecendo com cada célula do corpo humano. Há multidões de tais átomos animados que, por sua vez, animam as moléculas, uma infinidade de elementais e forças espirituais inumeráveis, sem Mônada. Deste modo, os Poderes planetários aparecem aos olhos dos videntes sob dois aspectos: o subjetivo, como influências, e o objetivo, como formas místicas, que sob a Lei Kármica se convertem em Uma Presença, o Espírito e a Matéria sendo Um.

O Espírito é Matéria no sétimo plano e a Matéria é o Espírito no ponto mais inferior de sua atividade cíclica, e ambos são Maia.

As radiações informes (Arüpa), existentes na harmonia da Vontade Universal, sendo o que chamamos a coletividade da Vontade Cósmica no plano do Universo subjetivo, unem entre si uma infinidade de Mônadas e individualizam, assim, em um momento dado, uma Mente Independente, Onisciente e Universal, e pelo mesmo processo de agregação magnética criam para si mesmas corpos objetivos visíveis, com os átomos interestelares.

Os átomos são chamados vibrações em Ocultismo e, também, coletivamente, Som. Os Átomos enchem a imensidade do espaço e, por sua contínua vibração, são aquele movimento que mantém em marcha perpétua as rodas da Vida. Segundo as descrições dos Videntes, os Anjos ou Poderes Diretores Conscientes, os Númenos, são deslumbrantes como flocos de neve virgem na radiante luz do Sol. São mais velozes que o pensamento, e os seus movimentos são circulares. Às vezes, a intensidade de seus movimentos produz resplendores, como as luzes do Norte, nas Auroras Boreais.

EVOLUÇÃO CÍCLICA E KARMA

A Evolução espiritual do Homem Imortal Interno constitui a doutrina fundamental das Ciências Ocultas. Para reconhecer esta evolução, o estudante tem de crer:

a) na Vida Universal Una e independente da Matéria;

b) nas Inteligências individuais que animam as distintas manifestações deste Princípio.

A Vida Una está estreitamente relacionada com a Lei Única, que governa o mundo do Ser: KARMA.

No sentido esotérico, esta é, simples e literalmente, "ação", ou melhor "uma causa que produz seu efeito". Esotéricamente, é coisa distinta em seus efeitos morais de maior alcance. É a Lei de Retribuição Infalível.

É um Princípio impessoal, ainda que sempre presente e ativo. Não podemos chamá-lo Providência, pois é inflexível.

Os ciclos são também subservientes aos efeitos produzidos por esta atividade.

O Átomo Cósmico Único se converte em sete Átomos no plano da Matéria, e cada um é transformado num centro de energia; esse mesmo Átomo se torna sete Raios no plano do Espírito; e as sete Forças criadoras da Natureza irradiando da Essência-Raiz... seguem umas o caminho da direita e outras o da esquerda, separadas até o fim do Kalpa, e contudo em estreito amplexo. O que as une? — KARMA.

Os Átomos emanados do Ponto Central emanam, por sua vez, novos centros de energia, os quais, sob o poderoso alento de Fohat, começam a sua obra de dentro para fora e multiplicam outros centros menores. Estes, no curso da involução e da evolução, formam, por sua vez, as raízes ou causas desenvolventes de novos efeitos, desde os mundos e globos portadores de Homens até os gêneros, espécies e classes dos sete Reinos, dos quais só conhecemos quatro.

Os Dhyân-Choans e todos os Seres Invisíveis, os Sete Centros e suas Emanações diretas são o reflexo da Luz Única. Mas os homens estão muito afastados deles, pois todo o Cosmos visível se compõe de "Seres produzidos por si mesmos, as criaturas de Karma".

Todas as coisas saíram do Akasha, obedecendo a uma Lei de Movimento inerente nele e, depois de certa existência, se dissipam. Os principais acontecimentos da Vida de cada um estão sempre de acordo com a constelação sob a qual nasce, ou com as características de seu Regente ou Anjo ou Deidade. Quanto mais se aproxime do seu Protótipo no céu, tanto melhor para o mortal cuja Personalidade foi escolhida por sua própria Deidade pessoal (Sétimo Princípio), como sua habitação terrestre.

A cada esforço de vontade para a purificação e união com o Deus próprio, se interrompe um dos Raios inferiores, e a entidade espiritual do homem é atraída, cada vez mais alto, para o Raio que substitui o primeiro, até que, de Raio em Raio, o Homem Interno é absorvido no Raio único e mais elevado do Sol-Pai. O nosso destino está escrito nas estrelas.

O homem é um agente livre durante a sua estada na Terra.

Ele não pode escapar ao seu destino dominante, porém pode escolher entre dois caminhos que o conduzem naquela direção, e pode chegar ao pináculo da desgraça — se tal foi decretado — seja com a nívea roupa do mártir, ou com as manchadas vestes de um voluntário dos processos iníquos, porque há condições internas e condições externas que afetam a determinação de nossa vontade sobre nossas ações e em nosso poder está seguir qualquer dos dois caminhos. O destino é guiado pela voz celeste do invisível Protótipo exterior a nós, ou por nosso mais íntimo astral ou Homem Interno que, freqüentemente, é o gênio do mal da entidade encarnada, o homem.

Ambos guiam o homem externo, mas um tem de prevalecer, e desde o princípio mesmo da invisível querela, a implacável Lei da Compensação intervém e segue seu curso, acompanhando, fielmente, as flutuações da luta.

Quando está tecido o último fio, o homem está, aparentemente, envolvido nas malhas que ele teceu, e se encontra sob o império do destino que ele mesmo formou, e o Destino leva-o como uma pluma no torvelinho; isto é Karma. A Natureza sempre atua com propósitos determinados.

Há uma Lei de progresso ascendente por ciclos; as volições, interesses e atividades constituem os instrumentos e os meios do Espírito do Mundo para alcançar seu objeto, trazendo-o à consciência e conhecendo-o, e este fim não é outro que se encontrar a si mesmo, vir a si mesmo e contemplar-se a si mesmo, em atualidade concreta.

Há uma predestinação na vida geológica de nosso globo, assim como na história passada e futura das raças e nações, estreitamente relacionada com Karma e os Ciclos. Estes Ciclos, rodas dentro de rodas, não afetam de uma só vez e ao mesmo tempo toda a humanidade.

O Grande Ciclo abarca o progresso da Humanidade desde a aparição do homem primordial, de forma etérea. Ele circula através dos ciclos internos da evolução progressiva do homem, desde a etérea até a semi-etérea e puramente física; baixa a redenção do homem de seu vestido de pele e matéria, depois do que continua o seu curso para baixo, e depois para cima, para recolher-se na culminação de uma Ronda, quando a Serpente Manvantárica engole sua cauda e passaram Sete Ciclos Menores. Porém, dentro destes, há outros Ciclos Menores de Raças e Nações, independentes uns dos outros.

Somos nós, nações e indivíduos, que pomos Karma em ação e o impelimos em sua direção. O único decreto de Karma, eterno e imutável, é a harmonia absoluta no mundo da matéria como é no mundo do Espírito.

Não há desgraça ou incidente em nossas vidas cujas causas não possam ser encontradas em nossas próprias obras, nesta ou noutra vida.

Karma Nemesis não é mais que o efeito espiritual dinâmico de causas produzidas e de forças postas em atividade por nossas próprias ações.

É uma Lei de Dinâmica oculta que assim se enuncia: "uma quantidade dada de energia, desenvolvida no plano espiritual ou no astral, produz resultados muito maiores que a mesma quantidade desenvolvida no plano físico objetivo de existência". A supressão de uma só causa má suprimiria não um só, mas muitos maus efeitos. O Homem é o seu próprio salvador e o seu próprio destrutor.

Os Iniciados orientais afirmam que conservam anais do desenvolvimento das raças e dos fatos, de importância universal desde o começo da Quarta Raça, sendo tradicional seu conhecimento dos sucessos anteriores àquela época.

O ZODÍACO E SUA ANTIGÜIDADE

O Livro de Jó, o mais antigo do Canon hebreu, certamente anterior a Moisés, fala de Arcturus Orion, das Pléiades e das câmaras do Sul; fala de Escorpião e Mazaruth; os Doze Signos (palavras que implicam o conhecimento do Zodíaco até entre as tribos nômades árabes), e sabe-se que os poetas gregos citados viveram oito séculos antes de Cristo. Tomando, pois, como ponto de partida certas referências astronômicas de Jó, ideou-se um modo engenhoso de provar que os primeiros fundadores da ciência do Zodíaco pertenciam a um povo ante-diluviano, primitivo. Por aí vemos que não foram os gregos os inventores do Zodíaco, já que não existiam como nação trinta e sete séculos antes de Cristo, pelo menos, não como uma raça histórica admitida pelas críticos.

No Livro dos Reis II, (XXIII, 5) se acha claramente mencionado o Zodíaco. Antes que o Livro da Lei fosse encontrado por Hilkiah, o sumo-sacerdote, os signos do Zodíaco eram conhecidos e adorados.

Pitágoras, e depois dele Fílon, o Judeu, tinha o número doze por muito sagrado: "O número doze é perfeito; é dos Signos do Zodíaco, que o Sol visita em doze meses". Foi para honrar este número que Moisés dividiu sua nação em doze tribos, estabeleceu os doze pães de proposição e pôs doze pedras preciosas no Peitoral dos Pontífices."

Segundo Sêneca, Beroso profetizava os sucessos e cataclismos futuros por meio do Zodíaco. Seja ária ou egípcia, a origem do Zodíaco é de uma antigüidade imensa. Simplício, do século VI antes de Cristo, escreve que sempre ouvira dizer que os egípcios tinham conservado observações e anais astronômicos durante um período de 630.000 anos.

A Doutrina Secreta concede 1.000.000 de anos à nossa Raça-Raiz atual (a Quinta) e já se passaram 850.000 anos depois da submersão da Atlântida, enquanto que Daytia, pequena ilha habitada por uma

raça mista, foi destruída há 270.000 anos, durante o período glacial ou sua proximidade.

Um dia de Brahmâ eqüivale a 4.320.000.000 de anos e a noite de Brahmâ tem a mesma duração, ou seja, um Pralaya, depois do qual um novo Sol se levanta sobre um novo Manvântara, para a Cadeia Setenária que ele ilumina.

Os Judeus pretendiam esperar o seu Messias no ano 4.320, baseados nos Naros de Beroso (cada Naro tinha 600 anos). O Zodíaco assinala as leis periódicas e nenhum sucesso particular, por sagrado e solene que fosse para a humanidade, poderia ter escapado à sua influência.

Os hindus asseguram que, no início do Kali-Yuga, houve uma conjunção de todos os planetas, e suas tábuas demonstram essa conjunção. Daí se deduz que, depois do começo do Kali-Yuga, e à medida que o Sol avançava no Zodíaco, os hindus viram surgir quatro planetas, sucessivamente, dos raios solares: Saturno, Marte, Júpiter, Mercúrio unidos num espaço um tanto reduzido. Vênus não estava entre eles.

O testemunho dos brâmanes coincide com as nossas tábuas e esta evidência, resultado de uma tradição, deve estar fundada na observação real.

RESUMO

Chegamos à conclusão de que o Universo material está composto de Éter, Matéria e Energia, segundo a Ciência Moderna.

A Teologia crê na união de três Pessoas num Deus Superior — um Deus como Substância, três Pessoas como individualidade, e nós acreditamos nos Anjos e demônios, Deuses e Espíritos.

A religião tem que perecer, se diz, porque ensina mistérios.

A Ciência, no entanto, nada sabe nem explica o que é o Éter, a Matéria e a Energia. A plenitude do Universo foi uma crença aceita; diz Hermes Trismegisto na "Virgem do Mundo":

Não existe o vazio, nunca existiu e nunca existirá, pois todas as diferentes partes do Universo estão cheias, assim como a Terra está completa e cheia de corpos, que diferem em qualidade e forma. Os maiores são percebidos com facilidade; os menores são difíceis de perceber ou completamente invisíveis. Só pela sensação sabemos que existem, por isso muita gente nega que tais entidades sejam corpos e os consideram como simples espaços; porém é impossível que haja tais espaços. Se houvesse algo fora do Universo, teria de ser um espaço ocupado por seres inteligentes, análogos a suas divindades (do Universo). Falo dos Gênios, pois sustento que moram conosco.

Não há acima nem abaixo, mas um eterno dentro de outros dois dentros, os planos de subjetividade surgindo, gradualmente, no da

objetividade terrestre, sendo este último para o homem, seu próprio plano.

Todas as Forças como a Luz, o Calor, a Eletricidade etc... são chamadas Deuses — esotéricamente.

Além dos limites do Sistema Solar, há outros Sóis e, especialmente, o misterioso Sol Central — a Mansão da Deidade Invisível — que determina o movimento e a direção dos corpos. Este movimento serve, também, para diferenciar a Matéria Homogênea em redor e entre os diferentes corpos, em elementos e subelementos desconhecidos em nossa Terra.

Fohat é o Deus Proteu que cria outros deuses e assume a forma que quer; o Senhor da Vida que dá o seu vigor aos deuses. É o Diretor dos deuses, o Vento Norte, o Espírito do Ocidente, a força elétrica que abandona o corpo na hora da morte.

Como a Sabedoria Hindu bebeu nas fontes da Antiga Sabedoria Lemúro-Atlante, cremos na veracidade de seus cômputos.

Fim do volume II

Capítulo III (Terceiro Volume)
ANTROPOGÊNESE

Minha doutrina não é minha, mas dAquele que me enviou. (João, VII, 16)

A Ciência moderna insiste na lei da evolução; o mesmo sucede com a razão humana e a Doutrina Secreta, sendo esta idéia corroborada pelas lendas e mitos antigos; até pela Bíblia, quando bem interpretada.

0 germe da Raça humana atual preexistiu no pai dessa Raça, como a semente onde jaz escondida a flor. Por que não haveriam de ser os pais da raça humana os gigantes dos Vedas, do Voluspa e do Gênese?

Não estamos de acordo com os evolucionistas materialistas, mas é natural precisar que cada gênero modificou de sua forma primordial e distintiva. (Isis Sem Véu, 1.)

NOTAS PRELIMINARES SOBRE AS ESTÂNCIAS ARCAICAS E OS QUATRO CONTINENTES PRÉ-HISTÓRICOS

A respeito da evolução humana a Doutrina Secreta postula três princípios novos que estão em contraposição direta com a Ciência moderna e com os dogmas religiosos correntes. Ensina ela:

1) A evolução simultânea de sete grupos humanos em sete partes distintas de nosso globo.

2) O nascimento do corpo astral antes do físico, sendo o primeiro um modelo do último.

3) Que o homem nesta Ronda precedeu a todos os mamíferos, inclusive antropóides, no reino animal.*

* (Veja-se Gênese 11:19): "O Senhor formou da Terra todos os animais do campo, e as aves do ar, e apresentou a Adão para ver como as queria chamar."

Não é só a Doutrina Secreta que fala do homem primitivo, nascido simultaneamente nas sete divisões de nosso globo. No Divino Pymander de Hermes Trismegisto encontramos os sete homens primitivos, desenvolvendo-se da Natureza e, também, o Homem Celeste.

Na Tábua Cutha da lenda babilônica da criação se mencionam sete Seres humanos com caras de corvos (tez negra). São os sete Reis de Edom, referidos na Cabala e na Bíblia. A Primeira Raça saiu imperfeita (antes da divisão dos sexos) e por isso foi destruída.

Pymander diz: "Os homens celestes, misturados à Natureza, produziram sete homens hermafroditas — como os seus progenitores, os Elohim ou Pítris.

Foram destruídos como Raça por transfusão em sua própria progênie; surgindo a Raça bissexual (por exsudação), isto é, a Raça sem sexo reencarnou-se (potencialmente) na bissexual, esta última nos andróginos, e estes, por sua vez, na sexual ou no período final da Terceira Raça.

Os Livros de Thot e o Livro dos Mortos, ambos egípcios, os Puranas dos hindus com os seus sete Manus e as narrações caldeu-assírias, cujos ladrilhos mencionam sete homens primitivos, todos concordam nesse ponto.

Nos mistérios de Samotrácia o nome genérico de Cabiros era "os Santos Fogos", que em sete localidades da Ilha de Eléctria ou Samotrácia criaram o Cabiro nascido da Santa Lemnos, a ilha consagrada a Vulcano.

Segundo Píndaro, este Cabiro, cujo nome era Adamas, foi o tipo do homem primitivo nascido no seio da Terra. Era o arquétipo dos primeiros machos na ordem da geração, e um dos sete autóctones antecessores da humanidade. Ora, a Ilha de Samotrácia foi colonizada pelos fenícios e, antes deles, pelos pelasgos que vieram do Oriente. Daí concluir-se que os judeus compilaram seu Gênese e tradições cosmogônicas dos relatos acádio-caldeus, nos quais o nome de Adão ou Adoni ou Adami, era aplicado à primeira criação; mas ainda a criação de sete Adamis ou Raízes de homens nascidos fisicamente da Terra e, espiritual e astralmente, do Fogo Divino dos Progenitores.

Basta examinar as inscrições cuneiformes dos assírios e babilônios para encontrar nelas estas afirmações.

Adão Kadmon é um nome coletivo que significa, HUMANIDADE.

No Livro do Mistério Oculto da Cabala, Adão Kadmon é a árvore Sefirotal ou do Conhecimento do Bem e do Mal, a qual tem em sua volta sete colunas, ou Palácio dos Sete Anjos Criadores, operando nas esferas dos sete planetas sobre o nosso globo. Assim Adão Kadmon é um nome coletivo. Se os caldeus conheciam os mistérios esotéricos, ocultos nas lendas purânicas, as outras nações só conheciam o Mistério Samotrácio e alegorizavam. Historicamente se sabe que Samotrácia se celebrizou na antigüidade por causa de um dilúvio, que submergiu

o país, alcançando o cimo das mais altas montanhas; isto ocorreu antes do tempo dos Argonautas.

Os israelitas tinham outra tradição em que basear a sua alegoria do Dilúvio; é a lenda que transformou o atual deserto de Gobi num mar há dez ou doze mil anos. Os fragmentos mutilados encontrados por Layard nas suas escavações corroboram nossa doutrina com toda a segurança.

Nos 20.000 fragmentos encontrados no terrapleno de Kouyunjik ficou provado que: A Primeira Raça a cair na geração, era uma Raça escura, a zalmat-qaqadi, também chamada Aâamu; e que a Sarku, Raça clara, permaneceu pura muito tempo depois. Os babilônios conheceram duas Raças principais no tempo da queda, tendo precedido a estas duas a Raça dos Deuses, os Duplos Etéreos dos Pítris (nossas Segunda e Terceira Raças-Raízes).

Tal é a opinião de Sir H. Rawlinson. Que estes sete Deuses, cada um dos quais criou um homem ou grupo de homens, eram deuses aprisionados ou encarnados. Eram eles: O deus Zi; o deus Zi-ku (Vida Nobre, diretor de pureza); o deus Mirku (Coroa Nobre), Salvador da Morte dos deuses aprisionados e criador das Raças escuras feitas por suas mãos; o deus Lib-zu (sábio entre os deuses); o deus Nissi; o deus Suhhab; e Hea ou Sa, sua síntese, o Deus da Sabedoria e do Oceano identificado como Oannes Dágon, no tempo da queda e chamado, coletivamente, o Demiurgo ou Criador.

Há nos fragmentos babilônicos duas "Criações"; elas se referem respectivamente à formação dos sete Homens Primordiais pelos Progenitores (os Pítris ou Elohim), e dos grupos humanos depois da queda.

Os nomes dos continentes onde viveram estes homens variam com os anais que os mencionam: "A Airyana Vaejo", onde nasceu o Zoroastro original, é chamada, nos Puranas, "Monte Meru", a "Mansão dos deuses"; a Doutrina Secreta chama simplesmente, a "Terra dos deuses", sob seus chefes, os "Espíritos deste planeta". Propomos o nome de Ilha Sagrada, ou Imperecível, para o primeiro continente onde evoluiu a Primeira Raça dos Progenitores divinos. Segundo consta, esta lha Sagrada nunca participou do destino dos outros continentes, por ser a única que durará do começo ao fim do Manvântara, passando por cada Ronda. É o berço do primeiro homem e a morada do último mortal divino, escolhido como um Shista para a semente futura da humanidade. Pouco se pode dizer desta terra sagrada e misteriosa sobre a qual a Estrela Polar fixa seu vigilante olhar durante todo um dia do Grande Alento.

O segundo continente é chamado Hiperbóreo, a terra que estendia seus promontórios ao Sul e a Este do Pólo Norte, para receber a Segunda Raça. Compreendia tudo o que se conhece hoje como Ásia do Norte. Foi um continente real, que não conhecia o inverno naqueles dias primitivos e cujos restos não têm, ainda agora, mais que um dia

e uma noite durante o ano. Seus habitantes são os sacerdotes queridos dos deuses e seus servidores.

0 terceiro continente foi a Lemúria. Este nome inventado por Sclater, entre 1850 e 1860, confirmou, com fundamentos zoológicos, a existência real, em tempos pré-históricos, de um continente que se estendia desde Madagascar a Ceilão e Sumatra, incluindo algumas partes da África atual. Este gigantesco continente, que se estendia desde o Oceano Índico até a Austrália, desapareceu por completo sob as águas do Pacífico, deixando, aqui e ali, alguns cumes de seus montes mais elevados, e que são atualmente ilhas.

Temos o quarto continente, a Atlântida, a primeira terra histórica. A Ilha citada por Platão era apenas um fragmento daquele grande continente. A Atlântida pereceu antes de terminar o período Mioceno. Este continente unia a África, Madagascar e Índia, mas não a Austrália, possivelmente numa época pré-terciária.

Temos o quinto Continente, a Europa. Corretamente, o quinto continente é a América; porém, como está situado nos antípodas, os ocultistas indo-ários citam, geralmente, a Europa e a Ásia Menor como o quinto. Houve tempo em que o delta do Egito e a África do Norte pertenciam à Europa antes da formação do estreito de Gibraltar e do ulterior levantamento do continente, que mudou a face do mapa europeu. Esta mudança notável ocorreu há 12.000 anos e foi seguida pela submersão da Atlântida, a pequena ilha de Platão, e o surgimento do deserto de Saara, antigo mar. A afirmação de que o homem físico era, originariamente, um gigante colossal pré-terciário, e que existiu há 18.000.000 de anos, parecerá absurda aos leitores, assim como os seus antepassados, os protótipos etéreos do Atlante. Estes segredos da terra e do mar foram comunicados aos homens da Ciência secreta, mas não aos geógrafos.

ANTROPOGÊNESE DAS ESTÂNCIAS DE DZYAN

Estância 1

O Lha que dirige o Quarto (Globo) é o Servidor dos Lhas dos Sete (Espíritos Planetários). Os que giram conduzindo seus carros em torno de seu Senhor, o Olho Único de nosso Mundo. Seu Alento deu Vida aos Sete (planetas). Deu Vida ao Primeiro.

Disse a Terra: "Senhor da Face Resplandecente (o Sol), minha casa está vazia. Envia os teus Filhos para povoar esta Roda (Terra). Enviaste os teus sete Filhos ao Senhor da Sabedoria. Sete vezes te vê ele mais próximo a si, sete vezes mais ele te sente. Proibiste teus servidores, os Anéis Pequenos, de recolherem Tua Luz e Tua Cor, interceptarem na passagem a Tua Grande Magnificência.Envia, agora, a mesma a teu servidor!"

3) Disse o "Senhor da Face Resplandecente": "Eu te enviarei um Fogo quando tua obra for começada. Eleva a tua Voz a outros Lokas; vai a teu Pai, o Senhor do Lótus, em busca de teus Filhos... Tua Gente estará sob o domínio dos Pais. Teus Homens serão mortais. Os Homens do Senhor da Sabedoria, não os filhos de Soma, são mortais. Cessa tuas queixas. Tuas sete peles estão ainda sobre Ti... Tu não estás preparada. Teus Homens não estão preparados."

4) Depois de grandes sofrimentos, ela abandonou as suas Três Peles velhas e vestiu as sete Peles novas, e permaneceu na primeira.

COMENTÁRIOS DE H. P. B.

O Espírito Guardião de nosso Globo está subordinado ao Espírito Principal, ou Deus dos Sete Gênios (Espíritos Planetários). O chefe dos Espíritos é, exotéricamente, o Sol, e esotéricamente o Segundo Logos ou Demiurgo. Os outros eram os Regentes dos Sete Planetas Principais, não incluindo o Sol, a Lua e a Terra. O Sol era, exotéricamente, o chefe dos doze Grandes Deuses ou Constelações Zodiacais; esotéricamente era o Messias, o Cristo, o Um, ungido pelo Grande Alento, rodeado pelos doze poderes subordinados. Os sete Superiores fizeram os Lhas criarem o mundo, ficando eles como inspetores dos Espíritos Terrestres que fizeram a criação. Os Superiores eram os Cosmocratores, os construtores do Sistema Solar. Os Signos do Zodíaco — os Animais Sagrados — ou Cinturão Celeste, são, por sua vez, os Bne'Alhim, Filhos dos deuses ou Elohim, e o Espírito da Terra.

Soma e Sin, Isis e Diana, são Deuses Lunares, chamados os Pais e Mães de nossa Terra, a qual lhes está subordinada. Porém os Deuses estão também subordinados aos seus respectivos Pais e Mães, como Júpiter, Saturno, Bel Brihaspati etc. O Alento que dá Vida aos Sete se refere tanto ao Sol que dá vida aos planetas como ao Sol Espiritual que dá vida a todo o Cosmos.

Assim como o Logos invisível, com as suas sete Hierarquias, representada ou personificada cada uma por seu Anjo Principal ou Regente, forma um Poder interno e invisível, do mesmo modo no mundo das formas, o Sol e os sete planetas principais constituem a Potência Ativa e Visível, sendo a última Hierarquia o Logos Objetivo dos Anjos Invisíveis sempre subjetivo, exceto nos graus inferiores. Lhas significam o Espírito, qualquer Ser, Celestial ou super-humano, do Arcanjo ao Dhyâni até o Anjo das Trevas ou Espíritos terretres. É uma expressão trans-himalaica. O nosso Globo é o quarto da Cadeia Planetária e está subordinado ao Deus dos sete Gênios, exotéricamente, que é o Sol, e esotéricamente é o Segundo Logos, o Demiurgo.

Os Sete eram os Regentes dos sete planetas principais; o Sol representa o Cristo, o Messias, o Ungido rodeado por seus doze poderes.

Cada Raça em sua evolução nasce sob a influência direta de um dos planetas. A Primeira Raça recebeu seu sopro de vida do Sol;

a Terceira (os que caíram na geração), os andróginos que se converteram em entidades separadas, varão e fêmea, nasceram sob a influência direta de Vênus.

Gênese quer dizer "uma aparição do Eterno no Cosmos e no Tempo", da Seidade ao Ser. A gênese dos Deuses e dos Homens tem origem no mesmo Ponto, que é a Unidade Absoluta, Eterna, Imutável e Universal.

0 Logos é o ápice do Triângulo Pitagórico; quando ele se completa, se converte na Tetraktys ou o Triângulo no Quadrado; é o símbolo do Tetragrámmaton no Cosmos manifestado e do seu tríplice Raio radical no imanifestado, seu Númeno.

No princípio de um grande Manvântara, Parabrahman se manifesta como Mulaprakriti, e logo como o Logos. Este eqüivale à Mente Inconsciente Universal; constitui a base do Aspecto-Sujeito do Sei manifestado e é origem de todas as manifestações da consciência individual.

Mulaprakriti, ou a Substância Cósmica Primordial, é o fundamento do Aspecto-Objeto das Coisas, a base de toda a evolução e cosmogênese objetiva. A Força é a transformação em energia do pensamento supraconsciente do Logos, infundido na objetivação do Logos, saído da latência potencial na Realidade Única; daí emanam as Leis maravilhosas da Matéria.

Assim a Força não é síncrona com a primeira objetivação de Mulaprakriti. A Força sucede à Substância, (Mulaprakriti), porém está sem a Força e é inexistente para todos os propósitos e objetivos práticos.

O Homem Celeste, o Tetragrámmaton, Protógonos, Tikkoun, o Primogênito da Deidade passiva e a primeira manifestação da sombra desta Deidade, é a Forma e Idéia Universal que engendra o Logos Manifestado, Adão Kadmon, o Universo, também chamado Segundo Logos. O Segundo surge do Primeiro e desenvolve o Terceiro Triângulo e deste último são gerados os homens.

Devemos considerar a grande diferença entre o Primeiro Logos, que é Espírito, e o Demiurgo, que é Alma. Dianoia e Logos são sinônimos, sendo Nous, superior, pois é o espelho que reflete a Mente Divina, e o Universo é o espelho do Logos. Assim como o Logos reflete tudo no Universo do Pleroma, assim também o Homem reflete em si mesmo tudo o que vê e encontra em seu Universo, a Terra. Todo o Universo, Mundo ou Planeta, tem o seu Logos próprio. O Sol foi o primeiro engendrado ou a Luz manifestada no Mundo, a qual é a Mente e Inteligência Oculta (do Divino). Só pelo Raio sétuplo desta Luz podemos chegar a conhecer o Logos através do Demiurgo, considerando este último o criador de nosso planeta e tudo que nele se contém e o Primeiro como a Força diretora deste Criador, bom e mau ao mesmo tempo, não per se, mas por seus aspectos diferenciados na Natureza, que o fazem assumir um e outro caráter.

A Serpente é o símbolo da Sabedoria e do Conhecimento oculto, e o Dragão simboliza o Espírito. Na China o Homem Celeste, Fohi, composto de doze hierarquias de Anjos com rostos humanos e corpos de dragão, são os Tien-Hoang, os quais criaram o homem terrestre. Estas alegorias têm uma só origem: a dupla e tríplice natureza do homem; duplo como varão e fêmea, tríplice por ser internamente de essência espiritual e psíquica e, externamente, de uma fábrica material.

O "Senhor da Sabedoria" é Mercúrio, o Buda, que recebe sete vezes mais Luz e calor do Sol do que a Terra e Vênus.

Mercúrio ou Hermes (dos gregos), está relacionado com o Kümara Sarama, o Divino Vigilante que guarda o rebanho dourado de estrelas e raios solares. Diz o Comentário: "O Globo, impelido para a frente pelo Espírito da Terra e seus auxiliares (6), obtém todas as suas forças vitais, sua Vida e Poderes, do Espírito do Sol, por meio dos sete Dhyânis Planetários.

São eles os seus mensageiros de Luz e Vida. E assim como cada uma das sete regiões da Terra, cada um dos sete Primogênitos (grupos humanos primordiais) recebe, espiritualmente, sua luz e vida de seu próprio Dhyâni especial, e fisicamente do Palácio desses Dhyânis, o mesmo sucede com as sete grandes Raças ao nascerem. A primeira Raça nasce sob o Sol, a Segunda sob Júpiter, a Terceira sob Marte e Vênus, a Quarta sob a Lua e também a Terra, sua filha, e Saturno (o olho mau) e Asita, o escuro; e a Quinta sob Mercúrio.

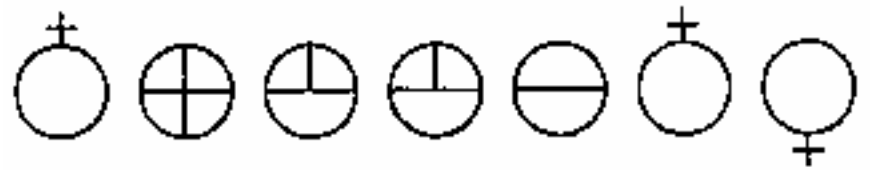
O mesmo acontece com o Homem e cada Princípio no homem. Cada um obtém a sua qualidade específica de seu Primário (o Espírito planetário) e, portanto, cada homem é um Setenário (combinação de princípios) cada um dos quais tem a sua origem numa qualidade daquele Dhyâni especial. Cada Poder ativo, ou Força da Terra, vem a ela de um dos Sete Senhores ou Raios. A Luz vem por meio de Vênus, que recebe uma tríplice provisão e dá um terço dela à Terra. Por isso as duas são chamadas "Irmãs gêmeas", porém o Espírito da Terra está subordinado ao Senhor de Vênus.

Os Sábios representam os dois Globos com o signo da Cruz, um sobre a Terra (1) e o outro sob Vênus (2). A Cruz é o símbolo dos princípios masculino e feminino da Natureza, do positivo e do negativo, pois a Suástica é tudo isso e muito mais. O significado esotérico disto é a queda da Terra na geração, ou divisão de sexos. Vênus, Lúcifer ou Satã é o mais oculto, potente e misterioso de todos os planetas, aquele cuja influência sobre a Terra é a mais proeminente.

A Astronomia foi comunicada à Raça Atlante por um Rei da Dinastia Divina. Na filosofia esotérica, Vênus é chamada Shukra, deidade hermafrodita, filha de Bhrigu, um dos Prajapatis e o sacerdote instrutor dos Gigantes primitivos. Toda a história de Shukra nos Puranas se refere à Terceira e Quarta Raças. Por meio de Vênus, os hermafroditas da Terceira Raça-Raiz descenderam dos primeiros, nascidos do suor. Por isso era, representado com o símbolo do diâmetro

no Círculo (3) durante a Terceira Raça, e com o símbolo (4) durante a Quarta.

O diâmetro dentro do Círculo representa a Natureza feminina; o primeiro mundo ideal, por si mesmo gerado e por si mesmo impregnado do espírito de Vida universalmente difundido. Converte-se em



andrógino quando as Raças, e tudo o mais na Terra, se desenvolvem em formas físicas, transformando-se em símbolo (um Círculo com um diâmetro, do qual parte uma linha vertical), expressão do masculino e feminino (a primeira e mais antiga Tau egípcia). (5) Depois se transforma em Cruz, símbolo da separação dos sexos. (6)

0 símbolo de Vênus mostra que ele preside sobre a geração natural do homem. Os egípcios simbolizavam a Vida no Ankh ou Cruz Ansata, que é o símbolo de Ísis (Vênus) (7) e significava, esotéricamente, que a Humanidade saíra do Círculo espiritual divino e caíra na geração física masculina e feminina. A palavra Ankh significa, em hebreu, "minha vida", "meu ser", derivado do nome da Deusa egípcia Anouchi. Num dos catecismos mais antigos do Sul da Índia, na península de Madras, a Deusa hermafrodita Ardhanari tem a Cruz Ansata, a Suástica, (signo masculino-feminino) precisamente na parte central, para indicar o estado pré-sexual da Terceira Raça. O ponto central da Suástica, Nara, é o símbolo do duplo sexo — Vishnu e Laksmi — Vishnu de pé sobre uma folha de Lótus flutuando na água que flui pela Suástica (origem da geração) ou a queda do Homem.

Pitágoras chama a "Shukra-Vênus" o Sol álter, o outro Sol.

Dos sete palácios do Sol, o Lúcifer-Vênus é o terceiro na Cabala cristã e judia, a mansão de Samael. Vênus é o primário de nossa Terra, isto é, seu protótipo espiritual. O carro de Vênus é puxado por oito cavalos nascidos da Terra, enquanto os corcéis dos outros planetas são diferentes.

Todo pecado cometido na Terra é sentido em Vênus. O Guru dos Daytias é o Espírito Guardião da Terra e de seus homens; todas as mudanças em Vênus se sentem e se refletem na Terra. Os Titãs estão estreitamente relacionados com Vênus-Lúcifer, tanto que os cristãos mais tarde os identificaram com Satã. Por isso Vênus era representada com os chifres de vaca, na cabeça, símbolo da Natureza mística. A Estrela Polar, símbolo do Guia (Protetor, Guru), é a denominação de Vênus. Como Vênus não tem satélites, diz-se que ela adotou a Terra (progênie da Lua). O Regente de Vênus amava tanto a Terra que se

encarnou como Ushanas e lhe deu leis perfeitas, que foram desobedecidas idades mais tarde. O misticismo oculto só se ocupa do Regente de Vênus (que o anima).

Cada mundo tem sua Estrela Mãe e seu planeta Irmão. Assim a Terra é filha adotiva e irmã menor de Vênus, porém seus habitantes são de sua espécie própria. Todos os seres sencientes (homens setenários completos) são providos, em seus princípios, de formas e organismos em completa harmonia com a natureza e estado da esfera que habitam.

As esferas do Ser, ou Centros de Vida, que são núcleos isolados, produzindo seus homens e animais, são inumeráveis; não há uma que se pareça à sua irmã e companheira nem a nenhuma outra em sua progênie especial própria. Todas têm uma natureza física e espiritual. Os nucléolos são eternos e imperecíveis; os núcleos, periódicos e finitos. Os nucléolos fazem parte do infinito absoluto. São as aberturas daquela negra e impenetrável fortaleza para sempre oculta à vista humana e até à angélica.

Os núcleos são a Luz da Eternidade que escapa dali. Esta Luz é que se condensa nas formas dos Senhores do Ser — dos quais os primeiros e mais elevados são, coletivamente, Jivâtma — o Logos dos filósofos gregos, que aparece no princípio de cada novo Manvântara. Destes, em escala descendente — formados das ondas mais e mais consolidadas desta Luz, que se converte em Matéria densa em nosso plano objetivo — procedem as numerosas Hierarquias das Forças Criadoras, algumas informes e outras com as suas formas próprias e distintivas, as mais inferiores (dementais), sem forma alguma própria, porém assumindo toda classe de forma de acordo com as condições que as rodeiam.

Não há mais do que uma só base (Upadhi), absoluta no seu sentido espiritual, da qual, sobre a qual e na qual são construídas, para fins manvantáricos, os inumeráveis centros básicos em que tem lugar a evolução individual cíclica e universal durante um período ativo. As Inteligências iluminadoras, que animam estes diversos centros do Ser, são nomeadas indistintamente pelos homens que habitam além da Grande Linha, os Manus, Rishis, Pítris, os Prajapatis, e assim sucessivamente e os Dhyânis-Budhas, Bodhisattvas e outros do lado de cá. Os ignorantes os chamam Deuses; os profanos instruídos, o Deus Uno, os sábios, os Iniciados veneram neles somente as manifestações manvantáricas d'Aquele sobre o qual nossos Criadores e suas criaturas jamais poderão discutir. O Absoluto não se define, e nenhum mortal, nem imortal, 0 viu nem O compreendeu jamais durante os períodos de existência.

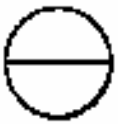
O mutável não pode conhecer o Imutável. O Homem não pode conhecer Seres mais elevados que os seus próprios progenitores, nem deve adorá-los, mas só saber como vieram ao mundo.

O número Sete, cifra fundamental entre todas as nações desde a Cosmogonia até o Homem, tem sua razão de ser. Encontra-se entre os antigos americanos de modo tão evidente como entre os árias, egípcios e povos arcaicos. Le Plongeon, conhecido por seus infatigáveis trabalhos na América Central, descobriu o sepulcro do Kan Coh Real, em Chichen-Itza; ele diz, referindo-se ao número sete: Aparece com freqüência no Popul-Vuh.

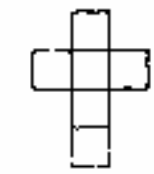
Encontrâmo-lo nas Sete Famílias que, segundo Sahagun, acompanharam o personagem místico chamado Votan, fundador da grande cidade de Nachan (identificada por alguns como Palenque). Nas sete covas donde saíram os antecessores dos Nahualtas, as sete cidades de Cibola, descritas por Coronado e Niza; as sete Antilhas e os sete heróis que escaparam ao Dilúvio.

No Manuscrito Arcaico, o símbolo da evolução e da queda na geração ou Matéria é o mesmo que se vê nas antigas esculturas e pinturas mexicanas. No mesmo se vê, ainda, uma Árvore cujo tronco está coberto com dez frutos que vão ser colhidos por um homem e uma mulher, que se acham de cada lado da árvore, enquanto no extremo superior saem dois ramos horizontais à direita e à esquerda, formando um perfeito Tau (T), sobre o qual está a ave da Imortalidade, Atma ou Espírito, pousada entre os dois ramos, formando, assim, o Sétimo (o Sete separado da Tríade superior). Estes são os frutos celestiais, os dez produzidos pelas duas sementes invisíveis — masculina e feminina perfazendo o número doze — o Dodecaedro, número do Universo. Os Quichés e Maias são os descendentes dos Atlantes, que viveram há 11.500 anos na América Central.





O sistema místico contém o Ponto central, o Triângulo (3), o Cinco — estrela de cinco pontas — e o Sete, representado pelo triângulo dentro do quadrado e, também, a estrela de cinco pontas com o ponto no meio; isto para o mundo dos arquétipos. O mundo fenomenal culmina e recebe o reflexo de tudo, o HOMEM. Portanto, ele é o quadrado místico ou Tetraktis, que se converte no cubo no plano criativo.



Seu Símbolo é o cubo desenvolvido e o seis convertendo-se em sete, ou em três, horizontalmente (o feminino), e o quatro verticalmente; e este é o Homem, a meta da Deidade na terra, cujo corpo é a cruz de carne, sobre a qual, por meio da qual e na qual está sempre crucificando e fazendo morrer o logos Divino, seu Eu Supremo. Todas as Cosmogonias dizem: "O Universo tem um Soberano (soberano coletivamente) sobre ele, que se chama o Verbo (Logos); o Espírito Construtor é sua Rainha, e os dois são o 'Primeiro Poder', depois do Um. Estes são

o Espírito e a Natureza, que entre os dois formam o nosso Universo ilusório. Os dois são inseparáveis no Universo das Idéias, enquanto ele dura, e logo voltam a submergir-se em Parabrahman; o Um sempre Imutável."

O Espírito, cuja essência é eterna, una e imutável, existente por si mesmo, emana uma luz pura e etérea, mas dupla, o Homem Dual, ou Anjos Andróginos (sem sexo), cujo nome genérico é Adão Kadmon. Eles são os que completam o homem cuja forma etérea é emanada por outros Seres divinos, muito mais inferiores, os quais solidificam o corpo com barro.

0 Círculo é o nada; a linha vertical de diâmetro é o um, o Verbo ou Logos do qual surgem o dois e o três, e assim sucessivamente até o nove, limite dos dígitos. O dez é a primeira manifestação divina que contém todos os poderes possíveis da expressão exata da proporção.

Os Números eram as emanações da Luz Celeste, eram as dez palavras, DBRIM, 41224. Há três classes de Luz em Ocultismo, como na Cabala:

1 — A Luz Abstrata e Absoluta (que são Trevas).

2 — A Luz do Manifestado ou Primeiro Logos.

3 — A Luz refletida nos Dhyân-Choans (os Logos menores), os Elohim, coletivamente, os quais, por sua vez, a derramaram sobre o Universo objetivo. Os ocultistas do Oriente chamam a esta Luz Dai-viprakriti e, no Ocidente, a Luz de Cristo, o reflexo direto do sempre Incognoscível no plano da Manifestação universal. Platão afirma que a Deidade geometriza ao construir o Universo. Um Deus extracósmico é fatal para a Filosofia; uma Deidade intracósmica, isto é, o Espírito e a Matéria inseparavelmente unidos, é uma necessidade filosófica. Para que percepção mental possa converter-se em percepção física, necessita do princípio cósmico da Luz; e por isto nosso círculo mental tem que se fazer visível por meio da luz, ou sua manifestação completa, a visibilidade física ou a luz mesma. Este é o conceito do Divino manifestando-se no Universo.

O Espírito latente na Matéria tem de ser despertado à Vida e à consciência, gradualmente. A Mônada terá que passar por suas formas, mineral, vegetal, animal antes que a Luz do Logos se manifeste no Homem animal. Até então o Homem não pode ser considerado como Homem, mas como Mônada aprisionada em formas sempre variáveis. A Evolução, não a Criação, por meio de Palavras, se reconhece na Filosofia Oriental até em seus anais esotéricos, Ex Oriente Lux.

Até o nome do primeiro homem da Bíblia Mosaica teve a sua origem na índia. Os judeus tomaram o seu Adão da Caldéia; Adam-Adami é uma palavra composta, um símbolo múltiplo e prova os dogmas ocultos.

Ad e Adi significam em sânscrito o "primeiro", em aramaico "um" Ad-ad, o "único um"; em assírio quer dizer "Pai", donde Ak-ad, o "pai-criador".

A Unidade sem limites, infinita, permaneceu, em todas as relações de todas as nações, como terreno virgem e proibido que nenhum pensamento, ou especulação inútil, jamais devassou. A única referência que se fazia era a concisa noção de sua propriedade diastólica e sistólica, de sua expansão periódica. No Universo, com seus incalculáveis milhões de Sistemas e Mundos desaparecendo e reaparecendo na Eternidade, os Poderes e Deuses têm que desaparecer da vista com seus corpos.

Adão Kadmon é, pois, a primeira emanação do Pai-Mãe ou Natureza Divina. Tamuz, Adônis, Hélios, Apoio, Osíris, Ormuzd, são protótipos transformados em tipos terrestres.

Os homens de Buda, Mercúrio, são "metaforicamente imortais" por sua sabedoria. Sendo a Lua um corpo inferior mesmo em relação à Terra, sem falar de outros planetas, os seus filhos, os homens terrestres, filhos dos Pítris Lunares, são mortais; não podem ser homens verdadeiros, conscientes e inteligentes, se não forem acabados por outros criadores. Assim na lenda Purânica, o filho da Lua (Soma) é Buda (Mercúrio), o Inteligente e Sábio, porque é a linhagem de Soma, o Regente da Lua visível (não da Lua física).

Mercúrio é o irmão maior da Terra (metaforicamente), de linhagem Espiritual, enquanto a Terra é a progênie do corpo.

Ushanas (Vênus), o íntimo amigo de Soma (Lua) e inimigo de Júpiter, o Instrutor dos deuses, cuja esposa Taraka tinha sido roubada por Soma, de quem teve Buda, tomou o partido de Soma e guerreou ao seu lado e, por isso, foi rebaixado a uma Deidade Asura, e assim permanece até hoje.

Vênus é o nosso Lúcifer, a Estrela da Manhã; Júpiter é uma Deidade símbolo do culto exotérico ou ritual; é o Guru dos deuses. Soma é o Deus dos Mistérios e preside à natureza mística e oculta no homem e no Universo. Taraka, a esposa de Júpiter, simboliza o adorador que prefere as verdades esotéricas à sua mera aparência; daí deixar-se roubar por Soma. Agora a alegoria: Soma é o suco sagrado que concede visões místicas e revelações em estado de êxtase, o resultado de cuja união é Buda, a Sabedoria (Mercúrio, Hermes), isto é, a ciência satânica.

O organismo do homem se adaptou em cada Raça a tudo que o rodeava.

A Primeira Raça foi tão etérea, como a nossa é material. A progênie dos Sete Criadores que desenvolveram os Sete Adãos Primordiais, não necessitava de gases purificados para viver e respirar; e tal foi o caso evos de anos antes da evolução dos lemurianos, os primeiros homens físicos, o que aconteceu há 18.000.000 de anos.

A Doutrina Secreta ensina que, no princípio de cada Ronda, a Terra volta a nascer e a evolução preliminar se descreve num dos Livros de Dzyan, como segue: "Assim como o Jiva Humano (Mônada), ao passar a uma nova matriz, se volta a cobrir com outro corpo, assim acontece com o Jiva da Terra; ele obtém uma coberta mais perfeita e sólida em cada Ronda, depois de voltar a surgir uma vez mais da matriz do espaço à objetividade. Este processo é acompanhado por dores do novo nascimento, em convulsões geológicas.

O Adão Kadmon foi o único feito à imagem e semelhança de Deus.

É a Hoste de Elohim; o Segundo Adão é a Primeira Raça Humana sem consciência. O Terceiro Adão é a Raça que se separou, cujos olhos se abriram.

O quarto verso da primeira sloka trata do progresso da Terra; depois que a Essência despertou e se diferenciou em causalidade e causa, converteu-se em visível; o menor dos menores (Átomo) se transformou num dos muitos; e ao produzir o Universo, produziu, também, o Quarto Loka (nossa Terra) na grinalda dos sete Lótus. Os Infracassáveis (Achyuta) se converteram nos Fracassáveis (Chyuta). Isto é uma referência aos Manasapútras, que dotaram os homens de mente, encarnando-se nas formas humanas da Terceira Raça.

A Terra passara por três Rondas precedentes, sendo a presente a Quarta das Sete (as "três peles"). Depois de um Pralaya (período de obscurecimento), os planetas passaram por transformações geológicas que correspondem à evolução das Raças de suas humanidades. A Segunda Estância do Livro de Dzyan, que fala desta Ronda, refere-se à idade da Terra e menciona dois personagens: Narada e Asuramaya, especialmente este último, ao qual se atribuem todos os cálculos dos relatos arcaicos. Estes dois personagens, os pais da Astronomia Mística e da Cronologia e seus ciclos, podem ter vivido há 100.000 anos ou há um milhão de anos. Ninguém o soube jamais com certeza; sabe-se, apenas, que Narada foi um antigo Rishi védico e Asuramaya um Atlante.

Narada, ou Pesh-Hum (Mensageiro) é o executor e confidente dos decretos universais de Karma e de Adi-Buda; uma espécie de Logos ativo que constantemente encarna, guia e dirige os assuntos humanos desde o princípio até o fim do Kalpa. Ê o Poder Inteligente que impele e dirige os Ciclos, Kalpas e sucessos universais, regulando seus ímpetos.

É o ajustador do Karma numa escala geral; mas o que Narada é, realmente, não se pode explicar num livro; diremos, apenas, que ele é o que tenta por pensamentos sugestivos e endurece o coração daquele que quer converter em seu instrumento, demonstrando, com isso, que "Eu sou o senhor Deus", e o faz sem motivo egoísta, mas para dirigir o progresso e evolução universal. É um dos poucos que visitam as regiões inferiores ou Patala.

Narada aprendeu tudo que sabe com a Serpente de Sete Cabeças (Shesha). Ele trata das guerras e põe-lhes termo.

Entre os Livros Secretos há uma obra chamada O Espelho do Futuro, onde se acha registrado o tempo infinito com todas as suas divisões.

É atribuída à Pesh-Narada. Há outra obra antiga, atribuída aos Atlantes, que registra as cifras de nossos Ciclos; de ambas foram tirados os dados de nossa cronologia.

Asuramaya, que a tradição épica assinala como o primeiro astrônomo em Aryavarta, o Deus-Sol, comunicou o conhecimento das estrelas.

Vindo de Romakapura, na Atlântida, Asuramaya é considerado por muitos como um mito, mas os seus cálculos coincidem com os dos Anais Secretos.

Os anais zodiacais dos Atlantes não podem errar, porque foram compilados sob a direção dos primeiros a ensinarem, entre outras coisas, a Astronomia à Humanidade. Os índios Maia da Guatemala tinham o seu Zodíaco de uma antigüidade desconhecida, o que prova que os Atlantes eram versados em Astronomia. Os calendários aqui mencionados foram compilados por dois sábios brâmanes, dos fragmentos de obras imensamente antigas, atribuídas ao Mago, Astrônomo e Astrólogo Asuramaya, encontrados na índia do Sul. Esta compilação foi feita em 1884 e 1885 por Chintamany Raghanarracharya e Tartaka-mala Venkata Krishna Rao.

Houve várias inclinações do Eixo da Terra e conseqüentes dilúvios, em que foram criados monstros meio humanos, meio animais {Livro dos Mortos) e, no relato caldeu das Tábuas "Cutha" se mencionam estas coisas, bem como no Pymander. A Cosmogonia de Beroso, desfigurada por Euzébio, fala dos homens aquáticos, terríveis e perversos, que foram produto espontâneo da Natureza física (impulso evolucionário), o primeiro intento para criar o Homem, objeto da vida animal na Terra. Ao mudar o Globo as suas condições geológicas e atmosféricas, mudou, também, sua flora, fauna e homens.

Nas primeiras Cosmogonias do mundo não há "criação obscura" nem "Dragão Mau" vencido por um Deus-Sol. Entre os acádios, o Espaço foi o berço e mansão de Ea, a Sabedoria, a Deidade Infinita Incognoscível.

Para os semitas e últimos caldeus, o Oceano da Sabedoria se converte em Matéria grosseira, a substância pecadora. A Criação é apresentada como um exercício recreativo para o Deus Criador. 0 Zohar fala de mundos primordiais, que pereceram mal vindos à existência.

Oannes, o Dragão, o Homem-Peixe caldeu, divide a sua Cosmogonia e Gênese em duas partes: primeiramente, o abismo de águas e trevas, onde residem os seres mais horríveis, homens com asas, com duas cabeças, pernas e chifres de cabra, hipocentauros, touros com cabeças de homens e cães com cauda de peixe. Em resumo, combinações de diversos animais e homens, de peixes, répteis e outros animais monstruosos. O elemento feminino em que viviam está personificado por Thalatth, o Mar ou a Água.

Thalatth foi vencido por Belus, o princípio masculino, que dividiu a mulher em duas metades, de uma delas fazendo a Terra e da outra o Céu, e ao mesmo tempo destruindo os animais nela.

Os chineses têm a mesma tradição, que remonta há 2.255 anos antes de Cristo, no reinado do Imperador Yu, que deixou nove urnas com gravados representando entrevistas com homens de duas caras e monstros com corpos de cabra e cabeças humanas.

A Natureza física abandonada a si mesma fracassou na criação do homem animal; ela pode produzir os dois primeiros reinos, assim como os animais inferiores, porém, quando se trata do Homem, são necessários para a sua criação poderes espirituais, independentes, inteligentes, além dos vestidos de pele e do sopro de vida animal. As Mônadas humanas das Rondas precedentes necessitam algo mais elevado que os materiais puramente físicos para construir suas personalidades, sob pena de permanecerem ainda mais baixo que qualquer Robot. Posto que todas as Raças humanas são de uma mesma espécie, deduz-se que esta espécie é a mais antiga de todos os mamíferos atuais. Portanto, é a mais estável e perseverante de todas e achava-se completamente desenvolvida como agora, quando todos os outros mamíferos, agora conhecidos, não tinham ainda aparecido na Terra. Esta a opinião de Quatrefages no seu livro Introdução ao Estudo das Raças Humanas.

Dos mundos materiais descendem os que dão forma ao homem físico nos novos Manvântaras; são os Lhas (Espíritos) inferiores, que possuem um duplo corpo (uma forma Astral dentro de uma etérea). São os construtores e criadores de nosso corpo de ilusão... A Mônada, chamada também "Dragão Duplo", desceu dentro das formas projetadas pelos Lhas (Pítris) desde as esferas de expectação (local onde as Mônadas que não alcançaram a libertação dormitam em inatividade inconsciente entre dois Manvântaras).

O Homem necessita de quatro Chamas (estas são passageiras e só periódicas; os Fogos são eternos em sua unidade tríplice) e três Fogos para ser homem na Terra, e requer a essência dos quarenta e nove Fogos para ser perfeito. (Os três Fogos tiveram 45 Filhos, que com seus Pais e Agni formam os 49 Fogos). Os Três são: Pavamana, fogo produzido pela fricção, é o Pai do Fogo dos Asuras; Shuchi, o Fogo Solar, é o Pai do Fogo dos deuses; e Pavaka, o Fogo Elétrico, é o Pai do Fogo dos Pítris.

Aqueles que abandonaram as esferas superiores, os Deuses da Vontade, são os que completam o Manu da Ilusão. O Dragão Duplo não tem influência sobre a mera forma; é como a brisa onde não há árvores que a recebam; não pode afetar a forma quando não há agente transmissor (Manas, a Mente).

Nos mundos mais elevados os três são Um — Atma, Budhi e Manas — na Terra o "Um" se converte em "Dois" (princípios); são como as duas linhas de um triângulo que perdeu a sua linha-base, a qual é o terceiro Fogo.

No Devachan é necessário o elemento superior de Manas para constituir um estado de percepção e consciência da Mônada desencarnada.

Quando Brahmâ deseja criar de novo o mundo e construir progênie por meio de sua Vontade, na quádrupla condição, ou quatro Ordens de Seres chamados Deuses (Dhyân-Choans), demônios (devas inferiores), Progenitores, (Pítris) e Homens. Ele concentra a Mente em si Mesmo (Yuvuge, "Como na Yoga").

A Mente Universal, Mahat, é o primeiro produto da Matéria Primordial, porém o primeiro aspecto de Parabrahman é a Alma Universal, na qual está a raiz da Consciência do Eu. O Princípio intelectualmente ativo e afirmador do Eu — o pólo positivo da criação — eqüivale aos chamados demônios, os primeiros produzidos. No Rig-Veda, os Asuras são Seres espirituais divinos. Seu nome deriva de ASU, "Sopro de Deus", e significa o mesmo que o Espírito Supremo ou o Ahura. A Noite foi criada antes do dia, como o espírito de oposição necessário na diferenciação da criação. Continuando a sua obra, Brahmâ assume outro aspecto, o do Dia e de seu Alento, cria os deuses dotados de passividade (bondade); continuando, ele cria os Pítris ou Progenitores dos homens. Brahmâ, usando o poder de Yoga — Kryashakti — produziu essas criações. Finalmente assumiu sua última forma penetrada pela qualidade da impureza, e desta foram produzidos os Homens.

Brahmâ simboliza, pessoalmente, os Criadores Coletivos do Mundo e dos Homens, o Universo com todos seus produtos inumeráveis de coisas que se movem. Os quatro corpos representam as quatro classes de Poderes Criadores ou Dhyân-Choans, os quais colaboram na formação do Homem.

A queda dos Anjos é uma alegoria Universal; representa a ação da Inteligência diferenciando-se, ou a consciência em seus diversos planos buscando a união com a Matéria, num extremo da escala evolutiva, e no outro extremo inferior, a rebelião da Matéria contra o Espírito, ou a ação contra a Inércia espiritual. Eles — os da Espada Flamígera (paixões animais) — puseram em fuga os Espíritos das Trevas.

Satã com os seus Anjos pertencia à Primeira Criação; foi o mais sábio e formoso dos Arcanjos de Deus. Foram eles que lutaram pela supremacia da espiritualidade consciente e divina na Terra e foram vencidos, sucumbindo ao poder da Matéria. Na teologia cristã vemos

o contrário: Miguel é o chefe das Hostes Celestes, como Lúcifer o é das Hostes Infernais.

Foi assim que o Logos Benévolo Maior, o Agathodaimon se converteu em Adversário ou Satã.

As Chamas são uma Hierarquia de Espíritos, paralela, se não idêntica, aos ardentes ígneos Serafins que acompanharam o "Trono do Senhor".

Melha é o Senhsr das Chamas. Quando ele aparece na Terra, assume a personalidade de um Buda, diz uma lenda popular. É um dos Lhas mais antigos e venerados, um São Miguel Budista. A palavra "abaixo" não se deve tomar no sentido de regiões infernais, mas, simplesmente, no sentido espiritual ou etéreo — um Ser de grau inferior por estar mais próximo à Terra ou um grau mais elevado que a nossa esfera terrestre — ao passo que os Lhas são Espíritos das Esferas mais elevadas, e daí provém o nome da capital do Tibete, Lhassa.

O Ocultismo afirma que a Lua é muito mais antiga que a Terra e é a sua mãe; daí as marés e a atração para a Lua, como o demonstra a parte líquida do Globo, sempre esforçando-se para elevar-se até a sua mãe.

Chegou o tempo da incrustação da Terra; as águas se separaram e o processo se iniciou; era o princípio de uma nova vida.

Das "Águas do Espaço" surge a progênie do Espírito-Fogo masculino e da Água feminina (gasosa), provém a extensão oceânica da Terra. A Mãe, da qual vem a letra M, deriva do hieróglifo da água, M. Vênus a Mãe Virgem surge do mar e dá à luz um filho, Eros ou Cupido, o Amor. É a vontade divina em manifestar seu desejo por meio da criação visível. Cupido, em seu primitivo sentido, é Amor, seu protótipo Fohat, o qual se converte na Terra no grande poder da Eletricidade Vital ou o Espírito doador de Vida. A Lua masculina em seu aspecto teogônico é, em seu aspecto cósmico, somente o princípio gerador feminino, assim como o Sol é o princípio gerador masculino; a Água é a progênie da Lua, uma deidade andrógina em todas as nações. A evolução procede segundo as leis de Analogia, tanto no Cosmos como no menor planeta que existe.

Que sabe a Ciência realmente sobre a idade da Terra, do Sol e da Lua? Que sabe sobre a idade do Homem?

Apenas hipóteses e as mais contraditórias.

Para o olhar aquilino do Vidente e do profeta de cada Raça se descortina o panorama pré-histórico sem interrupção e cortes, e os seus anais são preciosos. Os cômputos que se dão em Manu e nos Puranas são idênticos aos da Filosofia Esotérica. O melhor e mais completo Calendário no presente é o dos dois brâmanes abaixo citados,

compilados dos fragmentos de Asuramaya, o Astrônomo da Ilha Branca, que se tornou Negra pelo pecado (Atlântida). Diz a lenda que o Deus-Sol comunicou a Asuramaya o conhecimento das estrelas.

A Ilha Branca é um símbolo ou uma alusão ao país dos nascidos do suor da Terceira Raça. Este país, ou continente, havia desaparecido idades antes de que Asuramaya vivesse, posto que ele era um Atlante.

Asuramaya, porém, era um descendente direto da Raça Sábia, a Raça que nunca morre. Romakapura, que quer dizer "nascidos dos poros dos cabelos", em sânscrito, foi a cidade natal de Asuramaya.

Abaixo damos alguns dados do Calendário citado:

	Anos
1 — Desde o começo da Evolução Cósmica até o ano 1887, ou seja, o nosso Sistema Solar	1.955.884.687
2 — Reinos: astral, mineral, vegetal e animal até o homem	300.000.000
3 — Tempo transcorrido desde o aparecimento da humanidade (em nossa Cadeia Planetária)	1.664.500.987
4 — Anos decorridos desde o "Manvântara Vaivasvata" — o período humano — até o ano 1887, é justamente de	18.618.728
5 — O período completo de um Manvântara	308.448.000
6 — Catorze Manvântaras mais o período de um Satya Yuga fazem um Dia de Brahmâ ou	4.320.000.000
7 — Portanto, um Maha Yuga se compõe de	4.320.000
8 — O ano de 1887, desde o começo do KaliYuga corresponde a	4.989

Diz o Ocultismo que os Protótipos astrais dos reinos mineral, vegetal e animal até o homem gastaram 300.000.000 de anos em sua evolução.

Expirado este tempo, a Natureza, em sua descida para a Matéria física, principia com a Humanidade materializando as formas à medida que avança. O grau de materialização da Terra caminha pari-passu com o de seus habitantes. O Manu Vaivasvata é o Ser Humano aparecendo nesta Ronda.

Os cômputos de Rao Bahadur Row são:

	Anos mortais
360 dias mortais fazem	1
O Krita-Yuga contém	1.728.000
O Treta-Yuga contém	1.296.000
O Dvapara-Yuga tem	864.000
O Kali-Yuga tem	432.000

O total destes quatro Yugas perfaz um Maha--Yuga de 4.320.000
Setenta e um destes Maha-Yuga formam o período
do reinado de um Manu 306.720.000
O reinado de 14 Manus é igual a 4.294.080.000
Acrescentem-se os Sandhis (intervalos entre o reinado de cada Manu)
25.920.000
O total destes reinos e interregnos de catorze Manus é de 1.000 Maha-Yugas que constituem um Kalpa, isto é, um Dia de Brahmâ 4.320.000.000
Como a Noite de Brahmâ tem igual duração, um
dia e uma noite de Brahmâ contêm 8.640.000.000
Um ano de Brahmâ tem 360 dias e noites, isto é 3.110.400.000.000
Logo cem anos constituem um período ou idade
de Brahmâ, isto é, um Maha-Kalpa 311.040.000.000.000

Estas as cifras exotéricas em toda a índia e concordam com as da Doutrina Secreta. Estes Ciclos astronômicos sagrados são de imensa antigüidade, e a maior parte pertence aos cálculos de Asuramaya.

O Sagrado Ciclo de 4.320 com zeros adicionais é todo simbólico, como um registro eterno dos fenômenos periódicos da Natureza.
Estamos num estado de transição final de um Ciclo.

Todos os processos naturais se basearam e dependem dos sucessos cíclicos do Cosmos, produzindo agentes periódicos, os quais, agindo de fora, afetam a Terra e tudo o que vive e alenta nela de um extremo ao outro de cada Manvântara. A causas e efeitos são esotéricos e exotéricos.

Na índia, os Senhores da Lua são os Pítris ou Antecessores, isto é, Jeová coletivamente como Hoste e também como um dos Elohim.

A Lua era a Deusa da reprodução. A Doutrina Secreta mostra os Pítris Divinos criando homens em sete partes do Globo, cada um em seu lote, isto é, cada um uma Raça de homens, externa e internamente diferentes e em zonas distintas.

Os Criadores estão divididos em doze classes, das quais quatro alcançaram a liberação, a quinta está próxima a alcançá-la, mas apenas permanece ativa nos planos intelectuais, ao passo que Sete se acham, ainda, sob a Lei Kármica direta.

Estas últimas agem sobre os Globos portadores de homens de nossa Cadeia. Entre as Sete Classes de Pítris há duas espécies de Antecessores : os Barhishads e os Agnishvattas ou os possuídos pelo Fogo Sagrado, e os vazios dele. A Primeira Classe, a mais elevada esotéricamente, os Agnishvattas, estão representados pelos brâmanes que não cumpriram com o dever de manter aceso o Fogo Sagrado em suas vidas passadas, em outros Manvântaras. Os Barhishads, ao contrário,

foram os brâmanes que conservaram os Fogos Sagrados de suas moradas e são reverenciados até hoje.

Os Agnishvattas estão vazios de Fogo, isto é, de paixão criadora, porque são demasiado divinos e puros, enquanto os Barhishads, sendo Espíritos Lunares, estão estreitamente relacionados com a Terra e converteram-se nos Elohim criadores da forma, ou o Adão de pó.

Samandana e os outros Filhos de Brahmâ (sua primeira progênie) não tinham desejo nem paixão; estavam inspirados pela santa Sabedoria, apartados do Universo e sem desejos de criar.

As Emanações Primordiais do Poder Criador estão demasiado perto da Causa Absoluta. São forças transitórias e latentes que só se desenvolverão nos próximos e sucessivos graus; depois do que ele cria outros sete filhos da Mente, os chamados Sete Rishis do Terceiro Manvântara.

Estes são todos os criadores dos diversos Seres nesta Terra.

Os Agnishvattas não podiam criar, porque não tinham corpo astral que projetar, pois careciam de forma. São, alegóricamente, os Kümaras, Yogues, os jovens castos que se rebelaram; Asuras que se opunham aos Deuses e lutavam com eles; no entanto, só eles podiam completar o Homem, convertendo-o num Ser quase divino, um Ser consciente, um Deus na Terra.

Os Barhishads estavam vazios do poder Mahático, o elemento superior. Estavam por isso mesmo no nível dos princípios inferiores (que precederam a Matéria grosseira objetiva), só podiam produzir o Homem externo, o molde físico, o duplo etéreo. Assim vemos que Brahmâ, o Mahat coletivo, ou Mente Divina Universal, lhes confiara a tarefa, o "Mistério da Criação", que se repete na Terra, só em sentido inverso, como num espelho.

Isto é uma alegoria e refere-se à evolução e aquisição de Poderes Divinos por esforço próprio; alguns Rishis Yogues são muito mais poderosos que os Deuses. Os Deuses secundários ou Poderes temporais da Natureza (as Forças) estão condenados a desaparecer. Só a potencialidade espiritual no homem é o que pode levá-lo a ser uno com o Absoluto e Infinito.

Os que podem criar o homem espiritual imortal são os que projetam o molde irracional (o Astral) do Ser físico. Aqueles que não quiseram multiplicar-se foram os que se sacrificaram pelo Bem e Salvação da Humanidade Espiritual, porque para completar o Homem setenário e conectá-lo com a Mônada Espiritual (que não poderia nunca morar em semelhante forma senão em estado latente) necessitavam-se dois Princípios de enlace: Manas e Kama. Isto requer um Fogo Espiritual Vivo do Princípio Médio procedente dos Estados Quinto e Terceiro do Pleroma; porém este Fogo é a posse dos Triângulos, não dos Cubos perfeitos que simbolizam os Seres Angélicos (o pentágono sobre a Terra), tendo os primeiros se apossado dele desde a Primeira Criação. Estes são os Seres Ativos, e, portanto, deixam de ser puros no Céu.

Convertem-se em Inteligências independentes e livres, que lutam por essa Liberdade. São eles as Chamas, os Agnishvattas que ficam para trás em lugar de ir com os outros para criar (o homem terrestre). Porém o verdadeiro sentido esotérico é que a maioria deles estava destinada a encarnar como Egos da próxima promoção da Humanidade. 0 Ego humano não é Âtma nem Buddhi, mas Manas Superior; o fruto intelectual consciente de si, no sentido espiritual elevado; é o Fio de Ouro no qual estão enfiadas como pérolas as diversas personalidades deste Ego Superior. O Fio Radiante é imperecível e só se dissolve no Nirvana, e surge dele em toda a integridade no dia em que a Grande Lei chama a todos os Seres outra vez à ação. Portanto, como os Pítris superiores não tomaram parte em sua criação física, o Homem Primordial saiu dos corpos de seus Progenitores espiritualmente, sem fogo (mente); faltava-lhe o princípio médio que serviria de base, ou laço, entre o Superior e o Inferior, o Homem Espiritual e o cérebro físico.

As Mônadas, que encarnaram naquelas conchas vazias, permaneceram tão inconscientes como quando estavam separadas de suas formas e veículos incompletos anteriores. Não há potencialidade para a Criação ou Consciência de si, num Espírito Puro, neste plano, a menos que a sua natureza demasiado homogênea, perfeita — por ser divina — se misture a uma essência já diferenciada e seja fortalecida por ela. Só a linha inferior do Triângulo (que representa a primeira Tríade, emanada da Mônada Universal) pode proporcionar esta consciência necessária no plano da Natureza diferenciada. Ora, os Primogênitos são os primeiros postos em movimento no princípio de um Manvântara e, por conseguinte, os primeiros a cair na esfera da materialidade. Os Tronos que são os "Assentos de Deus" devem ser os primeiros homens que encarnam na Terra.

Se levarmos em conta a série sem fim de Manvântaras passados, o último tinha que vir primeiro, e o primeiro por último. Os Anjos Superiores tinham atravessado, inúmeros evos antes, os Sete Círculos, arrebatando-lhes, assim, o Fogo Sagrado, isto é, tinham assimilado toda a Sabedoria dos mesmos: o reflexo de Mahat em seus diversos graus de intensidade.

Nenhum Ser, angélico ou humano, pode alcançar o estado de Nirvana (pureza absoluta) a não ser por meio de evos de sofrimentos e de conhecimento do Bem e do Mal.

Entre o Homem e o Animal, cujas Mônadas ou Jivas são fundamentalmente idênticas, existe o abismo infranqueável da Mentalidade e Consciência de Si mesmo. Que é a Mente Humana em seu aspecto superior?

Donde procede, se não é uma parte mesma da essência de um Ser Superior ou, em alguns casos, da encarnação desse mesmo Ser?

Pode o Homem (Deus com forma animal) ser o produto da Natureza física Material só pela evolução, como acontece com o animal

(animado pela mesma Mônada em estado latente) quando se vê que as Potências intelectuais de ambos diferem como o Sol do vaga-lume?

A ciência esotérica é alegórica, num certo ponto, mas, para fazer chegar à inteligência ordinária certos conceitos necessita-se do uso dos símbolos numa forma compreensível.

O mistério do Homem divino dentro do Homem terrestre é muito grande.

A Alma humana é divina em sua conexão com Buddhi; os Antecessores altamente espirituais do Homem divino, os Elohim, enquanto um faz o Adão terrestre do pó, outro lhe dá o Alento de Vida, e o terceiro faz dele uma Alma vivente, tudo implicado na palavra plural Elohim. Na alegoria ária, os Filhos Rebeldes de Brahmâ são todos representados por Yogues, Ascetas e Santos. Renascendo em cada Kalpa tratam de impedir a obra da procriação humana. Narada é o Deva, Rishi por excelência, do Ocultismo. Aquele que não estuda, não analisa e não medita nas sete facetas esotéricas de Narada, não poderá jamais aprofundar certos mistérios antropológicos, cronológicos e até cósmicos. É um dos Fogos, antes mencionados, e toma parte na evolução deste Kalpa desde o estado incipiente até o fim, é um ator que aparece em cada uma das Raças-Raízes, do drama manvantárico presente.

Mundos e homens foram, sucessivamente, formados e destruídos, sob a Lei de evolução e de materiais preexistentes, até que os planetas e seus homens e animais, como em nossa Terra, se convertessem no que são agora; forças polares opostas, um composto equilibrado de Espírito e Matéria, do positivo e negativo, do masculino e feminino.

Antes que o homem se convertesse em varão e fêmea, fisicamente, seu protótipo, os Elohim criadores, teve que ajeitar sua Forma, astralmente, sobre este plano sexual. Os átomos e as forças orgânicas, ao descerem no plano de diferenciação, têm que ser arranjados na ordem prescrita pela Natureza de modo a manter sempre o equilíbrio.

A Sabedoria teve que se difundir em e por meio do Entendimento ou Natureza Inteligente. Portanto, a primeira Raça-Raiz de homens, sem sexo e sem mente, teve que ser destruída e oculta por certo tempo, isto é, a Primeira Raça, em vez de morrer, desapareceu na Segunda Raça, sem engendrá-la, procriá-la nem morrer.

A Matriz humana é a cópia da matriz Celeste. Quem já viu a materialização de um duplo, o ectoplasma surgindo do corpo do médium, pode imaginar o nascimento por projeção voluntária. Se há, no Universo, Seres como os Anjos ou Espíritos, cuja essência incorpórea possa constituir uma Entidade Inteligente, apesar da ausência do organismo sólido, e se há quem creia que Deus criou o homem do pó e soprou nele uma Alma Vivente, qual a dificuldade de nossa doutrina?

A Filosofia Oculta afirma que:

A primeira estirpe humana foi exalada da própria essência de seres superiores semidivinos.

A Doutrina Secreta nos ensina que o homem não foi criado o Ser completo que agora é, por mais imperfeito que permaneça. Houve uma evolução espiritual, uma psíquica, uma intelectual e uma animal, do mais alto ao mais baixo, do simples e homogêneo ao complexo e heterogêneo.

Esta dupla evolução em duas direções contrárias necessitou várias idades da Natureza e graus diversos de espiritualidade e intelectualidade para construir o ser conhecido agora como homem.

Além disso a Lei Una, infalível e absoluta, sempre em ação, sempre proporcionando uma escala ascendente ao manifestado (Maha-Maia), porém submergindo o Espírito, mais e mais profundamente, na materialidade por um lado, e logo por outro redimindo-o por meio da carne e libertando-o. Esta Lei, dizemos, emprega para estes fins Seres de outros planos superiores, Homens ou Mentes (Manus) de acordo com as suas exigências Kármicas.

Os Progenitores dos Homens chamados na Índia, Pítris, Pítaras ou Pais, são os criadores de nossos corpos inferiores e seus princípios.

Eles são nós mesmos como primeiras personalidades e nós somos eles.

Os que dotaram o homem de seu Ego consciente e Imortal são os Anjos Solares. Este Ego Consciente ou Alma Humana, dotado de Manas, o quinto Princípio, surgiu dos Agnishvattas, Kúmaras e Barhishads.

Segundo Platão: "A Alma é um composto do mesmo e do outro", isto é, o Eu, Superior quando imerso com, e, na Mônada divina, é o homem, e sem dúvida "o mesmo que o outro", o anjo nele encarnado é o mesmo que o Mahat ou Mente Universal. Todos estes são os Manasas e Rajasas; os Kümaras, Asuras e outros Regentes e Pítris, que encarnaram na Terceira Raça-Raiz e que, deste modo e de outros, dotaram de Mente a Humanidade.

Há sete classes de Pítris: três incorpóreos e quatro corpóreos.

Há trezentos e trinta milhões de Deuses na índia; todos eles podem ser devas, porém de nenhum modo deuses no sentido espiritual que se dá ao termo. Deva é um ser espiritual que tem certa afinidade com um dos três princípios fundamentais do homem.

Os nomes das Deidades de certa classe mística mudam em cada Manvântara. Os doze Grandes deuses, Jayas, criados por Brahmâ para que ajudassem a obra da criação, no princípio do Kalpa, e que, abstraídos em Samadhi, deixaram de criar, motivo que fez cair sobre eles a maldição de nascer repetidamente em cada Manvântara até o sétimo, são idênticos aos Manasas ou Rajasas, e estes aos nossos Dhyân-Choans, que encarnam.

Manu vem da raiz sânscrita Men — pensar; portanto é um Pensador. Desta palavra sânscrita se deriva a mens latina, Mente, o Menes (egípcio), a Mente ou Mônada Pitagórica ou unidade pensante consciente, o quinto princípio do homem.

Os Pítris não são os antecessores dos homens vivos atuais, mas dos da primeira espécie humana ou Raça Adâmica; os espíritos das Raças humanas que na grande escala da evolução descendente precederam a nossas Raças de homens, e eram física e espiritualmente muito superiores a nossos modernos pigmeus.

0 Coração do Corpo Dhyan-Choânico, os Agnishvattas, que encarnaram na Terceira Raça de homens e os fez perfeitos, tem uma relação misteriosa com a essência do coração humano, cujo órgão físico mesmo e funções psíquicas e espirituais são um reflexo, por assim dizer, uma cópia no plano terrestre do modelo de cima. As quatro cavidades inferiores e as três divisões superiores do coração correspondem à divisão setenária dos princípios humanos separados em dois grupos, e nas classes de Pítris e Dhyânis do Fogo. Por que os sete plexos nervosos do corpo radiam sete raios e a pele tem sete camadas?

Os Asuras querem ajudar o homem a voltar ao seu estado original de divindade, por meio do próprio esforço consciente.

O Esoterismo afirma que a terça parte dos deuses, isto é, os Pítris, Aríipa dotados de Inteligência, foi condenada, pelo Karma e Evolução, a renascer na Terra; alguns destes eram Nirmanakayas de outros Manvântaras.

Estes foram os supostos Rebeldes, que converteram em entidades pensantes responsáveis as estátuas etéreas, projetadas por seus irmãos inferiores. Eles se sacrificaram pelas Mônadas, que esperavam sua vez, e que de outro modo teriam de permanecer em suspenso, durante idades incontáveis em formas irreparáveis — como animais — ainda que de aparência humana. Cada classe de Criadores dá ao homem o que tem para dar.

Uma constrói a sua forma física, outra lhe dá a sua essência, que mais tarde se converte no Eu Superior Humano devido aos esforços pessoais do indivíduo, porém não podiam fazer o homem como eles mesmos eram, impecáveis, porque só tinham os vagos contornos dos atributos, e estes, perfeitos, puros e frios como a neve. A Humanidade do mundo Terrestre não estava destinada a ser criada por Anjos do Primeiro Sopro Divino.

Devia ser formada por Criadores mais materiais, que só podiam dar o que possuíam em suas próprias naturezas. Os Deuses puros, subordinados à Lei eterna, só podiam projetar suas sombras, menos divinas e perfeitas que eles mesmos. A perfeição, para ser tal, tem que sair da imperfeição, o incorruptível tem que desenvolver-se do corruptível, tendo este último como sua base, veículo ou contraste; Luz Absoluta é Obscuridade absoluta, e vice-versa. O Bem e o Mal são gêmeos; nenhum dos dois existe per se, pois cada um tem que ser

engendrado e criado pelo outro a fim de vir à existência. Ambos têm que ser conhecidos e apreciados antes de ser objeto de percepção, daí que na mente mortal tenham de estar separados. Como a ilusão existe, requer uma ordem inferior de Anjos Criadores, para criar Globos Habitados, especialmente o nosso, e manejar a Matéria neste plano terrestre.

Em todas as Cosmogonias antigas se mencionam humanidades diferentes das nossas. No antigo manuscrito Quinché, o Popul-Vuh, está descrita uma Raça cuja vista era limitada, mas sabia todas as coisas de uma vez, mostrando um conhecimento divino, não de mortais.

Estas sombras, dizem, nasceram cada uma de uma cor e espécie, e cada uma inferior a seu Pai, porque este último era um ser completo de sua espécie.

A SUÁSTICA

A suástica é o símbolo mais sagrado e místico da índia, a "Cruz Jaina", como a chamam agora os Maçons; é também o mais filosófico e científico de todos; em resumo, é o símbolo da obra da criação ou da evolução. É o martelo do Operário no Livro dos Números (caldeu) que arranca chispas do pedernal (Espaço), as quais se transformam em mundos.

É o Martelo de Thor, a arma mágica forjada pelos anões contra os gigantes (Forças titânicas pré-cósmicas da Natureza).

As duas linhas que se cruzam indicam o Espírito e a Matéria enlaçados na obra da evolução, sempre em movimento. Seus braços assimilam o céu e a Terra (solve e coagula). É um símbolo alquímico, cosmogônico, antropológico e mágico. Nascido dos conceitos místicos dos primeiros árias, é o Alfa e o Omega da Força Criadora Universal, desenvolvendo-se do Espírito puro e terminando na matéria densa.

Aplicado ao Microcosmo, o Homem mostra-o como um elo entre o Céu e a Terra, a mão direita levantada ao extremo de um braço horizontal, a esquerda assinalando a Terra. Na Tábua Esmeraldina de Hermes está como signo alquímico.

E diz o Comentário:

"Os Filhos de Mahat são os vivificadores da Planta Humana. São eles as águas que caem no árido solo da vida latente e a chispa que vivifica o animal humano. São os Senhores da Vida Espiritual Eterna. No princípio alguns só exalaram parte de sua essência nos Manushya (homens), e alguns tomaram o homem por morada."

Isto mostra que nem todos os homens foram encarnações dos Divinos Rebeldes, somente uns poucos dentre eles.

O resto só teve o quinto princípio avivado pela chispa arrojada nele, o que significa a grande diferença entre a capacidade intelectual dos homens e raças.

A esta rebelião da vida intelectual contra a mórbida inatividade do Espírito puro, devemos o que somos, homens conscientes de si mesmos e pensantes, com as possibilidades e atributos dos deuses em nós, tanto para o Bem como para o Mal. Portanto, os Rebeldes são os nossos Salvadores.

Só pela força atrativa dos contrastes podem os dois pólos, Espírito e Matéria, ser cimentados juntos na Terra, e, fundidos no Fogo da experiência consciente de si e do sofrimento, encontrar-se unidos na Eternidade.

O Pai do homem físico primitivo (corpo) é o Princípio elétrico Vital, que reside no Sol. A Lua é a Mãe, a causa deste misterioso poder que tem uma influência decisiva na gestação e geração humanas.

O vento, ou Éter, que representa o agente transmissor, por meio do qual estas influências descem dos luminares e se difundem sobre a Terra, mas só o Fogo Espiritual faz do homem uma entidade divina.

Este Fogo espiritual na Alquimia é o Hidrogênio, um gás, só em nosso plano terrestre. É o Pai e Gerador, a base, tanto do ar como da Água, e é Fogo, Ar e Água, numa palavra, três em um, ou sob três aspectos. No mundo da Manifestação, o da Matéria, é o símbolo objetivo e a emanação material do Ser Subjetivo, entidade puramente espiritual na região dos Númenos. É o To On dos Gregos (o Um).

0 Hidrogênio não é Água, ainda que a produza, o Hidrogênio não é Fogo ainda que o manifeste ou crie, nem é Ar ainda que se possa considerar o Ar como um produto da união da Água e do Fogo, posto que o Hidrogênio se encontre no elemento aquoso da atmosfera; é três em Um.

O Segredo destes Fogos era ensinado nos Mistérios de todos os povos antigos, principalmente na Samotrácia. Os Cabiros, que são idênticos aos Kümaras e Rudras, eram os Fogos Sagrados personificados dos poderes mais ocultos da Natureza. O número dos Cabiros é incerto, uns citam três ou quatro, outros, sete.

Os Alter-Egos de quatro Kümaras são representados por: Axieros, Axiocersa, Axiocersus, Casmilus, correspondendo a Sanat Kümara, Sananda, Sanaka, Sanatana.

Na Filosofia esotérica os Elementos se apresentam como os Progenitores de nossos cinco sentidos físicos; estes pertencem a uma criação ainda inferior à criação secundária.

O Círculo é o Pensamento; o Diâmetro (linha) é a Palavra, e sua união é a Vida.
O Fogo, a Água e o Ar são a Trindade Cósmica Primordial.
No Pymander de Platão se lê:

"Eu sou teu Pensamento, teu Deus, mais antigo que o Princípio úmido que irradia dentro das Trevas, e a Palavra resplandecente de Deus (Som) é o Filho da Deidade."

A Primeira Raça tinha em si três Elementos rudimentares e nenhum Fogo ainda, porque a evolução do homem estava subordinada à evolução dos Elementos, bem como o desenvolvimento e crescimento de seus sentidos espirituais e físicos, isto no plano cósmico desta Terra.

Cada Elemento acresce à sua característica própria a de seu predecessor.

A seguir daremos a tábua da evolução paralela dos elementos e sentidos:

TÁBUA DOS ELEMENTOS E SENTIDOS

Éter	Ouvido	Som
Ar	Tato	Som e Tato
Fogo, Luz	Vista	Som, Tato, Cor
Água	Gosto	Som, Tato, Cor e Gosto
Terra	Olfato	Som, Tato, Cor, Gosto e Olfato

Os Deuses ou Dhyân-Choans procedem da matriz do Mundo, e a Humanidade procede dos Deuses, os agentes ativos do Cosmos; Brahmâ é uma Deidade manifestada, e portanto criada ou condicionada.

A diferenciação se processa assim:

ESPIRITO SUPREMO ..... Paramâtma
ESPIRITO VIVO DA NATUREZA ..... Âtma
(Protólogos)
ALMA ESPIRITUAL OU INTELECTUAL (una com os sentidos) Indriyâtma
ALMA VIVENTE OU VIDA ..... Bhutâtma
ALMA ENCARNADA OU O UNIVERSO DE ESPIRITO E MATÉRIA Kshetrayna
FALSA PERCEPÇÃO, UNIVERSO MATERIAL Bhrantidanshanath

Tudo em nosso Universo físico é ilusão ou falsa e errônea apreensão. A evolução das essências Dhyân-Choans tem lugar em estrita analogia com os atributos deste Brahmâ, tanto no mundo espiritual como no material, sendo as características das primeiras refletidas por sua vez no Homem, coletivamente, e em cada um de seus princípios, cada um dos quais contém em si mesmo, na mesma ordem progressiva, uma parte dos diversos Fogos e Elementos daquelas.

O Fogo Espiritual ou Eu Superior é o que se reencarna constantemente sob a influência de seus Eus pessoais inferiores, mudando a cada renascimento, cheio de Tanha ou desejo de viver. É uma lei estranha da Natureza, que neste plano o espiritual tenha de ficar escravizado ao inferior.

A menos que o Ego se refugie em Atma, o Todo-Espírito, submergindo por completo em sua essência, o Ego Pessoal pode excitá-lo até

o funesto fim, pois a evolução procede por tríplice linha: espiritual, psíquica e física.

O que impele e força a evolução, obrigando o crescimento e desenvolvimento do Homem para a perfeição é: primeiro, a Manada, o que atua nela por uma força inerente, inconsciente; segundo, o Corpo Astral ou Eu Pessoal.

A primeira, quer aprisionada num corpo vegetal ou animal, está dotada dessa Força; é verdadeiramente ela mesma. Em nosso plano, sendo a sua essência demasiado pura, permanece toda potencial, porém individualmente é inativa. A menos que o Ego gravite para a Mônada, o Eu Pessoal dominará tudo, porque este Ego, com o seu fero egoísmo e desejos animais, é o "construtor do tabernáculo", para que a Mônada e seu princípio consciente — Manas — morem nele.

Somente Àtma pode transmitir, ao Homem Interno ou Ego que se reencarna, a sua imortalidade.

Só depois das três e meia Raças-Raízes é que o Ego Superior (Mente) reina sobre o Ego Animal e o governa, quando não é arrastado por ele. Metatron, o Anjo Mensageiro, governa os anjos cujas 17 classes são as Inteligências essenciais. Essas Inteligências vivificam o mundo como causas e seus contrários correlativos e lógicos moram no terceiro mundo habitável.

Lúcifer ou Satã é o Portador da Luz e da Vida, é Samael, o Anjo da Morte, que antecipou o tempo de encarnar na Terra, para ajudar a Humanidade deste planeta.

Por meio e dentro da forma humana se convertem estes Seres em progressivos, pois a natureza do Anjo é intransitiva, e como Homens têm em si a potência de transcender as faculdades dos anjos.

Quando Adão estava no Éden, seu corpo era de Luz; os sete anjos de um mundo inferior engendraram, por seu poder comum, o Adão terrestre. Primeiro caiu Samael na geração e, depois, arrastou o homem.

O Espírito, mais além da Natureza Manifestada, é o Sopro ígneo, em sua Unidade absoluta. Tudo é Fogo em sua constituição última,

0 Eu, cuja raiz é zero ou nada em nosso conceito, o Todo na Natureza é Fogo divino. É o Criador, o Preservador e o Destruidor.

Os cabalistas cristãos dividem os elementos do modo seguinte: Os quatro elementos formados das substâncias divinas e dos Espíritos dos sais da Natureza representados por:

São Mateus	Anjo-Homem	Jesus Cristo, Anjo-Homem, São Miguel
A — São Marcos	Leão (Miguel)	Fogo
E — São Lucas	Touro (Uriel)	Terra
1 — São João	Águia (Gabriel)	Ar

A quintessência é a Flamma-Virgo, o Fogo Espiritual, Átomo, Uriel; a Águia simboliza Gabriel; o Dragão simboliza Rafael; o Urso, Sabaoth;

o Cão, Erataoth; e por último a mula, Tantabaoth. Todos estes têm um sentido qualificativo.

A lei da evolução obrigou os Pítris Lunares a passarem, em sua condição monádica, através de todas as formas da Vida e Ser neste Globo.

No fim da Terceira Ronda, eram já humanos em sua natureza divina, e por isto foram chamados a ser os criadores das formas destinadas a converterem-se nos tabernáculos das Mônadas menos avançadas que deviam encarnar-se. Estas formas são chamadas "Filhos da Yoga", porque Yoga é a suprema condição da Deidade passiva infinita, pois ela contém todas as energias divinas e é a essência de Brahmâ, para, diz-se, como Brahmâ criar tudo através do poder da Yoga. Brahmâ, Vishnu e Shiva são as energias mais poderosas de Deus Brahman (neutro), diz um texto purânico.

Todas as criaturas do mundo têm, cada uma, um Superior em cima. Este Superior, cujo íntimo prazer é emanar dentro delas, não pode comunicar efusão alguma até que elas o tenham adorado (meditado, como na Yoga).

No começo da evolução física houve processos na Natureza como a geração espontânea, agora extinta, que se repetem em outras formas.

A Segunda Raça foi originada inconscientemente pelas Sombras etéreas, assexuadas e desprovidas de desejos, da Primeira Raça.

A forma astral que revestia a Mônada estava envolvida pela Aura ovóide que corresponde à substância da célula-germe, e era o núcleo animado como o princípio de Vida. Na época da reprodução o Sub-astral expele uma miniatura de si mesmo do ovo da Aura envolvente. Este germe cresce e se alimenta da Aura até atingir o desenvolvimento completo e, então, separa-se gradualmente de seu pai, levando consigo a própria esfera da Aura.

A analogia com as células polares confirma-se pela correspondência da mudança na separação dos sexos, quando a gestação in útero se converteu em regra geral. Os Filhos da Yoga tiveram sete estados de evolução como Raça ou coletividade, do mesmo modo que tinha, e tem ainda, cada ser individual. As primeiras sub-raças da Segunda Raça nasceram a princípio pelo processo de analogia, já descrito, enquanto as últimas principiaram gradualmente pari passu com a evolução do corpo humano, a formar-se de outro modo. A reprodução teve, também, sete etapas em cada Raça, que se estenderam por evos de tempos. Os hermafroditas humanos são um fato na Natureza, bem conhecido dos antigos. Diz o Talmude: "se queres conhecer o invisível, abre bem os teus olhos para o visível".

Assim se desdobra, misteriosamente, o processo de transformação e evolução da Humanidade. O material das primeiras formas foi atraído e absorvido pelas formas da Segunda Raça, completando-as. Essa Raça nunca morreu.

Seus homens se dissolviam e eram absorvidos nos corpos de sua progênie nascida do Suor, mais sólidos que os seus. Quando o Corpo Astral se oculta em carne mais sólida, o homem desenvolve um corpo físico.

A Terceira Raça nascida do ovo, cuja primeira metade é mortal e a segunda imortal, está simbolizada no mito grego de Leda e seus filhos Castor e Pólux, um mortal e outro imortal, e também simboliza a transformação do homem animal em homem-Deus, com corpo animal.

A Mônada é impessoal e um Deus per se, se bem que inconsciente neste plano. Divorciada de Manas, não pode ter percepção ou consciência das coisas deste plano terrestre: "O mais elevado vê por meio dos olhos do inferior no mundo manifestado. Purusha (Espírito) permanece cego sem a ajuda de Prakriti (Matéria) nas esferas materiais."

Castor representa o homem pessoal, mortal, um animal quando desligado de sua Individualidade. Gêmeos, ainda que desligados pela Morte, a menos que Pólux conceda a seu irmão uma parte de sua divina natureza, associando-o à sua própria imortalidade.

Um véu impenetrável de segredo foi jogado sobre os Mistérios Ocultos e Religiosos, depois da submersão do último resto da Raça Atlante, há 12.000 anos. Sua doutrina foi alegorizada e esquecida, pervertendo-se o seu significado.

No Livro de Enoque temos a Adão, o primeiro Andrógino Divino, separando-se em homem e mulher e convertendo-se em Jah-Heva, uma Raça e Caim e Abel, varão e fêmea, em outra Raça. Jeová, de duplo sexo, é o eco de seu protótipo ário; depois do que vêm as Terceira e Quarta Raças-Raízes da humanidade, isto é, Raças de homens e mulheres ("de sexos opostos").

As duas primeiras Raças foram semi-espirituais e andróginas, sem sexo.

Nos Grandes Mistérios herdados pelos Iniciados desde a remota antigüidade, este é um dos maiores, o elemento bissexual que se vê em toda Deidade Criadora, como Adão-Jeová-Eva e também em Caim-Jeová-Abel como em Brahmâ-Virâj-Vâch... macho e fêmea os criou.

Seth é uma Raça, não um homem; antes dele a humanidade era hermafrodita; Seth é o primeiro resultado fisiológico, depois da queda, e é também o primeiro homem, daí mencionar-se Enos como o Filho do Homem.

Seth representa a última parte da Terceira Raça.

Abel ou Hebel é uma fêmea, a metade de Caim separada na divisão dos sexos, coletivamente, e Adão é o nome coletivo do homem e da mulher.

Brahmâ, o Logos, é o Adão Kadmon, que se separa em duas metades, macho e fêmea.

Mas, como dizíamos, tendo a Primeira Raça criado a Segunda por brotação, deu a Segunda origem à Terceira, que se separa em divisões

distintas, consistindo em homens diferentemente procriados. As duas primeiras se produzem por um método ovíparo, e as últimas sub-raças da Terceira procriavam por uma espécie de exsudação de fluido vital, cujas gotas, coagulando-se, formavam uma bola oviforme, que servia de veículo exterior para a geração no mesmo de um feto andrógino. A Raça assexual se converteu em hermafrodita ou bissexual, e esta gradualmente produziu seres em que um sexo predominava sobre o outro e, por último, homens e mulheres diferenciados.

O embrião humano foi alimentado por forças cósmicas e o Pai-Mãe proporcionou o germe que amadurecia; a Terceira Raça foi a última semi-espiritual, veículo da Sabedoria divina e inata, ingênita nos Enoch videntes daquela humanidade. A Quarta, que tinha provado o fruto do Bem e do Mal, a Sabedoria já unida à inteligência terrestre e, portanto, impura, tinha consequentemente de adquirir aquela Sabedoria por meio de iniciação e terrível esforço.

Misticamente, Jesus foi considerado como homem-mulher; nos hinos órficos, cantados durante os mistérios, "Zeus é o varão e uma virgem imortal". Júpiter tem peitos de mulher, e Vênus é, às vezes, representada com barbas. O mesmo nome de Adão implica essa mesma forma de existência.

As humanidades se desenvolvem, paralelamente, com os quatro elementos, estando fisiológicamente adaptadas a cada nova Raça para ajustar-se ao elemento adicional. Nossa Quinta Raça se aproxima, rapidamente, do quinto elemento; chama-se Éter interestelar, o qual se relaciona mais com a psicologia que com a física. A Terceira Raça viveu nas condições de uma eterna primavera, como é, atualmente, em Júpiter e Saturno, planetas de matéria rarificada. A eterna primavera é apenas um estado conhecido pelos habitantes de Júpiter, não como nós a concebemos.

DILÚVIOS E NOÊS

Os relatos contraditórios dos Puranas, a respeito dos nossos Progenitores, têm um significado secreto e sagrado. Só os Iniciados podem ordená-los corretamente, já que foram propositadamente confundidos.

O Grande Dilúvio tem vários significados e refere-se a acontecimentos espirituais, físicos, cósmicos e terrestres. 0 Barco, Arca, Navio, sendo o símbolo do princípio gerador feminino, está representado no Céu pela Lua e na Terra pela Matriz, sendo ambas as Arcas portadoras dos germes da Vida e do Ser, que o Sol, o princípio masculino, vivifica e fecunda. O primeiro Dilúvio cósmico se refere à criação primordial, ou formação do Céu e da Terra.

O Dilúvio Terrestre e sua história também tem sua dupla aplicação.

Primeiro se refere ao mistério de quando a Humanidade foi salva de uma destruição completa, por se ter convertido, a mulher, no receptáculo

da semente humana no final da Terceira Raça; por outro lado, a verdadeira história da submersão da Atlântida. Em ambos os casos a Hoste ou Manu que salvou a semente é chamado Manu Vaivasvata.
Este é um mistério referente aos Manushias humanos.

O primeiro Dilúvio ocorreu quando o que hoje é o Pólo Norte foi separado dos continentes posteriores. Este é o prólogo do drama de cinco humanidades.

Os Manus representam as Raças; quatro já passaram e agora estamos na quinta, da qual faz parte Krishna, cuja morte inaugurou o Kali-Yuga. O Dilúvio é uma tradição Universal. Os períodos glaciais foram numerosos; calcula-se que o primeiro teve lugar há 850.000 anos e o último há 100.000 anos. Tem havido uma série de pequenos dilúvios, como o da Ásia Central, ocorrido 10.000 anos antes de Cristo, e que nada tem a ver com o Dilúvio de Noé.
Na história mexicana vamos encontrar a tradição do dilúvio.
Os peruanos contam que os sete Incas voltaram a povoar a Terra depois do Dilúvio; de igual modo, Xisutros, o Noé caldeu, se salva e se transporta ao Céu com os deuses, os Cabiros e os sete Titãs divinos.

Também o Yao chinês tem sete figuras, que embarcam com ele, e as quais animará quando toque a Terra e as use como semente humana.
Osíris, quando penetra na barca solar, leva sete Raios consigo.

Os Titãs são os filhos de Cronos (o Tempo) e de Réia (Terra), sendo Titãs e Cabiros idênticos.

O dilúvio semi-universal, conhecido da geologia como primeiro Período Glacial, deve ter ocorrido precisamente há 200.000 anos, segundo os anais secretos da Doutrina Oculta, e foi devido ao deslocamento do eixo da Terra. A Humanidade da Primeira Raça-Raiz é a mesma da Segunda, Terceira, Quarta, Quinta, Sexta e Sétima, formando uma re-encarnação cíclica e constante das Mônadas pertencentes aos Dhyân-Choans de nossa Cadeia Planetária. Todas as Raças têm os seus ciclos particulares, que não coincidem com os das outras. A Raça Ária está agora no seu Kali-Yuga, que continuará 427.000 anos mais, enquanto outras Raças, como a Semítica, se acham nos seus ciclos especiais. A futura sexta sub-Raça estará em sua Idade de Ouro ou Satya.

As Mônadas destinadas a animar as Raças futuras estavam preparadas para a nova transformação; estava ali a Alma latente e só necessitam uma roupagem. A Natureza, como potência criadora, é Infinita.

Os dois planos, físico e astral, apesar da evolução paralela, não tinham ainda contato direto entre si. Em virtude de sua organização, o homem está relacionado com o plano do qual deriva o seu veículo base.

Como o homem vivia no plano etéreo, pôde permanecer insensível às condições atmosféricas que rodeavam então o planeta.

Segundo a tradição e lenda mexicanas, os homens primitivos podiam viver e operar na terra, debaixo dela e na água.

Na realidade, as condições terrestres, então ativas, não afetavam o plano no qual se verificava a evolução das Raças etéreas astrais.

O Hilozoísmo exige o Pensamento Divino absoluto penetrando as inúmeras Forças criadoras, ativas, cujas Entidades são movidas por aquele Pensamento Divino, e existem nele, dele e por ele, como seus aspectos. (Cudworth.)

As Mônadas, nas primeiras Rondas, eram consideradas animais até que na presente Quarta Ronda desenvolverão o Quarto Princípio como veículo do Quinto, a mente, que somente na Quinta Ronda se desenvolverá completamente.

O desenvolvimento kármico destas Mônadas ainda não as adaptou para ocupar as formas humanas destinadas à encarnação de Raças intelectuais superiores.

Não há seres absolutamente depravados, como não há anjos absolutamente perfeitos. Ainda que haja Espíritos de Luz, como Lúcifer, o Espírito da Liberdade de Pensamento e da Iluminação intelectual é, metaforicamente, o fanal luminoso condutor, que ajuda o homem a encontrar seu caminho através dos arrecifes e bancos de areia da Vida, pois Lúcifer é o Logos em seu aspecto mais elevado e o Adversário em seu aspecto inferior, refletindo-se ambos em nosso Ego. A Filosofia Esotérica identifica todos os "Adversários" com os Egos que, encarnando-se nos homens da Terceira Raça, até então sem entendimento, os fizeram conscientemente imortais. Eles são, pois, durante o ciclo de encarnações, o Logos Dual, o Princípio Divino de duas caras, que estão em conflito no Homem.

Foram vários os processos de reprodução das Raças primitivas, como já se disse antes; repetindo, aqui temos:

1." Fisiparismo	— (Divisão da célula-mater em outra idêntica, produzindo uma entidade independente).
2." Brotação	— Aparece um broto na superfície original (corpo) e cresce até se separar do organismo materno.
3." Espórios	— Uma só célula expelida pelo organismo-pai, e que se desenvolve num organismo multicelular, que reproduz a forma do primeiro.
4.' Hermafroditas	— Hermafroditismo, intermédio, órgãos masculinos e femininos inerentes ao mesmo indivíduo como nas plantas, nos vermes, caracóis etc
5." União sexual verdadeira (Compare-se Terceira Raça ulterior.)	— Os Filhos da Sabedoria tinham-se tornado intelectuais pelo contato com a Matéria, pois já tinham alcançado, em encarnações anteriores, o grau de inteligência que lhes permitia ser entidades independentes e conscientes neste plano de Matéria. Renascerão só por efeitos kármicos. Entrarão naqueles que estavam "preparados", convertendo-se nos Arhats ou Sábios antes mencionados.

Explica-se: eram Essências, Inteligências e Espíritos conscientes, Entidades que buscavam tornar-se mais conscientes, unindo-se à Matéria mais desenvolvida. Sua Essência era demasiado pura para distinguir-se da Essência Universal, porém seus Egos ou Manas tinham de passar pela experiência humana terrestre para chegar a ser Todo-sábios.

Não está no curso da lei natural que o homem possa chegar a ser um Ser Setenário perfeito, antes da Sétima Raça da Sétima Ronda.

Sem dúvida ele tem todos estes princípios em estado latente, desde seu nascimento. Tampouco faz parte da Lei evolucionária que o Quinto Princípio (Manas) alcance todo o seu desenvolvimento antes da Quinta Ronda. "

Todas estas Inteligências prematuramente desenvolvidas (no plano espiritual), em nossa Raça, são anormais, são seres da Quinta Ronda.

Na futura Sétima Raça desta Quarta Ronda, ao chegar ao final, os nossos quatro princípios inferiores estarão completamente desenvolvidos, e Manas só o estará proporcionalmente. O intelectual, no plano físico, se alcançou na Quarta Raça-Raiz; a limitação só se refere ao desenvolvimento espiritual. Os que não estavam ainda preparados, e que receberam apenas uma chispa constituem a massa humana que tem de adquirir a sua intelectualidade na evolução manvantárica presente, depois da qual estarão prontos para receber os "Filhos da Sabedoria".

As Mônadas mais tardias, que apenas tinham deixado as formas animais transitórias inferiores no final da Terceira Ronda, permaneceram sendo os "cabeça estreita" das tribos e raças inferiores.

Isto explica a incrível graduação de inteligência que existe ainda hoje entre as diversas Raças de homens, desde os bosquimanos aos europeus.

Essas tribos, cujo raciocínio mal passa ao nível animal, não são "os deserdados", como possam crer alguns. São os que chegaram por último entre as Mônadas humanas; não estavam preparados e têm que desenvolver-se nos três Globos restantes e em quatro planos do ser, diferentes, a fim de alcançar o nível da classe no termo médio quando chegarem à Quinta Ronda. As Mônadas destes seres das tribos africanas e oceânicas do Mar do Sul não tinham Karma algum para esgotar, quando nasceram pela primeira vez como homens, tal qual sucedia com os seus irmãos mais favorecidos em inteligência. Os primeiros estão tecendo seu Karma agora, os últimos estão carregados com Karma passado, presente e futuro; desse modo o pobre selvagem é mais feliz que o gênio mais afortunado dos países civilizados.

Falando sob o ponto de vista físico, todos os Reinos inferiores, exceto o mineral, que é a luz imetalizada e cristalizada, desde as plantas às criaturas que precederam os primeiros mamíferos, todos se consolidaram em sua estrutura física por meio do "pó expelido" daqueles minerais e os resíduos de matéria humana, de corpos vivos e mortos de que se alimentavam e que lhes deram seus corpos externos. Por sua vez, o homem se fez físico, reabsorvendo em seu sistema o que havia expelido e que havia se transformado nos crisóis animais vivos, pelos quais ele tinha passado devido às transmutações alquímicas da Natureza.

Naqueles tempos havia animais que os nossos naturalistas jamais imaginaram, e quanto mais forte se fazia o homem material físico (os gigantes daquele tempo), tanto mais poderosas eram as suas emanações. Quando a humanidade andrógina se separou em sexos, transformados pela Natureza em máquinas portadoras de criaturas, cessou de procriar por gotas de energia vital que emanavam do corpo; antes disso, toda esta energia vital que se espalhava por toda a parte foi empregada pela Natureza na produção das primeiras formas animais mamíferas. A Natureza jamais desperdiça um só de seus átomos.

Todos os impulsos da Força dual, centrífuga e centrípeta, se dirigem para um ponto: o Homem. 0 progresso é a sucessão dos seres.

Todas as coisas tiveram a sua origem no Espírito, pois a evolução principiou, originalmente, de cima para baixo.

Os peixes paleozóicos estão na curva inferior do arco da evolução das formas, e esta Ronda começou com o Homem astral, o reflexo dos Elohim chamados Construtores. O Homem é o Alfa e o Omega da criação objetiva.

A Terceira Raça santa, os possuidores do Fogo Sagrado, aqueles em que os poderes encarnantes — achando maduros — tomaram para seus veículos, eram gigantes com a força e formosura dos deuses, foram os depositários dos segredos dos céus e da terra. Os deuses e heróis da Quarta e Quinta Raças são as imagens deificadas destes homens da Terceira, que foram os pais psíquicos e espirituais do homem, como os Pítris foram os progenitores de seu corpo físico. Daí a natureza dual que apresentam estes Deuses, cujas virtudes como faltas foram exaltadas até o extremo nas biografias compostas pela posteridade. Foram eles as Raças pré-adâmicas e divinas.

A embriologia ensina que nas espécies animais superiores humanas, a distinção dos sexos não se desenvolve enquanto não haja um progresso considerável no desenvolvimento do embrião. (Laing.)

Os Kúmaras foram criados sem desejos nem paixões, permanecendo castos, inspirados por Santa Sabedoria e sem desejos de progênie.

O poder pelo qual criaram, primeiramente, foi o de Kriyashakti, misterioso e divino poder latente na vontade de cada homem, e o qual se não é chamado à vida, animado e desenvolvido pela prática da Yoga, permanece adormecido em 999.999 homens de cada milhão e acaba por se atrofiar.

Kriyashakti é o poder do pensamento que permite produzir resultados fenomenais externos, perceptíveis por sua própria energia inerente.

Os antigos sustentavam que qualquer idéia se manifestará externamente, se se concentra a atenção (vontade) intensamente nela. O Yogue executa suas maravilhas pelo poder da vontade.

A Terceira Raça tinha criado, assim, os chamados "Filhos da Vontade e da Yoga", os Antecessores espirituais de todos os "Arhats" subseqüentes e atuais, os Mahatmas de um modo verdadeiramente imaculado. Foram criados e não engendrados como seus irmãos da Quarta Raça. A criação é o resultado da Vontade, operando sobre a Matéria fenomenal. Foram eles o grão da semente santa dos futuros Salvadores da Humanidade.

Se as formas materializadas que, às vezes, vemos emanar dos corpos de certos médiuns, pudessem fixar-se, tornando-se sólidas em lugar de se desvanecerem, a criação da Primeira Raça seria perfeitamente compreensível.

Lemos no Rig-Veda: "Primeiro surgiu Nele o desejo, que foi o Germe Primordial da Mente", e que os Sábios, ao investigar com a sua Inteligência, descobriram ser o laço que liga a Entidade à Não-Entidade. Kama nasceu primeiro. "A Ele, nem os deuses, nem os Pais, nem os Homens igualaram; ele nasceu do coração de Brahmâ." Alegóricamente mostra o elemento psíquico desenvolvendo o fisiológico, antes do nascimento do Pai dos verdadeiros homens físicos.

A primeira parte da Terceira Raça foi produzida por gotas de Suor, as quais, depois de muitas transformações, se desenvolviam em corpos humanos. Mas a Terceira Raça muda de novo o seu processo de criar. Diz-se que emanou uma vis formativa, que mudou as gotas de suor em gotas maiores, que cresceram, dilataram-se e transformaram-se em corpos ovóides — ovos enormes — nos quais o feto humano permanecia em gestação por vários anos.

Daksha, nascido deste modo, é o pai dos progenitores de forma humana. Logo a Terceira Raça se converte em andrógina ou hermafrodita.

Os indivíduos desta Raça eram redondos, tendo as costas e os lados como num círculo; eram terríveis por sua robustez e força, e corriam de maneira circular; possuíam uma ambição desmedida. Zeus os dividiu em dois e Apoio cerrou a sua pele. Em Madagascar — ilha que pertenceu à Lemúria — existe uma tradição acerca do primeiro homem: "no princípio viveu sem comer, porém tendo-o feito apareceu uma

inchação numa perna; esta rebentou surgindo uma mulher, que logo foi a mãe de sua Raça".
Por que não teria existido o pólipo humano?

Isto faria compreender melhor como uma forma pode desenvolver-se, como os Lemures com sexo de uma parentela hermafrodita, de um modo completamente distinto de seus progenitores imediatos.

A maioria da humanidade pertence à sétima sub-raça da Quarta Raça-Raiz: os chineses e seus descendentes, malaios, mongóis, tibetanos, húngaros, finlandeses e até os esquimós são restos deste último ramo.

Chenresi, Avalokiteshvara ou o Logos é o aspecto superior nas regiões divinas, porém nos planos manifestados é como Daksha o progenitor dos homens. Padmapani é chamado, esotéricamente, o "Bodhi-sattva Chenrensi", o que tudo vê; é considerado como o grande protetor da Ásia e do Tibete.

A fim de guiar os Lamas na santidade e preservar os grandes Arhats no mundo, diz-se que este Ser Celestial se manifesta de idade em idade sob a forma humana, no Dalai-Lama e no Teschu-Lama.

Dizem, também, que se encarnará como o Buda mais perfeito, no Tibete. Ele é a síntese de todas as Raças precedentes e o progenitor de todas as Raças humanas, depois da Terceira; a primeira completa, e assim é representado como a culminação das quatro Raças primordiais.

Padmapani se converte, na China, em seu aspecto feminino, em Kwan-Yin, que assume a forma que quer.

O homem foi o primeiro a aparecer no quarto Globo (Terra), pois a Mônada já percorrera os outros três Globos em cada um dos graus dos três estados da Matéria, exceto o último grau do terceiro estado (sólido), que só alcança no ponto médio da evolução.

No arco descendente ou involutivo, o espiritual gradualmente se transforma no material; na linha média da base, o Espírito e a Matéria se equilibram no Homem. No arco ascendente, o Espírito volta a afirmar-se, lentamente, a custa do físico, de modo que, no fim da Sétima Ronda, na Sétima Raça, a Mônada se vê livre da Matéria, tendo ganho a experiência e a Sabedoria, fruto de todas as suas vidas pessoais.

EVOLUÇÃO DOS ANIMAIS MAMÍFEROS

A Doutrina Oculta sustenta que, nesta Ronda, os mamíferos foram obra de evolução posterior ao homem. A evolução procede por ciclos.

0 Grande Ciclo Manvantárico de Sete Rondas, ao começar na Primeira Ronda com o mineral, vegetal e animal, conduz sua obra evolucionária em arco descendente a um ponto morto na metade da Quarta Raça, no final da primeira metade da Quarta Ronda. É, pois, em nossa Terra, a quarta esfera e a mais inferior de todas, na presente Ronda, que se chegou ao ponto médio.

Se a Mônada principia o seu ciclo de encarnações pelos três Reinos objetivos na linha descendente, tem igualmente de entrar como homem na linha curva reascendente da esfera.

Vimos como a Terceira Raça, carecendo de Ego individual e possuindo só capacidades passivas, obedeceu à ordem de criar e produzir progênie inferior de bípedes e quadrúpedes, e, por sua vontade, deu nascimento aos deuses e Gigantes, aos deuses Serpentes, aos animais, ao Titãs e outros seres. Os animais se separaram primeiro.

Não existe um Jiva que não seja divino; por conseguinte não há Mônada que não tenha sido, ou será, humana no futuro.

O antecessor do presente antropóide, o mono, é o produto direto dos "amentes" que profanaram a sua dignidade humana, pondo-se, fisicamente, ao nível do animal.

Todos são partes de um organismo estupendo, cujo corpo é a Natureza, e Parabrahman, a Alma.

Qualquer embriólogo moderno sabe que, até certo ponto, o embrião humano é um fac-símile de um batráquio jovem, em seu primeiro estado de ova; com quatro semanas o óvulo toma a aparência de uma planta com invólucros muito delicados, como a cebola. Depois se converte num feto animal, em seguida no de um réptil anfíbio e, por fim, num feto humano.

Houve uma materialização gradual nas formas até alcançar um determinado ponto em sua descida. Daí parte a evolução das formas.

O chamado pecado original foi um mal cometido inconscientemente, produzindo um efeito que não era natural. As seis Raças primitivas, companheiras ou irmãs, e a sétima degenerada, terão que esperar o tempo para o seu desenvolvimento final, por causa do pecado cometido.

Esta Raça se encontrará no último dia em um dos sete caminhos.

Os ovos enormes, onde os homens estavam em gestação (Terceira Raça), foram corrompidos com freqüência, antes de endurecer, por enormes animais, de espécies agora desconhecidas, pertencentes a tentativas da Natureza.

O resultado foi a produção de Raças intermédias de monstros, meio animais, meio homens. Como eram fracassos, não lhes foi permitido viverem muito tempo; os filhos dos "nascidos do ovo" tinham tomado como companheiras várias de suas fêmeas e engendrado outros monstros humanos.

Mais tarde, tendo se equilibrado as espécies animais e as Raças humanas, separaram-se e não voltaram a se juntar. O homem começou a engendrar não só homens, mas também animais, assim como os Gigantes com fêmeas de outras espécies. Vendo isto, os Reis e Senhores das últimas Raças proibiram estas relações pecaminosas. Aí intervém Karma, e os Reis Divinos castigaram com a esterilidade os culpados; foram destruídas as Raças Vermelhas e Azuis, não por comércio afetivo (entre a espécie humana e os animais), mas por descendência.

São homens desempenados, de cabelo vermelho, que marcham de quatro pés, que se dobram, voltando a andar sobre as mãos, que falam com seus antepassados e correm como as fêmeas gigantes que os geraram.

Mesmo os selvagens australianos, estas tribos inferiores, não descendem dos monos antropóides, mas de pais humanos e de mães semi-humanas, os monstros ou fracassos da Natureza. O orangotango, o gorila, o chimpanzé, e o cinocéfalo, são as últimas evoluções puramente físicas dos mamíferos antropóides inferiores; possuem em si uma chispa da essência puramente humana e, por outro lado, o homem não tem nem uma gota de sangue destas Raças inferiores, engendradas, originalmente, com animais. Os tasmanianos e andamanes são os descendentes dessas Raças.

A Austrália é uma das terras mais antigas sobre as águas.

Os Filhos da Yoga e os Nascidos de Si careciam de linguagem, como careciam de Mente em nosso plano. A Segunda Raça tinha a linguagem do Som, isto é, sons cantados, compostos de vogais somente.

A Terceira desenvolveu, a princípio, uma espécie de linguagem que era, apenas, uma ligeira diferença dos diversos sons da Natureza, o grito dos insetos gigantescos e dos primeiros animais. A Terceira Raça média, de seres andróginos, principiou a separar-se em machos e fêmeas, até que obrigou os Deuses criadores, impelidos pelo Karma, a encarnar em homens sem mente; então é que se desenvolveu a fala. Mas foi apenas uma tentativa.

Isto não impediu que as duas últimas sub-raças da Terceira Raça construíssem cidades e espalhassem as sementes da civilização, sob a direção dos Instrutores Divinos. Assim se desenvolveu a linguagem.

O primeiro idioma foi monossilábico, foi o pai vocal, digamos, das línguas monossilábicas posteriores; ainda se usam numas poucas Raças amarelas, quase desconhecidas. Os idiomas aglutinantes foram falados pela Raça Atlante, evoluindo com ela para a linguagem de flexão, altamente desenvolvida, deixada como herança para a nascente Quinta Raça, a Ária, ficando o idioma aglutinante limitado às tribos aborígenes da América. O idioma de flexão, a raiz do sânscrito, pai do grego, foi a primeira língua, a dos mistérios dos Iniciados, da Quinta Raça.

As línguas semíticas são as filhas bastardas das primeiras corrupções fonéticas dos filhos maiores do primitivo sânscrito.

Os semitas, principalmente os árabes, são árias posteriores, e a eles pertencem os judeus, descendentes dos árias que não quiseram ir para a Índia quando se dispersaram as nações. Alguns deles ficaram na fronteira da índia, no Afeganistão e em Cabul e ao longo do Oxus.

Os outros penetraram na Arábia e a invadiram. Os afganes se chamam a si mesmos Ben-Israel, filhos de Is (sa) rael, de Issa, mulher, e Terra.

Os nomes das doze tribos dos judeus são os mesmos das doze tribos reais dos Afganes, sendo estes muito mais antigos que os judeus israelitas. Os nomes das tribos são os mesmos dos signos do Zodíaco.

O Jardim do Éden é um nome arcaico do país regado pelo Eufrates e seus braços. É o mesmo Gan-dunyas das Tábuas assírias. Os Elohim podem ser tomados na Bíblia dos Alein, ou Hierofantes iniciados no bem e no mal deste mundo, pois havia um colégio de sacerdotes chamados os "Alein", cujo chefe era conhecido por Java-Alein. Os sacerdotes de Hércules usavam vestidos de pele e eram senhores do Éden. 0 Paradesha foi a terra montanhosa da primeira gente que falou o sânscrito, o Hedone, o país das delícias dos gregos. O Éden dos judeus foi copiado dos caldeus.

No Zohar há uma referência à serpente usada por Samael (o suposto Satã) para seduzir Eva. Hoje se nega a existência de serpentes e dragões gigantescos e alados. Diz Cuvier que se há algo que justifique as hidras e outros monstros é, incontestavelmente, o Plesiossáurio. O Pterodáctilo encontrado na Alemanha, com 78 pés de comprimento e asas vigorosas sujeitas a um corpo de réptil, é uma imagem do dragão voador.

Os dragões chineses são uma cópia desses fósseis; como teriam conhecido estes animais do Período Terciário, a nossa Raça aparecida no Período Quaternário? Se desapareceram há milhões de anos, como pôde o homem descrevê-los tão bem e reproduzir suas figuras, se não os conhecesse, mesmo tradicionalmente?

O símbolo de Chnouphis ou Alma do Mundo, segundo Champollion, é uma enorme serpente erguida sobre pernas humanas, emblema do Bom Gênio Agathodaimon. Este emblema, gravado em muitas jóias gnósticas, traz inscrita a palavra Chnogbis. É o Cristo dos gnósticos.

Está intimamente relacionado com os Sete Filhos da Sabedoria, sendo o oitavo, Marttanda, o Sol, e os Sete, os Regentes Planetários ou Gênios.

Chnouphis era o Sol Espiritual da Luz e da Sabedoria.

Era o grande Thot Hermes e Chefe dos Iniciados egípcios, o descobridor da Magia, aliás nome genérico dado aos Iniciados, como o de Enoíchon, olho espiritual interno. 0 mesmo representa Asclépios, filho do Deus solar Apoio. A Bíblia, do Gênese ao Apocalipse, é uma série de anais históricos da grande luta entre a Magia Branca e a Magia Negra. Nargal era o chefe caldeu e assírio, dos Magos. No México temos Nagal, o chefe dos feiticeiros; ambos têm as mesmas faculdades e poderes, e possuem um animal doméstico no qual guardam um demônio servidor.

Assim vemos que a serpente era o emblema do Sol Eterno, Abrasax.

O Grande Livro dos Mistérios diz: "Sete Senhores criaram sete homens: três eram santos e bons; quatro eram menos celestes e cheios de paixão. Os Chayas dos Pais eram como eles." Isto explica a diferença da natureza humana que está dividida em sete gradações do bem e do mal. Havia sete tabernáculos, dispostos para serem habitados por Mônadas sob sete diferentes condições kármicas. Por isso, o mal se estendeu tão rapidamente como as formas humanas se transformaram em homens verdadeiros.

Donde vem a similaridade dos nomes entre os Nagas hindus e os Nagas americanos? Não pode ser uma coincidência; Arjuna companheiro de Krishna desceu ao Patala, os antípodas; e ali casou-se com Ulupi, filha dos reis dos Nagas, Kauravya. Ulupi é um nome tipicamente Atlante, e isto aconteceu há 5.000 anos, sendo que os Nagas eram Iniciados.

A Serpente é o emblema da Sabedoria e da Eternidade, o Andrógino duplo; o ciclo representa a Ennoia ou Mente Divina (um poder que não cria, mas que deve ser assimilado), e a Serpente, o Agatho-daimon, o Ofis, a Sombra da Luz (não eterna, mas Luz Divina em nosso plano), ambos eram o Logos dos Ofitas, ou a Unidade como Logos manifestando-se como um princípio duplo do Bem e do Mal.

Se existisse a Luz só, inativa e absoluta, a mente humana não poderia apreciá-la nem compreendê-la. A sombra é que permite à Luz manifestar-se e lhe dá realidade objetiva. Portanto, a Sombra não é o Mal, mas o seu corolário, o seu criador na Terra.

Segundo os gnósticos, estes dois princípios — Luz e Sombra — são imutáveis e eternos, e virtualmente um. A Serpente e a Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal são símbolos transplantados da índia.

Até hoje, Foh-tchou (senhor de Buda), que vive em seu Foh-Maeyu, o templo de Buda, no alto do Kouin-Sang (entre a China e o Tibete), a grande montanha, produz os maiores prodígios religiosos sob uma árvore chamada na China Sung-Ming-Shu, ou Árvore do Conhecimento.

Agora se compreende porque os primeiros Iniciados e Adeptos, os "Homens Sábios", que se pretende foram iniciados nos mistérios da Natureza pela Mente Universal, representada pelos Anjos mais elevados, foram chamados "Serpentes de Sabedoria" e "Dragões".

A Serpente era, pois, o Próprio Logos ensinando à Humanidade a ser criadora; portanto não houve pecado nesta desobediência, mas uma resultante natural da evolução. A maldição foi esta: que a Natureza, impelida a buscar, iludia o resultado desejado com a produção de um novo ser, distinto daquela união dos dois princípios (macho e fêmea) para recobrar o estado perdido. Foi o abuso do mistério da Vida que bestializou a Raça.

A separação dos sexos estava no programa da natureza e da evolução natural, e a faculdade criadora do macho e da fêmea foi um dom da Sabedoria Divina. O geólogo Charles Gould, em sua obra Monstros

Míticos, diz que crê na existência destes monstros como transformações nos processos da Natureza, e acrescenta que os paleontólogos seguiram o rastro da existência humana, remontando a diversas épocas da antigüidade, estimadas entre 30.000 e um milhão de anos, em que coexistiam com animais que deixaram de existir faz muito tempo.

O jesuíta Kircher, em 1669, diz ter visto um dragão que foi morto por um camponês romano. Ele, Kircher, recebeu uma carta do prefeito do cantão de Soleure na Suíça, dizendo que em 1619 ele vira um dragão vivo que saiu do monte Pilatos e se dirigiu para o "Fhulen". Em 1700, no Museu de Bolonha, ou no Senado de Nápoles, havia um dragão embalsamado por Ulisses Aldovrandus. Isto prova a imensa antigüidade da espécie humana e da existência dos monstros míticos.

OS FILHOS DE DEUS E A ILHA SAGRADA

Do cataclismo que afundou e destruiu a Lemúria sobreviveram os Filhos da Yoga e da Vontade.

Essa Raça, que vivia nos quatro elementos, ar, fogo, água e terra, tinha poder ilimitado sobre todos os elementos; eram os Filhos de Deus, os verdadeiros Elohim (não os que gostaram das filhas dos homens), aqueles que comunicaram à humanidade os mais estranhos segredos da Natureza e revelaram a Palavra Sagrada, agora perdida.

A Ilha por eles habitada, crê-se, existe até hoje, como um oásis rodeado pela espantosa solidão do deserto de Gobi, cujas areias nenhum pé humano jamais palmilhou. Os Hierofantes de todos os Colégios Sacerdotais conheciam a existência desta Ilha, porém a Palavra Sagrada só era do conhecimento do "Maha-Choan" e do chefe de cada Colégio, e era transmitida ao sucessor somente na hora da morte do chefe.

Não havia comunicação externa com a Ilha, só passagens subterrâneas que se dirigiam aos quatro pontos cardeais, e só conhecidas dos dirigentes dos Colégios, os Hierofantes. Estes eram de duas categorias distintas: os Instruídos pelos Filhos de Deus, da Ilha Sagrada, Iniciados na divina doutrina, e os que habitaram a perdida Atlântida, e que, sendo de outra Raça, produzida sexualmente porém de pais divinos, nasceram com uma vista penetrante que devassava o oculto, independente da distância e dos obstáculos. Era a Quarta Raça mencionada no Popul-Vuh.

Os Lemuro-Atlantes tiveram uma dinastia de Reis Divinos, Espíritos reais vivos, ou semideuses, que assumiram corpos para governar esta Raça e instrui-la nas artes e ciências. É certo que estes Dhyânis eram das hostes materiais, ou Suras, e nem sempre foram bons. Seu rei Thevetat foi destes últimos, e sob a sua maléfica influência a raça Atlante se converteu em uma nação de Magos negros e perversos.

Dai se travou a luta entre os dois grupos, terminando com a destruição da Atlântida, onde pereceu toda a Raça, excetuando-se, apenas, Xisuthros e Noé, que são, substancialmente, idênticos ao Pai dos Tlinkitianos.

Diz a tradição que, ao casarem-se entre si, os descendentes do Noé Atlante e a progênie dos Hierofantes da Ilha, resultou uma Raça misturada, de homens bons e maus.

Uma das lendas mais antigas da Índia diz que, há milhares de anos passados, existia no Oceano Pacífico, um imenso país que foi destruído por convulsões geológicas, e cujos fragmentos podem ser vistos até hoje nas ilhas de Madagascar, Ceilão, Sumatra, Bornéo e ilhas principais da Polinésia.

Segundo os anais bramânicos, essa Raça tinha alcançado alto nível de civilização, e a tradição dá o nome de Rutas aos povos que habitavam este imenso continente equinocial, e de sua linguagem se derivou o sânscrito. A tradição indo-helênica, conservada pelos povos emigrados da Índia em sua rota para as planícies centrais da Europa, refere-se, também, à existência de um grande continente no Oceano Atlântico, na parte norte dos trópicos e cujo nome era "Aztlan". Seus vestígios se encontram, ainda, nas Canárias, Ilhas do Cabo Verde e Açores.

Uma crença religiosa comum em Málaca e na Polinésia, os dois extremos opostos do mundo oceânico, afirma que todas as ilhas hoje existentes formavam dois grandes continentes habitados pelas Raças amarelas e negras.

Esses povos estavam sempre em luta, e os deuses, cansados das suas brigas, ordenaram ao Oceano que os destruísse.

Só as cristas das montanhas escaparam à grande Inundação, formando as ilhas que restaram com os seus habitantes.

Apesar da impossibilidade de comunicação dos indígenas destas ilhas tão distantes entre si (800 a 1.000 léguas entre uma e outra), pela falta de recursos quando foram descobertas no século passado, ignorando a existência umas das outras, todos os povos dessas ilhas, que jamais haviam se conhecido, sustentavam que sua ilha fizera parte de um grande país que se estendia para o Ocidente até a Ásia.

Todos tinham a mesma língua, os mesmos costumes, as mesmas crenças e a mesma tradição.

As relíquias da Ilha de Páscoa são os vestígios da existência dos gigantes da Quarta Raça, e o mesmo acontece com as estátuas de Bamián.

Basta examinar as cabeças das estátuas gigantescas que permaneceram intactas, para encontrar nelas o tipo descrito pelos livros esotéricos da Índia, como o dos gigantes da Quarta Raça. Encontramos nelas os retratos do rei Ravana de Lanka, seu irmão Kumhakarma, os Budas pertencentes a Manvântaras anteriores e os heróis que mencionam as obras indianas.

Todos eram descendentes dos deuses por meio dos Rishis; podem ser da mesma raça, mas uns são Filhos dos Deuses e outros são a progênie de poderosos feiticeiros.

As estátuas da Ilha de Páscoa mostram bem os gigantes feiticeiros da Quarta Raça, enquanto as da Ásia Central, com as fisionomias serenas e calmas, indicam os Filhos dos Deuses. O Professor Sayce, de Oxford, em 1887 descobriu os cilindros assírio-caldeus que esclareceram muitas coisas da história antiga. Diz ele que "Ea", o deus da Sabedoria, era de "Eridu", cidade construída no fundo do golfo Persa, há seis mil anos. O nome significa a "boa cidade", e foi centro da civilização caldéia, que abriu caminho para o Norte.

Como se representava o Deus da cultura, vindo do mar, supõe-se que a civilização de Eridu fosse de importação estrangeira.

Eles mantinham relações com a civilização Sinaítica e a índia.

As estátuas descobertas pelos franceses em Telloh, datando de 4.000 anos antes de Cristo, são feitas de diorita trazida do país de Magan (Sinai).

Ea, o Deus da Sabedoria, foi identificado com o Oannes de Beroso, o semi-homem, semi-peixe, que ensinou aos babilônios a cultura e a arte de escrever.

A HISTÓRIA DA QUARTA RAÇA

Estritamente falando, só podemos nos referir ao homem, desde o tempo da Raça Atlante gigantesca, de cor amarelo escuro, pois foi essa a primeira espécie humana completa.

Esta Raça, que se converteu em negra, foi a causa do descrédito dos nomes divinos dos Asuras, Rakshasas e Daytias.

Tendo encarnado os Süras, deuses ou devas, nos homens sábios da Atlântida, os nomes de Asuras e Rakshasas foram dados aos Atlantes comuns.

Então, o homem pertencia mais à natureza metafísica do que à física. Só depois da queda é que as Raças começaram a desenvolver com rapidez formas puramente humanas. Quando os Dhyâns da Hoste que correspondia encarnar como Egos imortais das Mônadas ainda inconscientes neste plano, os sexos já se tinham separado. Estes foram os primeiros seres conscientes que acrescentaram então o conhecimento consciente e a vontade à sua pureza divina inerente; eles criaram por Kriyashakti o homem semidivino que foi na Terra a semente de futuros Adeptos. Aqueles que então se recusaram a criar, ciosos de sua liberdade intelectual (já que estavam livres da matéria), tiveram que encarnar posteriormente, obrigados pela Lei Kármica.

Eles tiveram corpos inferiores (fisiológicamente) a seus modelos astrais, porque seus Chayas tinham pertencido a progenitores de um

grau inferior nas Sete Classes. Quanto aos Filhos da Sabedoria que deferiram sua encarnação até a Quarta Raça, já manchada fisiológicamente com o pecado e a impureza, produziram uma terrível causa, cujo resultado kármico pesa sobre eles até hoje. Converteram-se nos portadores da semente da iniqüidade por evos futuros, porque os corpos que tiveram de animar se achavam corrompidos, por causa de seu atraso. Esta foi a "Queda dos Anjos", devido à sua rebelião contra a Lei Kármica. A queda do homem não foi propriamente queda, porque ela era irresponsável.

Há uma Lei Cíclica Eterna de Renascimentos, e a série em cada Amanhecer Manvantárico acha-se encabeçada por aqueles que gozaram durante evos incalculáveis o descanso de suas reencarnações em Kalpas anteriores, os primeiros e mais elevados Nirvanis. Tocou a estes "Deuses" encarnarem no presente Manvântara: daí sua presença na Terra. Os Deuses que tinham "caído na geração", cuja missão era completar o Homem Divino, são tidos mais tarde como demônios, maus espíritos e diabos em guerra com os Deuses, ou agentes irresponsáveis da Lei, Eterna e Única.

Tem que haver fracassos nas Raças etéreas das muitas classes de Dhyân-Choans ou entidades desenvolvidas num período Planetário anterior, o mesmo que entre os homens. Como estes fracassados estão demasiado adiantados e espiritualizados para serem repelidos do seu estado de deva ao vértice de uma nova evolução primordial através dos Reinos inferiores, sucede o seguinte:

Quando vai desenvolver-se um novo Sistema Solar, estes Dhyânis nascem nele pelo influxo "à frente" dos Elementais (entidades que se converterão em humanidade em tempo futuro) e permanecem como uma força espiritual latente, ou inativa na Aura de um mundo nascente, até que, alcançada a etapa da evolução humana, eles se convertem em força ativa e se misturam aos elementais para desenvolver, pouco a pouco, o tipo completo da humanidade, isto é, dotá-lo de Mente própria consciente.

Satã é o Deus consciente que necessitava um corpo para revestir a sua divindade demasiado subjetiva.

Ele está identificado com O Ungido do Senhor no pensamento antigo.

Portanto, Satã é o Ministro de Deus, senhor das sete mansões do Hades, o Anjo dos mundos manifestados. Satã é o Deus de nosso planeta e o Deus único, pois é o próprio Logos.

Só sobre Satã recaem as vergonhas da geração. Ele perdeu seu estado virginal (como Kümara, ao encarnar); ao descobrir segredos celestes, entrou na escravidão. Dois são os exércitos de Deus: no céu as Hostes de Miguel, no abismo (mundo manifestado), as legiões de Satã. Estes são o Imanifestado e o Manifestado, o livre e o escravo (a Matéria), o Virginal e o Caído.

E ambos são os ministros do Pai cumprindo a Palavra Divina.

Esta é a interpretação verdadeira e metafísica de Satã, Samael, o Adversário.

Sinteticamente, todo o Logos Criador, o "Filho que é uno com o Pai", é em si mesmo a Hoste dos Reitores do mundo.

Os Deuses se convertem em Não-Deuses.

Há um comentário na Doutrina Secreta que diz: "A menos que sejam mantidos unidos pelo Princípio Médio" — o Âtma e Buddhi, os dois princípios superiores, só podem ter individualidade na Terra por meio do Ego-Manas, que se reconhece a si mesmo; e mais a falsa Personalidade terrestre, ou corpo de desejos egoístas e da Vontade pessoal para ligar o todo como em redor de um eixo, que é a forma física do homem. Os quarto e quinto Princípios, o Kâmarupa e o Manas são os que contêm a Personalidade dual; o Ego real e imortal (se se assimila aos dois superiores) e a personalidade falsa e transitória, o corpo astral, chamado Alma Animal humana, tendo que estar ambos estreitamente unidos no objeto de uma existência terrestre completa.

Diz o comentário: "O semelhante produz o semelhante e não mais, na gênese do Ser, e a evolução com as suas leis condicionais e limitadas vem depois." Os existentes por si mesmo são chamados criações, porque aparecem no Raio Espiritual, manifestados pela potência inerente de sua Natureza não-nascida, que está fora do tempo e do espaço. 0 Rüpa Celeste cria o homem em sua própria forma, é uma ideação espiritual resultante da primeira diferenciação e do primeiro despertar da substância manifestada universal; essa forma é a sombra ideal de si mesma, e este é o Homem da Primeira Raça. O dever dos primeiros Egos diferenciados (os Arcanjos) foi dotar a Matéria Primordial com o impulso evolucionário e guiar seus poderes construtores na formação de suas produções. Depois que a Terra foi preparada pelos poderes inferiores e mais materiais, e seus três Reinos haviam principiado a frutificar e multiplicar-se, os Poderes Superiores, os Arcanjos, foram obrigados pela Lei de Evolução a descer à Terra para construir o Homem. Deste modo os criados por si projetaram as suas sombras, porém os do terceiro grupo, os Anjos do Fogo, se rebelaram e se negaram a criar.

Os Rebeldes não quiseram criar homens irresponsáveis e sem vontade, como o fizeram os Anjos obedientes; e isto porque pertenciam a um plano de consciência muito mais elevado, que não permitia dotar os homens com um reflexo temporal de seus próprios atributos. A evolução espiritual e psíquica não é possível na Terra — o plano mais baixo e material — para aquele que, pelo menos neste plano, seja perfeito de modo inerente e não possa acumular mérito e demérito. Se o homem tivesse permanecido como a Sombra da perfeição imóvel, inerte e imutável, como o "Eu sou o que sou", estaria conde-

nado a passar a vida na Terra como um pesado sono sem sonhos, e teria sido um fracasso neste plano. Foi a hoste de Lúcifer que abriu os olhos do autômato criado por Jeová; foram os Elohim da Luz, que sabiam muito e amavam ainda mais, os que nos conferiram a imortalidade espiritual em lugar da física. Estes são os Anjos Rebeldes, cuja natureza é Sabedoria e Amor.

Nossa Terra e o homem são o produto dos três Fogos: Fogo elétrico, Fogo Solar e Fogo de fricção, correspondendo, respectivamente, a Espírito, Alma e Corpo. E diz o Comentário IX: "Os homens são completados somente durante seu terceiro ciclo; são feitos deuses para o bem e para o mal, responsáveis, somente quando os dois arcos se encontram (depois de três e meia Rondas, na Quinta Raça)". São feitos assim pelos Nirmanakaya (restos espirituais dos Kümaras), condenados a renascer na Terra.

É preciso lembrar que os "Egos" dos monos são entidades obrigadas, por seu Karma, a encarnar em formas animais, que são o resultado da bestialidade dos últimos homens da Terceira Raça, e dos primeiros da Quarta.

São entidades que tinham alcançado o grau humano antes desta Ronda e, portanto, uma exceção à regra geral. Os sátiros foram os filhos das Evas animais, a Lilith, a fêmea animal que se uniu a Adão. Desta união anti-natural descendem os monos atuais. A forma não significa nada.

Na Sexta Raça-Raiz os fósseis do orangotango, gorila e chimpanzé, serão os dos mamíferos quadrumanos extintos, e novas formas se desenvolverão dos tipos extraviados das Raças humanas, ao voltarem eles à vida astral, saindo do lodo da vida física. O Karma conduzirá adiante as Mônadas dos homens atrasados de nossa espécie e as alojará em formas novamente desenvolvidas do cinocéfalo, regenerado fisiológicamente. Isso acontecerá em milhões de anos. A Terceira Raça caiu e não criou mais; ela engendrou a sua progênie.

Como na época da separação ainda não tinha mente, ela engendrou, também, uma descendência anômala, até que a Natureza fisiológica ajustou seus instintos na direção devida.

Em síntese, todo o Logos criador ou "Filho", que é Um com o "Pai", é, em si mesmo, a Hoste dos Regentes do Mundo ou Mente Crística.

A alegoria de Prometeu é a história de Lúcifer, que foi precipitado no abismo para viver como homem.

A filosofia esotérica afirma que durante os Sandhyas, o Sol Central emite Luz Criadora passivamente, por assim dizer. A causalidade está latente. Só durante os períodos de atividade do Ser é que se processa uma corrente de energia incessante, cujas vibrações adquirem mais atividade e potência a cada degrau da escada hebdômada do Ser, no arco descendente.

Assim se compreende como o processo de criar, ou formar um Universo orgânico com todas as unidades dos sete Reinos, requer Seres Inteligentes que coletivamente se convertem em um ser ou Deus criador, diferenciado já da Unidade Absoluta Única, posto que esta não tem relação com a criação condicionada. No manuscrito da Cabala, que se acha no Vaticano, cuja única cópia na Europa esteve em poder de Saint Germain, contém a exposição completa da doutrina Luciferiana; neste pergaminho se dão a sete sóis da Vida na ordem em que se encontram no Saptasürya. Para os cabalistas, o Sol Central era um centro de repouso para o qual todo o movimento se dirigia em último termo. Em redor deste Sol Central havia outros três, o primeiro do Sistema girava num plano polar, o segundo num plano equatorial e o terceiro era o nosso Sol visível. Estes quatro corpos solares foram os órgãos de cuja ação depende o que o homem chama a criação: a evolução da Vida no planeta Terra. A energia radiante, que flui do Sol central, chamou a Terra ao ser como um Globo aquoso, tendendo, como núcleo de um corpo planetário, a precipitar-se no Sol Central, dentro de cuja esfera de atração tinha sido criado. Porém a energia radiante, eletrizando a ambos igualmente, os manteve separados, mudando assim o movimento para o centro de atração, para movimento ao redor do mesmo, que o planeta (Terra) trata de alcançar.

Na célula orgânica encontrou o Sol visível a sua matriz própria e produziu por seu meio o reino animal, colocando à frente o Homem, no qual, pela ação animadora desse reino, se originou a célula psíquica. Porém este era o Homem animal — o sem Alma — o perecível.

Esta opinião cabalística é idêntica à da Doutrina Oriental.

Completando-se o ensino dos "Sete Sóis" com os Sete Sistemas de "Planos do Ser", dos quais os Sóis são os corpos centrais, aí teremos os sete Planos Angélicos, cujas Hostes, coletivamente, formam os Deuses dos mesmos.

São eles o Grupo Capital dividido em quatro classes, desde a incorpórea até a semi-corpórea, intimamente relacionados com nossa humanidade.

Deste modo, ainda que o Sétimo Princípio chegue ao homem através de todas as fases do Ser, puro, por ser elemento indeterminado e unidade impessoal, passa por meio do Sol Central Espiritual e do Grupo Segundo — o Sol Polar — que radiam ambos seu Atma e aos atributos superiores de Manas; enquanto o grupo quarto, o Espírito de nosso Sol visível, o dota de Manas e de seu veículo, o Kama Rupa, o corpo de paixões e desejos: os dois elementos de Ahankara, que desenvolvem a consciência individualizada, o Ego pessoal.

Finalmente o Espírito da Terra, em sua tríplice unidade, é o que constrói o corpo físico, atraindo a ele os Espíritos da Vida e formando o seu duplo etérico.

UMA VISÃO PANORÂMICA DAS PRIMEIRAS RAÇAS

Milhões de anos decorreram entre a Primeira Raça, sem mente, e os últimos Lemúrios, altamente inteligentes, e outros milhões de anos decorreram entre a civilização Atlante e o período chamado histórico.

Como testemunho dos Lemúrios restam, apenas, alguns colossos rotos e ruínas ciclópicas. Nega-se a existência da Atlântida, apesar do testemunho de Platão". A África, como continente, nunca formou parte da Lemúria nem da Atlântida. A área entre o Atlas e Madagascar esteve submersa até o primeiro período da Atlântida depois da desaparição da Lemúria. Então a África surgiu do fundo do Oceano e o Atlas submergiu a meias.

Nada se tem a relatar sobre as duas primeiras raças etéreas. Nosso estudo começa com a Terceira Raça e continua na Quarta, que precedeu a nossa. Tratemos, pois, dos Lemúrios e Atlantes, os da Terceira e Quarta Raças.

Faber (escritor cristão) afirma estar convencido de que as ficções da antiga poesia encerravam uma parte de verdade histórica; cita Noé como um Atlante e um Titã, também chamado Atlas.

Platão repete a história, segundo os sacerdotes do Egito referiram a Solón; no entanto, como um Iniciado, Platão devia conhecer a história da Terceira Raça depois da queda, mas, obrigado ao silêncio e segredo, nunca o demonstrou. Diz o Pymander: "A Natureza misturada com o Homem Celeste produziu um milagre portentoso, a mistura harmônica da Essência dos Sete e a sua própria; o Fogo, o Espírito e a Natureza, os quais produziram sete homens de sexos opostos de acordo com as essências dos Sete Governadores. Assim diz Hermes, o Três Vezes Grande Iniciado".

O Pymander é um compêndio de um dos Livros de Thoth, por um platônico de Alexandria. Este compêndio foi recomposto com acréscimos de antigos manuscritos hebreus e fenícios, por um cabalista judeu, e chamado o Gênese dé Enoch; mesmo desfigurado, concorda com a Doutrina Arcaica em muitos dos seus textos. Enoch, Thoth, Hermes, Orfeu e Cadmo são todos nomes genéricos derivados dos Sete Sábios primordiais ou Dhyân-Choans encarnados em corpos ilusórios, não-mortais, que ensinaram à Humanidade tudo o que sabiam e cujos primeiros discípulos tomaram os nomes de seus Mestres.

Assim os paradigmas de Platão são a base dos dogmas cristãos.

Tudo que há na Terra é a sombra de algo que existe nas esferas superiores.

A Terceira Raça foi, a princípio, de modo proeminente, a Sombra brilhante dos Deuses desterrados em nosso Globo, depois da alegórica guerra nos céus. Viviam ditosos e livres de sofrimentos e enfermidades.

Urano é o Espaço, o autor do Céu e da Terra; sua mutilação, por seu filho Cronos que o condena à impotência, nunca foi compreendida

pelos mitólogos modernos. Continha, no entanto, uma grande idéia filosófica e abstrata. Urano personifica os Poderes Criadores do Caos — o Espaço
Poderes que fazem com que os Pítris desenvolvam de si mesmos "Homens" primordiais, do mesmo modo que, depois, esses homens desenvolvam por sua vez sua progênie sem nenhum desejo de procriar. A obra da geração fica suspensa por um momento e passa a Cronos (Tempo), o qual se une à Terra (ou Matéria), produzindo, assim, os Titãs celestes e terrestres. Todo este simbolismo se relaciona com os mistérios da evolução. É uma alusão aos esforços da Natureza para criar, por si mesma, homens realmente humanos. O Tempo devora a sua obra inútil. E vem Prometeu e rouba o Fogo Divino...

Em todas as partes o Homem de nossa Raça aparece depois de um cataclismo de água. Os deuses e os mortais têm uma origem comum.

A Mitologia grega grava estas verdades por meio de símbolos e da vida dos seus deuses no Olimpo.

A qualidade característica dos primeiros homens físicos foi o orgulho.

A lembrança desta Terceira Raça e dos gigantes Atlantes foi transmitida de uma geração a outra até os dias de Moisés. Estas duas primeiras raças não tinham religião nenhuma. Não conheciam dogmas nem tinham de crer pela fé. Logo que foi dotada de mente, a Terceira Raça se sentiu una com o onipresente, desconhecido e invisível Todo, a Deidade Universal Única.

Dotado de poderes divinos e sentindo em si mesmo o seu Deus interno, cada um sentia que era um Deus-Homem em sua natureza, embora um animal em seu eu físico. A luta entre os dois começou no mesmo dia em que provaram do fruto do Conhecimento, ou da Árvore da Sabedoria, luta pela vida entre o Espiritual e o psíquico, e o psíquico e o físico. Os que dominaram os princípios inferiores, subjugando o corpo, uniram-se aos Filhos da Luz; os que caíram vítimas de suas naturezas inferiores converteram-se em escravos da Matéria. Caíram na batalha da vida Imortal com a vida mortal, e os que assim caíram foram a semente das futuras gerações de Atlantes.

Os Númenos dos Elementos eram por eles reverenciados e respeitados como seus progenitores.

Caim foi o primeiro sacrificador às forças superiores. Adão e Eva eram os tipos da Terceira Raça. Caim simboliza a primeira humanidade masculina e Abel a feminina. O assassinato ou derramamento de sangue não significa que tenha sido tirada a vida de Abel, mas refere-se à separação de sexos.

Caim é a raça Atlante, os primeiros nascidos de modo humano e masculino, Abel sendo a parte feminina.

Os primeiros Atlantes se separaram em bons e maus, uns adorando o Espírito invisível da Natureza, cujo Raio sente dentro de si mesmo e os que rendiam culto fanático aos espíritos da Terra, aos quais se aliaram.

Estes foram os Gibborin, os homens poderosos naqueles dias que, na Quinta Raça, são os Cabiros para os egípcios e fenícios. Titãs para os gregos e Rakshasas e Daityas para os hindus.

Tal foi a origem secreta e misteriosa de todas as religiões subseqüentes.

Os Lemurianos gravitaram para o Pólo Norte, ou Céu de seus progenitores, o Continente Hiperbóreo; os Atlantes para o Pólo Sul, o Abismo, cósmica e terrestremente considerado.

Os chamados Anjos caídos são a Humanidade mesma. O homem criou e engendrou o demônio, abrigando-o em seu coração como contagiou o Deus que mora nele mesmo, enlaçando o Espírito puro com o Demônio impuro da Matéria.

Uma parte da Humanidade da Terceira Raça, todas as Mônadas de homens que haviam alcançado o ponto mais alto do mérito e do Karma no Manvântara precedente deveram as suas naturezas psíquicas e racionais a Seres divinos, unindo-se hipostaticamente em seus quintos Princípios.

Estes Anjos, ou Princípios, são idênticos aos Espíritos caídos do cristianismo, Lúcifer e suas hostes. Impelidos pelo instinto criador sem sexo, as primeiras sub-raças desenvolveram uma Raça intermediária, na qual os Dhyân-Choans superiores encarnaram. Foi a Raça Imortal, os Filhos da Yoga e da Vontade. Quando as últimas sub-raças da Terceira pereceram com o continente lemuriano, as sementes da Trindade da Sabedoria tinham adquirido já o segredo da imortalidade na Terra, o dom que permite à mesma grande personalidade passar ad libitum de um corpo gasto a outro. Isto significa que, na Sétima Raça-Raiz, os Adeptos e ascetas iniciados se multiplicarão, produzindo filhos imaculados "nascidos da mente".

Houve gigantes, em verdade, nos tempos antigos; a série da evolução no mundo animal é uma garantia de que o mesmo se verificou nas Raças humanas.
As tradições de todos os países e nações mencionam este fato.

O abade Pegues, no seu livro Os Vulcões da Grécia, diz que na ilha de Thera, perto dos vulcões, encontrou enormes gigantes com grandes crânios, sob pedras colossais, cuja ereção devia ter exigida força descomunal. Só na Quarta Raça, quando os homens perderam o direito de serem considerados divinos, apelaram aos cultos fálicos. Depois de sua expulsão do Éden é que Adão conheceu sua esposa Eva, pois o conhecimento veio depois da queda. Referindo-se à China, no livro Monstros Míticos, Gould afirma:

Sua religião, história, mitologia, contos populares e provérbios estão cheios de referências a um ser misterioso, que tem uma natureza física e atributos espirituais, e dotado de uma forma que tem o poder sobrenatural de abandonar quando quer e tomar outra diferente; tem a faculdade de influir no tempo, produzindo chuvas e secas à vontade, levantar calmadas e tempestades. Este ser misterioso é o Dragão, símbolo do Adepto histórico e real.

Os grandes Magos das Quarta e Quinta Raças eram chamados Serpentes e Dragões, e são os descendentes dos Dragões do Fogo ou da Sabedoria.

O neoplatônico Clemente de Alexandria conhecia este segredo, ao qual se refere quando fala do Agathodaimon ou Cristo, a Serpente das Sete Vogais.

Os chineses do interior do país, que pertencem por sua nacionalidade sem mazela ao ramo superior da Quarta Raça, e que alcançaram a sua mais alta civilização quando a Quinta Raça apareceu na Ásia, e cuja língua original é o "lolo", têm uma lenda: "O senhor Changty (rei de Dinastia Divina) pousou os olhos em seu povo e não achou nem rastro de virtude, então ordenou a Tchong e a Ly (devas inferiores) que cortassem toda a comunicação entre o Céu e a Terra. Desde então cessaram todas as subidas e descidas (nos planos da consciência). Os mistérios do Céu e da Terra revelados à Terceira Raça por seus Mestres celestes nos dias de pureza se converteram num foco de luz que se debilita ao difundir-se em solo refratário. Só um punhado de homens primitivos, nos quais ardia a chispa da Sabedoria Divina, que aumentava de intensidade, permaneceram como custódios eleitos dos Mistérios Divinos.

Estes foram os germes de uma Hierarquia que nunca morreu.

Dos Sete Homens Virgens, os Kúmaras, quatro se sacrificaram pelos pecados do mundo, instruindo os ignorantes, para permanecerem até o fim do Manvântara presente. Ainda que invisíveis, sempre estão presentes; eles são a cabeça e o coração, a Alma e a semente do conhecimento Imortal (Jnâna).

Nunca fales deles diante da multidão, ó Lanu!

Na Cabala, a pronúncia no Nome inefável de quatro letras é "um arcano dos mais secretos"; um "segredo dos segredos". Estes Quatro Sagrados são aqueles que, como Shiva, nascem de novo em cada Kalpa como quatro jovens: branco, amarelo, vermelho e escuro.

Mais elevado que os "Quatro" só há Um na Terra como nos Céus: é o Ser Solitário ainda mais misterioso; o Senhor da Terra.

0 terceiro olho deixou de funcionar quando o homem mergulhou demasiado profundamente na matéria. As faculdades postas em atividade pelo exercício oculto devolvem ao homem a posição que ocupava anteriormente, com referência à percepção e à consciência espiritual.

O visconde de Figaniéres desenvolve uma teoria muito racional sobre as formas da humanidade futura, e também das pré-históricas. Diz ele:

Quem sabe que formas serviram de veículo ao Ego em Rondas remotas? Assim como o homem físico astral dependeu de entidades de classe sub-humana (desenvolvida de tipos animais) para seu renascimento, assim também, o homem físico etéreo encontrará, entre as ordens preciosamente formadas que procedem do plano aéreo, um tipo ou mais, que desenvolverão para suas sucessivas encarnações — quando se dêem formas procriadas — processo que incluirá só gradualmente toda a espécie humana.

O homem foi o depósito de todas as sementes de Vida, nesta Ronda, tanto animal como vegetal. Até a aparição do homem nesta ronda, a vegetação era de uma espécie distinta da de agora e completamente etérea; e isto pela simples razão de que nenhuma erva, nem planta, podia ser física antes de haver animais e outros organismos que exalassem ácido carbônico que a vegetação tem de absorver para o seu desenvolvimento, manutenção e crescimento. São coisas interdependentes em suas formas físicas concluídas.

O Homem reúne em si mesmo todas as formas. A forma humana é derivada da classe mais perfeita do tipo animal, mas é um novo tipo de ciclo.

O Homem Real é a Alma, e sua constituição material não forma parte dela, tendo aparecido desde o princípio mesmo, e à cabeça da vida senciente e consciente, se converteu na Unidade animal vivente, cujas vestes abandonadas determinaram a forma de todas as vidas e animais nesta Ronda.

Estes restos devem entender-se pelos resíduos astrais da atividade do homem, isto é, suas formas sentidas e pensadas, que proporcionam moldes involutivos para a vida evolutiva de outros reinos.

Assim criou ele, inconscientemente, durante idades, os insetos, répteis, aves e animais procedentes de seus restos.

A evidência dos Ciclopes, Raça de gigantes, se assinala pelas ruínas ciclópicas ainda hoje existentes. Eram seres de três olhos e, como diz o comentário: naqueles tempos primitivos, dos machos-fêmeas (hermafroditas), havia criaturas humanas com quatro braços, uma cabeça e três olhos. Podiam ver pela frente e por trás. Depois sua visão se nebulou e o terceiro olho começou a perder o seu poder, petrificando-se gradualmente até desaparecer. Os de duas caras se converteram nos de uma cara só, e o olho se fundiu, cabeça a dentro, onde está enterrado. Durante a atividade do Homem Interno o olho se dilata e incha. O Arhat o vê e o sente, e assim regula sua ação.

O terceiro olho está morto e já não funciona. Deixou, no entanto, um testemunho de sua existência, a glândula pineal. Os olhos do embrião humano crescem de dentro para fora, procedendo do cérebro, o que prova sua procedência de protótipos astrais. Estando a ação sexual estreitamente relacionada, por interação, com a medula espinal e a matéria gris do cérebro, o grau de atividade na medula oblonga reage, poderosamente, sobre a glândula pineal, devido ao número de centros dessa região, que governam a maioria das funções fisiológicas.

A medula oblonga exerce uma ação indutiva muito poderosa sobre a glândula pineal. A Alma está unida a todas as partes do corpo, mas está mais relacionada com a glândula pineal que com os sentidos fisiológicos do homem. No começo, todas as famílias viventes eram hermafroditas e de um só olho; os dois olhos frontais só se desenvolveram mais tarde.

A Primeira Raça era espiritual no interior e etérea no exterior.

A Segunda, interiormente psíquico-espiritual e, corporalmente, etérea física. A Terceira, privada ainda de inteligência, no começo, era astro-física no corpo e vivia uma vida interna na qual o elemento psíquico-espiritual não era influenciado pelos sentidos, apenas nascentes. Os dois olhos frontais, já existentes, olhavam sem ver o passado e o futuro, porém o terceiro olho abarcava a eternidade.

Atualmente, a Quinta raça carece do elemento espiritual, substituído pelo intelectual; já cruzamos o ponto médio do ajustamento perfeito entre o Espírito e a Matéria e o equilíbrio entre a inteligência cerebral e a percepção espiritual. Na Quinta Ronda alcançaremos o desenvolvimento completo do Manas, como raio direto de Mahat Universal, raio sem impedimento de Matéria. Algumas de nossas sub-raças se encontram, ainda, no arco descendente de seus respectivos ciclos nacionais.

0 corpo é o instrumento do homem Espiritual, e no caso dos Atlantes, foi o princípio espiritual o que pecou gerando o Karma da Quinta Raça.

O número de Mônadas que se encarnam na Terra é limitado. Cessou quando a humanidade alcançou o seu completo desenvolvimento físico, durante o apogeu dos Atlantes e, desde então, nenhuma Mônada nova se encarnou mais.

O Karma não cria nada nem projeta coisa alguma; o homem maquina e cria as causas, e a Lei Kármica ajusta os seus efeitos, o que constitui a harmonia universal.

Não é a onda que afoga o homem, mas a ação voluntária do náufrago que vai, deliberadamente, colocar-se sob a ação impessoal das leis que governam o movimento do oceano. Karma é um aspecto do absoluto e desconhecido Poder, em seus efeitos no mundo fenomenal. A reencarnação está indissoluvelmente ligada à lei de Karma. O homem tem várias personalidades, nas quais vai se reencarnando a Individualidade permanente.

As personalidades são como os diversos personagens que um ator representa, e com os quais se identifica por algumas horas.

OS MANUS PRIMITIVOS DA HUMANIDADE

Manu foi o nome dado às primeiras raças humanas que se desenvolveram com a ajuda dos Dhyân-Choans no princípio da Primeira

Ronda. Diz-se que há catorze Manus em cada Kalpa (intervalo entre uma criação e outra).

Chama-se Pralaya a um período de obscurantismo ou repouso entre duas criações. Pralaya e Manu são nomes genéricos. Pralaya é o período de dissolução de um mundo; uma noite de Brahmâ.

Manu é a semente das Raças humanas da Ronda futura, salvas numa arca das águas de uma inundação (ou o fogo de uma conflagração); sabemos que há sete Rondas (das quais passamos três) e catorze Manvântaras.

O primeiro Manu produziu outros seis Manus, sendo o último o Progenitor da Humanidade de nossa Quarta Ronda; o sétimo na linha do seu Manu-Semente ou Raiz. Em cada período manvantárico aparece um Manu-Raiz, em seu começo, e um Manu-Semente no final de seu ciclo ou globo G. Da mesma forma, em cada período humano em qualquer planeta particular aparecem os dois Manus, um no princípio e outro no final do mesm Manvântara (Manu-antara) significa o tempo entre a aparição de dois Manus; portanto, a duração de sete Raças em qualquer globo.

Cada Manu cria outros sete, de modo que há 49 Raças-Raízes nos sete globos durante cada Ronda, o que dá um Manu para cada Raça--Raiz.

O presente Manu (sétimo) é chamado Vaivasvata, ou "Xisutros babilônico" ou "Noé bíblico". Um Kalpa é o espaço de tempo entre dois dilúvios ou criações; pode ser sideral, astronômico e terrestre; um Pralaya pode ter a mesma relação. Kálpas menores são os períodos de destruição de uma raça ou um povo. Eis a relação dos 14 Manus em sua ordem respectiva:

1.' Ronda	1.° Manu-Raiz	no	Globo	A — Svayambhuva
	1.° Manu-Semente	no	Globo	G — Svarochi ou Svarochiseha
2." Ronda	2." Manu-Raiz	no	Globo	A — Auttami
	2°Manu-emente	no	Globo	G — Tamasa
3." Ronda	3.° Manu-Raiz	no	Globo	A — Raivata
	3° Manu-Semente	no	Globo	G — Chakshusha
4." Ronda	4." Manu-Raiz	no	Globo	A — Vaivasvata (nosso
	4.° Manu-Semente	no	Globo	Progenitor)
				G — Savarna
5." Ronda	5.° Manu-Raiz	no	Globo	A — Daksha-savarna
	5.° Manu-Semente	no	Globo	G — Brahma-savarna
6.' Ronda	6.° Manu-Raiz	no	Globo	A — Dharma-savarna
	6° Manu-Semente	no	Globo	G — Rudra-savarna
7.* Ronda	7." Manu-Raiz	no	Globo	A — Rauchya
	7.° Manu-Semente	no	Globo	G — Bhauthya

Assim, pois, Vaivasvata, ainda que o sétimo na ordem exposta, é o Manu-Raiz primitivo de nossa Quarta Ronda Humana (humanidade coletiva), enquanto Vaivasvata só foi um dos sete Manus menores que presidem às sete Raças de nosso Globo. Cada um deles tem de ser testemunha de um cataclismo periódico (pela água ou pelo fogo), que cerram o ciclo de cada Raça-Raiz.

O primeiro princípio na filosofia religiosa é a unidade na diversidade.

Os Manus e Rishis são as manifestações das energias de um mesmo Logos, os mensageiros e permutas celestiais e terrestres de um mesmo Princípio — sempre ativo — consciente no período da evolução cósmica e inconsciente durante o período de repouso ou Pralaya. O Logos dorme no seio da Absoluta Seidade; desta surge o Grande Logos Invisível que desenvolve os demais Logos. Os Manus conservam o conhecimento de suas experiências em todas as evoluções cósmicas através da Eternidade.

0 Manu Primordial (Logos) dá o Ser aos demais Manus, que emanam coletivamente o Universo e tudo o que encerra e representam em seu conjunto o Logos Manifestado. (Mônada Universal, Elohim coletivos.)

Em outro sentido, Manu é o Fogo (vivente) magnético que impregna o Sistema Solar manifestado; no aspecto mais objetivo é o Princípio Vital.

Svayambhuva é o nome de toda Mônada cósmica que se converte em Centro de Força, do qual surge uma Cadeia Planetária (há sete delas em nosso Sistema); as radiações deste Centro se convertem em outros tantos Manus Svayambhuva (nome genérico misterioso que significa muito mais do que parece) e cada um deles se converte, como Hoste, no criador de sua própria humanidade.

Na criação Primária a Terra desenvolveu os Reinos Elementais; nela os Reinos Mineral e Vegetal são luminosos e semi-etéricos, frios, sem vida e transparentes. Na Secundária, a Terra se faz opaca; há convulsões geológicas e a sua superfície esfria e endurece, depois assenta (120.000.000 de anos). A Humanidade só apareceu na terra há 18.000.000 de anos.

A alegoria da Arca de Vaivasvata, puxada pelo peixe Vishnu e os sete Rishis com ele, significa a Quinta Raça sexuada, aparecendo depois do Grande Dilúvio. Vishnu é o Espírito divino como princípio abstrato, o gerador e preservador da Vida (Terceira Pessoa da Trindade).

A Lemúria foi destruída 700.000 anos antes do começo da Idade Terciária (Eoceno). A Atlântida desapareceu há 850. 000 anos passados (Plioceno).

Este dilúvio mudou a face do Globo sem que restasse memória dos florescentes continentes existentes então; só os anais Sagrados do Oriente nos dão notícias destas coisas.

A CIVILIZAÇÃO E A DESTRUIÇÃO DAS QUARTA E QUINTA RAÇAS

A Ilha de Páscoa, com as suas assombrosas estátuas gigantescas, testemunhas de uma civilização desaparecida, é uma prova desdenhada pela Ciência que, se fosse realmente estudada, muito esclareceria a origem de nossa Raça. A civilização primitiva dos Lemurianos não se seguiu imediatamente à sua transformação fisiológica. Entre o final desta e a primeira cidade construída, decorreram milhares de anos. A sexta sub-raça dos Lemurianos construiu suas cidades de rochas e lavas; uma delas, de estrutura primitiva, completamente construída de lavas, ficava a umas trinta milhas a oeste da Ilha de Páscoa, e foi, depois, destruída por uma série de erupções vulcânicas. Os restos mais antigos das construções ciclópicas foram todas obras das últimas sub-raças dos Lemurianos.

As estátuas da Ilha de Páscoa se assemelham muito às do Templo de Pachacamac, das ruínas de Tia-Huanaco no Peru e outras do continente americano. As primeiras grandes cidades foram construídas na região da atual ilha de Madagascar, que fazia parte do Continente Lemuriano. Os australianos são descendentes daqueles que, em lugar de vivificar as Chispas, as extinguiram por longas gerações de bestialidade. Em troca, as nações árias podem traçar a sua descendência através dos Atlantes, desde as raças espirituais dos Lemurianos nos quais os Filhos da Sabedoria encarnaram pessoalmente. Com o advento das Dinastias Divinas, principiaram as primeiras civilizações, desenvolvendo-se as artes e as ciências. A civilização desenvolveu sempre o físico e o intelectual às expensas do psíquico e espiritual.

Isto explica a variedade e diferença entre a capacidade intelectual das nações, raças e homens.

Enquanto em algumas regiões da Terra, uma parte da humanidade preferia levar uma vida nômade e patriarcal, e em outras o homem selvagem apenas ia aprendendo a fazer fogo e proteger-se contra os Elementos, seus irmãos mais favorecidos pelo Karma, levados pela Inteligência divina que os ajudava, construíram cidades e cultivaram as artes e as ciências.

O domínio sobre a própria natureza psíquica e sua direção que os néscios associam, agora, com o sobrenatural, eram faculdades inatas, congênitas, que vinham ao Homem na primitiva humanidade, tão naturalmente como andar e pensar. Excetuando-se a Hierarquia dos Eleitos, discípulos dos Filhos da Yoga e da Vontade, a espécie humana gradualmente diminuiu de estatura e caiu na iniqüidade.

Pela terceira vez a Terra mudara a sua face de Pólo a Pólo.

Fora destruído aquele gigantesco continente da Terceira Raça, que cobria imensa área desde os pés do Himalaia, abrangendo o Tibete, Mongólia e o deserto de Gobi (Shamo), estendendo-se para o Sul através da atual Índia, Ceilão, Sumatra, Java e avançando até Madagascar e

Austrália, a Tasmânia e também o Pólo Antártico. As suas terras abrangiam a Ilha de Páscoa no Pacífico.

O resto da Europa jazia, ainda, no fundo do mar. A Terra está sujeita ao Espírito da Lua e regulada por ela para o movimento das águas (marés). No fim de um Kalpa e de uma grande Raça-Raiz, os Regentes da Lua exercem uma atração mais forte; aplanam a cintura da Terra (Equador), fundem-na em alguns lugares e incha-se em outros e, assim, aparecem as novas terras e se submergem os continentes. Posteriormente, a Lemúria se dividiu em vários continentes separados. 0 nosso Globo está sujeito a sete mudanças periódicas, que marcham pari passu com as Raças.

Depois da destruição da Lemúria por uma série de cataclismos geológicos, vieram os Atlantes, os gigantes cuja formosura e forças físicas alcançaram seu apogeu de acordo com a Lei evolucionária, no período médio de sua quarta sub-raça. Os semideuses tinham cedido lugar aos semi-demônios. Das sete grandes ilhas do continente Atlante, algumas eram restos da Lemúria, que reapareceram na superfície do oceano.

A Índia da idade pré-histórica está duplamente ligada às Américas; os brâmanes de Cachemira afirmam que as suas terras se estendiam até o deserto de Shamo, e um homem, caminhando, chegaria até o Alasca pela Mandchúria, através do futuro golfo da Tartária, ilhas Kurilas e Aleutianas. Outro viajante que, munido de uma canoa, partisse do Sul, atravessando o Sião e cruzando as Ilhas Polinésias, penetraria, caminhando, em qualquer parte do continente sul-americano. Isto foi ensinado pelos Mestres de Sabedoria.

A Polinésia foi um continente gigantesco e contínuo, e uma grande parte da Califórnia pertenceu a ele. Os Atlantes ainda conheceram grande parte destas terras, que depois foram consumidas pelos vulcões.

Deste modo, desde que a Humanidade do Manu Vaivasvata apareceu sobre esta terra, já tinha havido distúrbios do eixo do planeta, e continentes tinham sido absorvidos pelos Oceanos. Outras terras apareceram e cordilheiras enormes se levantaram onde antes não havia montanha alguma.

Em cada ano sideral os trópicos retrocedem quatro graus em cada revolução dos pontos equinociais, à medida que o equador dá voltas pelas constelações zodiacais. Atualmente o trópico se acha somente a 23 graus e uma fração de menos de meio grau do Equador. Faltam dois e meio graus para chegar ao fim do ano sideral. Isto dá à humanidade um fôlego de 16.000 anos.

Os Atlantes construíram enormes imagens de vinte e sete pés de altura, do tamanho de seus próprios corpos. Há na Raça malaia (sub-raça da Quarta Raça) uma diversidade singular de estatura. Os naturais de Tahiti, Samoa, Tonga são mais altos que o resto das Raças atuais. Desde a destruição da Lemúria que a estatura humana foi decrescendo, de seis a sete pés.

As tribos indianas e os habitantes dos países indochinos são menores que o termo médio geral, isto se explica porque os polinésios pertencem às primeiras sub-raças sobreviventes, os outros ao tronco último e menos fixo. Assim como os tasmânios se extinguiram por completo e os australianos estão desaparecendo rapidamente, o mesmo acontecerá com outras Raças antigas.

Como se conservaram estes anais? Perguntarão os leitores.

O Zodíaco egípcio conserva provas irrefutáveis de anais que abrangem mais de três anos e meio siderais, ou cerca de 87.000 anos nossos.

Os cálculos hindus abarcam cerca de trinta e três anos siderais, ou 850.000 anos; os sacerdotes egípcios asseguraram a Heródoto que o pólo da Terra e o pólo da eclíptica tinham coincidido, anteriormente.

Possuem observações registradas desde o tempo da Primeira Grande Inundação, que se conserva na memória histórica Ária; a mesma que submergiu a Atlântida há 850.000 anos. A ilha de Ceilão é o resto da antiga Lanka, dos Atlantes, remanescente do continente do mesmo nome na Lemúria.

A que época pertenceram as estátuas colossais descobertas perto de Banian? A estátua da Liberdade em Nova Iorque é anã junto das estátuas de Bamian. É uma montanha crivada de células gigantescas com dois imensos gigantes de pedra talhada, obra de ciclopes, os verdadeiros gigantes.

Na América se encontraram ossos gigantescos, também.

As grutas e covas de Bamian, umas naturais outras artificiais, foram a morada dos monges budistas; este lugarejo fica na metade do caminho entre Kabul e Balkh, ao pés do Kohi-baba, montanha enorme do Paropamiso ou Cordilheira do Indo-kush, a 8.500 pés sobre o nível do mar.

Mamian era parte da antiga cidade de Djooljool, arruinada e destruída por Gengis-Kan no século XIII.

A mais alta das estátuas de Bamian tem 173 pés de altura, a segunda, 120 pés e a terceira, 60 pés; a última mede pouco mais que o termo médio do homem moderno. Supõe-se que elas representam as Raças humanas, respectivamente, a Primeira Raça, a dos nascidos do Suor, a dos cainitas, a dos Atlantes ou Gibborim da Bíblia e, por último, a Raça atual.

Estas estátuas foram obra dos Iniciados da Quarta Raça, anais imperecíveis da Doutrina Secreta sobre a evolução das Raças.

Elas provam a existência dos gigantes, pois se eles não tivessem vivido realmente, quem poderia mover pedras colossais como as de Stoneheng, as de Carnac (Bretanha) e outras muitas espalhadas pelo mundo?

A autora fala sobre as pedras falantes e mágicas; as ophitês e siderithês. Fala dos betilos, ou pedras animadas, e conta que Eusébio

nunca se separava de suas ophitês, das quais recebia seus oráculos com uma vozinha que parecia um tênue assobio. As pedras oscilantes, as ordálias etc, são citadas. Quem, pois, senão os gigantes poderia levantar estas pedras e colocá-las em ordem tão simétricas como o planisfério e assentá-las em tão perfeito equilíbrio que apenas parecem tocar o solo?

Todas estas pedras são relíquias dos últimos Atlantes. Relata William Tooke, especulando sobre os enormes blocos de granito espalhados sobre a Rússia Meridional e Sibéria, que não havia rochas nem montanhas nas imediações e que devem ter sido trazidas de imensas distâncias por esforços prodigiosos. Charton fala de um exemplar destas rochas na Irlanda, cuja origem ele atribui à África. Há também uma tradição irlandesa que atribui a origem de suas pedras circulares a um bruxo, que as trouxe da África.

Quando a Quinta Raça estava ainda em sua infância, o Dilúvio alcançou a Quarta Raça gigante, não por causa de sua perversidade, mas pela Lei cíclica natural, porque tudo sob o Sol nasce, vive, envelhece e morre.

Somente aquele punhado de eleitos, cujos Instrutores divinos tinham ido habitar a Ilha Sagrada — donde virá o último Salvador — impediu, então, que metade da humanidade se convertesse em exterminadora da outra metade. A espécie humana se dividiu. As duas terças partes estavam governadas por dinastias de Espíritos materiais, inferiores, da Terra, que tomavam posse dos corpos facilmente manejáveis; uma terça parte permaneceu fiel, e uniu-se à nascente Quinta Raça, os Divinos Encarnados. Quando os pólos se moveram, pela quarta vez, isto não afetou os que estavam protegidos e que tinham se separado da Quarta Raça. Como os Lemurianos, só os Atlantes perversos pereceram, e não se voltou a vê-los.

A QUINTA RAÇA E OS SEUS INSTRUTORES DIVINOS

A História não principia com a Quinta Raça, mas sim, a tradição viva; a primeira não vai além das origens fantásticas de nossa Quinta Sub-Raça, há uns milhares de anos; a segunda se refere às subdivisões da Primeira Sub-Raça da Quinta Raça-Raiz. Quando diz "uns amarelos, alguns de cor escura e negros, e alguns vermelhos, ficaram". Os da cor da Luz, isto é, os das Primeira e Segunda Raças tinham desaparecido para sempre, sem deixar rastro algum. O Grande Dragão (Dilúvio) só diz respeito às Serpentes de Sabedoria, cujos esconderijos estão sob as pedras Triangulares (Pirâmides).

Isto significa que os Adeptos e Sábios moram em habitações subterrâneas, geralmente sob construções piramidais existentes nos quatro cantos do mundo. As Serpentes da Sabedoria conservaram bem seus anais e a história da evolução humana, traçada no céu, como nos muros subterrâneos.

A humanidade e as Estrelas estão indissoluvelmente ligadas por meio das Inteligências que governam estas últimas.

Sabemos que, no passado, a constelação de Dragão estava no pólo, o ponto culminante da esfera celeste. O Dragão seria a constelação superior, ou dominante. As Pirâmides estão relacionadas com as idéias sobre a constelação do Grande Dragão; os Dragões da Sabedoria ou Iniciados da Terceira e Quarta Raças. O nome do Dragão na Caldéia não era escrito foneticamente, mas representado por dois monogramas, significando, provavelmente, segundo os orientalistas, "o escamoso". Esta descrição tanto pode se aplicar a um dragão fabuloso, como a uma serpente ou um peixe. Sob um aspecto se aplica a Makara, o décimo signo Zodiacal, termo sânscrito de um animal anfíbio chamado "Crocodilo", porém que, na realidade, significa algo mais.

No Museu Britânico pode-se ver um exemplar de um dragão alado e com escamas. O símbolo do Dragão tem um sétuplo significado: o mais elevado é idêntico ao "Nascido por si", o Logos. Seu símbolo era a constelação do Dragão. Suas sete Estrelas são as que estão na mão do Alfa e do Omega, no Apocalipse. No seu significado mais terrestre, o termo foi aplicado ao Homem Sábio. Os egípcios simbolizavam o Cosmos por um grande círculo ígneo, com uma serpente com cabeça de falcão traçada através do seu diâmetro.

Aqui vemos o pólo da Terra dentro do plano da eclíptica quando todo o Zodíaco em 25.000 anos tinha de avermelhar-se com as chamas do Sol e cada signo devia ser vertical em relação à região polar.

Meru, o Pólo Norte, e Patala, o Pólo Sul, significavam o primeiro a mansão dos deuses, e o Patala, o Abismo.

Futuramente os homens saberão que jamais houve um reformador do mundo, cujo nome tenha passado à nossa geração que: primeiro, não tenha sido uma emanação direta do Logos (qualquer que seja o nome pelo qual o conheçamos), isto é, uma encarnação essencial de um dos sete Espíritos Divinos; segundo, que não tenha aparecido antes, em ciclos anteriores.

Então se reconhecerá a causa que produz certos enigmas das idades, tanto na história como na cronologia, por exemplo: a razão por que é impossível assinar uma época verdadeira a Zoroastro que se vê multiplicado por doze, ou catorze, no Dabistan; por que os números e individualidades dos Manus e Rishis estão tão misturadas; por que Krishna e Buda falam de si mesmos como reencarnações, indentificando-se Krishna com o Rishi Narayana; por que Osíris é um grande Deus e, ao mesmo tempo, um príncipe terrestre que reaparece como Thoth Hermes; por que Jesus de Nazaré é Joshua, o filho de Num.

A Doutrina Secreta explica tudo isto, dizendo que cada um deles (e outros) apareceu primeiro na Terra como um dos Sete Poderes do Logos, individualizado como um Deus ou Anjo, logo, misturado com a Matéria, e de época em época como grandes Sábios e Instrutores da humanidade.

Finalmente se sacrificam encarnando-se em circunstâncias e períodos críticos como "Salvadores".

Cada um destes Poderes, uma vez individualizado, tem a seu cargo um dos Elementos da criação e o governa. Estes elementos são: cósmico, terrestre, mineral, vegetal, animal, aquoso e humano em seus aspectos físico, psíquico e espiritual.

Os Dióscuros eram sete grandes Deuses, envoltos na obscuridade da Natureza oculta. Os Sete Cabiros pertenciam ao grupo dos criadores Setenários.

Seth é o Progenitor dos homens primitivos da Terceira Raça em que haviam se encarnado os Anjos Planetários. Seth era um deles, e Enos ou Hermes era seu filho, sendo Enos (Hanoch ou Enoch) um nome genérico de todos os Videntes primitivos (Enoichion). Seth é, também, idêntico ao Agathodaimon.

Em Samotrácia os Cabiros eram os grandes Deuses cósmicos, os Sete e os 49 Fogos Sagrados; nos templos gregos seus ritos se tornaram quase físicos.

Castor e Pólux eram os Cabiros que simbolizavam os dois Pólos, celeste e terrestre. A palavra Guebra vem de Gabiri e significa os antigos persas, os adoradores do Fogo; Prometeu era a Deidade Cabiro original.

Os Cabiros, como no símbolo de Prometeu, trouxeram a Luz ao mundo, dotando os homens de inteligência e razão; são os Fogos Divinos e Sagrados.
A palavra semítica Kabirim significa "poderosos, potentes".

Seu culto sempre esteve relacionado com o Fogo. Estes Deuses eram de ambos os sexos e eram terrestres, celestes e cósmicos. A eles se atribula a invenção das letras e das artes. Hermes, Orfeu, Cadmo e Asclépio são nomes genéricos de deuses e heróis. O caduceu de Mercúrio mostra que as serpentes eram símbolos da Sabedoria e da Prudência. A Atlântida e a Ilha Sagrada não são os únicos anais que nos falam do Dilúvio. A China também tem a sua tradição diluviana.

Maurigasima é o continente habitado por gigantes, o qual foi tragado pelo oceano, e Peiruun, o Rei, o Noé chinês, escapa, só com a sua família, graças ao aviso dado pelo ídolo; este piedoso príncipe e seus descendentes povoaram a China.

Os chineses, povo dos mais antigos de nossa Raça, fizeram dos dragões o emblema de seus imperadores, que são, assim, os sucessores degenerados das Serpentes, ou Iniciados, que governaram as primeiras dinastias chamadas divinas. 0 trono do Imperador é a sede do Dragão e as roupas da corte são bordadas com figuras de dragões.

Os aforismos mais antigos da China dizem, claramente, que o Dragão é um Ser Humano e, ao mesmo tempo, Divino.

Falando sobre o "Dragão Amarelo", diz Twan-ying-t'u: "Sua Sabedoria e virtude são insondáveis... não anda em companhia... nem

vive associado... é um asceta. Vaga no deserto além dos céus. Vai e vem, cumprindo o decreto de Karma, nas épocas devidas; se existe perfeição, mostra-se; do contrário, permanece invisível."

Nossas Raças têm origem divina, qualquer que seja o nome que se lhes dê. Trata-se dos Rishis ou Pítris hindus, dos Chim-nang e Tchang chineses, do Homem Divino e seus semideuses, do Dingir e Mullil acádio, de Ísis-Osíris e Thoth egípcio; dos Elohim hebreus; de Manco-Capac e sua progênie peruana; a história é a mesma em todas as partes. Cada povo ou nação tem os seus dez ou sete Rishis ou Manus; os Kiy; os Amshaspands caldeus; Sephirote, todos são derivados da Doutrina Secreta. Todos nos falam das sete dinastias divinas descendo do céu e reinando na Terra, e ensinando aos homens as ciências e as artes. A Tábua sincrônica de Abydos, decifrada por Champollion, mostra os restos de uma lista abarcando os tempos míticos mais remotos — o reinado dos deuses e heróis — e nela figuram os nomes de Seb, Osíris, Seth, Horus, Thoth Hermes e a deusa Ma.

A Abissínia já foi uma ilha, segundo o Zodíaco de Denderá (planisfério do teto de um dos mais antigos templos do Egito).

Os sacerdotes do Egito, 500 anos antes de nossa era, mostraram a Heródoto as estátuas de seus reis humanos e pontífices, Pironis, os arquiprofetas ou Maha-Choans dos templos, nascidos uns dos outros sem intervenção de mulher e que reinaram antes de Menes, seu primeiro rei humano. Eram 345 estátuas de madeira de tamanho colossal, cada uma delas trazendo seu nome, história e anais. Referiam-se às três primeiras Raças, ou dinastias que tinham precedido à de Menes, e eram os Deuses, semideuses e heróis, ou Gigantes primitivos.

Entre as inumeráveis hostes de espíritos (entidades que foram ou que serão homens) há algumas, incomensuravelmente superiores à Raça humana, mais elevadas e santas que o mais sábio, mais santo da Terra. Há também os que não são melhores que nós, e alguns muito piores e inferiores ao selvagem mais ínfimo; estes últimos são os que mais facilmente se comunicam com a nossa Terra, os que nos percebem e nos sentem como os clarividentes os vêem e percebem.

A estreita proximidade de nossas moradas respectivas e planos de percepção favorece, infelizmente, esta intercomunicação, estando eles sempre dispostos a intervir em nossos assuntos, para o bem ou para o mal.

A enfermidade ou exuberância do fluido nervoso produz a mediunidade e as visões.

Na Idade de Ouro, segundo a tradição, Saturno, que amava a humanidade, governou-a por meio de espíritos e gênios — Dinastias Divinas — não permitindo que reis mortais a governassem. E quando os deuses se retiraram, parte da humanidade pereceu, devorada por animais ferozes. Na Idade de Ouro só havia felicidade na Terra, porque não havia necessidades. Saturno, sabendo que o homem não podia

governar o homem sem injustiças e sem encher o universo de suas vítimas e suas vaidades, não permitiu que nenhum mortal obtivesse poder sobre as suas criaturas, e deu-lhes um pastor de espécie e natureza completamente diferentes e superiores à sua.

Deus (a síntese da Hoste) foi quem presidiu os Gênios e se converteu no Primeiro Pastor e Chefe dos Homens.

Os Senhores da Sabedoria trouxeram frutas e grãos de outras esferas, para benefício da Raça que eles governavam.

O primeiro uso do fogo, a domesticação dos animais, o plantio dos cereais e das ervas foram conhecimentos transmitidos pela Hoste Santa.

0 trigo jamais foi encontrado em estado silvestre; ele não é um produto da Terra. O Zohar diz que os formosos Bne Aleim não eram culpados, pois que se misturaram com os homens mortais porque foram enviados à Terra com este objetivo. Explica, ainda, que os Ischius, "Homens Espíritos", viri-spiritualis, agora que os homens já não podem vê-los, ajudam os Magos a produzir, com sua ciência, os homúnculos, os quais são homens inferiores sob a forma gasosa ou etérea. Seu chefe é Azazel, que nada tem a ver com Satã, mas isto é um mistério; Azazel e sua Hoste são o Prometeu hebreu, os encadeados à Terra durante o ciclo da encarnação.

Azazel é um dos chefes dos Anjos Rebeldes, e ensinou os homens a fabricarem espelhos mágicos. Amazarak instruiu os bruxos; Amers explicou a Magia; Barkayal, a astrologia; Akibel, o significado dos portentos e signos; Tamiel, a astronomia e Asaradel ensinou o movimento da Lua. Estes sete foram os primeiros instrutores do quarto homem (Quarta Raça). Ela é a representação simbólica da grande luta entre a Sabedoria divina, Nus, e seu reflexo Terrestre, psique, ou entre o Espírito e a Alma, no céu e na Terra; no céu porque a Mônada divina tinha se desterrado voluntariamente dele, descendo a um plano inferior, com o objeto de encarnar, a fim de transformar o animal de barro num Deus imortal. Os anjos aspiram a ser homens, pois o Homem Perfeito, o Homem Deus, está acima dos anjos. Na Terra, tão logo o Espírito desceu, foi afogado na confusão da Matéria.

0 que o clero de todas as religiões dogmáticas assinala como Satã, o inimigo de Deus, é, na realidade, o Espírito Divino mais elevado, A Sabedoria Oculta na Terra, o qual é, naturalmente, contrário a toda ilusão mundana e passageira. Estas igrejas dogmáticas estão lutando contra a verdade divina, ao repudiar e caluniar o Dragão da Sabedoria Divina Esotérica.

Houve um tempo em que as quatro partes do mundo estavam cobertas de templos consagrados ao Sol e ao Dragão; porém o culto se conserva ainda hoje, principalmente na China e países budistas. Os ofitas adotaram seus ritos de Hermes Trismegisto e o culto heliólatra com seus Deuses-Sóis cruzou o país dos Faraós desde a Índia.

Bel e Dragão, Apoio e Píton, Krishna e Kalya, Osíris e Tífon, são todos um só, sob nomes diversos, sendo os posteriores Miguel e o Dragão Vermelho, e São Jorge e o Dragão.

Como Miguel é uno com Deus ou o seu duplo, para propósitos terrestres, e é, também, um dos Elohim, conclui-se que o Anjo guerreiro é uma simples permuta de Jeová.

Sei é só um disfarce judeu de Hermes, o Deus da Sabedoria, também chamado Thoth, Tat, Seth e Satã. É também Tífon e Apophis, o dragão morto por Hórus. É o aspecto obscuro de Osíris seu irmão. Miguel, o Anjo do Sol, o primeiro dos "Aeons", é o Salvador.

Havia inúmeras catacumbas no Egito e na Caldéia, algumas das quais de grande extensão; as mais célebres foram as criptas subterrâneas de Tebas e de Mênfis. As primeiras, principiando no lado ocidental do Nilo, se estendiam para o deserto da Líbia e eram conhecidas como as catacumbas ou passagens da Serpente; ali se executavam os Sagrados Mistérios do Kuklus-Anagkês (ciclo inevitável) ou como era mais conhecido, "círculo da necessidade", destino inexorável de toda Alma depois da morte corporal, uma vez julgada no Amenti. As "Dracontias" cobriram num tempo a superfície do Globo, e esses templos estavam consagrados ao Dragão, só porque ele era o símbolo do Sol, o Deus mais elevado.

Os Quetzo-Cohualt, ou deidades serpentes dos mexicanos, são os descendentes de Cam e Canaã. Eu sou Hivim, diziam eles, da raça dos Dragões.

Tomemos Agni, o Deus do Fogo, Indra, o firmamento, e Kartti-keya dos hindus, o Apoio grego e Miguel, "o Anjo do Sol", o primeiro dos Aeons, e veremos que uns são cópias dos outros.

Agni — o Deus do Fogo — vive em Hiranyapura, a cidade de ouro, que flutua no ar (o Sol). Karttikeya, o Deus da Geurra, astronomicamente o deus Marte, de seis faces, um Kümara ou Jovem Virgem, nascido de Agni.

Indra, o resplandecente deus do Firmamento, mata o demônio serpente, por cuja proeza é chamado o "Condutor da Hoste Celestial".

Tomemos Apoio, o deus-Sol grego, e vemos que ele corresponde a Indra, Karttikeya e Miguel, o qual é semelhante e uno com Deus.

Apoio nasceu numa ilha sideral, chamada Astéria, a ilha da Estrela de ouro, a terra que flutua no ar, ou Hiranyapura. É o Agnus Dei, ou Agni hindu. Não há demônio algum, não há nenhum Mal fora da humanidade para produzir um demônio; o mal como o julgamos é uma necessidade para o progresso e evolução, da mesma forma que a noite é necessária para produzir o dia.

O Mal é, pois, o sustentáculo do mundo manifestado; sem ele não haveria a consciência do Bem. Satã é, apenas, o pólo oposto de todas as coisas da Natureza; não há nada no universo que não tenha dois aspectos.

As doutrinas das seitas gnósticas foram fundadas, cada uma delas, por um Iniciado, e estavam baseadas no conhecimento correto do simbolismo de todas as nações.

Os Elohim representam a Deidade Manifestada que tudo abarca, só em sua coletividade, posto que foram os modeladores da Substância cósmica (nas primeiras diferenciações desta) para a criação do universo fenomenal.

Jeová foi chamado pelos gnósticos o Criador do Ofiomorfos e uno com ele, a Serpente, Satã, o Mal. Os Anjos caídos são, nos sistemas antigos, os protótipos alegóricos dos homens caídos, e esotéricamente estes homens mesmos.

Noé era um Cabiro e, portanto, um demônio, segundo o conceito sobre estas entidades. Noé é um mito, em cuja lenda se fundou a tradição dos Cabiros ou Titãs, conforme se ensinava em Samotrácia.

Noé é um Atlante, um Cabiro ou Titã, e sua família são os titãs ou Cabiros piedosos. Os Cabiros são os mesmos Telchines das fábulas.

Ceres a Cabíride ensinou a agricultura aos homens; Tubal-Caim é um Cabiro que instruiu todos os artífices do bronze e do ferro. Jabal é o instrutor dos que têm rebanhos, e Jubal é o Pai dos que manejam a harpa.

Noé, Melquizedek, Pai Sadik, Cronos-Saturno, são uma só entidade.

E os Cabiros eram os filhos de Melquizedek. Os Cabiros poderosos são idênticos aos Dhyân-Choans Primordiais, os Pítris corpóreos. Regentes e instrutores das Raças primitivas, os Reis Divinos.

Há uma tradição no Irã de que antes da criação de Adão viveram na Terra duas Raças de homens: os Devs, que reinaram sete mil anos, e os Peris (Izeds), que só reinaram 2.000 anos, existindo, todavia, os primeiros.

Os Devs eram gigantes fortes e malvados. Os Peris, menores em estatura, eram mais sábios e bondosos. Aí reconhecemos os gigantes Atlantes e os Ários. Gyan (Jnâna) (sabedoria oculta) foi rei dos Peris.

Gyan-ben-Gyan tinha reinado 2.000 anos quando Iblis, o demônio, derrotou os Peris e arrojou-os ao outro extremo do mundo. Nem o escudo mágico de Gyan pôde vencer Iblis (agente do Karma).

Contam eles com dez reis em sua última metrópole, chamada Khanoom, e dizem que o décimo rei foi Kaimurath, idêntico ao Adão hebreu.

Na cronologia iniciática, 9.000 anos eqüivalem a 900.000 anos; os egípcios tinham seus anais completos por causa de seu isolamento, pois, estando cercados pelos mares e pelo deserto, não foram inquietados por outras nações até uns quantos milênios antes de nossa era.

A tradição persa fala das montanhas de Kaf (Cáucaso) que contém uma galeria construída pelos gigantes Argeak, onde se guardam estátuas dos homens antigos, em todas as suas formas. São chamadas

Sulimanes (Salomões) ou os sábios Reis do Oriente, e contam 72 reis desse nome, três dos quais reinaram 1.000 anos cada um.

Siamek, o filho querido de Kaimurath (Adão), seu primeiro rei, foi assassinado por seu gigantesco irmão. Seu pai conservava um fogo perpétuo na tumba que continha as suas cinzas; daí a origem do culto ao Fogo entre os persas. Depois veio Huschenk, o prudente e sábio, que escreveu a obra chamada "Sabedoria Eterna". Este rei montava um cavalo de doze patas, nascido dos amores de um crocodilo e um hipopótàmo, e chamava-se Dodecápodo.

Huschenk foi o construtor das cidades de Luz, Babilônia e Ispahan (o que não é verdade, pois surgiram cidades depois), ou sobre os fundamentos de cidades antiquíssimas se construíram as cidades mencionadas.

O Dodecápodo foi encontrado na ilha seca ou novo continente, e foi preciso muita força e astúcia para apoderar-se do maravilhoso animal.

Logo que Huschenk o montou, derrotou toda a classe de inimigos; nenhum gigante podia enfrentar o seu tremendo poder. Este rei foi morto por uma pedra, que os Gigantes fizeram rolar das montanhas de Damayend.

Tamurath é o terceiro rei da Pérsia, o São Jorge do Irã, o cavaleiro que sempre venceu o Dragão e o matou. Tamurath, ou Taimuraz, tinha a sua montaria muito mais rara e rápida: uma ave chamada Simorgh-Anke.

Um maravilhoso pássaro, em verdade, inteligente, poliglota e até religioso, é a Fênix persa. Esta ave dizia ter visto o princípio e o fim de doze ciclos de 7.000 anos cada um, os quais, multiplicados esotéricamente, nos darão, de novo, 840.000 anos. Simorgh nasceu com o último dilúvio dos Préadamitas, diz o Romance de Simorgh e o Bom Kalifa.

Taimuraz põe em liberdade a boa Peri Mergiana, a quem Demrusch trazia prisioneira, e leva-a à Terra Seca, isto é, ao novo continente da Europa.
Mergiana, presume-se, é a mesma Morgana, irmã do rei Artur.

A Vaca era, em todos os países, o símbolo do poder criador passivo da Natureza, Isis, Io, Vach, Vênus, a mãe do Amor. O Touro era o símbolo do Espírito que vivifica a Natureza. Os mistérios sabásios, estabelecidos em honra a alguns deuses, eram uma variante do mistério de Mitra. Toda a evolução das Raças se representava nestes mistérios durante a Sabásia ou festividade periódica. Esquilo foi acusado pelos atenienses de sacrilégio e condenado a morrer apedrejado, porque, não estando iniciado, profanou os mistérios, expondo-os em suas Trilogias, ao público. O pai da tragédia grega não inventou Prometeu, mas revelou, em forma dramática, o assunto dos mistérios de Sabásia, cuja origem antiquíssima é até hoje desconhecida da História.

Entre Zeus, a Deidade abstrata do pensamento grego, e o Zeus Olímpico, havia um abismo de diferença. Este representava, nos mistérios, o aspecto inferior da Inteligência física humana (Manas enlaçado com Kâma) enquanto Prometeu, o aspecto divino de Manas submerso em Buddhi, à qual aspira, era a Alma Divina. Quando Zeus cede às paixões inferiores é a Alma humana, o deus ciumento, vingativo e cruel em seu egoísmo. Daí que se representa o Zeus como uma serpente, o tentador intelectual do homem, que, no entanto, engendra no curso da evolução cíclica o Salvador-Homem, ou Baco Solar, ou Dioniso, mais que homem, o Cristo glorificado, que libertará o Crestos crucificado, a humanidade ou Prometeu em prova.

Há uma Lei Eterna na Natureza que tende, sempre, a ajustar os opostos, produzindo uma harmonia final. Não estava no plano natural da evolução que o homem, ainda que sendo animal superior, se convertesse, intelectual, espiritual e psiquicamente num semideus como é na Terra, enquanto o seu corpo físico permanece débil e mais impotente que os dos mamíferos de maior tamanho. O tabernáculo é demasiado indigno do Deus que nele mora.

Este é o seu pecado e a sua redenção, ao mesmo tempo, pois a hoste que encarnou numa parte da humanidade, ainda que impelida por Karma, preferiu o livre arbítrio à escravidão passiva. Sabendo que semelhante encarnação era prematura e não estava no programa da Natureza, a Hoste Celestial (Prometeu) se sacrificou para beneficiar uma parte, pelo menos, da humanidade. A diferença intelectual entre os povos, nações e raças, entre os civilizados e os bosquimanos da Austrália, é evidente; nenhuma classe de cultura, nem gerações preparatórias em meio à civilização poderiam elevar tais exemplares humanos ao mesmo nível intelectual dos ários, semitas e turânios.

Falta neles a chispa sagrada. Agora estão se extinguindo rapidamente, graças ao sábio ajustamento da Natureza, que trabalha nesta direção.

A espécie humana é de um sangue, porém não da mesma essência.

Somos plantas de estufa e temos uma chispa que neles é latente. Salvando o homem da obscuridade mental, infligiu-lhe as torturas da própria consciência de sua responsabilidade (resultado do livre arbítrio) além dos males de que é herdeiro o homem mortal.

A tortura, Prometeu aceitou-a para si, já que a hoste se misturou no tabernáculo preparado para ela, o qual era, ainda, imperfeito naquele período de formação.

Uma vez rompida a sua homogeneidade pela mistura, a evolução espiritual era incapaz de marchar paralela à física, e o dom se converteu na origem do Mal. No caso de Prometeu, Zeus representa a hoste de progenitores primários, ou Pítris, que criaram o homem sem mente, ao passo que os divinos Titãs representam os criadores espirituais, os Devas que caíram na geração. Os primeiros são inferiores, espiritualmente, porém fisicamente mais fortes que a raça de Prometeu, pois

estavam na Terra em sua própria esfera e plano de ação, enquanto a Hoste Superior estava desterrada do céu e se encontrou colhida nas malhas da Matéria. Os da hoste inferior eram os donos de todas as forças titânicas inferiores e cósmicas; os Titãs só possuíam o Fogo intelectual e espiritual.

Um Deus encadeado preso da angústia O inimigo de Zeus, odiado por todos. Porque aos homens amava demasiado.

O homem mortal é impelido pelo interesse próprio e o egoísmo, ao passo que o Titã Divino o é pelo altruísmo.

A maldição não foi atraída à humanidade pela Quarta Raça, pois a Terceira, relativamente sem pecado, os antediluvianos ainda mais gigantescos, tinham perecido do mesmo modo; portanto, o dilúvio não foi um castigo, mas simplesmente o resultado de uma lei periódica e geológica. Tampouco caiu sobre eles a maldição de Karma por buscar a união natural, como fazem todos os animais sem mente na época do cio, mas por abusar do poder criador, degradando o dom divino e malgastando a essência da vida, sem mais objeto que a satisfação pessoal bestial.

No principio a concepção era tão fácil para a mulher, como para toda a criação animal. Nunca esteve no plano da Natureza que a mulher desse à luz a seus filhos com dor. Durante a evolução da Quarta Raça, declarou-se a inimizade entre a semente da Serpente e a semente produzida por Karma. Daí que a Lei de Karma modificou de modo gradual, fisiológica, moral, física e mentalmente, a natureza toda da Quarta Raça humana até que, em lugar de ser o rei saudável da criação animal da Terceira Raça, o homem se converteu na Quinta, nossa Raça, num ser escrofuloso e impotente, o mais bestial de todos os animais. Um dom apressado pelos Senhores da Sabedoria que derramaram sobre o Manas humano o fresco rocio de seu próprio espírito e essência. O Divino Titã sofreu, pois, em vão.

Tendo dotado o homem de Sabedoria e não tendo modificado o aspecto inferior de Manas do animal (Kâma), em lugar de uma mente desenvolvida imaculada, primeiro dom do céu, criou-se o eterno abutre do desejo insatisfeito, do pesar e da desesperação aliada à debilidade sonolenta que encadeia a Raça cega dos mortais até o dia em que Prometeu seja posto em liberdade por seu libertador Hermes.

Toda a história do mundo se acha registrada nos signos do Zodíaco. Nos templos antigos do Egito temos a prova disto, no templo de Dendera. A civilização dos Atlantes foi maior do que a dos egípcios.

Construíram as pirâmides antes da chegada dos etíopes orientais.

O povo estabelecido no Egito pré-histórico foi o Schesoo-Hor, servos de Horus. Calcula-se que a grande Pirâmide tenha 78.000 anos de existência.

No período Eoceno, a Quarta Raça tinha alcançado o seu maior apogeu, uma grande civilização dos lemúrio-Atlantes.

Daqui a 25.000 anos surgirá a Sétima sub-raça, pois a Sexta está se formando no meio da Quinta sub-raça. O sexto continente surgirá sobre as águas do Globo para receber o novo hóspede.

A Sexta Raça se libertará rapidamente dos laços da matéria, até da carne. A América tem o Karma de semear a futura Sexta Raça, maior e mais gloriosa que todas as que conhecemos até agora. Ela será composta de Adeptos evoluídos. Os climas mudarão e já começaram a mudar. Os fracassos da Natureza desaparecerão sem deixar rastro de si.

Fim do volume III

O SIMBOLISMO ARCAICO DAS RELIGIÕES DO MUNDO

As histórias da doutrina são as suas vestes.
O ignorante olha só o traje; isto é, o relato da
doutrina, mais além nada vê. O instruído não
vê meramente a veste, mas o que está dentro.
Zohar (III, 152)

Os mistérios da Fé não são para divulgá-los a todos. É preciso ocultar num mistério a Sabedoria falada.
Stromateis (12; Clemente de Alexandria)

As doutrinas aqui expostas são tão velhas quanto o mundo; a presente obra tenta expressar o Gênese e a História Arcaica, segundo se ensina em certos centros asiáticos de Doutrina Esotérica.

Elas têm de ser aceitas ou repelidas segundo seu mérito, seja completa ou parcialmente, porém não antes de cuidadosamente comparadas aos correspondentes dogmas teológicos e teorias científicas modernas.

Para compreender o Espírito da Filosofia Arcaica é preciso assimilar o verdadeiro significado dos termos Sat e Asat, tão livremente usados no Rig Veda. É a chave da Sabedoria Ária.

Asat não é só a negação de Sat, nem tampouco o "não-existente", pois Sat não é em Si nem a existência nem o Ser; Sat é o imutável, a Raiz sempre presente, eterna e sem mudança, da qual e por meio da qual procede tudo. Porém é muito mais que a força potencial na semente, que impele para a frente o processo do desenvolvimento, e que agora se chama evolução.

É o que está constantemente transmutando-se, ainda que jamais se manifeste. Saí nasce de Asat, e Asat é engendrado por Sat; o movimento perpétuo num círculo, verdadeiramente.

A doutrina de Haeckel, que identifica a Seidade com o Não-Ser, apresenta o Universo como um devenir eterno, é idêntica à Filosofia Vedanta. Diz Max Müller que os Vedas são a verdadeira Teogonia da

Raça ária, enquanto a literatura de Hesíodo é uma caricatura desfigurada da imagem original. Milhares de anos transcorrem entre os hinos do Rig Veda e a Teogonia de Hesíodo, assim é que os mitos gregos não são já a linguagem simbólica primitiva dos Iniciados, discípulos dos Hierofantes-Deuses, os Sacrificadores divinos antigos, que, desfigurados pela distância e carregados com a exuberante fantasia humana profana, aparecem agora como imagens de estrelas em moventes ondas.

A presente obra é uma tentativa para provar que a escritura arcaica foi compilada por Iniciados. Os mistérios da Vida e da Morte foram sondados pelas grandes mentes-mestras da antigüidade, e, se foram conservados no silêncio e em segredo, é porque estes problemas formavam parte dos Mistérios Sagrados, que permaneciam incompreensíveis para a maioria dos homens, como ainda o são agora.

ADÃO-ADAMI

Adami era um símbolo múltiplo que teve origem no povo ário; Adão-Adami é um nome composto, genérico, tão velho como a linguagem.

A Doutrina Secreta ensina que Adi foi o nome dado pelos Ários à primeira Raça falante da humanidade, nesta Ronda. Daí a palavra Adonim e Adonai (forma antiga do plural de Adão), que os judeus aplicaram a seu Jeová e Anjos, que eram simplesmente os primeiros filhos etéreos e espirituais da Terra; e o deus Adônis, que representava o Primeiro Senhor.

Adão é o Âdi-Nath sânscrito, que significa, também, o Primeiro Senhor; sendo Ad igual a "primeiro".

Esta revelação recebida pela primeira humanidade, naquele tempo de uma só linguagem, se desenvolveu mais adiante pela própria intuição do homem e, mais tarde, se ocultou da profanação, sob uma simbologia adequada.

O autor da Qabbalah mostra os israelitas usando a Adonai (A-Do-Na-Y) "Senhor", em lugar de Eh'yeh, "Eu sou", e Yhvh; e acrescenta que, enquanto Adonai é interpretado "Senhor" na Bíblia, a deidade na Natureza (designação mais inferior), o termo geral de Elohim está traduzido por Deus.

No ano de 1860 o orientalista Chwolsohn traduziu uma obra sob o título de Nabathean Agriculture, livro arcaico que é uma completa iniciação nos mistérios das nações pré-adâmicas, sob a autoridade de documentos inegavelmente autênticos. É um compêndio precioso, completo de doutrinas, artes, ciências, não só dos caldeus como também dos assírios e cananeus das idades pré-históricas. Os nabateus eram os caldeus adoradores das estrelas. A obra é uma segunda tradução do árabe para cuja língua foi, primitivamente, traduzida do caldeu.

Masoudi, o historiador árabe, fala destes Nabateus e explica a sua origem deste modo:

Depois do Dilúvio, as nações se instalaram em vários países. Entre elas estavam os Nabateus, que fundaram a cidade de Babilônia e eram os descendentes de Cam, que se estabeleceram na mesma província sob o comando de Nimrod, o filho de Cush, filho de Cam e neto de Noé.

Estes dados coincidem com os de Moisés no Gênese, onde se lê: Noé viveu 950 anos; 350 depois do dilúvio (Gênese, 9, 29).

O autor sustenta, com provas internas e externas, que o original caldeu foi escrito e tomado dos discursos e ensinos orais de um rico proprietário da Babilônia, chamado Qütâmy, que tinha usado para estas conferências materiais ainda mais antigos, cujas doutrinas foram ditadas, originalmente, por Saturno à Lua, que as comunicou ao seu ídolo, e este as revelou ao seu adorador, o escritor Qütâmy, o Adepto que escreveu aquela obra.

Os detalhes dados pela Deidade em benefício e instrução dos mortais apresentam períodos de duração incalculável e uma série de reinos e dinastias inumeráveis, que precederam a aparição de Adami (a terra-vermelha) sobre a Terra.

Note-se que a revelação a um Adepto, pelo ídolo da Lua, que a recebeu de Saturno, é a mesma usada por Davi, Saul e os sumos sacerdotes do Tabernáculo judeu, por meio dos Teraphim.

Os Nabateus, segundo o Yezidi persa, vieram de Busrah a Síria; eram membros de uma Fraternidade Oculta, e sua religião era puramente cabalística. Nebo é a Deidade do Planeta Mercúrio, e este é o Deus da Sabedoria.

Nebo, o Deus da Sabedoria mais antigo da Babilônia e da Mesopotâmia, era idêntico ao Buda hindu e ao Hermes dos gregos. Nebo era o "inspetor" entre os sete deuses dos planetas. Moisés morreu e desapareceu no monte Nebo; isto mostra que era um Iniciado.

O templo planetário de Babilônia tinha o seu Sanctus Sanctorum, no santuário de Nebo, o deus profeta da Sabedoria.

Nebo é como Buda, um criador da Quarta Raça, como também da quinta; pois o primeiro dá lugar a uma nova Raça de Adeptos, e o segundo à dinastia Soli-Lunar ou os homens destas Raças e Rondas. Ambos são os "Adãos" de suas respectivas criaturas. Adão-Adami é uma personificação do Adão dual, o Adão Kadmon paradigmático, o Criador, e do Adão inferior, o terrestre, o qual, segundo os cabalistas sírios, só tinham Nephesh, o alento de vida, porém sem nenhuma "Alma vivente", até depois de sua queda. As doutrinas de Qütâmy, o caldeu, são a interpretação alegórica da religião das primeiras nações da Quinta Raça.

Adão-Adami era uma forma de um símbolo universal que se refere, até entre os judeus, não a um só homem, mas a quatro distintas humanidades da espécie humana.

Os Cabalistas ensinam que o Primeiro é o Santo Adão Perfeito, "uma sombra que desapareceu" (os Reis de Edom), produzido da divina Imagem; o segundo é o Adão Andrógino Protoplásmico do Adão terrestre futuro e separado; o terceiro Adão é o homem feito de pó, o primeiro Adão inocente, e o quarto é o suposto antepassado de nossa Raça, o Adão Caído.

Este é o que possui o poder animal da reprodução das espécies; é a Raça-Raiz humana. Para os ocultistas orientais a relação sexual é considerada como um "Karma" do homem, ainda dominado pela Ilusão e que ele perde quando adquire a sabedoria.

O "SANTO DOS SANTOS" Sua Degradação

0 Adytum ou Sanctus Sanctorum dos antigos, o recinto no extremo ocidental do Templo, fechado por três lados por paredes em branco, e cuja abertura ou porta, coberta com uma cortina, era comum a todas as nações antigas. No Adytum havia um sarcófago no qual estava o Deus Solar, ao qual o templo estava consagrado, e que, como panteístas que eram, conservavam com a maior veneração. Era o símbolo da ressurreição cósmica, solar, diurna ou humana. Abarcava a vasta extensão dos Manvântaras periódicos ou o novo despertar do Cosmos, da Terra e do homem, a novas existências.

A Arca ou Argha dos Mistérios, em forma de nave, a Arca da Aliança judia, tinha o mesmo significado: simbolizava a Matriz da Natureza e a ressurreição guardando o germe da criação.

As quatro letras místicas do nome de Jeová (Jehovah), a saber: Y, H, V, H, significam: Y, membro viril; H, a matriz; V, um garfo, gancho ou cravo. 0 total formava o emblema ou símbolo perfeito bissexual ou macho-fêmea. A dança que Davi executou em torno da Arca era a dança do círculo, que se diz foi prescrita pelas Amazonas para os Mistérios. Era a dança das filhas de Silo, característica do culto sabeu, pois representava o movimento dos planetas em torno do Sol. Esta dança parecia um frenesi báquico.

A Arca na qual se conservam os germes de todas as coisas vivas, necessárias para voltar a povoar a Terra, representa a sobrevivência da Vida e supremacia do Espírito sobre a Matéria, no conflito dos poderes opostos da Natureza.

A Câmara do Rei, na Pirâmide de Quéops, é um Sanctus Sanctorum egípcio. Nos dias dos Mistérios da Iniciação, o candidato, que representava o Deus Solar, tinha que descer dentro do Sarcófago e representar o raio vivificador penetrando na matriz fecunda da Natureza. Ao sair na manhã seguinte, tipificava a ressurreição da Vida, depois da mudança chamada Morte. Nos Grandes Mistérios a morte figurada durava dois dias, levantando-se com o Sol na terceira manhã.

Há na índia a Vaca de Ouro, pela qual tem de passar o candidato ao Bramanismo, se deseja ser um brâmane ou "nascido pela segunda vez".

Entre os gregos a "Argha" em forma de meia Lua era o tipo da Rainha do Céu, ou Diana, ou a Lua. Era a Grande Mãe das existências, como o Sol era o Pai. O Sol, a Lua e Mercúrio constituíram a primeira trindade egípcia personificada em Osíris, Ísis e Thoth. Astoreth é um símbolo impessoal da Natureza, o barco da Vida que leva os germes de tudo através do oceano sideral sem limites. A palavra arcano, oculto, deriva de arca, "segredo".

A coluna e o círculo (10) que era para Pitágoras o número perfeito contido na Tetraktys, converteu-se mais tarde em número completamente fálico para os judeus, para os quais é o Jeová macho e fêmea.

É preciso notar que o fundamento esotérico do sistema usado na construção da Grande Pirâmide, as medidas arquitetônicas empregadas no Templo de Salomão, na Arca de Noé e na Arca da Aliança, são os mesmos.

Nenhuma Deidade apresenta tanta variedade de etimologia como IAHO; Fílon de Biblos o escreve em letras gregas IEVO; os samaritanos o pronunciavam Iabé (YAHVA), e os judeus, IAHO. Moisés chamou a Deus IAO.

Moisés, antes de sua iniciação por Jethro, nunca tinha conhecido a palavra Iao. Aliás Moisés era um Iniciado e, portanto, um asceta, um Nazar, e nunca pôde casar-se. O seu casamento com Séfora é uma alegoria com o resto. Zipporah, a resplandecente, é uma das ciências Ocultas personificadas, dada por Jethro, o sacerdote iniciador de Midian, a Moisés, seu discípulo egípcio. O poço onde se sentou Moisés, em sua fuga do Faraó, simboliza o poço do conhecimento.

Brahman (neutro) que confundem com tanta ligeireza com Brahmâ (masculino) é chamado o Kâla Hansa, ou Cisne da Eternidade, e o significado esotérico de Ahamsa se expõe como "Eu sou Ele", sendo So-Ham igual a Sah, "Ele", e Aham "Eu"; um anagrama e permutação místicas.

É também o Brahmâ de quatro faces (o cubo perfeito), formando-se dentro do círculo infinito e dele mesmo.

Jeová está relacionado com todos os demais criadores ou Geradores solares e lunares, especialmente com o rei Soma ou Deus Lunus.

Diz a Bíblia: "Deus criou o homem à sua própria imagem, macho e fêmea os criou: o Adão Kadmon andrógino". Este nome cabalístico não é o de nenhum homem vivente nem de um ser divino ou humano, mas o dos sexos ou órgãos da procriação, chamados em hebreu Sacr' e N'cabvah; sendo estes dois, portanto, a imagem sob a qual o Senhor Deus aparecia, geralmente, ao seu povo escolhido. Adão é, pois, num sentido, Jeová.

Quando Moisés foi instruído pelo Senhor sobre a sua missão, o nome de poder que assumiu a Deidade é "Eu sou o que sou", cujo número é 345.

Isto se relaciona com a descida do Fogo sobre o Monte para fazer o Homem. O Sanctus Sanctorum dos cabalistas, ou rabínico, é um símbolo internacional e de propriedade comum. Os levitas meio iniciados deram-lhe outro significado deturpado.

Para os hindus e egípcios antigos, o espírito da interpretação é metafísico e psicológico; para os hebreus era realista e fisiológico. Assinalava a primeira separação sexual da Raça Humana. Eva dando à luz Caim-Jeová, a consumação da união e concepção fisiológica terrestre se fez como na alegoria de Caim derramando o sangue de Abel, sendo este Habel o princípio feminino, e o parto e processo que começou na Terceira Raça com os três filhos de Adão, Seth, com cujo filho Henoch, os homens principiaram a chamar-se Jeová, isto é, seres machos e fêmeas.

Entre os antigos árias o significado oculto era grandioso, sublime, e poético. O homem curvado à entrada do Sanctus Sanctorum, pronto a passar pela matriz da Mãe Natureza, entre os semitas, significava a queda do Espírito na Matéria, arrastando a Deidade ao nível do homem.

Carlyle, referindo-se aos indo-árias diz que foi o povo mais metafísico e espiritual da Terra, e para ele a religião foi sempre uma estrela guia que brilha tanto mais quanto mais escura é a noite que a cerca.

Os indo-árias têm quase um milhão de anos de idade, enquanto os hebreus semitas, pequena sub-raça, contam apenas 8.000 anos de idade.

Houve um tempo em que os israelitas tiveram um culto tão puro como o dos árias; agora o judaísmo, baseado só no culto fálico, converteu-se numa das últimas crenças da Ásia.

A índia tem no Lótus Sagrado o mesmo símbolo do Sanctus Sanctorum, pois o Lótus, ao crescer na água, sendo um símbolo duplo feminino, o portador de sua própria semente, a raiz de tudo, tem o mesmo significado.

Viraj e Horas são ambos símbolos masculinos, emanando da natureza andrógina (um de Brahmâ e seu duplo feminino Vach e outros de Osíris e de Ísis), nunca do Deus Uno Infinito.

No Hinduísmo o Sanctus Sanctorum é uma abstração universal, cujas personificações são o Espírito Infinito e a Natureza. No Judaísmo é um Deus pessoal exterior a essa Natureza e a Matriz humana, Eva, Sara etc.

Assim como o Lao dos Mistérios era distinto de Jeová, o Iao e "Abraxas" posterior, de algumas seitas gnósticas, eram idênticos ao Deus dos hebreus e do Horus egípcio. Isto está provado nas jóias pagas e gnósticas cristãs, com seus símbolos representativos.

Quem era Abraxas?

Era o Deus Mitra, regente do ano desde os tempos mais primitivos sob o nome de Iao. Assim, era o Sol sob um aspecto e a Lua sob outro, essa mesma Deidade Geradora que os gnósticos cultuavam.

O MITO DOS ANJOS CAÍDOS, EM SEUS VÁRIOS ASPECTOS

O Espírito do Mal; Quem e Que é?

A Igreja Romana impõe a crença num Deus pessoal e num demônio pessoal, ao passo que os ocultistas mostram a falsidade dessas crenças. Os ocultistas consideram a Natureza Física como um feixe das mais variadas ilusões no plano das percepções enganosas (Maia), uma série de graus para uma perfectibilidade sempre crescente e visível na influência silenciosa do infalível Karma ou Natureza Abstrata, a Grande Mãe dos ocultistas.

A paralisação e a morte é o futuro de tudo o que vegeta sem mudança.

Desgraçados dos que vivem sem sofrer; como pode haver uma mudança para melhor, sem o sofrimento proporcionado no grau precedente?

Se os sábios medievais não tivessem tomado a idéia fundamental da antigüidade, seus teólogos não teriam desfigurado, astutamente, os caracteres originais, pervertendo o significado filosófico e aproveitando-se da ignorância da cristandade, resultado de longo período de sonhos mentais para confundir os símbolos, transformando-os, como alter-Ego, no grotesco Satã de sua teologia.

Os judeus são uma raça artificial ária, nascida na índia e pertencente à divisão caucásica. Têm a mesma origem dos armênios e parses.

Dos sete tipos primitivos da Quinta Raça só restam, hoje, três: os caucásicos da Europa, os mongóis da Ásia e os etíopes da África; todos os demais tipos podem classificar-se num destes grupos. 0 culto secreto e esotérico dos judeus era o mesmo Panteísmo que se reprova hoje na Vedanta.

Os judeus bíblicos de hoje não datam de Moisés, mas de Davi, mesmo admitindo a identidade dos documentos antigos e genuínos com os posteriores mosaicos reformados. Antes daquele tempo, sua nacionalidade se perde nas névoas da obscuridade pré-histórica. Os Textos Elohíticos foram escritos 500 anos depois de Moisés, e os Jeo-víticos, 800 anos, de acordo com a cronologia bíblica.

No Talmude, Satã é um deus a quem até mesmo o Senhor teme, o que mostra, claramente, que este personagem é, simplesmente, a personificação do Mal Abstrato, o qual é a arma da Lei Kármica. É a nossa natureza e o homem mesmo.

É um fato conhecido dos simbologistas eruditos que, em todas as grandes religiões da antigüidade, o Logos-Demiurgos (o Segundo Logos), a primeira emanação da Mente (Mahat) é o que dá a correlação

da Individualidade com a Personalidade no esquema seguinte da evolução.

Ferouer é a potência espiritual, imagem, face e guardiã ao mesmo tempo da Alma, a qual se assimila, finalmente, ao Ferouer.

São Miguel, o Ferouer de Cristo, traduz o mundo invisível ao visível e objetivo. Daí os mesmos títulos dados a Deus e ao Arcanjo. Ambos são chamados Metatron; são o Anjo e a Face.

Ferouer, Fravarshi e o Homem Interno são a mesma coisa; é o Ego que se reencarna, que existia antes do corpo físico e que sobrevive a todos os corpos de que se reveste. É, portanto, a contraparte espiritual de todo o Deus, animal, planta e até elemento, isto é, a parte mais refinada e pura de toda a criação densa, a alma do corpo, a essência impessoal e verdadeira da Deidade, uma com Âtma (Cristo).

Vamos dragar os rios do passado para trazer à superfície a idéia fundamental que conduziu a transformação do Deus da Sabedoria, considerado primeiro como o deus criador de tudo o que existe, num anjo do Mal, um ridículo bípede, chifrudo, meio bode meio mono, com patas e rabo...

O mito do Diabo cristão foi roubado da mitologia caldeu-judia, e baseia-se no conceito arcádio dos Poderes cósmicos, o Céu e a Terra em luta com o Caos. Para as nações semitas, o Espírito da Terra era tanto o criador em seu próprio reino como o Espírito dos Céus; irmãos gêmeos de funções intercambiáveis, dois em um.

Miguel é o anjo da visão de Daniel, o filho de Deus que era semelhante ao filho do Homem. É o Cristo-Hermes dos gnósticos. Este é um plágio legendário. Revendo as provas do Livro de Enoch, de um manuscrito etíope da Biblioteca Bodleiana (Oxford), o editor diz: "... a semelhança do Livro de Enoch com o Novo Testamento é impressionante. Até a parábola da ovelha salva pelo Bom Pastor foi tomada, pelo quarto evangelista, de Enoch. Judas cita ao pé da letra uma longa passagem de Enoch, acerca da vinda do Senhor com os seus 10.000 santos. O plágio culmina no Apocalipse de São João."

Ora, o Livro de Enoch é antediluviano ou copiado de documentos religiosos pré-históricos. O Veda dos primeiros Ários, antes de ser escrito, foi comunicado a todas as nações dos Lemuro-Atlantes e foi a semente de todas as religiões antigas, agora existentes.

Os ramos da "Árvore da Sabedoria" espalharam suas folhas mortas sobre o judeu-cristianismo. No fim do Kali-Yuga, nossa Idade presente, Vishnu, o Rei Imperecível, aparecerá como Kalki, e restabelecerá a justiça sobre a Terra. As mentes dos que então vivam serão despertadas e se converterão em diáfanas como o cristal (Sexta Raça).

Estas serão as sementes de outros seres humanos e darão nascimento a uma Raça que seguirá as leis da Idade da Pureza, isto é, a Sétima.

OS DEUSES DA LUZ PROCEDEM DOS DEUSES DAS TREVAS

Ficou estabelecido que o Cristo, o Logos, ou Deus no Espaço e o Salvador da Terra, é só um dos ecos desta mesma Sabedoria ante-diluviana.

Sua história principia com a descida dos deuses sobre a Terra, encarnando-se na humanidade.

Uma vez tocando este planeta de matéria densa, as níveas asas dos anjos, ainda os mais elevados, não podem continuar sendo imaculados nem perfeitos, pois cada um dos anjos é a queda de um Deus na geração.

Os Vedas serão sempre o espelho da Sabedoria Eterna.

Durante dezesseis séculos, as máscaras postas sobre as faces dos deuses antigos, ocultaram-nos à curiosidade pública. Entretanto estas metáforas conduziram a Humanidade ocidental por caminhos que a mergulharam em sangue até os joelhos. O pior de tudo é que acabaram acreditando no dogma do Espírito Maligno distinto do Espírito de Bondade, no inferno e na condenação eterna, estendendo, assim, um espesso véu sobre as intuições superiores do homem e das verdades divinas.

A filosofia dessa Lei da Natureza que implanta no homem, assim como em todos os animais, um desejo instintivo inerente e apaixonado de liberdade e direção própria, pertence à Psicologia.

É melhor ser homem, coroa da produção terrestre e rei sobre seu opus operantum, do que estar confundido no céu com as hostes espirituais sem vontade.

Em todas as Cosmogonias antigas a Luz vem da Obscuridade. No Egito, como em outras nações, a obscuridade foi o Princípio de todas as coisas. Daí que o Pensamento Divino saia como a Luz das Trevas. É o princípio maior dos caminhos de Deus. Os "Filhos do Celeste Império" (China) têm uma literatura sobre a rebelião contra "Ti" de um Espírito orgulhoso que dizia que ele era o mesmo "Ti", e foram desterrados à Terra sete coros de Espíritos Celestiais, o que trouxe uma mudança em toda a Natureza, o mesmo céu inclinando-se e unindo-se à Terra.

Uma noite as estrelas deixaram de brilhar na obscuridade e a abandonaram, caindo como chuva na Terra, onde agora se acham ocultas.

Estas estrelas são as Mônadas. As Cosmogonias chinesas têm o Senhor da Chama e sua Virgem Celestial, com pequenos espíritos que a ajudam e servem assim como Espíritos grandes para lutar contra os inimigos de outros deuses.

A queda dos anjos (atribuída simplesmente à encarnação dos Anjos que tinham atravessado os sete Círculos) se encontra no Zohar.

A Filosofia esotérica ensina: "a Causa Incognoscível não produz a evolução, seja consciente ou inconscientemente, mas exibe periodicamente aspectos diferentes de Si mesma para a percepção das Mentes finitas".

A "Mente Coletiva" (Mente Universal), composta de inumeráveis Hostes de Poderes Criadores, por mais infinita que seja no Tempo Manifestado, é, sem dúvida, finita quando se compara com o Espaço "Não-Nascido" e Imarcescível em seu aspecto essencial supremo. O que é finito não pode ser perfeito e, portanto, entre estas Hostes há seres inferiores, porém nunca houve demônios pela simples razão de que todos estão regidos pela Lei. Os Asuras, que encarnaram, seguiram, com isto, uma Lei tão implacável como outra qualquer.

Eles tinham se manifestado antes que os Pítris, e como o Tempo (no Espaço) procede por ciclos, sua vez tinha chegado.

Os Elohim hebreus, chamados Deus nas traduções, que criaram a Luz, são idênticos aos Asuras ários.

Os primeiros mazdeístas não acreditavam que o Mal ou as Trevas fossem coeternos com o Bem ou a Luz. Ahriman é a Sombra manifestada de Esura Mazda saído de "Zeruana Akerne", o Círculo do Tempo sem limites ou Causa Desconhecida. Sua Emanação Primordial é a Luz Eterna, a qual, por estar previamente oculta nas Trevas, foi chamada à manifestação, e assim formou-se Ozmuzd, o Rei da Vida. É o Primogênito no Tempo sem Limites, mas o mesmo que seu ante-tipo, viveu dentro das trevas por toda a eternidade.

Os seis Ameska Spentas, sete contando com ele mesmo, o chefe de todos os anjos e homens espirituais primitivos são coletivamente seu Logos.

Eles criaram o mundo em seis dias e descançaram no sétimo; porém na Filosofia esotérica esse sétimo é o primeiro período ou "Dia" da chamada Criação Primária, na Cosmogonia ária. Este Aeon intermediário é o Prólogo da Criação que se acha nas fronteiras entre a Causação Eterna Incriada, e os efeitos finitos produzidos, um estado de atividade e energia nascentes como primeiro aspecto do Repouso Imutável e Eterno.

Os "sete círculos" são os sete planetas e planos, como os sete Espíritos Invisíveis, nas esferas angélicas cujos símbolos visíveis são os sete planetas. São os eternos sustentadores desta vida luminosa que existe detrás de todo o fenômeno.

O Pensamento — o Divino — que é Luz e Vida, produziu por meio de sua Palavra o primeiro aspecto de outro Pensamento operador, o qual, sendo o Deus do Espírito e do Fogo, construiu sete Regentes, que encerravam em seu círculo o mundo dos sentidos, chamado destino fatal.

As Sete Hostes são os que, tendo considerado em seu Pai (Pensamento Divino) o plano operador, desejaram construir o mundo com

suas criaturas do mesmo modo, pois, tendo nascido dentro da esfera de operação — o Universo Manifestado (tal é a Lei manvantárica) — eram os irmãos dos Anjos Primordiais, os Filhos de Deus, dos quais um era Satã.

Estes Anjos das Trevas (Luz Absoluta) eram de grande espiritualidade; por sua proximidade do Absoluto, são os Primogênitos, e não podiam criar coisas corporais, materiais e, portanto, se diz que recusaram criar.

Há um princípio científico que diz: "Se dois sons da mesma intensidade se encontram, o choque produz um som quatro vezes mais intenso, ou um silêncio absoluto".. Talvez neste princípio se baseie o mistério da criação.

A Luz produziu vários seres, todos eles espirituais, luminosos e poderosos. Porém um Grande Ser — Ahrimam, Lúcifer — teve um mau pensamento contrário à Luz, duvidou e, por isto, converteu-se em obscuro, explicam os Magos orientais. Isto se aproxima da verdade; não houve nenhum mau pensamento que originasse o poder contrário, mas simplesmente o Pensamento per se; algo que, sendo reflexivo e contendo desígnio e objeto é, portanto, finito e tem por isso de estar em oposição ao puro repouso, estado natural da Perfeição e da Espiritualidade Absoluta. Foi, simplesmente, a Lei da Evolução que se afirmou, o progresso do desenvolvimento mental, diferenciado do Espírito, envolvido e colhido pela Matéria para a qual é atraído de modo irresistível.

As idéias em sua própria natureza e essência, como conceitos que têm relação com objetos, sejam verdadeiros ou imaginários, são opostas ao Pensamento Absoluto, esse Incognoscível de cujas misteriosas operações nada se pode dizer.

O Zohar expõe do seguinte modo: "Quando o Logos desejou criar o homem, chamou a Hoste de Anjos mais elevada e lhe disse o que queria; porém eles duvidaram da Sabedoria deste desejo, e responderam: "o homem não se manterá uma noite em sua gloria", pelo que foram aniquilados pelo "Senhor Santo".

Então chamou outra Hoste menos elevada e lhe disse o mesmo; porém também essa contradisse o Santo Único. "Que há de bom no Homem?" foi a pergunta. Sem dúvida Elohim criou o homem e quando este pecou, vieram as Hostes de "Uzza" e "Azael", e inculparam a Deus: "Eis o filho do Homem que fizeste", disseram. "Olha como pecou". Então, o Santo Único respondeu: "Se estivésseis entre os homens teríeis sido pior que eles" e os arrojou de sua exaltada posição no Céu para a Terra, e transformaram-se em homens.

Isto significa que os Anjos condenados à encarnação se encontram nas cadeias da carne e da matéria, na obscuridade da ignorância até o Grande Dia, que virá depois da Sétima Ronda.

Metafisicamente, o Pai e o Filho são a Mente Universal, e o Universo periódico; o Anjo e o Homem, é o Filho e o Pai ao mesmo tempo;

a idéia ativa e o Pensamento passivo que o gera; a tonalidade radical da Natureza que produz as sete notas, a escala setenária (Forças Criadoras) e os sete aspectos prismáticos da cor, todos nascidos do Raio Branco ou Luz Gerada das Trevas.

OS MUITOS SIGNIFICADOS DA GUERRA NOS CÉUS

A Doutrina Secreta assinala como um fato evidente que a Humanidade, coletiva e individualmente, é, com toda a Natureza manifestada, o veículo do Alento de um Princípio Universal em sua diferenciação primária.

Também dos alentos inumeráveis, procedentes daquele Alento único em suas diferenciações secundárias e sucessivas, à medida que a Natureza com as suas muitas humanidades procede, descem aos planos que vão aumentando sempre em materialidade. O Alento Primário anima as Hierarquias Superiores, o secundário as inferiores nos planos descendentes. Esta foi uma crença universal entre as antigas Raças.

Há na Bíblia passagens que comprovam isto; Ezequiel (XXVIII), Isaías (XIV). Em Ezequiel se lê: "Filho do Homem, dize ao Príncipe de Tiro, assim diz o Senhor Deus (Karma), porque teu coração se envaideceu e tu disseste 'Eu sou um Deus', ainda que sejas um homem. Eu farei vir estrangeiros que te precipitarão no abismo (Terra)."

A origem do príncipe de Tiro devemos buscá-la entre as dinastias divinas dos Atlantes iníquos, os grandes Feiticeiros.

A voz do profeta (Voz do Senhor) é seu próprio Espírito, que nele falou. Estas são lembranças dos Atlantes, os Gigantes da Terra, não profecias. Isto se refere aos anjos caídos, pelo orgulho, formosura e sabedoria que possuíam. A voz continua dizendo: "Tu és o querubim ungido, andaste em cima e embaixo, no meio das pedras de fogo, perfeito desde que foste criado, portanto arrojo-te da montanha de Deus e destruo-te."

A montanha de Deus era o monte Atlas, da Quarta Raça, a última forma de um Titã divino, símbolo esotérico dos Atlantes com as suas sete sub-raças: as sete filhas, as "Atlântidas".

Quase todos os reis antigos eram Iniciados da senda da Esquerda ou da Direita. Por aí se vê que Ezequiel se referia à terra dos Atlantes e seus povos.

Toda a história desse período está alegorizada no Ramayama, que é o retrato místico, em forma épica, da luta entre Rama (primeiro Rei da dinastia Divina dos Árias primitivos), e Ravana, a personificação simbólica da Raça Atlante (Lanka).

Os primeiros eram a encarnação dos deuses solares; os segundos, os devas lunares. Esta foi a grande batalha entre o Bem e o Mal pela supremacia das forças divinas sobre os poderes terrestres inferiores e cósmicos. No Mahabharata o brâmane diz à esposa:

Eu percebi por meio do Eu a sede que está no Eu, onde mora o brâmane livre dos pares de opostos; e a Lua juntamente com o Fogo (o Sol), sustentando todos os seres como propulsor do princípio intelectual. A Lua é a deidade da mente (Manas) só no plano inferior. Manas é duplo: lunar em sua parte inferior e solar na superior.

Em seu aspecto superior é atraído para Buddhi, e no inferior escuta a voz da Alma animal, cheia de desejos egoístas e sensuais, e aí está contido o mistério da vida do Adepto e do profano.

A "Alma" principal é Manas, a Mente. Nos Vedas e Puranas se menciona Buda, o Sábio instruído na Doutrina Secreta, o qual é o planeta Mercúrio em sua evemerização. Buda não pode ser uma ficção dos brâmanes, mas uma personificação antiquíssima. Investigando a sua teogonia se descobre o seguinte: "Como mito, é o filho de Tara, a esposa de Brihaspati (Júpiter), o da cor do ouro, e de Soma (Lua), que arrebata Tara de seu esposo. Origina-se daí uma grande guerra no céu entre os deuses e os Asuras. Soma encontra aliados em Usharas (Vênus), o chefe dos Danavas e os deuses chefiados por Indra e Rudra lutam com Brihaspati que é apoiado por Shankara (Shiva), que foi discípulo de Áugiras, pai de Brihaspati. Indra é o protótipo de São Miguel, o matador do Dragão.

O Regente do planeta Júpiter é Brihaspati, o esposo prejudicado; é o instrutor dos deuses representantes dos poderes criadores. Tara, sua esposa, é a personificação dos poderes dos Iniciados em Gupta Vidya (conhecimento secreto). Soma é a Lua; é, também, uma bebida sagrada dos brâmanes e Iniciados, tomada durante os mistérios e rituais de sacrifício. Só os descendentes dos Rishis conheciam todos os seus poderes (a propriedade real de Soma era fazer um novo homem do Iniciado, depois que renasce no seu corpo astral). Tomando o Soma, o Iniciado remontava às regiões etéreas elevadas, converten-do-se em um com os Deuses e conservando a recordação do que via e aprendia, pois a sua natureza espiritual, superando a física, logo se desfazia desta.

Como Tara era a esposa de Brihaspati, Soma rouba-a, iniciando-a em seus mistérios, e o resultado é o nascimento de Buda (Sabedoria Esotérica), que é o mesmo Hermes ou Mercúrio.

Os Asuras são os deuses da Sabedoria Secreta, espirituais e divinos; são os filhos do Alento Criador Primordial, no princípio de cada Manvântara. Ushanas é a Hoste do planeta Vênus, convertida, agora, em Lúcifer.

Os Serafins, seres semidivinos, com face humana e corpo de dragão, são como os Querubins, imagens das Hostes Celestiais (os Iniciados).

Afirmamos sem temor que, qualquer que seja o significado desta lenda universalmente admitida, seu aspecto humano está baseado em sucessos reais históricos, desfigurados e convertidos, depois, em dogmas teológicos para servir a fins eclesiásticos.

Rudra foi um grande Yogue, o antepassado de todos os adeptos e um dos maiores reis das Dinastias Divinas. É o Deus do Tempo Saturno-Cronos, como o demonstra o seu tambor em forma de ampulheta. "Como é em cima, assim é embaixo". Este axioma oculto nos mostra a analogia dos fenômenos siderais e a conduta dos corpos celestes nos Céus, tomados como modelos do plano executado aqui na Terra... Por isso o Espaço, num sentido abstrato, foi chamado "o reino do conhecimento divino", e pelos caldeus e Iniciados, Ab Soo, a morada (a fonte) do conhecimento, porque no Espaço moram os Poderes Inteligentes que de um modo invisível governam o Universo.

Analogamente, no Oceano Superior ou plano do Zodíaco, num reino desta Terra, um mar interior foi consagrado e denominado o Abismo da Sabedoria; neste, doze centros em forma de doze ilhas pequenas, representando os signos do Zodíaco, eram as mansões de doze Hierofantes e Mestres da Sabedoria. Este Mar da Sabedoria permaneceu durante idades onde agora se estende o deserto de Gobi ou Shamo. Existiu até o último grande período Glacial, em que um cataclismo local deslocou as águas para o Sul e Oeste, formando o grande deserto, hoje desolado, e ficando, apenas, certo oásis com um lago e uma ilha no meio dele como relíquia do Anel Zodiacal na Terra.

O dogma mais temido do Catolicismo, o alfa e o Omega da crença cristã, e a coluna de sua Queda e da Redenção, se reduz a um símbolo pagão, nas inúmeras alegorias destas lutas pré-históricas.

A grandiosa descrição que faz Milton da batalha de três dias entre os Anjos da Luz e os das Trevas justifica a suspeita de que tenha tido conhecimento da tradição oriental correspondente, ou tenha estado em relação com algum Iniciado místico, ou então, por meio de alguém que tinha acesso à Biblioteca do Vaticano. Aí existe uma tradição, referente aos Beni Shamash, os "Filhos do Sol", que se relaciona com a alegoria oriental e detalha minuciosamente em sua tríplice versão os escritos do Livro de Enoch.

0 Antigo Dragão e Satã, que sós ou coletivamente se converteram, agora, em símbolos e termos teológicos dos "Anjos Caídos", não se acham, assim, descritos na Cabala original (o Livro dos Números, caldeu), nem na moderna.

Eliphas Levi, o maior e o mais erudito cabalista moderno, descreve Satã nos seguintes termos: Esse é o Anjo que foi bastante orgulhoso para crer-se Deus; bastante valente para comprar a sua independência ao preço do sofrimento e das torturas eternas; bastante formoso para adorar-se a si mesmo na plena Luz Divina; bastante forte para reinar, ainda, nas Trevas em meio às agonias e construir um trono de sua pira inextinguível. Ê o Satã do Milton republicano e herético... O príncipe da Anarquia, servido por uma hierarquia de puros Espíritos.

Esta apoteose do sacrifício próprio pela independência intelectual da humanidade, esta sempre ativa energia protestando contra a inércia estática, é o princípio cuja afirmação de Si se considera um crime, e

odioso o Pensamento, à Luz do Conhecimento. Elifas Levi era demasiado obediente às autoridades eclesiásticas para confessar que este Demônio era a Humanidade, e que nunca existiu na Terra fora dessa humanidade.

A Teologia esqueceu a faculdade humana de discernimento e análise, a que submete tudo o que se lhe obriga a reverenciar.

Entre os Anjos obedientes e os caídos não há diferença alguma, exceto em suas funções, isto é, a inércia de uns e a atividade de outros.

Satã é a sombra necessária para destacar a Luz pura, que seria invisível e incompreensível sem o seu oposto, a sombra.

Para os Iniciados o Demônio não é uma pessoa, mas uma força criadora do Bem e do Mal, a Natureza.

A Luz astral dos Cabalistas é idêntica ao Lúcifer dos católicos.

A História mostra que em todas as raças e até tribos, especialmente nas nações semitas, há o impulso natural de exaltar a sua própria deidade tribal sobre todas as outras, e prova que o Deus dos israelitas não era mais que um destes deuses tribais, um deus entre deuses.

Quando surgiu Jesus de Nazaré, a Igreja, ignorando a simbologia do Antigo Testamento e a conotação do nome Jeová (Jehovah) — nome secreto, substituto secreto rabínico do nome "Inefável" e "Impronunciável" — confundiu a sombra fabricada com a realidade, o símbolo gerador antropomorfizado com a realidade ou Causa de Tudo, o sempre Incognoscível.

Como conseqüência, a Igreja teve de criar, para fins de dualidade, um Demônio antropomórfico, Satã.

Admitindo, com Jeová, a existência de outros deuses que eram personificações do Deus Uno, eram estes deuses simplesmente uma classe de espíritos personificadores mais elevados, que tinham adquirido e exercido grandes poderes? A personificação é a chave do mistério do estado de espírito, e assim sendo, como podemos saber que Jeová não era um espírito personificador, um espírito que se chamava a si mesmo "Deus", e que, deste modo, se converteu na personificação do "Deus desconhecido e Incognoscível"?

Todos estes deuses são uma hoste, os Elohim.

Lúcifer (Luz Astral) é uma força intermediária que existe em toda a criação, serve para criar e para destruir. Toda a paixão sexual que domina nossos sentidos é um torvelinho desta Luz, que nos arrasta para o abismo da morte; sua natureza é o Fogo, cujo uso inteligente aquece e vivifica e cujo excesso dissolve e aniquila.

O Homem tem de dominar esta Luz Astral, conquistando, assim, a sua imortalidade; do contrário, será destruído, absorvido por ela.

A Alma Universal — o Pleroma — é o veículo da Luz, o receptáculo de todas as formas e, portanto, o mesmo Lúcifer Satã.

A Alma Universal, a Matriz do Universo, da qual nasce tudo o que existe, por separação ou diferenciação, é a causa da Existência.

Ela enche todo o Espaço infinito; é o Espaço mesmo e, por isso, tem o seu aspecto sombrio. A humanidade em suas unidades pode exceder os feitos desta Luz somente pela santidade de suas vidas, produzindo boas causas.

Na verdade, Lúcifer é o nome da entidade Angélica que preside à Luz da Verdade como à Luz do dia.

No grande evangelho valentiniano, Pistis Sophia, se ensina que dos três poderes tríplices, o de Sophia (Espírito Santo), o mais instruído de todos, reside no planeta Vênus ou Lúcifer.

Lúcifer é a Luz divina e terrestre, o Espírito Santo e Satã ao mesmo tempo, o Espaço invisível, verdadeiramente cheio invisivelmente com o Alento diferenciado. É a Luz Astral, os efeitos manifestados dos dois que são um, guiada e atraída por nós mesmos, é o Karma da Humanidade, entidade a um tempo pessoal e impessoal (por seus criadores divinos).

A Queda foi o resultado do conhecimento do homem, pois seus olhos foram abertos, Lúcifer se converteu, desde então, em sua mente ou Manas; é a própria consciência. Em cada um de nós existe, desde o nosso aparecimento na Terra, o dourado fio da vida contínua, periodicamente dividido em ciclos passivos e ativos, de existência sensível nesta Terra e supra-sensível no Devachan. É o Sutrâtma ou fio luminoso da Mônada impessoal e imortal, na qual se enfiam, como contas, nossas vidas terrestres ou Egos transitórios. Lúcifer, o portador da Luz, está, pois, em nós.

0 primeiro homem, Adão, só foi feito Alma Vivente; o último Adão foi feito espírito acelerador, diz São Paulo. Sem este espírito acelerador, Mente humana ou Alma, não haveria diferença entre o homem e o animal.

A arte da Magia divina está na faculdade de perceber a essência das coisas na Luz da Natureza, e usar os poderes da Alma para produzir coisas materiais procedentes do Universo invisível. O Espírito da Natureza é uma unidade que cria e forma tudo e que, atuando por meio do Homem, pode produzir coisas maravilhosas.

A Luz Astral é a Matriz do Universo, o Mistério Magnum, do qual tudo nasce por separação ou diferenciação. É a causa da Existência. Como finita que é, tem o seu aspecto sombrio. A humanidade mesma é quem determina a inevitável ação e reação do Grande Agente Mágico.

Satã, o Dragão ígneo Vermelho, Lúcifer, o Portador da Luz, está em nós: é nossa Mente, nosso tentador e nosso Redentor, nosso Salvador da pura animalidade. Todos os sete Deuses primordiais tinham um estado duplo, um essencial e outro acidental. No primeiro eram os construtores, modeladores e Regentes deste mundo e, no estado acidental, tomavam corpo visível, desciam à Terra e reinavam como

Reis e Instrutores das hostes inferiores, que haviam encarnado como homens.

Os beduínos sabeus invocam de noite, no deserto isolado, a Hoste estrelada do Céu. Os Yezidis, "Adoradores do Demônio", o Pavão de 100 olhos, emblema do orgulho e da Inteligência que foi expulso do Céu com Satã.

Os Gholaítas maometanos da Mesopotâmia Irania crêem na Luz dos Elohim. Assim a Filosofia Esotérica mostra que o homem é a verdadeira deidade manifestada em seus dois aspectos, bom e mau. Se o Logos, ou Deus, é o agregado daquela Hoste a um tempo divina, acusada de ter caído, naturalmente se seguiria que o Logos e Satã são o mesmo.

A Terra é o degrau inevitável na escada da Evolução Cósmica, Lei Kármica, altamente filosófica. O Verbo e Lúcifer são um, em seu aspecto dual. Na China encontramos a mesma tradição; Hang-Ti, o Grande Espírito, vê seus filhos, que tinham adquirido Sabedoria ativa, caírem no vale da dor. Seu Chefe, o Dragão Voador, tendo bebido a ambrosia proibida, caiu na Terra com toda a sua Hoste. No Zend-Avesta, Angra Maniyu (Ahrimam), rodeando-se dos Espíritos das Chamas, tenta conquistar o Céu, quando Ahura Mazda, descendo do Céu sólido em que habita para ajudar os mundos manifestados que giram, na luta com Ahrimam e os Devas vencidos, cai na terra com ele.

Os Devas que se encarnaram separaram-se de seu Pai (Essência), multiplicidade da Unidade e, por isso, se encarnam continuamente.

A resposta a estas verdades só se encontram no próprio coração, no santuário da intuição divina. É o sétimo grande Mistério da Criação, o primeiro e o último. Os antigos sacerdotes Iniciados nos mistérios da Natureza se viam obrigados a ocultar seus conhecimentos dos profanos, que deles teriam abusado.

PROMETEU, O TITÃ Sua Origem na índia Antiga

O nome de Prometeu tinha, na antigüidade, o significado maior e mais misterioso. Appolodorus diz: "Deucalião era o antecessor das Raças humanas, o filho de Prometeu."

Assim Prometeu é algo mais que arquétipo da humanidade: é seu gerador. Depois do dilúvio, Zeus ordenou a Prometeu e Atenas que produzissem uma nova Raça de homens do lodo deixado pelas águas do dilúvio.

O mesmo autor recorda a lenda de Phoroneu da Argólida, também um portador do Fogo à Terra, o primeiro homem, pai dos mortais.

Os nomes de Prometeu e Phoroneu têm vários significados esotéricos.

Ambos se referem aos sete fogos celestes. Agni, Abhimamim e seus três filhos e os quarenta e cinco destes, constituindo os 49 Fogos.

Baseando-se na analogia aparente de Prometeu com o Verbo, os antigos gregos viam nele o homem previsor que, a bem da simetria, se lhe acrescentou seu irmão Epitemeu (Aquele que toma conselho depois do processo).

O dom que Prometeu concedeu aos mortais foi o de impossibilitá-los de prever a morte, e só então lhes deu o Fogo.

Isto se refere ao despertar das primeiras percepções espirituais do homem.

O mito de Prometeu veio de Âriâvartha, talvez derivado do uso dos aranis produtores de fogo, por meio da fricção. Os manasa-devas dotaram o homem com a consciência de sua Alma imortal, e é essa consciência que impede o homem de "prever a morte" e lhe faz saber que é imortal. A Mônada do animal é tão imortal como a do homem, só que o animal não sabe disto.

Como recebeu Prometeu a chispa divina? Tendo o fogo sua fonte no céu, ele teria de ir buscá-lo lá para traze-lo ao homem e, para aproximar-se dos deuses, devia ser ele, também, um deus.

O fogo celeste pertencia só aos deuses; era um tesouro que vigiavam, ciumentamente. Sendo Prometeu filho do Titã Jápeto, que tinha se rebelado contra os deuses e fora precipitado no Tártaro, tinha que ser ele, também, um deus para aproximar-se dos deuses.

Um Titã é a representação de uma humanidade ativa, industriosa, inteligente e ambiciosa, que quer se igualar aos deuses. Prometeu é o amigo do homem que ele iniciou nas artes e na civilização. A assimilação da Alma humana a uma chispa celeste explica o poder criador do fogo. Se o símbolo devido à extensão gradual e irresistível das religiões exotéricas pode considerar-se como tendo uma significação sexual, isto não desfigura, de modo algum, a pureza original da imagem. O subjetivo foi transformado no objetivo. O Espírito caiu na Matéria.

0 Kâli Yuga começou no dia da morte de Krishna, há 5.000 anos.

O Espírito Divino da Vida está, constantemente, se unindo à Matéria.

Tudo o que tem forma e é manifestado foi formado macho e fêmea.

ENOICHION-HENOCH

Foi do Livro de Enoch que os cristãos primitivos tiraram as primeiras noções dos Anjos Caídos. Era um Livro Secreto e pertencia às bibliotecas dos templos sob a guarda dos Hierofantes.

Durante idades, o Enoichion, o "Livro do Vidente", foi conservado em Debir ou Kirjath-sephen, a cidade das letras.

Os Edris (Sábios) do Alcorão, os Iniciados, são (entre os egípcios) Thoth, o inventor das artes e das ciências; entre os judeus Edris se converteu em Enoch; na Grécia foi chamado Orfeu; mudando assim de nome em cada nação. Enoch é o sétimo Patriarca, Orfeu é o possuidor do Phorminx, a lira das sete cordas, o sétuplo mistério da Iniciação.

Thoth tem o disco solar de sete raios sobre a cabeça. Thoth Lunus é o deus setenário dos sete dias. Espiritualmente, Enoichion significa o "Vidente do Olho Aberto".

Josefo conta que Enoch ocultou seus rolos ou Livros sob as colunas de Mercúrio ou Seth, e logo descobriu que a Ciência estava escrita nas colunas de pedra. (Escrita pelos Hierofantes do Egito, os Filhos do Dragão.)

Estas colunas cobertas de hieróglifos foram copiadas e reproduzidas nos lugares mais recônditos dos templos secretos, e converteram-se na fonte da Sabedoria, herdada dos Atlantes, que as receberam da Terceira Raça (Reis Divinos). Enoch é um título genérico.

A Doutrina Secreta ensina que as Artes, As Ciências e a Teologia e, também, a Filosofia de todas as nações que precederam o último dilúvio universalmente conhecido (porém não universal), tinham sido registrados ideograficamente dos anais primitivos da Quarta Raça, que, por sua vez, os herdara da Terceira Raça antes da Queda alegórica. O Livro de Enoch é uma das cópias destas colunas. A morte fácil, ou eutanásia, tem um sentido esotérico e refere-se aos adeptos que alcançaram o poder que lhes permite morrer no corpo físico e continuar vivos, conscientemente, no corpo astral.

Judas, o apóstolo de Jesus, como também São João, citam o Livro de Enoch.

Bruce encontrou o Livro de Enoch na Abissínia e o trouxe para a Europa, onde o Bispo Laurence o traduziu. Enoch comunicou a Noé a ciência do cálculo astronômico; assim sendo, Enoch pertenceu ao ciclo da Quarta Raça ou Atlante. 0 Livro é um compêndio resumindo a história das Terceira, Quarta e Quinta Raças, um resumo retrospectivo e profético de sucessos universais e históricos. É citado em Pistis Sophia e no Zahar.

Orígenes e Clemente de Alexandria o tinham em alta conta. O Livro também descreve os mistérios da Iniciação.

A Igreja Católica declara apócrifo o Livro de Enoch. O doutor Hannbberg o coloca no mesmo nível do Livro dos Macabeus, e no topo de uma lista dos livros de maior autoridade mais próximos às obras canônicas. Foram dúzias de homens em todos os tempos e épocas, raças e nações, que escreveram este livro. Enoch era um termo que significava "Vidente", "Adepto da Sabedoria Secreta". Interpretado simbolicamente, Enoch é o tipo da natureza dupla do homem, espiritual

e física. Por isso ocupa o centro da Cruz Astronômica, a estrela de seis pontas ou Adonai.

A ordem na Natureza foi alterada na época do Dilúvio universal, como também a série de humanidades da Terra, segundo diz o Anjo Uriel a Enoch:

Olha, mostrei-te todas as coisas, ó Enoch! E todas as coisas te revelei; Tu vês o sol, a lua e os que conduzem as estrelas do céu, os quais fazem que se repitam todas as operações e estações. Nos dias dos pecadores os anos se encurtarão; a lua mudará suas leis...

A Terra já tinha se inclinado, o dilúvio era só questão de tempo... E uma nova Raça tinha de tomar o lugar da velha, que ia ser destruída. Os antigos conheciam muito bem a Astronomia, a Geognosia e a Cosmografia, talvez melhor que os modernos.

O nome secreto e sagrado e sua potência está bem claramente descrito nesse antiquíssimo livro, ainda que de modo alegórico.

O SÍMBOLO DOS NOMES DE MISTÉRIO, IAO E JEOVÁ EM SUAS RELAÇÕES COM A CRUZ E O CIRCULO

Orígenes, Clemente e os Rabinos afirmavam que a Cabala e a Bíblia eram livros secretos e velados. A idéia de se apresentar a Deidade oculta pela circunferência de um Círculo e o Poder Criador (macho e fêmea ou o Verbo Andrógino) pelo Diâmetro que o cruza, é um dos símbolos mais antigos existentes. Deste conceito básico surgiram todas as grandes Cosmogonias. Para os antigos árias, caldeus e egípcios, o símbolo era completo, pois encerrava a idéia do Pensamento Divino eterno e imutável em sua condição absoluta, totalmente separada do estado incipiente da chamada criação, e que compreendia a evolução psicológica e até espiritual, assim como a sua obra mecânica, ou construção cosmogônica. Somente nos seis primeiros capítulos do Gênese, no referido Livro de Enoch e no poema mal compreendido de Job, é onde se encontram, agora, os ecos verdadeiros da Doutrina Arcaica. A chave desta se perdeu entre os Rabinos mais instruídos, cujos predecessores mais antigos nos tempos medievais, por seu ódio ao cristianismo, deixaram-na no esquecimento para não compartilhá-la com os seus ferozes perseguidores. Guardaram o segredo da origem de seu Adão Kadmon, o Jeová macho e fêmea; e o novo tabernáculo resultou inadequado para o antigo Deus. A afirmação de que Jeová era o Deus de tribo dos judeus e nenhum outro superior será negada, como outras muitas coisas.

0 que têm a ver as nações árias com esta Deidade Semítica, o deus da tribo de Israel? Estes não são os deuses de Jesus. A pluralidade de mundos implica a pluralidade de deuses.

Os números do nome de Moisés são os de "Eu sou o que sou", de modo que os nomes de Moisés e Jeová estão em harmonia numérica.

Os simbologistas descobriram, com espanto, que sua Deidade aceita só era uma máscara de muitos outros deuses, um planeta extinto e evemerizado, o Gênio da Lua e de Saturno para os judeus.

Mercúrio é o Cristo dos gnósticos e o Sol é Bel dos galos; Hélios entre os gregos, Baal entre os fenícios, El entre os caldeus, e daí Elohim, Emanuel e El "deus" em hebreu. Pareceria natural fazer uma distinção entre o Deus do mistério, Iao, conhecido da mais remota antigüidade por todos os que participavam dos conhecimentos esotéricos e de seus duplos tratados com tão pouca reverência pelos ofitas e gnósticos.

Nas jóias ofitas o nome de Iao ou Jaho é confundido com o de Ievo, enquanto que este só representa um dos Gênios antagônicos de Abraxas.

O nome de Iao não teve origem entre os judeus, nem era propriedade exclusiva deles. Iaho foi um nome de mistério desde o princípio, pois nunca foi usado antes do rei Davi. Nem Davi nem Salomão reconheciam Moisés e à sua Lei. Eles aspiravam construir um templo a Hércules e Vênus, Adon e Astarte, como o erigido por Hiram.

O nome muito antigo de Deus, Yaho, escrito em grego — "I a w" — parece ter sido um nome místico antigo da Deidade Suprema dos semitas. Daí que foi comunicado a Moisés, quando de sua iniciação em Horeb (a Caverna), sob a direção de Jethro, o sacerdote cainita de Madian.

JMuma antiga religião dos caldeus, cujos restos se encontram entre os neoplatônicos, a Divindade mais elevada entronizada por cima dos sete céus, representando o princípio da Luz espiritual e, também, concebida como demiurgos, era chamada Iao, semelhante ao Yaho hebreu, misterioso e inominável, e cujo nome só se comunicava aos Iniciados. Os fenícios tinham um Deus Supremo, cujo nome secreto era Iao.

A Cruz, dizem os cabalistas, é o símbolo mais antigo que se conhece. Os Iniciados apresentam-na como coeva com o Círculo do Infinito deífico, e com a primeira diferenciação da Essência, a união do Espírito e da Matéria. Em astronomia, Mercúrio é o filho do Firmamento e da Luz de Júpiter e de Maia; na Mitologia, Hermes significa, entre outras coisas, o Intérprete, a Palavra, o Verbo, o Logos. Os símbolos de Hermes, deus dos pastores, que conduzia as almas dos mortos ao Hades, estavam colocados nas curvas dos caminhos e eram cruciformes. Às vezes tinham a forma cúbica, que relacionava diretamente os termos com a cruz. O cubo desdobrado se transforma numa Cruz ou Tau egípcia. O candidato à iniciação era atado a uma Cruz ou Tau astronômica, com uma idéia muito mais grandiosa do que a da origem da mera vida terrestre. Encontramos a origem da Cruz e do Círculo antes do dilúvio, e adotamos a idéia de que "Deus é um Círculo cujo centro está em todas as partes e a circunferência em nenhuma", como disse Hermes Trismegisto. Pascal copiou a frase do Cardeal de Cusa, que a transcrevera de Hermes. O Deus dos judeus nada mais é

que um dos poderes criadores subordinados, cuja totalidade é chamada o Homem Celeste, ou Adão Kadmon, o Segundo Logos dos platônicos.

A CRUZ E 0 CÍRCULO

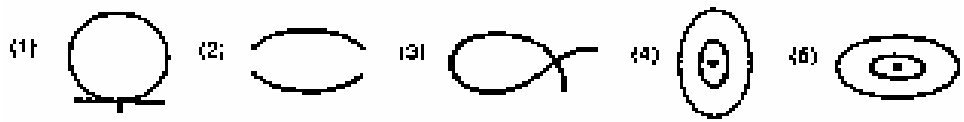
O mundo antigo, conseqüente com o seu simbolismo e suas intuições panteísticas, unindo num só os dois infinitos, o visível e o invisível, representava a Deidade como por um véu externo, por um círculo. Isto explica a fusão dos dois e a aplicação do nome Theos a ambos. A palavra Theos deriva do verbo grego theein (mover).

Segundo a Filosofia esotérica, esta Deidade é o Movimento Perpétuo, Eterno. É o eterno devenir, o sempre Presente e o sempre Existente. 0 último é a raiz abstrata, o primeiro é o conceito possível para a mente humana. É uma evolução perpétua que, dando volta ao círculo em seu progresso constante, depois de evos de duração, torna ao seu estado original: a Unidade Absoluta

Massey, em seu Tipology of the Cross diz: O círculo e a cruz são inseparáveis. A cruz ansata é a união da cruz com o círculo.

O Chakra ou Disco de Vishnu é, também, um círculo, o nome denota "dar voltas", "periodicidade", "a roda do tempo". É a arma do Deus contra o inimigo. O círculo sobre uma cruz é o chamado símbolo "Espelho de Vênus", porque representa a reprodução e servia para marcar as águas de valor em Corinto, nos tempos remotos, o que prova que então, já a cruz se havia convertido no símbolo da procriação, tendo sido esquecida a sua origem divina. A cruz dos quatro braços, segundo Massey, é a cruz dos quadrantes que se desenvolveu de um princípio identificável e depois foi adaptado à expressão de várias idéias. A cruz mais sagrada do Egito, que os faraós e os deuses levavam nas mãos, e adornavam as múmias é o Ankh (1), o signo da vida, um vivo, a aliança. O extremo superior eqüivale ao hieróglifo RU (2) posto sobre a cruz Tau; o Ru é a porta, a entrada, a boca, o lugar de saída. Isto denota o nascedouro no quadrante boreal dos céus, donde renasce o Sol. No quadrante boreal foi onde a Deusa das Sete Estrelas deu à luz o Tempo, ou primeiro ciclo do ano. O primeiro signo deste círculo e ciclo primordiais, feitos no céu, é a forma mais primitiva da cruz Ankh (3), um simples laço que contém numa só imagem o círculo e a cruz.

0 Ankh não pertence só ao Egito; é o mesmo Pasha, ou corda, que o Shiva de quatro braços tem na mão do braço direito posterior. Mahadeva é representado na postura de um asceta como Mahayogue com o seu terceiro filho (4) que é outra forma do Ru sobre a Tau (5).



O Pasha tem um duplo significado: cósmico e místico. No Vishnu Purana, Rudra é o deus que surge da frente de Brahmâ e se separa em macho e fêmea, o pai dos Maruts. Nos Vedas é o Ego divino aspirando volver-se puro, depois de encerrado numa forma terrestre. Daí o Pasha nas mãos de Shiva, quando representado como asceta. O seu significado é a cruz em que são sacrificadas todas as paixões humanas antes que o Yogue passe pela porta estreita e se converta em uno com o Infinito. As Plêiades, especialmente Alcione, são consideradas até na Astronomia como o ponto central em torno do qual gira nosso universo de estrelas fixas, o foco do qual e no qual trabalha, incessantemente, o Alento Divino, o Movimento, durante o Manvântara. Daí que nos símbolos siderais da Filosofia Oculta este círculo com a cruz de estrelas sobre a sua face represente o papel principal.

A Doutrina Secreta ensina que tudo no Universo, e mesmo o Universo, se forma em manifestações periódicas, pelo movimento acelerado posto em atividade pelo Alento do Poder para sempre desconhecido no mundo fenomenal.

O Espírito da Vida e da Imortalidade era simbolizado em todas as partes por um círculo (a serpente mordendo a própria cauda), que significa a Sabedoria no Infinito, como sucede com a cruz astronômica.

A cruz dentro do círculo e o globo com o acréscimo de duas asas, que se converteu no escaravelho sagrado dos egípcios, têm o mesmo significado.

O escaravelho é chamado nos papiros egípcios Khopirron, do verbo khopron, "devenir"; por isso se fez dele um símbolo, o emblema da vida através das peregrinações ou reencarnações da alma liberada. Este símbolo místico prova que os egípcios acreditavam na reencarnação. Como esta era uma doutrina secreta, só revelada nos Mistérios pelos sacerdotes Hierofantes e os Reis Iniciados aos candidatos, manteve-se oculta ao vulgo.

Os Espíritos Planetários ou Poderes Criadores eram sempre representados sob a forma de círculos. Estes círculos invisíveis eram os construtores dos orbes celestes, seus corpos visíveis, cujas almas eram eles.

A deusa Basht, ou Pasht, era representada com cabeça de gato, animal considerado sagrado no Egito por várias razões; era símbolo da Lua, o olho de Osíris (Sol) durante a noite. Uma das razões místicas era que, quando dorme, o gato enrosca o corpo como um círculo; prescreve-se esta postura para fins ocultos e magnéticos a fim de regular a circulação do fluido vital, de que o gato está dotado em proporção notável.

A Lua reflete como um espelho a luz solar; para eles os olhos dos gatos eram os espelhos. Há um axioma hermético que diz Deus enim et circulas est; Pitágoras prescrevia esta prostração e postura circulares

durante as horas de contemplação. O devoto deve imitar, tanto quanto lhe seja possível, a forma de um círculo perfeito, prescreve o Livro Secreto.

A visão de Ezequiel faz recordar este misticismo do círculo quando contemplou um torvelinho do qual saiu uma roda sobre a Terra, pois o espírito da criatura vivente estava na roda.

"O Espírito * redemoinha continuamente, e volta outra vez ao seu circuito", disse Salomão. Na Doutrina Secreta a Unidade oculta se vê sempre simbolizada por um círculo ou zero, (a Não-Coisa e Nada absolutos, porque é o Infinito e o Todo), enquanto que o Deus-manifestado (por suas obras) se menciona como o Diâmetro desse Círculo. Outro modo de simbolizar a idéia se vê na Década sagrada de Pitágoras, que sintetiza no número dual 10 (o um e um círculo ou zero), o Todo Absoluto manifestando-se no Verbo ou Poder Gerador da Criação.

Na China, Yang é a unidade, e Yin, o binário, símbolos da mesma idéia. Já dizia Platão, o Iniciado: Além de todas as existências finitas e causas secundárias, todas as leis, idéias e princípios, há uma Inteligência ou Mente, o Princípio de todos os princípios, a suprema idéia sobre a qual se fundam todas as Idéias, a Substância última, da qual derivam seu ser e essência todas as coisas, a Causa Primeira e Eficiente de toda a ordem, Harmonia, Beleza, Excelência e Bondade, que impregnam o Universo.
Esta Mente é chamada "Deus sobre tudo", a causa abstrata e ideal.

A Cruz e o Círculo são, pois, um conceito universal, tão antigos como a mesma mente humana. Os antigos não usavam nunca o epíteto Deus, para designar o Princípio Único do Universo. A presença do Princípio Invisível em toda a Natureza e sua mais alta manifestação sobre a Terra é um problema que só o homem pode resolver.



Os quatro braços da cruz decussada x e da cruz hermética, indicando os quatro pontos cardeais, era bem compreendido pelas mentes místicas dos hindus, brâmanes e budistas, séculos antes de se ouvir falar delas na Europa. Eles dobraram os extremos da cruz e fizeram dela a sua Suástica, agora o Wan dos budistas mongóis. A Suástica é um dos símbolos mais antigos das antigas Raças. Sobreviveu na forma de malhete na Fraternidade Maçônica. O ponto central da Suástica não está limitado a um indivíduo por muito perfeito que seja; o Princípio (Deus) está na Humanidade, e esta, como tudo o mais, está n'Ele, como as gotas d'água no oceano, estando as quatro extremidades dirigidas para os quatro pontos cardeais e, portanto, perdendo-se no infinito. Diz-se que Isarim, um Iniciado, encontrou no Hébron, sobre o cadáver de Hermes, a conhecida Tábua Esmeraldina e que esta continha a essência da Sabedoria Hermética.

* Nas traduções ocidentais traduzido por "vento". (N. da Ed.)

A cruz filosófica +, as duas linhas traçadas em direções opostas, a horizontal e a perpendicular forma o quaternário tanto mágico como científico quando está inscrita dentro do quadrado perfeito, e é a base do ocultista. Dentro de seu recinto místico está a chave-mestra que abre a porta de todas as ciências, tanto físicas como espirituais. Simboliza nossa existência humana, pois o círculo da vida circunscreve os quatro pontos da cruz que representam em sucessão: o nascimento, a vida, a morte, e a imortalidade.

A Tau e a cruz astronômica do Egito © se vêem claramente em algumas escavações das ruínas de Palenque. Ezequiel marcou a fronte dos filhos de Judá com uma Tau. Também no Apocalipse, o Alfa e Omega — Espírito e Matéria — estampa o nome de seu Pai nas frontes dos eleitos. Moisés mandou marcar as portas dos hebreus com uma cruz de sangue, para que fosse reconhecido o povo de Deus. As cruzes são vistas nas estátuas da Ilha de Páscoa, no antigo Egito, na Ásia Central, gravadas nas rochas com a Tau e a Suástica, e na Escandinávia pré-cristã e em todas as partes.

Não se pôde achar a sua origem em nenhuma nação ou homem particular.

O Adepto Iniciado que passava por todas as provas, no Egito, era atado (não cravado) num leito em forma de Tau, T, e no da Suástica sem as dobras na índia, e mergulhado num sono profundo (Sono de Siloam) onde permanecia três dias e três noites, quando descia ao Hades, Patala ou Amenti para fazer as obras de caridade, às almas dos homens e espíritos dementais.

Na antigüidade mais remota havia uma relação entre a Cruz e o Sol, tanto em sua capacidade geradora como na espiritual regeneradora.

Na tumba de Bait-Oxly, no reinado de Ramsés II, se encontram cruzes de todas as formas e em todas as posições, assim como no trono deste soberano. Para os esoteristas, desde os tempos mais antigos, a Alma Universal ou Anima Mundi, o reflexo material do Ideal Imaterial, era a Fonte da Vida de todos os seres e do Princípio de vida dos três reinos. Este era setenário para os filósofos herméticos e é representado por uma cruz sétupla, cujos braços são respectivamente luz, calor, eletricidade, magnetismo terrestre, radiação astral, movimento e inteligência ou consciência própria. A cruz era também um sinal de reconhecimento entre os adeptos e neófitos, sendo estes chamados Crestos — homem de penas e tristezas.

Entre os cabalistas, a cruz representa o princípio de oposição e o equilíbrio quaternário dos elementos. Recordamos, aqui, o sinal da cruz cabalístico e iniciático, que era feito da seguinte forma:

Com a mão na fronte se dizia: A Ti; logo se acrescentava, pertence; e continuava se levando a mão ao peito, o reino; logo para o ombro esquerdo, a justiça, e ao ombro direito, e a graça. Depois juntavam-se as mãos e acrescentava-se por todos os ciclos geradores. — Tibi sunt malchut et Aeburak et Chesed per Aeonas.

OS UPANISHADS NA LITERATURA GNÓSTICA

Em Gnostics and their Remains, de King, se diz que a língua grega só tinha uma palavra para dizer vogai e voz. Isto causou muitas interpretações errôneas entre os não-iniciados. Assim as palavras freqüentemente usadas nos Upanishads e nos Puranas, "Som" e "Linguagem", podem confrontar-se com as "Vogais" gnósticas e as "Vozes" dos Tronos e Anjos do Apocalipse. O mesmo se verá em Pistis Sophia e outros fragmentos e manuscritos antigos. Por Hipólito, primitivo padre da Igreja, sabemos que Marcos (pitagórico, mais que gnóstico cristão) havia recebido uma revelação mística. Diz-se que lhe foi revelado o que se segue:

Os sete céus (Anjos) emitiram, cada um, uma vogai, todas as quais, combinadas juntas, formavam um só conceito, "cujo som ao descer (destes sete céus) à terra se converteram no criador e pai de todas as coisas que existem nela (Philosophumena).

Isto, em linguagem ocultista, quer dizer: O Logos Sétuplo, tendo se diferenciado em sete Logos ou Potências Criadoras (Vogais), estas (o Segundo Logos ou o "Sim") criaram tudo na Terra.

São João diz no Apocalipse: "Sete trovões emitiram suas vozes e eu ia escrever, porém ouvi uma voz do céu que me dizia: Sela estas coisas que disseram os sete trovões e não as escrevas".

O mesmo mandato recebeu Marcos e todos os Iniciados e semi-iniciados.

A igualdade das expressões revelam mesmo os Mistérios, como as idéias que sob elas se ocultam.

Devemos buscar sempre mais de um sentido num mistério revelado alegóricamente, sobretudo naqueles em que aparece o número sete ou quarenta e nove. Quando em Pistis Sophia os discípulos de Jesus lhe suplicaram que revelasse os "Mistérios da Luz de seu Pai" — isto é, do "Eu Superior" iluminado pela Iniciação e o conhecimento divino — Jesus respondeu:

Buscais estes Mistérios? Não há mistérios mais excelentes que eles; os quais conduzirão nossas almas à Luz das Luzes, ao lugar da Verdade e do Bem, ao lugar onde não existe varão nem fêmea, nem forma em seus lugares, mas só Luz, imperecível, impronunciável. Nada há, portanto, mais excelente que os mistérios que buscais, excetuando só o mistério das sete Vogais e seus quarenta e nove Poderes, e os números dos mesmos. E nenhum homem é mais excelente que todas estas Vogais.

Segundo diz o Comentário falando dos "Fogos":

Os Sete Pais e os Quarenta e Nove Filhos resplandecem nas Trevas, pois eles são a Vida e a Luz, e a continuação destas durante a Grande Idade.

É evidente que em toda a interpretação esotérica de crenças exotéricas expressas em forma alegórica se entranha a mesma idéia: o número fundamental sete, o composto de três e quatro, precedido pelo três divino (△) constituindo o número perfeito dez.

Estes números se aplicam igualmente à divisão do tempo, à cosmografia metafísica e física, assim como ao homem e tudo o mais na Natureza visível. De modo que estas sete Vogais e seus quarenta e nove Poderes são idênticos aos três e sete Fogos dos hindus e os quarenta e nove Fogos; idênticos aos dos cabalistas judeus e aos mistérios numéricos do Simorgh persa. A Doutrina Secreta proporciona uma chave que revela, sobre o indisputável fundamento da analogia comparada, que Garuda, o monstruoso semi-homem e semi-ave alegórico — o veículo que Vishnu como Kala (Tempo) montava — é a origem de todas essas alegorias. É o Fênix hindu, emblema do tempo cíclico e periódico, o "Homem-Leão" (Sinha), de cujas representações estão cheias as chamadas jóias gnósticas (estas se presume que sejam obra dos Magos do período pré-cristão).

Sobre os sete raios da coroa do leão, e correspondendo a seus pontos, estão as sete vogais do alfabeto grego A E H I O Y íl, que são o testemunho dos Sete Céus. (King)

Este é Leão Solar e o emblema do Ciclo Solar, como Garuda o é do Grande Ciclo ou Maha Kalpa, coeterno com Vishnu. Isto se demonstra pelos detalhes da alegoria. Quando Garuda nasceu, por causa de seu "deslumbrante esplendor", é tomado por Agni, o Deus do Fogo, sendo por isso chamado Gaganeshvara, "Senhor do Firmamento". Sua representação como Osíris, nas jóias Azraxas (gnósticas), e as muitas cabeças de monstros alegóricos, com cabeça e bico de águia ou de falcão — ambas aves solares — denotam o caráter solar e cíclico de Garuda. Seu filho é Jatayu, o ciclo de 60.000 anos.

Os mistérios das Sete Vogais gnósticas, pronunciadas pelos Trovões de São João, só podem decifrar-se pelo Ocultismo primitivo e original de Aryavarta, trazido da índia pelos primeiros brâmanes que haviam sido iniciados na Ásia Central. Este é o Ocultismo que estudamos e tratamos de explicar nestas páginas. Nossa doutrina das Sete Raças e Sete Rondas de vida e evolução em torno de nossa Cadeia Terrestre de Esferas pode ver-se até no Apocalipse. ([1]) Quando os sete Trovões, Sons, ou Vogais (um significado entre os sete, pois cada vogai se relaciona diretamente com nossa Terra e suas sete Raças-Raízes de cada Ronda), "emitiram suas vozes", porém proibindo o Vidente de escrevê-la e fazendo "selar aquelas coisas", que fez o Anjo "que está no mar e na terra"?

Levantou sua mão ao céu e jurou por Aquele que vive para sempre jamais...; que não existiria mais o tempo, senão que nos dias da voz do sétimo anjo, quando esta começou a soar, o mistério de Deus (o Ciclo) concluirá. ([2])

(!) Veja-se Apocalipse, XVII, 2 e 10, e Levítico 23:15 a 18; o primeiro fala dos "sete Reis" dos quais cinco se foram, e o segundo fala das "sete sabadas" etc.

([2]) Ob. cit., X, 5-1.

Isto significa que ao terminar a Sétima Ronda cessará o Tempo. "O Tempo não existirá mais", posto que virá o Pralaya e ninguém ficará na Terra que leva à divisão do Tempo durante essa dissolução periódica e suspensão da vida consciente. O Dr. Kenaly crê que os cálculos dos números cíclicos sete e quarenta e nove foram trazidos pelos Rabinos da Caldéia. Os babilônios, que possuíam todos esses Cidos e os ensinavam somente em seus grandes mistérios iniciadores de Magia astrológica, obtiveram sua sabedoria e conhecimento da Índia. Nos seus cômputos secretos os japoneses tinham as mesmas cifras em seus Ciclos.

Os Puranas e os Upanishads dos brâmanes passaram por completo aos gnósticos. Pistis Sophia é um documento muito importante, um genuíno evangelho dos gnósticos, atribuído a Valentino, mas de fato uma obra pré-cristã em seu original. Um manuscrito copto desta obra foi trazido da Abissínia por Bruce e traduzido por ele para o latim.

Quando João disse a Jesus: Eu te batizo com água, porém Ele te batizará com o Espírito Santo e o Fogo, João, o asceta não-iniciado, não podia comunicar a seus discípulos uma sabedoria maior que a dos Mistérios relacionados com o plano da Matéria, cujo símbolo é a água. Sua gnose era a do dogma exotérico e ritual a da letra morta. Nos ciclos iniciáticos, a Água representava os passos primeiros e inferiores para a purificação, enquanto as provas relacionadas com o Fogo eram as últimas.

A água podia regenerar o corpo de Matéria. Só o Fogo regenera o Homem Espiritual interior.

Jesus, iniciado nos Mistérios Superiores, em sua Sabedoria os revelaria (os mistérios) num caráter mais elevado, pois era a do Fogo da Sabedoria, da verdadeira Gnose da Iluminação Espiritual Real.

Uma era a do Fogo, outra a do Fumo.

No Anugita, cuja antigüidade e importância pode ver-se nos Livros Sagrados do Oriente, editados por Max Müller, Narada diz:

Ensina o Veda que o fogo é verdadeiramente todas as deidades, e o conhecimento dele se encontra entre os brâmanes, acompanhado pela inteligência.

Por "fogo" ele quer significar o Eu. Por "inteligência" Narada queria significar a adaptação do Fogo da Sabedoria ao ritualismo exotérico para o profano. Esta foi a empresa principal dos brâmanes. E Narada continua: "os que compreendem o sacrifício compreendem o Siamana e o Viana, como a principal oferenda. O Prana e o Apana são partes da oferenda e entre eles está o fogo. Este é o assunto excelente de Udana segundo o entendem os brâmanes que referem como alcançaram a última Sabedoria do Yoguismo e, portanto, a Onisciência. Ao dizer que tinha percebido por meio do "Eu" a sede que se acha no "Eu" onde mora Brahmâ livre de tudo, e ao explicar que esse princípio indestrutível estava completamente fora da percepção dos sentidos, isto é, dos cinco ares vitais, acrescenta ele que "no meio

de todos esses ares vitais que andam pelo corpo e se absorvem uns aos outros, arde o sétuplo fogo de Vaishvanara". Este Fogo é idêntico ao Eu Supremo, que é a aspiração do asceta. Os cinco sentidos, a mente e o entendimento são as sete línguas da chama de Agni (o Eu divino e humano). Estas são as sete classes de combustível para mim. Estes são os sete grandes sacerdotes oficiantes, assim o Sâmana e o Viana ainda que sujeitos ao Prana e o Apana e todos os quatro dependendo de Udana, quando se trata da aquisição de Pranayama, se mencionam como oferenda principal, pois suas operações são mais grosseiras e se oferecem no sacrifício a fim de que desapareçam no fumo, forma de ritual exotérica.

Prana e Apana têm o Fogo entre os dois: o Eu, ou o conhecimento Secreto possuído por esse Eu. Isto quanto ao Bem e ao Mal e para tudo o que existe e o que não existe, todos estes pares têm o fogo entre eles, isto é, o conhecimento esotérico ou Sabedoria do Eu divino.

E nenhum nome é mais excelente que todos estes, diz Jesus no Evangelho gnóstico; e continua: "Um Nome no qual estão contidos todos os nomes e todas as Luzes e os 49 Poderes." Sabendo este Nome, se um homem deixa este corpo de Matéria, nenhuma obscuridade, nenhum Poder, nem Governante da esfera, (ou Espírito planetário chamado Deus) do destino (Karma) poderá reter a Alma que conhece esse Nome. Se o pronuncia ante o Fogo, a obscuridade fugirá, e se pronuncia este nome ante todos seus Poderes, mais ainda, até ante Barbelo (um dos três deuses invisíveis) e o Deus Invisível, e os deuses três vezes poderosos, logo que pronuncie esse Nome naqueles lugares, todos serão lançados uns sobre os outros, de maneira que poderão fundir-se e desaparecer, e gritarão: ó Luz de toda a Luz existente nas luzes sem limites, lembra-te de nós e purifica-nos. ([3])

O Nome do Eu-Fogo é a Luz da Iniciação, que é um poder espiritual sempre vivo, mais elevado que o verdadeiro "Deus Invisível", pois este Poder é Ele mesmo.

Kapila é o nome de um personagem que existiu na época da Filosofia Sankhya, um sábio; mas é, também, o nome genérico dos Kúmaras, os ascetas e Virgens celestes. Há vários Kapilas muito conhecidos nos Puranas.

Primeiro o Sábio Primitivo que comunicou aos homens a verdadeira Sabedoria, depois Kapila um dos três Kümaras secretos, e Kapila, filho de Kashyapa, e de Kadru (Serpente de muitas cabeças) e, depois, Kapila o grande filósofo e sábio do Kali Yuga, sendo este um Iniciado, um Naga.

Os primeiros gnósticos pretendiam que sua ciência, a Gnose, se baseava num quadrado cujos ângulos representavam, respectivamente, Sigê (o Silêncio), Bytho (o Oceano), Nous (a Alma Espiritual ou Mente), e Aletheia (a Verdade).

Eles revelaram ao mundo o que permanecera oculto durante idades, a saber: o Tau, o Cristo encarnado cm Crestos, naquele que para

([3]) Pislis Sopbia, pp. 378, 379. 234

certos fins se oferecia, voluntariamente, a sofrer uma série de torturas mentais e físicas. Para eles, todo o Universo metafísico e material estava contido e podia expressar-se pelos dígitos, que encerram o número dez, a Década Pitagórica.

Esta Década, que representa o Universo e sua evolução desde o Silêncio e os Abismos desconhecidos da Alma Espiritual, ou Anima Mundi, apresentava dois lados ao estudante. Podia ser aplicada ao Macrocosmo, do qual descia ao Microcosmo, o homem.

Então existia a ciência puramente intelectual e metafísica, ou "Ciência Interna", assim como existia a ciência materialista, ou da superfície, e as duas podiam explicar-se pela Década, e nela estar contidas. Podia se estudar pelo método dedutivo de Platão como pelo indutivo de Aristóteles.

O primeiro partia de uma compreensão divina em que a pluralidade procedia da Unidade ou os Dígitos surgiam da Década, só para serem, finalmente, reabsorvidos, perdidos no Círculo Infinito. 0 segundo dependia da percepção dos sentidos em que a Década podia considerar-se bem como a Unidade que se multiplica ou como a matéria que se diferencia, sendo limitado seu estudo à superfície plana, à cruz, ou aos sete que procedem dos dez, ou número perfeito, tanto na Terra como no céu. Este duplo sistema foi trazido por Pitágoras da Índia, juntamente com a Década.

Nas Leis de Manu se diz que Brahmâ criou primeiro os dez Senhores do Ser, os quais produziram outros sete Manus, ou Santos Seres, ou Anjos da Presença. Este misterioso número sete, nascido do Triângulo Superior, nascido este último de seu próprio vértice ou os Abismos silenciosos da Alma Universal, é a planta Saptaparna, nascida e manifestada na superfície do solo.

Só o sétimo Princípio (Purusha) é o Eu divino, estritamente falando, pois, segundo se diz no "Manu": "Tendo Brahmâ compenetrado as partes sutis daqueles seis, de brilho incomensurável, criou-os e chamou a si, ou seja, a consciência daquele Eu Único. Destes seis, cinco são chamados elementos atômicos destrutíveis.

Falemos agora da língua do mistério (das Raças pré-históricas), que é pietórica e simbólica. Atualmente só é conhecida por poucos, pois há mais de cinco mil anos que se converteu, para as massas, numa língua absolutamente morta. A maior parte dos sábios gnósticos gregos e judeus a conheceram e usaram de diversas maneiras. No Plano Superior o número não é senão um zero, um círculo; no Plano Inferior se converte em Um que é número ímpar.

Cada letra dos alfabetos antigos tinha seu significado para os Iniciados de Alexandria. 0 número Um significava um corpo direito, um homem vivo, de pé, sendo o único animal que tem tal privilégio. E o I transforma-se em P com o acréscimo de uma cabeça; e é o símbolo da paternidade, de potência criadora; enquanto que o R significa um homem em movimento, um que caminha.

Os números ímpares são divinos, os números pares são terrestres, diabólicos e desgraçados. Os Pitagóricos detestavam o Binário; para eles era a origem da diferenciação, dos contrastes, da discórdia ou matéria, princípio do mal. Na Teogonia Valentiniana, Bythos e Sigê (o Oceano, Caos, Matéria nascida no Silêncio) representava o Binário Primordial.

Para os primitivos pitagóricos, a Dúada era este estado imperfeito em que caiu o primeiro ser manifestado, quando se separou da Mônada.
Era o ponto em que os dois caminhos se bifurcam — o Bem e o Mal.

O Ternário é o primeiro dos números ímpares, assim como o triângulo é a primeira das figuras geométricas. Diz Ragón: A primeira linha do triângulo que se dá ao Aprendiz para estudar é o reino mineral, simbolizado por Tubalc... (Tubal-Cain). O segundo lado, no qual tem de meditar o Companheiro, é o reino vegetal simbolizado por Schibb... (Schibbolet).

Neste reino principia a geração dos corpos. Esta é a razão por que a letra G se apresenta radiante ante os olhos do Adepto. 0 terceiro lado para o Mestre maçon, o qual tem que completar sua educação no estudo do reino animal, está simbolizado por Machem... (filho da podridão).

A primeira figura sólida é o quaternário, o símbolo da imortalidade. É a Pirâmide, pois o Tetraedro se acha sobre uma base triangular e termina em ponta no vértice, dando assim a Tríada e o Quaternário, o 3 e o 4.

Os Pitagóricos ensinavam a conexão e relação entre os deuses e os números numa ciência chamada Aritmomancia. A Alma é um número, diziam, que se move por si e contém o número quatro, e o homem espiritual e físico é o número três, pois o ternário representava para eles não só a superfície como também o princípio da formação do corpo físico. De modo que os animais eram só ternários, unicamente o homem, sendo um setenário, o ser virtuoso, e um quinário quando era mau. O número cinco estava composto de um Binário e um Ternário, e o Binário desordenava e alterava tudo, na forma perfeita.

0 homem perfeito era um quaternário e um ternário, ou quatro elementos materiais e três imateriais, e estes três Espíritos os encontramos, igualmente, no cinco quando representa o Microcosmo.

Subba Row, em Cinco anos de Teosofia, diz: "Todos sabem que 15 é o décimo signo do Zodíaco, no qual passa o Sol pelo solstício do inverno em 21 de dezembro. Poucos sabem a relação mística existente entre os nomes de Makara e Kümara. 0 primeiro significa um animal anfíbio, chamado crocodilo segundo crêem alguns orientalistas. O segundo é o título dos grande Yogues, dos filhos de Rudra que é também um Kümara e, até, una com ele.

Por sua conexão com o Homem, os Kümaras estão igualmente relacionados com o Zodíaco. Makara contém em si a chave para fazer a correta interpretação. A letra Ma é equivalente ao número cinco, e Kara significa "mão".

Em sânscrito, Tribhuggan quer dizer um "triângulo"; blugan e karan sendo sinônimos significam "lado"; assim Makara significa Pentágono.

A Estréia de cinco pontas representa o homem com os seus cinco membros, sendo Manas o quinto Princípio e, por conseguinte, o Homem Pensante (Pentágono).
No sistema antigo, Makara era o oitavo signo em lugar do décimo.

Os signos representam os aspectos do Universo e indicam que a figura do Universo está limitada por Pentágonos. Makara pode representar, simultaneamente, o Microcosmo e o Macrocosmo, como objetos externos de percepção.

Como o Sol nascente era considerado a Alma dos Deuses que se manifestava diariamente aos homens, e como o crocodilo saía das águas aos primeiros raios do sol, esse animal personificou, na Índia, um devoto do fogo solar, símbolo da Alma mais elevada entre os egípcios.

Os Kümaras foram Yogues isentos de paixão. O número cinco simboliza o Espírito da Vida Eterna — e, ao mesmo tempo, o Espírito da vida e do Amor terrestre — no composto universal humano, e inclui a magia divina e a infernal, e a quintessência universal e individual do ser. Assim as cinco palavras, ou vogais místicas pronunciadas por Brahmâ na criação, e que se converteram nos Panchadashas, são, em sua potencialidade criadora e mágica, o aspecto branco dos cinco Makaras Tântricos negros. O signo de Makara está relacionado com o nascimento do Microcosmo Espiritual e com a morte e dissolução do Universo físico, sua passagem ao reino espiritual (quando o Sol passa o grau 30 de Makara e não volta a alcançar o signo de Piseis, então chegará a noite de Brahmâ), assim como estão relacionados com os Dhyân-Choans ou Kümaras.

Mara é o deus das Trevas, mas é também o acelerador inconsciente do nascimento do espiritual; o Caído, a Morte, e é também um dos nomes de Kama, o primeiro deus dos Vedas, o Logos do qual surgiram os Kümaras, e isto os relaciona ainda mais com o fabuloso Makara hindu, e o deus de cabeça de crocodilo do Egito.

Subba Row diz que "o véu, habilmente estendido sobre certas partes do mistério relacionado com estes signos zodiacais pelos antigos filósofos, jamais será levantado para diversão ou edificação do público não-iniciado.

As cinco palavras de Brahmâ se converteram entre os gnósticos nas cinco Palavras escritas na Veste Akâshica (resplandecente) de Jesus em sua glorificação, as palavras "Zama, Zama Ozza Racham Ozai", traduzidas pelos orientalistas como " a vestimenta, a gloriosa vestimenta de minha força".

Estas palavras eram por sua vez o véu anagramático dos cinco poderes místicos representados nas vestes do Iniciado ressuscitado depois da última prova de três dias de transe, convertendo-se o cinco em sete só depois de sua morte, quando o adepto se converte em Cristo pleno.

É fácil reconhecer nos dois "Spiritus" os signos gregos (' ') de que fala Ragon, Atma e Buddhi, ou o Espírito Divino e seu Veículo, a Alma Espiritual.

A Ogdóada, ou Oito, significa o movimento eterno e sua espiral dos ciclos, o 8  é simbolizado por sua vez pelo Caduceu. Ele mostra a respiração regular dos Kosmos, presidida pelos Oito Grandes Deuses — os Sete da Mãe Primordial: o Um e a Tríada.

Em seguida vem o número Nove ou triplo Ternário. É o número que se reproduz constantemente sob todas as formas e figuras em toda a multiplicação. É o signo de todas as circunferências, pois o seu valor em graus é igual a 9, isto é: 3 + 6 + 0. É um mau número sob certas condições, e muito infeliz.

Se o 6 era o número de nosso globo no estado de ser animado por um Espírito divino, o 9 simbolizava a nossa Terra informada por um Espírito mau.

O dez (a década) volta a trazer todos estes dígitos à unidade e termina a tábua Pitagórica. Daqui que esta figura (4)  (a unidade no zero) seja símbolo da Deidade, do Universo e do Homem.

A Década está relacionada com a Tau; esta é o Alfa e o Ômega da Sabedoria Secreta Divina. Thoth foi o inventor do alfabeto egípcio.

Pan foi, num tempo, a Natureza Absoluta, o Único e Grande Todo; porém nos tempos históricos, Pan passou à categoria de um deuzinho do campo; no entanto a sua flauta de sete tubos, emblema das sete forças da natureza, dos sete planetas, das sete notas musicais, numa palavra, de toda a harmonia setenária, mostra bem o seu caráter primordial.

Assim sucede com a Cruz; muito antes que os judeus tivessem ideado o seu candelabro de ouro do Templo com três luzes de um lado e quatro de outro, e fizessem do número sete o feminino da geração, as nações mais espiritualizadas tinham feito da Cruz seu símbolo divino mais sagrado.

Outrora o símbolo oriental da Cruz e do Círculo, a Suástica, foi adotado universalmente. Para os budistas esotéricos, e até para os exotéricos chineses e mongóis, significa as 10.000 verdades. Estas pertencem aos mistérios do Universo Invisível da Cosmogonia e Teogonia Primordiais.

Desde que Fohat cruzou o círculo como duas linhas de chama, horizontal e verticalmente, as hostes dos Benditos nunca mais deixaram de enviar seus representantes aos planetas pelos quais têm de velar desde o princípio.

Por este motivo a Suástica é colocada no peito dos místicos defuntos. É encontrada nos corações e imagens de Buda no Tibete, é o

---

(*) Ver Vol. 14, 195. 238

selo que se põe no coração dos Iniciados vivos; alguns a têm gravada a fogo na carne.

Schliemann encontrou a Suástica nas ruínas de Tróia como entre os antigos peruanos, assírios e caldeus e nas ciclópicas paredes do mundo antigo.

Sobre a antigüidade da cruz diz Massey: "O valor da cruz como símbolo cristão se supõe que data do tempo em que Jesus foi crucificado. Sem embargo, na iconografia cristã das catacumbas, não aparece nenhuma figura de homem sobre a Cruz, durante os seis ou sete primeiros séculos.

Existem todas as formas de cruz, exceto essa — o alegado ponto de partida da nova religião. Não foi essa a forma inicial do Crucifixo, mas a final.

A primeira forma conhecida da figura humana sobre a cruz é o crucifixo apresentado pelo Papa Gregório o Grande à rainha Teodolinda da Lombardia, e que se acha agora na Igreja de São João de Monza, enquanto que nas catacumbas de Roma não se vê imagem alguma do crucificado. Antes de São Júlio (século VII ou VIII), não há nenhum Cristo crucificado; a cruz é o Cristo como os Stauros eram um tipo e um nome de Horus — o Cristo Gnóstico, a Cruz, não o Crucificado, é o símbolo primário da Igreja Cristã.

Esta cruz é pré-cristã, paga e gentia numa meia dúzia de formas diferentes. 0 culto principiou com a Cruz e Juliano tinha razão ao dizer que se aventurava à guerra com a Cruz. Durante séculos a cruz ocupou o lugar de Cristo, e dirigiam-se a ela como a um ser vivo. Foi divinizada num princípio e por fim humanizada... 0 imperador Juliano era um Iniciado e conhecia bem o "significado misterioso", tanto metafísico como físico.

Poucos símbolos no mundo encerram mais significado oculto e real que a Suástica; ela é simbolizada pelo número seis; assinala o Zênite e o Nadir; o Norte e o Sul, Oeste e Leste; em todas as partes se vê a unidade e a esta unidade refletida em tudo e em cada unidade. É o emblema da atividade de Fohat, da contínua revolução das rodas e dos Quatro Elementos. Os iniciados nos mistérios da Suástica encontram nela precisão matemática, a evolução do Cosmos, e todo o período de Sandhya. Também a relação do Invisível com o Visível e a primeira procriação do homem e das espécies.

A Cruz era usada no Egito como um talismã protetor e um símbolo do poder salvador. Tifon ou Satã são vistos efetivamente encadeados à cruz e sujeitos a ela.

OS MISTÉRIOS DA HEBDÔMADA

Os números 3, 4 e 7 são os números sagrados da Luz, da Vida e União, especialmente no presente Manvântara, nosso Ciclo de Vida, do qual o número sete é o representante especial, o fator da vida.

Se se perguntasse a um brâmane versado nos Upanishads porque "aquele de quem sete antepassados tinham bebido o suco da planta

da Lua é Trisuparna e porque os Pítris Somapa hão de ser adorados pelo brâmane Trisuparna", mui poucos poderiam responder, e se o sabiam, tampouco satisfariam a curiosidade do interrogante. Diz a Doutrina Secreta: Quando os primeiros sete apareceram sobre a Terra, lançaram ao solo a semente de todas as coisas que nela crescem. Primeiro vieram os Três, e Quatro foram agregados a estes, tão logo a pedra se transformou em planta. Então vieram os segundo sete, os quais, guiando os jivas das plantas, produziram as naturezas intermediárias entre a planta e o animal vivo que se move. Os terceiros Sete desenvolveram seus Chayas... 05 quintos Sete aprisionaram sua Essência. .. Assim se converteu o homem em um Saptaparna.

Na Grécia mitológica a Tau formada pela figura 7 e a letra F (Gamma) era, como se disse, o símbolo da Vida Eterna e da Vida terrestre, porque Gamma é o símbolo da Terra; também o sete significa a mesma vida, enlaçada com a Vida Divina, sendo o duplo signo expresso nas figuras geométricas: um Triângulo e um Quaternário, símbolo do Homem Setenário.



O número seis era considerado o emblema da Natureza física, nos antigos Mistérios; (as seis dimensões de todos os corpos, os seis pontos cardeais inclusive o Nadir e o Zênite). Assim, enquanto o Senário era aplicado ao corpo físico, o Setenário simbolizava este homem mais a sua Alma Imortal.



Diz Ragon que o "hieróglifo senário" simboliza a mistura dos três fogos filosóficos e as três águas, donde resulta a procriação dos elementos de todas as coisas. A mesma idéia se encontra no duplo triângulo equilátero hindu, o signo de Vishnu que, realmente, é o símbolo da Tríada ou Trimürti. Na índia, exotéricamente, o triângulo com o vértice para baixo é o símbolo de Vishnu, o princípio das águas, sendo Narâyana, o princípio movente no Nara (Águas); enquanto que o triângulo com o vértice para cima é Shiva, o Princípio do Fogo simbolizado pela tríplice chama em sua mão. Estes dois triângulos entrelaçados, erroneamente chamados selo de Salomão, são os que produzem ao mesmo tempo o Setenário e a Tríada, e são a Década. De qualquer modo que se examine este signo, todos os dez números estão contidos nele. Porque, com um ponto no meio ou no centro, é um signo sétuplo ou Setenário; seus triângulos denotam o número três ou Tríada; os dois triângulos mostram a presença do Binário, os triângulos com o ponto central comum a ambos produzem o Quaternário; as seis pontas fazem o Senário, e o ponto, a Unidade; o Quinário está traçado pela combinação, como um composto de dois triângulos, o número par, e de três lados em cada triângulo, o primeiro número ímpar. Esta a razão por que Pitágoras e os antigos consagravam o número seis a Vênus.









A crença em "Criadores", ou Poderes personificados da Natureza, não é em verdade politeísmo algum, mas uma necessidade filosófica. Como todos os demais planetas de nossa sistema, a Terra tem sete Logos — os Raios emanados do "Raio-Pai" — o Protógonos, ou Logos Manifestado, o que sacrifica seu "Esse" (ou Carne, o Universo), para que o mundo possa viver, e que todas as criaturas que nele existam tenham consciência.

Os números 3 e 4 são respectivamente masculino e feminino, Espírito e Matéria, e sua união é o emblema da Vida Eterna no Espírito, em seu arco ascendente, e na Matéria como o elemento que sempre ressuscita, por procriação e reprodução. A linha masculina espiritual é vertical, a linha da Matéria diferenciada é horizontal, e as duas formam a cruz. O 3 é invisível; o 4 está no plano da percepção objetiva.

Esta é a razão por que toda a matéria do Universo, se fosse analisada até os seus confins pela Ciência, poderia reduzir-se a quatro Elementos somente: Carbono, Oxigênio, Nitrogênio e Hidrogênio, e porque os três primários, os númenos dos quatro ou o Espírito ou Força graduados, permaneceram simples nomes para a Ciência exata. Temos que crer e estudar primeiramente as causas primárias, antes de podermos esperar aprofundar a natureza, e conhecer as potencialidades dos efeitos.

Segundo os alquimistas: Quando o Três e o Quatro se beijam, o Quaternário junta sua natureza média com a do Triângulo ou Tríada, isto é, a face de uma de suas superfícies planas se torna na face média do outro e se transforma num Cubo; só então se converte no veículo e o número da Vida, o Pai-Mãe-Sete (o Cubo desdobrado).

Há alguns sábios brâmanes que discordam de nossa divisão sete-nária. Eles deixam fora de cálculo os três princípios adjuntos e só aceitam quatro bases ou Upadhis, incluindo o Ego, a imagem refletida do Logos no Karana Sharira. Para objetos de meditação podem bastar estes três como mostra o sistema Taraka Yoga, porém para o ensino prático oculto a divisão setenária é a melhor.

Princípios humanos		Princípios da Natureza física
7 — Atma		
6 — Buddhi		
5 — Manas		
4 — Kâma Rúpa, o princípio do desejo animal que arde, furiosamente, durante a Vida na Matéria, produzindo a saciedade, é	 HIDROGÊNIO	0 mais leve de todos os gases; arde no Oxigênio, desprendendo um calor mais intenso que qualquer substância em combustão e forma a água,

		postos; o Hidrogênio entra, amplamente, em todos os compostos orgânicos.
3 — Linga Sharira, o veículo inerte ou forma sobre a qual se modela o corpo; o veículo da Vida. Dissipa-se mui pouco depois da desintegração do corpo.	NITROGÊNIO	Gás inerte; o veículo com que se mistura o Oxigênio para adaptar esse último à respiração animal. Entra em grandes proporções em todas as substâncias orgânicas.
2 — Prana; a Vida, o poder ativo que produz todos os fenômenos vitais.	OXIGÊNIO	0 que mantém a combustão. 0 gás dador de Vida, o agente químico ativo em toda a vida organizada.
1 — A matéria grosseira do corpo; a substância que se forma e modela sobre o Linga Sharira (Chaya) pela ação de Prana.	CARBONO	0 combustível por excelência; a base de todas as substâncias orgânicas, o elemento químico que forma a maior variedade de compostos.

Ensinam-nos ainda que todas estas primeiras formas de vida orgânica aparecem, também, em grande número de Setenários. Desde os minerais ou pedras moles que endurecem seguidos pelas plantas duras que amoleceram, segundo as Estâncias, em todos os reinos da Natureza principiam por ser películas transparentes etéreas, isto é, no começo da Vida. No seguinte período se consolidam e no sétimo principiam a ramificar-se em espécies, todos exceto os homens, primeiro dos animais mamíferos da Quarta Ronda.

Quando falamos em animais, referimo-nos só aos mamíferos. Os crustáceos, répteis e peixes são contemporâneos, e a maior parte precedeu o homem físico, nesta Ronda. Todos foram bissexuais, antes do período dos mamíferos na última parte da Idade Secundária ou Mesozóica, mais próxima ainda do Paleozóico.

Os mamíferos marsupiais menores são contemporâneos dos enormes répteis-monstros da Idade Secundária.

"Primeiro veio o Três" ou o "Triângulo". Esta expressão tem um profundo significado no Ocultismo, e o fato é confirmado na Botânica, Mineralogia e até na Geologia. O sal em dissolução o prova; quando suas moléculas, se agrupando, principiam a depositar-se em sólidos,

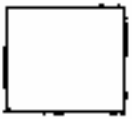
a primeira forma que tomam é a de triângulos de pequenas pirâmides e cones; é a figura do Fogo e daí a palavra "Piramis". A segunda figura geométrica da Natureza manifestada é um Quadrado ou Cubo, o 4 e 6, pois, em verdade, "sendo cúbicas as partículas da terra, as do Fogo são piramidais". A forma piramidal é a que assumem os abetos, a árvore mais primitiva depois do período das samambaias.

Deste modo os dois opostos da Natureza cósmica — o Fogo e a Água, o calor e o frio — principiam suas manifestações metrográficas, um pelo sistema trimétrico e o outro por um sistema hexagonal. Os cristais estrelados da neve são todos, e cada um deles, uma estrela dupla ou tríplice de seis pontas, com um núcleo central, como uma estrela em miniatura dentro da maior. Os ovos das aves chocam em períodos de sete dias e seus múltiplos, 14, 21, 28, 35 etc.

A Lua é o guia do lado oculto da Natureza terrestre, enquanto o Sol é o regulador e fator da Vida manifestada. Bohéme, o grande Vidente, insistia sobre a doutrina fundamental das sete propriedades da eterna Mãe-Natureza.

Tendo presente a divisão setenária nas Divinas Hierarquias, assim como na constituição cósmica e na humana, compreende-se que o Jah-Noah dos hebreus esteja na cabeça e seja a síntese do Quaternário cósmico inferior. A Tríada Sefirotal superior, da qual a Inteligência é o ângulo esquerdo feminino, emana o Quaternário que simboliza o Homem Celeste, sem sexo, considerado como a Natureza no Abstrato, e converte-se também no Setenário emanado, assim, os outros três princípios adicionais: a Natureza inferior terrestre ou Natureza física manifestada, a Matéria e nossa Terra; sendo o sétimo a esposa do Homem Celeste, formando com a Tríada a Coroa ou número completo, o dez, o Total na Unidade igual a Universo. Lembramos isto apenas para provar que o Jeová hebreu, suposto criador de nossa Terra, do homem etc... é o Setenário inferior, os Elohim criadores em seu aspecto Cósmico; o Tetragramaton ou Homem Celeste das quatro letras em seu aspecto teogônico e cabalístico; o Noé, semente humana deixada para povoar a Terra, de uma Criação ou Manvântara anterior. Vemos que é um dos setenários, do Setenário Universal. No diagrama junto estão os princípios cósmicos e humanos em paralelo:

Aspectos ou princípios humanos		*Aspectos ou princípios cósmicos*
1 — Espírito Universal (Ātma)		1 — O Logos, não manifestado
2 — Alma Espiritual (Buddhi)	Tríplice aspecto da Deidade	2 — Ideação Latente Universal (Parabrahman (Consciência Universal)

3 — Alma Humana, Mente (Manas)		3 — Inteligência Universal (ou Cósmica) Ativa. (Matéria diferenciada do Sistema Solar em sete estados diferentes, a percepção)
4 — Alma Animal (Kama Rupa)	Espírito da Terra, Jesus, Noé	4 — Energia Cósmica (Caótica)
5 — Corpo astral (Linga Sharira)	Noé	5 — Ideação Astral, refletindo as coisas terrestres
6 — Essência da Vida (Prana)	O espaço contendo a Vida, [as águas Dilúvio]	6 — Essência da Vida ou Energia
7 — Corpo (Sthula Sharira)	Monte Ararat	7 — A Terra

Ararat, o monte da descida, Noé simboliza tanto o Manu-Raiz como o Manu-Semente, ou Poder que desenvolveu nossa Cadeia Planetária, e nossa Terra assim como a Quinta Raça que se salvou. Noé representa a Hoste Setenária dos Elohim, e é, por isso, o Pai criador de toda a vida animal. Daí a recomendação no Gênese "e tomaras sete casais de macho e fêmea de todas as criaturas vivas".

Noé, pois, é a Quinta Raça desde o princípio, a família salva das águas, eterna e fisicamente.

A TETRAKTYS EM RELAÇÃO AO HEPTÁGONO

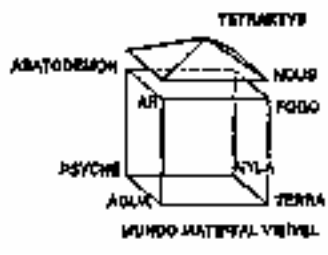
O número sete é o fator comum de toda a religião antiga, porque é o fator comum na Natureza. Nesses cálculos e divisões numéricas nunca entra o Princípio Universal Único, ainda que se o mencione como o Um.

Em seu caráter de Absoluto, Infinito e Abstração Universal, é único e independente de todo outro Poder, seja numenal ou fenomenal.

Esta Entidade não é Matéria nem Espírito; não é o Ego nem o Não-Ego, não é sujeito nem objeto; é a combinação original e eterna do Espírito e da Matéria. Prakriti é uma ilusão, o Espírito é a única Realidade que permanece no Universo das Idéias. É o Parabrahman dos Advaítas.

Só há um estado permanente no Universo, que é o estado da Inconsciência perfeita, já que o Universo é um agregado de vários estados de consciência. É um Setenário completo, composto em sua

totalidade de grupos também setenários, porque a capacidade de percepção existe em sete diferentes aspectos correspondentes às sete condições da matéria em sete propriedades ou estados materiais. O Quaternário duplo é o mundo Pitagórico, segundo Plutarco. Os Advaítas sustentam que um objeto externo é o produto de nossos estados mentais. Segundo eles, um Deus consciente não pode ser a origem do Universo, desde que seu Ego seria o efeito de uma causa anterior, e os estados de consciência estão constantemente mudando. Só há um estado permanente no Universo, pleno.



O Cubo é a Matéria e a Pirâmide é a forma. A face do meio do cubo é comum à barra vertical e à horizontal, sendo assim dupla e não pertencendo a nenhuma; é neutro, nem matéria nem Espírito. Os pitagóricos chamavam os quatro de guardiães da chave da Natureza, porém unindo o três, convertiam-se no sete e transformavam-se no mais perfeito e harmonioso dos números na Natureza. Toda a harmonia da Natureza está nos sete tons, e por isso se chama a "Voz da Natureza", ou "Música das Esferas". O "Eu sou o que sou" de Jeová representa a Matéria Eterna periodicamente caótica e turbulenta com todas as potencialidades.

A superfície tem que permanecer uma área sem significação, se abandonada a si mesma. Só a Unidade iluminando o Quaternário tem que construir para si um muro procedente da Trindade para poder manifestar-se.

Sendo a Mônada Una, e um número ímpar, os Antigos diziam que os números ímpares eram os únicos perfeitos, sendo que os pares, por serem femininos, eram considerados imperfeitos e aplicados somente às Deidades terrestres e infernais. O número Sete, o Heptágono, era considerado pelos pitagóricos, como religioso e perfeito. Era chamado Telésphoros, porque por seu intermédio todo o Universo e a Humanidade são levados à sua meta, a culminação. A doutrina das Esferas governadas pelos Sete Planetas Sagrados mostra as sete grandes Forças do Universo operando e se desenvolvendo em sete tons, que são as sete notas da escala musical.

A Héptada era considerada como um número de uma virgem, porque é não-nascida, como o Logos que procede diretamente da Mônada.

A Héptada estava consagrada a vários deuses e deusas: Marte, Osíris, Apoio, o Sol, Minerva e outros.

A Entidade humana é o Raio Setenário do Um; está composta de sete elementos, quatro dos quais são tomados dos quatro mundos

manifestados, cabalísticos. Os Sete Centros de energias são desenvolvidos ou feitos objetivos pela ação de Fohat sobre o Elemento Único. Temos de deixá-los ou separar-nos deles antes do nascimento do Cristo, e concentrar-nos no sétimo centro.

Todos os Deuses antropomórficos da antigüidade têm os seus nomes escritos com quatro letras:

Teut — Egípcios
Alah — Árabes
Sire — Persas
Orsi — Magos
Abdi — Maometanos
Téos — Gregos
Esar — Turcos
Deus—Latinos
Gott — Alemães

Os sete Planetas sagrados eram as casas dos Sete Logos; estão relacionados com os sete dons do Espírito Santo, e os nossos sete Princípios.
Lemos em Pistis Sophia:

"O homem Interno é formado de quatro constituintes, porém estes foram supridos pelos Aeons rebeldes das Esferas, ficando neles o Poder (partícula da Luz Divina), a Alma, formada com as lágrimas de seus olhos e suor de seus tormentos, a Consciência ou Ego Kármico, cujos deveres conduzem o homem à meta que lhe foi marcada.

O ELEMENTO SETENÁRIO NOS VEDAS CORROBORA O ENSINO OCULTO REFERENTE AOS SETE GLOBOS E ÀS SETE RAÇAS

No Rig Veda, os sete Raios de Surya (Sol) são paralelos aos sete mundos de cada Cadeia Planetária, aos sete rios do Céu e sete da Terra, sendo os primeiros as sete hostes criadoras e os segundos os sete grupos de homens primitivos. Os sete antigos Rishis são os sete Amigos de Agni, seus sete cavalos ou Cabeças. Os livros do Rig Veda foram escritos pelos primeiros Iniciados da Quinta Raça, acerca das doutrinas e falam das sete Raças.

Alegoricamente se diz que a Raça humana surgiu do Fogo e da Água, modelada pelos Antecessores, sacrificadores de Agni, os Pítris.

A unidade da espécie humana é aceita pelo ilustre professor Agassiz, no sentido de sua homogeneidade original e essencial e sua origem de uma só e mesma fonte. Eram todos de uma mesma essência, diferenciada em grau ainda que não em espécie, ocasionada pelas diferenças de clima e condições geográficas. Os sete Grupos Primários da Humanidade representam a Humanidade divina e coletiva.

Os Magos só acreditavam no que os outros povos acreditavam também, isto é, nos sete Globos de nossa Cadeia Planetária, dos quais só um é acessível ao homem, no tempo presente, a nossa Terra.

Quando a Geologia averiguar quantos mil anos faz que as águas do Oceano Índico chegavam a alcançar os mais altos planaltos da

Ásia Central, formando um só mar com o Cáspio e o Golfo Pérsico, então conhecerá a idade da nação ário-bramânica, desde sua descida às planícies do Indostão, o que ocorreu milhares de anos depois de seu nascimento.

Até a Terceira Raça os homens não tinham personalidade; só tinham Mônadas ou Sopros do Alento Único; tinham corpos ou sombras de corpos que eram imaculados e, portanto, sem Karma. Não havia Kama Loka, nem Nirvana, nem Devachan, pois não havia Egos pessoais nem períodos intermediários entre as encarnações. Como a ave Fênix, o homem primordial ressuscitava passando de um corpo velho para um novo. A morte só apareceu com o organismo completo e a decadência moral. Os Rishis e Criadores são Espíritos de outros planetas inferiores renascidos na Terra e que deram nascimento à atual humanidade.

O Tempo marcha sobre sete Rodas e tem sete naves; a imortalidade é o seu eixo; o Tempo se apressa para adiante do Primeiro Deus.

0 Espaço e o Tempo são um; não tem nome, pois é o Incognoscível que só pode perceber-se por meio de seus sete Raios (sete Criações).

O Deus mais elevado não é uma substância, mas a causa dela mesma; não o que vemos mas aquilo no qual tudo está: o Espaço.

Maruts ou Nirmanakayas são os Egos dos Grandes Adeptos que partiram e para os quais não há Devachan, pois renunciaram, voluntariamente, ao Nirvana da Humanidade, achando-se como se acham fora de toda a ilusão.

Por amor à humanidade que lutaria ainda desamparada nas redes da ilusão, da ignorância e da desgraça, os Maruts renascem de vez em quando como grandes Iniciados e Ascetas.

O SETE NA ASTRONOMIA, NA CIÊNCIA E NA MAGIA

O número sete está intimamente relacionado com as Plêiades, essas filhas de Atlas, seis presentes e a sétima oculta. As Plêiades, em sânscrito — Krittikas — estão astronomicamente relacionadas com o planeta Marte; Karttikeia, um dos Kümaras ou ascetas com seis cabeças. Ele monta o pavão real, ou Ave da Sabedoria, o Fênix hindu. Na sua fronte está a estrela de seis pontas, a Suástica. O Sr. Guines afirma que transcorreram 4.320 anos em meses lunares, entre a Criação e a Natividade, relação inequívoca com os 4.320.000 anos dos Yugas hindus.

Há dois Tetragrâmmatons: o Macroprósopus e o Microprósopus. O primeiro é o Quadrado perfeito, absoluto ou Tetrakty (o Quadrado dentro do círculo). Ain a Seidade Ilimitada e absoluta. O Microprósopus ou Logos Manifestado, o Homem Celeste, é representado pelo Cubo coberto pelo Triângulo ou este no Quadrado. Este é uma Deidade Secundária manifestada. Somos seis luzes que brilham procedentes de uma sétima, dizia Rabi Abba.

Os Zuni, índios americanos orientais, antigos e modernos, conhecem esta tradição sobre a qual moldaram suas leis e costumes, todos de acordo com o princípio setenário. Todas as suas construções são feitas de seis casas em redor de uma sétima; seus tributos são pagos em grãos de sete cores. Para eles o branco representa o Este, porque do Oriente vem a primeira Luz do Sol; o amarelo corresponde ao Norte por causa das chamas das auroras boreais; o encarnado ao Sul porque deste lado vem o calor; o azul representa o Oeste, cor do Oceano Pacífico, que se encontra a Oeste. Negro é a cor da região inferior subterrânea: a obscuridade. A espiga com grãos de todas as cores representa a região Superior do Firmamento. O grão colorido por todas as cores é o da Mãe Sacerdotisa, a mulher que contém em si a semente de todas as raças presentes, passadas e futuras. 0 sete é, também, um grande número mágico. Nos Puranas se menciona uma arma de fogo concedida por Aurva a seu cheia Sagara, a qual estava construída com os sete elementos e se chamava Agneyastra.

AS SETE ALMAS DOS EGIPTÓLOGOS

Cada vez que o Ego Imortal se encarna, converte-se, como um todo, numa Unidade composta de Espírito e Matéria, que atuam juntos nos sete planos do ser e da consciência.

Sr. Gerald Massey afirma, no seu livro The Natural Gênese, que:

"A primeira forma do sete místico se via figurada no céu pelas sete grandes estrelas da Ursa Maior, a constelação atribuída pelos egípcios à Mãe do Tempo e dos sete Poderes Elementais. Os hindus também colocam os seus sete Rishis na Ursa Maior ou Riksha, e seus adeptos pretendem conhecer se se trata só de um mito astronômico ou de um mistério primordial com um significado mais profundo que o que apresenta à superfície. O mesmo acontecia entre os árias." Continua o Sr. Massey: "As primeiras forças reconhecidas da Natureza se estimaram em número de sete; estas se converteram em sete Elementais, ou divindades ulteriores. Assinalaram-se sete propriedades à natureza como: matéria, coesão, fluxão, coagulação, acumulação, estação e divisão e sete elementos ou almas ao Homem."

Tudo isto se ensinava na Doutrina Secreta, porém se interpretava com sete chaves. As sete almas mencionadas nos textos egípcios se referem aos nossos sete princípios. O autor dá uma tábua comparativa entre a índia e o Egito, como segue:

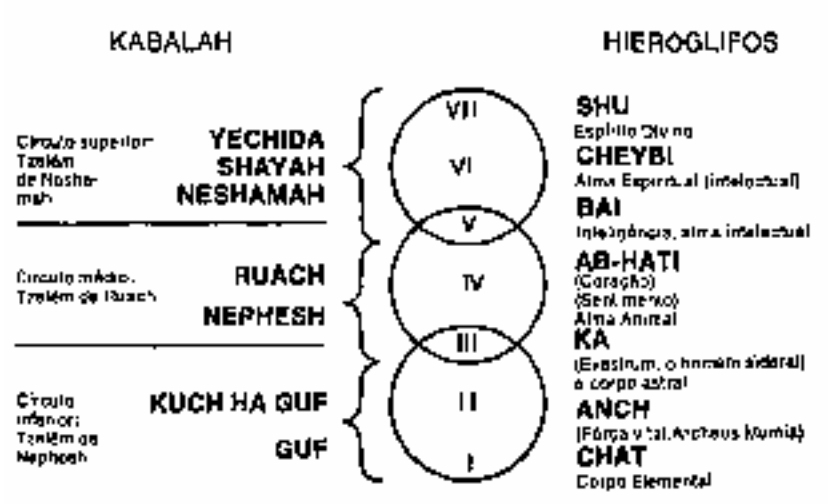
ESOTÉRICA (Índia)	EGÍPCIA
1 — Rüpa, corpo, alma	1 — Kha, o corpo
2 — Prana, o alento de vida	2 — Ba, a alma do alento
3 — Corpo astral	3 — Khaba, a sombra
4 — Manas (Inteligência)	4 — Akhu, a inteligência ou percepção

5 — Kama Rupa (Alma animal)	5 — Seb, a alma hereditária
6 — Buddhi (Alma espiritual)	6 — Putah, o primeiro pai intelectual
7 — Âtma (Espírito Puro)	7 — Atmu, a alma divina ou eterna

O autor errou neste quadro a colocação dos princípios, pois Manas é o quinto princípio egípcio, Seb, a alma hereditária, o fio brilhante do Ego Superior.

As sete Almas se mencionam freqüentemente nos textos egípcios. 0 Deus Lunar, Taht Esmun, o ulterior deus solar, expressava os sete Poderes da Natureza que eram anteriores a ele e estavam resumidos nele com as sete Almas, (nós chamamos Princípios). As sete estrelas nas mãos de Cristo (Apocalipse) têm a mesma significação.

Numa série de artigos notáveis no Sphinx de Munique, Herr Franz Lambert apresenta provas incontrovertidas de suas conclusões sobre o Livro dos Mortos e outros anais egípcios. O diagrama que se segue resume as conclusões do autor:



Esta é uma representação dos princípios do Ocultismo, ainda que embrulhada pelo Sr. Massey, que dá o mesmo nome ao Ego ou Mônada que se reencarna e ressuscita, que os egípcios davam, a saber: o "Renovado". Porém como pode Ruach (Espírito) alojar-se no Kama Rupa?

Boeme, príncipe dos videntes medievais, diz:

"Encontramos sete propriedades na Natureza, por cujo meio esta Única Mãe executa todas as coisas (as quais ele chama fogo, luz, som — as três superiores — e desejo, amargura, angústia e substanciabilidade, analisando as inferiores em seu próprio sentido místico). 0 que as seis formas são espiritualmente, a sétima (o corpo) o é essencialmente. Estas são as sete formas da Mãe de todos os seres, donde se gera tudo o que existe neste mundo. O Criador se gerou a si mesmo, no corpo deste mundo, criaturalmente, por assim dizer, em seus espíritos qualificadores ou fundamentais; e todas as estrelas são poderes de Deus e todo o corpo do mundo se compõe de sete espíritos fundamentais."

Isto é verter em linguagem mística a nossa doutrina teosófica. O Ocultismo nos ensina que: "Enquanto a Mônada Humana passou no Globo A e nos outros, na Primeira Ronda, através de todos os três reinos, mineral, vegetal e animal, nesta Quarta Ronda, todos os mamíferos surgiram do Homem, se a criatura semi-etérea, multiforme, que encerrava a Mônada humana das primeiras Raças, pode ser considerada como Homem. Na linguagem esotérica, a forma de carne, sangue e ossos que agora se chama homem, não é o Homem verdadeiro; mas a Mônada divina, interna, com seus múltiplos princípios ou aspectos, esta sim, é a real.

Qualquer que seja a diferença de forma em que se apresente o dogma setenário, a substância está ali, e segundo um dos sábios metafísicos e erudito vedantino da Índia, a classificação sétupla esotérica é a mais importante que recebeu sua ordenação da constituição misteriosa desse tipo eterno. A classificação quádrupla pretende a mesma origem. A Luz da Vida parece refletida pelo prisma de três faces de Prakriti, e dividida em sete, que no curso do tempo desenvolvem os sete princípios desta classificação. Tem mais relação com o Logos bramânico do que com o Logos budista. O Logos tem sete formas no Cosmos, que correspondem aos sete estados de consciência. É uma ponte entre o objetivo e o subjetivo, e indica o circuito misterioso por que passa a ideação. Os sete Princípios estão aliados aos sete estados da matéria e aos sete modos de força. Estão harmoniosamente ordenados entre os dois pólos que definem os limites da consciência humana. Há sete classes de Logos no Cosmos: cada um deles se converteu na figura central de um dos sete ramos principais da antiga Religião da Sabedoria. É uma herança comum de todas estas escolas deixadas aos sábios da Quinta Raça-Raiz pelos grandes Sidhas da Quarta.

Sidhas são os que possuem, desde o nascimento, poderes sobre-humanos, como conhecimento e indiferença pelo mundo. Segundo os ensinos ocultos, os Sidhas são Nirmanakayas, ou espíritos, no sentido de espírito individual ou consciente, de grandes sábios procedentes de esferas de um plano superior ao nosso, que encarnam, voluntariamente, em corpos mortais para ajudar a humanidade em seu progresso ascendente. Daí seus conhecimentos e poderes inatos. Todas as diferenças existentes são mais de forma que de substância.

O Sol e a Lua são deidades de nosso Macrocosmo planetário e relacionadas com os órgãos humanos. A Escola é uma coisa e os intérpretes são outra completamente diferente, daí a divergência de opiniões.

ADENDA

CIÊNCIA E DOUTRINA SECRETA COMPARADAS

É evidente que um ser organizado não pode descender de outro cujo desenvolvimento esteja numa ordem inversa à sua. Assim não podemos considerar o homem como descendente de nenhum tipo símio. A causa que jaz no fundo da variação fisiológica das espécies, à qual todas as outras leis estão subordinadas e são secundárias, é uma Inteligência subconsciente que penetra a Matéria e é reflexo da Sabedoria Divina (o princípio de perfetibilidade). O darwinismo só descobre a Evolução em seu ponto médio, isto é, quando a evolução astral foi substituída pelo funcionamento das forças físicas ordinárias, conhecidas por nossos atuais sentidos.

O Logos atua empregando como meio Fohat ou a energia Dhyân-Choânica, e não de modo direto. A Natureza Misteriosa da consciência da Alma e do Espírito do Homem atua sobre as funções das moléculas protoplásmicas.

A Natureza misteriosa da Consciência, da Alma e do Espírito do Homem, explicando-se agora como um mero progresso sobre as funções das moléculas protoplásmicas dos espirituais protistas, poucas são as probabilidades de que se preste uma atenção imparcial às doutrinas da Sabedoria Arcaica.

Quando a evolução física triunfou sobre a mental e espiritual, e quase a achatou sob seu peso, o grande dom de Kriyashakti ficou como patrimônio de uns poucos homens escolhidos em cada idade. 0 Espírito se esforçou, em vão, em manifestar-se por completo em forma puramente orgânica, e as faculdades naturais da primeira humanidade da Terceira Raça converteram-se em fenômeno. Atualmente a mera idéia de que haja um poder que possa criar formas humanas em que se encarnem Mônadas conscientes ou Nirmanakayas de Manvântaras passados é absurda e ridícula, mas considera-se natural a produção de monstros de Frankenstein, mais a consciência moral, religiosa, gênio e sentimento por meio de forças físico-químicas guiadas pela Evolução todo-poderosa. Não obstante, os teósofos e ocultistas continuarão a defender suas teorias, opondo-se à evolução darwiniana no que respeita ao homem e, parcialmente, no que respeita a outras espécies.

Um profundo pensador russo, N. N. Strachof, no seu livro Conceitos Fundamentais de Psicologia e Fisiologia, diz:

"Se os organismos são entidades... então é justo deduzir e assegurar que a vida orgânica se esforça em engendrar a vida psíquica, mais exatamente que a verdadeira causa da vida orgânica é a tendência do

Espírito a manifestar-se em formas substanciais, a revestir-se de realidade substancial. A forma mais elevada é a que contém a explicação completa da mais ínfima, nunca o contrário."

Isto é admitir a identidade deste Princípio misterioso que atua e organiza, integralmente, com a própria consciência e o Sujeito Interno que nós chamamos Ego ou Alma.

OS ANTECESSORES OFERECIDOS PELA CIÊNCIA À HUMANIDADE

A questão das questões para a humanidade — o problema que jaz no fundo dos demais — é o de chegar à certeza do lugar que o Homem ocupa na Natureza e de suas relações com o Universo das coisas (Huxley, O Lugar do Homem na Natureza).

O mundo de hoje vacila entre duas teorias fundamentais: a origem dos Progenitores divinos e a do Bathybius Haeckelü (o solitário gelatinoso do oceano salgado). A teoria da evolução mais racional é a esotérica, que mostra o desenvolvimento gradual dos órfãos, sua solidificação e a procriação de cada uma das espécies, primeiro pela separação de um ou dois em vários indivíduos, logo o estado hermafrodita; depois, uma espécie de partogênese (reprodução virginal), quando as células-ovos se desenvolvem dentro do corpo, saindo em emanações atômicas e amadurecendo no exterior, e depois numa definida separação de sexos em que os seres humanos principiam a procriar por meio da relação sexual. Não se pode admitir, conscientemente, a criação como um ato revelado. Existem vários modos de reprodução conhecidos pela Ciência, como a divisão celular, a esporulação, a partogênese etc. O desenvolvimento do embrião — ontogenia — é uma repetição condensada e abreviada da evolução da Raça (filogenia).

Isto demonstra que todas as criaturas e coisas vivas da Terra, inclusive o homem, partiram de uma forma primordial comum.

O homem físico tem que haver passado pelas mesmas etapas do processo evolucionário em seus diversos modos de procriação que outros animais passaram. Deve ter-se dividido: logo, o hermafrodita deu nascimento — partenogeneticamente (sob o princípio imaculado) — a seus filhos; o estado seguinte seria o ovíparo — no princípio, sem nenhum elemento frutificador, logo com a ajuda do esporo fertilizante; e só depois da evolução final e definida dos sexos, converteu-se em macho e fêmea separados, quando a reprodução por meio da união sexual chegou a ser uma lei universal. Até aqui está cientificamente provado; só fica uma coisa para comprovar: a descrição, clara e compreensível, dos processos de semelhantes reproduções pré-sexuais.

Isto se detalha nos Livros Ocultos, que consideram o Homem um ser à parte, por causa de sua definida natureza dual. A Ciência não pode fazer outro tanto desde o momento que repele toda intervenção que não seja das leis mecânicas e não admite princípio nenhum fora da Matéria.

A Ciência Arcaica admite que a constituição física humana passou por todas as formas, desde a mais ínfima à mais elevada, sua forma atual ou desde o simples ao complexo, para usar os termos aceitos, porém sustenta que, neste ciclo (o quarto), desde que a forma passou pelos tipos e modelos da Natureza das Rondas precedentes, achava-se pronta para o homem desde o princípio da Ronda. A Mônada só teve de penetrar no corpo astral dos Progenitores para que a obra de consolidação física principiasse em torno da sombra protótipo. (Não pode haver forma objetiva alguma na Terra nem no Universo, sem que seu protótipo astral se forme primeiro no Espaço.)

Sabemos que é necessário criar o modelo na mente antes de dar-lhe uma forma de três dimensões ou objetiva. E se a Mente humana é uma demonstração viva de tais etapas sucessivas do processo da Evolução, como poderá ser de outro modo quando se trata da Mente e Poderes criadores da Natureza?

O dever dos homens de ciência é observar os fenômenos da Natureza, registrar, ordenar, comparar e classificar os fatos até as pequenas minudências que se apresentam à observação dos sentidos, e corrigir, com a ajuda dos instrumentos físicos, os defeitos ou ilusões de sua própria visão mais grosseira e dos poderes de seus sentidos. Não tem o direito de entrar no terreno da Metafísica e da Psicologia. Seu dever é comprovar e retificar todos os fatos que caem sob a sua observação direta, concatenando as causas e efeitos que pela constante repetição se transformam em Lei.

Mas eles tratam de explicar a origem das coisas com as suas próprias concepções, atacando crenças religiosas e tradições milenares.

Uma teoria é, simplesmente, uma hipótese, uma especulação e não uma lei.

Numa coisa a Lei de Darwin está certa: é que a evolução gradual é extremamente lenta, abarcando milhões de anos.

A manifestação do Logos como consciência individual, na criação animal e humana, não é aceita pela ciência exata, nem explica tudo, é claro.

Porém, os fracassos da ciência e suas deduções arbitrárias são muito maiores, em conjunto, do que os que pode proporcionar qualquer doutrina esotérica, extravagante. A Psicologia é em parte uma ciência espiritual e não física. A descoberta de Haeckel de que os animais têm alma, vontade e sensação, e portanto possuem as funções da Alma, leva-o a fazer da Psicologia a ciência dos zoólogos. Ele diz: "0 estado da evolução da vida da Alma nos mostra que se abriu caminho desde os estados inferiores da Alma-célula, através de uma série de estados graduais da evolução até a alma do homem, ainda que, atualmente, não estejamos em situação de explicar por completo a natureza da consciência; sem dúvida, a observação comparada e genésica dela indica, claramente, que é só uma função mais elevada e complexa das células nervosas."

O ensino arcaico de que a Alma (a alma animal e a humana ou Kamas e Manas) tem a sua história de desenvolvimento é reclamada por Haeckel como uma descoberta e inovação sua, numa senda não palmilhada.

O Ocultismo ensina que os átomos impregnados do Princípio de Vida, fator independente, eterno e consciente, são transmitidos, parcialmente, por meio de herança e se reúnem de novo, parceladamente, convertendo-se no Princípio animador do novo corpo em cada nova encarnação das Mônadas. Assim como a Alma individual é sempre a mesma, assim os átomos dos princípios inferiores (corpo, astral, duplo etc.) são atraídos por afinidades e, pela Lei Kármica, à mesma individualidade, numa série de vários corpos.

A agregação coletiva dos átomos da Vida-forma, a Anima Mundi de nosso Sistema Solar ou Alma de nosso pequeno Universo, cada átomo do qual é, portanto, uma Alma-Mônada, dotada de consciência e memória. Os ocultistas que buscam a origem de cada átomo do Universo, seja coletivamente ou não, numa Unidade, a Vida Universal, que não reconhecem que possa haver na Natureza algo inorgânico, que não admitem a matéria morta, estes estão conformes com a sua doutrina do Espírito e da Alma, quando falam da Memória, da Vontade e da Sensação de cada átomo.

Nós falamos dos "Átomos de Vida" e "Átomos dormentes", como formas de energia cinemática e a potencial, produzidas pela mesma força — A Vida Una — origem e impulsor de tudo. O Princípio ou Energia da Vida, que é onipresente, eterno, indestrutível, é uma força e um Princípio como Númeno, ao passo que o átomo é o fenômeno. É uma e a mesma coisa e não podem considerar-se como separáveis. O que se transfere de um grupo de átomos para outro é o poder vivente (a energia do movimento) o vis-viva, ou força cinemática, ficando o grupo abandonado com a energia potencial ou vida latente. Qualquer evolucionista honrado afirmará que são imperfeitos os anais geológicos, havendo enormes vácuos na série de fósseis até hoje descobertos e que não podem completar-se nunca. Dirão que não pretende que nenhum homem descende de nenhum mono existente ou extinto, porém que ambos tiveram sua origem, provavelmente, há evos de tempos, num tronco comum.

AS RELÍQUIAS FÓSSEIS DO HOMEM E DO MONO ANTROPÓIDE
Fatos Geológicos que se Referem X sua Relação

Os dados derivados das investigações científicas sobre o "homem primordial" e o mono não emprestam fundamento às teorias que fazem proceder o primeiro do segundo. Foi o Homo Sapiens do Plioceno ou Mioceno? Ou ainda mais antigo?

O abade Bourgeois descobriu que o homem existiu no período Mioceno, pois encontrou pedernais de inegável fatura humana nos estratos miocenos.

A Terra solidificou-se há 100.000.000 de anos, para sustentar a vida animal e vegetal. O período Terciário pode ter durado 5 ou 10.000.000 de anos. Quem pode provar que o homem não existia então? O que impedia a sua presença?

Onde existiu o antropóide, o homem ou seus antecessores também poderiam ter vivido. Anatomicamente falando, os monos e símios são variações tão especiais do tipo mamífero como o homem. Se pôde sobreviver, como sobreviveu, às condições adversas do período glacial, não há razão para que não tenha podido viver no período Mioceno, de clima semitropical.

Huxley assinala o grande abismo que separa o homem inferior do mono superior em poderes intelectuais. Não é fácil ver como surgiu esta diferença de estrutura física e como veio à existência um ser com semelhantes mãos e cérebros e tais faculdades latentes para um progresso quase ilimitado. A diferença de estrutura entre a Raça inferior de homens e o mono superior existente é demasiado grande para admitir a possibilidade de ser um o descendente direto do outro. Se a teoria darwiniana se mantém firme no caso do homem e do mono, temos que retroceder a algum antecessor comum de que ambos se originaram. Para isso precisamos encontrar essa forma antecessora em formas intermediárias.

Assim, parece que o homem é a única exceção da lei geral do Universo, e é filho de uma criação especial.

O driopiteco de Bourgeois, do período Mioceno, e o homem podem descender de um antecessor comum. O Esoterismo ensina que na primeira parte da Idade Terciária florescera a civilização mais brilhante que o mundo conheceu, num período em que o mono vagava nos bosques primitivos. Os monstros criados no pecado, pelos gigantes Atlantes, cópia de seus bestiais pais, extraviam o antropólogo moderno europeu. Haeckel sugere que o berço do "elo perdido" (transformação do animal em homem) foi na Lemúria, continente ao Sul da Ásia que afundou no Oceano Índico, provavelmente no Terciário, no período do Plioceno ou Mioceno.

A Doutrina Secreta está de acordo com a afirmação de que a Lemúria foi o berço da humanidade; a criatura física sexual que se materializou através de largos evos desde o estado de hermafroditas etéreos.

O que se prova é que a Ilha de Páscoa é um resto verdadeiro da Lemúria, e, segundo Haeckel, devemos crer que o homem mudo, semelhante ao mono do qual descendia, construiu as gigantescas estátuas-retratos, das quais uma está no Museu Britânico.

A Doutrina Secreta afirma que o Homem não pode descender do mono nem de nenhum antecessor comum ao mono e ao homem, mas a sua origem é de um tipo muito superior a ele mesmo; este tipo é o

homem celeste, os Pítris e Dhyân-Choans. O pitecóide, o orangotango, o gorila e o chimpanzé, podem descender da Quarta Raça humana animalizada, sendo um produto do homem e espécies de mamíferos já extintos, cujos remotos antecessores eram o produto da bestialidade humana e que vivia no período Mioceno.

No presente período terrestre da Quarta Ronda, só a fauna mamífera pode considerar-se originada pelos protótipos desprendidos do Homem.

Os anfíbios, pássaros, répteis, peixes, são restos da Terceira Ronda, formas astrais fósseis armazenadas na coberta áurica da Terra e projetadas na objetividade física em seguida à deposição das primeiras rochas laurencianas. Os mamíferos marsupiais da época secundária foram evoluídos de progenitores puramente astrais contemporâneos da Segunda Raça.

São, pois, pós-humanos e explicam a semelhança geral entre seus estados embrionários e os do homem que encerra em si e compendia em seu desenvolvimento as linhas do grupo que o originou.

As formas animais terrestres da Terceira Ronda se referem aos tipos plasmados pelo Homem da Terceira Ronda, como essa nova importação na área de nosso planeta — o tronco mamífero — se refere à Humanidade da Segunda Raça-Raiz da Quarta Ronda. A potencialidade de todos os órgãos úteis da vida animal está encerrada no Homem: o Microcosmo do Macrocosmo.

Como explicar a presença das guelras no feto humano, as quais representam o estado pelo qual passam, em seu desenvolvimento, as brânquias do peixe? 0 vaso palpitante que corresponde ao coração dos peixes inferiores e o qual constitui o coração do feto? A completa analogia que apresenta a segmentação do óvulo humano, a formação do blastodermo e a aparição do estado "Gástrula" com os estados correspondentes da vida vertebrada inferior ainda entre as esponjas; os diversos tipos da vida animal em que a forma do menino delineia no seu ciclo de crescimento?

A Monera em sua ascensão para o Homem passa por vinte e dois estados, e estes são rememorados no desenvolvimento fetal humano.

Com freqüência, condições anormais podem resultar de estranhos fenômenos que os darwinistas consideram de reversão a traços de antecessores.

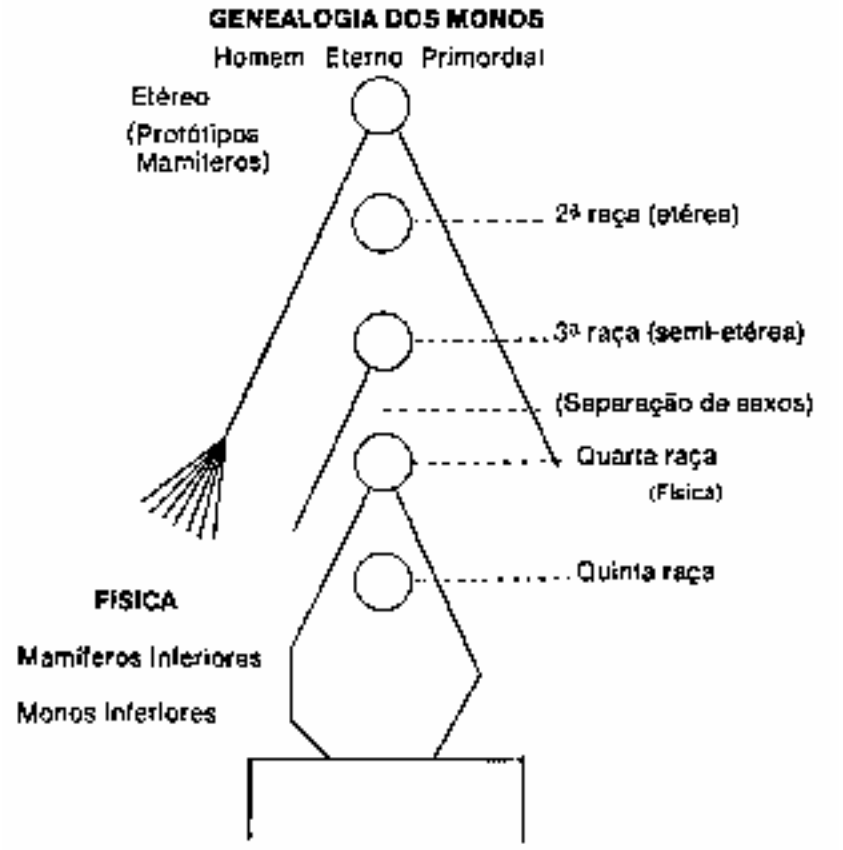
Recusando-se a ver no Homem uma criação especial, a Ciência fica em liberdade de ignorar as duas e meia primeiras Raças — a espiritual, a semi-espiritual e a semi-humana, de nossa doutrina. Dificilmente pode fazer o mesmo no período final da Terceira Raça e da Quarta e Quinta, posto que já distingue a sua humanidade, o Homem Paleolítico e o Neolítico.

Os geólogos franceses colocam o homem no período médio Mioceno, e alguns até no Secundário. A maior parte dos antropólogos remonta a idade do Homem ao período pós-Glacial ou Era Quaternária,

calculando-se em cem mil anos a idade do gênero humano (Ciência). Huxley, no entanto, calcula que milhões de anos foram necessários para transformar o mono primordial em ser humano; esta a voz da Ciência.

Ora, nenhum mono antropóide foi encontrado antes do período Mioceno.

As relíquias pedernais do homem se atribuem ao período Plioceno e às camadas Miocenas. Aqui temos um diagrama segundo os ensi-



DURAÇÃO DOS PERIODOS GEÓLOGICOS — CICLO DE RAÇAS E ANTIGUIDADE DO HOMEM

nos da doutrina esotérica, que pode elucidar o estudante sobre o problema.

Na Terceira Ronda o Homem etéreo tinha uma forma gigantesca e simiesca. Aconteceu o mesmo no fim da Terceira Raça desta Ronda. Isto explica as faces humanas dos monos antropóides posteriores, que conservam, por herança, semelhança com seus antepassados Atlanto-Lemúrios.

As formas semi-etéreas se consolidaram em físicas, e os descendentes destes seres foram modificados pelas condições externas, até que a espécie culminou nos monos inferiores do período Mioceno. Com estes os Atlantes renovaram o pecado dos Amentes que produziram os monos antropóides.

A ciência médica registra casos, em nossos dias, de monstros produzidos de pais humanos e animais. A possibilidade, pois, é só de grau, não de fato. Milhões de anos transcorreram sem deixar na memória do profano outra recordação que os poucos milênios da cronologia ortodoxa ocidental acerca da origem do homem e da história das raças primitivas.

Tudo depende das provas que se encontrarem da antigüidade da Raça humana. Se se encontrassem algum dia esqueletos de homens nas capas Eocenas, sem se descobrir nenhum mono fóssil, provando-se, assim, que a existência do homem é anterior à do antropóide, estaria derrubada toda a teoria de Darwin.

No Gênese não se encontra nenhuma data que determine tempo ao nascimento da humanidade primitiva.

O professor Sayce, de Oxford, em 1887, disse que: "As antigas opiniões sobre os primeiros anais de Babilônia e de suas religiões foram modificadas por recentes descobertas. O primeiro império semítico foi o de Sargão de Acádia, que fundou uma grande biblioteca, protegeu a Literatura e estendeu as suas conquistas através do mar até Chipre.

0 seu reinado aconteceu 3.750 anos antes de Cristo. Os monumentos acadianos encontrados pelos franceses em Telloh devem ser mais antigos ainda, calculando-se em 4.000 anos antes de Cristo.

Isto leva a crer que Adão deveria estar de fraldas na época.

Os sacerdotes babilônicos, como os de outras nações, confundiram a ordem dos sucessos, intencionalmente, porque os anais eram só para os Iniciados e seus discípulos. Diz o professor Sayce: "A Biblioteca de Nínive continha sobretudo cópias de textos mais antigos, copiados de tabuinhas pelos conquistadores assírios; só o que representava um interesse especial para os conquistadores foi aproveitado, e que devia pertencer a uma época relativamente recente." A Biblioteca de Alexandria foi destruída três vezes: por Júlio César, no ano 48 a.C; e em 390 e 640 d.C.

Que é isso, comparável às obras e anais das bibliotecas Atlantes, onde se diz que os anais estavam gravados sobre peles curtidas de monstros gigantescos antediluvianos?

E a Biblioteca chinesa, destruída pelo fundador da dinastia Tsin, no ano 213 a.C?

Ainda que com a extrema pobreza de dados que possui, a Ciência sabe, pelas descobertas dos arqueólogos, que as estátuas de Tel-loh são feitas de diorita verde, a qual só se encontra na península de Sinai e se assemelha às pirâmides das terceira e quarta dinastias do Egito.

A única época possível da ocupação babilônica das canteiras sinaíticas foi logo depois da construção das pirâmides, e só assim se pode compreender como o nome Sinai derivou de Sin, o Deus Lunar babilônico primitivo. Isto é muito lógico, mas qual a data assinalada a esta dinastia? Há, pois", uma cidade na Terra, à qual a Ciência concede 6.000 anos de idade: é a cidade de Eridu.

A Natureza não dá saltos, já dizia Darwin. O seu progresso é lento e majestoso. Os impulsos planetários são todos periódicos, mas necessita-se de algo mais que a seleção natural para produzir o homem físico.

Vemos uma carência total de formas de transição, graduadas minuciosamente. Temos de admitir que, de tempos em tempos, aparecem com relativa precipitação formas novas de vida animal em todos os graus de complexidade que evoluem de acordo com as leis que dependem, em parte, das condições que a rodeiam; em parte são internas (semelhantes aos cristais) e se constróem de acordo com leis internas de sua substância constitutiva e em harmonia e correspondência com todas as influências e condições do meio-ambiente (C. Mivart.). Estas são palavras sábias e prudentes. É admissível a doutrina dos impulsos planetários, porque estão hoje estereotipadas as espécies e porque até as crias domésticas de pombos e outros animais voltam aos seus tipos antecedentes quando abandonadas a si mesmas.

Tudo isto desapareceria, admitindo-se os seguintes axiomas esotéricos :

a) a existência e enorme antigüidade de nossa Cadeia Planetária;

b) a realidade das Sete Rondas;

c) a separação das Raças humanas em sete raízes distintas, das quais a quinta é a nossa presente humanidade européia;

d) a antigüidade do Homem nesta Quarta Ronda;

e) assim como estas Raças evoluem do etéreo à materialidade e desta voltam de novo a uma relativa tenuidade física de contextura, assim também todas as espécies vivas de animais chamadas orgânicas, inclusive a vegetação, mudam em cada Raça-Raiz.

Exceto Flammarion e uns poucos astrônomos místicos, a maior parte nega até a habitabilidade dos outros planetas. No entanto, tão grandes astrônomos Adeptos eram os cientistas das primeiras Raças do

tronco ário, que sabiam muito mais das Raças de Marte e Venus que os antropologistas modernos sabem dos primitivos estágios na Terra. Os cientistas arcaicos nos asseguram que todos os cataclismos geológicos, desde o levantamento dos oceanos, os dilúvios, alterações dos continentes até os atuais ciclones de todos os anos, furacões e terremotos, marés etc, até a mudança das estações, são devidos à Lua e aos planetas; mais ainda, que até as desdenhadas constelações modestas têm maior influência nas mudanças meteorológicas e cósmicas, sobre e dentro de nossa Terra.

SOBRE AS CADEIAS PLANETÁRIAS E SUA PLURALIDADE

Conheciam os antigos outros mundos além do nosso?

Quais os dados que têm os ocultistas para afirmar que cada Globo é uma Cadeia Setenária de mundos, dos quais só um é visível, e que estes são, foram ou serão portadores de Homens como todas as estrelas e planetas visíveis? Que querem significar quando dizem que uma influência física e moral é exercida sobre o nosso Globo pelos mundos siderais?

As respostas aí vão. Acreditamos que seja assim, porque a primeira lei da Natureza é a uniformidade na diversidade; a segunda é a analogia.

Como é em cima assim é embaixo.

A Verdade universal foi sacrificada ao nosso insano amor próprio, e a religião se interpôs, por demais tempo, no caminho do progresso.

Fora das provas de evidência e raciocínio lógico, não há outras provas para o profano. Para os ocultistas, que crêem no conhecimento adquirido por inúmeras gerações de videntes e Iniciados, bastam os dados que se expõem nos Livros Secretos. O público, porém, necessita de outras provas.

Inconscientemente, ao pensar na pluralidade dos mundos habitados, imaginamos que são como o nosso Globo, e estão povoados por seres mais ou menos semelhantes a nós. Podemos deduzir que não há outro Globo, em todos os infinitos Sistemas, que se pareça tanto com a Terra, que a capacidade ordinária do pensamento humano possa imaginar e reproduzir seu conteúdo e semelhança.

Informam-nos que os mais elevados Dhyân-Choans ou Espíritos Planetários ignoram o que há além do Sistema Planetário visível, porque a sua essência não pode assimilar a dos mundos além de nosso Sistema Solar. Quando atingirem um estado de evolução mais elevado, esses outros universos se abrirão para eles.

O homem ordinário não tem experiência de nenhum outro estado de consciência mui distinto de todos os que o homem experimenta aqui. Os homens sonham; dormem em profundo letargo, que é demasiado

para que os seus sonhos se imprimam no cérebro físico; e neste estado deve haver ainda consciência.

Como podemos nós pretender especular com proveito sobre a natureza de Globos que na economia da Natureza devem pertencer a outros estados de consciência mui distintos de todos os que o homem experimenta aqui?

Os grandes Adeptos só conhecem o que se refere ao Sistema Solar, natureza e aparência dos Planetas e habitantes solares. Eles sabem que quase todos os Mundos e Planetas estão habitados, mas sabem, também, as dificuldades para se relacionar com os diferentes estados de consciência na Cadeia de Esferas dos três Planos além de nossa Terra. Para compreender, o homem precisaria da experiência de outras formas de percepção. Já que não há um só átomo do Cosmos que careça de vida e consciência, quanto mais devem possuir ambas, os poderosos Globos, ainda que para nós sejam livros fechados, já que não podemos penetrar na consciência das formas de vida mais próximas de nós. Se não nos conhecemos a nós mesmos, como poderemos pretender conhecer a consciência do menor animal existente?

0 Rabino Abhu explica: "Quando se diz que os Mundos pereceram, significa que suas humanidades não tinham ainda a verdadeira forma, até que a forma humana (a nossa) veio à existência, na qual todas as coisas estão compreendidas e que contém todas as formas... isto não significa a morte, mas uma decadência de seu estado" (de mundo em atividade). Esta frase contém um mistério profundo nas ciências ocultas, cujo segredo, uma vez conhecido, confere tremendo poder ao Adepto para mudar a sua forma visível.

David Brewster, o famoso físico, escreve: "Estes Espíritos estéreis, que crêem que a Terra é o único corpo habitado no Universo, não concebem que a Terra já foi destituída de habitantes durante miríades de anos; que durante estes evos não houve uma só criatura inteligente nos vastos domínios do Rei Universal." Flammarion afirma que todas as condições de vida, mesmo as que conhecemos, estão presentes pelo menos em alguns planetas, condições que devem ser muito mais favoráveis neles do que em nossa Terra.

Este é o limite, além do qual as faculdades do homem ordinário não pode chegar. Os misteriosos Reis de Edom são, às vezes, aludidos no sentido dos Mundos que foram destruídos; porém isto é mais um véu.

Os Reis Edomitas simbolizam as tentativas de homens neste Globo, as Raças pré-adâmicas, de que fala o Zohar.

Examinando as condições astronômicas dos demais planetas, é fácil notar que alguns deles têm condições mais adequadas para o desenvolvimento da vida e da inteligência conhecidas pelos homens.

Em Júpiter, por exemplo, as estações, em vez de variarem dentro de limites amplos, como sucede com as nossas, mudam por graus quase imperceptíveis e duram doze vezes mais que as nossas. Dizem que

Júpiter está em estado incandescente e por isso a vida é impossível ali. Mas nem todos os astrônomos estão de acordo sobre isto. Em Vênus as estações são mais extremas e as mudanças de temperatura mais repentinas, se bem que a duração do dia é quase a mesma nos quatro planetas: Mercúrio, Vênus, Terra e Marte.

Em Mercúrio o calor e a luz do Sol são sete vezes mais intensos que na Terra, e sua atmosfera é muito mais densa.

Diz Flammarion que as humanidades de outros Mundos diferem tanto na sua organização interna como no seu tipo externo físico. Segundo os cálculos modernos, não há menos de 500.000.000 de estrelas de várias magnitudes ao alcance de nossos telescópios. O nosso Sol, 1.300.000 vezes maior que a Terra, resulta insignificante ao lado do gigantesco Sol de Sírius, e este é pequeno em relação a outros luminares do Espaço infinito.

Nossa Terra é, pois, um grão de areia nas margens de um mar infinito.

Demonstrada a habitabilidade de outros Mundos por humanidades diferentes da nossa, e umas das outras, segundo sustenta a Doutrina Secreta, então a evolução das Raças precedentes fica meio provada.

Qualquer geólogo sustentará que a Terra mudou dúzias de vezes nos milhões de anos que transcorreram no curso de sua existência; e por que, dizemos nós, não admitir que a Terra teve cada vez uma humanidade especial adaptada às condições de vida, clima, atmosfera etc, próprias de tais mudanças?

Assim sendo, por que não podiam viver e prosperar as Raças-Raízes precedentes à Quinta Raça Ária?

Segundo o Ocultismo, já transcorreram 320.000.000 de anos desde os primeiros depósitos sedimentares na Terra.

Calculam os geólogos que as rochas Primordiais têm 70.000 pés de espessura; as Primárias, 42.000; as Secundárias, 15.000; as Terciárias, 5.000; e as Quaternárias, 500. Dividindo em cem partes o tempo, qualquer que seja sua verdadeira duração que passou desde a aurora da Vida nesta Terra (capas inferiores laurencianas), teremos que atribuir à Idade Primordial mais da metade da duração total, ou seja, 53,5; a Primária 32,2; a Secundária 11,5; a Terciária 2,3 e a Quaternária 0,5, ou seja, meio por cento.

Como, pelos dados ocultos, o tempo transcorrido desde os primeiros depósitos sedimentares é de 320.000.000 de anos, podemos construir a seguinte tábua:

CALCULO APROXIMADO DA DURAÇÃO DOS PERÍODOS GEOLÓGICOS EM ANOS

PRIMORDIAL	Laurenciano Cambriano Siluriano	171.200.000	anos

Primário	Devoniano Carbonífero Permiano	103.040.000 anos	
Secundário	Triásico Jurásico Cretáceo	36.800.000 anos	
Terciário	Eoceno Mioceno Plioceno	7.360.000 anos	provavelmente em
Quaternário		1.600.000 anos	excesso

A parte do Ciclo Terciário Atlante, desde o apogeu da glória daquela Raça, no primeiro tempo Eoceno, até o grande cataclismo na metade do Mioceno, resultaria numa duração de três e meio a quatro milhões de anos. Se o cálculo do Período Quaternário não foi feito com excesso, como parece, então a submersão de Ruta a Daitya seria pós-Terciária.

Cremos que essa tabela conceda um período demasiado longo, tanto à Idade Terciária como à Quaternária, dado que a Terceira Raça-Raiz retrocede muito dentro da Idade Secundária. Todavia, as cifras são muito sugestivas. A Ciência exata argumenta com provas geológicas (espessura dos depósitos) que atribuem um período de cem milhões de anos desde que a Terra apareceu, isto é, desde o período Primordial até o Quaternário.

0 Ocultismo concede um pouco mais e alguns geólogos excedem o Ocultismo.

A hipótese científica divide o período da história do Globo, desde o princípio da Vida na Terra (idade Azóica) em cinco períodos principais :

;

HIPÓTESES CIENTÍFICAS

A Ciência divide o período da vida na Terra (Idade Azóica) em cinco períodos principais, segundo Haeckel.

do Globo.

TEORIA ESOTÉRICA

Deixando a classificação dos períodos geológicos à Ciência ocidental, a Filosofia Esotérica divide somente os períodos de vida do Globo. No Manvântara presente, o período atual está dividido em sete Kalpas e sete grandes Raças humanas. Seu primeiro Kalpa, que corresponde à Época Primordial, é a idade dos

TEORIA ESOTÉRICA

Deixando a classificação dos períodos geológicos à Ciência ocidental, a Filosofia Esotérica divide somente os períodos de vida do Globo.

Época Primordial	*Primitivos*
Laurenciano, Cambriano e Siluriano. Nessa época não houve vida vegetal nem animal. Nos depósitos laurencianos se encontram exemplares de "Eozoon canadiense", concha dividida em células. No Siluriano se desçobrem algas, moluscos, crustáceos, organismos marinhos inferiores e o primeiro vestígio de peixes. Diz a Ciência que a vida marinha se achava presente desde os princípios mesmo dos tempos, deixando sem explicar como apareceu a Vida na Terra. Repele a "criação" Bíblica. Por que não dá outra hipótese plausível?	Devas ou Homens Divinos, os "Criadores" e Progenitores (7 classes). a Filosofia Esotérica concorda com a Ciência, excetuando-se um particular. Os 300.000.000 de anos de vida vegetal precederam os Homens Divinos ou Progenitores. Nenhuma doutrina nega que houvesse vestígio de Vida dentro da Terra além do "Eozoon canadiense" na época Primordial. Ao passo que a mencionada vegetação pertencia a esta Ronda, as relíquias zoológicas encontradas nos sistemas Laurencianos, Cambriano e Siluriano, são os restos da Terceira Ronda. No princípio etéreo, como as demais se consolidaram e materializaram pari passu com a nova vegetação.
Época Primária Devoniano, Carbonífero, Permiano. Aparecem os bosques de samambaias, sigilárias, coníferas, peixes e primeiros vestígios de répteis, diz a Ciência Moderna.	*Primária* Os progenitores divinos (Grupos Secundários), e as duas Raças e meia. A Doutrina Esotérica repete o que se disse antes, Todas estas são relíquias da Ronda precedente. Todavia, uma vez que os protótipos são projetados do envoltório astral da Terra, segue-se um número indefinido de modificações.
Época Secundária. Triásico, Jurásico e Cretáceo. Aparecem os répteis, megalosauros, ictiosáurios, plesiosáurio etc. gigantescos. A Ciência nega a presença do homem neste período, mas não explica como o homem conhece estes monstros e	*Secundária* Segundo todos os cálculos, a Terceira Raça tinha aparecido durante o período Triásico, quando já havia alguns mamíferos e devia ter se separado antes da aparição destes. Esta é a Idade da Terceira Raça na qual se

os descreve antes da época de Cuvier. Os antigos anais da India, China, Egito e até Judéia estão cheios deles. Aparecem neste período os primeiros mamíferos marsupiais (didelfo), insetívoros, carnívoros e fitófagos, e, segundo o professor Owen, um mamífero herbívoro e com cascos. A Ciência não admite a aparição do homem antes do final do Terciário. O esoterismo ensina o contrário e com mais logica.

pode descobrir a origem da primitiva Quarta Raça. Não há dados concretos sobre este assunto, fornecidos pelos Iniciados. A analogia é insignificante; assim como os mamíferos e pré-mamíferos evoluem saindo de uma espécie e passando a outra, anatomicamente superior, o mesmo sucede com as Raças humanas em seu processo criativo. Poderíamos encontrar um paralelo entre os mamíferos monotrêmatos didelfos (ou marsupiais) e os placentários, divididos por sua vez em três ordens, o mesmo que a Primeira, Segunda e Terceira Raças-Raízes.

Época Terciária

Eoceno, Mioceno, Plioceno. Não se admite ainda que o homem tenha vivido neste período. Clood diz que os mamíferos piacentários e a ordem dos primatas, com os quais o homem está relacionado, apareceram no período Terciário; e o clima, tropical no período Eoceno, quente no Mioceno e temperado no Plioceno, era favorável à sua presença; as provas de sua existência na Europa, antes do final da época Terciária não são, geralmente, aceitas aqui. A Ciência geológica constata a existência anterior de um oceano universal e a presença uniforme de lençóis de sedimentos marinhos em todas as partes; mas isto foi há muitos milhões de anos.

Terciária

A Terceira Raça quase tinha desaparecido por completo, varrida pelos espantosos cataclismos da Idade Secundária, deixando apenas algumas Raças híbridas, A Quarta, nascida milhões de anos antes que ocorressem os mencionados cataclismos, pereceu no período Mioceno, quando a Quinta Raça, a Ária, tinha já um milhão de anos de existência independente. Como o período histórico começou com os Vedas para os hindus Ários e para as multidões, e muito antes dos Anais Esotéricos, é inútil estabelecer aqui paralelos,
a Quarta Raça Atlante foi a primeira verdadeiramente humana, porquanto a Terceira é quase humana na sua última fase; no quinta sub-raça da Terceira é que o homem se separou sexualmente e nasceu o indivíduo, que corresponde a Enoch ou Enos, filho de Seth. O Manu Vaivas-

vata é um Deva-Homem, que salvou numa arca (o princípio feminino) os germes da humanidade e, também, os sete Rishis, que são aqui o símbolo dos sete Princípios humanos. A Geologia dividiu os períodos e colocou o homem na

Época Quaternária

Homem Paleolítico, Homem Neolítico e Período Histórico. Apesar de afirmar a Ciência que o homem paleolítico é anterior ao homem neolítico, constata assim mesmo a grande superioridade artística do primeiro sobre o segundo. Expliquemos as razões disto. O homem fóssil mais antigo, os primitivos homens das cavernas do remoto período Paleolítico e do Pré-Glacial, é sempre homem e não há restos fósseis que provem a respeito dele. Temos os machados paleolíticos, tão bem feitos quanto os feitos pelo melhor escultor moderno. animais existentes na época.

Quaternária

Se ao período Quaternário só se concedem 1.500.000 anos, então só pertence ao mesmo a nossa Quinta Raça. O homem paleolítico, não-canibal, que antecedeu o canibal neolítico milhares de anos antes, foi um artista notável. O neolítico resulta um selvagem abjeto apesar de suas mo radas lacustres, seus teares, cerâmicas, animais domésticos, cavalos etc. Usavam-se utensílios de chifre, osso e madeira. Os objetos feitos pelos paleolíticos se distinguiam pela grande habilidade com que foram esculpidos e adornados com desenhos de

O homem neolítico foi o precursor da grande invasão ária e procedia de outro ponto muito distinto da Ásia e do Norte da África; as tribos que povoavam o Noroeste desta última eram de origem Atlante, milhares de anos antes do período neolítico na Europa, porém haviam divergido tanto do tipo-pai, que já não apresentavam nenhuma característica peculiar àquele. O neolítico era um canibal, e o paleolítico, muito mais antigo, da época do mamute, não o era.

Isto prova que houve selvagens em todos os tempos, e a dedução é que havia gente civilizada naqueles tempos, nações cultas contemporâneas dos selvagens rudes. Um obstáculo, conseqüência direta do anterior se o homem não é mais antigo que o período paleolítico, então não é possível que ele tenha tido tempo para se transformar do elo perdido à espécie de homens superiores a muitas Raças ainda hoje existentes. Conclusão: mesmo que se encontre o "elo perdido", as provas se inclinariam a favor de ser o mono um homem degenerado

que emudeceu, por alguma coincidência fortuita, contra a descendência do homem, de um pitecóide.

Acreditando-se na existência da Atlântida, na Idade Eocena, quando os homens da Quarta Raça tinham já alcançado o ponto culminante de sua civilização, destroem-se as dificuldades surgidas. 0 homem primitivo, conhecido pela Ciência, era em alguns pontos superior em seu gênero ao que é agora. O mono mais antigo, o lemuriano, era menos antropóide que as espécies pitecóides modernas.

O retrato do rangífer pastando, da gruta de Thayugin, na Suíça, e dos homens correndo com duas cabeças de cavalo desenhadas junto a ele, obra do período Rangífero (50.000 anos), poderiam honrar qualquer moderno artista de valor.

Temos os maiores artistas europeus convivendo com os esquimós e outras espécies rudes e selvagens; por que não teria acontecido o mesmo naqueles tempos passados? A coexistência de Raças civilizadas com povos primitivos é um fato atual. Cremos que as Raças humanas apareceram ao mesmo tempo e em várias partes do globo.

A Doutrina Secreta está de acordo com a ciência materialista num ponto: que o desenvolvimento progressivo requer longos períodos de tempo, muito além dos cálculos feitos até agora, sobre a antigüidade do homem.

A Ciência teria de buscar os restos físicos do homem na essência suprafísica de sua constituição etérea, interna, que não pode ser desenterrada de nenhuma capa geológica. O Homem é tão antigo como a Terra incrustada. O professar Rawlinson diz em sua Origem das Nações: "As tradições míticas de quase todos os povos colocam o princípio da história da humanidade num tempo de dita e perfeição, uma 'Idade de ouro'".

A Doutrina Esotérica ensina que os ídolos e seu culto desapareceram com a Quarta Raça até que os sobreviventes das Raças híbridas desta Raça (chineses, negros e africanos) voltaram, gradualmente, a ressuscitar o culto.

Nos primeiros túmulos do Egito e nos restos das cidades pré-históricas desenterradas pelo Dr. Schliemann, se encontram em abundância imagens de deuses com cabeças de coruja e de boi, e outras figuras simbólicas. Remontando ao Neolítico, já não se encontram tais ídolos. Esta é uma prova da elevação e queda cíclica das civilizações e religiões.

Diz a Doutrina Secreta: Busca os restos dos antepassados nos lugares elevados. Os vales se converteram em montanhas e estas se fundiram no leito dos mares. A humanidade da Quarta Raça, reduzida a uma terça parte de sua população depois do último cataclismo, em lugar de estabelecer-se nos novos continentes e ilhas que apareciam, abandonaram o que hoje é a Europa, e parte da Ásia e África pelas cúspides de montanhas gigantescas, tendo desde então se retirado os mares que as rodeavam, dando lugar às planícies da Ásia Central. O exemplo mais interessante desta marcha progressiva está na célebre

caverna de Kent em Torquay. Naquele estranho retiro, sulcado pela água na pedra calcária devoniana, vemos um dos mais curiosos anais conservados para nós, na memória geológica da Terra.

Sob os blocos calcários amontoados no solo da caverna descobriram-se, enterrados num depósito de terra negra, muitos utensílios do Período Neolítico, de uma excelente execução, e fragmentos de cerâmica que se poderiam atribuir à era da civilização romana. Não existe ali rastro do homem paleolítico. Aprofundando, porém, através da densa camada de estalagmita na terra vermelha que se acha sob a negra, as coisas mudam de aspecto. Não se encontra nenhum utensílio capaz de sofrer comparação com as armas finamente cortadas que se encontram nas capas superiores; só alguns machados toscos amontoados e raspadores da era Paleolítica, misturados com ossos de espécies que se extinguiram ou emigraram. Os artífices destes toscos machados são os que esculpiram o rangífer sobre o chifre; pelo menos são do mesmo período.

Como quer que seja, o homem fóssil da Europa não pode provar nem impugnar a antigüidade do homem nesta Terra, nem a idade de suas primeiras civilizações. Diz Lyell, em Antigüidade do Homem, que: Apesar do longo transcurso das idades pré-históricas durante as quais o homem deve ter florescido na Terra, não há provas de mudança alguma perceptível em sua estrutura corporal. Portanto, se divergiu alguma vez de um sucessor bruto irracional, temos de supor que tenha existido numa época muito mais distante, provavelmente em alguns continentes ou ilhas submersos agora sob o oceano.

Assim, pois, suspeita-se oficialmente da desaparição dos continentes.

Que os Mundos e as Raças ou espécies são destruídos periodicamente pelo Fogo e a Água por turnos, e se renovam periodicamente, é uma doutrina tão velha como o homem. Manu, Hermes, os caldeus e toda a antigüidade acreditavam nisto; por duas vezes mudou a face da Terra desde que o homem apareceu nela.

Os astrônomos podem encolher os ombros ante as idéias de uma mudança periódica no eixo do Globo e rir-se da conversa que se lê no Livro de Enoch entre Noé e seu avô Enoch; a alegoria é, no entanto, um fato astronômico e geológico. Existe uma mudança secular na inclinação do eixo da Terra e sua época determinada se acha registrada num dos grandes ciclos secretos.

As plantas Miocenas da Europa têm suas análogas; as mais parecidas e numerosas existem na América do Norte, daí a pergunta: "Como se efetuou a emigração de uma área a outra? Teria existido uma Atlântida ou um Arquipélago de Grandes Ilhas na área do Atlântico Norte?"

Os geólogos afirmam que os Alpes surgiram 4.000 a 10.000 pés em alguns lugares, desde o período Eoceno. Subsiste uma estreita e curiosa analogia entre a flora da Europa Central Terciária e as floras

recentes dos Estados da América, e da região japonesa, muito mais estreita do que a que se encontra entre a flora Terciária e a recente da Europa.

Parece que houve um tempo em que o Nordeste da Ásia esteve unido ao Noroeste da América pela linha da cadeia das Ilhas Aleutianas.

A evolução não se deve, inteiramente, à seleção natural, pois pretendemos que a Alma ou o Homem Interno é o que desce à Terra primeiro; e o etéreo psíquico, o molde sobre o qual se constrói, gradualmente, o Homem físico, despertando-se, mais tarde, em seu espírito, faculdades morais e intelectuais, à medida que a estatura física cresce e se desenvolve.

Assim os espíritos incorpóreos reduziram suas imensas formas a estruturas menores e se converteram nos homens da Terceira e Quarta Raças.

Os homens da Quinta reduziram a sua estatura à metade da de seus antepassados. O tabernáculo humano não é uma criação especial, mas o produto da obra gradual progressiva da Natureza, como outra qualquer metade vivente desta Terra. O que vive e pensa no homem e sobrevive a essa estrutura, obra mestra da evolução, é o "Eterno Peregrino", a diferenciação Prótea, no Espaço e no Tempo, do Um, o Absoluto Ignoto.

Um ocultista diria que o homem foi feito à imagem de um tipo projetado por seu progenitor, a criadora força angélica ou Dhyân-Choan; ao passo que o vagabundo dos bosques de Sumatra foi feito à imagem do homem, posto que a constituição do mono é o restabelecimento por meios anormais da forma que existiu do homem da Terceira Ronda e depois da Quarta.

Nada se perde na Natureza, nem um átomo.

Cada novo Manvântara traz consigo a renovação das formas, tipos e espécies. Todos os tipos precedentes mudam e aperfeiçoam-se no seguinte.

EVOLUÇÃO ORGÂNICA E CENTROS CRIADORES

Argúi-se que a Evolução Universal ou desenvolvimento gradual das espécies, em todos os reinos da Natureza, opera por meio de leis uniformes.

Mas há também uma Lei que opera o desenvolvimento desde o menos perfeito ao mais perfeito, do simples ao complicado, por caminhos incessantes, pequenos em si, porém que se acumulam, constantemente, na direção requerida.

Das espécies infinitamente pequenas é que se formam as comparativamente grandes e gigantescas. Diz o Esoterismo que essa Lei só se aplica ao que ela conhece como criação primária: a evolução dos mundos partindo dos Átomos primordiais e do Átomo pré-Primordial, na

primeira diferenciação dos primeiros; e que, durante o período da evolução cíclica no Espaço e no Tempo, esta Lei está limitada e opera somente nos reinos inferiores.

Assim atuou nos primeiros períodos geológicos desde o simples ao complexo sobre os toscos materiais que sobreviveram da Terceira Ronda, cujos restos são projetados à objetividade quando volta a principiar a atividade terrestre.

Como a Ciência, a Filosofia Esotérica não admite Criação especial, e não aceita nada fora das leis uniformes e imutáveis da Natureza. Porém ela ensina uma Lei Cíclica, uma dupla corrente da Força (Espírito) e da Matéria, que, partindo do centro neutral do Ser, se desenvolve por seu progresso cíclico e transformações incessantes. Sendo o germe primitivo do que se desenvolveu toda a vida vertebrada através das idades, distinto do germe primitivo do qual evoluiu a vida vegetal e animal, há leis secundárias cuja obra está determinada pelas condições em que se encontram os materiais sobre os quais operam, e dos quais parece saber pouco a Ciência, especialmente a Fisiologia e Antropologia. Os muitos procederam do Um; os germes vivos espirituais ou centros de força, cada um em forma setenária que gera, primeiramente, e dá logo o impulso primordial à lei da evolução e do desenvolvimento gradual lento.

Assim como em nossa Terra as formas etéreas de nossos primeiros homens são primeiro projetadas em sete zonas por sete centros de forças angélicas, assim há centros de poder criador para cada espécie fundamental — ou Pai — da Hoste de formas da vida vegetal e animal.

Por isso há "designadores", ainda que não sejam onipotentes nem oniscientes, no sentido absoluto do termo. São, simplesmente, construtores que atuam sob o impulso que lhes dá o Mestre Arquiteto sempre desconhecido (em nosso plano), a Vida e Lei Únicas. Pertencendo a esta esfera, não têm eles, portanto, intervenção ou possibilidade de atuar em nenhuma outra, pelo menos no presente Manvântara. Que eles atuam por ciclos e numa escala de projeção estreitamente geométrica e matemática é o que demonstra amplamente o instinto das espécies animais.

Os Espíritos terrestres da Natureza são os que formam a Natureza integral, a qual se algumas vezes falha em seus desígnios, não é por cegueira, nem fracasso, posto que, pertencendo a uma soma diferenciada de qualidades e atributos, é, em virtude disto, só condicionada e imperfeita.

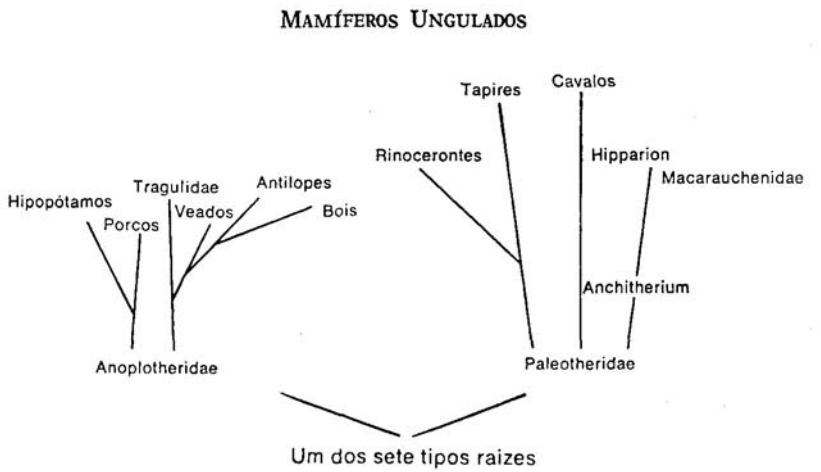
Seguramente os organismos do mundo megasteniano das Idades Terciária e Mesozóica deviam ser mais complexos e perfeitos que os das plantas e animais microstenianos da Idade presente. Se não houvesse ciclos evolucionários, como um progresso eterno em espiral na Matéria, com um obscurecimento proporcionado do Espírito (ainda que os dois são Um), seguido por uma ascensão inversa no Espírito e a anulação da Matéria —> ativa e passiva — por turno, como poderiam se explicar as descobertas da Zoologia e da Geologia?

Se o homem é um animal e nada mais, um ex-bruto altamente intelectual, devemos conceder-lhe, pelo menos, que foi um mamífero gigantesco em seu gênero, um megantropo, em sua época. Isto é o que indica a ciência esotérica como tendo ocorrido nas três primeiras Rondas. Classifica ela o corpo humano com a criação animal e o sustenta na da evolução animal do princípio ao fim, enquanto a Ciência deixa o homem sem antepassados conhecidos, um esqueleto, não especializado verdadeiramente.

ORIGEM E EVOLUÇÃO DOS MAMÍFEROS: A CIÊNCIA E A FILOGÊNESE ESOTÉRICA

Há uma linha de demarcação entre a evolução etéreo-espiritual e a astral e física. Atualmente, o vazio admitido entre os sistemas de reprodução dos vertebrados ovíparos e dos mamíferos constitui uma dificuldade desesperante para os evolucionistas. Como exemplo, tomemos o caso dos mamíferos ungulados onde se encontram elos entre os ungulados modernos e os eocenos, sendo um exemplar notável o que proporcionou a prova da derivação do atual cavalo de um só casco, do Anchiterium de três cascos, do remoto Terciário.

A genealogia que apresentamos é a dos cientistas em geral (Schmidt) baseada nas investigações de Ritmeyer.



Neste ponto médio da evolução, a Ciência se detém. É desconhecida a *raiz* a que se retrotraem estas duas famílias.

Estes são tipos de raízes primárias físico-astrais e bissexuais do reino animal mamífero. Foram contemporâneos das primeiras Raças lemúrias, "as raízes desconhecidas da Ciência".

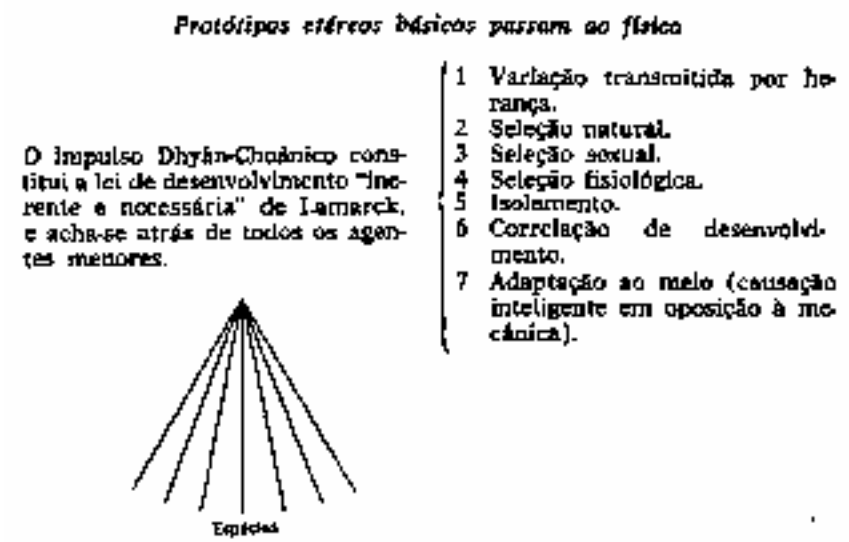
O "ponto médio da evolução" é o grau em que os tipos ou protótipos etéreos principiam, definidamente, a passar ao físico e chegam a ficar assim sujeitos aos agentes diferenciadores que agora operam em torno de nós.

A causação física sobrevêm imediatamente ao revestimento de "pele", ou seja, o equipamento fisiológico, em geral. As formas dos homens e dos mamíferos anteriores à separação dos sexos são feitas de matéria etérea e possuem uma estrutura completamente distinta dos organismos físicos que comem, bebem e digerem, até. Os recursos fisiológicos necessários para estas funções evoluíram quase por completo depois da materialização incipiente dos sete Tipos Raízes do etéreo, durante a parada no ponto médio entre os dois estados de existência. Apenas tinham sido desenhados nestes tipos antecessores o "plano de projeção" da evolução quando sobreveio a influência das leis terrestres acessórias, que já nos são familiares, produzindo a totalidade das espécies mamíferas. Evos de lenta diferenciação se necessitaram para levar a efeito este fim.

No segundo diagrama vemos o domínio dos protótipos puramente etéreos antes de sua descida à matéria grosseira. O etéreo é o quarto estado da matéria que tem o seu protilo próprio. Há vários protilos na Natureza, correspondentes aos diversos planos da Matéria. Os dois Reinos Elementais suprafísicos, o plano da Mente, Manas, o quinto estado da Matéria assim como o de Buddhi, sexto estado da matéria, se desenvolveram todos de um dos seis protilos que constituem a base do Universo-Objeto. Os chamados três estados de nossa matéria terrestre (sólido, líquido e gasoso) são somente subestados. Em tudo isto há uma imersão completa temporal do etéreo no físico. A evolução do homem fisiológico desde as Raças etéreas do primeiro período da Lemúria (Jurásico) é o paralelo da materialização dos Espíritos, como se vê nas sessões espíritas. O caso de Katie King, do professor Crookes, demonstrou, indubitavelmente, a presença de um mecanismo fisiológico: coração, pulmões etc.

"A unidade de tipo" comum, num sentido, a todo o reino animal e humano, não é uma prova da consangüinidade de todas as formas orgânicas, mas o testemunho da unidade essencial do plano de projeção que a Natureza seguiu na formação de suas criaturas.

Resumindo, damos um quadro dos fatores verdadeiros que intervém na diferenciação das espécies, animais e vegetais:



AS RAÇAS PALEOLÍTICAS EUROPÉIAS. DONDE PROVÊM E COMO ESTÃO DISTRIBUÍDAS

Os cientistas admitem que a Europa gozou de um clima cálido nos tempos do Mioceno. No Plioceno ou Terciário último, de um clima temperado, dando uma enorme margem para a antigüidade destes períodos.

Os tipos de crânios encontrados na Europa são de duas classes, como se sabe: o orthognatos e o prognatos, ou tipos caucásico e negro.

0 professor Heer, argüindo que os fatos da Botânica necessitam da hipótese de uma Atlântida, demonstrou que as plantas das aldeias lacustres neolíticas são, principalmente, de origem africana. Como apareceram estas plantas na Europa se não havia nenhum ponto de união entre a Europa e a África?

Quantos milhares de anos faz que viveram os 17 homens cujos esqueletos foram exumados no Haute Garonne, numa postura de joelhos, perto dos restos de uma fogueira de carvão, com alguns amuletos e louça em volta deles, e em companhia do Ursus Spelaeus, o elephas primigenius, o aurochs e todos os mamíferos antediluvianos? Seguramente viveram numa época muito remota, porém não numa que vá além da Quaternária. Dr. James Hunt calcula em 9.000.000 de anos. Quem eram estes homens paleolíticos da época quaternária européia? Eram aborígenes ou o produto de uma migração que remonta a um passado desconhecido? Esta é a única hipótese sustentável.

Os primeiros homens paleolíticos da Europa, acerca de cuja origem nada diz a Etnologia e cujas características são só imperfeitamente conhecidas, eram de estirpe puramente Atlante e afro-Atlante.

A Europa da época Quaternária era muito diferente da de hoje, estando então em processo de formação. Estava unida à África do Norte por uma língua de terra que se estendia através do atual estreito de Gibraltar, constituindo a África do Norte uma prolongação da Espanha atual, ao passo que um grande mar enchia o leito do Saara. Da grande Atlântida, cujo continente principal afundou na Idade Miocena, só restaram as ilhas de Ruta e Daytia. As estirpes puramente Atlantes, das quais descendiam os homens de grande estatura das cavernas da época Quaternária, emigraram para a Europa muito antes do período Glacial (Mioceno e Plioceno). Os pedernais lavrados Miocenos de Thenay e os rastros do homem Plioceno descobertos pelo professor Capellini, na Itália, testemunham o fato. Os fósseis europeus se parecem muito ao tipo do Caribe das índias Ocidentais e do antigo peruano; e os corpulentos homens das cavernas "Cro-Magnon" e os guanches das Ilhas Canárias são representantes dos mesmos tipos.

A sua habilidade em gravar e esculpir talvez seja um vislumbre da cultura Atlante, que reaparece por atavismo. As primitivas populações européias interrompem sua evolução especial e, sem perecer, são absorvidas por outras Raças, tragadas pelas ondas sucessivas de emigrações vindas da África, possivelmente de uma Atlântida perdida e da prolífica Ásia.

Vieram os Iberos, Pelasgos, Ligúrios, Sicaxianos, Etruscos etc, precursores da grande invasão Ária.

ES; CIVILIZAÇÕES E CONTINENTES SUBMERSOS, ASSINALADOS NA HISTÓRIA

Apesar da sabedoria dos hindus, sua inegável prioridade nos princípios da sua Raça, vinham de um povo e uma Raça ainda mais antigos e mais instruídos que os mesmos brâmanes. Voltaire, o materialista por excelência, diz em seu livro Lettres sur VAtlantide (pág. 15): Muito antes dos impérios da China e da Índia, houve nações cultas, instruídas e poderosas, as quais foram dominadas por uma grande invasão de bárbaros e submersas em seu estado primitivo de ignorância e selvageria, ou estado de natureza pura.

O que em Voltaire era a conjectura sagaz de uma grande inteligência, era uma questão de fatos históricos para Bally, "dou grande importância às tradições conservadas através de uma larga série de gerações".

A história acerca da Atlântida e todas as tradições sobre o assunto foram contadas, como todos sabem, por Platão em seu Timoeus e Critias. Platão ouviu estes relatos de seu avô Critias, então com 90 anos de idade, o qual, em sua juventude, os ouvira de Solón, amigo de seu pai Dropide.

Solón foi um dos sete sábios da Grécia; ouviu em Sais, dos sacerdotes egípcios, estas histórias prodigiosas.

Diz a Doutrina Secreta que a última parte da sétima sub-raça dos Atlantes, englobados então numa das primeiras sub-raças do tronco ário, se estendeu, gradualmente, pelo continente europeu e ilhas vizinhas à medida que estas surgiam dos mares. Descendo dos planaltos da Ásia onde as duas Raças tinham se refugiado nos dias da agonia da Atlântida, estabeleceram-se e colonizaram as novas terras surgidas. A sub-raça emigradora aumentou e multiplicou-se rapidamente, naquele solo virgem, dividindo-se em muitas famílias, as quais, por sua vez, se dividiram em nações: Egito, Grécia, Fenícia etc.

A propósito do Peru, fez-se tentativa para determinar as afinidades e características etnológicas da Raça que levantou essas construções ciclópicas, cujas ruínas manifestam uma grande civilização.

No entanto, essas ruínas se assemelham surpreendentemente às das nações arcaicas européias. As tribos ário-Atlantes começaram a estabelecer-se no Egito quando as Ilhas Britânicas e a França nem sequer existiam.

0 delta do Egito inferior converteu em terra firme, mui gradualmente, e seguiu as montanhas da Abissínia. O delta do Nilo foi habitado desde cerca de 100.000 anos.

Tribos posteriores, com mais sangue ário que os predecessores, chegaram do Oriente e conquistaram um povo cujo nome mesmo se perdeu para a posteridade, exceto nos Livros Sagrados. Eles chegaram a estas terras através da Arábia, Abissínia e Núbia, conduzidos pelo Manu Vina nos tempos de Vishnamitra. Tão evidente se faz a antigüidade do homem que até mesmo a Igreja está se preparando para uma honrosa rendição e retirada. Veja-se o que diz o abade Fabre, professor da Sorbona: A Paleontologia e a Arqueologia pré-histórica podem descobrir, nas capas Terciárias, tantos vestígios quantos queiram do homem pré-adâmico, sem prejuízo para as Escrituras, visto que ela não leva em conta a criação antes do Dilúvio.

As oferendas de "paz" nos sete sábados (dos Mistérios) eram uma instituição dos Atlantes que passou aos hebreus por via dos caldeus, que eram os homens sábios de uma casta, não de uma nação, uma comunidade de grandes Adeptos, saídos dos "Buracos das Serpentes" que tinham se estabelecido em Babilônia idades antes. A grande nação mencionada pelos sacerdotes egípcios, da qual descenderam os ante-passados dos gregos da época de Tróia e que havia lutado com a Raça Atlante, não era uma Raça de selvagens paleolíticos; eles mesmos descendiam de uma Raça estrangeira, que tinha se estabelecido no Egito uns 400.000 anos antes; seus Iniciados conservam todos os anais de sua Raça.

Até a época de Heródoto, tinham em seu poder as estátuas de 841 reis, os quais tinham reinado em sua pequena sub-raça Atlante-ária.

Concedendo-se uma média de vinte anos para cada reinado, a duração do império egípcio remonta a 17.000 anos antes de Heródoto.

Anais arcaicos mostram os Iniciados da segunda sub-raça ária vagando de um lugar para outro, para inspecionarem a construção dos menhirs e dolmens, de Zodíacos colossais de pedra. Quando ocorreu isto?

Então as Ilhas Britânicas estavam ligadas à Bretanha e Gália, e a Sicília estava unida à África, Berbéria e Espanha.

As pirâmides do Egito, Cartago, Uxmal e Palenque não existiam ainda. A desaparição do maior continente — a Atlântida — coincide com a elevação dos Alpes. No entanto, os dolmens, pedras colossais sem lavrar, em número de quatro e sete blocos, estão espalhadas pela Ásia, Europa, América e África, em grupos ou fileiras. O povo chama-os "altares do diabo", "pedras druídicas" etc. As pedras de Carnac em Morbihan (Bretanha), em número de 11.000, postas em onze fileiras, são irmãs gêmeas das Stonehenge.

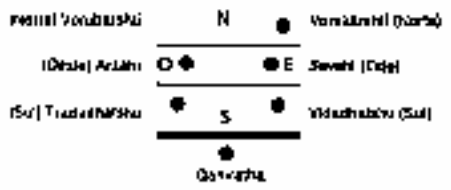
Não há país que não as tenha; quem as construiu?

Estão todas relacionadas com serpentes, dragões, crocodilos e aligátores. Os dois famosos túmulos do Vale do Mississipi e outro no Ohio, conhecidos por túmulos do Aligátor ou da "Grande Serpente", nunca foram destinados a tumbas. A cremação era universal até uma época relativamente recente: 80.000 a 100.000 anos. Os verdadeiros gigantes se afogaram todos com a Atlântida; daí estarem os túmulos vazios. Dos esqueletos encontrados os mais antigos não passam de 60.000 anos. Os Titãs foram homens reais e tinham 20 a 30 pés de altura. Os Atlantes do período médio foram chamados Grandes Dragões e o seu símbolo era uma Serpente gigantesca, significando as deidades de tribos quando os deuses e as Dinastias divinas os tinham abandonado. O mistério da religião dos Druídas era tão grande como o de seus templos, para o simbologista moderno, mas não para o Iniciado Ocultista.

Seus sacerdotes descendiam dos últimos Atlantes e eram orientais, parentes dos hindus e caldeus. Adoravam a sua "Poderosa Serpente", emblema da eterna Deidade — o Tempo — ou "Kala", hindu. Eram os Magos dos galos e bretões.

Os Magos da Pérsia nunca foram persas nem caldeus; vieram de terras mui distantes, a Média. Todos estes acreditavam na sucessão dos mundos e, também, nas sete criações, e nas transformações da face da Terra.

Onde quer que se encontre a serpente com o ovo, esta doutrina existia. As três capas do Globo referidas no Rig-Veda são os Globos superiores dois a dois, nos arcos descendentes e ascendentes, em nossa Cadeia Terrestre (dois em cada plano). A Terra é o quarto Globo; quanto aos planos superiores ao nosso plano, é tríplice. No Livro de Dzyan nossa Cadeia Planetária está assim representada:



Os Druídas acreditavam na reencarnação neste mundo. Esta doutrina veio aos Árias da Quinta Raça, desde os seus predecessores da Quarta, os Atlantes, que conservaram, piedosamente, os ensinos dados por seus pais, e como a geração adquirira poderes sobrenaturais, decaiu pelo abuso desses poder es.

jtilian conservava um extrato de Teofrasto, escrito durantes os dias de Alexandre Magno. É um diálogo entre Midas, o frígio, e Sileno.

Este falava ao primeiro sobre um continente que existira em tempos antigos, tão imenso que a Ásia, Europa e África pareciam ilhas, comparadas com ele. Foi o último que produziu animais e plantas gigantescas; ali, dizia Sileno, os homens alcançavam uma estatura dobrada e viviam muito tempo.

Tinham cidades suntuosas, onde viviam mais de um milhão de habitantes. Havia grande abundância de ouro e prata.

Os Druídas compreendiam o significado do Sol em Tauros. Quando extintos todos os fogos no primeiro de novembro, só os Fogos Sagrados e inextinguíveis permaneciam iluminando o horizonte, como os dos Magos e dos mazdeítas modernos. Isto era uma saudação à Estrela da Manhã, Vênus-Lúcifer, aprendida pelos caldeus da primitiva Quinta Raça, e herdada de povos mais antigos.

ALGUMAS DECLARAÇÕES DOS CLÁSSICOS SOBRE OS CONTINENTES E ILHAS SAGRADAS EXPLICADOS ESOTÉRICAMENTE

Um Iniciado não podia dizer o que sabia; tudo o que foi dito aqui era perfeitamente conhecido por Platão e outros clássicos, mas a posteridade só obteve, deles, alusões.

0 filósofo grego resumiu a história da Atlântida, que abarcou vários milhões de anos, num sucesso ocorrido numa ilha de 3.000 estádios de extensão (350 milhas). Os sacerdotes falaram de um continente tão vasto como toda a Ásia e Líbia juntas como sendo a Atlântida. O próprio Homero, séculos antes, se refere à Atlântida, na Odisséia. Portanto, a tradição é mais antiga que o barco de Ulisses. Sanchoniaton e Deodoro preservaram as histórias daqueles heróis, misturando-os com os elementos míticos.

Heródoto fala dos Atlantes, povos da África Ocidental, que deram nome ao monte Atlas, os quais eram vegetarianos, e cujo sono nunca era perturbado por sonhos, e amaldiçoavam o Sol, porque o seu calor os abrasava.

Estas manifestações estão baseadas em fatos morais e psíquicos, e não em distúrbios fisiológicos. A falta de sonhos se refere aos Atlantes primitivos cujos cérebros não estavam ainda consolidados suficientemente no sentido fisiológico para permitir atuar nos centros nervosos durante o sono.

A sexta sub-raça dos Atlantes, degenerada, usava encantos mágicos até contra o Sol, amaldiçoando-o quando fracassavam. Eram perversos, ambiciosos e desprezavam os deuses. Deodoro afirma que os Atlantes se vangloriavam de possuir a Terra onde os deuses tinham nascido, assim como diziam que Urano fora o seu primeiro Rei e lhes ensinara Astronomia.

Atlas é o símbolo da Atlântida, que sustenta sobre seus ombros os novos continentes e seus horizontes.

Os antigos continentes tinham mais picos que vales; Atlas e Tenerife eram três vezes mais elevados nos templos da Lemúria e da Atlântida.

Os Líbios chamavam o monte Atlas as "Colunas do Céu".

Nos dias da Lemúria, Atlas era um pico inacessível de uma ilha, quando o continente africano ainda não se elevara do mar. É a única relíquia ocidental que ainda sobrevive, independente, que pertence ao continente em que nasceu a Terceira Raça, pois a Austrália é agora parte do continente oriental. Tão secreto era o conhecimento da última ilha da Atlântida, na verdade, por causa dos poderes sobre-humanos que possuíam seus habitantes, os últimos descendentes diretos dos Deuses ou Reis divinos, que o divulgador de sua situação ou existência era castigado com a morte.

Se Diocleciano não tivesse queimado as obras esotéricas dos egípcios, em 296 d.C, juntamente com seus livros de Alquimia; César, 700.000 rolos em Alexandria; Isauro, 300.000 em Constantinopla (século VIII), e os maometanos, tudo aquilo em que podaram por suas mãos sacrílegas, o mundo saberia hoje mais da Atlântida do que o sabe até agora.

0 fato de que os Atlantes pretendessem que Urano fosse seu primeiro Rei e que Platão comece a história da Atlântida pela divisão do grande continente por Netuno, o neto de Urano, mostra que houve continentes antes da Atlântida, e reis antes de Urano.

Netuno, a quem tocou, por sorte, o grande continente caído, encontra numa pequena ilha só um casal humano, feito de barro, isto é, o primeiro homem físico humano, cuja origem principiou com as últimas sub-raças da Terceira Raça-Raiz. O Deus se casa com a sua filha Clito, e o seu filho maior, Atlas, é quem recebe, como herança, a montanha e o continente chamados com o seu nome.

Ora, todos os deuses do Olimpo como os do Panteão hindu eram as personificações setiformes dos Poderes Inteligentes da Natureza. Assim:

1 — Númenos das Forças.

2 — Forças Cósmicas.

3 — Corpos Celestes.

4 — Deuses ou Dhyân-Choans.

5 — Poderes Psíquicos e Espirituais.

""* 6 — Reis Divinos da Terra ou encarnações dos deuses. 7 — Heróis e Homens terrestres.

Saber distinguir, dentre estas sete formas, a que se pretendia, é coisa que sempre pertenceu aos Iniciados, cujos predecessores criaram este sistema simbólico e alegórico.

Assim, enquanto Urano, ou a Hoste que representava este grupo celeste, reinou e governou a Segunda Raça e seu continente, Cronos-Saturno governou os Lemúrios, e Júpiter, Netuno e outros, lutaram na alegoria pela Atlântida, que era toda a Terra nos dias da Quarta Raça.

Posídonis, a última ilha da Atlântida, durou até há 12.000 anos passados.

Deodoro tinha razão quando afirmava que na região que rodeava o monte Atlas "nasceram os deuses", isto é, encarnaram. Mas foi só depois de sua quarta encarnação que se converteram em reis humanos e governaram pela primeira vez. Urano deu origem aos Titãs da Terceira Raça, e estes caíram na geração, quando a criação por meio da Vontade foi substituída pela procriação física. Daí o mito de Urano ter sido mutilado por Cronos.

Posídon e Netuno são um; o primeiro é o Governante ou Espírito da Atlâtnida antes do princípio de sua submersão; o último, depois.

Netuno é a força titânica da Raça Vivente; Nereus, seu Espírito reencarnado na raça Ária subseqüente, ou Quinta.

Os helenistas limitaram suas especulações às imagens exotéricas da Mitologia e perderam de vista o seu sentido íntimo.

Muitas vezes se menciona a Atlântlda com outros nomes desconhecidos de comentadores. O poder dos nomes é grande e foi conhecido desde que os Mestres Divinos instruíram os primeiros homens.

As alegorias gregas dão a Atlas sete filhas — sete sub-raças — cujos nomes respectivamente são: Maia, Electra, Taígeta, Astérope, Mérope, Alcíone e Calaeno. Isto etnologicamente, pois se diz que se casaram com deuses e que foram mães de heróis famosos, fundadores de muitas nações e cidades.

Astronomicamente as Atlântidas se converteram nas sete Plêiades.

Deve ter havido boas razões para que uma nação asiática colocasse os seus grandes Progenitores e Santos na Ursa Maior, constelação do Norte.

Há 70.000 anos, o Pólo da Terra apontava o extremo final da cauda da Ursa Maior. A Raça ári nasceu e se desenvolveu no longínquo Norte, ainda que depois do afundamento do Continente da Atlântida suas tribos emigrassem mais para o Sul da Ásia. Daí que Prometeu seja o

filho da Ásia, e Deucalião, seu filho, o Noé grego, seja chamado o "Cita do norte".
Diz-se que Deucalião trouxe o culto de Adônis e Osíris para a Fenícia.

Este culto é o do Sol perdido e reencontrado, em sua significação astronômica. Só no Pólo é que o Sol se extingue por seis meses. Este culto nasceu no norte da Lemúria, nas regiões polares. A Grécia tinha o seu Apoio Hiperbóreo. Todas as fábulas da história estão fundadas em fatos históricos.

Os Hiperbóreos, agora considerados míticos, eram os sacerdotes e servidores amados dos deuses, e principalmente de Apoio.

Os três Ciclopes de um só olho foram as três últimas sub-raças dos Lemúrios; o olho único era o olho da Sabedoria, pois os olhos frontais só se desenvolveram na Quarta Raça, como órgãos físicos. Ulisses pertence ao ciclo dos heróis da Quarta Raça e sua história com os Ciclopes pastores (raça selvagem gigantesca) é uma alegoria à cultura sensual dos Atlantes, o que causou a perda do terceiro olho espiritual, que tudo penetrava.

A outra alegoria que apresenta Apoio matando os Ciclopes para vingar Asclépios (seu filho), refere-se aos Ciclopes hiperbóreos Arimas-pianos, resto da Raça dotada com o olho da Sabedoria.

Os primeiros deixaram vestígios de suas construções em toda a parte, tanto no Norte como no Sul; os outros estavam confinados somente no Norte.

Assim Apoio, o deus dos Videntes, matou-os, ocultando sua flecha nas regiões hiperbóreas. Cósmica e astronomicamente, este Deus é o Sol personificado, o qual durante o curso do ano sideral — 25.868 anos — muda os climas da superfície da Terra. Psíquica e espiritualmente, sua significação é muito mais importante. O rei dos Hiperbóreos era filho de Boreas — o Vento Norte — e sacerdote Superior de Apoio.
Diana e Apoio são as Deidades da Luz, da Sabedoria e da Pureza.

Em seu aspecto oculto Apoio é o chefe do número Sete. Os Livros Secretos nos informam que o clima mudou, naquelas regiões, mais de uma vez desde que os homens habitaram aquelas inacessíveis latitudes. Era, então, um Paraíso.

Foi o berço de Apoio, que era o Deus mais resplandecente do Céu (astronomicamente) assim como era o mais iluminado dos Reis Divinos, que gorvenaram as nações primitivas, em seu sentido humano.

A tradição sustenta que "os Filhos de Deus", ou grandes Iniciados da Ilha Sagrada, se aproveitaram do Dilúvio para libertar a Terra de todos os Bruxos que havia entre os Atlantes. Os Lemúrios, assim como os Atlantes, estavam divididos em duas classes distintas: "Filhos da Noite" ou das "Trevas" e "Filhos do Sol" ou da "Luz"! Grandes lutas se travaram entre eles.

Apoio, diz a Ilíaãa, apareceu quatro vezes em sua própria forma (como Deus das quatro Raças) e seis vezes em forma humana, isto é,

relacionado com as Dinastias Divinas dos primitivos Lemúrios não separados.

Os hiperbóreos, cimerianos, arimaspes e citas, conhecidos dos gregos, eram descendentes das últimas sub-raças dos Atlantes.

Os pelasgos foram, certamente, uma das Raças-Raízes da futura Grécia, e restos de uma sub-raça da Atlântida.

Todas as lendas dos Dilúvios provêm da catástrofe que afundou a Atlântida. A alegoria acerca dos gigantes antediluvianos e suas proezas de bruxarias não é um mito. Os sucessos bíblicos são revelados verdadeiramente, mas por meio da tradição, via fontes pagas. Os hiperbóreos eram da Raça dos Titãs, que descendiam dos primeiros gigantes, nascidos nas regiões polares.

A alegoria dos amores de Posídon, sob a variedade de formas animais, é o símbolo da bestialidade da Raça Atlante primitiva e da posterior.

Os anais esotéricos mostram essas criaturas peludas como os últimos descendentes das Raças Lemúrio-Atlantes, que engendraram filhos com animais fêmeas de espécies extintas há longo tempo, produzindo, assim, os homens mudos ou monstros. Os símbolos que se encontram em todos os credos exotéricos são as marcas da verdade pré-histórica. Mostra-nos a Idade de Ouro ou reino de Saturno sob aspectos multiformes. O grande mar do Norte chamava-se Saturnino, e os habitantes da região eram gigantes.

A Mitologia fala de três gigantes, chamados: Briareu, Cottus e Giges, os quais viviam num país tenebroso, onde foram aprisionados por Cronos, por sua rebelião contra ele. Esses gigantes são três terras polares que mudaram de forma várias vezes, a cada novo cataclismo ou desaparição de um continente para dar lugar a outro. O Globo inteiro entra periodicamente em convulsões, tendo sofrido quatro vezes desde a aparição da Primeira Raça.

Por isso, a Ásia Setentrional é chamada "a Terra Perpétua ou Eterna", o Continente Antártico, o "Sempre Vivente ou o Escondido".

Desde os tempos da primeira aparição do grande continente Lemúrio, os três Gigantes polares foram aprisionados em seu círculo por Cronos.

Quando os Titãs se rebelaram contra Zeus, a Deidade da Quarta Raça, o Pai dos deuses recapacitou acerca dos Titãs que podiam ajudá-lo a vencer os deuses ou destruir a Lemúria por meio de trovões e relâmpagos, afundando-a nos mares, dando assim lugar à Atlântida.

O ciclo das lendas é sempre transformado em sua marcha pela fantasia popular.

PROVAS CIENTÍFICAS E GEOLÓGICAS DE VÁRIOS CONTINENTES SUBMERSOS

No Budismo Esotérico se publica uma carta de um dos Mestres, em que se lê: O afundamento da Atlântida começou no período Mioceno

e alcançou seu ponto culminante, primeiro com a desaparição final do continente maior, sucesso que coincidiu com o levantamento dos Alpes e, depois, com o desaparecimento da última das formosas ilhas mencionadas por Platão.

A Lemúria não pode confundir-se com a Atlântida, como a Europa não se confunde com a América. Ambas submergiram com a sua grande civilização e seus deuses, ainda que, entre as duas catástrofes, transcorresse um período de 700.000 anos, florescendo a Lemúria antes da primeira parte do período Eoceno, desde que a sua Raça foi a Terceira. Os aborígenes de cabeça chata da Austrália são os seus últimos descendentes.

Extraímos, agora, uns trechos de uma conferência feita pelo Sr. W. Pengely sobre o mesmo assunto: "Os geólogos declaram que os Alpes ganharam 4.000 pés de altura e, em alguns lugares, 10.000 pés, desde o princípio do período Eoceno. Uma depressão pós-Miocena pode ter precipitado a hipotética Atlântida em profundidade quase como abismos." Teria existido uma Atlântida, continente ou arquipélago de grandes ilhas, que ocupou a área Atlântica do Norte? Na Popular Science Review o professor Seeman diz: Será prematuro dizer por que não há provas ainda que não existiram homens no período Eoceno, especialmente porque uma Raça de homens, a mais ínfima que conhecemos, coexiste com este resto da flora Eocena que ainda sobrevive no continente e ilhas da Austrália.

Uma parte destes australianos degradados, remanescentes de uma civilização anterior da qual são os últimos sobreviventes, conserva os rastros de uma religião ou mitologia onde ressoam as vozes expirantes de uma idade anterior mais rica. Os malaios e papuanos são uma raça misturada, resultante do cruzamento das sub-raças inferiores Atlantes com a sétima sub-raça da Terceira Raça-Raiz. Os hotentotes descendem dos Lemúrio-Atlantes. As Raças inferiores estão se extinguindo rapidamente, fenômeno devido, em grande parte, à esterilidade extraordinária que se apodera das mulheres que se relacionam com os europeus. Nada pode salvar aqueles que terminaram a sua carreira; seria preciso prolongar o seu ciclo de destino. A extinção dos havaianos é um dos problemas mais misteriosos da atualidade. Aproxima-se o tempo em que não ficarão mais que três tipos humanos, diz Lefévre. Isto será antes do começo da Sexta Raça-Raiz. Os três tipos são: Branco (Quinta Raça-Raiz, Ário), o Amarelo, e o Negro africano com seus cruzamentos (atlanto-europeus). Os Peles-vermelhas, esquimós, papuanos, australianos, polinésios etc, estão se extinguindo rapidamente. A maré cheia dos Egos que se reencarnam os deixou para trás, para colher experiências em linhagens mais desenvolvidas e menos senis; sua extinção é uma necessidade kármica.

Astréia, deusa da Justiça, é a última Deidade que abandona a Terra quando os deuses são levados ao céu por Júpiter.

Astréia é Virgo, constelação do Zodíaco; astronomicamente tem um significado muito claro, que dá a chave do sentido oculto.

Logo que Zeus leva da Terra a Ganimedes — o objeto da concupiscência personificado — o Pai dos deuses lança outra Astréia na Terra, na qual cai de cabeça para baixo (Virgo). Sendo inseparável de Léo, o signo que a precede, e das Pléiades e suas irmãs as Híades, todas se acham relacionadas com as renovações periódicas da Terra, a respeito de seus continentes até o mesmo Ganimedes que, em astronomia, é Aquário. Na época em que os deuses abandonaram a Terra, a eclíptica era paralela ao meridiano, e parte do Zodíaco parecia descer do Pólo Norte ao horizonte. Então Aldebaran estava em conjunção com o Sol, isto há 40.000 anos.

Em certas épocas, multidões de coelhos nadam para o mar e perecem, vindos de todas as partes da Noruega, impelidos por um poderoso instinto que sobrevive através de idades sem conta, numa herança de seus progenitores, obrigando-os a buscar um continente que existiu outrora e hoje se acha sob as águas do oceano. O professor Oliver se inclina para a teoria do Dr. Asa Gray, de que a emigração das espécies, à qual se deve a comunidade de tipos nos Estados Orientais da América do Norte e a flora Miocena da Europa, teve lugar quando havia uma comunicação por terra desde a América à Ásia Oriental, entre os paralelos 15 e 16 de latitude, ao sul do Estreito de Behring.

Através das Ilhas Aleutianas, seguindo este caminho podia-se em qualquer época, Miocena, Pliocena ou pós-Pliocena, antes da época Glacial, chegar à região do Rio Amour, na costa oriental da Ásia do Norte.

Toda a costa da América do Sul se elevou de 10 a 15 pés e voltou a baixar em uma hora. Huxley demonstrou que as Ilhas Britânicas afundaram quatro vezes sob o oceano, levantando-se e povoando-se outras tantas. Todas as cordilheiras foram o resultado de depósitos amontoados nos fundos dos mares, e levantados por forças titânicas à altura atual. O Saara foi o leito de um Mar Mioceno. Nos últimos 6.000 anos as costas da Suécia, Noruega e Dinamarca se levantaram de 200 a 600 pés. O Norte da Europa ainda está se levantando do mar, e a América do Sul apresenta o fenômeno de costas levantadas numa longitude de cerca de 1.000 milhas, a uma altura que varia de 100 a 1.300 pés sobre o nível do mar. Como vimos, as provas se acumulam, das mudanças periódicas na superfície de nosso planeta, e são várias. O crítico imparcial reconhecerá que são provas fundamentadas pela própria Ciência, provas arqueológicas, tradicionais, botânicas, etnológicas e biológicas.

Temos como testemunho as mais antigas tradições de diversos e mui distanciados povos, lendas da Grécia, Madagascar, Sumatra, Java e principais ilhas da Polinésia, assim como as lendas da América. Além disso, esses povos falam dialetos que provêm da mesma língua, têm as mesmas crenças religiosas e superstições e quase os mesmos costumes. Uma grande série de fatos geográficos e animais se explica só pela hipótese da existência anterior de um continente Meridional, do qual a Austrália é um resto.

A Lemúria foi, sem dúvida, a morada do primeiro tronco humano físico. Antes dessa época as Raças estavam muito menos consolidadas e eram fisiológicamente muito diferentes.

As floras Miocenas da Europa têm numerosas e surpreendentes analogias com a flora dos Estados Unidos; nos bosques da Virgínia e , da Flórida se encontram magnólias, tulipas, semprevivas, que correspondem à Flora Terciária da Europa. Como se efetuou essa emigração?

Os crânios exumados nas margens do Reno e do Danúbio têm uma surpreendente semelhança com os dos caribes e antigos peruanos. Os monumentos desenterrados na América Central têm cabeças e caras, indubitavelmente de negros. A linguagem isolada dos bascos não tem afinidade com as demais línguas da Europa, mas com as dos aborígenes da América, e só com estas.

Os bascos são de uma época posterior à Atlântida. A misteriosa afinidade entre a sua linguagem e a das Raças dravidianas da Índia indicam um origem comum. Nas Ilhas Canárias se encontram pedras com sinais esculpidos como os encontrados nas margens do Lago Superior. Os Guanches das Canárias eram descendentes em linha reta dos Atlantes. Como explicar a origem das Canárias, ilhas vulcânicas e rochosas, isoladas no Oceano? Os fósseis da costa oriental da América do Sul pertencem a formações Jurássicas e são quase idênticas aos fósseis Jurássicos da Europa ocidental e África do norte.

A estrutura geológica de ambas é quase igual. O cavalo, segundo a Ciência, teve a sua origem na América; como penetrou ele na Ásia e na Europa? Diz Donnely, no seu livro Atlantis: "Só agora começamos a compreender o passado. Há cem anos o mundo nada sabia de Pompéia e Herculano; nada sobre o laço lingüístico que unia as nações indo-européias; nada de significação do vasto número de inscrições sobre as tumbas e templos do Egito; nada dos textos cuneiformes de Babilônia; nada das nações maravilhosas descobertas no Yucatan, México e Peru. Estamos no vestíbulo; a investigação científica avança com passos de gigante. Quem pode assegurar que daqui a cem anos os grandes museus do mundo não estejam adornados com jóias, estátuas e armas da Atlântida, enquanto as bibliotecas contenham a tradução de suas inscrições, arrojando nova luz sobre toda a passada história da espécie humana?"

A Doutrina Secreta foi propriedade comum dos inumeráveis milhões de homens nascidos sob diversos climas, em tempos de que a História não quer ocupar-se, e a Filosofia Esotérica assinala datas incompatíveis com as teorias da Geologia e Antropologia.

A Teologia coloca o Dilúvio há 2.448 anos antes de Cristo, e a criação do mundo há, apenas, 5.890 anos; a Ciência dá à incrustação da Terra entre dez milhões e mil milhões de anos (Thompson e Huxley), diferença insignificante, na verdade. Os antropólogos afirmam que o homem surgiu entre 25.000 e 500.000 anos. Que pode fazer o ocultista ante tais dados?

Para levar a efeito a tarefa a que se propôs, a autora recorreu ao método de dividir cada estudo em três partes: a primeira é a história consecutiva, ainda que fragmentária, da Cosmogonia e Evolução do Homem sobre este Globo. Ao tratar da Cosmogonia e da Antropogênese da humanidade, era necessário mostrar que nenhuma religião, desde a mais antiga, se fundou jamais por completo na ficção; que nenhuma foi objeto de revelação especial, e que só o dogma é que matou a verdade primordial; finalmente que nenhuma doutrina de humano nascimento, nenhuma crença, por mais santificada que esteja pelo costume e pelo tempo, pode comparar-se, em santidade, à religião da Natureza.

Um dos objetivos principais deste livro é assinalar o vigoroso simbolismo e as alegorias esotéricas, que enchem as obras dos antigos filósofos ários e gregos, assim como as Escrituras Sagradas de todas as religiões.

Outro objetivo é provar que a chave de interpretação, facilitada pelas regras orientais indo-budistas de Ocultismo, (tão ajustadas aos evangelhos cristãos como aos livros egípcios, gregos, caldeus, persas e até hebreus-mosaicos) deve ter sido comum a todas as nações, por divergências que tenham havido em seus respectivos métodos e véus exotéricos.

Lembremos, apenas, que Vpanishads, literalmente traduzido do sânscrito, significa: "Doutrina Secreta". É bom recordar que as numerosas variações idiomáticas, o metafórico estilo das obras filosóficas antigas e o sigilo dos místicos tinham sua razão de ser; tanto os autores clássicos pré-cristãos como os pós-cristãos, tinham, na maioria, a sagrada obrigação de não divulgar os solenes segredos que se lhes havia comunicado nos templos. Só isto basta para extraviar os seus tradutores e críticos profanos. Durante mais de vinte e dois séculos, todos os leitores de Platão concordaram em que ele foi um Iniciado nos Mistérios e que, pela reserva a que o obrigava o juramento da Fraternidade, só podia falar de certos assuntos, cobrindo-os com véus alegóricos.

Ilimitada é a veneração que sente o Filósofo pelos Mistérios, e sem rebuços confessa que escreve enigmaticamente.

O Timeo é tão confuso que só os Iniciados podem entendê-lo; a cosmologia que aí aparece é alegórica.

As principais características destes ensinamentos de aparente incongruência são o dogma da imortalidade da alma e a doutrina pitagórica de que Deus é a Mente Universal difundida por todas as coisas. Se bem que se fale nos deuses, não se pode duvidar de seu monoteísmo, porque essa palavra significa a classe de seres imediatamente inferiores à Divindade, embora superiores aos homens. Este é o Deus de todos os filósofos, o Deus Infinito e Impessoal.

Platão deve ter sido Iniciado pelos Hierofantes dos templos, de cuja boca aprendeu os segredos iniciáticos, reservados somente para os discípulos e Adeptos. As Matemáticas e, sobretudo, a Geometria, eram os fundamentos das doutrinas ocultas, cosmogônicas e teológicas.

Referindo-se a Platão, diz Jowett: Colocar os sentidos sob o governo da razão; encontrar um caminho no caótico labirinto das aparências, já a reta calçada das matemáticas, já outras menos diretas pela analogia do homem com o mundo e do mundo com o homem; ver que todas as coisas derivam de uma causa e propendem a um fim; tal é o espírito de um antigo filósofo naturalista (Platão).

Essas palavras de Jowett, criticando Platão, cujo método acha anti-filosófico e irracional, por não alcançá-los, prova que para o filósofo e seus discípulos os tipos inferiores eram imagens concretas dos superiores e abstratos; a alma imortal tem para eles um princípio aritmético; o corpo, um princípio geométrico. Este princípio como reflexo do grau do Arqueu Universal (Anima Mundi) é autocinemático e do centro se difunde pelo total conjunto do Macrocosmo. Creia ou não no sentido oculto das figuras geométricas, Jowett admite que há uma dupla linguagem nos escritos de Platão; por conseguinte, terá de admitir um significado oculto como sua necessária interpretação. Em suas contradições Jowett afirma que os neoplatônicos encontraram nos diálogos de Platão ocultas conexões com as escrituras hebréias e cristãs, pelo que muitos deles ensinaram doutrinas inteiramente divorciadas do Espírito de Platão.

Crendo que estava este filósofo inspirado pelo Espírito Santo, ou recebera sua ciência de Moisés, lhe pareceu achar, em seus escritos, idéias da Trindade do Verbo e da Igreja. Jowett deve ter fundado sua opinião nas obras apócrifas atribuídas por Euzébio a São Jerônimo e Amônio Saccas que, por sinal, não deixou nada escrito; ou confundiu os neoplatônicos com Filón Judeu, que viveu 130 anos antes do nascimento de Amônio, e foi discípulo de Aristóbulo, Iniciado no movimento filosófico que pretendia provar que a doutrina de Platão e dos peripatéticos fora tomada da revelação mosaica.

O cânone esotérico de interpretação é a chave comunicada oralmente, de boca a ouvido, pelo Mestre ao discípulo, ou pelo Hierofante ao candidato à Iniciação; isto desde tempos imemoriais, quando os Mistérios eram a mais sagrada Instituição de cada país.

Sem tal chave, não é possível interpretar acertadamente os Diálogos, de Platão, nem escritura alguma sagrada, desde os Vedas a Homero, desde o Zend Avesta aos Livros de Moisés.

Como pôde, então, saber Jowett que foram absurdas as interpretações dadas pelos neoplatônicos aos livros sagrados?

Que gênios como Amônio, cuja santidade de vida e caudal de erudição lhe valeu o nome de "Theodidaktos" (ensinado por Deus), e homens como Plotino, Porfírio e Próculo fossem incapazes de distinguir as opiniões de um filósofo das de outros, nem das idéias formais de

Platão e suas fantasias, é impropriedade imperdoável num erudito como Jowett.

As opiniões variam e discordam entre si; o professor Wilder, de Nova Iorque, falando de Amônio Saccas, diz: "Sua profunda intuição espiritual, sua vasta erudição, sua familiaridade com os padres da Igreja, Panteno, Clemente e Atenágoras, e com os mais notáveis filósofos da época, o predispunham para a tarefa que tão galhardamente levou a cabo" (conciliação dos vários sistemas religiosos). Chamava-se a si mesmo "Filaleteu", o amante da Verdade. Como seus antecessores, Orfeu, Pitágoras, Confúcio, Sócrates, Jesus etc... Amônio nada escreveu, mas comunicou seus ensinos aos discípulos instruídos e disciplinados que juraram sigilo absoluto sobre certas doutrinas iniciáticas.

Amônio Saccas repudiou os dogmas da Igreja. Os mais excelentes sistemas de doutrina levam as marcas de suas mãos plásticas, que influíram em todos.

Porfírio, discípulo de Plotino, conviveu onze anos com Amônio e afirma que ele renunciara de todo ao cristianismo. Ele acreditava nos divinos seres protetores e que a filosofia neoplatônica foi paga e mística ao mesmo tempo. Euzébio, o maior adulterador de textos antigos, e São Jerônimo, fanático recalcitrante, negaram as declarações de Porfírio, movidos pelo interesse de negar a separação de Amônio. Euzébio, bispo de Cesaréia e amigo do imperador Constantino (que morreu pagão) torceu o sentido de muitos textos neoplatônicos. Não se pode negar que Platão foi um fervoroso discípulo de Pitágoras e bebeu nas mesmas fontes de conhecimento de seu Mestre, o qual considerou o distante Oriente como o manancial da Sabedoria.

Remontando-nos da época atual à Quarta Raça-Raiz, podemos assinalar sempre Iniciados que possuíam transcendentes faculdades e conhecimentos.

A Ciência exclui, a seu capricho, dúzias de nomes de heróis da antigüidade, só porque em sua história há traços míticos demasiado vigorosos; e insiste em dizer que os Patriarcas bíblicos são personagens históricos.

A humanidade, de modo geral, não gosta de pensar por si mesma. Há anos, antes da guerra Tonquinesa, o arcebispo de Pequim comunicou a Roma a existência de homens extraordinários com os quais só o Imperador e alguns magnatas da Corte podiam comunicar-se. É que o Imperador enviara deputações especiais aos seus Sheu e Kiuay como os chama o vulgo, que eram gênios das montanhas dotados de milagrosos poderes, e que o povo considera os protetores da China. Os Sheu e Kiuay são homens que se acham num estado de existência distinto do dos homens comuns e também diferente do que tiveram em seus corpos. São espíritos desencarnados, espectros e larvas, que vivem em forma objetiva na Terra e habitam as asperezas da montanha, inacessíveis a todos os que não têm permissão para abordá-los. No Tibete também chamam Lha (espírito) a certos ascetas, os quais vivem em determinados retiros.

Marco Polo conta que o deserto de Gobi, a área total da Tartária independente e o Tibete estão cuidadosamente resguardados de estranhas incursões.

Os que conseguem atravessá-lo estão sob controle e guia de certos agentes da suprema autoridade do país, comprometendo-se a nada dizer referente aos lugares e pessoas ao mundo exterior. Os naturais de Pashai (Udyana e Kashimir) são dados às feitiçarias e artes diabólicas. Esta era a comarca nativa de Sambhava, um apóstolo do Lamaísmo, peritíssimo na arte de encantamento.

É considerada a Terra clássica da bruxaria. A Magia é para eles uma profissão. A Magia é tão antiga como o homem; está indissoluvelmente ligada com a religião de cada país e é inseparável de sua origem.

Apontam Zoroastro como o fundador da Magia, mas Amiano Marcelino, Plínio e Arnóbio, indicaram que Zoroastro foi apenas o reformador da Magia praticada pelos caldeus e egípcios.

A pirâmide era um majestoso templo em cujas sombrias criptas se celebravam os Mistérios e se iniciavam as pessoas da família real. 0 sarcófago de Porfírio era a pia batismal em que o neófito nascia e se convertia em Adepto. O espiritismo é uma forma de Magia.

No México se exumaram duas estátuas pré-colombianas, uma das quais representa um Adepto mexicano na postura ritualística dos ascetas hindus e a outra, uma sacerdotisa azteca com a cabeça adornada como as deusas da Índia.

As medalhas guatemaltecas ostentam a Árvore do conhecimento com suas centenas de olhos e ouvidos, rodeada pela Serpente da Sabedoria.

Suas pirâmides são, como as egípcias, construídas segundo as mesmas secretas regras de proporção, denotando uma origem comum.

Os três povos cultivavam em sumo grau os arcanos da Magia ou filosofia natural. Aqueles que são capazes de dar lugar em seu Eu Interior ao Divino Raio e, portanto, aceitam com humilde fé os dados da Ciência oculta, sabem que a pedra angular é a chave da antiga e moderna sabedoria, trazida pelo Divino Arquiteto e que nesta pedra está encerrado o Absoluto filosófico, chave dos obscuros problemas da Vida e da Morte.

Toda a Verdade oculta há de sofrer negação, e seus defensores o martírio, antes de conseguir aprovação geral; é a coroa de espinhos com aparência de grinalda de ouro. O erro só tem potência superficial; seja por fenômenos ou milagres. O Ocultismo triunfará antes que nossa era alcance o tríplice setenário de Shani (Saturno) do ciclo ocidental, na Europa, ou seja, antes de terminar o século XXI. Qualquer dia se provará que a Fraternidade Secreta não se extinguiu com os Filaleteus da última escola eclética, que ainda floresce a Gnose na Terra, e que são muitos os seus discípulos, ainda que permaneçam ignorados. Tudo isto pode ser feito por um dos vários Mestres que visitam a Europa. (Isto se escreveu em 1876 e provou-se em 1886.)

Há muitas destas Místicas Fraternidades que nada têm a ver com os países "civilizados", em suas ignoradas comunidades se ocultam as relíquias do passado. Esses Adeptos podem, se quiserem, reivindicar uma maravilhosa série de antepassados e apresentar documentos justificativos, que clareariam muitas páginas das histórias sagrada e profana.

Se os padres da Igreja tivessem a chave dos escritos hieráticos e conhecessem o simbolismo egípcio e hindu, não deixariam de mutilar um só monumento da antigüidade.

Há, porém, no mundo uma certa categoria de adeptos pertencentes a uma Fraternidade e mais poderosos do que nenhum dos que conhecem os profanos, muitos deles são bons e benévolos, pessoalmente, santos e puros, em ocasiões; mas, como coletivamente perseguem sem descanso e com determinado propósito um fim particular e egoísta, devem ser classificados entre os adeptos da Arte Negra. Estes são os monges e clérigos católicos romanos.

Desde a Idade Média eles decifraram os escritos hieráticos e simbólicos; são muito mais eruditos que jamais o serão os orientalistas em simbologia secreta e religiões antigas, e eles cuidam de que não se divulguem os segredos, retendo as chaves em suas mãos. E o povo se ri da Magia Negra.

Os arqueólogos têm na Inglaterra seu Stonehenge, com milhares de segredos e seus gêmeos de Karnac da Bretanha, e nenhum deles suspeita o que sucede em suas criptas e misteriosos recantos, durante os séculos que passam; nem sequer conhecem as salas mágicas de Stonehenge, onde ocorrem cenas curiosas quando há um novo converso em perspectiva.

No hipnotismo consistia a genuína e inegável feitiçaria dos antigos.

Do mesmo modo procedem os mulukurumbas de Nilgiri em seus feitiços, quando se propõem a aniquilar um inimigo, e os dugdas do Sikkim e Bhütan não dispõem de outro agente mais poderoso do que a sua vontade.

Eliphas Levi diz em seu livro Dogma e Ritual da Alta Magia:

O que antes de tudo buscavam os feiticeiros e nigromantes, ao evocar o espírito do Mal, era esse magnético poder, qualidade normal do verdadeiro adepto, que desejavam alcançar para sinistros fins. Mediante certas cerimônias, exaltavam a sua vontade até o ponto de torná-la venenosa à distância.

Os feitiços mágicos são de sumo perigo. O verdadeiro Mago da direita (Adepto) deixa as pessoas entregues a seu Karma, que cedo ou tarde jamais falha, porém nunca intenta castigar os inimigos. Para o estudante de Ocultismo, a Magia Branca, ou Divina, não pode existir na Natureza sem o contrapeso da Magia Negra, como não há dias sem noites. Para eles, tudo na Natureza tem algo oculto, um aspecto luminoso e outro tenebroso. Sem dúvida os efeitos da Magia estão

mais definidos nas congregações religiosas, tais como os "reformadores", metodistas, negros e salvacionistas, que a chamam de ação e graça do Espírito Santo.

0 mundo está cheio de Magos inconscientes, na vida ordinária, no clero, e na política. A maioria destes Magos são feiticeiros na realidade, por causa de seu peculiar egoísmo, caráter vingativo, inveja e malefício.

Se a Magia é Ciência, deve ter seus instrutores ou adeptos, porque, segundo as palavras de Gamaliel: Se esta doutrina é falsa, perecerá por si mesma; se é verdadeira, perdurará sem que nada possa destruí-la.

A CRÍTICA MODERNA E OS ANTIGOS

A Doutrina Secreta do Oriente ário se encontra repetida no simbolismo egípcio e na terminologia dos Livros de Hermes. O deplorável da Ciência moderna é que se nega a reconhecer que, além dos instrumentos de laboratório, podem empregar-se outros que não os do plano físico para pesquisar os mistérios da Natureza, e que, portanto, pode ser impossível apreciar devidamente os fenômenos de um plano sem, também, observá-los dos pontos de vista que outros planos proporcionam. Assim fecham os olhos teimosamente, à evidência que lhes demonstraria, com toda a clareza, como a Natureza é muito mais complexa do que se pode inferir dos fenômenos físicos; que há meios pelos quais as faculdades perceptivas podem passar, algumas vezes, de um a outro plano.

O que é um Mito?

Os autores antigos disseram que esta palavra significa "tradição".

A palavra latina fábula é sinônimo de algo sucedido em tempos pré-históricos e não precisamente de uma invenção.

A Filologia, o Simbolismo, a Religião comparada e outras ciências herméticas, progrediram bastante para não consentir mais imposturas, e a Igreja é demasiado precavida para não tirar o melhor partido possível da situação. Entretanto, os rombos de Hecate e as Rodas de Lúcifer, exumados das ruínas de Babilônia, já não podem ser utilizados como provas palmares de um culto a Satã, posto que os mesmos símbolos se encontram no ritual da Igreja Romana. Esta é demasiado douta para ignorar que nem sequer os caldeus da decadência, que reduziram todas as coisas ao princípio originário, nunca adoraram a Satanás nem a ídolo algum, como tampouco o fizeram os Zoroastrinos. Mas a sua religião foi tão sumamente filosófica como qualquer outra e que em sua dual e exotérica teosofia se basearam na crença dos hebreus que por sua vez a transmitiram, em grande parte, para os cristãos.

Havia a religião do vulgo que rendia culto divino ao Sol, à Lua e às Estrelas, e a doutrina do verdadeiro culto, que se dava aos dignos de recebê-la. Nos Preceitos de Zoroastro, se lê:

Não dirijas tua mente à vasta extensão da Terra, porque nela não cresce a planta da Verdade Não meças as dimensões do Sol, porque, por vontade do Pai se move, e não para ti. Desdenha a impetuosa carreira da Lua, porque por necessidade se move sem cessar. A multidão de estrelas não foi engendrada para tua satisfação.

A sublime profundidade dos preceitos mágicos é, transcendentalmente, superior às modernas idéias materialistas, e por isso acusam-se os filósofos caldeus de sabeísmo e heliolatria, que eram unicamente a religião do vulgo.

A ORIGEM DA MAGIA

As coisas mudaram; os campos de investigação se dilataram muito nos últimos anos. As religiões antigas são melhor compreendidas, graças às descobertas arqueológicas que vieram iluminar muitos recantos escuros da história.

Na primeira década do século XIX, a Igreja e a Ciência estudaram a filosofia hermética sob dois aspectos completamente opostos.

A Igreja disse que era pecaminosa e diabólica; a Ciência negou-as em absoluto, não obstante as provas evidentes apresentadas pelos sábios de todas as épocas, inclusive a atual. Nem sequer deram atenção ao erudito P. Kircher, e riram da afirmação de que os fragmentos das obras chamadas de Hermes Trismegisto, Beroso, Ferécides de Siros etc, eram pergaminhos salvos do incêndio da grande Biblioteca de Alexandria, fundada por Ptolomeu Filadelfo e, na qual, segundo Josefo e Estrabão, havia 100.000 volumes, sem contar outras tantas cópias de manuscritos de antigos pergaminhos caldeus, fenícios e persas. Temos a evidência adicional de Clemente de Alexandria, que devia merecer algum crédito, o qual cita os 42 livros sagrados dos egípcios existentes em sua época e que eram uma parte dos livros de Hermes.

Apoiado na autoridade do sacerdote egípcio, Abamon, Jâmblico atribui 1.200 destes livros a Hermes, e Menetón atribui ao mesmo 36.000 volumes.

No entanto, nenhum arqueólogo duvida da antigüidade quase incrível dos livros herméticos; Champollion de sua autenticidade e veracidade, corroborados por monumentos antiquíssimos, e Bunsen, dão provas irrebatíveis da época em que se compuseram. Suas indicações nos esclarecem que nos tempos de Moisés imperava uma dinastia que contava 61 reis, cuja civilização, de vários milhares de anos, deixou fundas marcas; isto nos faz pensar que as obras de Hermes Trismegisto se publicaram séculos antes do nascimento de Moisés. Diz Bunsen: Nos monumentos da quarta dinastia (que são os mais antigos do mundo) se encontraram tinteiros e estiletes. Se o eminente egiptólogo não admite o período de 48.863 anos, antes de Alexandre, atribuído por Diógenes Laércio à instituição sacerdotal, ficará perplexo ante os 10.000,

computados pelas observações astronômicas que remontavam a milhares de anos.

Clemente de Alexandria afirmava existirem 30.000 exemplares do Livro de Hermes na Biblioteca instalada no sepulcro de Osimandias, sobre cujo frontispício se liam as palavras: Medicina da Alma.

Champollion encontrou textos inteiros das obras "apócrifas" dos "falsos" Pimander e Asclépios, nos monumentos mais antigos do Egito, e o seu testemunho como egiptólogo ilustre é irrefutável.

Encontraram-se, também, vários versos "apócrifos" do "mítico" Orfeu, copiados, palavra por palavra, em hieróglifos e inscrições da quarta dinastia, e dedicados a certas divindades.

Creuzer descobriu e assinalou o fato significativo de que numerosas passagens de Homero e Hesíodo estão tomadas dos hinos órficos, demostrando, com isso, que estes últimos são mais antigos que a Ilíada e a Odisséia.

Agora se vão descobrindo os textos de vários livros antigos, inclusive o de Enoch, nos mais recônditos santuários da Caldéia, índia, Fenícia, Egito e Ásia Central. Tais provas não bastaram para convencer a maior parte dos materialistas modernos, pela simples e evidente razão de que estes venerandos textos da antigüidade, descobertos nas bibliotecas secretas dos grandes templos e estudados por estadistas, jurisconsultos, filósofos, sábios, eram pura e simplesmente, livros de magia e ocultismo, ou seja, a caluniada e escarnecida Teosofia. Daí o ostracismo.

Tão mentecaptos eram os milhões de habitantes da Assíria, Egito, índia e Grécia, com seus grandes sábios à frente que, durante os períodos da civilização e cultura anteriores ao ano um de nossa era, dedicaram a sua vida à ilusória superstição chamada magia?

Qual a origem das Ciências Ocultas e da Magia?

Quais foram seus Mestres? Que sabemos deles?

Segundo Clemente de Alexandria, Se há Doutrina, devemos buscar o Mestre. Acrescenta que Cleanto foi discípulo de Zenon; Teofrasto, de Aristóteles; Metrodoro, de Epicuro; Platão, de Sócrates etc, e Pitágoras, Ferécides e Tales tiveram seus mestres respectivos. O mesmo deve supor-se dos povos antigos que devem ter tido seus Instrutores. Porém, Clemente vai além, dizendo: "ao chegar à altura dos anjos em suas diversas hierarquias, cabe repetir a mesma pergunta: 'quem foi seu Mestre?'" (Stromateis).

Por fim, Clemente acaba por assinalar os dois primitivos Mestres que, como podia presumir-se, são, segundo ele, Deus e seu adversário, o Diabo, tratando de relacionar isto com o aspecto dual da filosofia hermética.

O testemunho de Clemente é precioso, porque assinala um número enorme de obras de Ocultismo existentes em seu tempo e, além disso, os pasmosos poderes que, por meio das ciências ocultas, chegaram a

possuir certos homens. Os Livros de Hermes Trismegisto atraíram, em sumo grau, a atenção de Clemente, que elogia, calorosamente, o Histaspes (livros sibilinos) e os de boa astrologia.

O padre cristão dedica todo o sexto volume de seu Stromateis a indagar quais foram os respectivos Mestres primários da verdadeira filosofia que se conservava nos santuários egípcios, apostrofando os gregos por não acreditarem nos milagres de Moisés.

Em todos os tempos houve uso e abuso da Magia; o mundo antigo teve os seus Apolônios e Ferécides, e os doutos podiam distingui-los tão bem como agora. As imputações levantadas por Clemente de Alexandria contra os adeptos pagãos só provam que, em todos os tempos, houve videntes e profetas, o que de nenhum modo demonstra a existência do Diabo.

Segundo De Mirville, Ferécides admitia a primordialidade de Zeus e o Éter, e logo, no mesmo plano, outro coeterno e coativo, ao qual chama quinto elemento ou Ogenos. Diz que essa palavra significa encerrar, reter cativo, e isso é o inferno (Hades).

O moderno memorialista de Satanás, através da História, diz que "se admite, geralmente, que, depois do Dilúvio, Cam e seus descendentes propagaram de novo os antigos ensinamentos de Caim e da raça submersa".

Isto prova, em todo o caso, que a Magia ou feitiçaria é uma arte antediluviana. A Magia Negra é o mau resultado obtido na prática das ciências ocultas. O testemunho de Beroso identifica Cam como o primeiro Zoroastro, o fundador de Bactria e primitivo Mestre das artes Mágicas de Babilônia, também chamado Chemesenua, ou Cam, o maldito, pelos fiéis sequazes de Noé, e que chegou a ser objeto de adoração entre os egípcios, que edificaram, em sua honra, a cidade de Chemnis (cidade do Fogo). Hoje se sabe que a origem do nome de Chemnis deriva da misteriosa deusa Kemnu.

A Magia há de ser julgada somente por seus efeitos; por exemplo, o nome Jeová, pronunciado Jevo e com tom particular, é capaz de matar a uma pessoa distante. A misteriosa palavra "esquemânforas" nem sempre era pronunciada pelos cabalistas com sãos intentos, especialmente no Sabbath.

O Egito foi o berço da Química, e a raiz desse nome é chemi, derivado de Khem, o deus fálico egípcio, nos Mistérios.

O SIGILO DOS INICIADOS

O primeiro Adepto que a História vislumbra é Orfeu, entre as névoas da era pré-cristã, passando por Pitágoras, Confúcio, Buda, Jesus, Apolônio de Tiana e Amônio Saccas; nenhum destes Mestres deixou nada escrito.

Todos e cada um deles recomendaram silêncio e sigilo sobre certos fatos e acontecimentos. Confúcio recusou-se a dar a chave para a adivinhação por meio de palhas. Jesus recomendou a seus discípulos que não dissessem que ele era o Cristo e o Homem das Angústias, e não revelassem que ele ressuscitara e obrara milagres. O sigilo entre os Adeptos apóstolos chegava ao extremo de que a mão esquerda ignorasse o que fazia a direita, ou seja, em termos claros, que os magos negros, inimigos terríveis dos Adeptos da Direita, não se aproveitassem da publicidade para danificar, conjuntamente, o paciente e o sanador.

Vejamos as palavras de Jesus: A vós é dado conhecer o mistério do reino de Deus, mas aos que estão fora tudo se trata por parábolas, para que, vendo, vejam e não percebam, e lhes sejam perdoados os pecados.

A tarefa de propagar a verdade por meio de parábolas foi recomendada aos discípulos dos grandes Iniciados, com o dever de acomodar-se à chave das doutrinas secretas sem revelar seus mistérios.

Os Magos se iniciavam nas mais recônditas cavernas de Bactriana. Ao dizer Josefo que Abraão ensinou matemática, significa que ensinou "Magia", pois na escola pitagórica se dava o nome de "matemática" às ciências esotéricas ou Gnose. O professor Wilder faz notar que: Os essênios da Judéia e Carmelo dividiam seus prosélitos em Neófitos, Irmãos e Perfeitos.

Amônio obrigava, sob juramento, a seus discípulos que não comunicassem suas doutrinas senão aos mais instruídos e dispostos à Iniciação.

Jesus recomendava: Não deis aos cães as coisas Santas, nem deiteis aos porcos as vossas pérolas; não aconteça que as pisem com os pés, e, voltando-se, vos despedacem. (Mat. VII, 6.)

Também Sócrates não teria sido condenado à morte se guardasse segredo das revelações de seu divino "Daimon". Assim mesmo encerrou seu ensino acerca da Lua numa alegoria que resulta de maior valor científico que muitas hipóteses posteriores. Afirmava Sócrates que a Lua era habitada e que os seres lunares viviam em profundos dilatados e sombrios vales, pois nosso satélite carecia de atmosfera.

Maimônides dizia: Quem quer que seja que descubra o verdadeiro significado do Gênese, cuide de não divulgá-lo, principalmente com respeito aos seis dias da criação, e se acaso o fizer, faça-o tão obscura e enigmaticamente como eu, deixando que os demais conjecturem e o compreendam.

Os mistérios judaicos eram iguais aos dos pagãos gregos, que os tomaram dos egípcios, e estes, por sua vez, dos caldeus que os aprenderam dos árias, os quais os obtiveram dos Atlantes.

Clemente de Alexandria testemunha o secreto significado do Evangelho, quando diz que nem a todos se pode comunicar os mistérios da fé.

São Paulo afirmou, inequivocamente, que a história de Abraão era uma alegoria e que Agar simbolizava o monte Sinai.

O rabi Simeão Ben Jochai, compilador do Zohar, sempre comunicou oralmente os principais pontos de sua doutrina e somente a um pequeno número de discípulos; portanto, sem a iniciação final na Mercavah, ficava incompleto o estudo da Cabala. Na venerável seita dos Tanaim ou sábios, estavam os varões prudentes e doutos encarregados de ensinar praticamente os segredos, e de iniciar alguns discípulos no grande e supremo mistério.

Amônio Saccas ensinou que a Doutrina Secreta da Religião da Sabedoria estava contida nos Livros de Thot (Hermes), dos quais tanto Pitágoras como Platão derivaram grande parte de seus conhecimentos e filosofias.

Como o nome Thot significa Colégio ou Assembléia, não é de mais supor que os livros foram assim chamados por serem uma coleção dos oráculos e doutrinas da comunidade sacerdotal de Mênfis.

O Livro de Enoch explica: Da boca dos anjos ouvi as coisas e compreendi quanto vi. Aquilo não sucederá nessa geração (Raça), mas na outra que há de vir em tempos mais distantes, (sexta e sétima Raças), segundo referem os eleitos (Iniciados).

Há em nosso tempo homens que chegaram a descobrir segredos sem ajuda estranha, por sua própria sabedoria e sagacidade e seu reto procedimento.

Um deles descobriu a chave dos mistérios hebraico-egípcios, e ele observa algumas estranhas características relacionadas com a composição da Bíblia.

Os que compilaram este livro foram homens como nós, que conheceram, viram, manejaram e realizaram por meio da chave das medidas a lei do vivente e sempre ativo Deus (Deus é onipresente). Não necessitavam crer que Deus atuasse como um poderoso Mecânico e Arquiteto. A idéia que eles tinham de Deus reservaram-na para si mesmos, ao passo que os primeiros, como profetas e logo como apóstolos de Cristo, estabeleceram um culto ritual exotérico e uma doutrina de pura fé, sem provas a propósito para o exercício do sentido íntimo que Deus deu a todo homem como meio natural de alcançar o verdadeiro conhecimento. Que têm a ver os Mistérios com a promulgação das verdades de Deus? (Origem das Medidas.)

Porém a evolução e a queda gradual na Matéria é também uma das "verdades" e leis de "Deus". À medida que o gênero humano progrediu e chegou a ser cada geração mais carnal, começou a afirmar-se a individualidade de cada Ego temporário. O egoísmo pessoal se desenvolve e incita o homem a abusar de seu conhecimento e poder. Todavia as massas necessitavam de um freio moral. O homem não pode viver sem um ideal qualquer que lhe sirva de farol e consolo.

Daí a necessidade de subtrair, gradualmente, dos homens o poder e o conhecimento divinos, que em cada novo ciclo humano chegou a ser mais perigoso como espada de dois gumes. Os poucos eleitos, cuja

natureza interior não afetou o extremo desenvolvimento físico, chegaram a ser, com o tempo, os únicos guardiães dos mistérios revelados e os comunicaram aos mais aptos para recebê-los, mantendo-os ocultos aos demais.

Prescindindo dessa explicação dos ensinos secretos, fica a religião reduzida a fraudes e enganos. Se apartamos o véu de fantasias humanas arrojadas sobre a divindade pela artificiosa mão dos scerdotes, ávidos de dominação e poderio, o homem adoraria o verdadeiro ideal da Divindade, o único Deus vivente na Natureza.

Quando o primeiro sacerdote inventou a primeira oração de súplica egoísta, perpetrou-se o mais nefando crime de lesa-humanidade.

A idéia de um Deus propício às súplicas para abençoar as armas de seus adoradores e aniquilar os inimigos (que são irmãos), esta idéia foi a que nutriu o egoísmo dos homens e os privou da confiança em si mesmos.

A oração é um ato nobre quando movida por um intenso desejo de beneficiar o próximo, sem nenhum interesse pessoal.

Moisés iniciou 70 anciãos nas Verdades ocultas, os quais escreveram o Antigo Testamento com algum conhecimento. Os autores do Novo Testamento, com os seus dogmas, alteraram a grande figura de Cristo, induzindo o povo a cometer erros e nefandos crimes em seu nome.

Exceto Paulo e Clemente de Alexandria, ambos iniciados nos Mistérios, nenhum outro padre da Igreja conheceu grande coisa das Verdades secretas. Eram pessoas ignorantes e incultas, que acusavam os filósofos pagãos de terem pacto com o Demônio. O autor da Origem das Medidas prova que os nomes divinos, Jeová e Elohim, representavam num dos seus valores numéricos o diâmetro e a circunferência, isto é, que eram índices numéricos de relações geométricas e que Jeová é Caim e vice-versa.

Em Isis sem Véu a autora mostrou que Jeová, Saturno, Adão Kadmon, Caim, Adão e Eva, Abel, Seth etc, eram símbolos permutáveis relacionados com números secretos, que tinham mais de um significado, tanto na Bíblia como nas outras Escrituras.

Ralston Skinner dá a prova científica de que o nome de Caim é a transmutação de um Elohim {Sejira Binah) no andrógino Jeová, ou Deus-Eva, e que Seth é o Jeová masculino. Os símbolos da Bíblia têm quase todos fundamentos trínicos, ao passo que os das Escrituras Orientais são setenários, estando tão intimamente relacionados com os mistérios da Física e da Fisiologia, como com os do Psiquismo, Teogonia e a transcendental natureza dos elementos cósmicos. Revelar o seu sentido oculto prejudicaria aos não-iniciados, e os seus efeitos seriam nocivos se se comunicassem à geração presente, em seu atual estado de desenvolvimento físico-intelectual, e com ausência de espiritualidade e sentido moral.

No entanto, as secretas doutrinas dos templos tiveram e têm seus fiéis depositários, que as perpetuaram de distintos modos.

Só ao gênio coube revelar, livremente, algumas das augustas verdades da iniciação naqueles séculos de cegueira mental, em que o temor do Santo Ofício cobriu com espesso véu toda a verdade cósmica e física.

Donde tirou Ariosto, no seu Orlando Furioso, aquela idéia do vale da Lua, onde, depois da morte, podemos encontrar as idéias e imagens de tudo quanto na Terra existe? Como chegou Dante a imaginar, em seu Inferno, as múltiplas descrições de suas visitas e encontro com as almas das sete esferas, verdadeira revelação épica de sua Divina Comédia?

As Verdades ocultas não chocam o entendimento popular, quando enunciadas pela poesia ou pela sátira, porque são supostas filhas da Fantasia.

Os Iniciados não descobrirão os segredos totalmente, enquanto a massa geral da humanidade não tenha mudado o seu modo de ser atual, e esteja melhor preparada e disposta para aceitar a verdade.

"É indispensável ocultar num mistério a sabedoria falada que ensina os filhos de Deus", já dizia Clemente de Alexandria.

E estas verdades são as mesmas que os Filhos da Mente e os Construtores do Universo comunicaram às primitivas Raças humanas.

Em todos os países antigos que por civilizados se tiveram, houve uma doutrina esotérica, um sistema chamado genericamente Sabedoria, e aos que se entregavam ao seu estudo se deu o nome de Sábios.

Pitágoras chamou a este sistema Gnose, ou conhecimento das coisas que são. Os sábios de todos os tempos, os Iniciados, Hierofantes, Magos, Mestres e filósofos, incluíam na nobre denominação de Sabedoria todo o conhecimento da Natureza (para eles) divina, distinguindo-se uma parte esotérica e outra exotérica. Àquela chamavam os Rabinos "Mercavah", ou seja, corpo do conhecimento superior.

ALGUNS MOTIVOS DO SIGILO

Aos guardiães do saber secreto se lhes culpa de egoísmo, por deterem os tesouros da Sabedoria antiga, privando aos homens de ciência o seu conhecimento. Desde o dia em que o primeiro místico, ensinado pelo primeiro Instrutor, pertencente às divinas dinastias das primeiras Raças, aprendeu os meios de comunicação entre este mundo e os mundos da Hoste invisível, entre as esferas material e espiritual, pôde compreender que seria desperdiçar esta misteriosa ciência abandoná-la à profanação involuntária do próprio populacho.

Seu abuso determinaria a rápida destruição da humanidade, como se pusessem explosivos em mãos de crianças com lume para acendê-los.

O primeiro Instrutor divino iniciou somente uns quantos discípulos, e estes guardaram silêncio ante o vulgo. Reconheceram eles o seu Deus e todo o adepto sentiu o Grande Eu dentro de si. O Âtma, o Poderoso Senhor e Protetor, mostrou a plenitude de sua potência em

quem reconhecia idêntico ao "Eu sou, ao Ego Sum", o "Asmi" e eram capazes de escutar a doce voz.

Não houve Filósofo que não mantivesse esta verdade misteriosa no silente santuário de seu coração. Se foi Iniciado, aprendeu-o como ciência sagrada, se de outra maneira, como Sócrates, repetindo-se a si mesmo e inculcando a seus discípulos o nobre conselho: Conhece-te a ti mesmo, reconheceu Deus em seu íntimo. Disse o salmista (82:6): "Sois deuses"; e, como eco, afirma São Paulo que todos somos templos de Deus vivo. (Ísis sem Véu.)

A Lei fundamental e chave-mestra da Teurgia prática, em suas principais aplicações no estudo dos mistérios cósmicos, sidéreos, físicos e espirituais, foi e é, ainda, o que os neoplatônicos gregos chamaram Teofania.

Em seu significado mais geral, é a comunicação entre os deuses (ou Deus) e os Iniciados espiritualmente capazes de semelhante interlóquio. Esotéricamente significa muito mais, pois não é só a presença de um Deus, senão a efetiva, ainda que temporária, encarnação, a ligação, por assim dizer, do Supremo Ser, da Deidade pessoal, com o homem, Seu representante ou agente na Terra. Pela Lei geral, o Deus Supremo, a Super-Alma (Atma-Buddhi) do ser humano, só influi no indivíduo, durante a vida mortal, com o objetivo de dar-lhe revelações e ensinos. Os católicos chamam "Anjo da Guarda" a esse vigilante. Porém, no caso do mistério teofânico, esta Super-Alma encarna, plenamente no teurgo para realizar uma revelação. Quando a revelação é temporária, dura muito pouco tão sublime estado, chamado êxtase, e definido por Plotino como liberação da mente de sua consciência finita para identificar-se com o Infinito. A Alma Humana, broto e emanação de seu Deus, realiza em tal estado a união do Pai e do Filho, e a divina fonte flui como uma torrente por seu humano canal. Sem dúvida, em casos excepcionais o mistério é absoluto: o Verbo se faz realmente carne e o indivíduo chega a ser divino em toda a acepção da palavra, posto que o seu Deus pessoal toma vitalício tabernáculo em seu corpo, o Templo de Deus, como disse São Paulo. A Teofania, ou aparição real de Deus ao homem, a Teopatia, ou assimilação da natureza divina, e a Teopneustia, ou a faculdade de ouvir os ensinos de Deus, não foram nunca retamente compreendidas.

Por Deus pessoal do Homem se entende aqui o seu sétimo princípio, que per se e em essência é um Raio do infinito oceano de Luz.

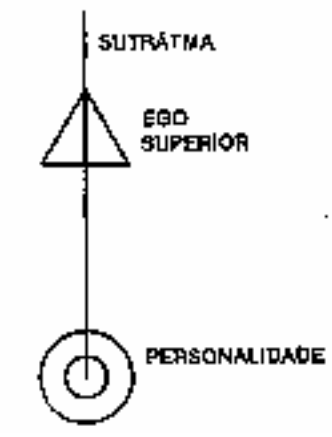
Atma e Buddhi não são uma dualidade, pois Âtma emana, indivisivelmente, do Absoluto. O Deus pessoal não é a Mônada, mas o protótipo, o Karanâtma manifestado (Karana Sharira é o corpo causai ou Deus Individual); é a Alma Causai um dos principais dos sete receptáculos das Mônadas humanas, ou Egos. Estes vão gradualmente se formando e robustecendo durante o ciclo de encarnações, pelo constante incremento da individualidade, tomando das personalidades em que encarna aquele princípio que a um tempo participa do celestial e

do terreno, chamado pelos Vedantinos Jiva e que os ocultistas denominam Manas (a Mente). Quando está em perfeita unidade com o Espírito, é o Divino Eu Superior.

Depois de cada encarnação, Buddhi-Manas extrai o aroma da flor chamada personalidade, deixando desvanecer como uma sombra os resíduos inferiores.

Disse Metrodaro de Chios, discípulo de Pitágoras: A Santa Tríada emana do Um, e é a Tetraktys; os deuses, os gênios e as almas são emanações da Tríada; os heróis e homens reproduzem a hierarquia em si mesmos.

Os três em si, os sete pálidos reflexos das sete Hierarquias Divinas, portanto o seu Eu Superior é o reflexo do Raio direto. Estes Princípios são Inteligentes, conscientes, viventes e são as sete primeiras Luzes manifestadas procedentes da Luz Imanifestada. São os sete Kúmaras ou Filhos nascidos da Mente de Brahmâ, os protótipos da eônica eternidade de deuses inferiores e Hierarquias de Seres divinos, no ínfimo degrau de cuja escada estão os homens.



Por meio deste Princípio espiritual e intelectual está unido o homem a seu Arquétipo celeste, nunca por meio do eu inferior, ou corpo astral que se desintegra e desvanece, na maioria dos casos sem deixar nada. O Ocultismo ou Teurgia ensina o modo de realizar esta união. Em Adeptos tão perfeitos como Buda e outros, este hipostático estado de avatárica condição pode durar toda a vida. Todo homem leva em si as condições ou materiais para a comunicação teofânica, ou teopnéustica, pois o Deus inspirador é o seu Próprio Eu Superior, ou protótipo divino.

Ao voltar à condição de vigília física, o grau de recordação depende da purificação psíquica e espiritual, porque o maior inimigo da memória superior é o cérebro físico, o órgão da natureza sensual e afetiva do homem.

Teofania é a presença real de Deus no homem, ou seja, encarnação divina.

Quando Simão o Mago pretendia ser o Deus Pai, queria dizer "o poder pelo qual o divino Eu se engastava em seu eu inferior, o homem". Este é um dos vários mistérios da existência e da encarnação. Outro é quando um Adepto alcança, em vida, aquele estado de pureza e santidade que o equipara aos Anjos.

Então o seu corpo astral, ou aparicional, depois da morte física, se faz tão sólido e tangível como o corpo carnal, e transforma-se no homem verdadeiro.

O antigo corpo físico se desfaz em tal caso; o homem o deixa como a cobra quando muda de pele, e o novo corpo pode tornar-se visível ou invisível dentro da concha acásica que o envolve. Três caminhos tem o Adepto então:

1) Permanecer na esfera etérea da Terra (Kamaloka ou Vayu),nessa região etérea oculta aos olhos humanos, exceto durante a clarividência. Neste caso, seu corpo astral, em virtude de sua grande pureza e espiritualidade, perde as condições requeridas para que a luz acásica (éter terrestre) absorva as suas partículas semimateriais; o Adepto teria que permanecer em companhia dos cascarões astrais em processo de desintegração, sem fazer obra útil, e isto não pode acontecer.

2) Por um supremo esforço de vontade pode mergulhar em sua Mônada e ficar unido a ela. Se tal fizesse impediria que seu Eu Superior alcançasse o póstumo Samadhi (Nirvana Real), posto que o corpo astral, ainda que puro, seria demasiado terreno para semelhante estado de felicidade e, com isto, criaria Karma, porque é egoísta aação de colher frutos em proveito próprio.

3) O Adepto pode renunciar, conscientemente, ao Nirvana e ficar trabalhando na Terra em proveito da Humanidade, o que poderá fazer de dois modos diferentes: dando ao seu corpo astral aparência física e resumindo nele sua personalidade, ou aproveitando um corpo físico inteiramente novo de um recém-nascido, ou o corpo abandonado como o de um Raja morto, para viver nele quanto queira, como o fez Sancharacharya. A isto se chama existência contínua.

Os ensinos práticos das ciências ocultas são completamente distintos e poucas são as pessoas que têm o necessário vigor mental para recebê-lo. O êxtase e diversas classes de auto-iluminação podem alcançar qualquer um, sem necessidade de iniciador ou mestre. Ao êxtase se chega pelo domínio do Eu sobre o ego físico, enquanto que, para adquirir forças sobre a Natureza, é preciso ser Mago de nascença. Os que carecem das qualidades requeridas devem limitar-se ao desenvolvimento espiritual (e para isto mesmo é preciso a inquebrantável crença nos poderes próprios e nos do Deus Interior), pois de outro modo se converte num médium irresponsável.

Esta deidade pessoal não é vã palavra, mas uma Entidade Imortal, o Iniciador dos iniciados. Não é possível alcançar o Adeptado e o Nirvana — o reino dos céus •— sem nos unirmos, indissoluvelmente, ao nosso Pai, o rei da Luz, o Senhor dos Esplendores, o Deus Imortal que está em nós.

Aham eva param Bráhman ("Eu sou o verdadeiro Brahmâ").

Tal foi, sempre, a única verdade viva no coração e mente dos Adeptos e esta verdade é que ajuda o místico a chegar ao Adeptado. Primeiro, devemos conhecer, em nosso interior, o imortal princípio e, depois unicamente só se pode "conquistar o reino dos céus pela vio-

lência". Porém, só o Homem Superior pode cumprir esta proeza espiritual. Nem tampouco o segundo homem, o Filho, neste plano, pode realizar coisa alguma sem o auxílio do Pai, identificando-se com Ele. O primeiro homem é da terra, terreno, o segundo (o interno, o mais elevado) é o Senhor do céu. "Não sabeis que sois templos de Deus e que o Espírito de Deus mora em vós?" (São Paulo)

"Sede perfeitos, como vosso Pai celestial é perfeito", disse Jesus, referindo-se a Deus em nós. "O homem deve saber quem foi antes de saber quem é."

Quando Jesus disse: "A menos que o homem tenha nascido de novo, não verá o reino dos céus." Ele queria dizer, "nascido de cima", isto é, de sua Mônada ou Divino Ego, o seu sétimo princípio que perdura até o fim do Kalpa, e é o núcleo ou princípio protetor como Alma Causai da personalidade em cada renascimento.

Filho da ressurreição e livre da morte é aquele que, através de uma série de reencarnações e efeitos kármicos, alcança o estado de consciência ao qual chegará a humanidade da Sétima Ronda e Sétima Raça, a liberação que o fará igual aos Anjos. 0 Homem é só o tabernáculo, a casa de seu Deus, portanto não é o templo, mas o seu morador, o veículo do deus que pecou numa encarnação anterior e trouxe, em conseqüência, o Karma da cegueira ao novo corpo físico. Assim Jesus falou a verdade, quando disse aos apóstolos, referindo-se ao homem cego: "Nem este homem (o físico, o cego) pecou, nem seus pais; mas as obras de seu Deus é preciso que se manifestem nele."

Quando os vedantinos dizem eu sou Brahmâ, eles nunca se referem ao seu corpo físico, pois o consideram uma forma ilusória para ser vista pelos outros nele, nem sequer como parte do seu Eu. Todas as nações antigas compreenderam perfeitamente o significado délfico do Conhece-te a ti mesmo.

Para entender bem o seu significado, é preciso crer na reencarnação e nos seus mistérios, isto é, saber quem foi antes de saber quem é.

PERIGOS DA MAGIA PRATICA

Dual é o poder da Magia; daí nada mais fácil do que degenerar-se em feitiçaria; para isso basta um mau pensamento. A Magia prática é o fruto da Árvore do Bem e do Mal, ou Árvore da Vida e do Conhecimento, e está eriçada de perigos e riscos. O estudante, sem as chaves próprias e o discernimento para distinguir os caminhos direito e esquerdo da Magia, corre grande risco em ler as obras do Ocultismo teórico dos alquimistas e rosacruzes medievais.

Só os cheias adiantados, cujo juramento lhes dá o direito de uma proteção e ajuda superior, devem ter acesso a estes estudos.

Os caracteres místicos, as letras e algarismos, especialmente estes últimos são a parte mais perigosa de quanto se acha na Grande Cabala, e dizemos perigosa pela suma rapidez de seus efeitos, independentes

da vontade do experimentador, e ainda sem o seu conhecimento. A Ciência das Correspondências, um ramo do Ocultismo, tem por ponto de partida a epígrafe:
Ordenou todas as coisas em número, peso e medida.
Sabedoria, XI, 21.
E Ele a criou no Espírito Santo, e a viu, contou e mediu.
Eclesiastes, 1,9.

O Ocultismo oriental tem outro ponto de partida: A Unidade Absoluta X, no número e na pluralidade. Todos os estudantes da Sabedoria Secreta reconhecem esta verdade axiomática. Porém a Unidade é a base real das ciências ocultas, tanto físicas como metafísicas. O significado desta Unidade na pluralidade é Deus na Natureza, e só se pode descobrir por métodos transcendentais, pelos números, assim como pelas relações entre uma Alma e a Alma.

Tanto na Cabala como na Bíblia os nomes como Jeová, Adão Kadmon, Eva, Caim, Abel e Enoch, estão intimamente relacionados por correspondências geométricas e astronômicas com a Fisiologia. Ainda que todos estes nomes sejam símbolos de coisas ocultas, tanto na Bíblia como nos Vedas, diferem muito seus respectivos mistérios. Os árias e os judeus aceitaram o lema de Platão, Deus geometriza. Enquanto os primeiros empregaram sua ciência em velar as mais sublimes e espirituais verdades da Natureza, os últimos empregaram o seu engenho em encobrir só um dos mistérios da Evolução (para eles mais divino), isto é, o do nascimento e geração, divinizando depois os órgãos desta última. À parte isso, todas as cosmogonias, sem exceção, se baseiam, entrelaçam e se relacionam com os números e figuras geométricas.

Um Iniciado dirá que estas figuras e algarismos dão valores numéricos, baseados nos valores integrais do círculo, chamado pelos alquimistas, "a secreta morada da sempre invisível Divindade"; do mesmo modo darão outros símbolos relacionados com outros mistérios, sejam antropográficos, antropológicos, cósmicos ou físicos. Relacionando as idéias com os números podemos operar com idéias da mesma maneira que com os números, estabelecendo, assim, as matemáticas da Verdade; isto escreve um ocultista, que mostra sua grande sabedoria ficando desconhecido. Qualquer cabalista, que conheça o sistema numérico e geométrico de Pitágoras, pode demonstrar que as idéias metafísicas de Platão estão baseadas nos mais estritos princípios matemáticos.

Só a ciência cosmológica dos números, que Pitágoras aprendeu na índia e dos Hierofantes egípcios, é capaz de conciliar as duas unidades, matéria e espírito, de modo que por uma delas se demonstre matematicamente a outra.

Só a combinação esotérica dos sagrados mistérios do Universo pode resolver o grande problema e explicar a teoria da irradiação e do ciclo das emanações. As ordens inferiores, antes que se desenvolvam nas

superiores, têm de emanar outras ordens espirituais para serem reabsorvidas no infinito, quando alcançaram o ponto de conversão.

Nestas verdadeiras Matemáticas se fundamentam o conhecimento do Cosmos e de todos os seus mistérios e a quem os conheça é fácil comprovar que, tanto a cosmogonia védica como a bíblica, têm como raiz a lei de Deus na Natureza e a "Natureza em Deus". Portanto, esta lei, como qualquer outra, eternamente fixa e imortal, só pode achar correta expressão naquelas puríssimas e transcendentais Matemáticas de Platão e, especialmente, nas aplicações superiores da Geometria.

Revelada aos homens nesta forma geometricamente simbólica, foi se desenvolvendo a verdade em símbolos adicionais da invenção humana, acrescentadas de antemão, para melhor compreensão do povo que, chegando demasiado tarde ao seu ciclo evolutivo para participar do primitivo conhecimento, não podia entendê-lo de outra maneira. Não é culpa do povo, mas do sacerdócio, que, ávido de dominação e poderio, degradou as idéias abstratas representando em figura humana os divinos poderes que presidem e são os guardiães e protetores de nosso manvantárico período do mundo.

Os alquimistas e químicos medievais são, hoje, físicos e químicos céticos, e em sua maioria se desviam da Verdade.

As futuras gerações serão gradualmente iniciadas nas Verdades subjacentes nas religiões exotéricas, ou terão de romper os dourados pés de barro do último ídolo. As superstições estão baseadas em fatos que lhes servem de fundamento; para maior proveito da humanidade, tais verdades serão reveladas, pouco a pouco, e com muitas precauções, pois a mente pública ainda não está preparada para isso. Juliano foi chamado o "Apóstata" por amar demasiado a Verdade, para aceitar outra coisa. Deixemos que o mundo se aferre aos seus deuses, de qualquer plano ou categoria que sejam. O verdadeiro ocultista seria réu de lesa-humanidade, se derrubasse as velhas divindades antes de poder substituí-las pela inteira e pura verdade, o que não pode ainda fazer.

Saiba o leitor que as herméticas "Três Matres" e as "Três Mães" do Sepher Jetzirah são a mesma coisa; não são divindades infernais, mas a luz, o calor, e a eletricidade, e então ainda os homens instruídos cessarão de desprezá-las.

Na linguagem hermética as "Três Matres" são os símbolos de todos os agentes que têm lugar próprio no moderno sistema de "correlação de forças".

Sinésio cita livros de pedra que ele encontrou no templo de Mênfis, num dos quais estava esculpida esta sentença: "Uma natureza se deleita na outra; uma natureza domina a outra; uma natureza governa a outra; e o conjunto delas é uma." A inerente turbulência da matéria está compreendida na sentença de Hermes: "A ação é a vida de Phta."

As três Shaktis dos três grandes deuses Brahmâ, Vishnu e Shiva são idênticas às três Mães do monoteísmo judeu. Simbólico é o conjunto das religiões antigas com suas literaturas místicas. Os Livros de

Hermes, o Zohar, o Ya-Yakw, o Livro dos Mortos, os Vedas, os Upanishads e a Bíblia estão cheios de simbolismo como as revelações nabatéias do caldeu Qutamy. Todos eles são versões distintas da primitiva revelação e do conhecimento pré-histórico. Os quatro primeiros capítulos do Gênese contêm o resumo do resto do Pentateuco e constituem versões várias dos mesmos conceitos em diferentes aplicações alegóricas e simbólicas. Pela Origem das Medidas sabemos que as dimensões das pirâmides em relação com o período Noéico de 600 anos e o pós-Noéico de 500 anos, assim como também as frases "Filhos de Elohim" e "filhos de Adão" correspondem a vozes astronômicas. No entanto, a chave do mistério egípcio-hebraico só decifra uma porção dos escritos hieráticos de ambos os povos. A sublime ciência da Cabala serviu de base à Maçonaria. A Cabala trata só da veste de Deus, do véu e do manto da Verdade, isto é, a ciência no plano terreno. Nachanides demonstra que, nos tempos de Moisés, se lia o primeiro versículo do Gênese assim: "Na primitiva fonte desenvolveram os deuses os Céus e a Terra"; hoje, com a transformação masorética, se lê o mesmo versículo do seguinte modo: "No princípio criou Deus os Céus e a Terra."

A Bíblia é parte e porção da Doutrina Secreta dos Ários, exposta da mesma maneira nos Vedas e outros livros alegóricos. Moisés foi um iniciado verdadeiramente versado em todos os mistérios, ciências e ensinos ocultos dos templos egípcios e, portanto, conhecendo a Sabedoria Antiga. Ele se familiarizou com os segredos geométricos que, durante eones, escondeu em seu seio a grande Pirâmide, as medidas e proporções do Cosmos, inclusive de nossa diminuta Terra. Durante o longo período da Terceira Raça, isto foi patrimônio comum de todo o gênero humano, recebido de seus instrutores, os "Filhos da Luz", os sete primeiros.

Houve uma época em que a religião da Sabedoria não era simbólica; transformou-se, paulatinamente, por causa dos busos e feitiçarias dos Atlantes.

Foi o abuso e não o uso dos dons divinos que conduziu os homens da Quarta Raça à Magia Negra. Os herdeiros dos Rishis, da Tetra Yuga, empregaram suas faculdades para atrofiar os divinos dons na humanidade em geral e logo se dispersaram como Raiz escolhida; só conservaram a memória das doutrinas divinas, os que se salvaram do Grande Dilúvio, e a crença de uma mudança baseada no conhecimento de seus progenitores lhes deu a entender que existiu tal ciência, zelosamente guardada pela Raiz Eleita, por Enoch exaltada.

Virá o tempo em que o homem voltará a ser, gradualmente, puro e semicorpóreo, como o foi durante a segunda Idade, depois de passar o seu ciclo de provas. Desejoso de que o povo escolhido por Ele não caísse na grosseira idolatria do vulgo, aproveitou Moisés seu conhecimento dos mistérios cosmogônicos da Pirâmide para fundamentar sobre ele a cosmogonia do Gênese com símbolos e alegorias muito mais

inteligíveis para o povo do que as abstrusas verdades ensinadas nos santuários, aos escolhidos.

Moisés só foi original na expressão, mas não acrescentou um til ao conceito. Ao encobrir sob engenhosas alegorias as verdades que aprendeu dos Hierofantes, satisfez às exigências dos israelitas, pois esta raça obstinada não aceitaria Deus algum que não fosse antropomórfico como os do Olimpo.

Moisés compreendeu o grande risco de entregar semelhantes verdades ao egoísmo das multidões, porque conhecia o significado do símbolo de Prometeu.

Daí ter velado, alegóricamente, a sua doutrina, preservando-a dos olhos profanos. Velou a face do Pentateuco de tal maneira que até 3.376 anos depois o povo não percebeu que estava velado.

VINHO VELHO EM ODRES NOVOS

É possível que na época da Reforma os protestantes nada soubessem da verdadeira origem do Cristianismo. Nem é provável que a conhecesse a Igreja grega, cuja separação ocorreu quando a Igreja Latina lutava pela supremacia política para assegurar-se, a todo custo, a adesão das classes influentes e cultas do paganismo, que, por sua vez, desejava assumir a representação externa do novo culto, a fim de conservar o seu poder. É verdade que os cultíssimos gnósticos, tais como Saturnilo, ascético e intransigente, Marcion, Valentino, Basílides, Menandro e Cerinto, foram anatematizados pela Igreja Latina, com o nome de hereges, não porque eles conheciam demais a verdade e os fatos, mas sim porque provocaram um conflito com a mais pura igreja cristã, cuja posse usurparam os bispos de Roma, mas cuja fidelidade ao Fundador mantém a primitiva igreja grega ortodoxa.

De Mirville, por conta do Vaticano, defendeu o Cristianismo romano afirmando que a semelhança e identidade entre as deidades do Cristianismo e do Paganismo eram só aparentes e superficiais. Diz que o Cristo, a Virgem, os anjos e santos, foram personificados muitos séculos antes pelas Fúrias do inferno, com o propósito de desacreditar a verdade eterna. As divindades solares chamadas Sóter (Salvador) que, nascidas de Mãe Virgem, morreram em suplício, foram só feruéres, ou diabos impostores, que produziram cópias antecipadas do Messias esperado.

As descobertas dos egiptólogos e o achado de objetos pré-mosaicos, assírios, e babilônicos também, nos quais se encontrou a lenda de Moisés, puseram em risco os remendos de De Mirville. Daí que muitos autores, tanto católicos como protestantes, tenham intentado contestar a revelação divina com a portentosa semelhança entre os personagens, ritos, dogmas e símbolos do Cristianismo e os das grandes religiões antigas.

Na introdução do Livro de Enoch se lê o seguinte: "A parábola da ovelha resgatada pelo Bom Pastor do poder de guardiães mercenários e dos lobos, copiou-a, evidentemente, o quarto evangelista do capítulo LXXXIX do Livro de Enoch, onde o autor descreve como os pastores matavam as ovelhas antes que viesse seu senhor, revelando, assim, o verdadeiro significado da até hoje misteriosa passagem da parábola de João: "Todos quantos vieram antes de mim são salteadores e ladrões", em que se alude aos alegóricos pastores de Enoch.

Ainda hoje se pratica esta cerimônia num santuário das solidões do Himalaia, num antiquíssimo templo situado numa oculta paragem das cercanias do Nepal; teve origem nos mistérios do primeiro Krishna e transmitiu-se depois ao primeiro Tirthankara até chegar a Buda; chama-se o rito de Kurukshetra, e celebrava-se em memória da grande batalha e da morte do divino Adepto. Puro e simples ocultismo pertencente a antiquíssimos rituais de iniciação. Se Jesus não leu o Livro de Enoch, a parábola do Bom Pastor pertence a João, ou a quem escreveu o quarto Evangelho.

Como confiar na autenticidade de outras parábolas e sentenças atribuídas ao Salvador cristão?

A Bíblia copia e plagia muito; no entanto, é um grande livro, uma obra-prima, composta de engenhosas fábulas que encerram importantíssimas verdades, porém estas só são perceptíveis aos Iniciados que possuem uma chave de sua interpretação e significado interno. O Antigo Testamento é um repositório de personagens imaginados, e o Novo, um conjunto de parábolas que extraviam os ignorantes de seu esoterismo.

Há na Bíblia Sabeísmo puro, como pode notar-se no Pentateuco, lido exotéricamente.

O LIVRO DE ENOCH ORIGEM E FUNDAMENTO DO CRISTIANISMO

As Sinagogas judaicas têm em muito apreço o Mercavah e repudiam o Livro de Enoch, já porque não estava incluído desde o princípio entre seus livros canônicos, já porque fala do Cristo. Porém nenhuma destas razões é a verdadeira. O Sinédrio não quis admiti-lo por considerá-lo mais uma obra de magia que cabalística. Os teólogos o classificam de apócrifo, tanto os católicos como os protestantes. Apesar disso, o Novo Testamento, particularmente os Atos dos Apóstolos e as Epístolas, estão cheios de frases tomadas do Livro de Enoch. Este livro, escrito em siríaco-caldeu ou aramaico, foi traduzido para o etíope, de cujo texto o bispo Laurence o traduziu para o inglês. O Livro de Enoch foi desconhecido na Europa durante 1.000 anos, até que Bruce achou na Abissínia alguns exemplares em etíope. Foi traduzido em 1821 pelo bispo Laurence. O livro também admite o sobrenatural domínio dos elementos mediante a ação dos anjos que presidem

os ventos, o mar, o granizo, o rocio, o relâmpago e os trovões. Menciona os nomes dos principais anjos caídos, entre os quais há alguns idênticos aos invisíveis poderes que se invocam nos conjuros (mágicos), cujos nomes estão gravados nas taças de terra-cota, empregada pelos caldeus e judeus para este fim.

Também se lê nestes cálices a palavra "Halleluia", tão usada pelos modernos reformistas. Daí se vê (diz o editor da tradução Laurence) que a obra do Milton semítico foi a inesgotável fonte em que beberam os evangelistas e apóstolos, ou os que escreveram em seus nomes, tomando dele as idéias da ressurreição, juízo final, imortalidade, condenação e do reinado universal da justiça sob a eterna soberania do Filho do Homem.

Estes plágios evangélicos chegam ao limite no Apocalipse de São João, que adapta ao Cristianismo as visões de Enoch, sem a simplicidade deste.

O Livro de Enoch é uma cópia muito antiga de textos adulterados, com adições e interpretações anteriores e posteriores à era cristã.

As investigações modernas acerca da época em que foi escrito o Livro de Enoch assinalam que o autor o escreveu num país situado na mesma latitude dos distritos setentrionais do Mar Cáspio e do Mar Negro e que, talvez, pertencesse a uma das tribos que Salmanazar levou e colocou perto do rio Goshen, nas cidades dos Medos. Este livro ensina a pré-existência do Filho do Homem, o Eleito, o Messias, que desde em princípio existia em segredo e cujo nome era invocado na presença do Senhor dos Espíritos antes da criação do Sol e das constelações. O autor alude, também, a outra Potestade que naquele dia estava sobre a terra e sobre as águas, vendo-se certa analogia com as palavras do Gênese. Podemos conjecturar que o livro foi escrito antes da era cristã, por um grande profeta anônimo de raça semita, que tomou o nome de um Patriarca antediluviano para dar maior autenticidade à sua entusiasta predição sobre a vinda do Messias.

As profecias do Livro de Enoch se referem, realmente, a cinco das sete Raças, ficando em segredo todo o relativo às duas últimas. As profecias se estendem até o fim da Raça atual.

0 nome Enoichion significa "Vidência", vista interna; é por isso adaptável a qualquer profeta ou adepto. A compilação foi deturpada no sentido cronológico, pois atribui ao futuro acontecimentos passados com as Raças precedentes. Ao primeiro Filho do Homem, como misteriosamente o chamaram os divinos iniciados da primitiva escola dos Manushi (homens), no fim da terceira Raça-Raiz, também se lhe chama Salvador, porque Ele e os demais Hierofantes salvaram os eleitos e os perfeitos do cataclismo geológico, que destruiu a Quarta Raça dos que esqueceram a primitiva Sabedoria. Como o Livro de Enoch abarca cinco Raças do Manvântara, com leves alusões às duas futuras, não pode ser uma compilação de profecias bíblicas, mas de fatos tirados dos livros secretos do Oriente.

O Apóstolo São Judas e vários padres da Igreja se referem ao Livro de Enoch como uma revelação sagrada, o que prova que o aceitavam os primitivos cristãos, sobretudo os mais instruídos, como Clemente de Alexandria.

Os primitivos nazarenos e cristãos, segundo São Justino Mártir, foram partidários de Jesus, do verdadeiro Chrestos e Christos da iniciação; eles consideravam "Cristo" sob um aspecto que só os ocultistas podem apreciar.

O Livro de Enoch é inteiramente simbólico, com referências a mistérios astronômicos e cósmicos, e à história das espécies humanas e seus primitivos conceitos teogônicos. O senhor das ovelhas, no qual os cristãos e místicos europeus vêm a Cristo, simboliza o Hierofante Vítima, cujo nome sânscrito não me atrevo a revelar. Este senhor das Ovelhas é Karma, o chefe dos Hierofantes, o supremo Iniciador na Terra. Desde Prometeu a Jesus, do maior Adepto ao mínimo discípulo, todos os reveladores de mistérios tiveram de ser "Chrestos" ou "Homens de aflição" e mártires.

Um grande Mestre disse: "Guardai-vos de revelar os mistérios a quem não merece entendê-los."

Todos os grandes Hierofantes da História morreram sacrificados, como Buda, Pitágoras, Zoroastro e a maior parte dos gnósticos e, em nossos tempos mesmo, um grande número de adeptos e rosa-cruzes.

Buda não morreu de uma indigestão de arroz e porco como disse Barthelemy de Saint Hilaire; acontece que o arroz com porco é uma alegoria porque o arroz era um alimento proibido entre os tibetanos e chineses antigos, e significava o oculto conhecimento; assim a carne de porco era o emblema da doutrina bramânica. Buda morreu por ter revelado e divulgado alguns dos mistérios bramânicos, daí as suas reencarnações nos Dalai-Lamas e Teshu-Lamas para ajudar a humanidade.

Quando um mensageiro maior ou menor, iniciado ou neófito tomou a seu cargo ensinar alguma verdade até então oculta, foi sacrificado e picotado pela inveja, malícia e ignorância. Tal é a terrível Lei oculta.

Quem não tiver um coração de leão para enfrentar e desprezar os miseráveis latidos, e uma alma de pomba para perdoar as loucuras dos ignorantes, não empreenda o estudo da sagrada ciência. Terá de enfrentar a infâmia, o perigo e a morte. Esotericamente, Enoch é filho do Homem, o Primeiro.

Simbolicamente, é a primeira sub-raça da Quinta Raça-Raiz. Na Bíblia aparecem três personagens com o nome de Enoch ou Chanoch: o filho de Caim, o filho de Seth, e o filho de Jared, porém os três são o mesmo e idêntico personagem, e dois deles se mencionam para despistar.

Seu nome se adapta a cabalas numéricas e enigmas astronômicos, cobrindo o significado de um ano solar ou 365 dias de acordo com a idade do Gênese.

A cosmogonia de Hermes é tão alegórica como o sistema mosaico, se bem que concorde muito mais com a Doutrina Secreta que com as da ciência moderna.

Os cabalistas e indo-ários afirmavam que o fogo, o calor e o movimento foram os principais instrumentos para modelar o mundo, na matéria pré-existente. O Parabrahman e Mulaprakriti (vedantinos) correspondem como protótipos ao En Suph e Shekinah dos cabalistas. Aditi é o original de Sefira e os protótipos são os irmãos maiores dos sefirotes. A teoria nebular da ciência moderna com todos os seus mistérios está explicada na cosmogonia da doutrina antiga. O paradoxo científico de que o esfriamento produz contração e esta produz calor é o principal agente na formação dos mundos e, essencialmente, de nosso Sol e seu sistema. A sagrada sílaba Aum dos hindus foi o Aion dos gregos e o Evum (Pan ou Todo) dos romanos. A obra era a iniciação, durante a qual se comunicavam os mistérios relativos aos sete planetas, e do "Iniciado do Sol" com as suas sete irradiações ou Raios separados, (os Iniciados gregos e gnósticos chamavam Christos ao Eu Interior e diziam que "Christo" se separava do Eu Inferior ou "Chrestos", depois da final iniciação, que ambos se confundem em "Um" e "Chrestos" é reconquistado e ressuscitado no "Christo glorioso"). Simeão Ben-Jochai, o autor do Zohar, refugiou-se numa cova onde permaneceu doze anos com seus fiéis discípulos, para salvar a sua vida.

Quando ele morreu, ouviram-se vozes celestiais, e no momento de colocar o corpo no ataúde, surgiu uma chama e uma potente e majestosa voz disse: "Este é o que estremece a Terra e abala os impérios."

Seus ensinos acerca da Doutrina Secreta, ou "Sabedoria", como ele a denomina, são iguais aos do Oriente com exceção de que põe a Deus no lugar do Chefe da Hoste de Espíritos Planetários, dizendo que no princípio Deus ensinou esta Sabedoria a certo número de Anjos e Eleitos.

Não há mais que uma Lei, Um Princípio, Um Agente, Uma Verdade e Uma Palavra. Como é em cima assim é embaixo. Tudo quanto existe resulta da quantidade e do equilíbrio.

O Taro ou Rota do sagrado Livro de Enoch dá, em seu prefácio, esta explicação:

A antigüidade deste livro se perde na noite dos tempos; sua origem é índia e retrotrai a uma época muito anterior a Moisés. Está escrito em folhas soltas que, no princípio, foram de ouro fino e outros metais preciosos. Seu estilo é simbólico e suas combinações se adaptam a todos os anelos do espírito.

Ainda que alterado pelo tempo, conserva, graças à ignorância dos curiosos, seu primitivo caráter nos principais tipos e figuras.

Este é o Rota de Enoch, chamado agora Taro de Enoch, do qual diz De Mirville que as lâminas metálicas foram usadas pela Magia

diabólica pois o Dilúvio as poupou; sua origem remonta aos árias da primeira sub-raça da Quinta Raça, antes da destruição do último reduto da Atlântida.

Deve ter vindo do Paropamiso, essa comarca onde a tradição colocou o Éden.

Tal é a origem de muitos personagens bíblicos, entre eles Abraão que, segundo a lenda, era um brâmane caldeu cujo nome se transformou mais tarde, depois que repudiou seus deuses e abandonou Ur de Caldéia, passando a chamar-se A-Brahman, que significa não-brâmane. Emigrou e foi o pai de muitos povos.

0 astrônomo e egiptólogo Piazzi Smith provou que o sistema de medidas usado na Inglaterra é o mesmo que os egípcios empregaram na construção da sua pirâmide e que a braça antiga e a polegada inglesa derivam da "medida fundamental dos faraós". O valor numérico das letras de Abraão expressam as diferentes ordens das hierarquias celestiais. Os nomes de Abraão e Brahmâ têm o mesmo valor numérico. Abrahm é Abra, o nome da cidade em que residia Abraham, e lido às avessas Abra é Arba (cidade de 4) que significa nas nuvens. Os protótipos de quase todos os personagens bíblicos devem buscar-se na teogonia primitiva da índia. Os Patriarcas ou Filhos da Terra procedem dos Filhos de Brahmâ, nascidos da Mente, os Filhos da Luz.

Há pontos de contato que identificam Abraão como Brâmane emigrado; vejamos:

1 — Porque ao sair do Egito mandou Jeová que o Patriarca mudasse o nome de Abrahm pelo de Abraham.

2 — Sua mulher Sarai deixou, de igual modo, de chamar-se assim para chamar-se Sara.

3 — Por que diria Polyhistor que Abraham nasceu em Kamarina ou Uria, cidade de adivinhos, e que ele inventou a Astronomia?

4 — Por que esta estranha coincidência de nomes?

5 — Segundo Bunsen, as lembranças abrâmicas remontam pelo menos a 3.000 anos antes da época em que se supõe ter vivido o avô de Jacó.

Da época de Abraham aos dias do Taro de Enoch, parece ter transcorrido muitíssimo tempo e, no entanto, ambos estão estreitamente ligados por um vínculo: os quatro animais simbólicos das vinte e uma chaves do Taro; no terceiro setenário são os Terafins dos judeus inventados e adorados por Terah, pai de Abraão e usado nos oráculos de Urim e Thummim.

Abraão é, astronomicamente, a medida solar e uma porção do Sol, enquanto Enoch significa o ano solar, como Hermes e Thot, e este eqüivale a Moisés.

A Rota de Enoch é o símbolo mais antigo de quantos se conhecem, pois encontra-se até na China. Seu significado se manteve em impenetrável segredo, apesar de ser patrimônio de todos os povos antigos.

Sendo a doutrina em si mesma o resultado de muitos milênios de exercícios mentais, constitui o melhor laço entre os adeptos de todos os países.

SISTEMAS OCULTOS DE INTERPRETAÇÃO DE ALFABETOS E CIFRAS NUMÉRICAS

Não é lícito expor numa obra impressa os transcendentes métodos da Cabala; cabe, apenas, descrever os vários processos geométricos e aritméticos, para interpretar certos símbolos. Os métodos de calcular do Zohar com as suas três seções denominadas Gematria, Notaricon e Ternura, mais o Albath e o Algath, são de mui difícil prática. Gematria é uma metátese da palavra grega, "gramateia". Notaricon é o mesmo que taquigrafia e Ternura significa permutação ou divisão do alfabeto e troca de letras.

As principais figuras do simbolismo pitagórico são: o Quadrado (a Tetraktys), o Triângulo equilátero, o Ponto e o Círculo, o Cubo, o tríplice triângulo e, finalmente, a quadragésima sétima proposição de Euclides, inventada pelo mesmo Pitágoras, que foi o autor dos outros símbolos.

Milhares de anos antes se conheciam já na Índia, donde os trouxe o filósofo de Samos, não como curiosidade especulativa, mas como ciência demonstrada. Os números de Pitágoras eram símbolos hieroglíficos por meio dos quais explicava todas as idéias relativas à natureza das coisas.

A figura geométrica fundamental da Cabala, segundo aparece no Livro dos Números que, segundo a tradição oculta, Deus deu a Moisés no monte Sinai, contém a chave do problema do Universo em suas simples e grandiosas combinações. Tal figura resume todas as outras.

O simbolismo dos números e suas matemáticas relações é, também, um ramo da magia, especialmente da mental, ou seja, a clarividência e adivinhação.

Os caracteres devanagari, em que geralmente se escreve o sânscrito, contêm todos os elementos dos alfabetos herméticos, caldeus e hebreus e, além disso, o oculto simbolismo do "Som eterno" e o significado dado a cada letra em sua relação com as coisas espirituais e terrenas.

Como o alfabeto hebreu tem só 22 letras e 10 números fundamentais, enquanto o devanagari consta de 16 vogais e 35 consoantes com infinidade de combinações, resulta mais ampla a margem que dá este último para a especulação e o conhecimento. A Cabala chama o alfabeto hebreu as "letras dos anjos", comunicadas aos Patriarcas da mesma forma como os Rishis receberam dos devas os caracteres devanagari. O Livro dos Números diz que os caldeus acharam as suas letras traçadas no firmamento pelas estrelas e cometas.

O alfabeto hierático, o natárkhari dos egípcios, assim como sua linguagem sacerdotal, se relacionam intimamente com a antiga lingua-

gem da Doutrina Secreta; seus caracteres são devanagari com místicos acréscimos e combinações, porém em que entra em grande parte o idioma "senzar".

Os ocultistas ocidentais conhecem muito bem a eficácia e potência dos números e letras dos sistemas citados. A massa de leitores ocidentais nada sabe sobre isto e nem sequer suspeita as marcas profundas que os esotéricos sistemas de numeração do mundo antigo deixaram no cristianismo.

Para compreender as idéias do deífico e do abstruso que tiveram os antigos é preciso estudar a origem das representações simbólicas dos primitivos filósofos.

Os Livros de Hermes são os mais antigos depositários da simbologia numérica no Ocultismo ocidental. Segundo eles, o número dez é a Mãe da Alma e nele se unem a Vida e a Luz. O Um nasceu do Espírito, e o dez nasceu da Matéria, o que eqüivale ao aforismo panteísta: "Deus na Natureza e a Natureza em Deus."

A Gematria cabalística é aritmética e não-geométrica; constitui um método para decifrar o significado oculto das letras, palavras e frases, mediante a aplicação das letras de uma palavra e seu sentido numérico.

Como diz Ragón em sua Maçonaria Oculta:

A cifra "um" simbolizava o homem vivo (um corpo em pé), pois é o único ser que pode manter-se em tal posição. Acrescentando-se ao 1 uma cabeça, resulta a letra P, que simboliza a paternidade, a potência criadora. O R simboliza o homem em atitude de andar (com o pé para diante). Cada letra é, a um tempo, uma figura fonética e ideográfica como, por exemplo, o F, que é som cortante como o ar, precipitando-se no espaço; fúria, fuga, fogaréu etc, palavras que expressam e pintam o que significam.

A Ternura é outro método cabalístico, por cujo meio um anagrama pode ocultar um mistério; assim: Um, isto é, o Espírito do Alahim de Vidas. Nos mais antigos diagramas cabalísticos, os sefirotes (o sete e o três) estão representados por rodas ou círculos, e Adão Kadmon, o primeiro Homem, por uma coluna vertical. "Rodas e Serafins e as santas criaturas" diz o rabino Akiba. Todos os seres, desde a emanação primária divina, ou Deus Manifestado, até a mais ínfima existência atômica, têm o seu número particular, que os distingue dos demais e é fonte de seus atributos, qualidades e destinos.

Dizia Cornélio Agripa que o azar é, na realidade, uma progressão desconhecida; e o tempo é uma sucessão de números. Daí que, sendo o futuro uma combinação de azar e tempo, possam utilizar-se para calcular o resultado de um sucesso, ou futuro de uma pessoa.

Pitágoras ensinava que havia uma misteriosa relação entre os deuses e os números, na qual se funda a ciência da aritmancia. A alma é um mundo cinemático; a Alma se contém a si mesma e é o quaternário, a Tetraktys, o cubo perfeito. Há números benéficos e números maléficos.

O três é a divina figura ou Triângulo; o dois era repudiado pelos pitagóricos, porque representava a Matéria, o princípio passivo e mau, o número de Maya, a ilusão.

O número Um simbolizava harmonia e ordem, o princípio do Bem. Tudo que é duplo, falso e oposto à realidade Única; o binário dos contrastes.

Em Geometria não se pode traçar uma figura perfeita sem, pelo menos, três retas, cuja conjunção constitui um triângulo, a mais simples das figuras geométricas perfeitas; por isso, simboliza o eterno. Em grego a palavra designativa da Divindade começava pela letra delta, de forma triangular equilátera, cujos três lados simbolizavam a Trindade, os três reinos, ou a natureza divina. Assim, em quase todas as línguas latinas o nome de Deus começa por D, delta.

Em alemão os nomes dos quatro primeiros números derivam dos nomes dos elementos. Ein, um, significa o ar (o elemento sempre ativo que penetra na Matéria e que, por seu contínuo fluxo e refluxo, é o veículo universal da Vida, Zwei, dois, derivado de zweig, germe, fecundidade, simboliza a Terra, mãe fecunda de tudo. Drei, três, vem do trienos grego e simboliza a água; de trienos derivam os nomes de tritões ou deuses da água, e tridente, o cetro de Netuno. Vier, quatro, significa o fogo. No quaternário se acha a primeira figura sólida, o símbolo universal da Imortalidade, a Pirâmide, cuja primeira sílaba, pir, significa fogo. Os antigos representavam o mundo com o número cinco simbolizando o um, o ser vivente como veículo do triângulo e o quatro como veículo de Deus, ou o Homem que leva consigo o princípio divino. Daí deriva a palavra penta (cinco) e pan, (todo) em que os gregos viam uma divindade.

Houve um tempo, diz Ragón, em que as letras e os algarismos significavam mais que um simples som. A forma de cada signo tinha um sentido completo e uma dupla interpretação adequada à doutrina dual, além do significado da palavra. Assim, quando os sábios queriam escrever algo que só compreendessem os doutos, inventavam uma novela, fábula ou outra ficção qualquer com personagens humanos e lugares geográficos, cujos caracteres literais descobriam o que o autor significava em sua narração. Cada denominação e vocábulo tinha seu fundamento. O nome de uma planta ou animal denotava sua natureza aos Iniciados, que facilmente viam a essência de cada coisa quando representada por tais caracteres. A escrita chinesa conservou, até hoje, grande parte deste gráfico e pictórico simbolismo, ainda que tenha perdido o segredo do sistema em conjunto. Existe entre os Iniciados uma linguagem universal, que os adeptos e os discípulos de qualquer nacionalidade entendem. O "Y" grego representa várias idéias e serve de secreta resposta a várias perguntas.

As 22 letras do alfabeto hebreu eram consideradas uma emanação ou expressão visível das divinas forças inerentes ao inefável Nome.

O HEXAGONO COMO SÉTIMA CHAVE

Discorrendo sobre a virtude dos nomes, Molitor opina que: "se se pretende que ante o nome de Jesus todo outro nome deve inclinar-se, por que não há de ter igual poder o Tetragrámaton?"

Isto é lógico e de bom senso. Alguma virtude oculta há de ter o hexágono estrelado, ou duplo triângulo, quando Pitágoras o considerou como o símbolo da criação, os egípcios como da geração ou união do fogo e da água, os essênios viram nele o selo de Salomão; os judeus, o escudo de Davi, os hindus o emblema de Vishnu e, ainda, na Rússia e na Polônia, era estimado como poderoso talismã. A universal veneração que os antigos dispensaram a este símbolo é motivo bastante para que não o desdenhem os que ignoram seu oculto significado. O hexágono geralmente conhecido substituiu outro que usavam os Iniciados. Numa obra sânscrita, que existe no Museu Britânico, lançam-se verdadeiros anátemas contra os que divulgarem entre os profanos o significado oculto do verdadeiro hexágono chamado "signo de Vishnu; Selo de Salomão" etc.

Na sétima chave das "Coisas Ocultas" se explica o grande poder do hexágono com o seu místico signo central do T suástico (formando um setenário). A sétima chave é o hieróglifo do setenário sagrado, da realeza, do sacerdócio (Iniciados), do triunfo e da vitória na luta. Envolve toda a energia do mágico poder. É o verdadeiro reino santo. É a combinação das duas grandes forças do grande agente mágico (luz astral). A força desta chave é absoluta em magia. Todas as religiões consagraram este signo em seus ritos. Os segredos da Natureza são como armas de dois gumes, que em mãos indignas se transformam em arma homicida.

De um fragmento antigo que ele traduziu, tomou Sir Bulver Lytton, sua idéia do Vrü. Foi uma felicidade que os livros encontrados no túmulo de Numa tivessem sido queimados, pois as receitas infernais que continham teriam prejudicado demasiado os homens. A parte os bruxos avançados da esquerda, pouca gente entende das evocações mágicas.

Quanto ao Pequeno Alberto (volume semi-esotérico que é uma relíquia literária), o Grande Alberto, o Dragão Vermelho e inúmeras cópias ainda existentes de livros de bruxarias, são imitações das obras originais dos mesmos títulos. 0 Pequeno Alberto é uma desfigurada imitação do grande livro escrito em latim pelo bispo Adalberto, ocultista do século VIII, condenado no segundo concilio de Roma. Sua obra se imprimiu séculos depois com o nome de Alberti Parvi Lucii Libellus de Mirabilibus Naturae Arcanis. As crônicas do Escoriai espanhol e da História de França falam do inestimável talismã que um Papa ofereceu a Carlos Magno. Este talismã consistia num livrinho de feitiçaria cheio de figuras e signos cabalísticos, frases misteriosas e invocações aos astros. O nome do livro era Enchiridium Leonis Papae; desapareceu e, por fortuna, não se encontrou mais. O verdadeiro Tarot, com toda a sua simbologia, é o que se encontra no Museu Britânico

(o dos rolos babilônicos). Ali se vêem, também, os antediluvianos rombos da Caldéia e os cilindros cobertos de signos sagrados, porém seu significado ficará oculto ainda por uns tempos; o povo emprega palavras que não entende.

É muito difícil distinguir Magia Branca de Magia Negra, pois ambas hão de qualificar-se pelos seus motivos e dos quais dependem seus efeitos finais, por longínquos que sejam, ainda que tardem anos em produzir-se, e não pelos imediatos.

Agora, umas palavras sobre os adeptos contemporânoes do cristianismo, independentemente das suas crenças e doutrinas pessoais.

Analisaremos o adeptado com os seus poderes taumatúrgicos anormais, agora chamados psicológicos, dando a cada um o que lhe pertence, mediante o exame das memórias históricas. O teósofo não crê em milagres divinos nem satânicos; para ele nem santos nem bruxos, apenas adeptos ou homens capazes de realizar fatos de caráter fenomênico, aos quais ele julga por suas palavras e ações. Os resultados obtidos, sejam maléficos ou benéficos, justificam o julgamento.

O ocultista não professa nenhuma religião, mas tem o dever de respeitar toda fé e crença para chegar a ser adepto da Boa Lei. Não se sujeita aos preconceitos e opiniões sectárias de ninguém, e forma suas próprias convicções, formulando seus juízos de acordo com as regras proporcionadas pela Ciência a que se dedica. Considera Gautama, o Buda, como o maior adepto que já existiu, como a encarnação do amor inegoísta, da caridade imensa, e da moral puríssima; verá Jesus Cristo como a encarnação de todas as virtudes divinas. Ainda que repila a palavra "milagre", em sua acepção teológica, ou seja, como um sucesso "contrário às leis da Natureza", o considerará como um desvio das leis conhecidas até hoje, o que é muito diferente.

Assim consideraremos a Pedro, Paulo, Simão e Apolônio sob o ponto de vista dos princípios ocultistas. Estes adeptos foram os primeiros do pós-cristianismo que produziram "milagres" ou fenômenos psíquicos e físicos.

0 que se sabe, geralmente, sobre Pedro e Simão? A história profana não os menciona; a história sagrada se limita a algumas citações nos Atos. Os ocultistas sustentam que nos evangelhos considerados apócrifos é que se encontra o maior número de fatos verdadeiramente históricos; os evangelhos oficiais são lendas artificiais e os apócrifos são tradições toscas. Quem foi Simão, o Mago? Que sabemos dele?

Segundo os Atos dos Apóstolos, chamavam-no o "Grande Poder de Deus" por suas maravilhosas faculdades mágicas. Diz-se que o Apóstolo São Felipe batizou esse samaritano e, depois, aparece ele acusado de ter oferecido dinheiro a Pedro e a Paulo para que lhe ensinassem a arte de fazer "milagres".

Orígenes refere que Simão esteve em Roma durante o reinado de Nero, e Mosheim conta-o entre os acérrimos inimigos do cristianismo.

Irineu e Epifânio caluniaram Simão, o Mago, deturpando vergonhosamente o sentido de sua doutrina.

Simão era um cabalista místico que pretendeu fundar uma nova religião sobre as bases da Doutrina Secreta, ainda que sem divulgar nada que não fosse puramente necessário. Profundamente convencido do fato das reencarnações sucessivas, é razoável que ele empregasse uma linguagem simbólica, justificando a doutrina da Unidade Universal.

Afirmava Simão o Mago que, quando ainda estava no seio do Pai (primeira emanação coletiva), engendrou dela (Sofia, Minerva ou a Sabedoria divina), os arcanjos (o "Filho"), que criaram o mundo. Isto bastou para que se propalasse que ele era uma encarnação da Trindade e que se amancebara com uma mulher que era a reencarnação de Helena de Tróia, e que antes fora Sofia, a deusa da Divina Sabedoria, nascida da Mente eterna do próprio Simão, quando era o Pai. Os católicos, compelidos pelos argumentos dos filólogos e simbolistas, reconhecem a pluralidade dos Elohim na Bíblia, admitindo hoje que os arcanjos, a Tsaba, primeira criação de Deus, colaboraram na criação do Universo. Todas as doutrinas dos reformadores religiosos dos primeiros séculos de nossa era têm por base esta universal cosmogonia.

Os gnósticos egípcios do século segundo, tais como Basílides, Carpócrates e Valentino, sustentaram as mesmas idéias com poucas modificações.

Basílides admitia sete cones (ou hostes de arcanjos) emanados da Substância do Supremo. De duas destas hostes, as Potestades e as Sapiências, emanaram as hierarquias celestes de primeira dignidade e classe; destas emanaram as de segunda classe, as que por sua vez emanaram as de terceira, e assim sucessivamente, de modo que cada hierarquia foi menos excelsa que a predecessora. Todas se criaram um céu para morada respectiva, e a natureza destes céus decrescia em esplendor e pureza segundo sua proximidade à Terra. Assim, o número destas moradas chegou a 365, e a todas elas presidia o Supremo Desconhecido, cujo nome Abraxas eqüivale, no sistema de numeração grega, a 365, e este, por místico significado, contém o número 355, que simboliza o homem. Este era um mistério gnóstico, baseado na primitiva evolução, cujo final foi o homem. Dez é o número perfeito do Supremo Deus entre as divindades manifestadas, porque o Um simboliza a Unidade universal, o princípio masculino na Natureza e o Zero simboliza o elemento feminino, o Caos, o oceano. Ambos constituem o símbolo da natureza andrógina, assim como o pleno valor do ano solar (idêntico a Teová e Enoch).

No Sistema Pitagórico o dez simboliza o Universo e o "Filho do Homem".

O círculo simboliza o Princípio que não se manifesta, de cuja figura a superfície é a eterna infinidade que é atravessada por um diâmetro tão só enquanto dura o Manvântara.

Na simbologia egípcia o Sol é Abraxas, o senhor dos céus.

Marcion sustentou a doutrina dos dois opostos princípios, o Bem e o Mal, afirmando que existia uma terceira divindade de natureza mista, o criador (com sua hoste) do mundo inferior (o nosso).

Assim, depois de negar a existência mesma de Simão o Mago, a crítica moderna de eruditos sábios acaba por fundir completamente a sua pessoa com a de São Paulo.

São Paulo foi parcialmente iniciado nos mistérios teúrgicos, como se percebe pela semelhança de seu estilo com o dos filósofos gregos e o uso de certas expressões peculiares aos Iniciados.

Pouco se sabe a respeito do Grande adepto, que foi Simão o Mago, pois os padres da Igreja primitiva se encarregaram de destruir todos os traços de sua arte e sabedoria, falseando os documentos que a ele se referiam quando de todo não puderam destruí-los.

SIMAO O MAGO E SEU BIÓGRAFO HIPÓLITO

Simão o Mago foi discípulo dos Tanaim de Samaria, e a reputação que alcançou até receber o nome de "Grande Poder de Deus" testemunha a idoneidade e sabedoria de seus mestres; porém os Tanaim eram cabalistas da mesma escola secreta de São João, do Apocalipse, tão zelosa em ocultar o verdadeiro significado dos nomes dos livros de Moisés.

O que nunca puderam negar é que nenhum cristão podia rivalizar com ele em ações taumatúrgicas ou milagrosas. O que se conta de sua queda num vôo em que quebrou as pernas e se suicidou, em seguida, é ridículo. Na versão verdadeira foi Pedro quem quebrou a perna.

Tacharam-no de blasfemo só porque equiparou o Espírito Santo com a Mente (Inteligência), ou "Mãe de tudo". No Evangelho apócrifo dos Hebreus lemos que o próprio Jesus admitiu o sexo feminino no Espírito Santo, designando-o com a expressão de: "Minha Mãe, o Santo Hálito". Muitos séculos depois de negado, ficou demonstrada a existência de Simão o Mago, já fosse ele Saulo, Paulo ou Simão. Dele fala um manuscrito recentemente descoberto na Grécia, que dissipa toda a dúvida sobre o particular. A narração é de um cristão primitivo, chamado Hipólito, e reconhece grandes poderes em Simão, que considera um sacerdote de Satã, apesar de reconhecer que Simão foi um cristão batizado, porém que sofreu perseguição por estar demasiado versado nos mistérios do primitivo e verdadeiro cristianismo. Zeloso de sua independência, não quis Simão submeter-se à autoridade de nenhum apóstolo, daí as acusações de heresia seguidas de anátemas.

Os fatos prodigiosos chamados divinos, milagres, foram efeitos de poderes adquiridos mediante grande pureza de vida e êxtase.

A Igreja canonizou os adeptos a ela submetidos, e expulsou de seu seio os que não se submeteram à sua imposição. O dogma e a autoridade foram sempre os principais açoites do gênero humano e os mais violentos inimigos da Luz e da Verdade.

Este manuscrito, cuja autenticidade foi legitimada pelos maiores bibliógrafos de Tubingen, se chama Philosophumena, e ainda que a Igreja grega o atribua a São Hipólito, a romana diz que seu autor foi

um anônimo, só porque fala mui caluniosamente do canonizado papa Calixto. Ambas as igrejas confessam, no entanto, que Philosophumena é obra de grande erudição. Lê-se no manuscrito: Simão, homem muito versado em artes mágicas, enganou muitas pessoas com a arte de Trasimedes (malabarismo psíquico ou hipnotismo) e, em parte, com a ajuda dos demônios... Quis passar por um deus...

Seus discípulos se valem, hoje, de seus mesmos encantos, graças aos quais fazem com que os demônios exerçam sua influência sobre todos aqueles que desejam fascinar... O Mago exigia que se escrevesse num pergaminho a pergunta desejada e, dobrando o pergaminho em quatro partes, arrojava-o ao fogo para que a fumaça revelasse o escrito ao espírito. Com o pergaminho o Mago queimava, também, punhados de incenso e pedaços de papiro com os nomes hebreus dos espíritos evocados... Logo parecia que o Espírito divino dominasse o Mago e, neste estado, respondia a qualquer pergunta que se lhe fizesse ante o braseiro de cujas chamas brotavam aparições fantásticas; ou bem a divindade evocada atravessava o aposento deixando atrás de si uma serpentina de fogo.

Anastácio, o sinaíta, diz: A gente viu como Simão fazia andar as estátuas; precipitar-se nas chamas sem sofrer o menor dano; metamorfosear-se em vários animais; provocar fantasmas e espectros nos festins; mover os móveis e objetos nos aposentos pela ação de espíritos invisíveis e, finalmente, costumava voar pelos ares.

A autora sabe que há em Roma um lugar chamado Simonium, perto da igreja de São Cosme e Damião (via Sacra), não muito longe das ruínas do templo de Rômulo, onde se vêem pedaços de uma pedra sobre a qual, segundo a tradição, se ajoelhou São Pedro para dar graças a Deus por seu triunfo contra Simão, ficando nela impressas as formas de seus joelhos. Porém o que prova esta pedra? Não é impossível que Simão voasse durante uns minutos; os médiuns de nossos dias fazem o mesmo. A lógica se opõe, no entanto, a que se acredite que Simão caiu em virtude das orações de São Pedro. Derrotado publicamente pelo apóstolo, seus discípulos o teriam abandonado, ante tão notória prova de inferioridade e se teriam convertido em cristãos ortodoxos. O autor do Philosophumena confessa o contrário, porque afirma que Simão, longe de perder o prestígio, ia diariamente pregar na Campânia romana.

SÃO PAULO, O VERDADEIRO FUNDADOR DO CRISTIANISMO

H. Jennings, autor do Falicismo, diz que procuramos demonstrar que o misticismo é vida e alma da religião; que a Bíblia só pode ler-se e interpretar-se equivocadamente, quando de antemão se a supõe um tecido de fábulas e contradições; que Moisés falou aos "filhos dos homens" na única linguagem que podem compreender os meninos de pouca idade; que o mundo é um lugar muito diferente do que se su-

põe; e que o que ridicularizamos por supersticioso é o único verdadeiro e o único conhecimento científico".

São Paulo, e não Jesus, foi o verdadeiro fundador do Cristianismo, ainda que não da Igreja oficial cristã. O nome de "cristãos" começou a empregar-se em Antióquia, segundo afirmam os Atos dos Apóstolos, pois até então se chamavam apenas "Nazarenos".

Saulo, sob a lei, e Paulo, livre das obrigações da lei, foi figura de Jesus segundo a carne, submetido à lei que observou até morrer em Chrestos e ressuscitar livre de suas obrigações em "Christo triunfante". Paulo, segundo a carne, foi função e figura de Jesus quando este chegou a ser Cristo em Espírito, e assim teve autoridade na carne para derrogar a lei humana. Para Paulo, não é Cristo uma personalidade, mas uma idéia humanada. Se um homem está em Cristo, é outra criatura, porque o Senhor é o Espírito do homem.

Paulo foi o único apóstolo que compreendeu as idéias subjacentes na doutrina de Jesus, apesar de nunca ter andado com ele.

No entanto, Paulo não era perfeito e infalível. Resolveu implantar uma reforma que abarcasse a humanidade inteira, e colocou, ingenuamente, as suas doutrinas sobre a sabedoria dos antepassados e dos mistérios, e a final revelação dos Epoptae. Outra prova de que Paulo pertencia ao círculo dos Iniciados a temos em que se tonsurou em Cencrea onde foi iniciado Apuleio, "porque havia feito um voto". Os nazarenos não cortavam os cabelos nem "consentiam navalha" em sua cabeça, até o dia de sacrificar sua cabeleira no altar da iniciação. E os nazarenos eram uma classe de caldeus teúrgos ou Iniciados. A terceira parte dos mistérios se chamava Epopteia, que quer dizer revelação, ou entrada no segredo, porém, essencialmente, significa o supremo e divino estado de clarividência.

Quando Paulo diz: "Segundo a graça de Deus que se me deu, pus o cimento como sábio arquiteto", a palavra "arquiteto", cabalística, teúrgica e maçônica, não usada por nenhum outro apóstolo, e uma só vez empregada na Bíblia, pode considerar-se como uma revelação. Desse modo se intitula adepto com o direito de iniciar a outros.

Aí está o motivo por que Pedro, João e Tiago detestaram Paulo e perseguiram-no. 0 autor do Apocalipse era um cabalista de pura cepa e alimentava hereditário ódio aos mistérios pagãos. Note-se que o Evangelho de São João foi escrito por um neoplatônico, ou gnóstico, e não por João. Aos olhos de Pedro, era Paulo um Mago, porque o havia vencido, intelectualmente, e reconhecia sua superioridade em filosofia e erudição.

Talvez daí proviesse que o chamassem de Simão o Mago, por analogia, e não por apelido, considerando-o contaminado com a Gnose ou Sabedoria dos Mistérios gregos. 0 chamar a Paulo Simão o Mago, não implica que este não tenha existido e mesmo que tenha havido certa rivalidade entre eles.

Irineu tomou o nome de Pedro como pretexto para dar à Igreja um nome simbólico. Petra ou Kiffa eqüivale a Petrona, que era um par de pedras, usadas pelos Hierofantes nos mistérios da iniciação. Nisto se funda a pretensão do Vaticano em ser a sede de Pedro.

Na Caldéia, na Fenícia e entre os povos orientais o nome de Peter era o título dos intérpretes. Deste modo é que os papas têm direito a se chamarem sucessores de Pedro, no conceito de "intérpretes".

De modo algum podem intitular-se sucessores de Jesus Cristo, nem muito menos intérpretes de sua doutrina, porque a igreja grega muito mais antiga e mais pura que a hierarquia romana, é a que, historicamente, se manteve fiel aos primitivos ensinamentos dos apóstolos, sem secundar o movimento dos latinos quando estes se apartaram da Igreja Apostólica Original. É muito curioso que a Igreja Romana continue chamando "Cismática" à Igreja sua irmã.

Pitha é uma palavra sânscrita que significa a "sede" dos lamas iniciados. Alguns eruditos provam que Pedro não tomou a mínima parte na fundação da Igreja Latina. Pedro morreu em Babilônia, em idade muito avançada, e não em Roma, como se propalou. No antiquíssimo manuscrito hebreu intitulado Sepher Toldoth Jeshu, cujo mérito está provado pelo zelo com que os judeus o ocultam aos cristãos, se fala de Simão (Pedro), o fiel servo de Deus, cabalista e nazareno, que levou vida austera em Babilônia.

APOLÔNIO DE TIANA

Os maiores teólogos admitem que quase todos os livros antigos foram escritos numa linguagem simbólica, só compreensível para os Iniciados. Exemplo disso é o bosquejo biográfico de Apolônio de Tiana, que abarca a filosofia hermética e está escrito no estilo de amena novela.

A viagem à Índia simboliza, em todas as suas etapas, as provas de um neófito e, ao mesmo tempo, dá a idéia da geografia e topografia de certo país, tal como hoje se souber buscar.

As longas conversas de Apolônio com os brâmanes, seus prudentes conselhos, os diálogos com Menipo de Corinto, constituem, bem interpretados, o catecismo esotérico. Sua visita ao império dos sábios e sua entrevista com o rei Hiarcas, oráculo de Anfiarau, expõem, simbolicamente, muitos dogmas secretos de Hermes e do Ocultismo.

Maravilhosa é esta história; descrevem-se ali, alegóricamente, as viagens do Grande Mago, isto é, o que sucedeu com efeito quanto relata Dâmis, porém referindo-se aos signos do Zodíaco.

Dâmis foi o amanuense de Apolônio, e Filostrato copiou a obra.

Nos diálogos se revelam alguns segredos da Natureza. Sua existência está tão envolvida em véus misteriosos que se tomam por mitos. Elifas Levi adverte a grande semelhança que existe entre o rei Hiar-

cas e o fabuloso Hiram, de quem Salomão adquiriu o cedro do Líbano, e o ouro de Ophir, para construir o templo.

Como a maior parte dos heróis da antigüidade, cujas vidas e fatos sobressaem extraordinariamente do vulgo, Apolônio de Tiana é um enigma até hoje; sua existência está envolvida em tão espessos véus que é difícil separar o verdadeiro do falso.

Suas virtudes taumatúrgicas não foram superadas até hoje, segundo o testemunho da história, e apareceu e desapareceu da vida pública sem se saber como nem quando. Durante os séculos IV e V da era cristã, usaram-se todos os meios para apagar da memória das gentes todos os traços deste grande e santo homem. Os cristãos destruíram as biografias apologéticas que dele se publicaram, salvando-se, milagrosamente, a crônica de Dâmis, que hoje constitui a única fonte de informações.

Não se pode duvidar de que Justino o Mártir fale freqüentemente de Apolônio, apresentando-o impecável e veracíssimo.

São Jerônimo relata o pugilato taumatúrgico entre São João e Apolônio.

São Jerônimo foi o padre que encontrou, na Biblioteca de Cesaréia, o manuscrito original e autêntico do evangelho de São Mateus (texto hebreu) escrito de punho e letra do apóstolo publicano. No entanto, repeliu-o por herético, substituindo-o pelo seu próprio texto grego. Também alterou, São Jerônimo, o texto do Livro de Jó para robustecer a crença na ressurreição da carne.

Nunca se pôde fixar a data e o lugar do nascimento e morte de Apolônio. Alguns dizem que morreu com 89 anos, e outros lhe atribuem 117, mas não há documentos que provem isto. Autores há que dão Éfeso como a sua última moradia, e outros afirmam que morreu em Lindo, no templo de Minerva, no ano 96 da era cristã.

Tudo que a história sabe é que Apolônio de Tiana foi o fundador de uma nova escola de contemplação, e ainda que menos metafórico que Jesus, e mais prático, preconizou a mesma quintessência espiritual e as mesmas sublimes verdades de moral.

Filho de família aristocrata, conviveu com reis e nobres, apesar da austeridade de sua vida.

As imputações levantadas contra Apolônio foram tão numerosas quanto falsas; em sua doutrina se vê a identidade fundamental com a Escola Eclética e as doutrinas dos Yogues e místicos hindus, assim como sua comum origem com o Budismo primitivo de Gautama e seus Arhats.

Quando Apolônio queria ouvir a "Voz Sutil" que lhe falava, cobria-se com um manto de fina lã, sobre o qual pousava os pés, depois de fazer alguns passes magnéticos pronunciando uma invocação familiar aos Adeptos.

O conhecimento da secreta combinação do nome dava ao Hierofante poder supremo sobre todos os seres humanos e não-humanos, desde que fossem inferiores a ele em força anímica.

De Mirville, o defensor de Roma, escreveu sobre Apolônio o seguinte :

Nos primeiros anos da era cristã, apareceu em Tíana, cidade da Capadócia, um daqueles homens extraordinários de que tão pródiga se mostrou a Escola pitagórica. Como seu Mestre, viajou pelo Oriente, iniciando-se nas doutrinas secretas da índia, Egito e Caldéia, até adquirir as faculdades teúrgicas dos antigos Magos. Filóstrato, historiador do século IV, nos transmitiu pormenores da vida deste homem, e copiou o Diário escrito por Dâmis, discípulo e íntimo amigo de Apolônio, cuja vida está nele anotada.

A perfeita semelhança entre a vida de Apolônio de Tiana e a de Jesus é o que coloca a Igreja, entre Scila e Caribdis. Negar a vida de um e seus "milagres" seria o mesmo que negar a veracidade dos mesmos apóstolos e padres da Igreja, em cujo testemunho se funda a vida do mesmo Jesus.

Enquanto Apolônio dava uma conferência em Éfeso, a milhares de pessoas, viu como assassinavam em Roma o Imperador Domiciano, e transmitiu a notícia naquele mesmo momento a toda a cidade.

Caracalla erigiu um monumento em honra de Apolônio, e Alexandre Severo colocou o seu busto entre os dos semideuses, junto ao do verdadeiro Deus.

0 Imperador Aureliano mandou construir um templo e um altar ao grande sábio, em ação de graças por ter o mesmo aparecido e conversado com ele em Tiana, ao que deveu a cidade que Aureliano levantasse o seu cerco. Os habitantes de Éfeso lhe erigiram uma estátua de ouro, em agradecimento aos benefícios dele recebidos.

FATOS SUBJACENTES NAS BIOGRAFIAS DOS ADEPTOS

Pelo fruto se conhece a árvore, e por suas palavras e atos a natureza dos adeptos. As palavras de caridade e misericórdia postas na boca de Apolônio por Vopiscus, no livro Aureliano, indicam aos ocultistas quem foi Apolônio de Tiana. Por que, então, chamá-lo dezessete séculos depois "instrumento de Satanás"? Grandes motivos deve ter a Igreja para justificar a violenta animosidade contra um dos mais esclarecidos homens de sua época.

Todos os sucessos memoráveis do Antigo Testamento, como a fundação e dedicação dos templos e a consagração do tabernáculo, ocorreram nas épocas dos equinócios e solstícios. Também ocorreram nestas épocas os sucessos cardinais do Novo Testamento, como a Anunciação, o Nascimento e Ressurreição de Jesus Cristo e o nascimento do Batista. Disto se infere que todas as épocas notáveis do Novo Testamento estavam singularmente santificadas muito tempo antes pelo Antigo Testamento, começando pelo sétimo dia da criação do mundo, que foi o do equinócio da primavera. Durante a crucificação de Jesus, acontecida no dia 14 de Nisan, viu o areopagita Dionísio, na Etiópia, um

eclipse do Sol e exclamou: Ou a máquina do universo perece ou o Senhor padece. Cristo ressuscitou no domingo (17 Nisan, 22 de março), o dia do equinócio da primavera que é quando o Sol dá nova vida à Terra.

As palavras do Batista: Ele crescerá e eu minguarei, provam, na opinião dos padres da Igreja, que João nasceu no dia mais longo do ano, ou solstício do verão, e Cristo, que tinha seis meses menos de idade, no dia mais curto, ou no solstício do inverno.

Isto mostra que, sob diferentes aspectos, foram João e Jesus compêndios ou resumos da história do Sol. Isto explica por que se manteve proibida a tradução e leitura da Vida de Apolônio por Filóstrato. Os que têm estudado o original ficam na alternativa de crer que a Vida de Apolônio foi tirada do Novo Testamento, ou que o Novo Testamento foi tirado da Vida de Apolônio, por causa da manifesta semelhança dos relatos.

O nome de Jesus em hebreu e o de Apolônio significam, igualmente, o Sol no céu e, assim, a história de um com suas viagens através dos signos do Zodíaco e as personificações de seus padecimentos, triunfos e milagres, resulta na história do outro sempre que se empregue o método comum de descrevê-los.

Quando Constantino decretou o estabelecimento oficial do Cristianismo, ordenou que o venerável Dia do Sol se dedicasse à adoração de Jesus Cristo.

O profeta Daniel, que estava versado nos segredos da astronomia oculta, vaticinou a ocultação do Messias, valendo-se dos números astronômicos, e predisse, também, o eclipse do sol, que havia de ocorrer naquela futura época.

A personalidade de Jesus não ficou destruída porque uma de suas condições responde a formas e relações astronômicas. Os árabes dizem: Vosso destino está escrito nas estrelas.

Pela mesma razão, tampouco ficou "destruída" a personalidade de Apolônio.

O caso de Jesus oferece as mesmas possibilidades que todos os Adeptos e Avatares, como Buda, Shankaracharya e Krishna que, nos seus respectivos países e para seus partidários, gozam da mesma adoração que os cristãos tributam a Jesus no Ocidente. Jâmblico escreveu uma vida de Pitágoras, tão semelhante à vida de Jesus, que poderia tomar-se por cópia. 0 mesmo acontece com a vida de Platão, segundo Laércio e Plutarco. Todos estes grandes homens foram Iniciados da mesma escola, todos são originais e têm que representar um só e mesmo objetivo: a vida mística e pública dos Iniciados, enviados ao mundo para salvar parte da humanidade, já que não é possível salvá-la toda; daí que todos tiveram o mesmo programa.

A imaculada origem que a todos eles se atribui, refere-se ao "seu místico nascimento durante o mistério da Iniciação. Nada tem a ver com estes heróis a biografia de suas personalidades externas; só im-

portam os místicos anais de suas vidas públicas em paralelismo com o seu íntimo aspecto de neófito e Iniciado.

Desde o começo da humanidade a Cruz, ou o homem com os braços estendidos horizontalmente como símbolo de sua cósmica origem, foi relacionada com a natureza psíquica humana e as lutas que conduzem à Iniciação.

Isto demonstra que:

1) Todo adepto tinha e tem de passar primeiro pelas sete e as doze provas da iniciação, simbolizadas nos doze trabalhos de Hércules.

2) Considera-se como o dia de seu verdadeiro nascimento aquele em que nasce no mundo espiritualmente, e, por isso, se dá ao Iniciado o nome de "duas vezes nascido".

3) As provas de todos esses personagens correspondem ao significado esotérico dos ritos de iniciação, os quais se relacionam com os doze signos do Zodíaco, e, portanto, com os signos do Sol no céu.

No aspecto profano as biografias destes personagens, escritas por autores estranhos ao círculo de Iniciados, diferirão notavelmente dos ocultos relatos de suas místicas vidas.

Indubitavelmente, por muito que tenham sido disfarçadas aos olhos profanos, as circunstâncias capitais de suas vidas aparecerão idênticas.

Cada um deles é representado como um Sóter, ou Salvador divino, título que os antigos davam aos deuses, heróis e reis. Todos são tentados, perseguidos e mortos em sua personalidade física, de que surgem e se livram para sempre depois da espiritual ressurreição. Todos eles descem aos infernos ou reinos da tentação, do desejo e da matéria, donde voltam glorificados como "deuses", tendo dominado a "condição de Crestos".

Tudo isso se funda em bases astronômicas, que ao mesmo tempo servem para representar os graus e provas da iniciação.

Orfeu busca no reino de Plutão a Eurídice, sua alma perdida.

Krishna, símbolo do sétimo princípio, baixa aos infernos e resgata seus seis irmãos (os seis princípios que se resumem no sétimo). Jesus desce aos infernos para resgatar as almas, simbolizadas em Adão.

Segundo se mostra no Rig Veda, o mais antigo e fiel dos Vedas, chama-se a esta raiz e semente dos futuros salvadores, o Visvakarma, o princípio Pai, mais além da compreensão dos mortais. No segundo aspecto é Surya, o Filho que se oferece em sacrifício a si mesmo. No terceiro, é o Iniciado que sacrifica seu ser físico ao espiritual.

A chave da iniciação nos grandes mistérios da Natureza ressoava no Viscakarma, o onisciente que, misticamente, se converte em Vikkartana, o Sol privado de seus raios, e sofre por sua demasiado ardente natureza, para depois alcançar a glória pela purificação. Eis o segredo da maravilhosa semelhança entre as biografias místicas dos adeptos.

Tudo isto é alegórico e místico e, no entanto, perfeitamente compreensível para os estudantes do Ocultismo oriental, ainda que não este-

jam muito a par dos mistérios da iniciação. Em nosso objetivo universo de Matéria, o Sol é o mais eloqüente emblema da benéfica e providente Divindade.

No subjetivo e ilimitado mundo do espírito e da realidade, o brilhante astro tem outro significado místico, que não se pode divulgar.

Os chamados "idolatras" parses e hindus estão mais perto da verdade em sua religiosa reverência ao Sol que o que crêem as equivocadas gentes de nossos países.

O Sol é a manifestação externa do Sétimo Princípio de nosso Sistema Planetário, enquanto que o seu Quarto Princípio é a Lua, saturada dos passionais impulsos e maus desejos e de seu grosseiro corpo material, a Terra, e cujo brilho lhe empresta o Sol. Tudo no céu do adepto e da iniciação, com todos os seus mistérios, está subordinado ao Sol, à Lua e aos sete planetas.

A clarividência espiritual deriva do Sol; todos os estados psíquicos, as enfermidades e a loucura procedem da Lua.

Segundo mesmo os dados da História (cujas conclusões são, notavelmente, errôneas, enquanto que as premissas são em grande parte exatas), há surpreendente concordância entre as "lendas" dos Fundadores religiosos, seus ritos e dogmas, e os nomes e movimentos aparentes das constelações, encabeçados pelo Sol. Isto não quer dizer que os Fundadores e suas Religiões sejam mitos e as religiões superstições, mas variedades dos mesmos prístinos e naturais mistérios que serviram de base à religião da Sabedoria e ao desenvolvimento de seus adeptos.

Jesus foi o filho de suas obras, um homem eminentemente santo, um reformador, um, entre vários, que com a sua vida pagou o intento de enfrentar os déspotas e ignorantes para ensinar a humanidade a aliviar o seu jugo.

A Igreja ainda não se convenceu de que o livre pensamento nasce do livre exame. No Concilio de Nicéia, em 325, expôs Ário sua doutrina que esteve a ponto de romper a unidade da fé. Dezessete bispos aderiram às doutrinas de Ário, que foi desterrado por sustentá-la.

No entanto em 355, no Concilio de Milão, 300 bispos assinaram uma mensagem de adesão às idéias de Ário, apesar de que, no Concilio de Antióquia (345), tinham sustentado os Eusebianos que Jesus era Filho de Deus e consubstanciai com o Pai.

Durante séculos se debateram e controverteram os Concílios nas mais opostas opiniões, até que saiu o dogma da Trindade que, como Minerva da fronte de Júpiter, surgiu do cérebro teológico. O novo mistério foi anunciado ao mundo entre terríveis contendas.

Quando Eutiques disse no Concilio: "Deus me livre de discorrer sobre a natureza de meu Deus", ele foi excomungado pelo papa Flávio, e, no entanto, foi a única voz sensata que se fez ouvir então. No Concilio de Éfeso (449), Eusébio, bispo de Cesaréia, propôs a admissão de duas naturezas distintas em Cristo, e por isso se arriscou a ser quei-

mado vivo e foi deposto de seu cargo, bem como Flávio, que morreu em conseqüência dos maus tratos e pontapés recebidos do Bispo Diodoro.

Viram-se nestes Concílios as maiores incongruências, que deram como resultado os dogmas da Igreja.

Na Origem das Medidas há uma passagem projetando luz sobre a iniciação de Jesus como adepto e mártir. Diz assim: "Lemos no Evangelho de São Mateus (27:46): Eli, Eli, Lama Sabachthani, isto é, "Deus meu, Deus meu, por que me abandonaste?" Esta versão foi tomada do manuscrito original grego. Aquilatando seu significado, descobrimos que é precisamente o oposto ao admitido, pois a frase significa: "Deus meu, Deus meu, como me glorificaste!"

Lama significa "por que" ou "como"; verbalmente se relaciona com a idéia de deslumbrar; por exemplo, "de que modo mais deslumbrador".

Essa falsificação foi feita porque as palavras de Jesus pertencem, em seu verdadeiro significado, ao ritual dos templos pagãos. Eram pronunciadas pelos Iniciados depois das terríveis provas da Iniciação. Se se transcrevessem as palavras em seu reto sentido, veriam logo que Jesus era só um Iniciado. No Egito se descobriram esculturas e pinturas representando estas cerimônias. O monograma de "Crestos" e o Lábaro, o estandarte de Constantino, são símbolos derivados do Rito egípcio, e denota A vida e a morte. Muito antes de ser adotado o sinal da cruz como símbolo cristão, já era empregado como secreto signo de reconhecimento mútuo, entre neófitos e adeptos; é cabalístico e simbolizava o quaternário equilíbrio dos elementos.

São Jerônimo encontrou o original hebreu do Evangelho de São Mateus, na biblioteca fundada em Cesaréia por Panfílio mártir. Os Nazarenos que em Beréia da Síria usavam este Evangelho, me deram licença para traduzi-lo, dizia Jerônimo no fim do século IV. Foi escrito em caldeu, porém com caracteres hebreus. Os ebionitas, verdadeiros cristãos primitivos repeliram os demais escritos apostólicos e se serviram somente do texto hebreu, crendo, firmemente, com os nazarenos, que Jesus foi somente um homem, de "semente de homem", como declara Epifânio.

Que os apóstolos receberam ensinos secretos de Jesus se infere das seguintes palavras de São Jerônimo, ditas num momento de espontaneidade: "Em suas cartas aos bispos Cromácio e Heliodoro se lamenta da dificuldade do trabalho, já que São Mateus não escreveu o Evangelho de modo explícito e com sentido claro, porque se não fosse secreto, teria acrescentado que era seu o publicado; porém escreveu o livro selado em caracteres hebreus de tal maneira que só pudessem ler os homens mais religiosos, que no transcurso do tempo o recebessem de seus predecessores. Sem dúvida, nunca permitiram que traduzissem este livro, e uns interpretaram seu texto de uma maneira, e outros de outra. Aconteceu que Seleuco, um discípulo de Maniqueu, tendo publicado este livro, e uns outros apócrifos Atos dos Apóstolos, deu, com isso, motivo de destruição e não de edificação."

Isto explica a condenação das obras de São Justino Mártir, que só se valeu do texto hebreu do evangelho de São Mateus, o qual foi o único admitido durante os quatro primeiros séculos pelos judeus cristãos, nazarenos e ebionitas, nenhum dos quais reconhecia a divindade de Cristo.

Foram os ebionitas, discípulos e prosélitos dos primitivos nazarenos ou cabalistas gnósticos. Eles acreditavam nos Aeons e que o mundo foi ordenado pelos anjos. O



emblema de "Dan-Escorpião" é de morte-vida no símbolo: dois ossos cruzados com um crânio em cima; é de vida-morte o estandarte de Constantino. Abel é a figura de Jesus. A ferida de Abel foi a consumação de seu matrimônio com Caim, daí o duplo signo. Este símbolo envolve a idéia primitiva do Cosmos vivente, ou seja a necessidade de nascimentos e mortes, para a continuação da corrente de vida. Sobre as pedras do Adytum de Serapis se achou gravada uma cruz com a mesma forma da cruz latino-cristã. Segundo os arqueólogos, a cruz foi colocada ali como símbolo da vida eterna. Assim o T egípcio se empregou nos mistérios báquicos e eleusinos como símbolo da dual faculdade geradora. Significava, no peito do Iniciado, que seu nascimento espiritual tinha regenerado e unido a alma astral com o divino espírito, e que estava disposto a ascender à morada da Luz e da Glória.

O T era um talismã mágico e um emblema religioso ao mesmo tempo. Tomaram-no os cristãos dos gnósticos e cabalistas, que o empregavam com muita freqüência, segundo o provam numerosas jóias daquela época. Por sua parte, os cabalistas o receberam dos egípcios. A cruz latina dos missionários budistas, que a importaram da Índia uns dois ou três séculos antes de Jesus Cristo, é a mesma dos assírios, pré-colombianos, hindus e romanos, que a empregaram com ligeiras modificações. A cruz era chamada o selo do Deus vivo; do Oriente a trouxe o Anjo do Senhor para marcar a fronte de seus servos; era o mesmo T místico ou cruz egípcia.

O Brahmâtma, chefe dos Iniciados hindus, levava na Tiara duas chaves em cruz, como símbolo do revelado mistério da vida e da morte. Em alguns pagodes budistas da Tartária e Mongólia, a entrada das câmaras interiores do templo, com escadas que conduzem ao dagoba (rotunda) e os pórticos de alguns mausoléus, eram adornados com dois peixes em cruz. Não nos surpreenderia que o Vesica Piseis das catacumbas de Roma, considerado um signo sagrado, derivasse do referido signo zodiacal.

Quanto ao seu sentido místico, a cruz teve por origem a descoberta do dualismo andrógino em todas as manifestações da Natureza, inferido do ideal abstrato de uma divindade, também andrógina.

A cruz era um instrumento de suplício muito comum entre os romanos, porém desconhecido das nações semitas.

Era chamada Árvore da Infâmia e até muito tarde não foi adotada como símbolo cristão. 0 T, ou Tetragramaton (o nome potente), es-

tava representado nos mais antigos talismãs pelas quatro letras hebréias do Nome Sagrado.

A famosa Lady Ellenborough, conhecida pelos árabes de Damasco, e depois de seu matrimônio, com o nome de Hanun Medjuye, recebeu de um druso do Líbano um talismã, que por certo signo gravado no ângulo esquerdo era dos chamados, na Palestina, amuleto "messiânico", correspondente a dois ou três séculos a.C. É uma pedra verde de forma pentagonal, em cujo fundo aparece gravado um peixe; na parte superior está o selo de Salomão; em cima dele as quatro letras caldéias I A H O, que compunham o nome da Deidade.

Estas letras estão dispostas de um modo insólito, de baixo para cima, formando o Tau egípcio. Acerca deste talismã há uma lenda que não podemos relatar. 0 Tau, em seu sentido místico, assim como a cruz ansata, representam a Árvore da Vida. Sabe-se que os primitivos emblemas cristãos (antes de se intentar representar a forma corporal de Jesus) eram o cordeiro, o Bom Pastor e o peixe. Este último confundiu muito tempo os arqueólogos, porque no Talmude se designa o Messias com o nome de Dag ou Peixe.

Isto é uma reminiscência caldéia, concernente ao deus Dagon, de Babilônia, o homem-peixe que instruiu o povo.

A mística manifestação da Sabedoria e Inteligência operantes na evolução cósmica, isto é, Buddhi, com os nomes de Brahmâ e Purusha, como potestade masculina, e o de Aditi-Vach, como feminina, da qual vem Saravasti, a deusa da Sabedoria, converte-se, sob os véus esotéricos, em Buthos, Bythos, ou Oceano; e na fêmea pessoal, grosseiramente chamada Eva, a primitiva mulher, segundo Irineu, e o mundo surgindo do Nada. A solução deste enigma ajuda a compreender o desdobramento de um personagem em duas pessoas distintas, como Adão e Eva, Caim e Abel, Abraão e Isaac, Jacó e Esaú etc, todos varão e fêmea. Agora os símbolos astronômicos: Caim é o círculo 360 do Zodíaco, o tipo exato e perfeito da divisão quadrada, daí seu nome de Melchizadik. A construção da grande pirâmide teve por objeto medir céus e terra (as esferas objetivas como manifestação das subjetivas ou do Cosmos espiritual); portanto suas dimensões encerrariam toda a medida dos céus e da terra, ou, segundo a denominação antiga, de Terra, Ar, Água e Fogo.

A quatrilítera I.N.R.I., é o quadrado de Adão, isto é, o desenvolvimento dos elementos circulares. O lado da base da grande pirâmide eqüivalia ao diâmetro de uma circunferência de 2.400 pés ingleses (740 metros).

Sobre a cabeça de Jesus crucificado os judeus puseram a inscrição INRI, cujas letras são iniciais das palavras simbólicas: Iam (água), Nur (fogo), Ruach (ar), e Iabesha (terra). Inscritas na cruz ou forma cúbica da origem circular das medidas, para medir as substâncias da água, fogo, ar e terra, o INRI eqüivale a 1.152, ou seja, a sua circunferência.

Se a humanidade tem de aceitar uma chamada religião sobrenatural, aos ocultistas e psicólogos parece muito mais lógica a transparente alegoria de Jesus dada pelos gnósticos que, como ocultistas e chefes Iniciados, diferem só no relato histórico e na explicação dos símbolos, porém não no substancial e interno. Que disseram os ofitas, nazarenos e outros chamados hereges?

"Sofia", a "Virgem celeste", se determina a enviar Cristos, sua emanação, em auxílio da moribunda humanidade, a que Jeová e seus seis filhos da Matéria (os anjos inferiores) interceptam a divina Luz. Portanto, Cristos, o perfeito ao unir-se com Sofia (divina Sabedoria), desceu através das sete regiões planetárias e em cada urna delas assume forma adequada até encarnar no homem Jesus, no momento de seu batismo no Jordão. Então começa Jesus a obrar milagres, pois até então ignorava qual era a sua missão.

Ao ver lida Baoth (Jeová) que Cristos acabava com o seu reino na Matéria, incitou os judeus contra Ele, e Jesus foi condenado à morte. Crucificado Jesus, Cristos e Sofia abandonaram o seu corpo, voltando à sua própria esfera. O corpo físico de Jesus voltou à Terra; porém seu Eu, o Homem Interno, revestiu-se de corpo etéreo; desde então foi simplesmente espírito e alma. Durante os dezoito meses que permaneceu na Terra, depois de ressuscitado, recebeu de Sofia o perfeito conhecimento, a verdadeira gnose, que comunicou aos poucos apóstolos capazes de recebê-la. O transcrito é pura e simples doutrina esotérica, exceto os nomes e a alegoria. É, com leves diferenças, a história de todo o adepto que obtém a iniciação. O batismo no Jordão é o rito da Iniciação, a purificação final que se cumpria nos pagodes, tanques, rios ou lagos sagrados do Egito e México. O Cristos perfeito e Sofia (a Mente divina e a divina Salvadoria) se infundem no Iniciado no instante do místico rito, por transferência do Mestre ao discípulo, cujo corpo físico aqueles abandonam em sua morte, para voltar ao Nirmanakaya, ou Ego Causai do adepto.

Dizem os gnósticos: Quando o espírito de Cristos reunir fora dos domínios de lida Baoth todo o espiritual, toda a Luz existente na matéria, ficará cumprida a Redenção e o mundo se acabará.

Jesus pregou uma doutrina secreta; e "secreto" naquele tempo significava "Mistérios de Iniciação", repudiados e desfigurados pela Igreja.

Pedro disse: Lembro-me que Nosso Senhor e Mestre nos mandou, dizendo: "Guarda os Mistérios para mim e os filhos de minha casa", porque explicou aos seus discípulos os Mistérios do reino dos céus.

SAO CIPRIANO DE ANTIÓQUIA

Os Aeons (Espíritos Estelares) emanados do Desconhecido, segundo os gnósticos, e idênticos aos Dhyân-Choans da doutrina esotérica, foram transformados em Arcanjos e Espíritos da Presença, pelas Igrejas grega e latina, com detrimento do primitivo conceito.

Chamou-se "Hoste Celestial" ao Pleroma (conjunto de entidades espirituais), ficando, portanto, o antigo nome limitado às "legiões" de Satã.

Os discípulos de Manes chamaram-no "Paráclito" (o Consolador, o Espírito Santo). Foi Manes um ocultista cujo nome passou à posteridade como feiticeiro, graças à perseguição da Igreja que, por via de contraste, elevou à alteza de santo o arrependido Cipriano de Antióquia, cujas artes de magia negra ele mesmo confessara.

Não é muito o que a história sabe de São Cipriano; os poucos dados se reportam a um manuscrito que De Mirville achou na Biblioteca do Vaticano e traduziu para o francês. O relato tem por cenário a cidade de Antióquia, e ocorrem os sucessos nos meados do século III (252 anos depois de Cristo). 0 arrependido feiticeiro escreveu a sua confissão depois de converter-se.

Diz o relato: Eu sou aquele Cipriano que, consagrado a Apoio desde criança, foi iniciado, muito cedo, nas artes do Dragão. Antes dos sete anos me apresentaram no templo de Mitra; três anos depois meus pais me levaram a Atenas, para dar-me a cidadania. Ali me revelaram os mistérios de "Ceres Aflita", e cheguei a ser guardião do Dragão no templo de Palas.

Subi, depois, ao cume do Olimpo, a sede dos deuses como se chama, e me iniciaram no sentido e verdadeiro significado dos discursos e estrepitosas manifestações dos deuses. Ali me acostumei a ver em imaginação (fantasia ou May a) as árvores e plantas que operam prodígios por obra dos demônios.

Vi suas danças, suas lutas, seus ciúmes e ilusões e promiscuidades.

Ouvi seus cantos (os dos sátiros). Finalmente, por quarenta dias vi a falange de deuses e deusas, que desde o Olimpo enviavam, como se fossem reis, espíritos que os representavam na terra e em seu nome atuavam em todas as nações.

Por este tempo eu não comia mais que frutas, só depois do por do sol, e os sete sacerdotes do sacrifício me ensinaram as vantagens deste regime.

Ao completar quinze anos, quiseram meus pais que eu soubesse não só as leis naturais da geração e morte dos corpos na terra, no ar, nas águas, mas, também, as leis relativas a todas as demais forças enxertadas nos elementos pelo Príncipe do Mundo, a fim de frustrar sua primária e divina constituição.

(Os sete Construtores enxertaram suas divinas e benéficas forças na grosseira natureza material dos reinos vegetal e mineral, na Segunda Ronda.)

Explica-se o Príncipe do Mundo, aqui, como sendo a hoste coletiva dos espíritos planetários.

Aos vinte anos fui a Mênfis, em cujos santuários me ensinaram todo o concernente à comunicação dos demônios (Daimones ou Espíri-

tos) com a terra, sua repugnância por certos lugares e predileção por outros, sua expulsão de certos planetas, seu gosto pela obscuridade e seu horror à luz (aqui se alude aos elementais ou elementares).

Ali soube o número dos anjos caídos que encarnam em corpos humanos para entrar em comunicação com as almas. Aprendi a analogia que existe entre os terremotos e as chuvas, entre os movimentos da terra e os do mar.

Aos trinta anos fui à Caldéia para estudar o verdadeiro poder do ar que alguns colocam no jogo e os mais doutos na Luz (Akasha). Ensinaram-me que os planetas eram tão variados como as plantas na terra e as estrelas como exércitos dispostos em ordem de batalha. Aprendi a caldaica divisão do éter em 365 partes, e vi que cada um dos demônios que o repartem entre si estão dotados de uma força material necessária para executar as ordens do Príncipe e guiar ali (no éter) os movimentos. Os caldeus me ensinaram como aqueles Príncipes tomam parte no Conselho das Trevas, em constante oposição ao Conselho da Luz. Conheci os mediadores, e ao ver os pactos de obrigação que estipulavam, me maravilhou a índole de suas cláusulas e juramentos (mistérios da iniciação com seus rituais). Crêde-me, vi o diabo; em minha juventude o abracei e ele me saudou chamando-me novo Jambres, dizendo que eu havia merecido a iniciação e prometendo-me ajuda toda a vida e um principado depois da morte. Sob a sua tutela cheguei a grande altitude (adepto) e então pôs às minhas ordens uma falange de demônios.

Ao despedir-me exclamou: Animo e bom êxito, excelente Cipriano, ao mesmo tempo que se levantava de sua cadeira ao ver-me na porta, deixando admirados os circunstantes. (Isto dá a entender que eram o Hierofante e seus discípulos).

Depois de despedir-se de seu iniciador caldeu, seguiu para Antióquia o futuro feiticeiro e santo. O relato de suas iniqüidades e arrependimentos é grande; chegou a ser Mago, com muitos discípulos.

Apaixonou-se Cipriano pela formosa Justina, jovem convertida, e, por isso, teve uma querela com seu Hierofante, que acabou derrotando o espírito maligno. Por último recebeu o batismo e se desfez de seu inimigo.

Ele e Justina sofreram o martírio no tempo de Diocleciano, sendo ambos enterrados na basílica de São João de Latrão, junto ao batistério.

A GUPTA VIDYA ORIENTAL E A CABALA

O Zohar, o Livro do Esplendor, deriva do Rabino Simeão ben Iochai (seu filho Eleazar, também rabino, recompilou, com a ajuda de seu secretário Abbas, os ensinamentos de seu defunto pai num livro chamado Zohar). Suas doutrinas não são originais do rabino Simeão, segundo demonstra a Gupta Vidya oriental, mas são tão antigas como o povo judeu e, talvez, mais antigas ainda.

Em resumo, o Zohar está adulterado como as tábuas sincrônicas do Egito, depois de terem sido copiadas por Eusébio.

Tanto o Pentateuco como o Taímude foram escritos em linguagem misteriosa, constituindo na realidade uma série de memórias simbólicas que os judeus tinham copiado dos santuários caldeus e egípcios, adaptando-as à sua história nacional. A Sabedoria cabalística se transmitiu, durante muitíssimos séculos, oralmente, até os Tanaim pré-cristãos; ainda que Davi e Salomão fossem muito versados nela, ninguém se atreveu a escrever texto algum até os dias de Simeão ben Iochai, no século primeiro da cristandade.

O Zohar também se chama Midrash, e foi publicado pela primeira vez nos anos 110 a 70 d.C; depois se perdeu, ficando espalhado seu texto em manuscritos soltos até o século XIII.

O Sepher Jetzirah ou "Livro da Criação", atribuído a Abraão, e de texto muito arcaico, aparece mencionado pela primeira vez no século XI, por Jehuda Ho-Levi. Essas duas obras são o arsenal de todas as demais obras cabalísticas conhecidas.

A palavra Cabala procede de uma raiz que significa "receber por tradição", ou seja, o sistema de ensinos orais transmitidos de uma geração de sacerdotes a outra. Os judeus aprenderam dos caldeus os dogmas cabalísticos, e se Moisés conheceu o idioma dos Iniciados, como o conheciam todos os sacerdotes egípcios, estando assim, inteirado do sistema numérico em que se baseava, pôde escrever o Gênese e outros pergaminhos. Mas os cinco livros do Pentateuco não são as originais memórias mosaicas, como se diz.

Os "judeus negros" de Cochin (Índia Meridional) têm uns "Livros de Moisés", que não mostram a ninguém e que diferem, essencialmente, dos atuais pergaminhos. Estão escritos em caracteres arcaicos, que só eles e alguns samaritanos conhecem. Estes judeus negros desconhecem tudo que diz respeito ao cativeiro de Babilônia e as dez "tribos perdidas" (sendo estas últimas uma pura invenção dos Rabinos), tudo o que prova que chegaram à índia antes do ano 600 anterior a Cristo. Os judeus karaimes da Criméia que se consideram descendentes dos verdadeiros filhos de Israel, isto é, os saduceus, repudiam o Tirah e o Pentateuco das sinagogas, guardam a sexta-feira em vez do sábado e têm os seus "Livros de Moisés". Tudo isso evidencia que a Cabala dos judeus é apenas um eco infiel da Dutrina Secreta dos caldeus, e que a verdadeira Cabala se acha no Livro dos Números caldeu, que atualmente possuem alguns sufis persas. Todos os povos da antigüidade tiveram suas peculiares tradições baseadas na Doutrina Secreta dos árias, e todos supõem que um Sábio de sua Raça recebeu a primitiva revelação de um Ser Divino e, por seu mandato, a expôs em Escrituras Sagradas.

Na Doutrina Secreta, Adi é o nome do primeiro homem, ou melhor, é o nome genérico dos primeiros homens ou raças com linguagem, em cada uma das sete zonas e daí, talvez, se origine o nome de Adam.

Os sabeus dizem que, quando o terceiro (primeiro homem da Terceira Raça-Raiz) saiu do país adjacente à Índia para Babel, lhe deram uma árvore, logo outra e, depois, outra, cujas folhas continham a história de todas as Raças.

E os sabeus também o chamaram Adam. Beroso relata a história de Xisuthros que escreveu por ordem de sua Divindade um livro que ficou enterrado em Zipara ou Sippara, a cidade do Sol em Babel-onya.

Deste livro tomou Beroso a história das dinastias antediluvianas de deuses e heróis. O Sam-sam dos sabeus é, também, uma Cabala, como o árabe Zem-Zem (Poço de Sabedoria).

A mulher de Moisés, uma das sete filhas de Jethro, sacerdote madianita, também se chamava Zippora (símbolo de um dos sete poderes ou faculdades que o hierofante transmite ao neófito), o que é simbólico.

A Bíblia hebraica foi sempre um livro esotérico, mas o seu significado oculto variou desde os tempos de Moisés.

Os mais antigos idiomas descobertos na Pérsia são o caldeu e o sânscrito, sem vestígio algum do hebreu.

Sabe-se hoje que o egípcio e o hebreu são dialetos semíticos.

Sadoc, fundador da escola dos saduceus, foi discípulo de Antígono Saccho que, por sua vez, o foi de Simão o Justo. Desde a fundação da escola, 400 anos antes de Cristo, tinham os saduceus seu peculiar e secreto Livro das Leis, que as massas desconheciam. No ano 168 antes de Cristo foi saqueado o templo de Jerusalém e desapareceram os livros sagrados. (A Bíblia, copiada por Ezra e concluída por Judas Macabeu, estava entre eles.) O sistema masorético concluiu a obra da destruição da Bíblia. Aos saduceus tacharam de ateus porque não acreditavam naquilo em que acreditou o Iniciado Moisés.

Certamente floresceu em passadas idades uma poderosa civilização de enorme caudal de sabedoria, com um só idioma sobre a Terra, cuja essência é possível inferir dos fragmentos que ainda restam. As escrituras hebraicas admitem duas escolas: a Eloística e a Jeovística, porém as passagens correspondentes a uma e outra se confundiram e misturaram de tal modo, posteriormente, que não é possível apreciar os seus caracteres externos.

Não obstante se sabe que ambas eram antagônicas, pois uma ensinava a doutrina esotérica e a outra a exotérica ou teológica. Os Eloístas eram videntes e os Jeovistas eram profetas, os que depois se chamaram rabinos. Os Eloístas davam à palavra Elohim o significado de Forças, e, de acordo com a Doutrina Secreta, identificavam a Divindade com a Natureza.

Enquanto isto, os Jeovistas tinham a Jeová como um Deus pessoal e externo. O Zohar pressupõe, como a Doutrina Secreta, uma Essência Universal, eterna, absoluta e, portanto, passiva, em tudo quanto os homens chamam atributos. A Tríada anticósmica é pura abstração metafísica.

Diz o Zohar (referindo-se às Emanações):

Porque ainda que pata manifestar-se a nós, o oculto de todo o oculto produziu as Dez Emanações (Sefirotes), chamadas a Forma de Deus, Forma do Homem Celeste, ainda resultava esta luminosa forma demasiado deslumbrante a nossos olhos, e por isso assumiu outra forma, pondo-se outra veste, o Universo. Portanto, o Universo ou mundo visível é uma posterior expansão da Substância divina, e a Cabala o chama a "veste de Deus".

Esta é a doutrina dos Puranas hindus, em outras imagens. A noção de uma trina hipóstase numa desconhecida essência divina é tão antiga como o pensamento e a palavra. Hiranyagarbha, Hari e Shankara (Criador, Conservador e Destrutor, ou Brahmâ, Vishnu e Shiva) são os três atributos manifestados dessa Essência, que aparecem e desaparecem com o Kosmos, constituindo o visível Triângulo inscrito no sempre invisível Círculo. Esta é a originária raiz mental da humanidade pensadora, o Triângulo pitagórico surgindo da sempre oculta Mônada, ou Ponto Central.

Platão ensina esta doutrina; Plotino atribui-lhe muita antigüidade.

Os egípcios tomaram, certamente, dos hindus o conceito da Trindade.

O espaço não se aniquila entre os Manvântaras; desaparecido o Universo, tudo volta à sua homogeneidade pré-cósmica, isto é, sem aspectos.

O Zohar insiste na idéia de que a Unidade infinita é inacessível à mente humana. No Sepher Jetzirah vemos o Espírito de Deus, o Logos (não a Divindade em si mesma) chamado Único, o Espírito do Deus Vivo, que vive eternamente; a Voz, o Espírito e a Palavra, isto é, o Espírito Santo (e também o quaternário. Deste Cubo emana todo o Kosmos.).

Diz a Doutrina Secreta: Ele é chamado a Vida. O místico Cubo em que descansa a Idéia Criadora, o Mantra da Manifestante e o Santo Purusha, existem, latentemente, na Eternidade, na Divina Substância.

Segundo o Sepher Jetzirah, quando os Três em Um vêm à existência, pela manifestação da primeira radiação no Kosmos, o Espírito de Deus, ou número Um frutifica e desperta a potência dual, o número Dois ou o Ar e o número Três ou a Água; nestes há trevas, vazio, esterco e lama, isto é, o Caos, o tohu-vah-bohu. O Ar e a Água produzem o número Quatro, o Éter ou Fogo, o Filho. Tal é o Quaternário cabalista. Este número Quatro, que no Kosmos manifestado é o Único ou o Deus Criador, é para os hindus o "Velho", Sanat, o Brahmâ, o celeste Andrógino que se transmuta em masculino ao desdobrar-se em dois corpos, Vach e Vira). É o Adão Kadmon ou Adão-Eva no mundo arúpico e Caim-Abel no mundo semi-objetivo, até que chega a ser o Jah-Ha-Vah ou homem e mulher, em Enoch, filho de Seth.

O verdadeiro significado da palavra Jeová é "homens e mulheres", ou a Humanidade desdobrada em sexos. Segundo os hebraístas,

o verbal Hayah ou E, y, e significa ser, existir, enquanto que Chaya, ou H, y, e significa viver, no sentido de ter noção da existência. Daí que Eva apareça como a evolução da Natureza no seu eterno devenir (tornar a ser).

Se tomarmos a palavra Sat (Seidade), não encontraremos equivalente em nenhum idioma. Hayah "ser", no sentido de passiva e imutável ainda que manifestada existência, pode se considerar como Vida Universal em seu significado cósmico e secundário; enquanto que Chaya "viver", como noção de existência, é simplesmente Prana ou a vida mutável em seu significado objetivo.

Apoiando-se nas confissões dos hebraístas mais eminentes, afirmamos que a Bíblia se baseia, essencialmente, em antigos documentos que sofreram interpolações e acréscimos, e que o Pentateuco deriva de documentos primitivos por mediação de outros documentos suplementares.

ALEGORIAS HEBRÊIAS

A verdadeira Bíblia hebréia se perdeu, e a Bíblia judia, que agora conhecemos, pode despertar, no máximo, um pressentimento das verdades que conteve antes de ser adulterada. No idioma sânscrito, as letras estão sempre dispostas nas ondas sagradas, de modo que possam tomar-se por notas musicais colocadas em forma gráfica, que tem significado musical e escriturai.

Os caracteres devanagari são "A língua dos deuses", e o sânscrito é a linguagem divina. Todas as letras do alfabeto sânscrito são musicais e cantam-se segundo as regras da antiga escola tântrica, e cada letra corresponde a um número, oferecendo o sânscrito um vasto campo de expressão.

Guinness, numa conferência sobre a queda do primeiro homem, diz: Aqui, como antes, o Gênese não começa pelo princípio; antes do primeiro casal, fracassaram e caíram sete entidades, chamadas pelos egípcios "Filhos da Inércia" (oito com a Mãe), que foram arrojados do Paraíso Am-Smem. Também a lenda babilônica da Criação fala dos Sete Reis Irmãos, análogos aos sete Reis do Livro da Revelação e das Sete Potestades insencientes ou os sete Anjos Rebeldes que fizeram a guerra no céu, assim como os sete Crônidas, ou Vigilantes, formados no interior do Céu, cuja abóbada estenderam separando o invisível do visível. (Idêntica à obra dos Elohim no Gênese.) Os sete Crônidas são os sete Elementais, Potestades do Espaço ou Guardiães do Tempo. Para decifrar isto, há sete chaves, como para qualquer alegoria da Bíblia: a astronômica, a numérica, a fisiológica, são três das sete chaves utilizadas pelos judeus e tomadas de outros povos mais antigos.

Segundo a tradição rabínica, Adão era o chefe dos sete que caíram do céu, e relaciona-os com os Patriarcas, conforme a doutrina esotérica.

Isto se explica pela sétupla natureza dos homens celestes ou Dhyân-Choans; esta natureza é propícia para dividir e separar, enquanto os

princípios superiores (Âtma-Buddhi) dos criadores de homens se consideram espíritos das sete constelações ou princípios inferiores e intermédios, que se relacionam com a Terra e se indicam, sem desejo nem paixão, inspirados pela santa Sabedoria, estranhos ao Universo e rebeldes a procriar (Vishnu Purana). A era dos Kümaras é ante-adâmica, anterior à separação dos sexos, antes que a humanidade recebesse o fogo sagrado de Prometeu.

O ZOHAR QUANTO À CRIAÇÃO DOS ELOHIM

A frase inicial do Gênese é: No princípio criou Deus o céu e a terra, o que, como todos sabem, pode ser interpretado de duas maneiras, como todos os textos hebreus; exotérica (cristã) e cabalística, que, por sua vez, se divide nas respectivamente empregadas pelos rabinos e cabalistas propriamente ditos, que é o método oculto. Analogamente ao que ocorre no idioma sânscrito, não há no hebreu separação alguma entre as palavras escritas, mas ligam-se uma às outras, especialmente nos textos antigos.

A frase inicial do Gênese, como se disse, admite dois modos de separação, conseqüentemente duas escrituras distintas, a saber:

1) B'rashit bara Elohim eth hashamayim v'eth h'areths.
2) B'rash ithbara Elohim ethhashamayim v'eth'arets.

0 significado da primeira escritura exclui a idéia de começo ou princípio e diz que da eterna Essência Divina (Matriz), a andrógina Força (os deuses), formou o duplo céu (céu e terra). 0 significado da segunda escritura é: "No princípio fez os céus e a terra."

A palavra terra significa, exotéricamente, "o veículo", um Globo vazio, no qual se manifesta o mundo. Segundo as regras da oculta leitura simbólica, as 14 letras iniciais explicam por si mesmas a teoria da criação, sem mais acréscimo. Cada inicial é uma sentença, e se as compararmos com a inicial versão hieroglífica ou pictórica da criação no Livro de Dzyan, acharemos logo a origem das letras fenícias e hebréias.

A letra b (beth) significa morada, região; o r (resh), círculo ou cabeça; o a (aleph), touro ou poder gerador; o 5 (shin), dente ou três em um, ou 300; o i (iodh), a unidade perfeita ou UM; o t (tau), a raiz ou fundamento. Repetem-se logo as letras beth, resh e aleph. O outro aleph que segue significa os sete touros para os sete Alahim, o / simboliza a procriação ativa; o b (he), a matriz ou abertura; o i (iodh), o órgão da procriação; e o m (mem), a água ou caos, a potestade feminina imediata à masculina precedente. O antropomorfismo e a revelação formam o infranqueável abismo entre o mundo material e as extremas verdades espirituais.

O Gênese começa na terceira etapa da criação, saltando as duas primeiras. Santo Agostinho vai mais além e atribui aos anjos a posse

do pensamento divino, do protótipo de cada uma das coisas criadas. Os três princípios fundamentais são, exotéricamente: o Homem, a Alma e o Espírito. Esotericamente são: a Vida, a Alma e o Espírito; os quatro veículos são: o corpo físico, o duplo etéreo, a Alma animal e a Alma Divina. Para maior clareza: Buddhi, o sexto Princípio, veículo do sétimo; a Alma Animal, veículo de Manas; o Corpo etéreo ou duplo Físico, veículo de Jiva, Prana ou Vida. O duplo ou corpo etéreo que não pode deixar o corpo físico até depois da morte e é o que aparece refletindo o corpo físico e servindo de veículo à mente. O corpo físico, e veículo coletivo de todos os demais princípios.

São Tomaz de Aquino chama Deus a primeira, e os Anjos a secundária causa do Universo visível. Basílides considerou os Anjos de inferior categoria como construtores do mundo material, e Saturnilo afirmou, de acordo com os sabeus, que os sete anjos planetários são os verdadeiros criadores do mundo. A Doutrina Secreta divide o eterno Cosmos, o Macrocosmos, assim como o homem, o Microcosmos, em três princípios ou quatro veículos que em suma constituem os sete princípios.

Na Cabala Judia ou caldaica o Cosmos se divide em sete mundos: Originário, Inteligível, Celestial, Elemental, Astral, Infernal (Kamaloka ou Hades) e Temporal (humano). Segundo o sistema caldeu, os sete Anjos da Presença aparecem no mundo inteligível e são os construtores de que fala a doutrina oriental e só no terceiro mundo, o celeste, os sete planetas de nosso sistema solar são construídos pelos Anjos planetários cujos corpos visíveis são os planetas. Daí que se o Universo foi formado da Substância ou Essência Eterna e Única, não lhe deu forma a Absoluta Deidade ou Eterna Essência, mas os Raios Primários os Dhyân-Choans emanados do Único Elemento que, em alternativas de Luz e Trevas, permanece, eternamente, em sua raiz como desconhecida e existente Realidade. O cabalista ocidental e erudito; Mac Gregor Mathers, diz acerca do primeiro versículo do Gênese "Barashit Bara Elohim", ("no princípio os Elohim criaram"). Quem são estes Elohim do Gênese?

E os Elohim criaram os Adões à sua própria imagem; à imagem dos Elohim os criaram. Quem são os Elohim?

A versão ordinária da Bíblia inglesa traduz a palavra Elohim por Deus, ainda que Elohim é plural e não singular.

E o mesmo Gênese, segundo o texto ortodoxo, diz: E Deus (Elohim) disse: Façamos o homem à nossa imagem e semelhança. Isto evidencia que Elohim não é um plural de excelência, mas um nome plural que denota mais de um ser.

São Dionísio Areopagita, colega de São Paulo, que foi o primeiro bispo de São Denis, perto de Paris, ensina que a obra da criação se deve aos sete Espíritos da Presença, cooperadores de Deus e partícipes da divindade. Santo Agostinho opina que as coisas foram criadas mais nas mentes dos anjos que na Natureza, isto é, que os Anjos perceberam

e conceberam todas as coisas em sua mente antes que as pusessem na existência. Qual, pois, a tradução correta da palavra Elohim?

Elohim não só é plural, mas um plural feminino, e apesar disto os tradutores da Bíblia traduziram por masculino singular; Elohim é o plural do nome feminino El-h, porque a letra final h indica o gênero. Por exceção gramatical, o nome El-h forma o plural com a terminação im que corresponde ao plural masculino em vez de terminar em oth, como em regra geral terminam os plurais femininos. Sem dúvida a terminação do plural não altera o gênero do nome, que permanece o mesmo do singular. Para descobrir o verdadeiro significado do simbolismo oculto na palavra Elohim, temos que buscá-lo na chave da doutrina esotérica judia, a Cabala. Nela veremos que esta palavra representa a união de duas Potestades, uma masculina e outra feminina, coiguais e coeternas em sempiterna união para manutenção do Universo.

São o Grande Pai e a Grande Mãe da Natureza, em que se transfunde o eterno Ser antes da manifestação universal. Isto mesmo significa o Gênese ao dizer que "a terra estava vazia e sem forma".

Assim a dualidade dos Elohim supõem o termo do Caos, do vazio e das trevas, porque só depois da conformação dual da Divindade, é possível que o Espírito dos Elohim flutue sobre as águas.

Aqui devemos advertir a confusão que predomina nas interpretações da Cabala. O desdobramento do eterno Ser Único no Grande Pai e grande Mãe da Natureza revela conceito antropomórfico que atribui sexo às Primárias diferenciações do Único. É errôneo identificar estas primárias diferenciações com os Elohim ou Potestades criadoras. A Criação dos Elohim é, realmente, uma criação muito posterior e longe de serem os Elohim Potestades Supremas, nem sequer excelsas da Natureza, são só anjos inferiores. Assim ensinavam os gnósticos que sobrepujavam em sentido filosófico a todas as primitivas escolas cristãs. Ensinavam que as imperfeições do mundo dimanavam da imperfeição de seus arquitetos ou construtores, os anjos inferiores.

O conceito hebreu de Elohim é análogo aos dos Prajapatis da índia, pois segundo as interpretações dos Puranas, os Prajapatis formaram unicamente os mundos físico e astral, porém não podiam dar a Inteligência ou razão, e por isso fracassaram ao criar o homem.

A criação eloística não é a criação primária, e os Elohim não são Deus, nem sequer os mais elevados Espíritos Planetários, mas os arquitetos do visível planeta físico e do corpo ou veículo carnal do homem.

Na permanência da Unidade ou Mônada consiste sua validez como tipo da Única e Imutável Divindade. Isto corresponde, também, à idéia cristã do Pai, porque, como a Unidade engendra todos os Números, assim a Divindade é o Pai de tudo. Esta relação não seria concebida pela filosofia oriental, pois o Único Imutável Parabrahman, o Todo Absoluto e Único, não pode conceber-se em relação com o finito e con-

dicionado. Os orientais sabem que, em sua imortal essência, é o homem a Unidade imutável e sem par.

Acabamos de dizer que a Unidade não muda por multiplicação nem por divisão; como se forma, pois, a Dualidade? Por reflexo, pois à diferença do zero a unidade é definível em seu positivo aspecto e sua definição engendra um eikon ou eidolon de si mesma, que com ela forma a dualidade.

Assim o número dois tem certa analogia com a idéia cristã do Filho como Segunda Pessoa. Assim como a Mônada vibra e retrocede às trevas do Pensamento primário, a Dualidade fica como vice-gerente para representá-la.

Desse modo, no fundo da Unidade, a idéia Trina, o número três resulta coigual e coeterno com a Dualidade no seio da Unidade, ainda que proceda numericamente dela. Além disso se relaciona com a idéia cristã do Espírito Santo e o conjunto dos Três que formam uma Trindade na Unidade.

Daí a verdade de que são necessárias três linhas para formar uma figura plana, pois duas somente não podem cerrar o espaço sem complemento da terceira. Aos três primeiros números naturais, os cabalistas chamam Kether ou a Coroa, Chomakh a Sabedoria, e Binah a Inteligência.

Associam a estas denominações os divinos nomes de Eheich (Eu sou) para a Unidade; Yah para a dualidade; e Elohim para a Trindade.

A dualidade chama também Abba (o Pai) e a trindade Aima (a Mãe) cuja eterna conjunção simboliza a palavra Elohim.

O que surpreende em tudo isto é a maliciosa persistência com que os tradutores da Bíblia eliminam, cuidadosamente, toda a referência à forma feminina da Divindade. Como vimos, traduziram para o masculino singular — Deus — o feminino plural Elohim e ocultaram a circunstância (intencionalmente) de que a palavra Ruach (Espírito) é feminina, e que, em conseqüência, o Espírito Santo do Novo Testamento é uma Potestade Feminina.

No Sepher Jetzirah, ou Livro da Formação, lemos: Uma é Ela, a Ruach Elohim, Chüm (Espírito dos viventes), Voz, Espírito, Palavra. Esta é Ela, o Espírito do Santo Único. A análise cabalística da palavra Elohim demonstra que eles são uma hoste, um exército de potestades criadoras; e Jeová é um dos Elohim. As hostes angélicas são criaturas de Deus.

A Tsaba, ou hoste, palavra hebréia, foi traduzida pela Vulgata, arbitrariamente, como "Ornamento". Munck demonstra o erro da substituição e deriva de Tsaba o título de Tsabaoth Elohim. Pouco nos dizem sobre as funções verdadeiras dos exércitos celestes, e nada nos falam acerca de seu lugar na evolução nem de sua relação com o mundo em que vivemos.

Só a Doutrina Esotérica pode nos dar a chave das teogonias expostas nas diversas religiões do mundo.

ísia nos afirma que o verdadeiro criador do Kosmos, como de toda a Natureza visível (senão de todas as invisíveis hostes de Espíritos não chegados ainda ao "Ciclo da Necessidade" ou "evolução"), é a "Hoste Operante", os Deuses em coletividade, ou seja, o Senhor, o "Exército" que, coletivamente, implica a Unidade na Variedade.

Ü Absoluto é infinito e incondicionado e não pode criar porque não cabe nele relação alguma com o condicionamento e o finito.

Se tudo quanto vemos fosse criado pela Perfeição Absoluta e fosse obra direta da Primeira Energia procedente d'Ele, então todas as coisas seriam tão perfeitas, eternas e incondicionais, como o seu Autor. Os milhões de obras imperfeitas que achamos na Natureza testemunham, irrecusavelmente, que são produto de seres finitos e condicionados, ainda que se chamem arcanjos ou Dhyân-Choans. Essa imperfeição das obras são o resultado incompleto da evolução sob a direção de deuses imperfeitos. O Criador não é o Absoluto incondicionado nem sequer seu reflexo, mas os Sete Construtores que com matéria eterna modelam o Universo e o vivificam em vida objetiva, refletindo nele a única Realidade. Todas são Forças impessoais, pois são cegas.

A palavra sânscrita Sakti é intraduzível; é uma energia que procede de si mesma e não da ativa e consciente vontade de quem a produz. O primeiro Logos não é uma emanação, mas uma Energia inerente e coetema com Parabrahman, o Único.

Fílon o Judeu, com muita propriedade, atribuía a origem do mal à intervenção de potestades inferiores no ordenamento da matéria e na formação do homem, tarefa atribuída ao divino Logos.

Segundo a Cabala, Jeová é o Homem Celeste, o Adão Kadmon, de quem o Logos, o autocriado Espírito, se serve como veículo para descer ao mundo fenomênico e nele manifestar-se.

A palavra egípcia "Neteroo", que Champollion descobriu e traduziu por "os demais deuses", tem o mesmo significado que os Elohim da Bíblia, atrás do qual está oculto o Deus Único, considerado, na diversidade de seus poderes, o Logos Imanifestado, o Demiurgo e verdadeiro criador.

Os autores católicos citam, freqüentemente, o Zohar como inesgotável arsenal de misteriosa e oculta sabedoria. Já dissemos que o Zohar é um compêndio de antiquíssimas doutrinas do Oriente, transmitidas, oralmente, no princípio e escritas, depois, em tratados soltos durante o cativeiro de Babilônia e, finalmente, recopiadas pelo rabino Simão ben Iochai, no começo da era cristã. Quando nos países mesopotâmicos surgiu em nova forma a cosmogonia mosaica, o Zohar foi o veículo onde se enfocaram os raios da Sabedoria Universal.

O Zohar declara que o Espírito que governa o Sol está atrás do Sol, mas não é o mesmo Sol. O Mistério do Sol e, também, o maior do Ocultismo, é um verdadeiro nó que só pode ser desatado pelos deuses. Quando Pitágoras disse: Contra solem ne loquaris, não se referia ao Sol visível, mas ao Sol da Iniciação, em sua forma trina, dois

m

de cujos aspectos são o Sol do dia e o Sol da noite. Atrás do luminar físico há um mistério que se sente instintivamente.

Todos os templos da antigüidade davam a frente para o Sol, suas portas se abriam para o Oriente, e a explicação filosófica deste costume infelizmente ainda não pode se dar ao vulgo. Na Europa o último sacerdote do Sol foi o Iniciado Imperador Juliano, chamado agora o "Apóstata". Quis Juliano beneficiar o mundo com a revelação de uma parte do grande mistério, e morreu; dizia Juliano, ao falar do Sol, que há três em um, e que o Sol Central era uma precaução da Natureza; o primeiro Sol, a causa universal de tudo, o soberano Bem; o segundo Sol, a Suprema Inteligência com domínio sobre todos os seres racionais; e o terceiro Sol era o visível. A pura energia da inteligência solar procede do luminoso assento ocupado pelo nosso Sol no centro do céu, sendo essa pura energia o Logos de nosso Sistema. Como diz Hermes Trismegisto, o misterioso Espírito da Palavra produz tudo mediante o Sol e nunca opera por outro meio. Porque o Poder colocou no Sol, mais que em qualquer outro planeta ou corpo celeste, o assento de sua morada.

Juliano morreu pela mesma causa que Sócrates. Ambos divulgaram, um, conscientemente e, outro, inconscientemente (o sábio grego não foi Iniciado), o sistema heliocêntrico que formava parte dos mistérios. 0 que se preservava com tal segredo não era o verdadeiro Sistema Solar, mas o que se referia à constituição do Sol. Juliano morreu violentamente, porque a mão que até então o sustentara lhe retirou a sua proteção, deixando-o entregue ao seu destino kármico. Outro exemplo foi o poeta Ovídio que, como Sócrates, não era Iniciado e cujos versos revelaram parte do conhecimento oculto.

Tanto Hermes como Juliano se referiam à causa produtora dos grandes deuses manifestados, ou o Demiurgo, de nosso Sistema; tamouco significaram com isso o Sol Físico, que era só um símbolo manifestado. Diz o pitagórico Filolau: o Sol é um espelho de fogo que reflete o esplendor de suas chamas e eflui sobre nós; a este esplendor chamamos Imagem.

É evidente que Filolau se refere ao Sol cêntrico espiritual, cujos refulgentes raios reflete o Sol físico. Isto é tão claro para os ocultistas como o era para os pitagóricos.

Os profanos da antigüidade paga consideravam o Sol físico como o Supremo Deus. Os sabeus nunca adoraram o astro físico; os Magos sabiam que as forças ocultas dimanantes das constelações estavam sob a sua aparência física.

OS MODERNOS CABALISTAS DA CIÊNCIA E ASTRONOMIA OCULTA

Segundo a Cabala, há três mundos: o físico, o astral e o superastral; assim como há três ordens de seres: terrenos, superterrenos e espirituais.

Ainda que os cientistas se riam dos Sete Espíritos Planetários, não podem deixar de admitir Forças diretoras e governantes que constituem para os físicos uma espécie de sistema místico. A teoria da força solar, sustentada por Metcalf e o sábio polaco Zaliwsky, que considera a eletricidade como força universal, cuja fonte é o Sol, são ressurgimentos das fontes cabalistas. Zaliwsky tratou de provar que a eletricidade, produtora dos mais potentes efeitos de atração, calor e luz, é elemento constitutivo do Sol e causa peculiar das energias desse astro, o que muito se aproxima da Doutrina Secreta. Ele supõe que a eletricidade solar é diferente da eletricidade terrestre. O padre Secchi descobriu no espaço forças de ordem inteiramente nova e de todo estranhas à gravitação.

Hoje está provado em Astronomia que não há estrelas absolutamente fixas, ainda que assim se chamem em linguagem astronômica. Como sabem os astrônomos que Netuno é um planeta? E que pertence ao nosso Sistema?

O engenheiro francês Love é de opinião que a Matéria é eterna como os deuses, e igualmente a Alma, que tem dentro de si outra Alma mais elevada (Espírito), preexistente, dotada de memória e superior à energia elétrica.

Diz o Ocultismo que se tirarmos da moderna Ciência astronômica várias hipóteses que lhes servem de fundamento, como a lei de gravitação, que se crê universal, resultaria contrária às mais elementares verdades mecânicas.

Se as leis e forças que regem o concerto sidéreo fossem imutáveis, não se modificaria a substância nem haveria desgaste de fluidos, o que não se nega. Portanto, é preciso supor que tais modificações terão que influir sobre as leis dinâmicas e as forças terão que regenerar-se, espontaneamente, em tais ocasiões, produzindo antinomias celestes.

OCULTISMO ORIENTAL E OCIDENTAL

Sob o ponto de vista da ordem de conceitos relativos a doutrinas verdadeiramente secretas, os ocultistas orientais estão de posse deles desde há muito tempo. O Ocidente conhece a filosofia hermética e se serve, admiravelmente, dela como de um especulativo sistema dialético, porém sem conhecimento algum de Ocultismo. O genuíno ocultista oriental guarda silêncio, nunca publica o que sabe e raramente fala disso, pois conhece de sobra a pena reservada à indiscrição.

Eliphas Levi, o mais erudito expositor da Cabala caldaica, ensina, acertadamente, que: A vida imperecível é o movimento equilibrado pelas alternativas manisj'estações da força.

Por que ele não acrescenta que este movimento perpétuo é independente das manifestações das forças operantes?

Diz Levi: O caos é o Tohu-vah-bohu do movimento perpétuo e a soma total da matéria primária. No entanto, faltou ele acrescentar: que a matéria é "primária" tão só nos começos de cada nova reconstrução do Universo.

A Matéria in abscondito, como a chamaram os ocultistas, é eterna, indestrutível, sem princípio nem fim; é a eterna raiz de todo o existente, é a Mulaprakriti dos vedantinos, a divina Essência ou Substância em suma, cujas radiações se agregam periodicamente em formas graduais, desde o puro Espírito até a mais densa matéria. A raiz, o espaço, é em sua abstrata presença, a Divindade mesma, a Causa única, inefável e desconhecida.

Segundo Levi, também Ain Suph é, como Parabrahman, a ilimitada, infinita e única Unidade sem causa. É o ponto indivisível e, por estar "em todas as partes e em nenhuma", é o Todo Absoluto. Também é a "Obscuridade", por ser a raiz dos sete princípios fundamentais do Cosmos



Segundo a Doutrina Secreta, da Luz primária procede a Palavra ou o Logos do qual procede a Luz física. O Universo se reconstrói como na figura acima. Nos períodos de nova geração, o movimento perpétuo se converte em Alento, do qual procede a Luz primordial em cujas radiações se manifesta o Pensamento eterno, oculto nas trevas, manifesto na Palavra ou Mantra.

Eliphas Levi expõe um misticismo católico adaptado à Cabala cristã com o intuito de conciliar a magia judia com o clericalismo romano. O Ocultismo é universal e não distingue entre os salvadores ou grandes avatares das nações do mundo. A ação eternamente incessante não pode chamar-se Criação, mas Evolução. É o eterno vir

a ser dos gregos e vedantinos. É o Sat ou Seiâade, Parmênides ou o Ser identificado com o Pensamento. Como é possível dizer que as Potestades criaram o movimento, desde que o movimento é eterno, sem princípio nem fim? Por que não dizer que as Potências, voltando a despertar, transferiram o movimento do plano eterno ao plano temporal do Ser? Seguramente isto não é criação.

Em vista da grande semelhança entre muitas das "Verdades" fundamentais do Cristianismo e os "mitos" do Bramanismo, se têm feito ultimamente esforços para provar que o Bhagavad Gita e a maior parte dos Brâmanas e Puranas são de data muito posterior aos livros de Moisés. Se tais esforços fossem coroados de êxito, de nada serviria o argumento enquanto restasse o Rig Veda, cuja idade é muito mais antiga que o Pentateuco, por mais que se queira forçá-la.

Na aurora da intelectualidade humana surgiu o Rig Veda, para servir de guia às sucessivas religiões, e ali estão os cimentos de todos os credos, de quantas igrejas e templos que se edificaram posteriormente.

As sete principais Divindades com suas 330 milhões de correlações, do Rig Veda, são os raios da Unidade sem par e sem limites, onde se podem encontrar os "mitos" universais, as personificações das Potestades divinas e cósmicas, primárias e secundárias, e os personagens históricos de todas as religiões presentes ou extintas.

Porém, a Unidade Absoluta não pode ser objeto de adoração profana, mas é objeto da mais abstrata meditação que os hindus praticam para sumir-se nela.

No começo de cada aurora de criação, a Eterna Luz (que é obscuridade) assume o aspecto do que se chama caos (que só é caos para o humano intelecto) e que para a percepção espiritual ou sobre-humana é a raiz eterna de todos os Universos.

Osíris é um deus negro. Estas palavras se pronunciavam "muito baixo" nas iniciações egípcias; porque o Númeno de Osíris é a obscuridade pra o homem. Neste Caos se formam as águas, a mãe Ísis, Aditi etc. Só as Águas da Vida voltam a despertar os germes primordiais sob a ação da Luz primária.

Este é o divino Espírito, em seu aspecto de Narayana, o agitador das águas do Espaço, que infunde o alento da Vida e frutifica o germe que chega a ser o Ovo de Ouro do qual surge Brahmâ masculino; deste surge o Senhor dos seres, o qual se converte no Progenitor do gênero humano. O Absoluto é o que contém em si o Universo e não Brahmâ; este manifesta-se em forma visível.

Nas religiões de deuses pessoais degeneram estas forças abstratas em potestades físicas. A Água da Vida foi santificada pela Magia teológica; e quase todas as religiões, antigas como modernas, a consagraram. Se os cristãos a empregam no batismo como meio de purificação espiritual e nas orações; se os hindus reverenciam devotadamente as águas de seus rios, fontes e lagos sagrados; se os parses e maometanos

crêem em sua eficácia, seguramente algum significado oculto deve ter este elemento. Em Ocultismo representa o quinto princípio cósmico do setenário inferior.

A Hoste divina construiu o Universo com o Oceano ou as Águas do Caos. Nos livros mosaicos, a água e a terra representam a Matéria-prima e o princípio criador (feminino) de nosso plano. Moisés era um Iniciado.

Os cabalistas judeus simbolizam os elementos só na sua aplicação às coisas manifestadas.

Caos é Theos que se converte em Kosmos; é o Espaço, onde todas as coisas se contêm. Os egípcios, caldeus e outros povos chamavam-no Tohu-vah-bohu (caos, confusão), porque o Espaço é o arsenal da criação donde procedem não só as formas, mas também as idéias que só podem receber expressão por meio do Logos, o Verbo, a Palavra, o Som.

Os números 1, 2, 3 e 4 são as sucessivas emanações da Mãe, (o Espaço), segundo vai tecendo suas vestes, estendendo-as sobre as sete etapas da criação (a Natureza não pode surgir do vazio; há de existir material que permita moldar as formas do Universo). Estamos mentalmente obrigados a supor um caos, do qual nosso Criador forme os mundos.

O rolo gira sobre si mesmo, pois se une um extremo a outro no infinito; e aparecem os números 4, 3 e 2, o único lado do véu que podemos perceber, pois o número 1 se perde em sua inacessível solidão.

O Pai, que é o Tempo sem limites, engendra na eternidade a Mãe, que é o infinito Espaço; e a Mãe engendra o Pai em Manvântaras (divisões de durações) no dia em que o mundo se converte em um Oceano. Então a Mãe se converte em Nara (o grande Mar). Porque o Supremo Espírito se move sobre as águas quando se diz que o 1, 2, 3 e 4 descem e moram no mundo invisível, enquanto o 4, 3 e 2 se convertem nos limites do mundo visível e material para intervir nas manifestações do Pai (o Tempo). (Comentário da Estância IX sobre os ciclos.)

OS ÍDOLOS E OS TERAFINS

Terah, pai de Abraão, construía imagens que tomaram o nome de terafins, por causa de seu construtor. Eram tão "ídolos" como qualquer estátua ou imagem paga.

O mandamento: "Não adorarás imagens talhadas" (ou terafins) deve corresponder a data posterior, e não foi obedecido pelo povo, pois o culto aos terafins foi geralmente usado entre os semitas. Estas estátuas, de tamanho natural, eram dedicadas aos anjos a fim de atrair a elas a presença de um espírito, de modo que respondessem às perguntas dos consulentes. Na versão dos Setenta se lê: "terafim, forma ou semelhança, escultura ou receptáculo, manifestações, realidades, luminosa e brilhante semelhança". A Vulgata traduz a palavra por "men-

sageiros anunciantes", demonstrando, assim, que os terafins eram os oráculos.

O padre Kircher afirma categoricamente que a estátua do Serápis egípcio era idêntica aos terafins do templo de Salomão.

Eram as estátuas animadas, os deuses, que nos templos do Egito, Caldéia, Grécia e outras nações, se comunicavam com as pessoas por meio dos adeptos e sacerdotes Iniciados. Os adoradores dos terafins pretendiam que a Luz dos planetas penetravam nas esculpidas imagens, de modo que por seu meio se podiam comunicar e ensinar aos homens as artes mais úteis.

Os terafins de Terah eram os deuses Cabiros. O deus Kivan, adorado no deserto pelos hebreus, sob a forma de serpente de bronze, é Shiva ou Saturno. A história da Grécia nos conta que o arcadiano Dárdano recebeu os terafins como um dom e os levou primeiro a Samotrácia e, depois, a Tróia, onde foram adorados muito tempo antes da época florescente de Tiro e Sidon, ainda que a primeira se fundou no ano 2.760 antes de Cristo. Donde os tomou Dárdano?

Marcelino afirma que as adivinhações dos antigos se realizavam sempre com a ajuda dos espíritos elementais. Porém estes não são os Espíritos Planetários, nem seres divinos, mas simplesmente criaturas que moram em seus respectivos elementos, chamados espíritos elementares pelos cabalistas, e elementais pelos teósofos. Os espíritos angélicos pertencem a outras ordens. O Padre Kircher (jesuíta) diz: "Cada um dos deuses tinha seu instrumento de adivinhação para manifestar-se por seu meio. Cada um tinha a sua especialidade: Serápis ensinou a agricultura; Anúbis, Ciências; Horus aconselhava sobre assuntos de natureza psíquica e espiritual; Isis predizia as inundações do Nilo."

No Antigo Testamento se diz que Jeová se comunicava com seus eleitos só por meio do terafim, e isto o equipara com os demais deuses inferiores, incluso do paganismo. No Livro dos Juizes (XVII, 3 a 5) vemos que Micah consagrou a Jeová um éfod e um terafim fundido com os 200 siclos de prata que lhe havia dado sua mãe. No Gênese vemos Rebeca consultando o Senhor que lhe revelou várias profecias. Saul deplora o silêncio do éfod e Davi consulta o tumim e recebe do Senhor advertências várias acerca do melhor meio de aniquilar seus inimigos. No entanto, o tumim e urim, que em nossos dias são objetos de tantas conjecturas e especulações, não os inventaram os judeus nem tiveram origem entre eles, porque os Hierofantes dos templos egípcios levavam um peitoral de pedras preciosas em tudo semelhante ao do sumo-sacerdote dos israelitas. Os sacerdotes egípcios levavam no pescoço uma imagem de safira que chamavam Verdade, porque nela se manifestava a Verdade.

Diz Seldeno que na antigüidade estes meios se estabeleceram a princípio com propósitos de comunicação angélica e divina. Porém o Espírito Santo não falou só aos filhos de Israel, nem unicamente

necessitaram os judeus um tabernáculo para semelhantes comunicações teofânicas ou divinas, porque nenhuma filha da Divina Voz (Bath-Kol) das chamadas tumim, poderia ouvir os judeus, nem os pagãos, nem os cristãos, se não dispusesse de um tabernáculo a propósito para isso. O tabernáculo era, simplesmente, o arcaico telefone daqueles tempos de magia, quando os poderes ocultos se adquiriam por iniciação, segundo ocorre hoje em dia. O século XIX substituiu o tabernáculo pelos médiuns naturais, em vez dos sumos-sacerdotes e Hierofantes.

Em todos os tempos houve e há espíritos bons e maus, benéficos e maléficos, porém a dificuldade está em distinguir uns dos outros.

Os elementos do Zodíaco não figuraram somente nas doze pedras de Heliópolis, chamadas "mistérios dos elementos", mas se achavam, também, no templo de Salomão, e ainda hoje podem ser vistas em vários templos da Itália e até em Notre Dame de Paris.

Foram vãs as advertências de Clemente quando pôs na boca de Pedro as palavras: "Não adorareis a Deus como o fazem os judeus, que pensam que só eles conhecem a Divindade e não percebem que em vez de adorar a Deus, eles adoram os anjos e a Lua."

Jeová era só um gênio tutelar, o Espírito do povo de Israel, um dos "espíritos superiores dos elementos", e nem sequer um Espírito Planetário.

Não se adverte, portanto, a grande diferença entre o ídolo da Lua ou terafim caldeu que servia de meio de comunicação com Saturno, e o ídolo de urim e tumim, órgão de Jeová. Os ritos ocultos, que em seus começos constituíram a mais solene e sagrada ciência, foram caindo, por degeneração da espécie humana, em feitiçaria, chamada agora superstição.

Daí se infere que a declaração do adepto caldeu Qu-tamy, ao dizer que quanto expõe em sua obra aos profanos foi ensinado por Saturno à Lua, da Lua a seu ídolo, e desse ídolo ou terafim a ele, não implica em idolatria, pois Davi empregou o mesmo método.

O citado Iniciado caldeu floresceu muitíssimo antes de Moisés, em cuja época a ciência sagrada do santuário era pujantíssima.

A MAGIA EGÍPCIA

Poucos estudantes de Ocultismo tiveram a oportunidade de examinar os papiros egípcios, esses ressuscitados testemunhos que evidenciaram a antiquíssima prática da magia branca e da magia negra, muitos milhares de anos antes da chamada noite dos tempos. O uso do papiro durou até o século VIII de nossa era, quando caiu em desuso a sua fabricação. Logo os arqueólogos começaram a buscar e levar do país os mais curiosos exemplares exumados. Ainda se conservam alguns de muita valia no Cairo, se bem que a maior parte deles esteja virgem de estudo. Os caracteres gráficos destes papiros são às vezes

hieróglifos, outras a escritura hierática ou sagrada, em linhas horizontais da direita para a esquerda, como em todas as línguas semíticas. Por fim se encontra a escrita vulgar dos documentos públicos, a qual desde a época dos Ptolomeus se estendeu aos monumentos. No Museu Britânico se conserva uma cópia do papiro de Harris — o papiro mágico — traduzido por Chabas.

Nas coleções de Harris e Anastasi, como em alguns papiros recentemente descobertos, se relata uma série de sucessos mágicos anteriores aos reinados dos faraós Ramsés II e III. Este curioso papiro pertence ao século XV antes de Cristo, e o escreveu Tutmés no tempo de Ramsés V, último monarca da décima oitava dinastia, anotando nele alguns pormenores dos sucessos relativos ao desfalque que se cometeu nos dias 12 e 13 do mês de Paophs.

Demonstra o documento que naquela época de milagres, estavam incluídas também as múmias no número de contribuintes. Tudo, absolutamente, devia pagar impostos e, por insolvência do Khu da múmia, castigava-o o sacerdote com exorcismos visando privá-lo de sua liberdade de ação. Que era pois o Khu? Simplesmente o corpo astral. Vida e morte estavam submetidos a "conjuros" sagrados. De um modo ou de outro os papiros estão cheios de magia, assim como as esteias.

Até o papiro era preparado por processos mágicos, segundo as instruções dos deuses; os ingredientes e instrumentos para o seu preparo eram especiais.

Aí estão os fatos irrebatíveis, segundo nos mostram centenas desses misteriosos papiros exumados depois de um descanso de quatro a cinco mil anos.

Uma pequena biblioteca achada em Tebas proporcionou fragmentos de todos os gêneros de literatura antiga, muitos dos quais datados desde a época de Moisés. Há Ética, História, Religião, Medicina, Calendários, Registros, Poesias, Novelas, Lendas e Tradições, correspondendo a esquecidas idades e contados como vindos de uma antigüidade imensa, o período das dinastias dos deuses e gigantes.

Não faltaram orientalistas modernos que parecem ter um vislumbre da verdadeira natureza de semelhantes coisas, especialmente da analogia e relações entre a magia dos antigos e nossos modernos fenômenos psíquicos. Citaremos, como exemplo, Chabas, tradutor do papiro de Harris: Sem recorrer às imponentes cerimônias da varita de Hermes, um hipnotizador pode, em nossos dias, com uns tantos passes, perturbar o organismo do paciente, inculcar-lhe o conhecimento de línguas estranhas, transportá-lo a longínquas terras, introduzir-se em secretos lugares, adivinhar o pensamento dos ausentes, ler cartas fechadas e etc... O hipnotizador de hoje supera o oráculo da antigüidade, já que este unicamente falava e o oráculo de nossos dias escreve suas respostas. Assim as supostas ciências ocultas ocupam nos anais da humanidade um lugar que não deixa de ter importância, e atraem por mais de um motivo a atenção do filósofo e do historiador.

Se há diferença entre os escritos de um Deus e de outros Deuses, consiste somente em suas respectivas naturezas e, se pelos frutos se conhece a árvore, devemos dar preferência aos deuses do paganismo. É o imortal ser ou não ser.

Vamos agora examinar um destes papiros exumados; escolhemos o chamado Nevolen, do sacerdote Nevo-loo, que se conserva no Louvre.

Primeiro aparece o esquife, com o ataúde em forma de arca negra, que contém a múmia do defunto. Junto à múmia estão Ammenbem-Heb sua mãe, e Hooissanoob sua irmã. Respectivamente na cabeça e nos pés do cadáver, Néftis e Isis vestidas de vermelho e perto delas um sacerdote de Osíris envolvido em sua pele de pantera, com o incensório na mão e quatro acólitos que levam as entranhas da múmia. O deus Anúbis, o de cabeça de chacal, recebe o ataúde das mãos das carpideiras. Então a Alma surge do cadáver e do Khu, ou corpo astral do defunto, e começa a adorar os quatro gênios do Oriente, as aves sagradas, e a Ammon.

Introduzido no Palácio da Verdade, o defunto comparece ante os seus juizes. A Alma simbolizada por um escaravelho está diante de Osíris, e o Khu, o corpo astral, fica à porta. Muito riram os ocidentais das invocações às várias divindades que presidem a cada um dos membros do corpo físico; os cabelos do defunto pertencem ao Nilo, seus olhos a Ísis, suas orelhas a Macedo, o guardião dos trópicos; seu nariz a Anúbis; sua fonte esquerda ao Espírito que mora no Sol. O Livro dos Mortos dos egípcios revela uma doutrina muito precisa sobre a imortalidade da Alma e sua ressurreição pessoal.

A Psychostasy, ou juízo da Alma, é, verdadeiramente, um poema para quem sabe lê-lo e corretamente interpretar as imagens que ele apresenta.

Na pintura examinada aparece Osíris com chifres e um cetro curvo, em seu extremo superior (origem do báculo dos bispos); acima está voando a alma, confortada por Tmei, filha do Sol da Justiça e deusa da Bondade e da Misericórdia. Horus e Anúbis pesam as ações da Alma.

Num dos papiros se vê o Sol no ato de condenar um glutão a renascer na Terra no corpo de um porco; o que leva certo orientalista a considerar como prova da crença na metempsicose ou transmigração das almas ao corpo de animais. Talvez a oculta lei de Karma possa explicar de outro modo esta passagem. A Doutrina Oculta ensina que Karma espera três mil anos no umbral do Devakan, e que o Ego eterno se reencarna de novo, para em sua nova personalidade temporal expiar pelos sofrimentos os pecados cometidos na anterior existência. A Lei Kármica é infalível.

A linguagem metafórica dos sacerdotes só foi revelada superficialmente, e a interpretação dos hieróglifos não foi até agora muito acertada.

Já em Ísis sem Véu se disse que: 350

A filosofia dos ciclos alegorizada pelos Hierofantes egípcios no Ciclo na Necessidade, explica ao mesmo tempo a alegoria da queda do homem. Segundo as descrições árabes, cada uma das sete câmaras das Pirâmides (os maiores símbolos cósmicos) levavam o nome de um planeta. A peculiar arquitetura das Pirâmides demonstra o pensamento metafísico dos seus construtores. A cúspide se perde no azul do firmamento da Terra dos faraós, e simboliza o ponto primordial perdido no Universo Invisível, onde surgiu a primeira Raça dos protótipos espirituais do homem.

Toda múmia perdia, ao ser embalsamada, um aspecto de sua personalidade física; ela simbolizava a raça humana. Colocada do modo mais adequado, para facilitar a saída da "Alma", havia esta de passar através das sete câmaras planetárias antes de alcançar a simbólica cúspide. Cada câmara significava, ao mesmo tempo, uma das sete esferas (de nossa Cadeia) e um dos sete mais elevados tipos da humanidade físico-espiritual que se considera planejada acima de nós. Cada 3.000 anos, a Alma representativa de sua Raça tinha de voltar ao ponto de partida, antes de começar outra mais perfeita evolução física e espiritual.

Tudo isto é mágico quando se conhecem os pormenores e, ao mesmo tempo, se refere à evolução de nossas sete Raças-Raízes com as características respectivas do Deus e do planeta de cada uma.

A mística doutrina do Ocultismo oriental ensina que:

O Ego Espiritual, (não o astral Khu) há de voltar a visitar, antes de se encarnar em novo corpo, os lugares que deixou em sua última encarnação. Há de ver e conhecer por si mesmo os efeitos produzidos pelas causas que suas ações engendraram em uma vida anterior, pois ao vê-las, reconhecerá a justiça do destino e ajudará a lei de retribuição (Karma) em vez de impedi-la.

Osíris é o vencedor dos demônios aéreos, e o adorante implora seu auxílio contra Mata, "cujos olhos despedem a invisível flecha". Esta "invisível flecha", que procede do olho do feiticeiro e "circula através do mundo", é o que vulgarmente se chama mau olhado, cósmico em sua origem e terrestre em seus efeitos no plano microcósmico.

O papiro de Harris, traduzido por Chabas, é um manuscrito de caracteres hieráticos, adquirido em Tebas por Harris, em 1855, e comentado por Chabas em 1860. Calcula-se sua antigüidade entre 28 e 30 séculos.

Os Khus ou corpos astrais eram de duas classes: primeira, os justificados ou absolvidos pelo Tribunal de Osíris, que gozavam de uma segunda vida. Segunda, os que eram culpados e condenados a morrer uma segunda vez. Esta segunda morte não os aniquilava, mas os condenava a vagar de um para outro lado para tormento dos vivos. Sua existência tinha fases análogas às da vida terrena com a íntima relação entre os vivos e os mortos, como se nota nos ritos funerários, exorcismos, orações e conjuros mágicos. E comenta Chabas: "Estes Khus eram seres humanos no estado posterior à sua morte, e eram exorcisados em nome do deus Chons... Os manes podiam penetrar no corpo dos vivos, persegui-los e obsessioná-los.

No templo tebano de Khus, deus que tem poder sobre os elementares, encontrou o egiptólogo Prisse d'Avenue uma inscrição que, levada à Biblioteca Nacional de Paris, foi traduzida por Birch. Esta inscrição resume toda uma novela de magia remontando à época de Ramsés XII (Lepsius), que reinou 1.300 anos antes de Cristo, e pertencente à vigésima dinastia.

Conta o documento o seguinte:

Um dos Ramsés da vigésima dinastia se achava em Naharain recolhendo os tributos que o Egito recebia das nações asiáticas, quando se apaixonou por uma filha do reizinho de Bakhten, um de seus tributários. Casou-se com ela e levou-a para o Egito, elevando-a à dignidade de Rainha com o nome de Ranefrú. Pouco depois o sogro de Ramsés enviou-lhe um mensageiro suplicando-lhe auxílio da ciência para Bent-Rosch, irmã menor de Ranefrú, que tinha adoecido dos membros. Pedia o rei de Bakhten que mandasse "um sábio", um Iniciado (Reh-Het) socorrer sua filha.

O Faraó ordenou que todos os hierogramatas do palácio e guardiães dos livros sagrados e secretos de Khen acudissem à sua presença, e entre todos escolheu o real escriba Thoth-em-Hebi, homem mui versado e erudito, para que examinasse a enferma. Chegando a Bakhten, viu Thoth-em-Hebi que Bent-Rosch estava possuída por um Khu e declarou que não se sentia com forças para lutar com ele. Passaram-se onze anos e a moça continuava no mesmo. Seu pai tornou a enviar um mensageiro e uma formal petição ao Faraó para socorrer sua filha. Seguiu então para Bakhten uma das formas divinas de Chons, o Deus Filho da Trindade Thebas-Khons-peiri-Seklerem Zam.

Quando o encarnado Deus a saudou, Bent-Rosch sentiu-se aliviada e o Khu que a possuia manifestou no ato seu propósito de obedecer às ordens do Deus, dizendo: Ó Grande Deus, que fazes desvanecer os fantasmas; sou tua escrava e voltarei para donde eu saí.

Evidentemente Khons-peiri-Seklerem-Zam era um régio hierofante da categoria chamada "Filhos de Deus", isto é, um completo Iniciado.

O mesmo texto conta que uma vez, viajando com um sacerdote de Mênfis, disse-lhe este que tinha permanecido vinte e três anos nas criptas do templo, recebendo instruções mágicas da mesma deusa Ísis. Sesóstris o Grande (Ramsés II) foi instruído por Mercúrio, nas ciências sagradas.

No papiro de Anastasis, repleto de fórmulas de invocações e evocações aos deuses e exorcismos aos Khus e espíritos elementares, o versículo sétimo evidencia a distinção entre os verdadeiros deuses, os anjos planetários e os despojos dos defuntos no Kamaloka.

Este versículo diz: Só quando haja absoluta necessidade, e quando alguém se sinta absolutamente puro e irrepreensível, poderá invocar o grande e divino nome. Não ocorre o mesmo com as fórmulas de magia negra.

A magia era tida por ciência divina que conduzia a participar dos atributos da mesma divindade. Diz Cícero: A iniciação não somente nos ensina a ser felizes nesta vida como também a morrer com a esperança em algo melhor.

Pensando no que aprendeu na iniciação, Plutarco se consolou com a morte da esposa.

Nos mistérios de Baco, Plutarco havia adquirido a certeza de que o espírito é incorruptível, e que há um além. Como dizia Porfírio, no momento da morte, há de estar nossa alma como está durante os Mistérios, isto é, limpa de manchas, paixão, inveja, ódio e cólera. Heródoto, Tales, Parmênides, Empédocles, Orfeu e Pitágoras aprenderam dos Hierofantes egípcios a Sabedoria Divina com o anelo de resolver os problemas do Universo. Diz Fílon:

Os Mistérios revelavam as ocultas operações da Natureza. Os prodígios realizados pelos sacerdotes de magia teúrgica são tão autênticos e tão irresistíveis que sobrepujaram os milagres dos cristãos. Supõe Brewster, nos primeiros, maior idoneidade em ciências físicas e filosofia natural.

Uns 560 anos antes de Cristo se descobriu em Roma uma sociedade secreta, escola de Magia negra da pior espécie, que celebrava mistérios importados da Etrúria e cuja imoralidade se difundiu por toda a Itália.

Foram perseguidos mais de 7.000 Iniciados e a maior parte condenada à morte. Tito Lívio nos falou que num só ano foram condenados 3.000 Iniciados desta escola, pelo crime de envenenamento.

Catorze séculos antes de Cristo levaram os pelasgos o oráculo egípcio do grande e divino nome à Dodona e o transmitiram aos antepassados dos helenos, segundo se lê em Heródoto.

Júpiter, que havia amado a Dodona, formosa ninfa do Oceano, ordenou a Pelasgo que introduzisse o seu culto na Tessália. O nome do Deus no oráculo de Dodona era Zeus Pelágicos, ou Zeus Páter, Jaho Pater, "o que foi, o que é, e o que será", o Eterno.

O testemunho de tantos sábios antigos e filósofos corroboram que estes papiros anotam as reais dinastias de Manas, a saber, das sombras e fantasmas (corpos astrais); e tais fatos de magia e fenômenos ocultos que o mais crédulo ocultista atual vacilaria em admitir sua certeza.

A ORIGEM DOS MISTÉRIOS

A origem dos mistérios remonta à Quarta Raça-Raiz. Foram comunicados aos eleitos desta Raça quando a generalidade dos Atlantes começou a mergulhar no pecado, e resultava perigoso confiar-lhes os segredos da Natureza.

Os tratados ocultos atribuem o estabelecimento dos mistérios aos Reis Iniciados das Dinastias divinas, nos tempos em que os Filhos de Deus consentiram que seus países se convertessem em terras do vício.

Infere-se de sua antigüidade pelo culto de Hércules no Egito. Os sacerdotes desta nação disseram a Heródoto que esse Deus não era grego, mas um dos doze deuses maiores, procedentes dos oito deuses primitivos, 17.000 anos antes de Amásis. Hércules tem origem na índia

e era o Baladeva dos árias. Krishna e Baladeva são os senhores da raça de Heri, donde os gregos derivaram o nome de Hércules: Heri-cul-es (da raça de Heri).

A Doutrina Secreta explica que Hércules foi a última encarnação de um dos sete Senhores da Chama, tomando corpo em Baladeva, irmão de Krishna.

Suas encarnações se processaram durante as Terceira, Quarta e Quinta Raças-Raízes e os últimos emigrantes introduziram no Egito o culto que se lhe tributava em Lanka e índia.

Os gregos diziam que Hércules nascera em Tebas e realizou suas doze façanhas em Argos.

No princípio não havia Mistérios; o conhecimento era propriedade comum, e predominou universalmente durante a Idade de Ouro ou Satya Yuga, porque então a natureza do homem era mais divina que humana.

Ao multiplicar-se rapidamente o gênero humano, multiplicaram-se também as idiossincrasias de corpo e mente, e então o encarnado espírito manifestou a sua debilidade. O egoísmo nasceu dos desejos e paixões até então desconhecidos, pelo que os homens abusaram de seu poder e sabedoria até que foi preciso limitar o número dos que sabiam. Assim começou a Iniciação.

Cada país arranjou um especial sistema religioso, acomodado à sua capacidade intelectual e suas necessidades espirituais; porém os sábios prescindiam do culto a simples formas e restringiram a muito poucos o verdadeiro conhecimento. A necessidade de encobrir as verdades para resguardá-las de possíveis profanações se fez sentir mais e mais em cada geração e, assim, o véu tênue, a princípio, foi gradualmente se fazendo espesso e conduzindo aos Mistérios. Estes se estabeleceram em todos os países e povos, e procurou-se, ao mesmo tempo, para evitar contendas, que na mente das massas profanas se aprofundassem crenças exotéricas inofensivamente adaptadas às inteligências vulgares, como uma história para crianças, sem temer que a fé popular prejudicasse as filosóficas e abstrusas verdades ensinadas nos Santuários.

As lógicas e científicas observações dos fenômenos naturais que conduzem o homem ao conhecimento das eternas verdades, e permitem que ele se acerque à observação livre de prejuízos, e veja com os olhos espirituais antes de olhar as coisas sob o seu aspecto físico, não se acham ao alcance do vulgo. As maravilhas do Espírito Único, da sempre culta e incompreensível Divindade, só podem assimilar-se por meio de suas manifestações nos ativos poderes dos deuses secundários. Se a Causa Universal e ünica permanece para sempre in abscondito, sua múltipla ação se descobre nos efeitos da Natureza. Como o termo médio da humanidade só adverte e reconhece esses efeitos, deixou-se que a imaginação popular desse forma às Potestades que os produzem. E, com o rodar dos tempos, na Quinta Raça, a Ária, alguns sacerdotes

pouco escrupulosos se prevaleceram das simples crenças do povo e acabaram por elevar tais Potestades secundárias à categoria de deuses, isolando-as completamente da Única e Universal Causa de todas as causas. Os direitos de sangue suplantaram os do verdadeiro mérito e desta maneira se instituiu a poderosa casta dos brâmanes.

Desde então, o conhecimento das verdades primitivas permaneceu por completo nas mãos de Iniciados. Os Mistérios tinham seus defeitos e pontos fracos, como tem toda instituição entre humanos elementos; mas graças aos Mistérios, o homem não caiu na completa brutalidade.

O primeiro e básico princípio da força moral e o poder é a associação e a solidariedade de pensamento e de propósito. Os Filhos da Vontade e da Yoga se uniram para resistir às terríveis e sempre crescentes iniqüidades dos magos negros da Raça Atlante. Isto determinou a fundação de escolas, ainda mais esotéricas, de templos de instrução e de mistérios impenetráveis antes de se ter passado por tremendas provas.

Os Mistérios da Iniciação foram trazidos da Atlântida pelos Árias, e serviram de base a todas as leis civis, políticas e religiosas.

Um Iniciado deve praticar quantas virtudes lhe sejam possíveis: justiça, fidelidade, liberalidade, modéstia e temperança.

A fim de realizar uma reforma das massas, há necessidade de uma dual transformação: 1) Divorciar-se de todo o elemento exotérico de superstição e de falsa piedade; 2) educar e instruir até se evitar o perigo da escravidão a um homem ou a uma idéia.

Isto pode parecer paradoxo, em vista do exposto acima.

Os sacerdotes egípcios não eram em rigor ministros da religião. A palavra sacerdote, cuja tradução foi mal interpretada, teve significado muito diferente do que tem entre nós. Entre os Iniciados egípcios a palavra sacerdote significava "filósofo". O sacerdócio egípcio foi, segundo parece, uma assembléia ou confederação de sábios que se reuniam para estudar a arte do governo, centralizar o domínio da verdade, modular sua divulgação e conter sua demasiado perigosa dispersão. Os sacerdotes egípcios tinham as rédeas do governo segundo o costume herdado dos Atlantes Iniciados. O puro culto da Natureza, nos primitivos dias patriarcais, foi patrimônio só daqueles que souberam descobrir o número atrás do fenômeno.

A palavra patriarca aplicou-se, em seu primitivo significado, aos progenitores da Raça humana, os Pais, Chefes, Instrutores dos primeiros homens.

Posteriormente, os Iniciados transmitiram seus conhecimentos aos reis humanos, do mesmo modo que os Divinos Mestres o comunicaram aos seus antepassados. O privilégio da realeza passou, por meio dos faraós do Egito, aos monarcas de nossa Quinta Raça. Os faraós foram todos iniciados nos Mistérios da Medicina e curavam enfermos; eram curadores por tradição e privilégio, e na arte de curar os auxiliavam os Hierofantes dos templos nos pontos ocultos que ignoravam.

Como poderiam os sacerdotes egípcios adquirir tão maravilhoso conhecimento em todos os ramos da Ciência, sem dispor de mais antigo manancial?

No grande santuário de Tebas estudou Pitágoras, ao voltar da índia, a ciência dos "números ocultos". Em Mênfis popularizou Orfeu a metafísica hindu, acomodando-a ao nível mental da Magna Grécia, e ali aprenderam tudo quanto sabiam Tales e Demócrito. Em Sais recai a honra da maravilhosa legislação e arte de governar os povos, comunicada por seus sacerdotes a Licurgo e a Sólon, cujos códigos foram a maravilha das gerações posteriores.

E se Platão e Eudóxio não tivessem adorado no Santuário de Heliópolis, não teriam assombrado a posteridade com a sua Ética e Matemática.

A filosofia hindu isenta de Mistérios penetrou na Caldéia e na Pérsia, dando origem à doutrina dos Mistérios egípcios. Estes foram anteriores aos hieróglifos que deles dimanaram como permanentes arquivos necessários para preservar e comemorar seus segredos. A palavra hieróglifo deriva das gregas Hieros (sagrado) e Glyfo (gravar). Os caracteres egípcios estavam consagrados aos deuses como na índia o Devanagari era a língua sagrada.

Constituíram a primeira filosofia que serviu de pedra angular à moderna. Porém a progênie, ao perpetuar as formas do corpo externo, perdeu no caminho a alma e o espírito do progenitor.

A Iniciação era vazia de dogmas, de disciplina física e de ritual exclusivo, no entanto era a única verdadeira Religião, a da Eterna Verdade. Externamente era escola e colégio, onde se ensinavam ciências, artes, ética, legislação, filantropia, o culto da real natureza dos fenômenos cósmicos, cujas provas práticas se davam durante a celebração dos Mistérios. Chegavam à Iniciação os capazes de aprender a verdade das coisas, isto é, os que podiam olhar de frente Isis sem véu, e enfrentar a pavorosa majestade da deusa.

Que rei, por poderoso que fosse, ousaria livrar da jurisdição dos austeros sacerdotes o súdito que cruzasse a soleira do sagrado Adytum?

Os nobres preceitos que ensinavam os Iniciados das primitivas Raças se propagaram e difundiram por todos os cantos do mundo. Tudo quanto de bom, grande e nobre há na Natureza humana, todas as faculdades e aspirações divinas eram cultivadas pelos sacerdotes filósofos para inculcá-lo nos Iniciados.

Seu código de ética, baseado no altruísmo, chegou a ser universal.

No Fedro, afirma Platão:

É evidente que os fundadores dos Mistérios, ou secretas Assembléias de Iniciados, não eram simples mortais, mas potentes gênios que desde os primitivos tempos procuraram dar-nos a entender por meio de enigmas que quem chegue impuro às regiões invisíveis será precipitado nos abismos, enquanto o que as alcança já purificado das manchas deste mundo, e experto em virtude, será recebido na morada dos deuses.

O que os Deuses e os Anjos revelaram, as religiões exotéricas, começando pela de Moisés, voltaram a velar e o ocultaram durante idades da vista do mundo. Iniciado foi José, o filho de Jacó, pois do contrário não teria se casado com Aseneth, filha de Petefre ou Putifar ("o que pertence a Phre, o Deus Sol"); sacerdote de Heliópolis e governador de "On" (nome egípcio de Heliópolis).

Todas as verdades reveladas por Jesus foram veladas de novo pela Igreja que pretende servi-Lo.

A Quinta Raça Ária recebeu estas doutrinas de seus antepassados da Quarta Raça, os Atlantes, e as conservou, piedosamente, enquanto os seus progenitores chegavam ao seu fim, gradualmente, tornando-se mais arrogantes em cada geração por causa da aquisição de poderes sobre-humanos.

A PROVA DO INICIADO DO SOL

Começaremos pelos antigos Mistérios que os primitivos Ários receberam dos Atlantes. O Rig Veda nos oferece um período da vida intelectual do homem, sem semelhança em nenhuma outra parte do mundo. Nos seus hinos vemos como o homem inquire os enigmas desta vida, invoca os deuses e os adora; mas ele descobriu em seu próprio peito uma força que nunca emudece quando ele roga, nem se ausenta quando ele treme e teme. Esta força parece inspirar suas preces e, no entanto, as escuta; parece viver nele, e não obstante o sustenta e o rodeia. Para essa força acha apropriado o nome de Brahmâ, porque significa, etimologicamente, força, vontade, anelo e potência criadora.

Logo que dá nome a este impessoal Brahmâ, surge dentro dele algo maravilhosamente divino, e acaba por ser um dos vários deuses da grande Trindade adorada até nossos dias. Apesar disso, não tem nome o pensamento subjacente em seu interior, a força com ele mesmo identificada, que sustenta céus e deuses e todo o ser animado. Por fim o chama At ma que quer dizer alento, espírito e chega a ter o significado do Eu, seja divino ou humano, criador ou sofredor, ora um ora todo, porém sempre o Eu, o Ser independente e livre.

Quem viu o primeiro nascido? pergunta o poeta...

O Eu é o senhor e o rei de todas as coisas; pois todas estão contidas nele, no Eu, como os raios de uma roda estão contidos no seu cubo. Todos os eus estão contidos neste Eu.

Este Eu supremo, único e universal, foi simbolizado no plano físico pelo Sol, cujo vivificante resplendor é emblema por sua vez da Alma que mata as paixões carnais, que são sempre um obstáculo para a reunião do Eu individual (o Espírito) com o Eu Total. Daí o mistério alegórico que só podemos descrever em bosquejo e que estabeleceu os Filhos da Luz e da Névoa de Fogo. O segundo Sol aparecia posto à prova pelo Hierofante, que cortava sete de seus raios e os substituía

com uma coroa de espinhos. O Sol, representado nos Mistérios por um neófito disposto para a Iniciação, descia, então, ao Patala, ou regiões inferiores, para sofrer a prova de Tântalo; triunfante dela, ressurgia desta região de iniqüidades e vícios, convertendo-se em testemunha do Karma dos homens, Surya, o Sol, e ascendia de novo com toda a glória de sua regeneração. Esta fábula do popular Panteon hindu, dramatizada nos Mistérios, se estendeu, no curso de sua exotérica evolução, nas subseqüentes alegorias.

É claro que nada se pode publicar acerca dos verdadeiros Mistérios e reais iniciações, porque só devem conhecê-los os que podem passar por eles, por terem capacidade para isso. O que se pode fazer é relatar algo das grandes cerimônias antigas, que o público tomava pelos verdadeiros Mistérios, e em que se iniciavam os candidatos. Atrás disso, no silêncio e na obscuridade, estavam os verdadeiros Mistérios, como sempre existiram e existem.

No antigo Egito se celebravam os Mistérios em épocas fixas, e o primeiro dia da celebração era uma festa pública para acompanhar os candidatos à Grande Pirâmide, onde ficavam ocultos de todos. 0 segundo dia era dedicado às cerimônias de purificação, depois das quais se apresentava o candidato vestido de branco. No terceiro, examinava-se o candidato para provar sua eficiência nos conhecimentos ocultos. No quarto dia era o candidato submetido a várias provas, e, por fim, entrava em letargo, permanecendo dois dias e duas noites numa cripta subterrânea e em plena obscuridade. Se saísse vencedor das provas, tinha o direito de tirar sete almas em pena (elementares), dos mundos inferiores. Revestido de seu corpo de bem-aventurança, voltava para receber a Palavra, com o "sangue do coração" do Hierofante ou sem ele.

Os Hierofantes tinham nos Mistérios o dogma da expiação, muitíssimos séculos antes que aparecessem os gnósticos e essênios. Designavam a expiação com o nome de "batismo de sangue", porém não era, segundo eles, uma redenção pela queda do homem no Éden, mas, simplesmente, uma expiação pelas culpas passadas, presentes e futuras da ignara e corrompida humanidade. O Hierofante podia escolher entre oferecer um animal por vítima do sacrifício, ou sua própria vida, pura e sem mancha, em sacrifício por sua Raça.

No momento do solene "novo nascimento", o Iniciado comunicava a Palavra ao Iniciado. Trata-se da "transfusão da Luz", da Vida espiritual e divina.

A Maçonaria possui grande parte do simbolismo, fórmulas e ritos do Ocultismo, transmitidos de geração em geração, desde a época das iniciações primitivas. Todos os Hierofantes e Iniciados eram representantes do Sol, e do princípio criador.

A morte engendra a vida. O Iniciado era compelido a destruir o Iniciador; era uma morte alegórica, a menos que o Iniciador tivesse decidido comunicar a suprema Palavra que só um homem em cada

nação podia conhecer, e neste caso tinha de morrer. Muitos grandes Iniciados desapareceram do mundo depois de transmitir a Palavra ao seu sucessor, como aconteceu com Moisés ao iniciar a Josué. Trata-se aí de efusão da Sabedoria.

O MISTÉRIO DO SOL E DA INICIAÇÃO

A antigüidade da Doutrina Secreta pode reconhecer-se quando se mostra, na História, o ponto em que os Mistérios já tinham sido profanados em proveito de déspotas ambiciosos e astutos sacerdotes. Os dramas religiosos de profunda ciência e filosofia, cujos argumentos estavam tecidos com as maiores verdades do universo espiritual e da Sabedoria oculta, eram já perseguidos muito antes da época de Platão e Pitágoras. No entanto, as primitivas revelações feitas ao gênero humano não tinham desaparecido com os Mistérios, e ficaram como patrimônio reservado a futuras gerações, mais espirituais.

Os ritos tinham caído em desuso e degenerado em especulações sacerdotais e ficções religiosas. No Egito se conheciam os Mistérios desde os tempos de Moisés; Orfeu os levou da índia para a Grécia.

Quando Orfeu recebeu de seu Pai, Apoio, o Phorminx (a lira de sete cordas, símbolo do sétuplo mistério da Iniciação), já os Mistérios tinham mofado com a idade, na Ásia Central e na Índia.

Se oito ou nove mil anos antes, a corrente de conhecimentos deslizou lentamente dos planaltos da Ásia central para a Índia, Europa e Norte da África, no ano 500 antes de Cristo começou a remontar a corrente para seu manancial de origem. Durante os dois mil anos seguintes ficou quase completamente extinto na Europa o conhecimento da existência de grandes Adeptos, ainda que em alguns lugares secretos se celebrassem os Mistérios em toda a sua primitiva pureza. Os verdadeiros Mistérios nunca se deram ao público.

Jâmblico chama o Sol de "a imagem da divina Inteligência ou Sabedoria". Eusébio chama o Sol Levante, "o Anjo Mestre", e acrescenta que o Arcanjo é polion no, o Verbo, ou Cristo. A palavra Sol deriva de Solus, isto é, Único e o seu nome grego Helios significa o Altíssimo.

Jeová é o conceito judaico do Java ou Iao dos fenícios, nome secreto de um dos Cabiros. Sansão, filho de Manoah, foi um Iniciado do Senhor Java.

Antes dele nascer, seus pais prometeram que ele seria nazarita, isto é, cheia ou adepto. Sua culpa com Dalila e a tonsura de seus cabelos, "até então não tocados por tesoura", demonstram como guardara bem os seus votos.

A alegoria de Sansão prova o esoterismo da Bíblia e, também, o caráter dos deuses dos Mistérios judaicos.

O Deus do Sinai é idêntico a Dionísio ou Baco; onde quer que Baco foi adorado, se conhecia a tradição de Nyssa, e da cova onde foi criado.

Nyssa era a cidade de Beth-San, na Palestina, e o mesmo nome tinha uma parte do monte Parnaso. Deodoro diz que Nyssa ficava entre a Fenícia e o Egito. Fora da Grécia, Baco era o Deus supremo e onipotente, o Zagreu a cujo serviço esteve Orfeu, o fundador dos Mistérios. Se Moisés não foi um Iniciado, um adepto cujas obras se relatam alegóricamente, teremos de admitir que ele e seu povo adoraram Baco, pois, segundo as escrituras, Moisés edificou um altar e lhe deu o nome de Jeová Nisso, isto é, Iao-Nisso, ou Dionísio. Osíris, o Zagreu egípcio ou Baco, nasceu no monte Sinai, chamado Nissa pelos Egípcios. A serpente de bronze era um nis e o Nisan é o mês da Páscoa judia.

OS OBJETIVOS DOS MISTÉRIOS

Os primeiros Mistérios que a História recorda são os de Samotrácia. Depois da distribuição do fogo puro, começava uma vida nova. Era o novo nascimento do Iniciado, mediante o qual se convertia em um "duas vezes nascido". Os mais antigos historiadores como Deodoro, Sículo, Heródoto e Sanconiatón, o fenício, dizem que a origem destes Mistérios se perde na noite dos tempos e remonta a milhares de anos antes da época histórica.

Conta Jamblico que Pitágoras foi iniciado em todos os Mistérios de Biblo e Tiro, nas sagradas cerimônias dos sírios e nos mistérios dos fenícios.

Pitágoras passou vinte e dois anos nos templos do Egito, em companhia dos Magos de Babilônia, que o instruíram em suas ciências, fazendo dele um hábil Teúrgo e Mago. Quando homens de tão elevado gabarito moral, como Pitágoras, Platão e outros, falaram tão bem dos Mistérios e neles tomaram parte com veneração, não se pode dar crédito aos críticos que os julgaram só pelas aparências, como Clemente de Alexandria, que abominava os Mistérios como "obscenos e diabólicos".

Os Mistérios constavam de duas partes: os Menores, efetuados em Ágrae e os Maiores, em Elêusis; e o mesmo São Clemente foi iniciado neles. Porém, as Katharsis ou provas de purificação sempre se entenderam mal. 0 que delas diz Jamblico explica as piores e sua explicação deveria satisfazer perfeitamente os que não estivessem cegos pelos prejuízos. Diz ele: As representações desta espécie, nos Mistérios, tinham por objetivo livrar das paixões licenciosas, recreando a vista e vencendo todo mau pensamento mediante a temerosa santidade que acompanha os ritos.

Ainda que nos Mistérios se admitissem pessoas de todas as condições e sexo, muito poucas alcançaram a iniciação final.

Diz Próculo, no quarto livro de sua Teologia de Platão: "O rito perfeito precede em ordem a iniciação chamada Telete muesis e a epopteia ou revelação final".

O último e mais imponente mistério era a amizade ou interior comunicação com Deus. Os Mistérios foram instituídos com os mais nobres e puros propósitos, apesar dos Padres da Igreja os chamarem de diabólicos.

Platão, falando sobre a Epopteia, diz: Uma vez iniciados nestes Mistérios, os mais santos de todos, ficamos livres das excitações dos demônios que nos assaltam periodicamente. Também tínhamos imóveis, simples e santas visões que apareciam numa bendita Luz. Esta velada confissão indica que os Iniciados desfrutavam da teofania. (Visão dos deuses e espíritos imortais.)

A afirmação de Próculo sobre o particular desfaz qualquer dúvida; vejamos:

Tudo quanto existe na Terra é semelhante à sombra de algo que está na esfera, e enquanto esta resplandecente coisa (o protótipo da Alma Espírito) permanece em imutável condição, o mesmo sucede à sua sombra. Quando esta coisa resplandecente se aparta de sua sombra, a vida se afasta da mesma. Além disso, essa luz é, por sua vez, a sombra de algo mais resplandecente, ainda, que ela.

Platão corrobora que os Mistérios dos antigos eram idênticos aos que hoje os budistas e adeptos hindus ainda praticam.

A doutrina dos Pítris Planetários e terrenos unicamente se revelam na antiga Índia, por completo, no momento da Iniciação aos adeptos de grau superior. Na Índia os Cheias do Terceiro Grau têm dois Gurus ou Mestres: um, o Adepto em carne mortal; outro, o desencarnado e glorioso Mahâtma, que dos planos superiores adverte e instrui até os elevados Adeptos. Poucos são os discípulos aceitos que vêem sequer, a seu Mestre vivo, seu Guru, até o dia e hora de seu definitivo e perpétuo voto. Em presença de seu Guru, o Iniciado sabe, e portanto "tudo afronta, e guarda silêncio".

A iniciação maçônica foi copiada dos Mistérios menores. Os Atlantes importaram os Mistérios na América Central e Meridional, no norte do México e no Peru. Subsistiam os Mistérios na época da invasão espanhola que destruiu os anais do México e Peru, ainda que não pudessem profanar as muitas pirâmides (lojas de uma antiga iniciação) cujas ruínas se vêem espalhadas em Ponte Nacional, Cholula e Teo-tihuacan. Muito conhecidas são as ruínas de Palenque, Ococimgo em Chiapa e outros povoados pré-colombianos da América Central. Se as pirâmides e templos de Guíengola e Mitla algum dia revelarem seus segredos, a presente Doutrina provará que foi uma precursora das maiores verdades da Natureza.

VESTÍGIOS DOS MISTÉRIOS

As torres que se encontram no oriente da Ásia estiveram relacionadas com os Mistérios da Iniciação; nelas eram colocados os candidatos durante três dias e noites, quando não havia por perto um templo

com cripta subterrânea. Nos últimos tempos, os antropomorfistas e Iniciados do caminho da esquerda se apoderaram da maior parte das venerandas ruínas silenciosas e abandonadas por seus primitivos sábios moradores e as converteram em monumentos fálicos. Assim como o Sol teve em todas as religiões exotéricas um aspecto dual: Osíris-Tifón, Ormuzd-Aríhman, Bel-Júpiter, assim os monólitos, colunas, pirâmides, torres e templos edificados originalmente para glorificar o aspecto superior, puderam degenerar-se com o tempo em templo idolatra, ou emblema fálico em sua crua forma.

O lingam dos hindus tem um significado altamente espiritual e filosófico, mas os missionários só vêem nele um "emblema obsceno'" que no entanto significa precisamente o mesmo que os pilares de pedra de que nos fala a Bíblia, erigidos em honra do masculino Jeová. Mas isto não obsta que os teocálli do México, os nuraghi de Cerdenha e os pudeyas dos gregos tivessem no mesmo caráter das "torres redondas". Eram lugares sagrados de iniciação.

Em 1877 a autora desta obra afirmou, apoiada na opinião de eminentes eruditos, que há grande diferença entre as palavras Chrestos e Christos, e de profundo significado esotérico.

Christos significa "viver", e "nascido para a nova vida", e Chrestos significa, em linguagem iniciática, "a morte da natureza íntima, inferior ou pessoal do homem". Por isso se dá aos brâmanes o nome de "duas vezes nascido".

Muito tempo antes da era cristã já havia Chrestos e tais eram os essênios.

Lepsius faz notar que a palavra Nofre significa Chrestos (bom) e que Onnofre, um dos nomes de Osíris, deve traduzir-se por "bondade de Deus manifestada". Segundo Mackenzie, nos tempos primitivos a adoração de Chrestos, o princípio do Bem, precedeu a alguns séculos o Cristianismo.

Em Origem das Medidas o autor, tratando da diferença entre os termos Chrestos e Christos, diz: "Houve dois Messias; um que desceu ao abismo para salvar o mundo. Este era o Sol despojado de seus áureos raios e coroado de espinhos como símbolo da felicidade perdida. O outro era o triunfante Messias que subiu ao cimo dos céus e foi personificado no "Leão da tribo de Judá". Em ambos os casos carregou a cruz, num por humilhação e noutro para regular a lei da criação, sendo ele Jeová".

Jesus é apresentado como Iniciado nos Mistérios egípcios, entre cujos ritos se contava o da morte e espiritual ressurreição do neófito, ou seja, o Chrestos sofredor em suas provas e novo nascimento por regeneração.

O abismo a que descia o Iniciado oriental era o Pátala uma das sete regiões do mundo inferior, governada pelo grande Deus Serpente.

No sentido profano, Pátala é a região dos antípodas; e assim chamavam os hindus ao Continente Americano. Os Nagas eram fabulosas

criaturas da linhagem das Serpentes, que pertenciam à categoria de seres superiores ao homem e eram considerados guardiães da lei de Buda.

Diz-se que Sakyamuni ensinou a estes seres espirituais um sistema religioso muito mais filosófico que o ensinado aos homens, que não estavam então bastante adiantados para recebê-lo.

A alegoria significa, simplesmente, que, tendo as Serpentes (os Adeptos) iniciado Nagarjuna, os brâmanes o expulsaram da Índia, temerosos de verem divulgados os Mistérios de sua ciência sacerdotal. Foi então que Sakyamuni passou à China e ao Tibete, onde iniciou muitos nas verdades dos ocultos Mistérios. Não se compreendeu, todavia, o oculto simbolismo de Narada, o Grande Rishi, autor de alguns hinos do Rig Veda, que se reencarnou mais tarde nos tempos de Krishna.

Narada é um dos filhos da Mente de Brahmâ; em sua primeira encarnação esteve diretamente relacionado com os "Construtores" e, portanto, com os sete "Reitores" que ajudaram a Deus na obra da criação. Como Orfeu, fundou os Mistérios. Desejoso de permanecer fiel ao seu voto de castidade, foi sentenciado a um novo nascimento; isto indica que ele era um Iniciado.

É curioso achar este Rishi com a mesma significação e dignidade do arcanjo São Miguel na religião cristã. Ambos são varões e os únicos de suas respectivas hostes que se recusam a criar.

No Paneon Hindu de Moor pode-se ver uma lâmina representativa de um neófito oriental em sua condição de Chrestos.

Muitos dos chamados "Salvadores" foram "bons Pastores", como o foi Krishna, e de todos eles se diz que "esmagaram a cabeça da serpente", isto é, venceram a sua natureza sensual e dominaram a divina e oculta Sabedoria. Apoio matou a Serpente Píton; Krishna a negra serpente Kalinaga.

Eis um sucinto relato dos quatro graus entre os sete da iniciação nos Mistérios de "Crata Nepoa", celebrados pelos sacerdotes egípcios.

Depois de passar em Tebas pelas "doze torturas" preliminares, exigia-se do neófito que, para sair triunfante de suas paixões e não perdesse por um momento a idéia de seu Deus interno e sétimo princípio, dominasse sua natureza sensual. Como símbolo da errante situação da alma impura, tinha de subir por várias escadas e vagar por uma obscura cova com muitas portas fechadas. Terminadas, vitoriosamente, estas provas, recebia o grau "Pastóforis", ao que sucediam os de "Neócoris" e "Melancforis". Então era levado a uma espaçosa câmara subterrânea com grande número de múmias jacentes e ficava em presença do ataúde, que continha o mutilado corpo de Osíris.

Esta era a Câmara chamada Portal da Morte. Vencido o terror desta prova, o neófito era conduzido à Câmara dos Espíritos para que eles o julgassem. Entre outras regras de conduta lhe davam estas:

1) Não alimentar jamais desejos de vingança.

2) Auxiliar sempre um irmão, com risco da própria vida.
3) Enterrar os mortos.
4) Honrar pai e mãe, acima de tudo.
5) Respeitar os superiores e proteger os débeis.
6) Recordar-se sempre, à hora da morte e da ressurreição num novo e imperecível corpo.

Recomendava-se a pureza e a castidade; o adultério se ameaçava com a morte. O neófito assim obtinha o grau de "Kristóforo", e então se lhe comunicava o misterioso nome de IAO.

Quando o gênero humano chegou ao ponto de conversão em que a natureza espiritual tinha de dar lugar à organização puramente física, teve que cair na matéria e na geração. Porém a evolução e involução do homem são cíclicas; acabará como principiou.

O rito inicial da vítima, que se sacrifica nos mistérios e morre espiritualmente para salvar o mundo da destruição, foi estabelecido durante a Quarta Raça para comemorar um sucesso que, fisiológicamente, é, agora, o Mistério dos Mistérios entre os problemas do mundo. Nas escrituras hebréias, Caim (o masculino) e Abel (o feminino) são o par que se sacrifica e imola derramando seu sangue de separação e união, com o objeto de salvar o gênero humano e inaugurar uma nova espécie ou raça fisiológica.

Saboreando, alternativamente, o fruto do bem e do mal, foi-se atrofiando, gradualmente, a espiritualidade e vigorizando a materialidade no homem.

Este é o mistério do hermafrodita, que os antigos mantiveram tão velado e secreto.

Nas "Virgens do Mundo", nas "Donzelas celestes", se personificou o puro ideal da mística Natureza e, mais tarde, na humana Virgem Maria, a Mãe do Salvador do mundo cristão.

OS MISTÉRIOS NA EUROPA

Segundo predisse Hermes em seu diálogo com Esculápio, chegou o tempo em que os ímpios estrangeiros acusaram o Egito de adorar monstros e que, unicamente, perduraram as inscrições gravadas nas pedras de seus monumentos, (enigmas ininteligíveis para a posteridade), dispersando-se seus escribas e Hierofantes. Os que ficaram no Egito para evitar a profanação dos sagrados Mistérios se refugiaram nos desertos e montanhas, onde estabeleceram sociedades e congregações secretas, como a dos Essênios. Os que emigraram para a índia e América se comprometeram, com solenes juramentos, a guardar silêncio e manter secreta sua sabedoria, que assim ficou como nunca oculta à vista do povo. Alexandre Magno varreu os vestígios das primitivas religiões. Em 47 antes de Cristo, Alésia, a Tebas dos celtas, tão famosa

por seus ritos de Iniciação e seus Mistérios, foi o túmulo dos druidas e da liberdade das Gálias.

No primeiro século de nossa era soou a última hora dos Mistérios. César sujeitou as Gálias, e os habitantes de Alésia foram exterminados e, com eles, o Colégio sacerdotal dos druidas com todos os seus neófitos. Anos mais tarde pereceu a famosa cidade de Bibráctis, mãe das ciências, êmula de Roma, Mênfis e Tebas, com seu Colégio dos druidas, sua cultura e escolas onde 40.000 alunos aprendiam filosofia, literatura, medicina, astrologia, arquitetura, jurisprudência e ciências ocultas.

Tinha um anfiteatro cercado de estátuas colossais, com capacidade para cem mil espectadores, um capitólio, templos, e no centro da cidade estava a naumaquia com o seu enorme tanque para os simulacros navais.

Depois César queimou os volumes da famosa Biblioteca de Alexandria, destruindo documentos preciosos. Amrus, o general árabe, completou a nefasta obra de César. Desta fantástica cidade, "Autum", restam hoje apenas o monumento dos templos de Janos e Cibeles. Aries, fundada 2.000 anos antes de Cristo, foi saqueada em 270, e 40 anos depois reconstruída por Constantino; conservou, como restos de seu esplendor antigo, um Anfiteatro, o Capitólio, um obelisco de granito de 17 metros de altura, um Arco do Triunfo e as catacumbas. Assim terminou a civilização celto-gálica. Extinguira-se a grande Iniciação, restando, apenas, os Mistérios menores em Roma.

Ao homem divinizado Hermes, sucedeu o rei-sacerdote Menes, que foi o primeiro legislador e fundador de Tebas, a cidade dos cem palácios. Começa no Egito a era sacerdotal. Diz-se que se sucederam 329 Hierofantes, cujos nomes não passaram à História. Cansados da tutela dos sacerdotes, rebelaram-se os reis posteriores e conquistaram a plenitude de sua soberania. Então subiu ao trono Sesóstris, o fundador de Mênfis (1613 anos antes de Cristo). À dinastia dos sacerdotes sucedeu a dos guerreiros.

Quéops, que reinou de 1178 a 1122, levantou a grande pirâmide que tem o seu nome. Bunsen discorda da História nesse ponto, pois atribui a idade de 5.000 anos antes de Cristo a esta pirâmide, acrescentando que a civilização do Egito remonta a 9.000 anos antes da era cristã.

A invasão etíope de uma confederação formada em 570 antes de Cristo, por doze caudilhos, tomou o cetro egípcio, que caiu nas mãos de Amasis, homem de baixa estirpe, que derrotou o poder sacerdotal, perecendo, assim, a antiga teocracia, que durante muitos séculos sustentara a coroa do Egito nas cabeças sacerdotais.

Os livros de Numa, citados por Tito Lívio e achados no túmulo daquele rei, tratavam de filosofia natural, porém não se divulgaram em sua época, a fim de que se mantivessem em segredo os mistérios da religião nacional. O senado e os tribunos resolveram queimar tais livros e assim se fez. Os sacerdotes egípcios ensinavam, também, alquimia, se bem que esta ciência é tão antiga quanto o homem.

A alquimia dos caldeus e antigos chineses não foi sequer mãe daquela outra alquimia, que floresceu entre os árabes séculos mais tarde. Há uma alquimia espiritual e uma transmutação física. 0 conhecimento de ambas se comunicava nas Iniciações.

OS SUCESSORES PÓS-CRISTAOS DOS MISTÉRIOS

Tinham se extinguido os mistérios eleusinos; mas deixaram eles suas principais características à escola neoplatônica de Amônio Saccas, cujo sistema eclético estava caracterizado pela teurgia e o êxtase.

Jamblico acrescentou a doutrina egípcia da teurgia com suas práticas e o judeu Porfírio se opôs a este novo elemento.

A escola neoplatônica, com poucas exceções, praticou o ascetismo e a contemplação, e os seus místicos se submetiam a disciplinas tão rigorosas como as dos devotos hindus. Seus esforços tinham por único objetivo o desenvolvimento das faculdades superiores do homem interno, ou Ego espiritual. A escola sustentava que um certo número de espíritos, moradores em esferas completamente independentes da Terra e do ciclo humano, eram mediadores entre os deuses e os homens, e entre o homem e a Alma Suprema.

A Alma humana, com a ajuda dos Espíritos Planetários, chegava a ser recipiente da Alma do Mundo. Apolônio de Tiana demonstrou estar de posse de semelhante faculdade, com estas palavras:

Posso ver o presente e o futuro como num claro espelho. O sábio não prediz as pragas e epidemias pelas emanações do solo e corrupção do ar. Conhece-as depois de Deus, porém antes que as gentes. Os deuses vêem o futuro, os homens vulgares o presente, e os sábios o que vai suceder. A austeridade de minha vida produz tal agudeza em meus sentidos que eqüivale a uma nova faculdade, mediante a qual eu posso levar a efeito ações assinaladas.

Diz Wilder:

Isto é o que podemos chamar fotografia espiritual. A Alma é a câmara em que igualmente se fixam os sucessos futuros, passados e presentes, e o entendimento chega a ter consciência disso.

No êxtase, a Alma se liberta do impedimento corporal, e a sua mais nobre parte se une à natureza Superior e participa da sabedoria e previsão dos seres elevados. A idéia capital dos neoplatônicos era a de uma e única Essência. Amônio Saccas aceitou a doutrina de Hermes, segundo a qual do divino Todo procedeu da Sabedoria Divina ou Amun; da Sabedoria precedeu o Demiurgo ou Criador; e do Criador os Espíritos subalternos.

Wilder diz que isto é o eco das crenças vedantinas e deriva diretamente das secretas doutrinas orientais. O parentesco dessas doutrinas com a Cabala judia foi ensinada pelos fariseus ou parses, e tomada, provavelmente, dos Magos persas, como a denominação da seita hebréia parece indicar. Eis sua sinopse: "0 divino Ser é o Todo,

a fonte de toda a existência, o Infinito". É "agnoscível". 0 Universo 0 revela e por Ele subsiste no Princípio; sua refulgência se difunde por toda parte. De tempos em tempos se retira para dentro de Si mesmo, e deste modo forma, em sua volta, um espaço vazio ao que transmite a sua primeira emanação, um Raio que contém o poder gerador e conceptivo. Daí deriva o nome de IE, ou Jah.

O Raio produz, por sua vez, o Tikkum, o arquétipo ou Idéia da forma; e nesta emanação estão contidos macho e fêmea, ou seja, as potências geradoras e conceptivas; daí provêm as três forças primárias: Luz, Espírito e Vida. O Arquétipo se une ao Raio, ou primeira emanação, e fica penetrado por Ele. Por esta união se relaciona, perfeitamente, o modelo com sua infinita fonte. O modelo é o primeiro Homem, o Adão Kadmon, o Macrocosmos de Pitágoras e outros filósofos. Dele procedem os sefirotes dos quais emanaram os quatro mundos, cada um dos quais produziu o imediato precedente e o inferior envolveu o superior.

Estes mundos são menos puros, segundo descem na escala, e o ínfimo é o mundo material; são o desdobramento terreno de seu celeste protótipo; perecíveis sombras e reflexos das perduráveis e eternas raças que moram nos mundos invisíveis.

Destes quatro mundos que nos precederam (Raças-Raízes) derivam os elementos das almas dos homens de nossa Quinta Raça, a saber: o intelecto, Manas o quinto princípio, as paixões e os apetites mentais e corporais. Entre os mundos prototípicos surgiu um conflito chamado "a guerra nos céus"; e muitos aeons mais tarde suscitou-se, novamente, esta luta entre os Atlantes da Ásia e os B'ni-Elohim ou Filhos de Deus.

Então recrudesceram o mal e a fraqueza humana porque, na última sub-raça da Terceira Raça-Raiz, os homens pecaram e foram desterrados a corpos materiais, a fim de expiarem suas culpas e se purificarem.

A Doutrina Secreta afirma que foi para cumprir o ciclo da necessidade, e progredir na obra da evolução de que ninguém se exime, nem pela morte natural, nem pelo suicídio, pois todos temos de atravessar o vale dos abrolhos antes de entrar nas planícies da divina Luz e do descanso.

E assim os homens continuarão nascendo em novos corpos, até que sejam suficientemente puros para passar a novas formas de existência.

Isto significa que, desde a primeira até a sétima Raça, constitui o gênero humano uma mesma companhia de atores que descem das altas esferas para levar a cabo uma excursão artística neste planeta.

Emanados como espíritos puros, descemos ao mundo para adquirir o conhecimento da Verdade (agora debilmente revelada pela Doutrina Secreta), que é inerente em nós. E a Lei cíclica nos leva até a cúspide da Matéria, cujo fundo já transpusemos.

A mesma lei de gravidade espiritual nos impele, lentamente, para esferas muito mais puras e elevadas que as que deixamos. As previ-

soes, profecias e oráculos são ilusórias fantasias para o homem surdo às percepções, que vê imagens reais nas sombras e confunde passados com visões proféticas de um futuro que não se assenta na eternidade.

O macro e o microcosmos repetem a mesma série de sucessos universais e individuais em cada estação, como em cada cenário, onde o Karma os conduz para representarem seus respectivos dramas, pois todos os sucessos estão estampados como indelével memória do que foi, do que há de ser, que, em suma, é o sempre presente na eternidade. Os mundos e purificações tanto se referem a nosso Globo e nossas Raças, como a outros Globos e Raças que o precederam no grande ciclo.

Nos Mistérios se representavam alegóricamente estas verdades fundamentais, e o epílogo do drama era a Anástasis, ou existência contínua, assim como a transformação da Alma.

Do neoplatonismo provém tudo o que há de nobre na teologia cristã.

Amônio Sacca, o "Ensinado por Deus", o amante das Verdades, fundou a sua escola com o propósito de beneficiar o mundo com o ensino das partes da Doutrina Secreta, cuja revelação permitiam, então, os seus guardiães.

Como a Sociedade Teosófica, os neoplatônicos aspiravam a reconciliação de todas as seitas e povos, sob a fé comum da Idade de Ouro, provando que todas as crenças derivam, mais ou menos diretamente, de uma primitiva mãe comum, a Religião da Sabedoria. Ainda que filho de pais cristãos, Amônio Sacca amou a Verdade acima de tudo e foi um verdadeiro "filaleteu".

Sua profunda intuição espiritual, sua vasta erudição e amizade com cristãos como Panteno, Clemente e Atenágoras e com os mais doutos filósofos de seu tempo, o induziram a empreender a tarefa que tão honrosamente levou a cabo. Os filaleteus se classificavam em Neófitos e Iniciados.

O sistema eclético se baseava em três princípios fundamentais, de puro caráter vedantino:

1.°) uma essência suprema, única e universal;
2.°) eternidade e individualidade do espírito humano;
3.°) a teurgia, que é o emprego dos mantrans.

Juravam guardar segredo acerca dos dogmas ocultos, pois o candidato devia morrer ou vencer. Era seu capital objeto a união da parte com o Todo. 0 Todo era Um com inúmeros nomes, a inesgotável fonte de toda a emanação, o foco da Luz eterna, da qual cada um de nós leva um raio na Terra.

Esses mistérios, como as regras e métodos para produzir êxtase, tinham chegado da Índia aos neoplatônicos por meio de Pitágoras e, depois, de Apolônio de Tyana. O samadhi é o estado no qual, como diz Porfírio, se nos revelam as coisas divinas e os mistérios da Natureza, o eflúvio da alma divina que se comunica sem reservas ao humano -

espírito que realiza deste modo sua união com a Divindade, capacitando o que habita o corpo a participar da vida que não está no corpo. A magia divina converte o homem em Deus; a magia humana cria um novo diabo.

Nos Vedas e nas Leis de Manu, os documentos mais antigos do mundo, vemos que os brâmanes praticavam e permitiam muitos ritos mágicos. No Tibete, Japão e China se ensinam atualmente o mesmo que ensinavam os antigos caldeus. Os sacerdotes desses países provam o que ensinam, isto é, que a austeridade física e a pureza moral vigorizam a faculdade anímica da auto-iluminação que, ao conceder ao homem o domínio de seu espírito imortal, lhe dá, também, poderio mágico de verdade sobre os dementais inferiores a ele. Os druídas da Grã-Bretanha a praticavam nas silenciosas criptas de suas profundas cavernas. Os semotis, ou druídas gálicos, ensinavam ciências físicas e espirituais e expunham os segredos do universo, o harmônico movimento dos corpos celestes, a formação da Terra e, sobretudo, a imortalidade da alma. Nos seus bosques sagrados se reuniam os Iniciados no silêncio da meia-noite para aprender do passado e do futuro do homem. Hipatia, mestra do bispo Sinésio, foi ornamento da escola neoplatônica e pagou com a vida seus conhecimentos ocultos. A escola mudou-se para Atenas, onde Justiniano mandou fechá-la. O pouco que se sabe da escola neoplatônica se acha nas obras de Plotino e dos padres da Igreja.

Para os seus discípulos Jesus reservou os mistérios do reino dos céus, enquanto às multidões falava por meio de parábolas de duplo significado.

SIMBOLISMO DO SOL E DAS ESTRELAS

O céu era visível em sete círculos, os planetas apareceram com todos seus signos em forma estrelada, e as estrelas foram divididas e numeradas com os reitores que nelas havia e conforme a sua revolução, por ação do divino Espírito (Hermes).

Aqui a palavra Espírito denota a Divindade coletivamente manifestada nos "Construtores", ou como os chama a Igreja, "os sete Espíritos da Presença", os anjos medianeiros, de quem diz São Tomás de Aquino que "Deus nunca opera senão por meio deles".

Estes Sete "diretores", ou anjos medianeiros, eram os deuses Cabiros antigos. Tão evidente era isto que a Igreja se viu obrigada a reconhecer o fato e a dar, ao mesmo tempo, uma explicação, porém tão sofisticada que não pode produzir efeito algum.

Os "Serafim" (plural de Saraph, "ardente", "ígneo") são os servidores imediatos do Onipotente, seus mensageiros enviados ou Anjos. No Apocalipse são as sete luzes que ardem ante o trono do Senhor. O nome Cabiro deriva da palavra hebréia habir (grande) ou também de Kabar, sobrenome da deusa Vênus e do planeta assim chamado.

Os Cabiros eram adorados em Hébron, cidade dos anakins ou anakas (reis e príncipes), e são os superiores espíritos planetários, os máximos e potentes Deuses. Representam a Tsaba ou hoste celestial

A Igreja, ao mesmo tempo que se inclina ante o anjo Anael (espírito planetário de Vênus), relaciona este com o planeta Vênus, o Satã, chefe dos anjos rebeldes. Os Cabiros eram os deuses dos Mistérios.

Os terafins, de que se serviam os hebreus para consultar os oráculos do urim e tumin, eram hieróglifos simbólicos dos Cabiros. Os mistérios cabíricos, que judeus e pagãos celebravam em Hébron, eram presididos pelos sete deuses planetários, entre eles Júpiter e Saturno sob seus misteriosos nomes.

Creuzer indica que na Fenícia e no Egito os Cabiros eram os sete planetas que, com o seu pai, o Sol, constituíam oito Potestades superiores, cujo movimento de rotação estava simbolizado pela dança sagrada, circular.

Esta mesma dança foi a de Davi ante a Arca, e é a mesma que se baila hoje em dia, em Rajputana, índia, simbolizando o movimento dos planetas e signos do Zodíaco; e bailava-se há milhares de anos antes de nossa era.

A seita dos "Quakers" baila, ainda, a dança cíclica porque, segundo eles, o Espírito Santo os impele, e o mesmo fazem as donzelas dos templos de Krishna.

Os Arcanjos, segundo a Cabala, têm a seu cargo os astros do Sistema na seguinte ordem:

Miguel — SOL
Gabriel — Lua
Samael — Marte
Anael — Vênus
Rafael — Mercúrio
Zacariel — Júpiter
Orifiel — Saturno

No Apocalipse os sete selos são as sete regras que se abrem para entregar os mistérios aos "nascidos de novo". "O candelabro de ouro, com os sete braços fixos no candelabro central, levam lâmpadas, porém o sol colocado no centro derrama seus raios sobre todos elas. Este candelabro oculta mais de um mistério; é o signo de Cristo, não só por sua forma, mas porque verte a sua luz por meio dos sele espíritos primariamente criados, que são os sete olhos do Senhor." São palavras de Clemente de Alexandria.

A linha dos planetas, passando através da Terra, segundo Hermes, simboliza o fio do destino, isto é, de tudo que, pelo influxo de sua ação, se chama destino. Há, na verdade, dois Sóis: o adorado e o adorante.

No capítulo VII do Apocalipse vemos um Anjo que ascende com o Sol-levante e leva o selo de Deus vivo; é o mesmo Cristo, o Sol adorado. No capítulo XIX vemos um anjo residente no Sol, que convida todas as nações a congregarem-se para a grande ceia do cordeiro. Neste caso significa, simplesmente, o anjo do Sol, que não pode confundir-se com o Sol. 0 anjo do Sol parece ser um Sol adorante; quem pode ser este senão a estrela da Manhã, o Anjo Custódio do Verbo, seu Anjo da Face, do mesmo modo que o Verbo é o Anjo da Presença de seu Pai, sua principal fortaleza e atributo, como indica o seu nome — Miguel!

Ao tratar São Paulo dos Governadores Cosmocratores deste mundo, repetiu o dito por todos os filósofos dos dez séculos anteriores à era cristã, só que foi dificilmente compreendido, e, às vezes, deploravelmente interpretado.

0 Sol tem, também, o seu Reitor, chamado Mitraton, que é o Férouer de Ormuzd, sua estrela matutina. Para nós este é o gênio do Sol, o imolador do touro terrestre cujas feridas a serpente lambe, no famoso monumento de Mitra.

Há sete séries de Cosmocratores ou forças cósmicas divididas em duas categorias: a primeira sustenta e regula o mundo superior; a segunda, o inferior. Isto é, precisamente, o que os antigos ensinavam.

Jamblico expõe este dogma da dualidade de todos os planetas e corpos celestes, dos deuses e dos daimons (espíritos). Divide os Arcontes em duas classes, umas mais e outras menos espirituais; estas últimas se relacionam mais com a Matéria e dela se revestem, pois têm forma, enquanto que as primeiras carecem de forma (arúpas). As religiões têm seus karmas, como os indivíduos. Os zoroastrianos, mazdeítas e parses tomaram da índia seus conceitos religiosos; os Judeus tomaram da Pérsia sua teoria dos Anjos; e os Cristãos a tomaram dos Judeus. São Clemente, como Iniciado, conhecia o sistema heliocêntrico, ensinado nos Mistérios milhares de anos antes de Galileu e Copérnico, e diz: que a totalidade das criaturas, que relacionam os céus com a Terra, estão figuradas nestes símbolos referentes aos fenômenos sidêreos.

O deus "Kiyum" ou "Kivan", adorado pelos Judeus no deserto, é Saturno ou Shiva que, posteriormente, chamaram Jeová. O nome de Sabaoth, com que os hebreus designavam Jeová, significa Senhor das Hostes, e a palavra Tsaboath, Hoste, pertence ao caldeus sabeus. Os sabeus adoravam as hostes celestiais, cujas moradas eram os planetas. Os antigos conheciam um misterioso planeta, do qual só podiam ocupar-se os mais elevados astrônomos e os Hierofantes. 0 sétimo planeta não era o Sol, mas o oculto Hierofante Divino. Concluindo, vemos que os pagãos colocavam o Sol e os planetas só como Potestades inferiores da Natureza, e os cristãos, em sua aversão à filosofia, se apropriaram dos lugares sidêreos e, agora, os limitam para uso de seus anjos e deuses antropomórficos, que por fim são novas modalidades conceptivas dos muito antigos deuses.

AS ALMAS DAS ESTRELAS — HELIOLATRIA UNIVERSAL

A astrologia precedeu a astronomia; e ao chefe dos Hierofantes egípcios se lhe dava o título de Astrônomas. Para demonstrar que os antigos só adoravam o Espírito de todas as coisas e reverenciavam os deuses menores, que supunham existentes no Sol e nos planetas, convém expor a diferença entre as duas classes de adoração.

Todos os astros, inclusive a Terra, estão dotados de Espíritos viventes e pensadores; se chamamos a Marte de Miguel ou Força de Deus, a Gabriel ou onisciência do Senhor, e a Rafael salutífero poder de Deus, e se considerarmos Jeová a síntese dos sete Elohim, o centro eterno de todos esses atributos e forças, o Adonai dos Adonim, resulta que a superstição dos pagãos chegou a ser a religião popular dos países civilizados. Só temos uma troca de nomes, sem alteração das características originais.

A tiara do Dalai-Lama tem sete círculos em honra dos sete Dhyân-Choans ou Dhyânis Budhas. A cabeça de Brahmâ se adorna com sete Raios e o acompanham os sete Rishis. A China tinha os seus sete Pagodes e a Grécia os seus sete Ciclopes, sete Cabiros ou Demiurgos. Miguel rege o planeta Saturno.

Seu nome secreto é Sabbathiel, porque preside o dia do Sabath entre os Judeus. Os anjos bíblicos levam o nome de Malachim, ou seja, mensageiros entre Deus e os homens.

Jeová e o Salvador, Saturno e Júpiter são, portanto, idênticos e como a Miguel, se chama "viva imagem de Deus".

ASTROLATRIA E ASTROLOGIA

Ambas as matérias estão intimamente relacionadas. A Astrolatria, ou a adoração das cortes celestes, é o natural resultado de compreender pela metade as verdades da Astrologia, cujos adeptos preservaram da profanação seus ocultos princípios e a sabedoria recebida dos Anjos e Regentes dos planetas.

Daí a Astrologia divina para os Iniciados e Astrolatria supersticiosa para os profanos. Os antigos filósofos chamavam Arcontes e Cosmocratores a estes seres que, nos altos planos, eram tipos exemplares dos seres inferiores na escala da evolução, chamados elementais, ou Espíritos da Natureza, e aos quais adoravam os sabeus sem distinguir sua diferença.

A adoração dos elementais foi a forma predominante da Astrologia popular ou exotérica, ignorante dos princípios da primitiva ciência, cuja doutrina se comunicava só na Iniciação. A influência sidérea é dual: há a exotérica, física ou fisiológica, e a moral ou intelectual, dimanente do conhecimento comunicado pelos deuses planetários. 0 mesmo Santo Tomás de Aquino disse:

Os corpos celestes são causa de tudo o que sucede neste mundo sublunar, pois influem diretamente nas ações humanas, se bem que nem todos os efeitos que produzem sejam inevitáveis.

Há a Astrologia branca e a Astrologia negra. A mônada humana em seu primeiro princípio é esse Espírito ou Alma planetária assim como o Sol irradia a sua luz sobre todos os corpos do espaço compreendidos nos limites de seus Sistemas, assim o Regente de cada astro, a Mônada-Pai, emana de si mesma a Mônada de cada Alma peregrina que nasce em sua própria casa e dentro de seu próprio grupo. A primitiva Astrologia oculta estava já em decadência quando Daniel, último Iniciado judeu da antiga escola, se pôs à frente dos Magos e Caldeus astrólogos; e os sete grandes deuses primitivos reinaram para sempre na Astrologia e nos calendários de todas as nações. Os nomes dos dias da semana cristã são os nomes dos deuses caldeus que, por sua vez, os copiaram dos assírios. Todos os imperadores romanos, inclusive Juliano o Apóstata (precisamente porque não quis sê-lo), acreditavam nos deuses planetários. Houve em Roma uma escola de Astrologia onde se ensinavam secretamente as ocultas influências do Sol, da Lua e de Saturno.

Perdeu-se para a Europa a chave das cerimônias e ritos astrológicos, assim como os terafins, urims e tumins da magia.

CICLOS E AVATARAS

A combinação das três cifras 4, 3 e 2 com zeros, correspondentes aos ciclos e Manvântaras respectivos, foi e é hindu e permanecerá secreta ainda que se revelem alguns de seus caracteres significativos. Esta combinação se refere ao Pralaya das raças em sua periódica dissolução, antes da qual desce e se encarna sempre um Avatara especial na Terra. As cifras se referem ao termo de cada Raça-Raiz e não a indivíduo algum. Há ciclos dentro de outros ciclos maiores, todos eles contidos no Kalpa de 4.320.000 anos.

No termo do Kalpa se espera o Kalki Avatara cujo nome e circunstâncias não é lícito revelar, porém que procederá de Shamballa (ou cidade dos deuses), situada no Ocidente, em relação a algumas nações, e no Oriente, em relação a outras.

Este Divino Menino restituirá à Terra a sua Idade de Ouro.

O ciclo soli-lunar de trina e três anos, sete meses e sete dias (idade do Cristo), em que o Sol ganha sobre a Lua um ano solar, foi adaptado pelos compiladores da vida de Cristo, coordenando-o com a missão de Jesus; no entanto, era este um sucesso cósmico, astronômico e divinamente vaticinado.

Todas as nações da antigüidade, como Egito e Caldéia, adotaram estas cifras que, muitíssimo antes, foram de uso corrente entre os Atlantes.

Diz-se que no fim de nossa Raça as pessoas, pelo sofrimento e o desgosto, se farão mais espirituais, e todos possuirão clarividência, pois nos acercaremos a este estado espiritual da Terceira e da Segunda Raças. As mentes se despertarão e se tornarão diáfanas como cristal. Os homens, modificados pelas virtudes desta singular época, serão como a semente de seres humanos, e deles nascerá uma Raça obediente às leis da Krita Yuga, ou Idade de Pureza.

O número de ciclos astronômicos hindus era enorme desde o Maha-kuga de 4.320.000 anos, até os pequenos ciclos setenários e qüinqüenários.

CICLOS SECRETOS

O coronel Warren diz que o ciclo de sessenta anos, fundado na conjunção do sol e da lua, compreende cinco ciclos de doze anos cada um, os quais eqüivalem a um ano do planeta Júpiter.

Os romanos também contavam por lustros ou qüinqüênios (tomados dos hindus) cujo produto, por doze, é o ciclo de sessenta anos.

Em Stonehenge os montículos tumulares que rodeiam o templo gigantesco representaram corretamente a magnitude e posição das estrelas fixas, formando um planisfério completo. Os monumentos e monólitos circulares de pedras foram, no entanto, perduráveis símbolos de ciclos astronômicos erigidos por uma Raça que, por desconhecer os caracteres gráficos, não dispunha de outro meio para instruir os seus discípulos ou legar seus conhecimentos à posteridade.

Assim como os hindus dividiam a Terra em sete zonas, assim a maior parte dos povos antigos mais ocidentais deram a sua numeração sagrada baseada nos números 6 e 12 ainda que empregando também o 7, quando este não se prestava às operações. Assim se encontram os ciclos secretos desde o máximo de 600 até o mínimo de 60 e de 6. Por isso o globo terráqueo se dividia em 60 graus que, multiplicados por 60, deram 3.600, ou o ano máximo. Daí que também a hora se divide em 60 minutos e o minuto em 60 segundos. Os babilônios contavam um ano máximo de 3.600 equivalente ao Naros multiplicado por seis. O ciclo Van dos tártaros era de 180 anos que, multiplicados por 12 X 12 (144), dá 180 X 144 = 25.920 anos, ou o período exato da revolução sideral.

Os árabes aprenderam dos hindus a aritmética e a álgebra e as ensinaram às nações ocidentais. Isto é uma indicação de que a civilização ária é mais antiga que a de outra qualquer nação atual e, como os Vedas são o mais velho monumento da referida civilização, devem ser, portanto, de remotíssima data.

O Sr. Mackey, há sessenta anos atrás, demonstrou que os antigos astrônomos hindus tinham observado o movimento progressivo das estrelas no curso do Sol, através dos pontos equinociais na proporção de 54 segundos por ano, o qual determinava a completa revolução do

Zodíaco, em 24.000 anos. Como conclusão, atribui o período de 27.000 anos para a Idade de Bronze ou Terceira Idade.

O MISTÉRIO DE BUDA A Doutrina dos Avataras

Entre os discípulos de alguns insignes gurus himalaios e, ainda, entre gentes profanas, persiste uma estranha tradição que melhor pode se classificar de lenda, segundo a qual Gautama, o príncipe de Kapi-lavastu, continua nas regiões terrestres, não obstante a morte e incineração de seu corpo físico e as relíquias que dele se conservam. Os budistas chineses e ários, por tradição, e os lamas do Tibete, pelos textos dos livros sagrados, afirmam que Buda tinha duas doutrinas: uma para o vulgo e seus discípulos leigos, e outra para seus eleitos ou Arhats.

Segundo parece, a norma de conduta do Mestre, continuada pelos Arhats, foi não proibir a ninguém o ingresso nas fileiras do Arhatado; porém não revelar os mistérios finais senão a quem, depois de muitos anos de prova, se mostrasse digno da iniciação, sem que para isso fosse obstáculo algum a diferença de raça, casta ou posição social, como sucedeu no caso de seu sucessor ocidental. Os Arhats divulgaram esta tradição relativa a Buda, até arraigar-se na mente do povo, e nela se baseia o posterior dogma lamista da reencarnação dos Budas humanos.

O pouco que se pode dizer aqui acerca do assunto poderá ou não levar por bom caminho o estudante de Ocultismo. Convém advertir que, havendo se deixado ao juízo e responsabilidade da autora dizer as coisas tal como, pessoalmente, as compreende, só sobre ela recai a culpa de possíveis erros. Ensinaram-lhe a doutrina, porém com inteira liberdade de critério sobre o conjunto dos mistérios e espantosos dados reunidos, e, de igual modo, agora se deixa à sagacidade do leitor as incompletas afirmações que se expõem, fragmentos de certas obras secretas, pois não é lícito divulgar os pormenores.

A versão esotérica que do mistério dão estas obras secretas pode resumir-se em poucas palavras. Os budistas negaram sempre que Buda fosse um Avatara de Vishnu, analogamente como um homem é encarnação de seu antepassado kármico. Sua negativa se baseia em que conhecem bem o impessoal e amplo significado do termo de Maha-Vishnu, misterioso princípio da Natureza que não é o Deus Vishnu, mas um princípio que contém a semente do Avatarismo (Bija), ou seja, a potência e causa de tais encarnações divinas. Todos os Salvadores do mundo, os Bodhisattvas e Avataras, são árvores de redenção que brotam de uma só semente, o Maha-Vishnu. Este nome é idêntico ao de Adi-Buda (Sabedoria primitiva). Muita confusão parte, da expressão inadequada, dos planos de existência. Por exemplo, se confunde o Nirvana budista com certos estados espirituais. O Nirvana

budista é totalmente diferente do samadhi e da teofania alcançados pelos adeptos menores. Depois da morte física diferem muitíssimo os estados espirituais que alcançaram os adeptos.

Os Iniciados sabem que, no plano da ilusão, foi Buda uma encarnação direta de um dos primitivos Sete Filhos da Luz, ou Dhyân-Choans, cuja missão é cuidar, de uma eternidade a outra (aeons), do proveito espiritual das regiões postas a seu cuidado. Um dos maiores mistérios do misticismo especulativo e filosófico é o relativo ao modus operandi nos graus de transferências hipostáticas. É natural que o processo das encarnações, divinas como humanas, resulte um segredo para os teólogos e fisiólogos até que as doutrinas esotéricas cheguem a ser a religião do mundo. Estas doutrinas jamais serão expostas a pessoas que não estejam preparadas para recebê-las; Krishna a expõe nas seguintes palavras:

Muitos nascimentos deixei eu atrás de mim, e muitos deixaste tu, ó Arjuna! Porém eu os recordo todos, mas tu não recordas os teus, ó Parantapa! Ainda que eu seja não nascido e imperecível Ser, o Senhor de todos os seres, e cubra a Natureza que é meu domínio, também posso nascer em virtude de meu próprio poder. Quando a retidão desmaia e domina a iniqüidade, então renasço para proteger os bons, confundir os maus e restaurar firmemente a justiça. De idade em idade renasço eu com este intento, em cada Yuga.

Quem assim conheça em sua essência meu divino nascimento e minhas ações divinas, jamais voltará a nascer quando deixe o corpo, mas a mim se unirá, ó Arjuna!

De modo que todos os Avataras são um e o mesmo; são os filhos de seus Pais em direta descendência. O Pai, ou uma das sete Chamas, chega a ser com o tempo o Filho e, em conseqüência, um com o Pai desde toda a eternidade.

Que é o Pai? É a absoluta causa de tudo? É o impenetrável eterno? Não, por certo. É Karanâtma, a Alma Causai chamada pelos hindus, Ishvara, o Senhor, e pelos Cristãos, Deus, o Único. Sob o ponto de vista da unidade, assim é. Todo ser humano tem, a mais, o seu próprio e divino espírito ou deus individual. Essa divina entidade ou Chama, da qual emana Buddhi, está com o homem, ainda que em plano inferior, na mesma relação que o Dhyan Budhi com o seu humano Buda. Verdadeiramente vieram ao mundo, em suas respectivas épocas, personalidades como Gautama, Sankara, Jesus e uns poucos mais, que tinham como missão salvar o bem e destruir o mal; e todos nasceram pelo mesmo poder.

São muito misteriosas estas encarnações, que caem fora do círculo geral dos renascimentos. Pode-se dividir em três grupos estas encarnações :

1) os Avataras, ou encarnações divinas;

2) as dos Nirmanakayas ou Adeptos, que renunciam ao Nirvana com o propósito de auxiliar a humanidade;

3) as naturais reencarnações da massa geral sujeita à roda de nascimentos e mortes, a Lei comum.

O Avatara é uma aparência, uma ilusão especial dentro da natural ilusão produzida nos planos em que reina Maia. O Adepto renasce conscientemente, à sua vontade, sem perder jamais esta condição, por muitas vezes que se reencarne em nosso mundo ilusório. A força dominante desta série de encarnações voluntárias não é Karma, como geralmente se supõe, mas outra força ainda mais inescrutável. Tampouco pode o Adepto se elevar a superior estado de evolução. O Avatara é uma descida da Divindade Manifestada à forma individualizada, que no plano físico toma aparência objetiva, porém que realmente não o é. Essa forma ilusória não tem passado nem futuro, e por isso intervém nela o Karma. Gautama Buda foi um Avatara em determinado sentido; há uma grande diferença entre um Avatara e um Jivanmukta; o primeiro é, como dissemos, uma ilusória aparência, sem Karma nem encarnações precedentes; e o segundo é o que alcança o Nirvana por merecimento próprio. O Avatara é, e o Jivanmukta chega a ser. Se há identidade nos estados, não há entre as causas que a eles conduzem. Um Jivanmukta passou por inúmeras encarnações nas quais pôde acumular méritos, porém não alcança o Nirvana em virtude desses méritos, mas por causa do Karma produzido por eles, que o conduz e guia até o Mestre que há de iniciá-lo no mistério do Nirvana, e que é o único capaz de ajudá-lo a chegar a esta morada. Os Shastras dizem que por nossas ações só podemos alcançar nossa libertação final, e se não nos esforçarmos, não obteremos benefício da divindade. Gautama foi Avatara e um verdadeiro Jivanmukta e, portanto, mais que um Avatara que por seus próprios méritos alcançou o Nirvana.

Há duas espécies de encarnações conscientes e voluntárias dos Adeptos: a dos Nirmanakayas e as que passam os discípulos ou Cheias que percorrem o caminho probatório. O mais misterioso nas encarnações dos Nirmanakayas é que a personalidade do Adepto pode encarnar num corpo humano (quando emprega o seu Kama-Rüpa e permanece em Kama-Loka) ainda quando os seus princípios superiores continuem em estado nirvânico. Desde o Brahmâ-Loka ou sétimo mundo, além do qual tudo é arúpico e puramente espiritual, até o ínfimo mundo das formas microscópicas, existe um perpétuo renascimento da vida. Alguns seres humanos chegam a estados ou esferas desde as quais só é possível voltar num novo Kalpa ou dia de Brahmâ; há também outras esferas das quais só cabe voltar depois de cem anos de Brahmâ (311.040.000.000.000 de anos).

O Nirvana é um estado do qual não se volta. A mente humana, ao especular sobre o infinito Absoluto, considera o Nirvana como último termo de uma série infinita. A potencialidade desta espiritual evolução jaz na matéria de vários planos com a qual o Nirvana se pôs em contato antes de alcançar o Nirvana, mas ainda assim são planos ilusórios e não o supremo plano nirvânico. A verdade final só pode recebê-la o discípulo Iniciado, dos lábios do Mestre. Sabemos, também, os ocultistas, que idêntico a Parabrahman é o Nirvana, portanto, imutável -

eterno; não é uma coisa, mas o Todo Absoluto. Um Darmakaya, ou Nirvani "sem resíduos", é absorvido nesse "Nada", que é a única consciência real, posto que absoluta. O Nirvani que obteve o Nirvana "com resíduos" fica revestido de um corpo sutilíssimo que o protege, impenetravelmente, contra todas as vibrações exteriores e no qual conserva a noção de sua individualidade e, por isso, pode reencarnar-se na Terra.

Há duas espécies de Nirmanakayas, o natural e o assumido. 0 natural é o Adepto que alcançou um estado de bem-aventurança imediatamente inferior ao Nirvana; o segundo é a condição do que, por abnegado esforço e sacrifício, renuncia ao Nirvana absoluto com o propósito de auxiliar e conduzir a humanidade. Sua determinação depende dos ocultos poderes dos elevados Adeptos que antes de entrarem no Nirvana podem fazer com que seus resíduos (veículos) permaneçam nos planos inferiores, tanto se chegam a Nirvanis como se só alcançam menor grau de bem-aventurança. Os resíduos são também chamados Mayavirupas.

A desaparição do veículo de egoência no Adepto completamente evoluído, que se supõe alcança na Terra o estado de Nirvani, anos antes de sua morte, determinou uma das leis de Manu, sancionada por milênios de autoridade bramânica, segundo a qual o Paramâtma não contrai responsabilidade alguma no que possa fazer. Todo homem tem um Eu Superior e um corpo astral; porém poucos são os que podem dominar o corpo astral ou alguns dos princípios que o animam, quando terminada a vida terrena. O domínio do corpo astral e sua transferência, de um corpo físico morto a outro corpo vivo, não só é possível, como há variedade de graus no exercício de semelhante poder. Mencionaremos três destes graus: 1) Começando pelo inferior, permite ao Adepto, que em vida teve muitos obstáculos para estudar e praticar seus poderes, escolher, depois da morte, outro corpo, no qual possa prosseguir os estudos interrompidos, ainda que, ordinariamente, perca neste corpo toda a recordação de sua encarnação anterior. 2) Este grau lhe permite transmitir ao novo corpo a memória de sua vida passada. 3) O grau mais alto não conhece limites no exercício desta maravilhosa faculdade. Como exemplo de Adeptos que gozaram o primeiro grau do poder oculto, citam-se alguns cabalistas medievais e o famoso Cardeal de Cusa, que floresceu no século XV. Por causa de seu profundo gosto pelo estudo das doutrinas esotéricas e da Cabala, permitiu a lei kármica que se livrasse da tirania eclesiástica no corpo de Copérnico. Se não é verdade, não deixa de ser interessante a suposição.

Quem foi este homem extraordinário, que se chamou Cardeal de Cusa?

Era filho de um pobre barqueiro, e começou a estudar na idade madura, mas a sua surpreendente erudição, que parecia congênita, proporcionou-lhe na carreira eclesiástica o chapéu de cardeal e a veneração -

com que o distinguiram os papas Eugênio IV, Nicolau V e Pio II. Morreu em 1473.

Escreveu suas melhores obras antes de ordenar-se, o que fez para fugir à perseguição que suscitaram as suas obras. O seu tratado em latim De Docta Ignorantia, no qual expõe, precursoramente, todas as idéias que mais tarde haviam de servir a Copérnico de base para estabelecer seu novo sistema astronômico.

Ele mostra a sua extrema erudição e sabedoria, como se Deus revelasse particularmente a este homem certos mistérios teológicos, que durante séculos permaneceram velados à mente humana.

Escrevia o Cardeal de Cusa, cinqüenta anos antes de Copérnico:

Ainda que o mundo possa não ser absolutamente infinito, não cabe representá-lo como finito, pois a razão humana é incapaz de assinalar-lhe limites. Assim como a Terra pode não estar no centro do Universo, como geralmente se crê, também pode não estar a esfera das estrelas fixas. Este mundo é como uma grande máquina cujo centro está em todas as partes e a circunferência em nenhuma. Daí que, se a Terra não está no centro, há de estar, portanto, dotada de movimento, e ainda que muito menor que o Sol, nem por isso é lícito supô-la em piores condições. Não é possível ver se os seus habitantes são superiores aos que moram perto do Sol ou em outros astros, posto que o espaço sideral não pode estar desabitado. Não obstante ser um dos globos menores, a Terra é berço de seres inteligentes, nobres e perfeitos.

Moreri pergunta: Teria Pascal lido as obras do cardeal de Cusa? E se leu, de quem teria este tomado as suas idéias? Agora dizemos que deixando à parte a possibilidade das suas reencarnações, bem poderia tê-las tomado de Pitágoras e de Hermes.

A teoria dos renascimentos deve ser exposta por ocultistas e aplicada depois a casos especiais. A compreensão deste fenômeno psíquico se funda num conceito correto do grupo de seres celestiais chamados os "Sete deuses primitivos" os Dhyân-Choans ou 7 Raios, reconhecidos posteriormente pela religião cristã com o nome dos Sete Anjos da Presença.

No degrau superior da escala, os seres carecem de forma, porém pouco a pouco descem aos mundos objetivos até chegar à ínfima hierarquia humana como fonte espiritual, origem e matriz dos mortais, segundo nosso significado oculto. Neles germina aquela consciência, que é a primeira manifestação da Consciência Causai, o Alfa e o Omega da eterna vida e do divino ser.

Desce degrau a degrau através de todas as fases da existência, através do homem, do animal, e do vegetal, até terminar sua descida no mineral. É representado pelo duplo triângulo, o mais misterioso e sugestivo signo místico, porque é signo duplo, abarcando a vida e a consciência física e espiritual, pois um dos triângulos está disposto para cima e o outro para baixo, porém ambos entrelaçados de modo que mostra os diversos planos da bi-sétupla gradação da consciência,

ou catorze esferas de existências manifestadas, ou lokas. O leitor compreenderá facilmente a idéia em conjunto e saberá o que significam os "Vigilantes", postos na tradição como guardiães ou diretores de cada uma das sete regiões da Terra e de cada um dos catorze mundos ou lokas. Este é o secreto significado da hierarquia dos Rishis; primeiro se mencionam 7, logo 10 e depois 21, e assim sucessivamente. São os deuses criadores dos homens, os "Filhos da Mente de Brahmâ", os "Senhores dos Seres" que em sua descida à matéria chegam a ser os heróis mortais e são freqüentemente representados em caráter pecaminoso. A escada mística de Jacó tem o mesmo significado, e a história dos Patriarcas Bíblicos com sua genealogia e descendentes é análoga.

Referimo-nos aqui aos sete "Alentos", que dotam os homens com a imortal Mônada em seu ciclo de peregrinação. Diz o comentário do Livro de Dzyan:

A Chama (Alento) desce de sua região como Senhor de Glória, e depois de chamar o ser consciente à suprema emanação daquele especial plano, ascende de novo a seu primitivo assento donde vigia e guia seus inumeráveis raios (Mônadas). Escolhe para seus Avataras unicamente os que possuíram as sete virtudes (Iniciados) e os que sem os benefícios da iniciação e por seus próprios esforços são puros como um Adepto. A sua santidade faz com que na próxima encarnação o seu corpo sirva de morada ao seu Vigilante ou Anjo da Guarda. Quanto ao resto, cobre com um de seus inumeráveis raios a cada um, e também o Raio é parte do "Senhor dos Senhores".

Desde a mais remota antigüidade e em todas as escrituras aparece exposta a natureza setenária do homem, que só pode considerar-se dual no concernente à sua manifestação física no grosseiro plano terrestre.

Segundo os egípcios e outros povos cuja religião se baseava na filosofia, o homem não era somente a dupla união de Alma e Corpo, mas a trina compenetraçãoJde Corpo, Alma e Espírito. O homem estava constituído dos seguintes princípios: Kha (corpo físico); Khaba (corpo astral); Ka (Prana); ba (Alma Superior); akh (Manas inferior ou inteligência terrestre); e sha (múmia), que não entrava em atividade até depois da morte do corpo físico.

O Sétimo e superior princípio, o Espírito Incriado, era designado com o nome de Osíris, nome genérico dado ao ser humano depois da morte.

Além da eterna lei de reencarnação e do Karma (não como a ensinam os espíritas, mas como expõe a Ciência mais antiga do mundo), devem ensinar os ocultistas a reencarnação cíclica e evolucionária. Geralmente o renascimento vai precedido de períodos de existência no Kamaloka e no Devakan, e como exceção para uns poucos, o nascimento é consciente e tem grande e divino objeto. Os grandes caráteres como Jesus, Buda e outros que se destacam gigantescamente na história das conquistas espirituais, e como Alexandre e Napoleão

nas conquistas terrenas, são refletidas imagens de tipos humanos que já existiram, durante milhões de anos consecutivos desde o começo do Manvântara. São as mesmas Mônadas procedentes cada uma de seu próprio Pai, ou Chama espiritual, os Devas, Choans, Dhyânis-Budas, Anjos planetários etc... que brilham na "aeônica" eternidade como seus protótipos.

Alguns homens nascem à sua imagem e semelhança, e quando há um propósito especial de beneficiar a humanidade, animam hipostaticamente a tais homens os divinos protótipos, reproduzidos uma e outra vez pelas misteriosos Potestades que governam os destinos de nosso mundo. Cada um destes heróis é reencarnação dos que com análogas aptidões o precederam em tempos passados, e assim adquirem, facilmente, as faculdades que desenvolveram com toda a plenitude em nascimento anterior. Freqüentemente são Egos numa das etapas de seu desenvolvimento cíclico. Suponhamos que uma pessoa, durante o ciclo de reencarnações, é eleita para determinados propósitos (por estar o recipiente suficientemente puro) por seu deus pessoal, que é a fonte (no plano de manifestação) de sua Mônada, que deste modo mora em seu interior. Este Deus, Pai nos céus, é, até certo ponto, não só o protótipo a cuja imagem está formado o homem espiritual, mas, no caso em que tratamos, é o mesmo Ego individual. Este é um caso de teofania vitalícia; porém não é um Avatara, nem tampouco um Jivanmukta ou Nirvani, mas um caso excepcional nos domínios do misticismo. O homem pode ou não ter sido um Adepto em vidas anteriores, porém é, em todo o caso, um espírito puro e individual, ou o foi em precedente encarnação, se escolheu o corpo de um menino. Neste caso, depois da encarnação em tal santo, ou Bodhisattva, seu corpo astral não desagrega como os dos demais mortais, mas permanece na esfera de atração e ao alcance do mundo dos homens, de modo que não só um Buda, um Shankara ou um Jesus possam animar, a um mesmo tempo, o corpo de vários homens, mas também o visível tabernáculo do vulgo dos mortais pode estar animado pelos princípios superiores de um Elevado Adepto. Um certo Raio (princípio) de Sanat Kümara animou Pradyumna, filho de Krishna, durante o período do Mahabharata, enquanto que o próprio Sanat Kümara instruía espiritualmente o rei Dhritarashtra. Convém recordar que Sanat Kümara goza de perpétua juventude e mora em Jana Loka, a peculiar esfera de seu estado espiritual.

Ainda na chamada vida mediúnica ocorre que, enquanto o corpo físico atua, mecanicamente, ou repousa em determinado lugar, o corpo astral pode estar atuando com inteira independência em outro lugar, muito distante. Estes casos são muito freqüentes na história do misticismo; e se tal acontece nos êxtases, profecias, visões de todas as classes, por que não há de ocorrer o mesmo nos mais elevados e espirituais planos de existência?

Nos casos do Adeptado superior, quando o corpo está submetido ao domínio do homem interior, quando o Ego Espiritual está completamente -

reunido ao sétimo princípio, ainda durante a vida da personalidade, quando esta, ou seja, o homem astral se purificou até o extremo de assimilar as qualidades e atributos de Buddhi e Manas, em seu aspecto terreno, a personalidade subsiste em virtude do Eu espiritual, e pode, em conseqüência, viver independente na Terra. Assim é que, quando ocorre a morte do corpo, tem lugar com freqüência o seguinte misterioso acontecimento: O Ego espiritual não pode se reencarnar como Darmakaya ou Nirvani sem resíduos, limpo de toda a mancha terrena; em troca, pode reencarnar-se o Ego pessoal até de um Dharmakaya e permanecer em nossa esfera como um todo e retornar à encarnação na Terra, se necessário for. Porque, em tal caso, não lhe sobrevém a desagregação do corpo astral ou segunda morte, como a chama Próculo, que o comum dos homens sofre no Kamaloka (purgatório dos católicos), pois, suficientemente purificado para refletir só a sua luz própria espiritual, não pode permanecer inconscientemente adormecido num ínfimo estado nirvânico, nem tampouco desagregar-se por completo, como os simples cascarões astrais. Como Nirmanakaya (Nirvani com resíduos), pode ajudar a humanidade.

Assim disse Gautama o Buda: Caiam sobre mim os pecados e sofrimentos do mundo, e que o mundo se salve. Depois da morte continua a alma no corpo astral até que se purifica de todas as suas sensuais paixões. Então sobrevém a segunda morte, quando a alma entra no Devakan e o corpo astral morre como antes faleceu o corpo terrestre. O Adepto superior é filho da ressurreição, igual aos anjos, e imortal. Quando Jesus estava no corpo astral com os seus discípulos, perguntou-lhe Pedro, referindo-se a João: "Senhor, e a este o que sucederá?" E Jesus respondeu: "Se eu quiser que ele fique até eu voltar, que tens tu com isso? Segue-me tu, até que eu venha", o que significa "até que eu reencarne, novamente, em corpo físico". Assim, Cristo pôde dizer em seu corpo crucificado: "Eu estou com meu Pai e sou um com Ele." Todavia, isso não impediu que o seu corpo astral tomasse nova forma, nem tampouco que João esperasse sua volta em efeito, e que ao voltar não o reconhecesse e até se opusesse a ele.

Desde então talvez haja voltado mais de uma vez o "Homem das Angústias", sem que o reconhecessem os seus cegos discípulos. Os apóstolos, que eram somente semi-iniciados, não souberam esperá-lo e não o reconheceram, mas o desprezaram, cada vez que voltou.

OS SETE PRINCÍPIOS

O "Mistério de Buda" pode aplicar-se a vários outros Adeptos. 0 difícil é compreender devidamente aquele outro mistério dos "Sete princípios" do homem, o reflexo do homem nas "sete forças da Natureza", fisicamente, e das sete hierarquias do ser, intelectual e espiritualmente. Isto é certo, ainda que pareça abstruso e transcendental. Se bem que, para mais clara compreensão de sua natureza trina,

se divida o homem em grupos, cujo número varia segundo o sistema, sempre resultam idênticas a base e a cúspide desta divisão.

No homem só há três bases ou upadhis, porém sobre elas pode considerar-se qualquer número de veículos ou aspectos sem menoscabo da harmonia do conjunto. Como pode uma personalidade espiritual ou semi-espiritual ter dupla ou tripla vida mudando, arbitrariamente, seus "Eus espirituais" e, no entanto, ser a eterna Mônada na infinidade de um Manvântara?

A resposta é fácil para o ocultista, mas absurda para o profano.

Os sete princípios são, sem dúvida, a manifestação de um Espírito indivisível; porém a unidade dos sete princípios só se realiza no fim do Manvântara, quando todos se reúnem no plano da única Realidade. Enquanto dura a peregrinação, cada reflexo da indivisível Chama, cada aspecto do Eterno Espírito, atua num dos planos de existência (que por sua vez são graduais diferenciações do plano manifestado) a que na realidade pertence.

Nosso mundo terrestre reúne todas as condições maiávicas ou de ilusão e em conseqüência se infere que se a purificada personalidade de um Adepto se integra em conjunto com o seu "Eu Superior" (Âtma-Budhi) pode, não obstante, separar-se para fazer o bem de sua divina Mônada e levar, no plano terrestre de ilusão e existência temporária, uma vida consciente num emprestado corpo ilusório, que serve ao mesmo tempo para duas coisas: a extinção de seu próprio Karma e a salvação de milhões de homens menos evoluídos. Pergunta-se: "Quando um Buda ou Jivanmukta passa ao Nirvana, onde continua residindo a consciência? Responderemos: "A consciência encarnada pode ser o conhecimento adquirido pela observação e experiência", porém a consciência desencarnada é causa, não efeito; é uma parte do Todo. ou melhor, um raio da ilimitada e onidifusa Luz que se diferencia com variados reflexos na gradual escala de sua manifestada atividade. Portanto, a consciência é ubíqua, e não cabe localizá-la nem limitá-la em indivíduo algum. Seus efeitos pertencem só à região da matéria, porque o pensamento é uma das formas de energia que de vários modos atua sobre a matéria; porém a consciência em si mesma é a qualidade suprema do princípio senciente espiritual que está em nós, a Alma Divina (Budhi), e nosso Ego Superior não pertence ao plano da Matéria. Depois da morte física do homem, se é um Iniciado, a consciência se transforma, de qualidade humana, num princípio independente mesmo, o Ego consciente se converte em consciência per se, não em Ego algum, pois este já não está limitado pelo espaço e pelo tempo nem condicionado pelos sentidos. Portanto, ele é capaz de se refletir no passado homem astral sem necessidade de localizar-se nem desprender-se de Buddhi.

Prova disso, ainda que apagada e incompleta, é o que sucede nos sonhos, pois se a consciência pode atuar ubiquamente durante nossos sonhos enquanto o corpo e o cérebro físicos estão profundamente adormecidos,

muito mais viva será a sua atividade, quando, livre por completo, não a liga relação alguma ao cérebro físico.

O MISTÉRIO DE BUDA

Estriba este mistério em que Gautama, embora tenha sido uma encarnação da divina Sabedoria, teve que aprender, não obstante, em seu corpo humano, e ser iniciado nos segredos do mundo como qualquer outro mortal, até o dia em que, abandonando o seu secreto retiro nos Himalaias, pregou pela primeira vez no bosque de Benares. O mesmo sucedeu com Jesus, de quem nada se sabe, e nada se diz dos doze até os trinta anos, quando pregou o "Sermão da Montanha".

Gautama jurou guardar inviolável segredo dos ensinos secretos que lhe comunicaram; porém a imensa piedade que lhe inspirava a ignorância humana e os sofrimentos que dela dimanam moveu-o a transpor os limites do segredo.

De um lado fundou a sua filosofia esotérica — a Doutrina do Olho — sobre a Verdade eterna; porém, por outro lado, não soube manter ocultos certos ensinos, e ao revelá-los além do necessário, deu motivos a que se deturpassem. Buda, ansioso de derrogar os falsos deuses, revelou nos "Sete caminhos do Nirvana" alguns dos mistérios das "Sete luzes do mundo arúpico".

A Verdade pela metade é, com freqüência, pior que a carência dela.

Desastrosos efeitos teve, então, a doutrina de Buda, apresentando o corpo externo dos ensinos exotéricos sem a alma que os vivifica. Karma não leva em conta a intenção, mas o fruto da obra. Tal como Buda a pregou, a '"Boa Lei" constituía o mais sublime código de ética e o incomparável sistema filosófico do Universo visível, e, no entanto, extraviou as inadequadas mentes, induzindo-as a crer que nada encobria a letra morta. Assim foi que, 50 anos depois de sua morte, renunciou o "Grande Mestre" (o princípio que servia de veículo à sua personalidade) ao Dharmakaya e ao Nirvana, e quis renascer com propósitos kármicos e de amor aos homens. Roto foi o jugo da morte; e como muitos Adeptos, desprendeu-se Buda de sua mortal veste, cujas cinzas guardaram seus discípulos como relíquia, e revestido de seu corpo sutil começou a existência interplanetária até reencarnar em Shankara, o eminente instrutor vedantino da Índia, cuja filosofia (baseada na revelação da primitiva Sabedoria) se acha entre o hinduísmo ortodoxo e o budismo.

O corpo "astral" de Buda encarnou no "corpo físico" de Shankara, cujo supremo princípio, o Âtma era, não obstante, seu próprio divino protótipo, o "Filho da Luz". Se a ex-personalidade se transfere a um corpo objetivo e visível, temos o caso do Manushya-buda; e se se transfere a um corpo subjetivo e invisível, temos o caso do Nirmanakaya. Diz-se que Buda está no Nirvana ainda que o corpo sutil de Gautama (seu veículo mortal de outrora) se ache presente entre os Iniciados, e

não deixará o reino do ser consciente enquanto a humanidade necessite de sua divina ajuda, isto é, até o fim da atual Raça-Raiz; de vez em quando o Gautama "astral" se reúne, misteriosamente, com Avataras e grandes Santos e atua por meio deles.

A Doutrina Secreta vê em Shankara a morada, durante trinta e dois anos de vida mortal, de um dos mais elevados seres espirituais, um dos Sete Raios primitivos, uma "chama".

Que significa Badhisattva? Os budistas da escola Maiana ensinam que todo Buda se manifesta ao mesmo tempo (hipostaticamente ou de outra forma) nos três mundos de existência, a saber: no mundo de Kama (desejos, sensações, na terra) numa forma humana; no Rüpa supra-sensível, como Bodhisattva, e no espiritual incorpóreo como Dhyani-Buda. Este último prevalece eternamente no tempo e no espaço, isto é, de um a outro kalpa; é a síntese ou combinação dos três estados, isto é, Adi-Buda, o princípio da Sabedoria que, por ser absoluto, não está sujeito ao espaço nem ao tempo.

Quando o mundo necessita de um Buda humano, o Dhyani-Buda engendra pelo poder da vontade (meditação e devoção onipotentes) um Filho da Mente, um Bodhisattva, cuja missão é continuar a obra do Manushya-Buda depois da morte física deste, até a aparição do novo Buda. No caso de um simples mortal, os seus princípios só são reflexos mais ou menos brilhantes dos sete Princípios cósmicos, e dos sete Princípios celestiais ou hierarquias dos seres superfísicos. No caso de um Buda, os Princípios são quase os mesmos.

O Bodhisattva substitui nele o Karana-Sharira (o princípio do Ego) e o resto correspondente. Assim, quando o Buda volta ao Nirvana, donde procede, fica atrás dele o Bodhisattva para continuar a obra do Buda. Dizer que Buda se reencarnou novamente depois de alcançar o Nirvana é heresia, sob o ponto de vista do Hinduísmo e do Budismo. Segundo a filosofia esotérica, Buda, ainda que esteja no Nirvana, pode deixar atrás de si o Nirmanakaya para trabalhar depois dele. 0 Kala Chakra indica que existem:

1) O Adi-Buda eterno e incondicionado (Inteligência cósmica Mahat).

2) Os Dhyani-Budas existentes desde a aeônica eternidade e que jamais desaparecem. São os Budas causais.

3) 0 Manushya — Bodhisattva. Ainda que no seu respectivo plano sejam distintos, são na realidade o mesmo, pois um atua por meio do outro, do mesmo modo que um Dhyân atua por meio de um Buda humano.

Shankaracharya encarnou no corpo do filho recém-nascido de um brâmane do Sul da índia. Ele ensinava que "o Eu é a causa operante, pois não há outro princípio diretor. Também o Eu é a causa Material, porque não há outra substância da qual possa dimanar o mundo". Assim diremos que o astral ou Nirmanakaya de Gautama foi o upadhi do Espírito de Shankaracharya, porém que este não foi reencarnação

daquele. Quando tem de nascer homens como Shankaracharya, os princípios do homem mortal e manifestado devem ser, naturalmente, os mais puros e delicados da Terra; daí que tenha atraído os de Gautama, posto que a economia da Natureza não consente que voltem a evoluir, desde o seu estado grosseiro, princípios semelhantes. Estes princípios invisíveis para o homem se consideram como Deuses e Potestades.

Para os dogmáticos ortodoxos, que repelem os ensinos esotéricos, o Nirvana é a absoluta aniquilação, o todo incondicionado. Para compreender as características plenas deste princípio abstrato, é preciso senti-lo por intuição e abarcar em sua plenitude a única condição permanente do universo, que os hindus definem como estado de "perfeita inconsciência".

Gautama, o Buda humano, que tinha a Amitabha por seu Bodhi-sattva, e Avalokiteshvara por seu Dhyani-Buda (a Tríada emanada diretamente de Adibuda) assimilou os princípios por sua meditação e assim chegou a ser um Buda ou Iluminado. Até certo ponto isto sucede com todos os homens; pois cada um de nós tem o seu Bodhisattva e seu Dhyani-Buda ou Choan (o Pai).

Nosso laço de união com a suprema hierarquia de seres celestiais é simplíssimo, porém somos demasiado fracos e pecadores para assimilá-lo.

Seis séculos depois da desencarnação de Gautama, outro reformador, tão nobre e amoroso, ainda que menos favorecido pelas circunstâncias, surgiu em outra parte do mundo, numa Raça menos espiritual.

Se ambos os Iniciados, sabedores dos riscos dimanentes de comunicar a massas despreparadas os poderes inerentes ao conhecimento final, deixando em profundas trevas os mais recônditos lugares do santuário, quem conheça a natureza humana pode vituperá-los por isso? Se bem que Gautama revelou mais do que o necessário para o bem da posteridade, manteve em prudente segredo as mais perigosas porções do conhecimento esotérico e morreu na avançada idade de oitenta anos, convencido de ter espalhado as sementes para a conversão de uma terça parte do mundo. Eles tiveram que lutar com um mundo a que só podiam comunicar o conhecimento incompleto que possuíam. Mais tarde os partidários exotéricos de ambos os Mestres desvirtuaram as verdades ensinadas, até o extremo de adulterá-las por completo.

Um Adepto que por sacrifício renuncia ao Nirvana, ainda que não possa perder o conhecimento adquirido em anteriores existências, tampouco pode elevar-se a mais alto nível nesses corpos emprestados, porque em tal caso se convertem, simplesmente, em veículos de um "Filho da Luz" pertencente a uma esfera ainda mais elevada e que por ser arúpico carece de corpo astral específico para atuar neste mundo. Estes "Filhos da Luz" são os Dharmakayas de Manvântaras precedentes que, tendo terminado seu ciclo de encarnações, no sentido ordinário, e estando, portanto, desprovidos de Karma, há muito tempo

abandonaram seus Rüpas ou formas e se identificaram com o Princípio Superior. Daí a necessidade de um Nirmanakaya que se ofereça em sacrifício e esteja disposto a sofrer pelos pecados e erros do novo corpo, em sua peregrinação terrestre, sem recompensa alguma de ordem evolutiva, posto que não há nascimentos para ele no sentido ordinário. O Eu Superior ou Mônada divina não fica ligada ao Eu inferior, em semelhante caso. Sua relação é só temporária e quase sempre atua por decretos kármicos. Está intimamente relacionado pela evolução direta do Espírito e involução na Matéria, com o grande e primitivo sacrifício na manifestação dos mundos, e na morte gradual do Espírito na matéria. A semente não vivifica se antes não morre.

Este é o símbolo do sacrifício do cordeiro, encontrado em várias religiões do mundo. Gautama não se opôs aos Vedas; ele aceitou a revelação; o que repeliu foram as superposições acrescentadas posteriormente pela fantasia dos brâmanes. Foi o primeiro que proclamou a sublime máxima da igualdade e fraternidade humana, desprezando riquezas e castas, e exalçando, apenas, o mérito pessoal do ser humano. Shankaracharya se retirou a uma cova nos Himalaias, não permitindo que nenhum discípulo o seguisse, e ali desapareceu para sempre dos olhares profanos. Perdura a crença de que ele ainda vive, astralmente, em sua entidade espiritual como misteriosa e invisível presença na Fraternidade de Shambala, além dos nevados picos do Himalaia.

REENCARNAÇOES DE BUDA

0 Bodhissattva chegou a ser Buda e Nirvani por seu próprio esforço e mérito pessoal, depois de suportar as duras experiências de qualquer neófito, mas não em virtude de um divino nascimento, como muitos pensam. Em existências precedentes alcançou grande progresso no caminho da Sabedoria; as qualidades mentais e dons intelectuais, o conhecimento abstrato, subsistem num Iniciado ao renascer; porém terá de adquirir novas faculdades fenomênicas, passando por todas as sucessivas etapas. Terá de obter os "sete dons preciosos". Durante a meditação deve repelir de sua mente todos os fenômenos mundanos do plano físico. Uma vez adquiridos os quatro graus de contemplação, tudo resulta fácil, porque logo que o homem abandona a idéia de personalidade funde seu Eu com o Eu Universal, e chega a ser como o aço que recebe as propriedades de ímã, e despertam nele as potências até então latentes, e se lhe revelam os mistérios da Natureza invisível, e, tornando-se vidente, converte-se num Dhyâni-Buda. Então conhece todas as palavras místicas do mundo superior das causas.

Tulpa é a voluntária encarnação de um Adepto num corpo vivente, seja de um recém-nascido, de um impúbere ou de um adulto.

Ku-sum é a tripla modalidade do estado nirvânico e sua respectiva duração no "ciclo do Não-Ser".

Chang é o Supremo Imanifestado, a Universal Sabedoria sem nome. Vajrasattva e Vajradhra como dois em um são a Potestade que

desde o princípio venceu e submeteu o mal, permitindo que dominasse só os homens vis da Terra, porém não os que o despertassem e odiassem. Corresponde a "Jeová", "Metraton" e "São Miguel" em suas respectivas religiões.
"Metraton" é, em grego, mensageiro, ou grande Instrutor.

As referências dos livros sagrados feitas ao Buda dão a entender que os seus resíduos encarnaram em Shankaracharya, morto aos trinta e dois anos de idade (ou melhor, desaparecido); depois em Tiani-Tsang e finalmente em Tsong-Kha-pa. A primeira reencarnação de Buda foi determinada por Karma e o conduziu a maiores alturas que nunca; as duas posteriores foram sem piedade (por abandono voluntário do corpo antes da época assinada por Karma, isto é, morto na mesma idade em que abandonou o corpo anterior).

Enquanto Gautama Buda está mergulhado no Nirvana desde a sua morte, pode ser que Gautama Sakyamuni tenha tido necessidade de se reencarnar.

Esta dual personalidade interna é um dos maiores mistérios do psiquismo esotérico.

Segundo a Doutrina Secreta, viveu Buda cem anos, porém, como alcançou o Nirvana aos oitenta anos, foi considerado morto para o mundo dos homens desde então. 0 Adepto que entra no caminho e alcança o Dharmakaya tem o direito de escolher uma condição inferior, porém com a faculdade de voltar quando lhe agrade e em qualquer personalidade que tenha escolhido.

Para isto deve estar preparado para suportar qualquer qualidade de fracasso determinada pela lei oculta. Só o Karma é justo e infalível.

Não é lícito dizer nada mais, porque ainda não chegou o tempo em que as nações estejam dispostas a ouvir a verdade inteira.

UM SERMÃO INÉDITO DE BUDA

Acha-se no segundo livro dos Comentários e se dirige aos Arhats. Diz o Todo Misericordioso: "Bendito sejas, ó Bhikshus! Felizes vós que compreendestes o mistério do Ser e do Não-Ser e preferistes o Náo-Ser, porque sois, verdadeiramente, meus Arhats... O elefante que vê sua figura refletida no lago, e fita-a e se vai, pensando ser a figura de outro elefante, é mais sábio que o homem que, ao mirar-se na corrente da vida, diz: 'Esse sou eu'... 'Eu sou Eu'. Porque o Eu, seu ser, não está no mutável mundo dos doze nidanas, mas no do Não-Ser, o único mundo além dos enganos de Maia. 0 verdadeiro Eu, o Ego, o Eu do Universo, não tem causa nem autor; existe por si mesmo, é eterno e está muito mais além do alcance da mutabilidade."

O Universo de Nam-Kha (ilusão universal) diz: "Eu sou o mundo fenomenal." As quatro ilusões replicam, rindo: "Assim é verdadeiramente.' Porém o realmente sábio adverte que nem o homem nem o

universo por onde cruza como ligeira sombra, são reais, como tampouco a gota de orvalho que reflete uma chispa de Sol é o mesmo Sol. Três coisas há eternamente as mesmas, e que jamais sofrem vicissitude nem modificação: a Lei, o Nirvana e o Espaço (Akasha).

Os três são Um, posto que os dois primeiros estão no terceiro, e este, por sua vez, é Maia, enquanto o homem se acha no torvelinho das existências afetivas. Não é necessário que morra o corpo físico para evitar os assaltos da concupiscência e outras paixões. O Arhat que guarda os sete preceitos ocultos do Dharma pode chegar a ser Dangma e Lha (alma purificada e espírito livre, porém encarnado em corpo vivente, isto é, Arhat), ouvir a voz de Kiwan-Yin (Voz do Espírito) e achar-se dentro dos limites de Sangharama transferido a Amitabha Buda (a Infinita Luz que permite ver as coisas do mundo subjetivo). Ao unir-se com os seres perfeitos, pode atravessar os seis mundos do ser e entrar no primeiro dos três mundos arüpas. Quem escutar a minha lei secreta, pregada por meus Arhats escolhidos, chegará com a sua ajuda ao conhecimento do Eu e daqui à perfeição.

Dangma é uma alma purificada. Lha é um espírito livre, porém encarnado num corpo vivente, isto é, um Arhat ou Adepto. Segundo as crenças populares do Tibete, o Lha é um espírito desencarnado.

Kiwan-Yin é um sinônimo do vocábulo empregado no texto original. É a divina voz do Eu, "a voz do Espírito" no homem, idêntica à "Voz da Divindade" dos brâmanes. Os budistas chineses dão este nome a uma deusa popular com mil mãos e olhos. É o daimon budista, a voz interna de Sócrates.

Segundo Cousin, o Hinduísmo, opostamente ao Budismo, afirma a persistência do princípio presente. Diz ele que o pensamento brota unicamente da sensação e não sobrevive a ela, e que o Espírito não pode suster-se a si mesmo, e ao dirigir a atenção a si mesmo, só deduz o conhecimento de sua impotência para ver-se em qualquer circunstância de outro modo que com o sucessivo e transitório.

Mas isto se refere ao espírito encarnado, e não ao livre e espiritual "Eu" em que Maia não tem influência. O Espírito não é corpo; por isso os orientais o chamam Não-corpo e Não-coisa; daí a qualificação de Niilistas que dão aos budistas e aos vedantinos.

NIRVANA — MOKSHA

Os budistas do sul sustentam que o Akasha é a raiz de tudo, pois dele derivam todas as coisas do universo, em relação à lei do movimento que lhe é inerente. Os tibetanos atribuem a Buda o ensino de que o Universo tem três coisas eternas: a Lei, o Nirvana e o Espaço.

Akasha é sinônimo de Aditi, e ambos eqüivalem a Espaço. O sábio de Kapilavastu unifica depois os dois com o terceiro, num elemento eterno, e conclui dizendo que ainda este é Maia para quem não seja uma Alma perfeitamente purificada. Tudo isso dimana da questão

errônea dos conceitos materialistas e do desconhecimento da metafísica oculta. Para o cientista que considera o espaço como uma simples representação mental, algo existente pro forma, porém sem realidade fora de nossa mente, o espaço per se é pura ilusão, uma abstração. Se compararmos o critério dos antigos filósofos neste ponto com o das atuais ciências físicas, acharemos que só discrepam em nomes e deduções, porém que coincidem em seus postulados reduzidos à mais simples expressão. Desde a aurora da Sabedoria oculta exploraram os videntes de todas as épocas as regiões que a Ciência chama éter. Os Rishis hindus, os caldeus e egípcios têm por Espaço Cósmico a eterna raiz de todas as coisas, o cenário das forças da Natureza, a originária fonte de toda a Vida terrena e a morada dos invisíveis enxames de seres reais, assim como de suas sombras que, conscientes ou inconscientes, nos rodeiam por toda a parte e interpenetram os átomos de nosso Cosmos, ainda que não os vejamos por meio do organismo físico. Para o ocultista, Espaço e Universo são sinônimos. No Espaço não há, isoladamente. Matéria, Força e Espírito, senão tudo isso e muito mais. É o único elemento, a única Anima Mundi, raiz de toda a vida em seu eterno e incessante movimento; desenvolve e absorve quanto vive, sente, pensa e tem nele o seu ser.

O Universo é a combinação de milhares de elementos e contudo é a expressão de um simples Espírito: um caos para os sentidos, um Kosmos para a razão.

Assim opinavam nesta questão todos os antigos grandes filósofos, de Manu a Pitágoras, de Platão a Paulo.

Segundo Manava-Dharma-Shastra (I: 6,7), quando a dissolução (Pralaya) havia chegado ao seu termo, o grande Ser (Para-Âtma, ou Para-Purusha), o Senhor existente por si mesmo, de quem e através de quem todas as coisas foram, e são, e serão... resolveu emanar de sua própria substância as várias criaturas.

A Década Mística de Pitágoras (1+2 + 3 + 4= 10)é uma maneira de expressar esta idéia. O Um é Deus (impessoal); o Dois é a matéria; o Três, combinando a Mônada e a Dúada e participando da natureza de ambas, é o mundo fenomenal; a Tétrada, ou forma de perfeição, expressa a vacuidade de tudo; e a Década, ou soma de tudo, envolve todo o Cosmos.

O Deus de Platão é a Ideação Universal e, quando São Paulo disse: Dele, por Ele, e Nele estão todas as coisas, pensava, seguramente, num princípio que de nenhum modo podia ser um Jeová.

A chave dos dogmas pitagóricos é a mesma que a de toda a grande filosofia. É a fórmula geral da Unidade na multiplicidade; o Um, que desenvolve os vários e penetra tudo. Em suma, é a antiga doutrina da Emanação.

Segundo Platão: "A Anima Mundi não era a divindade, mas uma manifestação", aqueles filósofos não concebiam o Único como uma natureza animada.

O Uno originário não existe, tal como entendemos a sua existência; nem foi um Ser produzido até unir-se o Um com as várias existências emanadas (Mônada e Dúada). O Algo Manifestado mora, assim, no centro como na circunferência, porém é apenas o reflexo da Divindade ou a Alma do Mundo. Nesta doutrina encontramos o espírito do Budismo esotérico.

Os ocultistas dizem: "Que a teoria das forças psíquicas e ectênicas, do ideomotor, das forças electrobiológicas, do pensamento latente e do cerebralismo inconsciente", pode resumir-se nestas palavras: A luz Astral dos cabalistas. Schopenhauer sintetizou tudo isto chamando-o a Vontade, e contrariou os cientistas em seus conceitos materialistas, como fez mais tarde Hartmann.

Ele afirma ainda que a matéria é uma agregação de forças atômicas: que em realidade não há matéria nem espírito. Achamo-nos ante as incompreensíveis forças da Natureza e nunca poderemos chegar à interna substância das coisas. Tal era a opinião de Kant.

A Matéria da ciência poderá estar morta e passiva sob o ponto de vista objetivo, mas para o ocultista nem um só átomo está morto, porque "a Vida está sempre presente nele".

Nirvana significa "desvanecimento" de toda a existência senciente; é como uma vela que arde até consumir-se o último átomo de matéria combustível, e então se apaga.

0 Nirvana é, e é eterno. O Nihil é sinônimo do Princípio infinito e Universal, que é Não-Ser e Não-Coisa. É o poder oculto e onipresente que o monoteísmo transformou num ser antropomórfico, com todas as paixões humanas. A aniquilação absoluta é incompreensível, pois nem sequer a Matéria coeterna pode aniquilar-se; aniquilam-se as formas e mudam as relações.

Buda ensinou que a substância Primordial é eterna e imutável, e que tem por veículo o puro e luminoso Éter, o ilimitado e infinito Espaço.

Diz Buda:

Quem quer que desconheça a minha Lei, e morra em tal estado, deve voltar à Terra até tornar-se um perfeito asceta. Para realizar este objetivo terá de destruir em seu interior a trindade de Maia (matéria ilusória em sua trina manifestação). Deve extinguir suas paixões e unificar-se com a Lei (o ensino da Doutrina Secreta), e compreender a filosofia da aniquilação.

As coisas temporais são ilusórias ainda que nos pareçam permanentes. Na doutrina budista fundaram os pitagóricos os principais postulados de sua filosofia. Os pitagóricos afirmam que os espíritos das criaturas são emanações do Éter mais sublimado, porém não formas mas emanações, alentos. O Buda ensinou que não estamos obrigados a aceitar nada como matéria de fé, esteja escrito nos livros ou ensinado por sábios, mas só devemos crer o que seja corroborado por nossa razão e consciência.

Segundo a filosofia budista, aniquilação significa dispersão de matéria em qualquer forma ou aparência de forma que possa ter, porque tudo que tem forma foi criado, e mais ou menos tarde terá que perecer, isto é, mudar de aparência; e como a eternidade não teve começo nem terá fim, a duração mais ou menos prolongada das formas é comparável à de um relâmpago. Quando a entidade espiritual se desliga, definitivamente, de toda a partícula de matéria, só então entra no eterno e imutável Nirvana. Então existe um Espírito, em nada objetivo; aniquilou-se como forma e aparência e, portanto, já não morrerá mais, porque o Espírito só não é Maia, mas a única realidade num ilusório Universo de formas sempre passageiras.

OS LIVROS SECRETOS DE "LAM-RIN" E DZYAN

O Livro de Dzyan é o primeiro volume dos "Comentários" sobre os sete fólios secretos do Kiu-te, e um glossário das obras públicas do mesmo título.

Em poder dos lamas Gelupas do Tibete, na biblioteca de qualquer mosteiro, há trinta e cinco volumes de Kiu-te para uso dos profanos; e também catorze livros de comentários e anotações sobre o mesmo, pelos Instrutores iniciados. Os 35 livros são uma versão popular da Doutrina Secreta, cheia de mitos, véus e erros. Os 14 livros dos Comentários e suas anotações são o desenvolvimento da pequena obra esotérica Livro da Sabedoria Secreta de Mun. Estes Comentários são mantidos secretos e sob seus cuidados, pelo Teshu Lama de Chigatsé. Os livros de Kiu-te são relativamente modernos, pois foram publicados no último milênio; enquanto que os primeiros volumes dos Comentários são antiquíssimos e se conservam deles alguns fragmentos dos cilindros originais. Os Comentários explicam e retificam alguns fabulosos relatos dos livros de Kiu-te, mas pouco têm a ver com estes.

Nesse livro se pergunta: "Quem está de posse do verdadeiro conhecimento?" E a resposta é: "Os grandes Mestres da Montanha Nevada."

Sabe-se que estes Mestres vivem nos Himalaias há idades sem conta.

Negar que ali moram seus grandes Gurus pareceria ridículo a milhões de hindus que crêem que eles vivem nos Ashramas disseminados em ambas as vertentes dos Himalaias. A maioria deles se compõe de ascetas e brâmanes ários.

AMITA BUDA, KWAN-SHAI-YIN E KWAN-YIN.

O QUE 0 LIVRO DE DZYAN E AS COMUNIDADES DE LAMAS
DIZEM ACERCA DE TSONG-KHA-PA

Como suplemento aos Comentários, há muitos fólios secretos que tratam das vidas dos Budas e Bodhisattvas, e entre eles há um sobre

o Príncipe Gautama, e outro sobre sua reencarnação na personalidade de Tsong-Kha-Pa. Este grande Reformador tibetano, que floresceu no século XIV, foi, segundo dizem, uma direta encarnação de Amitâ Buda, e fundou a escola secreta de Tji-gad-je, ou Chigatsé, agregada à residência particular do Teshu-Lama. É com ele que começou o sistema regular das encarnações lamáicas de Budas.

Amida é a forma senzar de Adi, e tanto Adi-Buddhi como Adi-Bud-dha são expressões empregadas em sânscrito há séculos, equivalentes a "Alma Primitiva" e "Sabedoria". Buddhi significa "discernimento" ou "razão pura" (é o sexto princípio). Buddha quer dizer "sábio", e é, também, o nome do planeta Mercúrio. Amitâbha significa "Idade sem limites", e é sinônimo de "Ancião dos dias", sendo um epíteto que o relaciona diretamente com o ilimitado Adi-Buddhi dos hindus, a Anima Mundi de todas as antigas nações da Europa.

0 chinês Amitâbha e o tibetano são deuses pessoais que governam a região celeste, o Devakan, enquanto o Adi-Buddhi dos filósofos hindus e tibetanos são nomes de idéias primitivas e universais.

TSONG-KHA-PA — CHOANS NA CHINA

Tsong-kha-pa não foi uma encarnação dos celestes Dhyânis (cinco Budas celestiais), mas foi uma encarnação do mesmo Amita Buda. Os anais conservados no "Gon-pa", a principal lamaseria de Tda-shi-Hlumpo ou Tachi-Lumpo, indicam que Song-gyas deixou as regiões do "Paraíso Ocidental" para encarnar-se em Tsong-kha-pa, em vista da grande decadência de suas doutrinas secretas.

Até então não havia encarnado nenhum Buda (Sang-gyas) no Tibete.

Tsong-kha-pa proibira, severamente, a magia necromântica e deu os sinais pelos quais se podia reconhecer num corpo humano a presença de um dos vinte e cinco Bodhisattvas. Isto provocou um cisma entre os lamas; e os descontentes se aliaram com os bonzos aborígenes contra o lamaísmo reformado. Ainda hoje formam uma poderosa seita, entregue a ritos abomináveis nas comarcas de Sikkim, Bhutan, Nepal e nas mesmas fronteiras do Tibete. Algo pior sucedeu então. Com permissão do Teshu-Lama, e para evitar discórdias, uns tantos Choans (Arhats) foram se estabelecer na China, no famoso mosteiro, nas imediações de Tien-Tai, onde logo alcançaram grande fama entre as gentes, conservando-a até hoje. Tinham sido precedidos por um grupo de Choans de doce voz, cuja habilidade era cantar Mantrans, com prodigiosos efeitos. O canto de um Mantran não é uma oração, mas uma frase mágica em que a oculta lei de causalidade se relaciona dependentemente da vontade e atos do cantor.

Os Dalai-Lamas foram instituídos por Nabang-lob-sang, um Teshu-Lama considerado como a sexta encarnação de Amita seguindo a linha de Tsong-kha-pa.

Os primeiros Choans estabelecidos chegaram de Cashemir no ano 3.000 da idade de Kali (um século antes da era cristã), e os últimos se estabeleceram nos fins do século XIV, isto é, 1.500 anos depois. Como a Lamaseria da Yihiching era pequena para tanta gente, fundaram o grande mosteiro da ilha de Put, (Buda, em língua chinesa), na província de Chusan. Aí floresceu durante séculos a Boa Lei ou "Doutrina do Coração", até que, profanada a ilha por uma invasão de estrangeiros os Choans principais se refugiaram nas montanhas.

No Pagode de Piyunti, perto de Pequim, pode-se ver ainda o salão dos quinhentos Choans, em cuja parte inferior estão as estátuas dos que chegaram primeiro, enquanto que logo abaixo do teto aparece a imagem de um Choan solitário, que parece ter sido erguida em lembrança à sua visita.

Séculos depois de nossa era, os iniciados dos templos secretos e comunidades monásticas ou Mathams elegeram um Conselho supremo presidido por um poderoso brahmâtma, chefe de todos aqueles Mahatmas, o hierofante que iniciava os adeptos maiores, e ao qual estava reservada a explicação da Palavra Sagrada AUM e de todos os ritos e símbolos religiosos. Qualquer dos adeptos de grau superior que revelasse a um profano a mínima verdade oculta, ou o mais leve segredo confiado à sua discrição, era condenado à morte junto com o conhecedor do segredo.

Porém havia ali, e ainda há em nossos tempos, uma Palavra muito mais sagrada que o misterioso monossílabo, a qual quase igualava a Brahmâ quem possuísse a sua chave. Unicamente os brahmâtmas a possuíam, e sabemos que a conhecem atualmente dois Iniciados da Índia Meridional. Só é permitido comunicá-la na hora de morrer, e por isso é chamada a "Palavra Perdida".

Está bem guardada no Tibete, e nenhum tormento humano obrigaria o brâmane que a conhece a revelá-la.

Entre os mandamentos de Tsong-kha-pa há um que ordena aos Arhats fazerem um esforço cada século, em certo período do ciclo, para iluminar o mundo, inclusive o dos "bárbaros brancos". Até hoje nenhuma destas tentativas teve bom êxito. Há uma profecia que diz que até que o Teshu-Lama (a Jóia da Sabedoria) consinta em renascer no país dos ocidentais como conquistador espiritual, e dissipe os erros da ignorância dos tempos, os filhos da Europa não escutarão a ninguém.

Outra profecia diz que a Doutrina Secreta se conservará em toda a pureza em Bhod-yul (Tibete), só enquanto os estrangeiros não invadirem o país. Mesmo as visitas dos europeus, ainda que amistosas, seriam mortais para os tibetanos. Este o motivo do exclusivismo do Tibete.

Retificação de Alguns Outros Conceitos Errôneos

O primeiro anelo de Buda foi salvar os homens, ensinando-lhes a prática da pureza e virtude em sumo grau, desligando-se do serviço

desse mundo enganoso e do amor ilusório e vão do "Eu físico". Mas, que adiantaria uma vida virtuosa, cheia de sofrimentos e privações, se a aniquilação fosse o seu resultado final? Se o logro da divina perfeição e o conhecimento que revela as causas dos periódicos ciclos de existência tivessem de conduzir ao Não-Ser, e nada mais, então seria imbecil a doutrina Budista. Quem possa compreender a sutil e profundíssima diferença entre a vida em estado físico e a vida puramente espiritual, jamais poderá menosprezar a excelsa doutrina de Buda. A existência pessoal é causa de penas e aflições; a vida coletiva e impessoal está cheia de gozos e bênçãos, cuja luz não eclipsam as causas nem os efeitos.

Um Ego que passe por dez vidas individuais deve perder, necessariamente, sua unitária individualidade e fundir-se, por assim dizer, com os referidos dez "eus". De todas as filosofias religiosas, o Budismo é a menos compreendida: foi julgada pelas migalhas de conhecimentos recolhidas nas Lamaserias fronteiriças, nos países densamente povoados pelos butanezes, leptchas, bhons e dugpas de capacete vermelho, ao longo da cordilheira dos Himalaias.

As escolas esotéricas deixariam de merecer o nome que levam se transmitissem suas doutrinas e literatura a correligionários profanos.

Tudo isto nada tem a ver com o verdadeiro Budismo filosófico dos Gelugpas, nem ainda com os mais cultos membros das seitas "Sakyapa" e "Kadampa".

Como todos os ensinos esotéricos, as palavras de Buda têm um duplo significado e como cada seita pretende possuir o verdadeiro, arrogam-se supremacia sobre as demais. Daí o cismo corroer como um câncer o corpo do Budismo primitivo. São Pratieka Budas os que alcançaram a Bodhi (Sabedoria) dos Budas, porém não são Instrutores. O Pratyeka Buda está no mesmo nível do Buda perfeito, e nada se sabe acerca de sua missão. Os Budas perfeitos são, simplesmente, os Iniciados perfeitos. Todos eles são homens, e não desencarnados, segundo afirmam algumas obras exotéricas.

Gautama foi discípulo dos hinduístas esotéricos que se tinham estabelecido nos Himalaias muitos séculos antes de Sakyamuni. Foram eles que lhe ensinaram as verdades do Sungata, o perecível e transitório de todas as coisas, o conhecimento do que atravessa a corrente e toma pé no solo do perfeito Ser, nas regiões da Única Realidade. Porém os Arhats de Gautama pecaram por ambição e, reunidos em conselho, modificaram as primitivas doutrinas, até que por último a maior parte destas escolas se submeteu à orientação e governo dos principais Ashramas e a "Yogacharya de Aryasanga" se refundiu na primitiva Loja, onde há tempo imemorial jaz oculta a futura esperança do mundo, a salvação da humanidade. Vários são os nomes dados a esta escola primitiva e à terra em que se assenta. Ali, somente ali, impera a absoluta compreensão do Ser e do Não-Ser, a imutável existência real no Espírito, ainda que este aparentemente anime o corpo.

Todos os seus habitantes são um Não-Ego, porque chegaram a ser um perfeito Ego. Sua vacuidade é auto-existente e perfeita, porque se fez absoluta; o ilusório se transformou na incondicionada Realidade. A Verdade absoluta venceu a Verdade relativa, e os habitantes desta misteriosa região alcançaram a analisadora reflexão sobre si mesmos.

Superiores a eles só existem os Darmakayas ou Nirvanis sem resíduos, os puros e arúpicos Hálitos. A escola Prasanga afirma que só há dois meios de entrar no caminho do Nirvana. Um homem virtuoso pode alcançar por autopercepção ou meditação a intuitiva compreensão das Quatro Verdades, ainda que não pertença a nenhuma ordem monástica, nem tenha sido iniciado. Só Alaya, raiz e base de tudo, invisível e incompreensível à visão e intelecto humano, tem eterna e absoluta existência e, portanto, absoluto conhecimento, pois ainda os Iniciados em seu corpo Nirmanakaya estão expostos ao ocasional erro de tomar o verdadeiro pelo falso em suas explorações do mundo sem causa.

Só é infalível o Bodhisattva Darmakaya no estado real de Samadhi.

Nirmanakaya é o corpo espiritualizado do Ser "sem resíduos" (influências terrenas). Um Darmakaya é Jivanmukta, o perfeito Iniciado, capaz de separar seu Eu Superior completamente do corpo, durante o Samadhi.

A doutrina da Raja Yoga admite duas espécies de Samadhi; uma conduzindo à esfera de bem-aventurança, onde o homem goza de perfeita e pura felicidade, ainda que relacionada com a existência pessoal; a outra conduz à completa emancipação dos mundos da ilusão, do Eu e da irrealidade. O primeiro caminho está aberto a todos e se alcança simplesmente por merecimento; o segundo, cem vezes mais rápido, se alcança por meio do conhecimento (Iniciação).

0 Budismo como religião exotérica se expandiu publicamente no século VII da era cristã; enquanto o Budismo esotérico real, a flor, o verdadeiro espírito das doutrinas do Tatagata, foi levado ao lugar de seu nascimento, berço da humanidade, pelos prediletos Arhats de Buda, enviados em busca de um asilo para essas doutrinas, pois o Sábio previu os perigos que viriam.

Nas comarcas mergulhadas na feitiçaria falhou o intento. E enquanto a escola da "Doutrina do Coração" não se fundiu com sua predecessora, estabelecida idades antes nas vertentes que olham o Tibete ocidental, não ficou o Budismo definitivamente estabelecido nas terras do Bhon-pa, com as suas divisões esotérica e exotérica.

A "DOUTRINA DO OLHO" E A "DOUTRINA DO CORAÇÃO" OU 0 "SELO DO CORAÇÃO"

Só os budistas do Norte possuem as escrituras completas, porque os do Sul não têm idéia de uma doutrina esotérica (semelhante à pérola na concha de cada religião), ao passo que os chineses e tibetanos conservam numerosos sinais dela. Se bem que degenerada e corrompida,

a doutrina exposta publicamente por Gautama é guardada incólume nos mosteiros chineses, aonde não pode chegar a curiosidade dos viajantes. Durante dois mil anos os reformadores adulteraram um tanto o original com especulações de sua invenção; no entanto, ainda alenta a verdade entre as massas. Somente no longínquo transhima-laico Tibete, nas mais inacessíveis paragens do deserto e da montanha, se conserva, hoje em dia, em toda a sua prístina pureza, a esotérica Boa Lei, o "Selo do Coração".

Swendenborg declara que certos "espíritos" lhe revelaram que praticavam seu culto de acordo com a antiga Palavra Perdida, e que podia ser encontrada na Grande Tartária. Este filósofo que podia passar, voluntariamente, ao estado no qual o Eu se desprende dos sentidos físicos para atuar no mundo onde, como num livro aberto, vêem os olhos da Alma todos os segredos da Natureza, deve merecer o nosso crédito. Apoiado na autoridade de uma Enciclopédia Japonesa, diz Remusat que antes de morrer revelou Buda os segredos de sua doutrina a seu discípulo Kasyapa, confiando-lhe a exclusiva e sagrada guarda da interpretação esotérica, que na China tem o nome de "Mistério do Olho da Boa Doutrina". "Doutrina do Olho" significa dogma, letra morta e ritualismo eclesiástico, adequados aos que se satisfazem com as fórmulas exotéricas. A "Doutrina do Coração" ou "Selo do Coração" (Sin Yin) é a única verdadeiramente real. Hiuen Tsang diz que, depois de subido o Grande Mestre ao Nirvana, seu discípulo Kasyapa confiou a Ananda (discípulo favorito de Buda) a promulgação do "Olho da Doutrina"; pois o Coração da Lei ficou no exclusivo poder dos Arhats. A diferença entre as duas Doutrinas está estabelecida no Budismo Chinês, escrito por diversos missionários, que só conhecem o que aprenderam de apócrifas escolas esotéricas, pois eles não puderam ter acesso aos documentos e antigos manuscritos esotéricos. Até hoje continua inacessível a genuína literatura esotérica, ciosamente guardada nos mosteiros da China e do Tibete. A doutrina oral e secreta do Budismo, transcrita em cópias simples pelos supremos hierarcas das genuínas escolas esotéricas, está exposta numa obra de San-Kianyi-Su, que diz do Buda:

Tathagata ensinou grandes verdades e as causas das coisas, chegando a ser Instrutor de Homens e Devas. Salvou uma multidão de gente e expôs, oralmente, o conteúdo de mais de quinhentas obras. Daqui derivou o Kiau-men, o ramo exotérico da doutrina, considerada desde então como as palavras de Buda.

Do céu ocidental trouxe Bodhidarma o "Selo da Verdade" e iluminou no Oriente os mananciais da contemplação, encaminhando-se. diretamente, ao coração e natureza de Buda, com desdém da parasitária e forasteira instrução livresca. Assim se estabeleceu o Tsang-men, o ramo esotérico da doutrina que entranhava a tradição do "coração de Buda".

O Budismo dos livros e tradições antigas chegou a ser o Budismo da contemplação mística. Nenhuma parte da história pode ajudar-nos tão eficazmente a recobrar os perdidos conhecimentos como os relatos dos Patriarcas, cuja cronologia completou Bodhidarma.

Ao inquirir a explicação mais satisfatória das narrações chinesa e japonesa, dos Patriarcas e dos sete Budas que terminam em Gautama ou Sakyamuni, convém ter em conta as tradições jaínas como eram no século VI, quando o Patriarca Bodhidarma comoveu a nação chinesa. Ao traçar a origem das várias escolas do Budismo esotérico, é preciso advertir que estavam regidas por um princípio semelhante ao da sucessão apostólica. Todas afirmam que receberam a doutrina por meio de uma série de instrutores, cada um dos quais a aprendeu pessoalmente de seu antecessor, até a época de Bodhidarma, e assim sucessivamente, nas séries até o Sakyamuni e os primitivos Budas.

Buda ensinou a doutrina dos renascimentos tão claramente como as ensinou Jesus. Desejoso de romper com os antigos Mistérios que não admitiam em seu seio as massas ignorantes, declara, resolutamente, o seu pensamento em várias passagens, ainda que se mantenha silencioso sobre alguns dogmas secretos.

Assim diz:

Alguns nascerão outra vez. Os maus irão para o inferno (avitchi); os bons para o céu (devakan); os que estão livres de todo o desejo mundano entrarão no Nirvana. É melhor crer numa vida futura, que traga felicidade ou desgraça, porque, se o coração crê nela, abandonará o pecado e obrará virtuosamente, e ainda que não houvesse ressurreição (renascimento), tal vida trará reputação e recompensa aos homens. Porém, os que crêem que à morte segue a extinção, não se importam em cometer quantos pecados lhes sugira o desejo, desde que nega a vida futura. (A Roda da Lei.)

Como pode ser a imortalidade "incompatível com a doutrina do Nirvana"?

O transcrito foi, apenas, um punhado de pensamentos que Buda declarou, abertamente, a seus Arhats ou discípulos prediletos; porém o insígne Santo disse muito mais. Há no mosteiro de Tientai, para uso dos budistas, uma obra sobre ciências ocultas, escrita em chinês por um monge tibetano, que diz tê-la escrito para os que vivem em terras estranhas e estão correndo o risco de ser despojados pelos missionários. Falando sobre o homem que pretende dominar os mistérios do esoterismo antes que o Mestre Iniciado o considere disposto a recebê-los, compara-o a quem, "sem lanterna, intenta buscar em noite escura, num local cheio de escorpiões, uma agulha que tivesse perdido o seu vizinho". Quem deseje adquirir o sagrado conhecimento há de preparar, de antemão, a lâmpada da compreensão interna, e depois, iluminado por tão clara luz, servir-se de suas boas ações como de um pano para limpar toda impureza de seu místico espelho, de modo que nele brilhe o fidelíssimo reflexo do Eu... Primeiro isto, depois, o estado de completa liberação sem culpa nem desejo algum; por último o Samma Sambudha (quando o Adepto vê a longa série de suas vidas passadas e revive todas as anteriores encarnações neste e noutros mundos).

Diz Lin-tsi no Budismo Chinês:

Dentro do corpo que sente, conhece, pensa e obra, está Wu-Wei-chen-jen, o "verdadeiro homem sem posição" que se faz claramente visível sem que o encubra a mais tênue película. Por que não o reconheces? Se a mente não vem à existência consciente, há liberdade por toda a parte. Que é um Buda? Uma mente clara e em descanso. Que é a Lei? Uma mente clara e iluminada. Que é Tau? Em todo o lugar, a carência de impedimentos e a pura iluminação. Os três são um.

Edkins burla da sentença de Lin-tsi, que diz:

O "verdadeiro homem sem posição" está envolvido numa casca espinhosa como a da castanha. Não é possível aproximar-se dele. Este é Buda. O Buda que está em vós. Realmente, um menino não pode compreender os sete enigmas!

ALGUNS APONTAMENTOS SOBRE A SIGNIFICAÇÃO DA FILOSOFIA OCULTA NA VIDA

Nota

Os apontamentos 1, 2 e 3, que seguem, foram escritos por H.P.B., e circularam privadamente enquanto viveu; ainda que com o propósito de que se publicassem algum tempo depois. Estes apontamentos convém mais aos estudantes que ao vulgo e não deixarão sem recompensa o cuidadoso estudo e atenção que a eles se dediquem. As "Notas de alguns ensinos orais" foram transcritas por alguns de seus discípulos, e corrigidas em parte por ela, sem que nada se fizesse para suprir-lhe o caráter fragmentário. Tinha H.P.B. o intento de utilizá-los como base de outros apontamentos análogos aos três primeiros, porém seu precário estado de saúde não lhe permitiu levar a cabo esta tarefa. Assim se publicam com o seu consentimento, uma vez esgotado o prazo durante o qual estiveram restritos a um reduzido círculo de pessoas.

Annie Besant

Apontamento I

UMA ADVERTÊNCIA

Há em Ocultismo uma estranha lei, comprovada e corroborada por milhares de anos de experiência, e que tampouco falhou em nenhum caso desde a fundação da Sociedade Teosófica. Tão logo uma pessoa presta o Compromisso de Discípulo "em prova", experimenta certos efeitos ocultos, dos quais o primeiro é eduzir tudo quanto lateja na natureza do homem: defeitos, costumes, qualidades e desejos reprimidos, sejam bons, maus ou indiferentes.

Por exemplo, se um homem é fútil, sensual ou ambicioso, por atavismo ou herança kármica, pode-se afirmar que estes vícios recobrarão força, ainda quando até então tenha conseguido ocultá-los e refreá-los. Manifestar-se-ão irremediavelmente, e o homem terá de trabalhar cem vezes mais arduamente que nesta até extinguir tais propensões.

Pelo contrário, se é bom, generoso, casto e moderado, e tem alguma virtude oculta e latente, exteriorizar-se-á tão irremissivelmente quanto os demais. Assim o homem culto a quem repugne ser considerado santo, e que, portanto, o oculta, não poderá encobrir a sua verdadeira natureza, no que ela tem de baixo e de nobre.

Esta é uma lei imutável nos domínios do oculto.

Sua ação é tanto mais marcada quanto mais zeloso e sincero é o desejo do candidato, e quanto mais profundamente ele tenha sentido a realidade e importância de seu Compromisso.

Todo estudante deve estar familiarizado com a antiga máxima oculta: "Conhece-te a ti mesmo"; mas poucos, se algum, compreendem o verdadeiro significado da sábia exortação do Oráculo de Delfos. Todos conhecem a sua genealogia terrena; mas qual de vós descobriu jamais os vínculos de herança astral, psíquica e espiritual que vos tornaram o que atualmente sois? Muitos têm manifestado o desejo de se unirem com o seu Ego Superior e, no entanto, ninguém parece conhecer o indissolúvel laço que relaciona seu Ego Superior com o Eu Único e Universal.

Para todos os fins do Ocultismo, sejam práticos ou meramente metafísicos, é requisito indispensável tal conhecimento. Portanto, propomo-nos começar estes apontamentos indicando em todos os sentidos esta relação com os mundos Absoluto, Arquetípico, Espiritual, Manásico, Psíquico, Astral e Elemental. Contudo, antes de tratar dos mundos superiores, devemos dominar as relações do sétimo, o mundo terrestre, com os mundos ou planos que imediatamente o seguem.

OM

OM diz o Adepto Ário, o filho da Quinta Raça, que começa e acaba com esta sílaba sua saudação ao ser humano e sua invocação às Presenças não-humanas.

Om Mani, murmura o Adepto Turânio, o descendente da Quarta Raça; e, depois de uma breve pausa, acrescente: Padme-Hum.

Os orientalistas têm traduzido, erroneamente, esta famosa invocação pela frase: "Ó! A jóia no Loto." Porque, se bem que Om seja, literalmente, uma sílaba consagrada à Divindade; Padme significa "no loto", e Mani quer dizer "pedra preciosa", não são, no entanto, corretamente traduzidas as palavras em si mesmas, nem em seu significado simbólico.

Nesta fórmula, a mais sagrada de todas as orientais, não só contém cada sílaba um secreto poder, que produz definido resultado, mas a invocação completa tem sete distintos significados, com outros tantos efeitos, que diferem entre si.

Os sete significados e seus correspondentes efeitos dependem da entoação que se dê à fórmula em conjunto e a cada uma de suas sílabas; e ainda o valor numérico das letras aumenta ou diminui segundo o ritmo que se empregue. Há de recordar o estudante que o número implica forma e som. O número subjaz na raiz do Universo manifestado; o número e as proporções harmônicas dirigem as primeiras diferenciações da substância homogênea em elementos heterogêneos; e o número e os números põem limites à formativa mão da Natureza.

O conhecimento dos números correspondentes ao princípio fundamental de cada elemento e de seus subelementos; o da interação e função dos números na ordem oculta da Natureza manifestada, e o da Lei de analogias e correspondências, vos levarão a descobrir os maiores mistérios da Vida macrocósmica.

Mas para chegar ao macrocósmico deveis começar pelo microcósmico, isto é, pelo Homem, o microcosmos, procedendo neste caso como a Ciência física, indutivamente, ou seja, do particular ao universal. No entanto, como para analisar e compreender as combinações e diferenciações do som se necessita de uma chave, nunca devemos perder de vista o método platônico, que começa por um exame geral do conjunto, e desce do universal para o particular. Este é o método adotado em matemática, a única ciência exata que se conhece.

Portanto, estudemos o Homem; mas se por um momento o separássemos do Todo universal, ou o considerássemos isolado, num só aspecto, à parte do "Homem Celeste" (o Universo simbolizado por Adão Kadmon), cairíamos na magia negra ou fracassaríamos ignominiosamente em nosso intento.

Quando se compreende bem a mística frase: Om Mani, Padme Hum, em vez de traduzi-la pelas quase incoerentes palavras: "Ó Jóia do Loto!", alude a esta indissolúvel união do Homem e do Universo, interpretada de sete modos diferentes, com a possibilidade de sete diferentes aplicações a outros tantos planos de pensamento e ação.

Sob qualquer ponto de vista que a examinemos, significa: "Eu sou o que sou"; "Eu estou em ti e tu estás em mim". Nesta íntima união, o homem bom e puro converte-se num deus. Consciente ou inconscientemente, ele determinará, ou inocentemente provocará resultados inevitáveis. No primeiro caso, se é um Iniciado (da direita), pode orientar uma corrente protetora ou benéfica e proteger e beneficiar assim os indivíduos e até a nação inteira. No segundo caso, ainda que sem perceber, o homem bom se converte numa bênção para quem quer que esteja a seu lado. Tal é o fato.

Escolhemos, como exemplo, a fórmula Om Mani, Padme Hum, por causa de sua quase infinita potencialidade na boca de um Adepto, e de seu poder quando alguém a pronuncia. Vão com cuidado os que lerem isto. Não usem tal palavra em vão, nem quando estejam coléricos, não sejam eles a primeira vítima, ou, o que é pior, prejudiquem a outros.

No Tibete a invocação citada é um poderoso talismã, um feitiço, comunicado às nações da Ásia Central por Padmapani, o Chenresi tibetano.

Quem é, verdadeiramente, Padmapani? Todos nós temos de reconhecê-lo por nós mesmos, quando estivermos preparados. Cada um de nós leva em si a Jóia no Loto, chame-se Padmapani, Krishna, Buda, Cristo ou qualquer outro nome que possamos dar a nosso princípio divino, o Eu. O relato exotérico diz assim:

O Supremo Buda, o Amitabha no momento da criação do homem, emanou de seu olho direito um raio cor-de-rosa. Este emitiu um som e se converteu em Padmapani Bodhisattva, Depois a Divindade emanou de seu olho esquerdo um raio de luz azul, que, encarnado nas duas Virgens Dolma, adquiriu o poder de iluminar as mentes dos seres viventes. Amitabha então chamou a combinação, que imediatamente tomou sua morada no homem: Om Matii, Padme Hum. "Eu sou a Jóia no Loto, e nele permanecerei." Então, Padmapani, o Um no Loto, fez voto de trabalhar sem descanso até conseguir que a humanidade sentisse a presença dele em si mesma, e deste modo se salvasse das misérias do renascimento.

Prometeu também consegui-lo antes do término do Kalpa, acrescentando que, em caso de fracassar, queria que a sua cabeça se rompesse em inúmeros fragmentos. Terminou o Kalpa sem que a humanidade o sentisse em seu frio e malvado coração; por isso a cabeça de Padmapani ficou destroçada e dispersa em mil pedaços. A Divindade, movida de compaixão, voltou a juntar os pedaços em dez cabeças, três brancas e sete de diversas cores. Desde aquele dia o homem é um perfeito número dez. Nesta alegoria a potência do Som, Cor e Número encobrem, engenhosamente, o verdadeiro significado esotérico. Está repleto de significados, espiritual, divino, físico e mágico. De Amitabha (o incolor ou a glória branca), dimanam as sete diferenciadas cores do espectro solar. Cada uma delas emite seu correspondente som, que forma os sete sons da escala musical. Assim como a Geometria entre a Matemática está especialmente relacionada com a Arquitetura e a Cosmogonia, assim os dez Jads (pontos) da Tétrada pitagórica, a Tetraktys, simbolizando o Macrocosmos, tinham de corresponder aos dez pontos em que está dividida sua imagem, o homem ou microcosmos. O estudo das ciências esotéricas tem dois objetivos: 1) provar que a essência espiritual e física do homem é idêntica ao Princípio absoluto e a Deus na Natureza. 2) Demonstrar a presença potencial no homem da mesma virtualidade existente nas forças criadoras da Natureza.



Pois bem, o primeiro requisito para todo aquele que estude as ciências esotéricas com este duplo objetivo é conhecer perfeitamente a correspondência entre cores, sons e números. Conforme dissemos, a sagrada fórmula do longínquo Oriente, Om Mani, Padme Hum, é a mais adequada para evidenciar ao estudante estas correspondentes qualidades e funções.

Na alegoria de Padmapani, à Jóia (o Ego espiritual) no Loto, ou símbolo do homem andrógino, sobressaem os números 3, 4, 7, 10, que, como deixamos exposto, sintetizam o Homem na Unidade. O adiantamento de um estudante de Ocultismo depende do completo conhecimento e compreensão do significado e potência destes números, em suas várias e multiformes combinações, e em sua mútua correspondência com sons e palavras e cores ou modalidades de movimento que a

Ciência física representa por vibrações. Portanto, devemos começar pela palavra inicial — Om ou Aum.

Om é um véu. A frase Om Mani, Padme Hum não consta de seis, mas de sete sílabas; pois a primeira sílaba é dupla, devidamente pronunciada (Aum), e tem essência trina. Representa a sempiterna, oculta, primária e trínica diferenciação, não do Absoluto, mas no Absoluto; e em conseqüência, está simbolizada pelo quatro ou Tetmktys, no mundo metafísico. É o Raio Uno, ou Âtma.

É o Àtma, o Superior Espírito no Homem que, conjuntamente com Buddhi e Manas, constituem a Tríada Superior, ou Trindade. Ademais esta Tríada com os quatro princípios humanos inferiores está envolvida numa atmosfera áurica como a gema do ovo pela clara e pela casca. Os seres superiores percebem este conjunto de outros planos, de sorte que cada individualidade é, para eles, uma esfera oval, mais ou menos radiante.

Convém definir os conceitos para indicar ao estudante a perfeita correspondência entre o nascimento de um Cosmos, de um mundo, de uma entidade planetária ou de uma criatura terrena e pecadora. Os que souberem fisiologia compreenderão melhor.

Os Puranas expõem a exotérica alegoria do nascimento de Brahmâ (masculino-feminino) no Hiranyagarbha ou Ovo do Mundo, rodeado por suas sete zonas (os planos), que no mundo da forma e da matéria constituem sete e catorze lokas. Os números 1 e 14 reaparecem sempre que a ocasião requeira.

Sem expor a secreta análise, os hindus compararam desde tempo imemorial a matriz do Universo e, também, a matriz solar, com o útero feminino. Do Universo dizem: "Sua matriz é tão vasta como o Meru." E além se lê: Nas águas dos grandes oceanos futuros jazem adormecidos os continentes, mares, montanhas, estrelas, planetas, deuses, demônios e homens.

Analogamente, nasce o homem na matriz de sua mãe. Assim como Brahmâ, segundo as tradições exotéricas, está rodeado por sete envoltórios internos e sete externos no Ovo do Mundo, assim é o embrião, a primeira ou a última capa, segundo a extremidade donde se comece a contar. A fisiologia divide o conteúdo do útero em sete também, ainda que se ignore a semelhança desta divisão, que é cópia da matriz universal. O conteúdo do útero é como segue:

1. Embrião.
2. Líquido amniótico, que envolve imediatamente o embrião.
3. Amnios, membrana derivada do feto que contém o líquido amniótico.
4. Vesícüla umbelical, que serve para aumentar, originalmente, o embrião.
5. Alantóide, o alongamento do embrião em forma de saco, entre o amnios e o corion, no meio do espaço entre eles.

6. Espaço entre os amnios e o corión, cheio de um líquido albuminoso.
7. Corión ou invólucro externo.

Cada um destes sete elementos uterinos se corresponde, particularmente, e está formado de acordo com um antetipo em cada um dos sete planos da existência; e estes sete antetipos se correspondem por sua vez com os sete estados da matéria e todas as demais forças, sensacionais ou funcionais, da Natureza.

CORRESPONDÊNCIA ENTRE OS CONTEÚDOS DAS MATRIZES DA NATUREZA E DA MULHER

Pólo Superior	*Pólo Inferior*
Processo cósmico	*Processo humano*
1. Ponto matemático, ou "semente cósmica", a Mônada, que contém o Universo inteiro. E a primeira borbulha que se forma na ilimitada superfície da substância homogênea, ou Espaço. É a borbulha de diferenciação em seu estado incipiente. O germe do Ovo de Brahmâ. Corresponde astrológica e astronomicamente ao Sol.	1. O embrião terrestre que contém em si o futuro homem com todas as suas potencialidades. Entre os princípios humanos é o Atma, o princípio super-espiritual, análogo ao Sol no Sistema Solar físico.
2. A força vital de nosso Sistema Planetário dimana do Sol. Com referência aos planos superiores se chama Akasha. Procede das dez "divindades" ou dez números do Sol, que é por si o "Número Perfeito". Os dez números se chamam Dis (realmente o espaço) ou as forças estendidas pelo espaço, três das quais estão contidas no Âtma do Sol, ou sétimo princípio, e as outras sete nos raios emitidos do Sol.	2. O líquido amniótico flui do embrião. Com referência ao plano da matéria se chama Prana (princípio universal de Vida), Procede da Vida única e Universal- do Coração do homem e de Buddhi, presidido pelos sete raios solares (Deuses).
3. 0 Éter do Espaço que, em seu aspecto externo, é o plástico revestimento que se supõe envol-	3. O amnios ou membrana que contém o líquido amniótico e envolve o embrião. Depois do nas-

ve o Sol. No plano superior é o conjunto do Universo, pois a terceira diferenciação da substância evolucionante ou Mulaprakriti que se transforma em Prakriti. Corresponde misticamente ao Mahat manifestado, a Inteligência ou Alma do Mundo.

cimento forma a terceira envoltura de aura magnetovital. E Manas o terceiro princípio ou Alma Humana no homem,

4. As partes substanciais ou conteúdos siderais do Éter, que a Ciência moderna desconhece; representados:

4. A vesícula umbelical que serve para a primeira nutrição do feto, segundo a ciência; segundo o Ocultismo, leva ao feto, por osmose, as influências cósmicas estranhas à mãe.

a) Nos mistérios ocultos e cabalistas, pelos elementos.

a) No adulto se transmutam estas influências em alimento de Karma, a cujo princípio presidem

b) Na astronomia física pelos meteoros, cometas e toda a classe de corpos cósmicos ocasionais e fenomenicos.

b)No homem ffsico são suas ixões e e ões ou os meteó. ros e cometas morai da natureza humana

5. Correntes de Vida que cruzam o Éter, procedentes do Sol. Os canais pelos quais o princípio vital desse Éter (sangue do corpo cosmico) flui para nutrir tudo que existe nos planetas: desde o mineral que deste modo cresce e se especifica, das plantas que deste modo se alimentam, até o animal e o homem que assim recebem a Vida.

5 0 aiantoides ou alargamento do embriã0 que vai do amnios ao corion. Supõe-se que conduz o alimento da mãe ao feto. Corresponde ao princípio da vida, Prana ou Jiva.

6. A dupla radiação, psíquica e física, que irradia da semente cósmica e se difunde ao redor de todo o Cosmos, assim como ao redor do sistema solar e de cada planeta. Em Ocultismo se chama a Luz Astral divina Superior, e a material inferior.

6- O alantóide se divide em duas capas. O espaço entre o amnios e o corión contém os aiantoides e, também, um líquido albuminoso.

7. O córtex externo de todo o corpo sidéreo, a casca do Ovo do Mundo ou esfera, do Sistema Solar, da Terra e dos homens e ani-

7-0 corión ou zona pelúcida. O objeto globular chamado vesícula blastodérmica, ou sejam, as camadas externa e interna da

mais. No espaço sidéreo é o Éter propriamente dito. No plano terrestre é o ar, que por sua vez tem sete capas.

membrana que há de formar o homem físico. A capa externa ou exoderma forma a epiderme; a interna ou endoderma forma os músculos, ossos etc. Também a pele humana consta de sete capas.

a) A massa potencial do mundo se converte em globos permanentes durante o Manvântara.

a) O corión primitivo se converte em permanente,

Todas as partes uterinas têm uma relação espiritual direta com seus cósmicos antetipos; e em conseqüência são, no plano físico, poderosos instrumentos de magia negra. Por isso se consideram impuras. Na evolução mesma das Raças, observamos a mesma ordem que na Natureza e no Homem. A placenta humana e animal não chegou a formar-se até a separação de sexos na Terceira Raça-Raiz.

Na evolução fisiológica, a placenta não se acaba de formar nem funciona plenamente, até passado o terceiro mês da vida uterina.

Desprezemos o conceito de um Deus pessoal e mantenhamos o conceito puramente divino do que está em todas e cada uma das coisas da ilimitada Natureza. Os Vedas o chamam Aquele. Então poderemos responder às seguintes perguntas do catecismo esotérico:

Que é o eterno Absoluto?	Aquilo. (*)
Como teve existência o Cosmos?	Por meio d'Aquilo.
Onde se sumirá quando chegar o Pralaya?	N'Aquilo.
Donde procede a animada e a inanimada Natureza?	D'Aquilo.
De que substância está formado o Universo?	D'Aquilo.
Em que se converteu e voltará a converter-se uma e outra vez?	N'Aquilo.
Então é Aquilo a causa material e instrumental do Universo?	Que outro senão Aquilo o pode ser?

(*) Aquilo (na acepção de pronome neutro). Designa o Todo absoluto, o Eterno absoluto, fora do qual nada existe; do qual tudo procede e no qual tudo se resolve; a causa instrumental e material, ao mesmo tempo, do Universo; a substância e essência de que o Universo está formado. É a existência una, incognoscível, cuja primeira manifestação é o Espírito. O Espaço e o Tempo são simplesmente formas d'AQUILO. Para os sentidos e as percepções dos seres finitos, AQUILO é Não-Ser, no sentido de que é a única Seidade (Sujeito-Objeto), porque neste Todo está oculta a sua coeterna e coeva emanação ou radiação inerente, que, convertendo-se periodicamente em Brahmâ (a Potência masculino-feminina), se desdobra formando o Universo manifestado. {Glossário Teosófico de H. P. B.)

Posto que o Universo, o Macrocosmos e o Microcosmos são dez, por que há de dividir-se o Homem em sete princípios? Esta é a razão de se dividir em dois o perfeito número dez. Em sua totalidade, isto é, super-espiritual e tisicamente, as forças são Dez: três no plano subjetivo e inconcebível, e sete no objetivo.

Convém considerar que estamos agora descrevendo os dois pólos opostos:

1) O primordial Triângulo que, logo que se reflete no "Homem Celeste", o superior dos sete inferiores, desaparece e se restitui à "obscuridade e ao silêncio".

2) O homem astral paradigmático, cuja Mônada (Ãtma) está representada também por um triângulo, pois se vai transformando em ternária nos conscientes intervalos devacânicos. O homem meramente terrestre se reflete no Universo de matéria, por assim dizer, de cima para baixo, e o Triângulo Superior, onde residem a ideação criadora e a subjetiva potencialidade da faculdade formativa, se transporta ao homem de barro debaixo dos sete. Assim, três dos dez, são em realidade um só e contêm em si o mundo arquetípico só em ideal e paradigmática possibilidade, isto é, em potência e não em ato.

A Potência Criadora de formação reside no Logos, síntese das sete Forças ou Raios, que imediatamente se convertem no Quaternário ou Sagrada Tetraktys. Este processo se repete no homem, em quem o inferior triângulo físico, em conjunção com o feminino Um, chega a ser o masculino-feminino criador, ou gerador. O mesmo ocorre no ainda mais inferior plano no mundo animal. Verdadeiramente há mistério em cima e mistério embaixo.

Assim está relacionado o Supremo com o ínfimo e mais animal.

Vemos que o corpo físico do homem não participa das diretas e puras ondas da divina Essência que flui do Um em Três (o Imanifestado); por meio do Logos manifestado, Purusha, o Espírito Primordial, toca a cabeça humana e ali se detém. Porém o homem espiritual, síntese dos sete princípios, está diretamente relacionado com Aquilo.

Não se deve considerar estritamente como "princípios", nem Âtma que não é princípio individual, mas uma irradiação do Logos Imanifestado e una com Ele; nem tampouco o corpo físico, que é o córtex a concha do homem espiritual. Além disso o princípio capital, ainda não mencionado, é o Ovo Luminoso, (Hiranygarbha), ou a invisível esfera magnética que rodeia todo homem. É o fluido magnético, áurico ou ódico que emana do homem, porém é também algo mais. É a direta emanação do Raio Âtmico em seu trino aspecto de Criador, Conservador e Destrutor (Regenerador); e também, de Budâhi-Manas. 0 sétimo aspecto desta aura individual é a faculdade de assumir a forma de seu corpo e converter-se no "radiante" e luminoso augoeides. Isto é, em rigor, o que às vezes se converte na forma chamada Maiavi-Rupa. Portanto, segundo explica a segunda parte do diagrama (representativa do homem astral), o homem espiritual consta somente de

cinco princípios. Segundo ensinam os vedantinos, os quais substituem pelo físico o corpo áurico e fundem em um os dois princípios manásicos ou de consciência. Assim contam cinco princípios ou envoltórios e chamam Âtma ao sexto, que não é tal.

Até agora não se permitiu falar no corpo áurico, porque é sagrado. Depois da morte física, o corpo áurico se assimila à essência de Budhi-Manas e se converte no veículo destes princípios espirituais que não são objetivos, e então, com a plena irradiação de Âtma sobre eles se eleva ao estado devacânico, como Manas-Taijasi. É o Sutrâtma, o prateado fio que encarna desde o princípio até o fim do Manvântara, reunindo em sua continuidade as pérolas das vidas humanas, isto é, e chamam Âtma ao sexto, que não é tal.

Também é a matéria com que os Adeptos formam seus corpos astrais desde o Augoeides e o Maiavi-Rupa, descendo aos menos sutis.

Depois da morte física, quando as mais etéricas partículas do homem absorveram em si os espirituais princípios de Buddhi-Manas Superior, e se iluminou com a irradiação de Atma, o corpo áurico permanece em devacânico estado de consciência, ou no caso de um Adepto completo, prefere o estado de Nirmanakaya. Tal Adepto reside invisível no Plano Astral em relação com a Terra, e vive com todos os seus princípios, menos o Kama Rúpa (corpo astral) e o corpo físico. No caso dos que residem no Devakan o alter ego do corpo físico (Linga Sharira), robustecido pelas partículas materiais que a aura deixa após si, permanece encostado ao corpo morto, porém fora dele, e logo se desintegra.

No caso do Adepto, desintegra-se só o corpo físico, e desaparece o corpo animal, centro dos desejos e paixões. Durante a vida dos Adeptos, todos esses centros estão ativos e em constante correspondência com os seus protótipos, os centros cósmicos e seus princípios. Unicamente por meio destes centros cósmicos e espirituais podem receber oculta interação os centros físicos. O alter ego do corpo físico (o Linga Sharira) durante a vida está dentro da envoltura carnal, enquanto que a aura radiante está fora. Os centros físicos são os sete orifícios superiores e a tríada inferior, que conduzem ao corpo as influências ou forças cósmicas que a vontade do homem atrai e utiliza. Naturalmente esta vontade tem de atuar, primeiramente, por meio dos princípios espirituais. Por exemplo, se queremos evitar uma dor de ouvido, temos que atrair para ele a potente força magnética do princípio cósmico correspondente ao ouvido e também a Buddhi. Por um poderoso esforço de vontade, cria-se uma imaginária linha de comunicação entre o ouvido e Buddhi, colocando este como se fosse um centro na mesma parte da cabeça. Esta linha adquire verdadeira realidade quando se logra vê-la, mentalmente, dando-lhe cor e forma.

Buddhi e Mercúrio se correspondem mutuamente, e ambos são de cor amarela e dourada, radiante. No sistema humano, o olho direito corresponde a Buddhi e Mercúrio e o esquerdo a Manas e Vênus ou Lúcifer. Portanto, se vossa linha é dourada ou prateada, aliviará

a dor; se vermelha, a agravará, porque o vermelho é a cor de Kama e corresponde a Marte. Os mentalistas e partidários da Ciência Cristã notaram os efeitos sem compreender as causas. Descobriram, ocasionalmente, o segredo de produzir semelhantes resultados por abstração mental, e os atribuem à sua união total com Deus, sendo só um mero efeito de um e outro princípio. Os planos cósmicos de substância e ainda os princípios humanos (exceto o corpo físico e o plano da matéria), não podem considerar-se situados ou imaginados no espaço e no tempo.

Assim como os planos são sete em Um, assim nós somos sete em Um, naquela mesma absoluta Alma do Mundo, que é, ao mesmo tempo, material e imaterial, espiritual e inespiritual, ser e não-ser. Todos os que estudam os mistérios do Eu devem penetrar-se bem desta idéia. Contando só com os sentidos físicos a nosso serviço, nenhum de nós pode esperar perceber mais além da matéria grosseira. Para isso temos de valer-nos de alguns de nossos sete sentidos espirituais, já por educação e exercício, já por termos nascido videntes. No entanto, por muito honrado que seja um clarividente desconhecedor das verdades ocultas, se não é um Adepto, suas visões da luz astral o induzirão a um falso conceito dos moradores das esferas, ocasionalmente vislumbradas, como sucedeu a Swedenborg e outros. Estes nossos sete sentidos se correspondem com os sete princípios da Natureza e nós mesmos.

A aura humana (o amnios do homem físico em todas as épocas da vida) tem física, ainda que invisivelmente, sete capas, como as têm o espaço cósmico e nossa pele física. Esta aura é a que, segundo nosso estado puro e impuro (físico e mental), nos abre ou nos cerra a visão de outros mundos.

Cada um de nossos sete sentidos físicos e cada um de nossos sete estados de consciência (que são: Vigília, Sonho, Sono natural Sono hipnótico, Estado psíquico, e Estado puramente espiritual), se correspondem com um dos sete planos cósmicos, desenvolve e utiliza um dos sete sentidos espirituais e está diretamente relacionado, no plano terreno-espiritual, com o cósmico e divino centro de força que o engendrou e que é o seu criador direto. Cada sentido físico também está relacionado e submetido à influência de um dos sete planetas sagrados. Tudo isto pertencia aos Mistérios Menores, cujos discípulos se chamavam Mystai (os velados) porque só podiam ver as coisas através de uma névoa, enquanto os Iniciados ou videntes dos Mistérios Maiores se chamavam Epoptai (os que vêem as coisas sem véu).

Só os últimos aprendiam os Mistérios do Zodíaco e as relações e correspondências entre seus doze signos (dois deles secretos) e os dez orifícios humanos, que são, atualmente, dez na mulher e nove no homem, por mera diferenciação externa. Por exemplo, no embrião humano, a abertura que primeiro se forma é a cavidade bucal, uma espécie de cloaca que comunica com a extremidade anterior do intestino e que mais tarde se transmuta em boca e ânus. Isto representa

Diagrama I

O MACROCOSMOS E SEUS 3, 7, OU 10 CENTROS DE FORÇAS CRIADORAS

A. O Logos Imanifestado e sem sexo.

B. A Sabedoria Potencial.

C. A Ideação universal.

a) O Logos Criador.

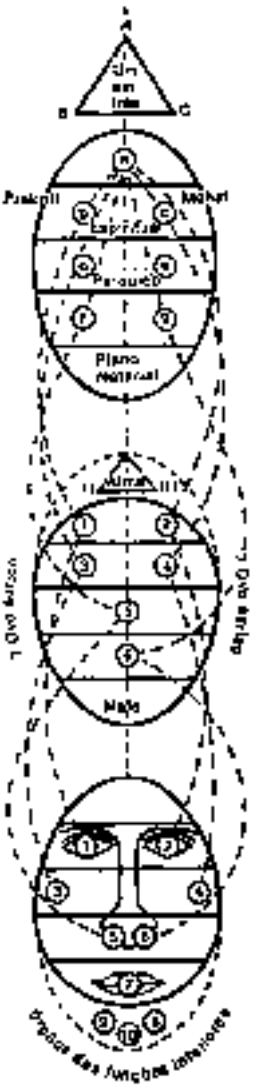
b) A Substância eterna.

c) O Espírito.

D. Forças espirituais que atuam sobre a Matéria.

ÂTMA. Exotericamente é o 7." Princípio; não é um princípio individual mas pertence à Alma do Universo. 0 7." Princípio Individual é o Ovo Áurico, a esfera magnética que rodeia o homem e os animais.

1. Buddhi,veículo de Âtma.
2. Manas, veículo de Buddhi.
   3. Manas Inferior.
4. Kama Rupa, veículo de Manas inferior.
   5. Prana, a Vida.
6. Linga Sharira, veículo de Prana.
   1. BUDDHI, Olho direito.
3. MANAS INFERIOR, Orelha direita.
5. PRINCÍPIO DA VIDA, Narina direita.
7. A boca, o órgão do Logos Criador.
8. 9, 10. Esse ternário inferior está diretamente relacionado com a superior tríada átmica em seus três aspectos: criador, conservador e destruidor, ou melhor, regenerador; o abuso de suas correspondentes funções é o mais terrível pecado contra o Espírito Santo, segundo os cristãos.



A, B, C. O Incognoscível.

a, b, c. É o Prana, a matéria indiferenciada, segundo a filosofia sankya, ou o Bem e o Mal e as caóticas trevas, (sattva, rajas e tamas) mutuamente neutralizados, quando se diferenciam são as sete Potestades Criadoras: O Espírito, a Substância e o Fogo que estimulam a matéria a tomar forma.

I, II, III. São as três hipóstases de Âtma. A 4." é o seu contato com a Natureza e o homem, formando um quaternário ou a Tetraktis, o Eu Superior.

1, 2, 3, 4, 5, 6. Estes seis princípios atuam em quatro planos distintos e têm seu envoltório áurico no sétimo. São os que empregam os Adeptos da direita ou Magos brancos.

O corpo físico não se considera como princípio; passase por alto e só se emprega na Magia negra.

2. MANAS, Olho esquerdo.

4. KAMA RUPA, Orelha esquerda.

VEÍCULO DA VIDA, narina esquerda do nariz.

Paradigma do décimo orifício criador, na Tríada inferior.

Estes órgãos físicos só os empregam os dugpas na magia negra.

O Manas Superior e o Inferior são dois aspectos de um mesmo princípio.

fisicamente, em Ocultismo, que o Logos se diferencia e emana matéria grosseira no plano inferior. A Magia é contemporânea da Terceira Raça-Raiz, cujos indivíduos procriavam a princípio por Kriyashakti e acabaram por engendrar segundo o processo atual. Assim, a mulher ficou um perfeito número dez, e se lhe atribui maior evolução espiritual que ao homem.

No antigo Egito as estipulações matrimoniais continham a cláusula de que a mulher devia ser a "senhora do senhor", e sua verdadeira senhora. O marido se comprometia a "obedecer sua esposa" para a produção de resultados alquímicos, tais como o Elixir da Vida e a Pedra Filosofal; pois os alquimistas varões necessitavam para isso da ajuda espiritual da mulher. Mas ai do alquimista que tomasse esse auxílio em seu sentido morto de união sexual! Semelhante sacrilégio o arrastaria à Magia Negra e a um irremediável fracasso. Os verdadeiros alquimistas da antigüidade se assessoravam com mulheres de idade, evitando escrupulosamente toda relação com as jovens. E se acaso algum deles era casado, tratava sua esposa como irmã, alguns meses antes e durante o processamento da operação alquímica.

Como explicamos em Isis Sin Velo (tomo III), é erro crer que os antigos conheciam só dez signos do Zodíaco. Eles conheciam os doze, mas os viam de maneira diferente da nossa. Não consideravam Virgo nem Escorpião separados, mas como dois em um, pois se referiam direta e simbolicamente ao primitivo homem dual e à sua separação em sexos. Durante a reforma do Zodíaco, adicionou-se Libra como o duodécimo signo, conquanto seja apenas um signo equilibrador no ponto crítico: o mistério do homem separado.

RESUMINDO

Todo ser humano é uma encarnação de seu Deus, ou seja, é um com o seu "Pai nos Céus", como disse Jesus. Há tantos deuses no céu como homens na Terra, e, no entanto, todos estes deuses, na realidade, são Um, porque ao terminar cada período de atividade se reencontram, como os raios do sol poente, no pátrio Lar, no Logos imanifestado, que por sua vez se funde no Absoluto. Tudo que um homem vulgar pode conhecer de seu Pai é o que de si mesmo, por si mesmo, e em si mesmo conheça. A Alma de seu Pai Celestial está encarnada nele mesmo, se consegue assimilar a divina individualidade enquanto mora em sua concha física. Para que este Deus interno possa atuar externamente, é preciso que a nossa aura seja tão pura e divina que se transforme como que numa Potestade estranha. Os santos iniciados e puros puderam auxiliar aos outros e a si mesmos, nas necessidades, e obrar o que se chama milagres com o auxílio e por meio de seu Deus interno, porque se puseram em condições de atuar no plano externo.

A palavra Aum ou Om corresponde ao Triângulo superior; quando a pronuncia um homem puro e santo, vigorizará e despertará, não só as Potestades menos excelsas dos elementos e espaços interplanetários,

mas o seu Eu Superior, o "Pai" interno. Pronunciada por um homem vulgar, devidamente o ajudará a robustecer sua moralidade, sobretudo se entre os dois "Aum" medita de propósito sobre o seu Aum interno, e concentra sua atenção na inefável glória. Mas ai de quem pronuncie a sagrada palavra depois de cometer um pecado transcendental, pois atrairá, à sua impura fotosfera, forças e presenças invisíveis, que de outro modo não poderiam abrir-se caminho na divina envoltura.

"Aum" é o protótipo de Amém, que é uma palavra de origem caldéia. Amém não significa "Assim seja", nem verdadeiramente, mas, antes, Aum. Ambas as palavras denotam a afirmação do ser, ou a existência de nosso assexual Senhor Interno.

A ciência esotérica ensina que todo som do mundo visível desperta seu correspondente som nos reinos invisíveis e põe em ação alguma força oculta da Natureza. Além disso, cada som se corresponde com uma cor, um número e uma sensação num e noutro plano. Todo som tem o seu eco nos elementos superiores e, ainda, no plano físico, e põe em ação as vidas que formigam na atmosfera terrestre.

Portanto, a não ser que pronunciemos em silêncio as nossas orações, dirigindo-nos, mentalmente, a nosso Pai, na solidão de nosso aposento fechado, determinamos resultados, antes desastrosos que benéficos, porque as massas desconhecem, por completo, os efeitos que assim produzem. Para produzir saudáveis efeitos, a oração deve ser pronunciada por quem saiba fazer-se ouvir em silêncio, de forma que já não seja um rogo mas uma ordem. Por que proibiu Jesus que seus ouvintes fossem às sinagogas públicas? O motivo é o mesmo pelo qual os ocultistas proíbem seus discípulos de freqüentarem lugares concorridos, a menos que se ponham em harmonia com os circunstantes.

Os dias da semana não correspondem, ordenadamente, com os planetas cujos nomes levam, porque os antigos hindus e egípcios dividiam os dias em quatro partes e punham cada dia da semana sob a proteção de um planeta, e assim cada dia recebia o nome do planeta que guiava a sua primeira porção. Por isso o estudante deve precaver-se contra as Potestades do Ar (dementais) que pululam nos lugares públicos, levando no dedo um anel de metal consagrado ao planeta correspondente ao dia, ou uma jóia da cor peculiar deste planeta. Mas a proteção mais eficaz é uma consciência pura e o firme desejo de beneficiar a Humanidade.

OS PLANETAS, OS DIAS DA SEMANA E SEUS CORRESPONDENTES
METAIS E CORES

Os antigos colocavam os planetas na ordem seguinte: Lua, Mercúrio, Vênus, Sol, Marte, Júpiter e Saturno. Além disso, na índia e no Egito, as duas nações mais antigas dividiam o dia em quatro partes. A Lua e o Sol substituíam os planetas secretos. Os cristãos fizeram a semana com o objetivo de pôr o Sol em sétimo lugar, o domingo

ou dia do Sol, e assim deram a cada dia o nome dos planetas, mas contados desde o quinto. Tomando por base o Sol como o sétimo dia da semana, teremos: Sol, Marte, Júpiter, Saturno e Lua. A Lua, o planeta colocado no quinto lugar a contar do Sol, foi o primeiro dia da semana cristã, posto que o sétimo era o Sol, ou domingo.

A atual divisão do ano solar é posterior de alguns séculos ao começo da era cristã, e nossa semana não é a mesma dos antigos e dos ocultistas. A divisão setenária das fases lunares é tão velha quanto o mundo e teve origem entre os povos que computavam o tempo por lunações. Os hebreus não a empregavam porque só contavam o sétimo dia, ou sábado. Até a época dos Césares não se encontra nenhum vestígio da semana de sete dias em nenhuma nação, exceto os hindus. Da Índia a tomaram os árabes, e o Cristianismo a introduziu na Europa. A semana dos romanos constava de oito dias e a dos atenienses, de dez.

O verdadeiro conhecimento é privativo do Espírito e só pode adquirir-se pela mente superior, o único plano em que podemos sondar as profundidades da onipenetrante Absolutividade. As leis humanas só são necessárias para a vida e bem-estar físico do homem. Feliz daquele que, no objetivo plano temporal, cumpre estritamente os deveres da vida diária, obedecendo às leis de seu país, e dando a César o que é de César, e leva na realidade uma existência espiritual e permanente, sem solução de continuidade, sem quebras nem intervalos em nenhuma de suas etapas, nem sequer nos altos e baixos da prolongada peregrinação da pura vida espiritual. Todos os fenômenos da mente inferior humana desaparecem como a tela de um cenário, e permitem que se viva na região do além, no plano numênico, o único real.

Se o homem consegue conhecer-se a si mesmo, tal como é, atrás do físico véu de Maia, logo transcenderá toda a pena e miséria, toda a mudança donde dimana a dor. Semelhante homem será, fisicamente, de matéria e, no entanto, viverá fora dela e muito mais além dela. Seu corpo estará sujeito a mudanças, porém ele permanecerá imutável em sua sempiterna vida, mesmo nos temporários e efêmeros corpos. Tudo isto se pode realizar pela supressão do egoísmo ou personalidade, da qual provém toda a humana tristeza e é causa de todo pecado.

UMA EXPLICAÇÃO

Se estamos de acordo com a simbologia de todas as religiões orientais, com a concepção dos três graus distributivos de existência contidos num ovo, que chamaremos o Ser-Todo no plano manifestado, verdadeiramente não tem este universo nem centro nem periferia, porém na individualizada e finita mente do homem, sim, os tem, como natural conseqüência das limitações do pensamento humano.

Os princípios humanos não admitem numeração porque todos os homens diferem entre si. Um homem poderá ter o seu primeiro princípio

em Buddhi, como outro o terá em Manas inferior (um sensualista bestial). O corpo físico, ou talvez Prana, o princípio da Vida, predominará e ocupará o primeiro plano em quem goze de robusta saúde e respire vitalidade, porém em outros casos estes princípios ocuparão o último lugar.

Ademais, as cores e metais correspondentes aos planetas e princípios humanos, segundo pode observar-se, não são os que conhecem exotéricamente os astrólogos modernos e ocultistas ocidentais.

Um planeta material só pode se corresponder com uma coisa também material; assim, quando se diz que Mercúrio corresponde ao olho direito, não significa que o planeta objetivo tenha influência alguma neste órgão visual, mas que o planeta e o órgão se correspondem, misticamente, por meio de Buddhi. O homem deriva sua alma espiritual (Buddhi) da essência dos Manasaputras, ou "Filhos da Sabedoria", que são os divinos seres ou Anjos que governam e presidem ao planeta Mercúrio.

O olho direito é o Olho da Sabedoria, isto é, que se corresponde magneticamente com o oculto centro cerebral que chamamos o Terceiro olho, enquanto que o esquerdo se corresponde com o cérebro intelectivo.

Quando a consciência individual se dirige para dentro, sobrevém a conjunção de Manas e Buddhi. Mercúrio é, também, chamado Hermes, e Vênus, Afrodita, e sua conjunção no homem psicofísico lhe dá o nome de hermafrodita ou andrógino. O homem completamente espiritual está desligado do sexo; o homem espiritual dimana do Branco e Infinito Círculo Único, enquanto o homem físico procede dos zéfiros, chamados as vozes ou sons na filosofia oriental. Estas vozes são inferiores às cores, pois eqüivalem aos sete sefirotes menores ou sons objetivos que se vêem e não se ouvem.

0 quaternário formado pelos olhos e narinas (Mercúrio-Vênus e Sol-Lua), são para os cabalistas os anjos que guardam os quatro cantos da Terra. 0 mesmo diz a filosofia esotérica do Oriente com o acréscimo de que o Sol não é um planeta, mas o astro central de nosso sistema e que a Lua é um planeta morto, do qual se desprenderam todos os princípios. O Sol representa, segundo a filosofia oriental, um planeta invisível que se acha entre Mercúrio e o Sol; e a Lua a outro planeta que parece agora ter desaparecido da vista. Estes são os quatro Maharajahs, os "quatro santos seres" relacionados com Karma e com a Humanidade, com o Kosmos e o Homem, em todos os seus aspectos.

São eles: o Sol (ou Miguel, seu substituto), a Lua (ou Gabriel, seu substituto), Mercúrio (ou Rafael), e Vênus (ou Uriel). Não necessitamos insistir em que os mundos planetários são apenas símbolos físicos, e o sistema esotérico quase nunca se refere a eles, porém simboliza nesses nomes as suas forças cósmicas, psíquicas e espirituais.

Aos que desconhecem as naturezas astrológicas exotéricas atribuídas na prática aos corpos planetários, lhes será útil expô-las aqui, à

maneira do Diagrama II, em relação com o seu domínio sobre o corpo humano, cores, metais, etc, e explicar ao mesmo tempo porque a genuína filosofia esotérica difere das pretensões astrológicas.

O Esoterismo não reconhece o branco e o preto como cores, pois estas não pertencem ao espectro solar, mas fazem parte da Terra, e são artificiais, pois só são percebidas por nossos órgãos físicos. 0 branco é a carência de cores, o negro é a carência de Luz. As sete cores do espectro são emanações diretas das sete hierarquias de Seres, cada uma das quais tem direta influência em relação com um dos princípios humanos, pois cada uma dessas hierarquias é a fonte criadora do respectivo princípio humano. A cada cor do espectro se chama em Ocultismo "o pai do som" que lhe corresponde, e o som por sua vez é a Palavra, o Logos de seu Pensamento-Pai. Por isso os sensitivos relacionam cada som com uma cor determinada. A cor púrpura se compõe de azul e encarnado, sendo o azul a essência espiritual da púrpura, ao passo que o encarnado é a sua base espiritual. 0 azul é atribuído a Júpiter; Saturno, seu Pai, é verde, e o azul-claro contém como cor espectral grande porção de verde. Além disso, contém o corpo áurico muita porção da cor de Manas inferior, se o homem é materialista sensual. A verdadeira cor do Sol é azul, e, se nos aparece amarela, é porque a sua atmosfera absorve vapores metálicos.

Tudo é maiávico em nosso planeta. Fisicamente, o complemento do amarelo, ou seja, a cor que lhe falta para compor o branco, é o violeta (isto esotéricamente). Em Ocultismo o complemento do amarelo no espectro é o anil ou azul-escuro. O amarelo é cor simples e primitiva. Manas é de natureza dual como o seu símbolo sidéreo, o planeta Vênus. O azul índigo é a cor da Alma Celeste Espiritual. A planta que dá esta cor possui ocultas propriedades, relaciona-se com o cobre e emprega-se muito na Magia Branca, entre os hindus.

Sua tinta é insolúvel na água e no Éter e pesa menos que qualquer outra. A cor da mente animal é o verde puro. Esotericamente a cor da Lua é o violeta; o astral como princípio e o violeta como cor são os mais reflexivos de todos os princípios e cores. A mesma lei de relação que existe entre a Lua e a Terra, os corpos astral e físico do homem, corresponde ao raio violeta do espectro e às cores azul e anil.

A Astrologia cabalística define como segue a influência predominante dos corpos planetários no cérebro humano. Há, segundo diz, sete grupos primários de faculdades, dos quais seis funcionam por meio do cérebro e o sétimo pelo cerebelo. Isto é corretamente esotérico. Mas não o é quando diz que Saturno preside as faculdades afetivas, Mercúrio as intelectuais, Júpiter as simpáticas, o Sol as reguladoras, Marte as egoístas, Vênus as tenazes e a Lua as instintivas. Porque, em primeiro lugar, os planetas físicos podem presidir tão só sobre o corpo físico e as funções meramente físicas. Todas as faculdades mentais, emotivas, psíquicas e espirituais são influenciadas pelas propriedades ocultas da escala de causas dimanantes das hierarquias

DIAGRAMA II

Corresponde ao Plano objetivo terrestre

Âtma não é Número e não corresponde a nenhum planeta visível, pois procede do Sol Espiritual, nem

Â T M A

guarda qualquer relação com o Som, a Cor ou o resto, pois os inclui a todas.

S O N S
Escala Musical

Números	*Metais*	*Planetas*	*Princípios Humanos* (*)	*Dias da semana*	*Cores*	*Sânscrita*	*Italiana*
1 e 10 Tônica do homem físico	Ferro	Marte (Geração)	Kama Rupa Veículo do instinto e paixões animais	Terça-feira Dia de Marte	1. Vermelho	Sa	Do
2 Vida espiritual e Vida física	Ouro	Sol, Doador da vida física (Plan. oculto)	Prana ou Jiva A Vida	Domingo Dia do Sol	2. Alaranjado Esotérico - Azul forte	Ri	Re
3 Buddhi, entre Âtma e Manas. Aura	Mercúrio amalgamado com ouro	Mercúrio Mensageiro dos deuses	Buddhi, Alma espiritual ou raio átmico. Veículo de Âtma	Quarta-feira Dia de Mercúrio	3. Amarelo	Ga	Mi
4 Princípio intermédio entre as tríadas. Consciência animal	Chumbo	Saturno	Kama Manas Mente inferior, e alma animal	Sábado Dia de Saturno	4. Verde	Ma	Fa
5	Estanho	Júpiter	Envoltura Áurica	Quinta-feira Dia de Júpiter, ou Thor	5. Azul	Pa	Sol
6	Cobre	Vênus, Estrela da manhã	Manas, mente superior, ou Alma humana	Sexta-feira Dia de Vênus	6. Anil	Da	La
7 Reflexo do Homem setenário	Prata	A Lua, Mãe da Terra	Duplo astral Linga Sharira do homem. Pai do homem físico	Segunda-feira Dia da Lua	7. Violeta	Ni	Si

(*) Como os princípios humanos carecem de Números *per se*, mas só se *correspondem* a Números, Sons, Cores etc., eles são aqui enumerados na ordem empregada para fins exotéricos.

Planetas	Dias	Metais	Partes do corpo	Cores
Saturno	Sábado	Chumbo	Orelha direita, joelho e sistema ósseo	Negro (esotérica é verde)
Júpiter	Quinta-feira	Estanho	Orelha esquerda, músculos, pés e sistema arterial	Púrpura (esotérico é azul claro)
Marte	Terça--feira	Ferro	Testa, nariz, crânio, funções sexuais e sistema muscular	Vermelho
Sol	Domingo	Ouro	Olho direito, coração e entranhas vitais	Alaranjado (esotérico azul anil)
Vênus	Sexta-feira	Cobre	Queixo, face, pescoço, rins e sistema venoso	Amarelo (esotérico é verde e anil)
Mercúrio	Quarta-feira	Mercúrio	Boca, mãos, vísceras abdominais e sistema nervoso	Creme (esotérico é amarelo)
Lua	Segunda-feira	Prata	Peito, olho esquerdo e sistema fluido (saliva, linfa etc.)	Branco (esotérico é violeta)

dos governadores espirituais dos planetas, mas não pelos próprios planetas.

Esta escala, segundo a expõe o Diagrama II, conduz o estudante à percepção de: 1) a cor; 2) o som; 3) o som se materializa no espírito dos metais (os dementais metálicos); 4) os dementais se materializam nos metais físicos; 5) a essência harmônica vibratória e irradiante passa logo às plantas para dar-lhes cor e aroma, cujas "propriedades" dependem da vibração desta energia por unidade de tempo; 6) das plantas passa para os animais; 7) culmina finalmente nos "princípios" do homem.

Vemos, assim, como a divina Essência de nossos progenitores celestiais atravessa as sete etapas da transmutação do espírito em matéria e da reconversão da matéria em espírito. Assim como há na Natureza sons inaudíveis, assim há cores invisíveis, no entanto audíveis. A força criadora, em seu incessante trabalho de transformação, produz cores, sons e números, em forma de graduações vibratórias que agregam e desagregam átomos e moléculas.

Ouvimos a síntese do conjunto no plano material, o "grande tom", como dizem os chineses. Os músicos afirmam que a tônica atual do mundo físico é o já médio do piano. Ouvimo-lo distintamente na voz da Natureza, nos rumores do oceano, nos murmúrios da selva, no ruído das cidades, no vento, na tormenta, e em tudo que soa e ressoa neste mundo.

No sentido espiritual e secreto a palavra Magia significa "Grande Vida" ou seja, espiritual e Divina. A raiz é magh, e em sânscrito, Mahat.

A ciência esotérica é o conhecimento de nossas relações com a magia divina, inseparável de nossos divinos Eus.

Simão o Mago e seu discípulo Menandro ensinavam que nosso mundo tinha sido formado pelos Anjos inferiores, a que davam o nome de Aeons, dos quais só mencionam três graus, porque é inútil, diziam, ensinar os quatro superiores. Todo o criado culminava no Fogo, o princípio universal emanado da oculta potência, a causa primeira do manifestado mundo da existência, e tinha um dual aspecto, o manifestado e o secreto.

O aspecto secreto do Fogo está oculto em seu aspecto objetivo, que do primeiro dimana; isto eqüivale a dizer que o visível está sempre presente no invisível, e o invisível no visível.

0 Fogo continha tudo. E como todas as partes do Fogo estavam dotadas de inteligência e razão, eram suscetíveis do desenvolvimento por emanação e extensão. Esta é precisamente a nossa doutrina do Logos manifestado, e as partes primordialmente emanadas são nossos Dhyân-Choans, "os Filhos da Chama" e do "Fogo", ou "Aeons Superiores". O "Fogo" é o símbolo do ativo e vivo aspecto da Natureza Divina. Nele jaz a "infinita Potencialidade em Potencialidade", que Simão chamava "o que existiu, existe e existirá", ou a estabilidade permanente e imutabilidade personificada. Assim se concretiza em ato a idéia divina emanada da potência mental.

Daí que as séries de emanações primordiais do pensamento engendram o ato, cuja mãe é o aspecto objetivo do Fogo, e cujo Pai é o aspecto oculto. Simão chamava sizygias (unidades pares) a estas emanações, porque emanavam de duas em duas, uma como Aeon ativo e outra como Aeon passivo. Assim emanaram três pares (seis Aeons, que com o Fogo eram sete), aos quais Simão deu os seguintes nomes: Mente e Pensamento, Voz e Nome, Razão e Reflexão.

Sendo o primeiro de cada par masculino, e o segundo feminino. Destes seis Aeons primordiais emanavam os seis do mundo intermediário. Diz Simão:

Cada um destes seis primitivos seres continha inteiramente a infinita Potência de seu progenitor, porém só em potência e não em ato. Aquela Potência tinha de atualizar-se de conformidade com uma imagem, a fim de manifestar-se em toda a sua essência, virtude, grandeza e efeitos; porque somente então poderia a emanada Potência ser igual a seu progenitor, a eterna e infinita Potência. Ao contrário, se só houvesse permanecido potencialmente nas seis potências, sem

lograr atualizar-se de conformidade com uma imagem, então a Potência se teria perdido (atrofiado), sem concretizar-se em ato.

O direto resultado deste poder é produzir emanações, ter o dom de Kriyashakti, cujo efeito depende de nossa própria ação. Portanto, este poder é inerente ao homem, como o é o dos Aeons primordiais e ainda as emanações secundárias, posto que tanto elas como o homem procedem do Único e primordial Princípio da Potência infinita. Diz ainda Simão:

Há duas ramificações dos Aeons universais que não têm princípio nem fim, ambas dimanantes da mesma raiz, a invisível e incompreensível Potencialidade cujo nome é Sigê (o Silêncio). Uma destas séries de Aeons procede de cima. É a grande Potência, a Mente Universal, a Ideação Divina ou Mahat dos hindus. É masculina e regula todas as coisas. A outra procede de baixo; é o Grande Pensamento manifestado, o Aeon feminino, engendrador de todas as coisas. Estas duas classes de Aeons se correspondem mutuamente, se conjugam e manifestam a distância média (esfera ou plano intermediário), o incoercível ar que não tem princípio nem fim.

Este ar feminino é o nosso Éter, ou a Luz Astral dos cabalistas.

Nós o chamamos Vida Una, a Onipresente, Infinita, Inteligente e Divina Chama. No sistema de Simão, este segundo mundo estava governado por Uma Potência, ao mesmo tempo masculina e feminina, ativa e passiva, boa e má. Desta Potência se diz: Existiu, existe e existirá, enquanto dure o Cosmos manifestado. Ao emanar em ato, semelhante ao seu próprio progenitor, não era dual ou andrógino. 0 pensamento emanado dele chegou a ser semelhante à sua imagem ou antetipo; o segundo foi então por sua vez o primeiro (em seu peculiar plano ou esfera). Como diz Simão:

O pai era uno, porque, contendo em si mesmo o pensamento, estava só. No entanto, não era o primeiro, ainda que fosse preexistente; pois manifestando-se a si mesmo de si mesmo, chegou a ser o segundo (ou dual). Não foi chamado Pai até que o pensamento lhe deu este nome. Portanto, desenvolvendo-se de si mesmo por si mesmo, manifestou-se a si mesmo o seu próprio pensamento, e assim também o pensamento manifestado não se atualizou, senão que viu o Pai nele, isto é, a potência oculta em si mesma. E a potência e o pensamento são masculino-feminino; porém ao corresponder-se reciprocamente (porque a potência de modo algum difere do pensamento), são um só. Assim nas coisas de cima está a potência e nas de baixo o pensamento. Ocorre, portanto, que se é um o manifestado por ambos, aparece duplo, pois o andrógino leva em si mesmo o elemento feminino. Assim a mente e o pensamento são inseparáveis um do outro por serem um, ainda que apareçam em dualidade. Simão chama nous e epinoia (céu e terra), à primeira Syzigia das seis potências e da sétima que sintetiza o par; o elemento masculino olha de cima para baixo e toma o pensamento por sua esposa, para que a terra receba os frutos intelectuais vindos do céu e consangüíneos da terra.

Analogamente é emanada a terceira série de seis Aeons, com o sétimo, seu progenitor, que é o terceiro mundo de Simão. Em todos

os sistemas gnósticos resplandece este mesmo conceito: a gradual descida na matéria por semelhança. Esta é lei que se remonta ao primordial Ocultismo, ou magia. Para os gnósticos, como para nós, esta sétima potência, que sintetiza as seis, é o espírito que alenta sobre as tenebrosas águas do indiferenciado Espaço. É o Espírito Santo dos cristãos.

Daí se segue que todo ser humano ou racional é da mesma essência e possui potencialmente todos os atributos dos Aeons superiores, dos sete primordiais. A ele compete desenvolver em ato, por imitação da "imagem do Altíssimo que ante si tem", a potência de que está dotado o seu progenitor primário.

Ainda, segundo Simão:

Este glorioso e imperecível princípio está oculto em todas as coisas, porém em potência não em ato. Há três Aeons permanentes, sem os quais nada do engendrado nas águas à semelhança do progenitor seria, como é, um Aeon celestial perfeito, de nenhum modo inferior em pensar à inconcebida Potência. "Eu e tu somos Um". É o Único, porque é a Raiz de todos os seres e de todas as coisas.

Deste tríplice Aeon, sabemos que o primeiro é o incriado Atma, o poder que "existiu, existe e existirá" sempre; o segundo, engendrado nas trevosas águas do espaço (caos), da imagem do primeiro nelas refletida, movendo-se sobre elas; o terceiro mundo (Manas no homem) ficará dotado com todos os poderes dessa eterna e onipresente imagem, se com ela se identifica. Porque tudo o que é eterno, puro e incorruptível está oculto em todas as coisas, porém potencial e não atualmente. Todas as coisas são esta imagem, desde que a imagem inferior (o homem) ascenda em espírito e pensamento à originária Fonte e Raiz.

A "matéria eterna", em seu aspecto de substância, é incriada. Recebe suas várias formas no Aeon inferior por obra dos anjos criadores, ou Construtores. Kriyashakti é esse poder de produzir formas no plano objetivo, pela força da idéia e da vontade, da matéria invisível e indestrutível.

Os discípulos de Simão o Mago eram numerosos e aprenderam a magia de seu Mestre; Menando, um deles, foi um mago insigne.

A fonte e a base da magia estão no espírito e no pensamento, já no plano puramente divino, já no plano terrestre.

Segundo Simão o Mago, quando os terceiros Aeons chegaram a possuir por sua vez o pensamento divino pela recepção do Fogo, em vez de criar o homem como um ser completo, conforme o plano do universo, não lhe comunicaram desde um princípio a chispa divina, (o pensamento, ou manas terrestre), e por isso o homem insensato, isto é, desprovido de mente, cometeu o pecado original, como milênios antes o cometeram os anjos ao se negarem a procriar. Finalmente, depois de os terceiros Aeons reterem Epinoia (o pensamento divino), prisioneira entre eles, e de lhe infligir-lhe toda espécie de injúrias e

profanações, concluíram por encerrá-la no já corrompido corpo do homem.

Depois disto, segundo o interpretam os inimigos de Simão, Epinoia passou de um corpo a outro corpo feminino através de séculos e gerações, até que Simão a reconheceu no corpo da "prostituta" Helena de Tróia, a "ovelha desgarrada" da parábola. Pintam Simão como o Salvador baixado à Terra para resgatar esta "ovelha" e os homens a quem Epinoia estava ainda sob o domínio dos anjos inferiores.

Mas os que o compreendiam perfeitamente souberam que "Helena" significava o matrimônio de Nous (Âtma-Buddhi) com Manas, a união mediante a qual se identificam a vontade e o pensamento, que ficam dotados de poderes divinos. Porque a pura essência de Atma, o primordial, eterno e universal Fogo divino que "existiu, existe e existirá", pertence a todos os planos. Buddhi é o seu veículo ou Pensamento, gerado pelo "Pai" a quem também gera, e por sua vez à Vontade.

Segundo Menandro, os anjos inferiores eram as emanações de Ennoia (o pensamento projetor), que lhe ensinou a ciência mágica, junto com a arte de dominar os anjos criadores do mundo inferior, ou sejam, as paixões da natureza inferior.

Quantos conhecem a filosofia neoplatônica, sabem que os seus principais representantes, como Plotino e Porfírio, combateram a Teurgia fenomênica; porém Jâmblico explica o verdadeiro conceito da palavra Teurgia, mostrando nela a essência da divina ciência da Raja Yoga.

Jâmblico abomina os fenômenos físicos que, segundo diz, são produzidos por malignos espíritos que enganam os homens. Assim a Teurgia ou Magia Branca consiste no conhecimento de nosso Pai (Eu Superior) e a Magia Negra supõe sujeição à natureza inferior. A Teurgia requer santidade de Alma que exclui toda coisa corporal; a Magia Negra é a profanação da alma; o comércio com os elementais, e se não os dominamos, dominam-nos até arrastar-nos, pouco a pouco, à ruína moral (mediunidade).

A Teurgia nos une fortemente com a divina Natureza, que atua por meio de seus próprios poderes, é inteligente e mantém tudo.

As visões ou figuras completas, ocasionalmente percebidas pelos médiuns e sensitivos, correspondem a qualquer das três categorias seguintes, únicas que podem ver: 1) corpos astrais de homens vivos;

2) Nirmanakayas (Adeptos da direita ou da esquerda, cujos corpos morreram, mas que vivem no espaço em suas etéreas personalidades);

3) Fantasmas elementares e elementais, revestidos de formas tomadas, geralmente, da Luz Astral, ou de figuras que se acham no "olho da mente" dos circunstantes ou do próprio médium e que se refletemem suas auras.

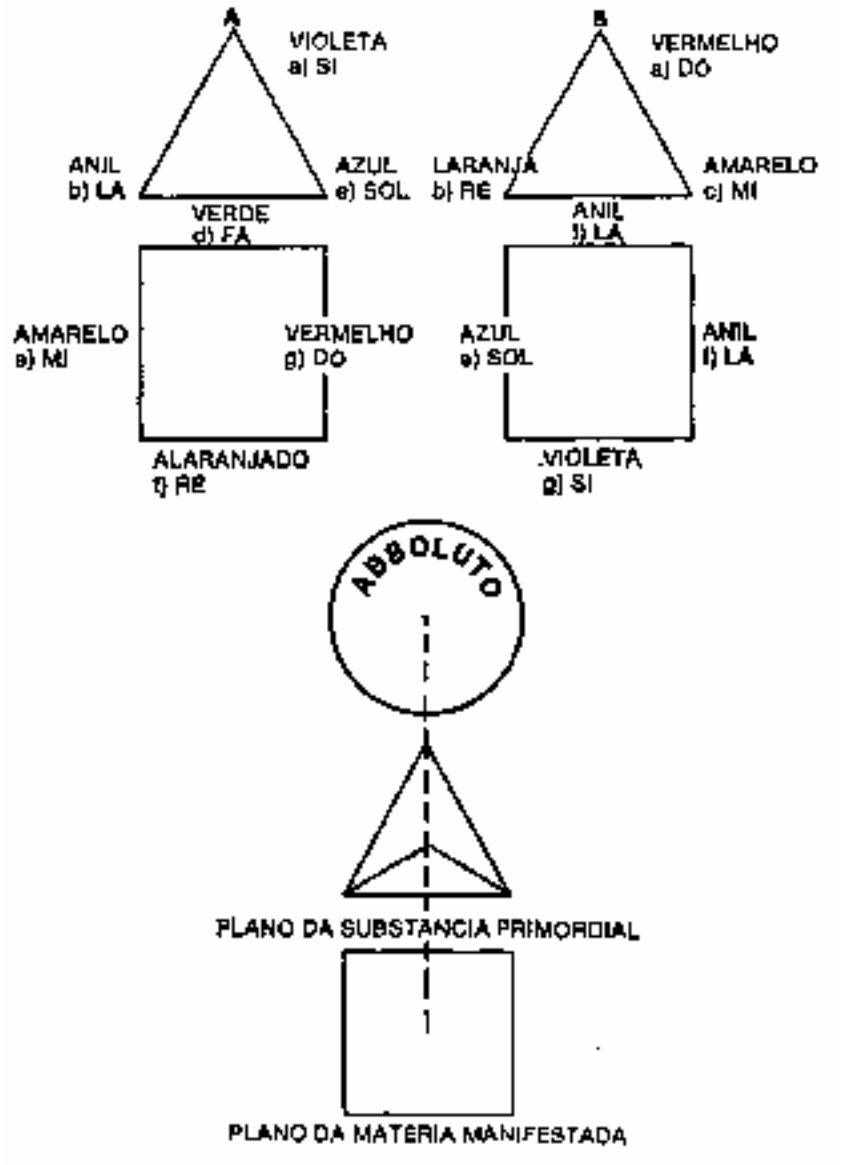
Na eterna música das esferas achamos a perfeita escala correspondente às cores e no número, determinado pelas vibrações da cor e som "subjacente em todas as formas e guia de todos os sons", vemos

Princípios	Cores	Notas	Números	Estados da Matéria
Chaya, sombra ou duplo astral	Violeta	Si	1	Éter
Manas Superior Inteligência espiritual	(Anil	Lá	6	Estado crítico, ar, em Ocultismo
Corpo áurico	Anil	Sol	5	Vapor
Manás inferior Alma animal	Verde	Fá	4	Estado crítico
Buddhi Alma espiritual	Amarelo	Mi	3	Água
Prana Princípio Vital	Alaranjado	Ré	2	Estado crítico
Kama Rupa Sede da vida animal	Vermelho	Dó	1	Gelo

o pináculo do Universo manifestado. Podemos corroborar estas correspondências pela relação entre a cor e o som, e as figuras geométricas que expressam as progressivas etapas da manifestação do Kosmos.

É preciso que o estudante de Ocultismo atente que nosso plano é de reflexo, e portanto ilusório, e as diversas anotações estão invertidas, e devem contar-se de baixo para cima. A escala musical começa em baixo desde o Dó grave até o Si sobreagudo. Kama Rupa, que corresponde ao Dó da escala musical, abarca todas as potencialidades da matéria, e é necessariamente o ponto de partida de nosso plano. Por ele começa a notação em todos os planos em correspondência com a "matéria" de cada um deles.

Devemos recordar, também, que estas notas devem ser dispostas em círculo, indicando que o Fá é o tom médio da Natureza. Em resumo, as notas musicais ou os Sons, Cores e Números procedem de um a sete e não de sete a um, como erroneamente se mostra no espectro das cores prismáticas, em que se começa a contar do vermelho em diante. No diagrama junto se demonstra a disposição dos princípios e suas correspondências. A numeração exotérica convencional não pode corresponder à esotérica; esta é real, a primeira é ilusória.


A
VIOLETA
a) SI
ANIL
b) LA
AZUL
c) SOL
VERDE
d) FA
AMARELO
e) MI
VERMELHO
g) DO
ALARANJADO
f) RE
B
VERMELHO
a) DO
LARANJA
b) RE
AMARELO
c) MI
ANIL
j) LA
AZUL
e) SOL
ANIL
i) LA
VIOLETA
g) SI
ABSOLUTO
PLANO DA SUBSTANCIA PRIMORDIAL
PLANO DA MATERIA MANIFESTADA

O ponto central do círculo é o Logos imanifestado, correspondendo à Vida Absoluta e ao Som absoluto.
A primeira figura geométrica, depois do círculo ou esferóide, é o Triângulo, que corresponde ao Movimento, Cor e Som. O Ponto no Triângulo representa o Segundo Logos, o "Pai-Mãe" ou o Raio branco, que é sem cor, posto que potencialmente contém todas as cores. Vê-se que irradia do Logos Imanifestado ou Palavra Impronunciada. Ao redor, o primeiro Triângulo se forma no plano de substância primordial (invertido em relação ao nosso plano).

A

a) O duplo astral da Natureza, ou paradigma de todas as formas.
b) A Ideação divina, ou Mente Universal.
c) A síntese da Natureza oculta, o Ovo de Brahmâ que tudo contém e do qual tudo dimana.
d) A Alma Material ou Animal da Natureza, fonte da Inteligência e instinto dos animais e vegetais.
e) Fohat, o conjunto das Inteligências Dhyân-Choânicas.
f) 0 Princípio de Vida na Natureza.
g) O princípio procriador da vida na Natureza; no plano espiritual corresponde à afinidade sexual no inferior.

Refletido no plano da Natureza grosseira, fica invertido o Mundo da Realidade e torna-se na Terra ou nosso plano:

B

a) O vermelho é a cor da dualidade manifestada, a cor do macho-fêmea. No homem se manifesta esta cor em sua ínfima forma animal.
b) O alaranjado é a cor das vestes dos Yogues e sacerdotes Budistas, a cor do Sol e da vitalidade espiritual, como também a do princípio vital.
c) O amarelo ouro é a cor do raio divino e espiritual em todo o átomo. No homem é a cor de Buddhi.
d) O verde e o vermelho são, por assim dizer, cores intercambiáveis, pois o verde absorve o vermelho, por serem suas vibrações três vezes mais fortes que as deste último. O verde é a cor complementar do extremo vermelho; por isso, o Manas inferior se indica corresponder ao verde, e o Kama Rupa ao vermelho.
e) O plano astral, ou envoltura áurica da Natureza e do Homem.
f) A Mente ou elemento racional da Natureza e do Homem.
g) A mais etérea duplicata do corpo humano, o pólo oposto, cujos pontos de vibração e sensibilidade estão na mesma relação que o violeta, a respeito do vermelho,

Tudo está dito sobre o plano manifestado, depois do qual vêm os sete e o espectro manifestado, ou seja, o Homem na Terra. Com este último só o Mago Negro tem a ver. No Kosmos há infinitas gradações e correlações de cores e sons, e, portanto, há infinitos números. Mesmo a Física conhece vibrações mais lentas que as do vermelho e mais rápidas que as do violeta, os dois extremos da percepção visual humana. Todavia, no mundo físico é limitada a escala de vibrações. Nossa vista não alcança nem mais nem menos que as gradações setenárias das cores do prisma, porque à parte destas não há nenhuma capaz de produzir em nós sensação de cor e som. Em nosso plano de ilusão há três cores fundamentais: vermelho, azul e amarelo (alaranjado), que correspondem aos seguintes princípios humanos:

1) Kama Rupa, sede das sensações animais, apegado à Alma Animal e veículo desta Alma Animal ou Manas inferior.
2) Envoltório áurico ou essência do homem.
3) Prana ou princípio da Vida.

As cores naturais na esfera da semi-ilusão, ou as cores que no homem perfeito absorvem todas as outras, se correspondem complementariamente como seguem:

		VIOLETA
1.º)	VERMELHO	.....VERDE
2.º)	ALARANJADO	.....AZUL
3.º)	AMARELO	
		VIOLETA

O homem astral é uma neblina de cor violeta pálida, dentro de um círculo azulado ovóide, sobre o qual irradiam em vibrações incessantes as cores prismáticas, predominando a cor do princípio mais ativo geralmente, ou no momento particular da observação do clarividente. Assim aparece o homem no estado de vigília. Se o clarividente conhece as correspondências, o estado íntimo, o caráter de uma pessoa resulta um livro aberto para os ocultistas práticos.

No êxtase, a aura muda completamente, e já não se distingue nela as sete cores prismáticas. Durante o sono tampouco se observa a presença de todas as cores, e poucas se distinguem dos correspondentes aos elementos espirituais do homem, isto é, amarelo = Buddhi; anil = Manas; azul = Envoltório áurico. O homem espiritual fica livre durante o sono (ainda que sua memória física não possa recordá-lo durante a vigília) e, revestido de sua essência suprema, vive em reinos de outros planos, nas regiões do real, chamados sonhos em nosso plano de ilusão.

Há grande diferença entre o êxtase determinado por vontade própria e o estado hipnótico resultante de estranhas influências. No Yogue desaparecem inteiramente os "princípios" do Quaternário in

ferior, e não se vêem as cores vermelha, verde, violácea, nem o áurico azul, pois apenas se notam vibrações do dourado matiz de Prana, e uma chama violeta estriada de ouro, que parece arder no ponto correspondente ao Terceiro Olho, elevando-se sobre a cabeça e culminando num ponto. Violeta é uma cor homogênea, com vibrações sete vezes mais rápidas que as do vermelho e a essência dos três matizes amarelos dá o matiz dourado (laranja-vermelho, amarelo-alaranjado, e amarelo). Numa pessoa hipnotizada por efeito de magia negra, consciente ou inconsciente, observar-se-ão todos os princípios em sua aura; o Manas Superior paralisado, o Buddhi rigorosamente apartado do Manas por causa desta paralisia; e o violáceo corpo astral inteiramente submetido ao verde, Manas Inferior e ao vermelho Kama Rupa (os monstros verde e vermelho animais em nós).
Abaixo damos a escala das cores com as correspondentes vibrações:

Cores	*Longitude de ondas em milímetros*	*Número de vibrações em trilhões*
Violeta extremo	406	759
Violeta	423	709
Violeta anil	439	683
Anil	449	668
Anil-azul	459	654
Azul	479	631
Azul-verde	492	610
Verde	512	586
Verde-amarelo	532	564
Amarelo	551	544
Amarelo-alaranjado	571	525
Alaranjado	583	514
Alaranjado-vermelho	596	503
Vermelho	620	484
Vermelho extremo	645	465

0 Ocultismo afirma que os poderes divinos são naturais no homem.

A combinação das faculdades naturais superiores e a afinação entre o Microcosmos e o Macracosmos darão a geométrica equivalência da invocação Om Mani, Padme Hum.

Por isso a escola pitagórica exigia o prévio conhecimento da música e da geometria.

AS RAÍZES DA COR E DO SOM

Além do que foi dito, cada um dos sete Raios Primordiais, que constituem o Logos manifestado, é por sua vez sétuplo. Assim como

DIAGRAMA III

Os Sete Princípios Humanos	*As Sete Hierarquias e suas subdivisões*	
VIOLETA Linga Sharira	Violeta Anil Azul Verde Amarelo Laranja Vermelho	VIOLETA
ANIL Manas Superior	Violeta Anil Azul Verde Amarelo Laranja Vermelho	ANIL
AZUL Ovo áurico	Violeta Anil Azul Verde Amarelo Laranja Vermelho	AZUL
VERDE Manas Inferior	Violeta Anil Azul Verde Amarelo Laranja Vermelho	VERDE
AMARELO Buddhi	Violeta Anil Azul Verde Amarelo Laranja Vermelho	AMARELO
LARANJA Prana	Violeta Anil Azul Verde Amarelo Laranja Vermelho	LARANJA
VERMELHO Kama Rupa	Violeta Anil Azul Verde Amarelo Laranja Vermelho	VERMELHO

as sete cores do aspectro solar correspondem aos sete Raios, ou Hierarquias, do mesmo modo cada Raio ou Hierarquia tem também sete divisões correspondentes à mesma série de cores. Porém, neste caso a cor peculiar da Hierarquia particular predomina em intensidade sobre o conjunto das demais.

Só se podem simbolizar estas Hierarquias como círculos concêntricos e cores prismáticas. Cada Hierarquia pode ser representada por uma série de sete círculos concêntricos, em que cada círculo representa uma das cores prismáticas em sua ordem natural. Mas em cada uma destas "rodas" haverá um círculo de cor mais brilhante e intensa que as outras seis, e a "roda" terá, portanto, uma aura desta cor predominante e característica da Hierarquia. Cada uma destas Hierarquias proporciona a essência (Alma) e é a "Construtora" de um dos sete reinos da Natureza; três dementais: o mineral, o vegetal, o animal e o do homem espiritual. Além disso, cada Hierarquia fornece a aura de um dos sete princípios humanos, com sua cor peculiar.

Como cada uma delas também governa um dos Planetas Sagrados compreender-se-á facilmente a origem da Astrologia. A escola oriental representa as sete Hierarquias ou Potestades Criadoras por uma roda de sete círculos concêntricos, cujas respectivas cores são as sete do espectro. São os Arcanjos, os Espíritos Planetários, ou os Regentes dos Sete Planetas Sagrados, as Rodas de Ezequiel.

O Linga Sharira deriva do sub-raio violeta da Hierarquia violeta; o Manas Superior deriva do sub-raio anil da Hierarquia anil, e assim sucessivamente. Cada homem nasce sob a influência de determinado Planeta e, portanto, predomina em sua constituição a cor peculiar desse Planeta, e sobressai o princípio que tem a sua origem na Hierarquia da mesma cor.

Também haverá em sua aura cores derivadas dos demais Planetas, porém o Planeta regente será o mais forte. Por exemplo: alguém em quem predomine o princípio correspondente ao planeta Mercúrio, poderá dominar a homem nascido sob outro planeta, se atua sobre o princípio Mercúrio desse outro homem, porque o débil elemento mercuriano deste ficará vencido pelo mais vigoroso elemento mercuriano dominador, que, em troca, terá escassa influência sobre os homens nascidos sob o mesmo planeta. Esta é a chave das ciências ocultas do magnetismo e hipnotismo.

A UNIDADE DA DEIDADE

O puro Esoterismo não fala de um Deus pessoal, e por isso nos chamam de ateus. As religiões antigas demonstravam o Único por meio dos vários. As idéias acerca da Deidade se expressavam por múltiplos de 3, 5 e 7, e também por 8, 9 e 12 deuses maiores, que simbolizavam os poderes e atributos da única Divindade. Isto se relacionava com essa infinita subdivisão por números irregulares e especiais a que submetiam a sua Divindade Única os metafísicos daqueles povos.

O ciclo dos deuses tinha todas as qualidades e atributos do Único Supremo e Incognoscível, porque neste conjunto das divinas personalidades, ou melhor, de símbolos personificados, mora o Deus Único, o Deus que não tem segundo.

Ó! Deus Ani! (Sol espiritual); Tu resides na aglomeração de tuas divinas personificações. (Papyrus Orbiney.)

Estas palavras indicam que os antigos acreditavam que toda manifestação procede da mesma e única Fonte; que tudo emana do idêntico Princípio, que só pode desenvolver-se completamente nos coletivos agregados de suas emanações. O pleroma de Valentino eqüivale ao Espaço da Filosofia Oculta, porque pleroma significa plenitude, as regiões superiores. É a soma total das divinas manifestações e emanações, que denotam a plenitude ou totalidade dos raios procedentes do Um, que se diferenciam em todos os planos e se transformam em potestades divinas, chamadas Arcanjos e Espíritos Planetários pelos filósofos de todas as nações. Os Aeons e Potestades do pleroma dos gnósticos eqüivalem aos devas e siddhas dos Puranas. A Epinoia, a primeira manifestação feminina de Deus, o "Princípio" de Simão o Mago e Saturnino, oferecem os mesmos caracteres que o Logos de Basílides, e ambos remontam à esotérica Alethéia (Verdade) dos Mistérios. Por isso São Paulo disse: Não sabeis que sois templos de Deus e que o Espírito de Deus mora em vós? (/ Coríntios, 3,16.)

Se há dezessete séculos se disse: O homem não pode possuir a Verdade, se não é partícipe da Gnose, cabe dizer agora: O homem não pode conhecer a Verdade se não estuda os segredos do pleroma do Ocultismo.

Estes segredos se encerram todos na Teogonia da Antiga Religião da Sabedoria, que é a Alethéia da ciência oculta.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE OS PRIMEIROS ESTUDOS

A ciência profana procede em seus estudos do particular para o universal, ao passo que o Ocultismo procede do universal para o particular. Platão seguiu este método, porque era um Iniciado; porém Aristóteles, que jamais chegou a sê-lo, criou o seu sistema próprio.

A toda doutrina esotérica se pode aplicar o aforismo: Como é em cima, assim é embaixo, da sabedoria hermética.

A finalidade dos diagramas é familiarizar o estudante com as idéias capitais das correspondências ocultas, pois o Ocultismo proíbe o emprego de figuras, símbolos etc, a não ser na qualidade de auxiliares internos.

Enquanto se define verbalmente uma idéia, perde sua realidade; enquanto se plasma uma idéia metafísica, fica materializado o seu espírito.
As figuras só se empregam como degraus para escalar a muralha.

CONSIDERAÇÕES SOBRE O SIGILO

Os estudantes perguntam: "Por que tanto sigilo sobre os detalhes de uma doutrina cujo corpo tem sido publicamente revelado, como na Doutrina Secreta?"

0 Ocultismo lhes responde com duas razões: 1.*) A totalidade da verdade é demasiado sagrada para ser exposta a todo mundo.

2.[1]) O conhecimento de todos os detalhes e elos faltantes dos ensinamentos exotéricos é demasiado perigoso em mãos profanas.

As Verdades reveladas aos homens pelos "Espíritos Planetários", que aparecem na Terra como avataras só no começo de cada nova Raça humana e nas uniões ou finais dos extremos dos ciclos, menor e maior, caíram no esquecimento com o tempo, quando os homens mergulharam na animalidade.

Estes Instrutores só moram na Terra o tempo necessário para imprimir nas plásticas mentes da infantil Humanidade as eternas verdades que ensinam, mas o seu Espírito permanece vivido, ainda que latente, entre os homens. O pleno conhecimento da revelação primitiva foi conservado sempre por uns quantos eleitos (Adeptos) que o transmitiram de geração em geração.

A missão do Espírito Planetário é dar a nota fundamental da chave da Verdade. Uma vez dirigidas as vibrações de modo que prossigam o não-interrompido curso do encadeamento da Raça até o fim do ciclo Ele desaparece da Terra, à espera do seguinte Manvântara planetário. A missão de todo Instrutor das verdades esotéricas é exatamente a mesma.

Se bem que a humanidade civilizada esteja zelosamente protegida por seus invisíveis Vigilantes, os Nirmanakayas que velam por suas respectivas Raças e nações, acha-se, não obstante, submetida à lei do Karma coletivo, ao terrível influxo dos encarnados ou desencarnados "Irmãos da Sombra", antagonistas dos Nirmanakayas. Isto durará até o fim do primeiro ciclo do Kali Yuga (1897) e uns quantos anos mais além, pois o círculo menor obscuro influi sobre o maior. Assim é que, apesar das precauções tomadas, revelam-se freqüentemente segredos terríveis a gentes não merecedoras pelos esforços dos "irmãos tenebrosos" e sua atuação nos cérebros humanos. Certos organismos privilegiados abrem caminho às vibrações da verdade primitiva postas em ação pelos Espíritos Planetários, e produzem o que chamam idéias inatas na filosofia ocidental, e relâmpagos de gênio no Ocultismo. Tudo que as vigilantes Potestades podem fazer, quando se despertam idéias baseadas na verdade eterna, é evitar sua completa revelação.

Dois aspectos têm as coisas deste Universo de matéria diferenciada: o luminoso e o obscuro. Estes dois aspectos nos conduzem, em sua aplicação prática, ao uso e ao abuso, respectivamente. Há substâncias que podem curar ou matar. A essência daquele sutilíssimo veneno,

o mais ativo de todos, que entrava na composição dos tóxicos confeccionados pelos Médicis e Bórgias, pode curar ou matar qualquer homem, se quem o maneja está versado na gradação setenária de sua potencialidade, em cada um dos planos acessíveis ao homem terreno, e o resultado dependerá, naturalmente, de que o operador seja um irmão da Luz ou um irmão da Sombra. O Karma individual ou coletivo impede os Irmãos da Luz de realizarem todo Bem que poderiam fazer; o coletivo esforço das "Pedras" da "Muralha Protetora da Humanidade" não deixa que os "irmãos das trevas" acabem sua nefasta obra.

É erro crer "nos pós de projeção", na "pedra filosofal" e no "elixir da vida". Este último dormita em todos os vegetais e minerais do globo, pois consiste na final essência das coisas em seu caminho para uma mais alta evolução. 0 aspecto luminoso dessa essência produz vida, saúde, dita e divina paz; o aspecto tenebroso produz perturbação, tristeza, enfermidade e morte. Assim o demonstra o conhecimento da natureza dos mais ativos venenos. Sete são os graus diferenciais, como também os planos de sua ação, e cada grau terá benéficos ou maléficos efeitos segundo o sistema em que se opere. Satã e o Arcanjo são algo mais que gêmeos; são um só corpo e uma só mente. Deus est demon inversas.

Excelente é a genuína concentração e meditação, consciente e precavida sobre o Eu Interno. Porém é fatal dedicar-se à Yoga sem um sumário conhecimento de suas verdades e práticas, porque dez por cento dos estudantes desenvolverão faculdades mediúnicas, perderão tempo e se aborrecerão na prática como na teoria. Antes de se entregar a estas experiências é preciso aprender, pelo menos, a diferença entre a Magia Branca, ou divina, e a Magia Negra ou diabólica. Para conhecer essa diferença, basta lembrar que nenhuma verdade esotérica, inteiramente revelada, se publicará, jamais, impressa em livros ou jornais, e convencer-se de que se alguém se dedica à yoga sem experiência alguma, e sem ter quem lhe mostre os perigos, antes tem que se assegurar de que não está transpondo dia a dia e de hora em hora os limites do divino para cair no satânico.

A diferença capital entre a Magia Branca e a Negra é o objetivo com o qual se pratica, pois são de secundária importância os agentes empregados para produzir resultados fenomenais, sendo muito tênue a linha divisória entre ambas. Os livros de Ocultismo nunca estão completos, e sem uma chave não se encontra a verdade completa.

Os antigos brâmanes mantiveram com muito sigilo a sagrada doutrina dos sete Tattwas, cujo ensino está quase esquecido em nossos dias.

A autora aconselha energicamente a todos os estudantes a não se entregarem às práticas de Hatha Yoga, ensinadas na antiga obra tântrica Shivagama, porque lavrarão a sua própria ruína e retrocederão de tal maneira que lhes será quase impossível recuperar nesta encarnação o tempo perdido. É o pólo oposto da Raja Yoga espiritual.

Ai do estudante egoísta que procure desenvolver Suas faculdades ocultas com o único fim de lograr benefícios materiais e satisfazer suas ambições! A separação do Eu Superior dos princípios inferiores e o apartamento de Buddhi-Manas da personalidade tântrica serão as rápidas e terríveis conseqüências kármicas da Magia Negra. No Oriente se encontram homens e mulheres desalmados, pelo olvido da ancestral sabedoria.

SOBRE OS "PRINCÍPIOS" E "ASPECTOS"

Metafísica e filosoficamente falando, em estrito sentido esotérico, o homem como unidade completa está constituído por quatro princípios básicos e seus três aspectos nesta Terra. A doutrina semi-esotérica os resume em sete princípios para facilitar a compreensão vulgar.

Princípios Eternos e Fundamentais:

1) Atma, ou Jiva, a "Vida única" que impregna a Tríada monádica. (Um em três e três em Um.)

2) Envoltura áurica; o substrato da aura que rodeia o homem é o primordial e puro Akasha, universalmente difundido, a primeira película formada na ilimitada expansão de Jiva, a imutável Raiz de tudo.

3) Buddhi é um raio da espiritual Alma universal (Alaya).

4) Manas (o Eu Superior). Procede de Mahat, o primeiro produto ou emanação de Pradhana, que contém, potencialmente, todas as gunas (atributos). Mahat é a Inteligência cósmica, chamada o "Grande Princípio". Prana é, na Terra, uma modalidade da Vida, um constante e cíclico movimento de dentro para fora e de fora para dentro, a inspiração e expiração de Jiva ou Vida Única, sinônimo da absoluta e incognoscível divindade. Prana não é a vida absoluta (Jiva) mas um de seus aspectos num mundo de ilusões.

Aspectos Transitórios Produzidos Pelos Princípios:

1) Prana, o alento da vida, é equivalente ao Nephesh cabalístico. Depois da morte de um ser, Prana volta a ser Jiva.

2) Linga Sharira, a forma etérea, a transitória emanação do ovo áurico. Esta forma precede à formação do corpo físico, e depois da morte adere a este, para desvanecer-se só quando se desintegra o último átomo (excetuando-se o esqueleto).

3) Manas Inferior, a Alma animal; o reflexo ou sombra de Buddhi Manas que tem as potencialidades de ambos, porém dominadas geralmente por sua associação com os elementos kamicos.

Como o homem inferior é a combinação do aspecto físico da forma etérica e do psíquico-fisiológico de Kama Manas, não é considerado sequer um aspecto, mas uma ilusão.

O ovo áurico deve ser bem estudado, por causa de suas múltiplas funções. Assim como Hiranyagarbha, o ovo ou matriz de ouro contém Brahmâ, coletivo símbolo das sete forças universais, do mesmo modo o ovo áurico contém por sua vez o homem divino e o homem físico, e está diretamente relacionado com ambos. Como dissemos, é eterno em sua essência, e nas suas constantes correlações e transformações, durante o progresso reencarnante do Ego, é como uma máquina de movimento contínuo.

Os Kúmaras, que tomaram carne humana no fim da Terceira Raça-Raiz, não são humanos desta Terra ou plano, mas converteram-se em tais ao animar o homem animal, dotando-o assim de sua mente superior. Cada Kúmara é um "alento" ou "princípio", chamado a Alma humana, manas ou mente.

Segundo dizem os ensinos:

Cada um deles é um pilar de luz. Escolheram o seu veículo e se expandiram para circundar o homem animal com uma aura akáshica, enquanto o (manásico) princípio divino se aposentava nessa humana forma.

A Sabedoria antiga nos ensina que desde esta primeira encarnação, os Pítris lunares, que haviam formado homens de seus chayas ou sombras, são absorvidos por esta essência áurica, e cada Ego toma ao reencarnar-se um corpo ou forma astral distinta para cada uma das personalidades da série de encarnações. Portanto, o ovo áurico reflete todos os pensamentos, palavras e obras do homem, e é:

1) O conservador dos anais kármicos.

2) 0 arsenal das boas e más ações e qualidades do homem, que por sua vontade admite ou repele as potencialidades transformadas logo em atos. A aura é o espelho em que os sensitivos e clarividentes sentem e percebem o homem interno como realmente é, e não como parece ser.

3) Subministra ao homem a forma astral sobre a que se modela o corpo físico, primeiro como feto, e depois como menino e homem; de modo que a forma etérea vai crescendo paralelamente à física. Depois da morte subministra ao homem o Kama Rupa ou corpo de desejos, astral (o fantasma), e a entidade devacânica. No caso da entidade devacânica, o Ego há de revestir-se dos espirituais elementos das idéias, aspirações e pensamentos de sua anterior personalidade, a fim de gozar de um feliz estado. Por isso o bom Karma do falecido é impresso na substância áurica, que subministra à alma humana os suficientes elementos espirituais da ex-personalidade, e a capacita a crer-se ainda no corpo de que acaba de separar-se, e a experimentar sua fruição durante um período mais ou menos prolongado de gestação espiritual. Porque o Devakan é uma gestação espiritual numa matriz ideal, o nascimento do Ego no mundo dos efeitos, que precede sua próxima encarnação terrena, determinada por seu mau Karma no mundo das causas.

A vida terrena é o mundo onde se produzem as causas, e o Devakan, o mundo onde se percebem os efeitos. No caso dos fantasmas, o Kama Rupa se forma com as escórias animais do envoltório áurico, com suas recordações kármicas da vida carnal tão repleta de baixos desejos e aspirações egoístas. Nas sessões mediúnicas só se pode materializar este Kama Rupa, ou o astral do médium. O Linga Sharira permanece com o corpo físico e se desintegra com ele; por isso é preciso formar uma entidade astral, um novo Linga Sharira que guarde as passadas tanhas e o futuro Karma.

O Anjo que nos abandonou se desvitaliza e se desintegra também, por sua vez, como completa imagem da personalidade que foi, deixando no Kama Loka, mundo dos efeitos, só a recordação de seus maus pensamentos e más obras, que são os dementais humanos ou tânhicos.

Estes elementais constituem a forma astral do novo corpo em que o Ego há de entrar por decreto kármico, e ao sair do estado devakânico, a nova entidade astral se forma na envoltura áurica. Porque, apenas termina o estado devacânico de recompensa, é o Ego indissoluvelmente unido e arrastado para a nova forma etérica que se dirige karmicamente para a mulher de cujo seio há de nascer a criatura animal, escolhida pelo Karma para veículo do Ego que acaba de despertar de seu estado devakânico. Então é precipitada na mulher a nova forma etérica, composta da pura essência akâshica, do ovo áurico e em parte dos terrenos elementos das culpas cometidas pela última personalidade. Então a Natureza modela o feto de carne, segundo o modelo etérico, valendo-se dos materiais em desenvolvimento da semente masculina no terreno feminino.

A desintegração ocorre num período mais ou menos longo, segundo o grau menor ou maior de espiritualidade da personalidade cujas escórias formam o falecido. Se prevaleceu a espiritualidade, o "fantasma" ou larva se desintegra rapidamente, porém se a personalidade foi muito materialista, o Kama Rupa poderá durar séculos, e, em alguns raros casos, sobrevive, com ajuda de seus espalhados resíduos que com o tempo se transformam em elementais. Os skandas (resíduos) são os germes dos efeitos kármicos.

SIGNIFICADO E CORRELAÇÃO DOS TATTWAS

Há sete Forças ou Centros de Força na Natureza, como há sete sons e sete cores, pois tudo parece corresponder ao número sete, em nosso sistema. Geralmente se conhecem cinco Tattwas, e isto porque estando na Quinta Raça e possuindo cinco sentidos (cada Tattwa está relacionado com um sentido), os outros ainda estão ocultos e imanifestados, isto é, latentes no homem, e só podem ser conhecidos por meio da mais profunda ciência oculta. Ambos correspondem aos princípios humanos superiores: Buddhi e a Envoltura Áurica iluminados pela Luz de Âtma. A menos que o exercício oculto nos abra os sentidos -

sexto e sétimo, jamais compreenderemos devidamente seus correspondentes tipos. Em Forças Sutis da Natureza, Rama Prasad afirma que o Akasha é o Tattwa superior, seguido por quatro outros, cada um dos quais tem maior densidade que o precedente. O Éter é substância diferenciada; o Akasha não é substância, pois só tem por atributo o som, cujo substrato é como o caos ou o vazio do Espaço.

Esotéricamente, o Akasha só é o divino Espaço, e unicamente se converte em Éter no último e ínfimo plano terrestre. Neste caso, o véu consiste em dizer que o som é o único atributo do Akasha, quando na realidade não o é, mas é a sua primordial manifestação, o Logos ou ideação divina feito Verbo, ou Palavra feita Carne. Só antropomorfizando o Akasha podemos considerar o som como seu atributo. É uma característica do Akasha, inata nele como a idéia de Eu sou eu é inata em nossas mentes. O Ocultismo ensina que o Akasha contém e abarca os sete Centros de Força e, portanto, os seis Tattwas, dos quais ele é o sétimo, isto é, sua síntese. 0 Akasha é universalmente onipresente. Os Tattwas se apresentam na mesma ordem que as Sete Forças macro e microcósmicas, e são os seguintes:

1) ADI TATTWA, a força primordial do universo, emergida no começo da manifestação do eterno e imutável Sat, o substratum do Todo. Corresponde à Envoltura Áurica ou Ovo de Brahmâ, que rodeia os globos, homens e seres. É o veículo que potencialmente contém todas as coisas: Espírito e Substância, Força e Matéria. É a força dimanante do Logos Imanifestado, ou Primeiro Logos.

2) ANUPÂDAKA TATTWA, (sem pais), a primeira diferenciação na ordem ou plano da existência, dimanante da transformação de algo superior. Procede do Segundo Logos.

3) AKASHA TATTWA, o ponto de partida de todas as filosofias exotéricas que o consideram como Éter ou Força Etérea. Eqüivale ao Espírito Santo dos cristãos. O Ocultismo resume esses conceitos na força do Terceiro Logos, ou seja, a força criadora do já manifestado Universo.

4) VAYU TATTWA, o plano aéreo em que a substância é gasosa.

5) TAIJAS TATTWA, (de Tejas, que significa luminoso), o plano de nossa atmosfera.

6) APAS TATTWA, substância aquosa ou líquida, e sua força.

7) PRITHIVI TATTWA, substância sólida terrena. A Força ou Espírito terrestre. É a Força ínfima.

Todas estas forças se correspondem com os nossos princípios e com os sete sentidos e forças do homem. Segundo o Tattwa engendrado em nós, assim atuará o nosso corpo.

A Hatha Yoga desenvolve e mediunidade, e, no pior caso, a consumação.

Na Raja Yoga os dois tattwas ocultos ou superiores são os fatores principais, e por isso não é possível determinar sem eles nenhum fenômeno -

de superior natureza intelectual nem espiritual, mas somente, e no máximo, fenômenos físicos.

Na Hatha Yoga os cinco estados da respiração humana correspondem a planos e cores terrenos; que resultados espirituais se podem obter? São a antítese do plano espiritual refletido invertidos na Luz Astral. Convém recordar que, para os ocultistas, o setenário da natureza, visível como invisível, consiste nos três Fogos (e quatro), que se desprendem dos 49 Fogos. Isto indica que, analogamente, o Macro-cosmos se divide em sete grandes planos de diversas diferenciações de substância (desde o espiritual ou subjetivo até o material ou objetivo, do Akasha à viciada atmosfera de nossa Terra), de modo que cada um destes sete grandes planos tem três aspectos, baseados em quatro princípios. A Luz Astral não é uma massa universalmente difundida, mas pertence só à nossa Terra e aos demais corpos do Sistema, que se acham no mesmo plano de matéria que ela. Nossa Luz Astral é, por assim dizer, o corpo etéreo ou Linga Sharira de nosso planeta, com a diferença de que em vez de ser seu primordial protótipo (como no caso do duplo humano), é justamente o contrário. Os corpos dos homens e animais crescem e se desenvolvem adaptados aos moldes de seus duplos antetípicos, enquanto a Luz Astral provém das emanações terrestres, cresce e se desenvolve segundo o seu progenítor prototípico, e em suas traiçoeiras ondas todas as coisas se refletem invertidas, tanto nos planos superiores, como no inferior e sólido plano terrestre. Dai a confusão de cores e sons para o sensitivo clarividente e clariaudiente, seja médium ou hatha yogue, que se fie no impresso nessa luz.

A ciência da Hatha Yoga se baseia no Pranayama ou "detenção do alento", a cuja prática se opõem unanimemente nossos Mestres.

Literalmente traduzido, Pranayama quer dizer "morte do alento vital".

Prana não é Jiva, a fonte eterna da vida imortal; nem está relacionado com Pranava, como pensam alguns, porque Pranava é sinônimo de Aum no sentido místico. A ciência dos cinco alentos tem dois significados e duas aplicações. Enorme é a diferença entre os dois métodos. O primeiro emprega cinco Tattwas inferiores, o segundo começa por empregar unicamente os três superiores para o desenvolvimento mental e volitivo, deixando os demais para depois de dominados aqueles três.

O asceta de nossa escola segue o método da evolução do Universo (do universal ao particular); o hatha yogue inverte os termos e começa por esforçar-se em obter a supressão de seu alento vital. Os raja yogues não descem, nos planos da substância, mais além de Sukshuma (matéria sutil) enquanto os hatha yogues unicamente desenvolvem e empregam seus poderes no plano material. Os raja yogues colocam o Sukshuma como assento principal dos três nadis no conduto central da medula espinhal, e Ida e Pingala, nos lados direito e esquerdo. Os tântricos colocam os três nadis na medula oblongada, cuja linha central designam como Sukshuma e as divisões laterais como Ida e

Pingala. Sukshuma é o Brahmadanda, o canal da medula cuja função desconhece a Fisiologia como desconhece a do baço e da glândula pineal.

Ida e Pingala são os sustenidos e bemóis do Fá, tônica da natureza humana, e nota média da sinfonia setenária dos princípios que, quando vibram convenientemente, despertam as sentinelas laterais (manas e kama) e subjugam o inferior por meio do superior. Porém este efeito há de resultar do exercício do poder da vontade e não da científica ou regulada supressão do alento.

A Hata Yoga é um método puramente psíquico-físico, e a Raja Yoga é puramente psíquico-espiritual. Os tântricos não vão além dos seis visíveis e conhecidos plexos, com cada um dos quais relacionam os respectivos tattwas que, com os cinco alentos, se relacionam com os plexos prostático, epigástrico, cardíaco e laríngeo, e como desconhecem o Ajna nada sabem do sintetizante plexo laríngeo. O despertamento do terceiro olho (glândula pineal) se deve lograr por meio da glândula pituitária.

A Ciência diz que a glândula pineal ou conário é um corpo oblongo redondo, de seis a oito milímetros de comprimento, cinza avermelhado, escuro e conectado com a parte posterior do terceiro ventrículo do cérebro.

Tem em sua base duas finas fibras medulares que se dirigem, divergentemente, para os talamos óticos.

Quanto à glândula pituitária, ou hipófise cerebral, é um pequeno órgão duro, de doze milímetros, formado por dois lóbulos unidos. Suas partes constitutivas são quase idênticas às da glândula pineal, sendo que não há a mais leve relação entre ambos os centros (conceitos científicos). Os ocultistas sabem que estão relacionados, anatômica e fisicamente.

Ao cessar a vida que esponja e enche as cavidades e vigoriza todos os órgãos da massa cerebral, esta se encolhe, toma um aspecto pastoso e obstrui passagens antes abertas. Um Adepto pode ver num homem normal as pulsações da aura dourada, em ambos os centros tão contínuas como as do coração. Todavia, este movimento intensifica-se com o esforço para desenvolver a clarividência, e a aura vibra com mais impulso. O arco pulsatório da pituitária cresce mais e mais até que, como corrente elétrica, choca com a glândula pineal, despertando-a e inflamando-a com o puro fogo akâshico. Para que Buddhi seja consciente no plano físico, necessita do mais diferenciado fogo de Manas; mas desde que o sexto sentido tenha despertado o sétimo, a luz que irradia deste ilumina os campos do infinito.

Então, por breve espaço de tempo é o homem onisciente; o passado e o futuro são para ele o presente. Parecerá estranho que o conhecimento oculto dependa dessas rajadas de clarividência e que estas dependam, no homem, das insignificantes excrescências da cavidade craniana, de "duas verrugas córneas cobertas de areia cinza", como diz Bichat em sua Anatomia Descritiva.

No entanto assim é. A glândula pineal é para os ocultistas orientais o "olho divino"; é o órgão principal da espiritualidade no cérebro humano, a sede do gênio. Manas, o Ego mental, não se une de todo à criança antes dos sete anos de idade, antes da qual nenhuma criança é responsável.

Wengel, anatomista alemão, observou que em milhares de crianças, e com raríssimas exceções, o acervulo cerebri, ou concreção dourada, só se encontrava em crianças maiores de sete anos. Nos loucos apenas existem estes cálculos, faltando por completo nos velhos decrépitos.

Nossos sete Chakras capitais estão todos situados na cabeça; estes sete governam e dirigem os sete principais plexos ou centros do corpo, além dos 49 menores. Os "Filhos de Fohat" personificam as forças da Natureza, movimento, som, calor, luz, coesão, eletricidade e magnetismo (fluido neurótico). Esta verdade não ensinará o estudante a harmonizar o Kundalini do plano cósmico com o Kundalini vital, ou seja, o fluido elétrico com a força nervosa.

As sete Shaktis são os aspectos femininos dos "Filhos de Fohat". Toda vibração ou impulso de um corpo físico que produz certa vibração no ar ou a colisão das partículas físicas cujo som é capaz de afetar o ouvido, origina, ao mesmo tempo, um fulgor luminoso que assumirá determinada cor. Porque, no reino das forças ocultas, um som audível é só uma cor subjetiva e uma cor perceptível só é um som inaudível. Ambos procedem da mesma fonte potencial chamada Éter pela ciência e, pelos ocultistas, Espaço. Assim como as cordas vibram em notas audíveis, assim os nervos do corpo humano vibram e tremem em correspondência com as diversas emoções, sob o impulso da circulante vitalidade de Prana, determinando ondulações com efeitos cromáticos na aura da pessoa. Podemos considerar o sistema nervoso humano como uma harpa eólica, respondendo ao impulso da força vital que não é uma abstração, mas uma realidade dinâmica que manifesta em cores os mais sutis matizes de caráter individual.

Se estas vibrações nervosas se intensificam e se põem em relação vibratória com um elemento astral, determinam um som. Como duvidar, pois, da relação entre as forças micro e macrocósmicas?

Convém advertir que até hoje nenhum tratadista coincidiu com outro na localização dos chakras e padmas no corpo físico e, além disso, todos invertem as cores táttwicas, como segue:

a) Akasha. Dão-lhe a cor negra ou o deixam sem cor, enquanto que, em correspondência com Manas, é anil.

b) Vayu. Atribuem-lhe a cor azul, quando é verde por corresponder ao Manas inferior.

c) Apas. Dão-lhe a cor branca, quando, por corresponder ao corpo astral, é violeta com um substrato de cor branca prateada, lunar.

Unicamente acertam na cor vermelha atribuída a Tejas. Por tudo isso é fácil ver que estas discrepâncias são véus muito perigosos.

A prática dos cinco alentos resulta mortalmente nociva, tanto na ordem fisiológica como na psíquica. É, realmente, o Pranayama a morte do alento, pois seus efeitos são a morte moral para quem o pratica, e muitas vezes a morte física.

SOBRE OS VÉUS EXOTÉRICOS E A MORTE DA ALMA

Antes de entrar em mais abstrusas doutrinas, vamos aclarar o que há sobre a pavorosa aniquilação pessoal. Afastai de vossas mentes tudo o que tenhais lido, mesmo escrito por mim, tomando meus escritos apenas como idéias amplamente gerais, e esboçadas, e nunca como a verdade completa.

A imortalidade pessoal é condicional, pois há homens "desalmados" ou sem alma, segundo ensinos raramente mencionados. Existe um Avitchi, chamado, em rigor, inferno, se bem que não tenha relação alguma com o inferno dos cristãos. A verdade conhecida pelos ocultistas de todas as épocas não podia ser comunicada ao vulgo.

Paramata, o Sol espiritual, pode se considerar fora do ovo áurico do homem, da mesma forma que está fora do Ovo macrocósmico ou de Brahmâ. Pois, se bem que cada átomo ou partícula esteja, por assim dizer, empapado nesta essência paramâtmica, é impróprio chamar Paramata "princípio humano", nem sequer "princípio universal", sob pena de sugerir uma falsa idéia do conceito filosófico e puramente metafísico. Não é um princípio, mas a causa de todos os princípios. Esta última denominação a aplicam os ocultistas somente à sombra de Paramâtma, o Espírito Universal que anima o ilimitado Kosmos e mais além do Espaço e do Tempo. Buddhi serve de veículo a esta paramâtmica sombra; Buddhi é universal, como o é, também, o Atma humano. No Ovo áurico está Prana, o pentáculo Macrocósmico da Vida, que contém em si o pentagrama representativo do homem. O pentáculo universal deve traçar-se com o vértice para cima, como signo da Magia Branca. 0 pentáculo humano, com os membros inferiores para cima em forma de "chifres de Satanás", é o símbolo da matéria, do homem pessoal e do mago negro. Este pentáculo invertido não representa unicamente o Kama, o quarto princípio na enumeração exotérica, mas também o homem físico, o animal de carne com todos os seus desejos e paixões.

Para melhor compreender o que segue, convém advertir que Manas pode simbolizar-se por um triângulo superior relacionado com o Manas inferior mediante uma tênue linha. Esta é o Antakarana, a parte de comunicação que serve de laço entre a personalidade cujo cérebro físico está sob o domínio da mente animal e a individualidade reencarnante, o Ego espiritual, Manas, o Manu, o "homem divino". Este Manu pensante é o único que se reencarna. As duas mentes, a espiritual e a física, ou animal, são uma, porém estão separadas em duas, durante a reencarnação. Porque, enquanto aquela porção do Divino

que anima a personalidade, separando-se conscientemente do Ego divino, como pura, ainda que densa sombra, se infunde no cérebro e nos sentidos do feto no sétimo mês da gravidez, o Manas Superior não se une à criança até os sete anos de idade.

A essência do Ego divino é "pura chama", uma entidade à qual nada pode se acrescentar nem nada se retirar. Portanto, não fica ela diminuída pelas inúmeras mentes inferiores que dela se desprendem como chispas de uma fogueira.

Este reflexo ou sombra de Manas Superior se converte, segundo cresce a criança, num princípio distinto e pensante do homem, cujo principal instrumento é o cérebro físico. O Ego divino propende para Buddhi; o humano Ego gravita para o inferior, fundido na Matéria, unindo a sua mente superior ou subjetiva só pelo antakarana, único laço de união durante a vida entre a consciência superior do Ego e a humana inteligência da mente inferior. Não esqueçamos que a única e vivente Realidade é Paramâtma e Parabrâhman. Esta é a Única eterna Essência-Raiz, imutável e inacessível a nossos sentidos físicos, mas perceptível a nossas naturezas espirituais. Se a Essência-Raiz é imortal, eterna, universal, onipresente e tão abstrata como o espaço, forçosamente devemos ter emanado dessa Essência, e um dia devemos restituir-nos a ela. Admitido isto, o resto é fácil.

Se o universo objetivo é uma ilusão, porque teve princípio e há de ter fim, também hão de ser vida e morte meros aspectos e ilusões, mudanças de estado, nada mais. A verdadeira vida está na consciência espiritual dessa vida, numa consciente existência no espírito e não na matéria.

A verdadeira morte é a impossibilidade de ter consciência além da forma material. Por isso disse São Paulo: Porque mortos sois e vossa vida está oculta com o Cristo em Deus. (Colossenses, 3,3.) Isto significa que a verdadeira Vida está oculta com o divino Ego (Christos), ou fundida com Deus (Âtma). Se a vida se aparta de vós, sois homens sem alma. Todo materialista recalcitrante é um homem morto, um autômato vivo, por poderoso que seja seu cérebro. A vida Luz flui para baixo pelo escalonado caminho dos sete mundos, de cujos tecidos são os graus cada vez mais densos e escuros. És, ó homem, o fiel escalador desta setenária escada, e não o sabes!

No Ritual do Livro dos Mortos a alma purificada, ou Manas dual, aparece vítima de tenebrosa influência do dragão Apófis, ou seja, a pessoa física do homem kamarúpico, com suas paixões. "Se logrou o definitivo conhecimento dos mistérios celestiais e infernais, da Magia Branca e Negra, a personalidade do defunto triunfará de seu inimigo." Isto alude ao caso de uma completa reunião, depois da vida terrena, do Manas inferior, cheio da "colheita da vida", com o Ego Superior. Porém se Apófis vence a Alma, "não pode esta subtrair-se a uma segunda morte".

Estas linhas de um papiro, cuja antigüidade remonta a milhares de anos, contêm uma completa revelação que até então só conheciam

os Hierofantes e Iniciados. A "colheita da vida" consiste nos mais espirituais pensamentos da personalidade, na memória de suas mais nobres e altruístas ações, e na constante presença durante a sua felicidade pós-terrena de tudo quanto amou com divina e espiritual devoção. Segundo a Doutrina, a Alma humana, o Manas inferior, é o único e direto mediador entre a personalidade e o Ego divino. 0 que constitui nesta Terra a personalidade, confundida pela maioria das pessoas com a individualidade, e a soma de todas as características mentais, físicas, espirituais, que, impressas na alma humana, produzem o homem. Somente os pensamentos puros e espirituais podem ficar impressos no Ego Superior e imortal mediante a reimersão da Alma humana em sua essência, em sua originária fonte, ao misturar-se com o seu divino Ego durante a vida, para reunir-se inteiramente a ele depois da morte do homem físico. Portanto, a menos que Kama Manas transmita a Buddhi Manas semelhantes ideações pessoais, e tal consciência de seu Eu possa assimilar o Ego divino, nada desse "eu" ou personalidade pode sobreviver no eterno. Só sobreviverá o digno de nosso imortal Deus interno, ou por natureza idêntico à quintessência divina, porque, neste caso, as mesmas emanações do Ego divino são as que ascendem a ele, e ele atrai para integrar-se em sua Essência. Nenhum pensamento nobre, nenhuma aspiração elevada, nenhum anelo puro, nenhum amor imortal e divino pode aposentar-se no cérebro carnal, a não ser como direta emanação do Eu Superior, mediante o inferior. Tudo o mais, por intelectual que pareça, procede da "sombra", da mente inferior associada e confundida com Kama, e fenece e se aniquila para sempre.

Mas as ideações mentais e espirituais do "eu" pessoal voltam a ele como parte da essência do Ego, e nunca murcham. Como a personalidade ultimamente encarnada tem direito a seu peculiar estado de vida, livre e sem mistura da memória das anteriores personalidades, só se desfrutam com plena realidade os resultados felizes da última existência. O Devacan se compara ao dia mais feliz entre os milhares de "dias" de uma vida. A intensidade de sua dita põe o homem no esquecimento de todos os demais dias até se apagarem as recordações do passado. As "características" do dragão se extinguem no Kamaloka.

Alguns espiritualistas se revoltaram com a idéia de que a imortalidade seja condicional, e não obstante tal é a lógica e filosófica verdade.

A palavra "alma" se refere, indistintamente, a Buddhi, Manas e Kama Manas.
Os princípios sofrem várias mortes durante a encarnação, a saber:

1) A morte do corpo físico; 2) A morte da alma animal em Kama-loka; 3) a morte do corpo astral; 4) a metafísica morte do imortal Ego Superior, cada vez que cai na matéria ou encarna em uma nova personalidade.

A alma animal, ou Manas inferior, não pode de modo algum subtrair-se à morte em Kamaloka, pois aquela porção de sombra que, como

resíduo terrestre, não pode ficar assimilada ao Ego e tem que desfazer-se. Esta é a terrível possibilidade da morte da alma, isto é, sua separação do Ego durante a vida terrena. É uma morte real (ainda que com probabilidade de ressurreição), que não deixa vestígio nenhum na pessoa, porém que a converte, moralmente, num cadáver vivo.

Só agora tivemos ordem de divulgar esta doutrina, que se manteve por muito tempo oculta. Não sabemos os motivos.

Farei adiante uma justificação filosófica desta doutrina da qual fiz algumas insinuações no Teosofista e em Ísis Sem Véu, porém não me fiz entender.

JUSTIFICAÇÃO FILOSÓFICA DESTA DOUTRINA

1) Imaginemos, por exemplo, a única, homogênea, absoluta e onipresente Essência no degrau superior da "escada dos sete planos mundiais", disposta a entrar em sua peregrinação revolucionária. Segundo desce seu correlativo reflexo, diferencia-se e transforma-se, primeiro em matéria subjetiva, e depois em objetiva. Chamemos Luz Absoluta a seu Pólo Norte, e designemos com o nome de Vida Única e Universal a seu Pólo Sul, que para nós é o plano intermediário, tanto se começamos o contar de baixo como de cima. Assinalemos, agora, a diferença: em cima, a Luz, embaixo a Vida. A Luz é sempre imutável; a Vida se manifesta em inumeráveis aspectos e diferenciações. De acordo com a lei oculta, todas as potências latentes no superior se transmutam em diferenciados reflexos no inferior; e nada do diferenciado pode misturar-se com o homogêneo, segundo a mesma lei.

Ademais, nada do que vive e alenta seu ser nas ondas do mundo da diferenciação pode perdurar. Buddhi e Manas são os raios primordiais da Chama única. Se Buddhi é o veículo da única Essência eterna, e Manas o veículo de Mahat ou a Ideação divina (a Alma inteligente Universal), resulta que nem Buddhi nem Manas podem aniquilar-se como essência nem como consciência, mas, sim, aniquilar-se a personalidade física com o seu corpo emocional ou Linga Sharira, e a alma animal com seu Kama. (*) Eles nascem no reino da ilusão e têm de desvanecer-se qual se desvanecem os brancos flocos de nuvens no eterno firmamento azul.

Os seres divinos, que Karma obrigou a atuar no drama da vida manvantárica, são entidades superiores dos mais primitivos mundos e planetas, cujo Karma não estava ainda esgotado ao entrar no seu mundo em Pralaya. Tal é a doutrina.

Os Egos superiores são seres divinos, Deuses imortais durante o mahamanvântara ou sejam 311.040.000.000.000 de anos que formam a

(*) Diz-se que Kama Rupa, veículo do Manas inferior, reside no cérebro físico, nos cinco sentidos corporais e em todos os órgãos sensitivos do corpo físico.

idade de Brahmâ. Assim como os Egos têm de se purificar no sofrimento das individuais experiências, para reintegrar-se na Essência Única, e voltar de novo ao Aum, assim também as personalidades ou egos terrestres, para participar da imortalidade dos egos superiores, terão de cumprir a mesma obra mediante a repressão de tudo quanto beneficie unicamente a sua natureza inferior, e pelo anelo de transfundir seu princípio kâmico pensante no do Ego superior.

Nossa personalidade se imortaliza pelo enxerto de nossa pensante natureza moral na trínica e divina mônada, Âtma-Buddhi-Manas, cujos aspectos são três em um e um em três. Porque a Mônada manifestada na terra pelo Ego encarnante é a Árvore da Vida Eterna, que só pode alcançar quem come o fruto do conhecimento do Bem e do Mal, da Gnose ou Sabedoria divina.

No Ocultismo este Ego é o quinto princípio do homem. 0 sétimo não é um princípio humano, mas o princípio universal, do qual participa o homem, assim como todo átomo físico e objetivo, e tudo quanto existe no espaço, seja ou não sensível. Se o homem está mais intimamente relacionado com tal princípio e o assimila com cêntuplo poder, é tão só porque é o ser de consciência superior na Terra. 0 Homem pode chegar a ser um deva ou um deus na próxima transformação, enquanto que os minerais, vegetais e animais terão de ser primeiro homens, antes de alcançarem tal estado.

2) Quais são as funções de Buddhi? No plano físico, nenhuma, a menos que esteja unido a Manas, o Ego consciente.

3) Que é Manas e quais as suas funções? Em seu aspecto puramente metafísico, Manas é reflexo de Buddhi no plano inferior, e, não obstante, tão intensamente superior ao homem físico que para se pôr em relação com a personalidade necessita a mediação de seu reflexo, a mente inferior. Manas é a consciência espiritual em si mesma, e a consciência divina quando está unido a Buddhi, que é o verdadeiro "fator" da consciência própria por meio de Mahat. Portanto, Buddhi-Manas não pode manifestar-se durante suas periódicas encarnações senão por meio da mente humana ou Manas inferior. Ambos estão invariavelmente enlaçados e têm escassa relação com os tanmatras (qualidades da matéria e dos elementos em sua forma sutil) ou átomos rudimentares, como o homogêneo com o heterogêneo. Por conseguinte, a função de Manas inferior, ou personalidade pensante, quando se une com o seu Ego divino, é paralisar e desvanecer os tanmatras ou propriedades da forma material. Assim se desdobra Manas na dualidade do Ego e mente do homem. O eu enferior ou Kama Manas, alucinado pela falsa noção de existência independente, crê-se o "produtor" e soberano dos cinco tanmatras e cai no egoísmo. Manas é eterno e não-eterno. É eterno por sua natureza atômica (eterna substância), e finito, quando está ligado em dualidade com Kama, o desejo animal ou volição egoísta, com um produto inferior em suma. Enquanto o Ego individual, por sua peculiar essência e natureza, é imortal por toda a

eternidade com uma forma que perdura através dos ciclos de vida da Quarta Ronda, o seu reflexo ou semelhança, o ego pessoal, há de conquistar sua imortalidade.

4 Antakharana é o nome daquela ponte ideal, a linha interposta entre o Ego divino e o humano, que, apesar de serem dois Egos durante a vida terrena, se fundem num Ego no Devakan ou no Nirvana. Como exemplo disso, temos uma lâmpada (Ego divino), a luz refletida (Manas inferior). A parede sobre a qual se projeta sua luz é o corpo físico. A porção de atmosfera que transmite o raio da lâmpada à parede é o Antakharana. Quando a luz projetada na parede (ego humano) se esgota espiritualmente, desaparece o Antakharana, já não transmite mais luz e a lâmpada não emite raios. Desaparece a luz que foi absorvendo, gradualmente, e sobrevém o eclipse da alma; o ser vive na Terra e passa, depois, ao Kamaloka como um mero aglomerado de qualidades materiais e não pode entrar no Devacan, mas renasce imediatamente como um homem animalizado e como uma maldição. O homem que não tem nada a transmitir ao seu Ego Superior, a Alma pessoal se separa do Ego ao qual não pode levar nenhuma contribuição. As personalidades humanas que não deixam marca de sua existência são as que estão condenadas à aniquilação, ao avitchi, que é a Terra. Neste caso o Antakharana fenece antes que o eu inferior tenha tido uma oportunidade de identificar-se com o superior, e portanto, a "alma" kâmica se converte em entidade separada, para viver dali em diante, por um período mais ou menos longo, de acordo com o seu Karma, como criatura "sem alma". Com a morte física, os restos sobrevivem como Kama Rupa, cascarão ou concha astral que aparece nas sessões espíritas. Durante o sono o Antakharana está meio desperto e se diz que ele está bêbado ou louco. Se tal sucede na morte quotidiana ou no sono físico, pode julgar-se o que será a consciência do Antakharana quando, depois do chamado sono eterno, se converte em Kama Rupa. Se destruímos o Antakharana antes que o ego pessoal esteja completamente subjugado pelo Ego impessoal, expomo-nos a perder o Ego por separação eterna dele, a menos que nos apressemos em restabelecer a comunicação por meio de um supremo e definido esforço. Só podemos dissolver o Antakharana quando estamos indissoluvelmente unidos à essência da mente divina. Diz um axioma oculto: A Unidade se divide em Três, e os Três engendram Quatro. Pelos Quatro voltamos aos Três, e pelos divinos Três nos dilatamos no Absoluto. A aniquilação é a carência na Memória Eterna do mais leve vestígio da Alma sentenciada, e, por isso, aniquilação na eternidade. Isto não significa a descontinuidade na vida física, humana, sobre a Terra, mas é que, expulsos para sempre da Individualidade, os átomos e vibrações físicas da então já separada personalidade se encarnam imediatamente, na mesma Terra, numa criatura ainda mais abjeta, que só tem de humano a forma, e fica condenado a tormentos kármicos durante sua nova vida, que poderá se reproduzir em novas vidas idênticas se persistir na maldade. A Terra é o pior inferno possível.

Agora se pergunta: 1) Que acontece ao Ego superior em tais casos? 2) Que espécie de animal é uma criatura humana sem alma?

O Christos ou Buddhi-Manas de cada homem não é um deus completamente inocente e sem mancha. O divino Filho, ao reencarnar-se, deita sobre si os pecados de todas as personalidades que tem de animar, e isto só pode fazer por meio de seu reflexo mandatário, o Manas inferior. O único caso em que o Ego divino pode fugir à individual penalidade e responsabilidade, como princípio guiador, é quando se separa da personalidade, porque então a matéria com as suas vibrações físicas e astrais pela mesma intensidade de suas combinações emancipa-se do domínio do Ego. Apófis vence, e o Manas reencarnante se separa pouco a pouco de seu tabernáculo até desprender-se por completo da alma psico-animal. Como resposta à primeira pergunta, diremos: O Ego divino começa imediatamente, impelido pelo seu Karma, uma nova série de encarnações, ou então se refugia no seio de sua Mãe, a Alma Universal, cujo manvantárico aspecto é Mahat. Livre das impressões da personalidade, submerge-se numa espécie de intervalo nirvânico, onde só há o eterno presente que absorve o passado e o futuro. Por ausência do lavrador, perdem-se o campo e a colheita; o dono, na infinitude de seu pensamento, não conserva memória da finita, fugaz e ilusória personalidade que então se aniquila. O futuro de Manas inferior é muito mais terrível. A alma sumamente animal se extingue em Kamaloka como as demais almas animais, porém como o que mais dura é a mente humana, ocorre que depois de terminada a vida humana do "sem alma", ele volta a reencarnar-se em personalidades cada vez mais abjetas.

O impulso da vida animal é demasiado intenso e não se esgota em uma ou duas encarnações. Também pode acontecer que os despojos kama-manásicos podem converter-se em "moradores do umbral". Este morador, conduzido pela afinidade e atração, abre o seu caminho na corrente astral através da envoltura áurica do novo tabernáculo habitado pelo Ego pátrio e declara guerra à luz inferior que o substituiu. Nenhum homem virtuoso ou de conduta reta sofrerá este risco. Stevenson vislumbrou este mistério quando escreveu o livro Caso Estranho do Dr. Jekyll e Mr. Hyde. O cérebro se alimenta, vive e cresce, como o vampiro, às expensas de seu pai espiritual, e a Alma pessoal meio inconsciente se faz insensata, sem esperanças de redenção, não escuta a voz de seu Deus. E assim começa por morrer virtualmente durante a vida física, e acaba por morrer completamente, isto é, fica aniquilada.

Despojada de seus princípios reguladores, quando chega a última hora de seu corpo, sucede uma destas duas coias: ou renasce imediatamente Kama Manas em myalba (estado de avitchi na Terra) ou se a sua maldade é extrema, às vezes fica para fins kármicos em seu ativo estado de avitchi, na aura terrestre. Então a personalidade desalmada se transforma no mítico "diabo", e persiste em seus elementos impregnados com a essência da matéria porque o mal é próprio da Matéria separada do Espírito. E quando seu Ego Superior se encarna nova-

mente, revestido de outro reflexo o Kama Manas, semelhante a um monstro insaciável sentir-se-á atraído para o pai que o repudiou, e se converterá num "morador no umbral" da vida terrena.

Assim temos na Terra duas espécies de seres desalmados: os que perderam seu Ego superior na atual encarnação e os que já nasceram sem Alma, por se terem separado de seu Ego Superior na vida precedente. Os primeiros são os candidatos ao avitchi; os outros são "Mr. Hydes", obsessores em corpo humano, ou fora dele, isto é, ora encarnados, ora invisíveis, porém poderosos fantasmas. Tais homens chegam a indizível grau de astúcia.

Enquanto no corpo físico, a personalidade sem alma pode redimir-se pela conversão de sua natureza material. O laço não está ainda roto de todo, e um grande arrependimento e um firme propósito de emenda pode fazer voltar o Ego Superior.

Há o nome misterioso, a "Palavra", que é um som cuja potência está no ritmo ou acento, a qual pode salvar o desalmado que a conheça. Muito se espera daqueles a quem muito se deu. Quem chame à porta do santuário com pleno conhecimento de sua santidade, e depois de admitido retroceda do umbral e diga: "Isto não vale nada!" Não lhe resta outro recurso que aguardar os efeitos de seu Karma.

O bem e o mal são relativos; agravam-se de conformidade com o meio-ambiente; o vulgo ignorante é irresponsável em muitos casos. Os crimes cometidos por ignorância envolvem responsabilidade física, porém não moral; exemplo disso temos nos idiotas, selvagens e gente rude, que não sabem nada. Mas aqueles que contraem compromissos com seu Eu superior, constituem caso muito distinto. Não se pode invocar, impunemente, este divino Testemunho. Com isso impetramos conscientemente da divina justiça do Karma, que toma conta de nossos propósitos, esquadrinha nossas ações e anota tudo em nossas fichas. O passo que damos então é irregressível; nunca mais poderemos voltar ao estado de ignorância e irresponsabilidade; ainda que fujamos ao mais oculto recanto da Terra, ali nos encontrará a Luz para delatar nossos pensamentos, palavras e obras. Não esqueçamos que, ainda que não vejamos o nosso Mestre em nossa alcova, ali está a santa Potestade, a Santa Luz que resplandece na hora de nossas necessidades espirituais.

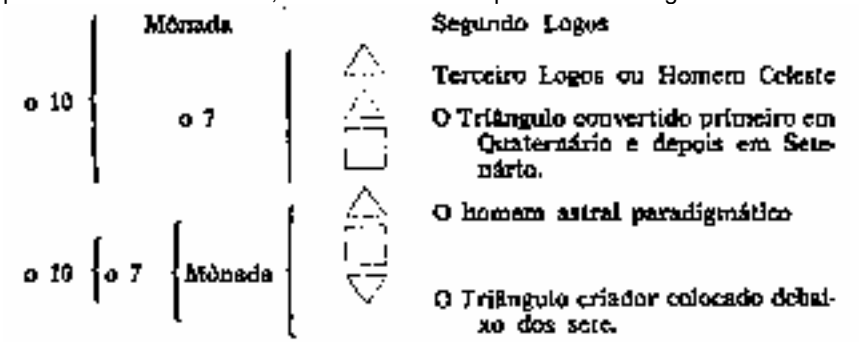
NOTAS SOBRE OS ESTUDOS I, II E III

O Om no Om Mani, Padme Hum está em afinidade espiritual com forças cósmicas, porém de pouco serve quando se desconhece sua ordem natural ou disposição das sílabas. Om é o mesmo que Aum e pode se pronunciar como duas, três ou sete sílabas, atualizando distintas vibrações. As letras, com signos fonéticos, correspondem a notas musicais, números, cores, força e tattwas. 0 Universo está formado de tattwas. Quem conheça as cores das letras do alfabeto e

os números correspondentes às 7 cores e 49 matizes da escala de planos e forças, e ao mesmo tempo conheça sua ordem respectiva nos sete planos, facilmente dominará a arte de pô-los em afinidade e ação.

Os alfabetos senzar e sânscrito assim como outras línguas ocultas, entre elas o antigo hebreu de Moisés, têm, além de outras potências, número, cor e uma sílaba distinta para cada letra. As cores e números não só dos planetas como também das constelações zodiacais, que se correspondem com as letras do alfabeto, são necessárias para fazer uma sílaba e uma letra, especialmente operativas. Para operar em Buddhi, por exemplo, acentuam-se as palavras do mantra em mi, produzindo mentalmente a cor amarela correspondente a esta nota em todos os emes da frase. A letra m é a sétima e a quarta na fórmula sagrada.

Ao triângulo superior se dão as cores violeta, anil e azul; a primeira como paradigma de toda as formas; a segunda como Mahat, e a terceira como Aura átmica. No Quaternário, a cor amarela corresponde à substância e se harmoniza com a amarelo-laranja, correspondente à Vida e com o vermelho-alaranjado correspondente à potência criadora. 0 verde é o plano intermediário. O verde se transforma em violeta-anil-azul, ou seja, o Triângulo que se abre para recebê-lo e formar, assim, o quadrado violeta-anil-azul-verde. Separado o verde do vermelho-alaranjado, amarelo-alaranjado e amarelo, ficam estes três em triângulo por haverem perdido seu quarto membro. 0 triângulo se inverte, de modo que o vértice fique para baixo para descer na matéria, e refletido no plano da Natureza densa, resulta invertido e aparece como segue:



No homem perfeito, o vermelho fica absorvido pelo verde, o amarelo se identifica com o anil, o amarelo-laranja se absorve no azul, o violeta permanecerá fora do homem verdadeiro ainda que relacionado com ele. Substituamos, agora, as cores pelos seus correspondentes princípios e teremos: Kama fica absorvido por Manas inferior, Buddhi se identifica com Manas, Prana fica absorvido pelo Ovo áurico, e o corpo físico permanece em conexão, ainda que à parte da vida real.

Aos cinco sentidos que possuí o homem atualmente, se acrescentarão mais dois neste planeta. 0 sexto sentido é o da percepção psíquica da cor e o sétimo é o da percepção do som. As proporções vibratórias das sete cores são feitas por etapas de 6 X 7 = 42.

462	Vermelho	+ 42 = 504	
504	Laranja	+ 42 = 546	
546	Amarelo	+ 42 = 588	
588	Verde	+ 42 = 630	Terceira oitava da percepção
630	Azul	+ 42 = 672	psíquica das cores
672	Anil	+ 42 = 714	
714	Violeta	+ 42 = 756	
756	Vermelho		

Continuando o processo ao inverso, por subtração de 42, veremos que o verde, a cor do campo, é a primeira para o nosso Globo:

——	Verde	Primeira semi-oitava
42	Azul	
84	Anil	
126	Violeta	
168	Vermelho	Segunda oitava
210	Alaranjado	
252	Amarelo	
294	Verde	
336	Azul	
378	Anil	
420	Violeta	
462	Vermelho	

A segunda e quarta oitavas seriam os raios caloríficos e actínicos, invisíveis para nossos atuais meios de percepção.

O sétimo sentido é o do som espiritual; e se as vibrações do sexto sentido progridem por intervalos de 6 X 7, as do sétimo progridem por intervalos de 7 X 7. Eis a sua tabela:

——	Fá	Som verde	Primeira semi-oitava
49	Sol	Som azul	
98	Lá	Som anil	
147	Si	Som violeta	
196	Dó	Som vermelho	Segunda oitava
245	Ré	Som alaranjado	
294	Mi	Som amarelo	
343	Fá	Som verde	
392	Sol	Som azul	
441	Lá	Som anil	
490	Si	Som violeta	
539	Dó	Som vermelho	

O quinto sentido já possuímos e possivelmente é o da forma geométrica cuja razão seria 5 X 7 = 35. O quarto sentido é o da audição física e cresce de 28 em 28, ou seja, 4X7. Segundo a ciência musical, as notas Dó, Mi, Sol são proporcionais em sua vibração aos números 4, 5, 6. As relações das sete notas respeito e de Sol serão:

1	9/8	5/4	4/3	3/2	5/3	15/8	2
(Dó)	(Ré)	(Mi)	(Fá)	(Sol)	(Lá)	(Si)	(Dó)

NOTAS SOBRE ALGUMAS INSTRUÇÕES ORAIS

OS TRÊS ARES VITAIS

O Akasha puro circula por sushumna e seus dois aspectos circulam por Ida e Pingala. Estes são os três ares vitais simbolizados pelo cordão brahmânico. São regulados pela vontade. A vontade e o desejo são os aspectos superior e inferior de uma mesma coisa. Daí a importância de que os canais sejam puros, porque, do contrário, os ares vitais vigorizados pela vontade produzirão Magia Negra. Por isso se proíbe toda relação sexual no Ocultismo prático.

De Sushumna, Ida e Pingala se estabelece uma circulação que do canal central flui para todo o corpo. (O homem é uma árvore; ele contém em si o macrocosmo e o microcosmo. Daí que as árvores sejam usadas como símbolos, e figurem o corpo Dhyân-Choânico.)

O OVO AURICO

O Ovo Áurico é constituído de curvas, análogas às formadas pela areia sobre um disco metálico vibratório. Todo átomo, como todo corpo, tem seu ovo áurico que lhes serve de defesa, com materiais adequados atraídos por sua constituição. O ovo áurico do yogue repele todas as influências malignas. Nenhum poder de vontade se manifesta através do ovo áurico.

A criança tem um ovo áurico muito pequeno, de cor branca quase pura. No momento de nascer, o seu ovo áurico está formado de Akasha, com mais os tanhas que permanecem latentes ou potenciais até o sétimo ano da vida.

O ovo áurico de um idiota não pode chamar-se humano, pois não está colorido por Manas. São mais vibrações akâshicas que um ovo áurico, isto é, uma envoltura material semelhante à das plantas e minerais.

O ovo áurico transmite as vidas periódicas à vida eterna, de Prana a Jiva. Desaparece, mas não se desvanece.

Por ser uma força psicofísica, o Magnetismo se torna muito perigoso. Todavia, "um líquido excelente pode passar por condutos sujos", como sucede quando se vale do Hipnotismo para curar de seus vícios os alcoólatras e fumadores de ópio. O ocultista pode servir-se do Mesmerismo -

para a extirpação de costumes viciosos, se seu propósito é perfeitamente puro, porque no plano superior a intenção é tudo, e a boa intenção há de propender necessariamente para o bem.

0 Ovo áurico é completamente puro quando nasce a criança, mas no sétimo ano se supõe que Manas colore superior ou inferiormente sua aura. O raio de Manas desce no vórtice dos princípios inferiores, e assim, descolorido e limitado pelos tântras kâmicos e os defeitos do organismo corporal, forma a personalidade. 0 Karma hereditário pode alcançar a criança antes dos sete anos; porém o Karma individual não pode entrar em ação até a descida de Manas. O Ovo Áurico é o Homem; como a Luz astral é a Terra e o Akasha o Éter. Os estados críticos não se contam; são os centros layas ou elos perdidos de nossa consciência, e separam estes quatro planos uns dos outros.

O MORADOR DO UMBRAL

O Morador do Umbral existe em dois casos: 1) quando o Triângulo se separa do Quaternário; 2) quando os desejos e paixões kâmicos são tão intensos que o Kama Rupa perdura no Kamaloka além do período devacânico do Ego, e sobrevive assim a reencarnação da entidade devacânica (se esta se reencarna antes de passados dois ou três séculos). 0 Morador se dirige por atrativa afinidade, até o reencarnado Ego ao qual pertenceu em outra vida. Porém como é incapaz de se integrar com ele, aferra-se ao Kama da nova personalidade e converte-se assim no Morador do Umbral, vigorizando o elemento kâmico e emprestando-lhe uma força perigosa. Alguns enlouquecem por isto.

O INTELECTO

Nem sempre o Adepto Branco é, no início, de poderoso intelecto. Os poderes do Adepto dimanam de sua pureza de vida, de seu amor igual a todos os seres, de sua harmonia com a Natureza, com o Karma e com o seu "Deus Interno". O intelecto exclusivo só fará o Mago Negro, pois é acompanhado de orgulho e egoísmo. Para elevar o homem, é mister a intelectualidade aliar-se à espiritualidade, pois a espiritualidade preserva do orgulho e da vaidade.

A um metafísico nato não lhe importará muito o plano físico; notará seus erros mal se ponha em contato com ele, pois não é o que busca. A música e as demais artes liberais dimanam do princípio monásico ou do Kama-manásico, segundo sobressaia o espírito ou a técnica da arte respectiva.

KARMA

Depois de cada encarnação, quando o Raio manásico se restitui a seu pai, o Ego, ficam para trás, espalhados, alguns de seus átomos.

Estes são da mesma natureza de Manas e são atraídos a este por vigorosos laços de afinidade, até o ponto de que na nova encarnação do Ego propendem infalivelmente para o que constitui o seu Karma. Enquanto todos eles não forem colhidos, a Individualidade não está livre de renascimentos. O Manas Superior é responsável pelo Raio que emite. Se o Raio não está maculado, nenhum mau Karma é gerado.

O ESTADO DE TURIYA

As Nidanas são uma cadeia de causas e efeitos no transcurso de uma existência; são doze: nascimento, decrepitude, morte, karma, apego à vida, amor, sensação, egoísmo, ignorância, ilusão, percepção e tato.

As Nidanas encaminhadas à aquisição de Karma ligam fortemente o Ego às fontes de existência.

Os Yogues não podem chegar ao estado de turya, a menos que o Triângulo se separe do Quaternário.

O estado de turiya é o transe mais profundo que corresponde ao Âtma nesta Terra; é um estado de sono sem sonhos, uma condição causai.

É o quarto estado de consciência, ou consciência absoluta.

MAHAT

Mahat é a Parabrâhmica Mente Universal, manifestada durante um Manvântara, no terceiro plano do Kosmos. É a Lei segundo a qual cai e se diferencia a Luz de plano em plano. Suas emanações são os Manasaputras.

Só o homem é capaz de conceber o Universo neste plano de existência.

A existência é; porém quando a entidade não a sente, a existência não é para aquela entidade. A dor de uma operação cirúrgica existe, ainda que o paciente não a sinta; neste caso, não há para ele a dor.

COMO PROGREDIR

O corpo pode ser comparado a um instrumento, e o Ego ao músico que o toca. Começamos por produzir efeitos em nós mesmos, e depois, pouco a pouco, aprendemos a pôr em atividade os tattwas e os princípios. Uma vez o estudante domine todos os acordes, pode começar a colaborar com a Natureza em benefício dos demais. E pelo conhecimento dos acordes, dará o que for em benefício dos demais, e assim será uma tônica de resultados benéficos.

O TEMOR E O ÓDIO

O temor e o ódio são essencialmente a mesma coisa. Quem nada teme, nunca odeia; quem nada odeia, nunca teme.

0 TRIÂNGULO

O Yogue só pode representar o abstrato ao chegar ao estado de turiya, o quarto dos sete graus da Raja Yoga. Antes desse estado, a faculdade perceptiva, estando condicionada, deve ter alguma forma para contemplar, pois não pode imaginar o Arüpa (sem forma). No estado de Turiya, o Yogue percebe o Triângulo em si mesmo, e o sente. Antes desse estado, precisa representar simbolicamente o Atma-Bud-dhi-Manas. Só é possível imaginarmos Manas, o Ego Superior, e podemos concebê-lo como o augoeides, a figura radiante descrita em Zanoni. Um psíquico muito bom poderia vê-lo.

A VISÃO PSÍQUICA

O psiquismo nada tem de espiritual. A Ciência tem razão de seu próprio ponto de vista. A lei da conservação da energia implica que o movimento psíquico é determinado pelo impulso; e como o movimento psíquico só é movimento no plano psíquico, que é um plano material, têm razão os psicólogos que não descobrem nele nada imaterial. Os animais não têm espírito, mas têm visão psíquica, e são sensíveis às condições psíquicas, que evidentemente influem no estado de saúde ou morboso de seu corpo.

O movimento é a Divindade abstrata; no plano supremo é sem forma, absoluta, porém no plano físico é simplesmente mecânico. A ação psíquica está dentro da esfera do movimento físico. Antes que possa se desenvolver no cérebro e nos nervos, ali deve haver adequada ação que a engendre no plano físico. O animal paralítico, que não pode determinar uma ação no corpo, não pode pensar.

Os psíquicos vêem simplesmente num plano de diferente densidade material, e se acaso têm algum vislumbre espiritual, lhes chega de planos superiores. A visão psíquica é comparável à do homem que ao entrar num aposento iluminado por luz artificial vê tudo quanto há nele, porém nada continua vendo quando a luz se apaga. A visão espiritual vê pela luz interna, que arde escondida no farol do corpo e permite ver clara e independentemente de todo o exterior. O psíquico vê iluminado por uma luz externa a ele, e em conseqüência a visão fica colorida pela natureza dessa luz.

O TRIÂNGULO E O QUATERNÁRIO

Não é correto falar de "Quaternário inferior" no Macrocosmos. Ele é a Tetraktys, o mais elevado e sagrado de todos os símbolos. Na

meditação mais profunda chega um momento em que o Manas inferior é absorvido pela Tríada, que assim se torna o Quaternário, a Tetraktys de Pitágoras; ao passo que o antes Quaternário fica reduzido a uma Tríada inferior, mas então invertida. A Tríada se reflete no Manas inferior. O Manas superior não pode refletir-se, mas quando o verde se traslada para cima, é um espelho dele; e então já não é verde, pois transcendeu suas associações. Então o psíquico se espiritualiza, o Ternário se reflete no Quarto e forma-se a Tetraktys. Durante a vida é preciso haver algo que reflita a Tríada superior, porque há de haver algo que traga à consciência desperta as experiências adquiridas no plano superior. O Manas inferior é como uma placa que conserva as impressões recebidas durante o êxtase.

PRANA

O Jiva não se converte em Prana, senão quando a criança nasce e começa a respirar. É o alento da vida. No plano astral não há Prana.

ANTAKHARANA

O Antakharana não aparece enquanto "não começamos a dirigir nossos pensamentos para cima e para baixo". O Maiavirupa, ou corpo manâsico, não tem relação material com o corpo físico nem tampouco tem cordão umbilical. É etéreo e espiritual e passa por onde quer que seja, sem obstáculos. Difere completamente do corpo astral, que reproduz no físico, por repercussão, o dano recebido. A entidade devacânica ainda antes de seu renascimento pode ser afetada pelos skandas (resíduos); porém estes nada têm a ver com o Antakharana. O Antakharana é o campo de batalha da Alma; ele tem sete divisões, à medida que se passa uma dessas divisões mais nos acercamos de Manas superior; ao passar a quarta, podemos nos considerar ditosos.

CORRESPONDÊNCIA DE ÓRGÃOS FÍSICOS COM OS "PRINCÍPIOS"

O cordões simpáticos surgem de um centro sacro, situado em cima da medula oblongada e se chama Triveni; há um outro centro sacro chamado Brahmârandra, que é a substância cinza do cérebro. É, também, a fontanela nos recém-nascidos.

Os nadis se correspondem com os orifícios do corpo assim:

Baço	Linga Sharira
Fígado	Kama
Coração	Prana
Tubérculos-	Kama Manas
-quadrigêmeos	

Glândula Pituitária ... Manas-Antakharana
Glândula Pineal ..... Manas

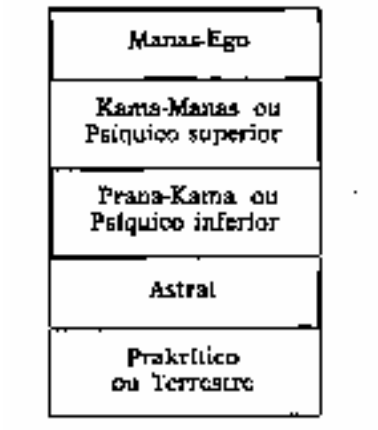
A glândula pineal corresponde ao pensamento divino. A pituitária é o órgão do plano psíquico.

OS SONS

O Akasha é a raiz da manifestação de todos os sons. 0 som não tem limites. Um golpe dado numa mesa com um lápis repercute em todo o Universo. A Primeira Raça tinha o tato em todo o organismo, que era como uma caixa de ressonância. 0 tato se diferenciou nos demais sentidos. A Quarta Raça teve sentidos muito mais desenvolvidos que os nossos, porém em outro plano, e foi uma Raça muito materializada. O sexto e o sétimo sentidos se fundirão no som akâshico.

A CONSCIÊNCIA KÓSMICA

Como todas as demais consciências, a Consciência Kósmica atua em sete planos, dos quais três são inconcebíveis e quatro estão ao alcance dos Adeptos superiores. Os sete planos aparecem bosquejados no seguinte diagrama:



O PLANO TERRESTRE

Se consideramos apenas o plano ínfimo ou terrestre, este se subdivide em sete subplanos, e cada um destes em outros sete, do que resultam quarenta e nove. É chamado Plano Prakrítico ou o Sétimo Plano Cósmico, que se subdivide como segue:

7	Para Ego ou Ãtmico
6	Ego Interno ou Búdico
5	Ego-Manas
4	Kama-Manas ou Manas inferior
3	Prana-Manas ou Psíquico
2	Etérico
1	Objetivo

O seu plano objetivo ou sensório é o que é percebido pelos cinco sentidos físicos. Em seu segundo plano as coisas são invertidas. O seu terceiro plano é psíquico: daqui provém o instinto que impede um gatinho de entrar na água e afogar-se. Eis um quadro da consciência terrestre, objetiva:

1. Sensória
2. Instintiva
3. Fisiológica-emotiva
4. Passional-emotiva
5. Mental-emotiva
6. Espiritual-emotiva
7. X

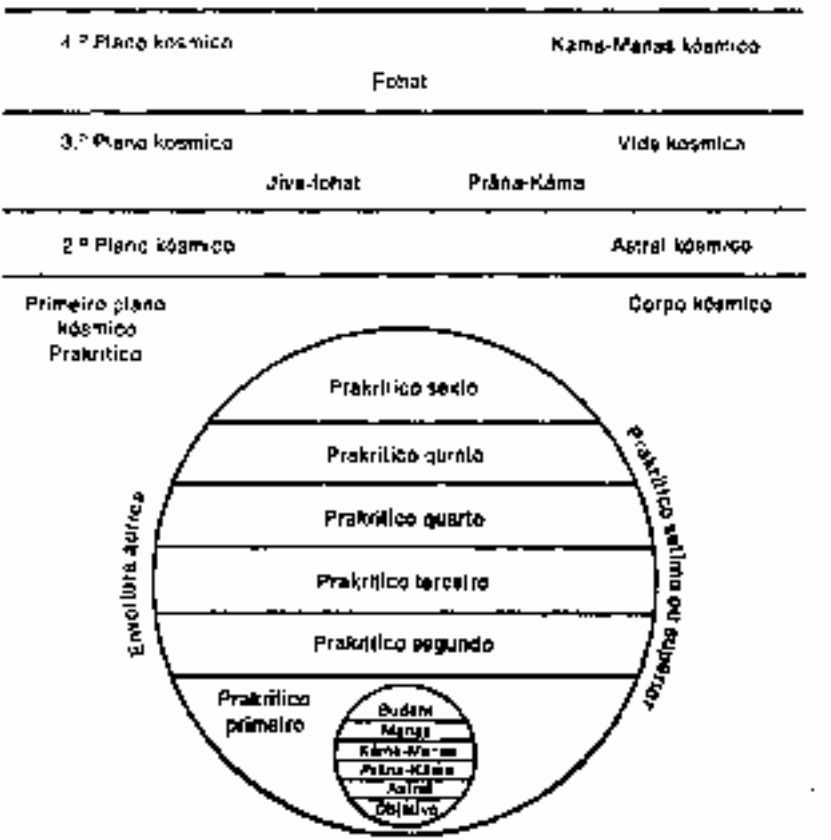
O PLANO ASTRAL E SUAS DIVISÕES

Os três subplanos prakríticos inferiores correspondem analogamente aos três subplanos inferiores do Plano Astral, que imediatamente o segue:

7		
6	Astral	búdico
5	Astral	manásico
4	Astral	kama-manásico
3	Astral	prânico, ou psíquico
2	Astral	etérico
1	Astral	objetivo

O sub-plano astral objetivo corresponde .em tudo ao subplano terrestre objetivo. 0 segundo subplano corresponde ao segundo do plano físico, mas os objetos são em extremo tênues, como que de matéria etérica astralizada. É o limite dos médiuns vulgares, pois não podem transpô-lo. Para uma pessoa comum chegar a este subplano, precisa achar-se adormecida, em êxtase, em delírio febril, ou sob a influência do gás hilariante.

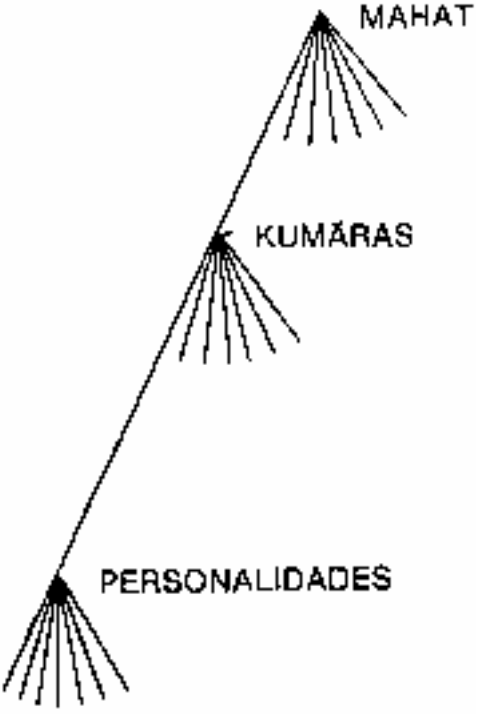
O terceiro subplano, o prânico, é de mui intensa e vivida natureza. O delírio agudo leva o enfermo a este plano. Os lunáticos são amiúde conscientes neste plano, onde têm terríveis visões. A quarta subdivisão é a mais terrível e kâmica do Plano Astral; dela provêm as sombras tentadoras. A quinta subdivisão é a dos avisos em sonhos ou reflexos da mente inferior, dos vislumbres do passado e do futuro, das coisas mentais, mas não das espirituais. O clarividente hipnotizado pode alcançar



este subplano. Do sexto procedem as mais formosas inspirações de arte, poesia e música, e os sonhos de natureza elevada. Ao sétimo subplano nos elevamos nos momentos da morte ou em visões excepcionais. Aí se recorda, quem se afoga, de suas vidas passadas. Enfoca-se a memória, neste subplano, no coração. As impressões deste plano não ficam no cérebro físico.

NOTAS GERAIS

Os dois planos acima descritos (o físico e o astral) são os únicos que a Hatha Yoga alcança. Prana e a Envoltura Áurica são essencialmente iguais e, como Jiva, identificam-se com a Deidade universal, cujo Quinto Princípio é Mahat e o Sexto Alaya. (A Vida universal também tem sete Princípios.) Mahat é a Entidade suprema no Kosmos; além Dela não há outra Entidade mais divina; é da matéria mais sutil, Sukshuma. Em nós é Manas, e os próprios Logos não são tão elevados, por não haverem adquirido experiência. A Entidade Manásica não perecerá, mesmo no fim do Mahavântara, quando todos os Deuses são absorvidos, mas ressurgirá da Potencialidade latente Parabrâhmica.



A Consciência é a semente kósmica da onisciência supercósmica, e tem a potencialidade de desabrochar na Consciência Divina.

Fohat está em toda parte. Estende-se como um fio através de tudo, e tem sete divisões próprias.

A figura ao lado é um aspecto manvantárico de Parabrahman e Mulaprakriti. A consciência propriamente dita começa entre Kama e Manas. Âtma-Buddhi atua mais nos átomos do corpo, nos bacilos, micróbios etc, do que no homem mesmo. A consciência sensória objetiva abarca tudo quanto concerne aos cinco sentidos físicos, e domina nos quadrúpedes, aves, peixes e alguns insetos. Ali estão as "vidas", sua consciência está em Âtma-Buddhi, pois carecem completamente de Manas.

Os idiotas estão no plano astral; a frase: "perdi a ra-

zão", é uma verdade oculta. A consciência kama-manásica é instintiva dos animais e idiotas no ínfimo grau; plano das sensações, o plano de Buddhi e da envoltura áurica, daí se eleva ao Pai celestial o Âtma e reflete tudo o que está na aura. Os Adeptos superiores se elevam em estado samadhi até o quarto solar, porém não podem sair do sistema planetário. O Vigilante Silencioso está no quarto plano cósmico. A mente superior dirige a vontade em linha reta; a mente inferior a torce para o desejo. Não se deve cobrir a cabeça quando se medita, mas se deve cobri-la no Samadhi. Os Dhyân-Choans são espíritos puros, sem paixão e sem mente; não lutam nem precisam subjugar as paixões. Eles têm de passar pela escola da Vida. Por isso se diz: "Deus vai à escola". Os melhores de nós serão Manasaputras nos tempos futuros. Os inferiores serão Pítris. Na Terra somos sete hierarquias intelectuais. Nossa Terra será a Lua da futura Terra.

Os "Pítris" são o Astral que, escudado por Âtma-Buddhi, cai na matéria. O motivo de toda evolução é adquirir experiência. Na Quinta Ronda todos seremos Pítris; teremos de dar nossas sombras a outra humanidade e permanecer até a perfeição desta humanidade. Os Pítris já terminaram a sua missão nesta Ronda e se foram para o Nirvana, mas voltarão para representar igual papel no meio da Quinta Ronda. A Quarta Hierarquia de Pítris, a Hierarquia kâmica, conver-ter-se-á em homem de carne.

0 corpo astral se acha primeiro na matriz; depois vem o germe que o frutifica e então se reveste de matéria. O Raio se reveste no subplano mais elevado do Plano Astral. A sombra ou Chaya é realmente manas inferior, a sombra da Mente superior. Este Chaya forma o Mayavi-rupa que está composta de corpo astral, como upadhi (base); a inteligência guiadora procede do coração, e os atributos e qualidades, da aura, que por sua vez recolhe a Luz de Âtma e forma a auréola que circunda a cabeça dos santos e puros.

O fluido áurico é uma combinação de princípios da vida e vontade que são um e o mesmo, no Kosmos. O fluido áurico emana dos olhos e das mãos, quando o dirige a vontade do operador. A Luz áurica rodeia todos os corpos. Âtma-Buddhi-Manas correspondem no homem aos três Logos do Kosmos, e são também a radiação do Microcosmos e do Macrocosmos. O Terceiro Logos, Mahat, se converte em Manas no homem. Os raios sòlárés dão à vida, fecundam o existente e formam o indivíduo. Mahat fecunda e engendra Manas.

A forma existe em distintos planos; e as formas de um plano podem não ser as mesmas para os residentes em outros planos. Os kosmocratores constróem, segundo a Mente divina, em planos visíveis para eles, ainda que invisíveis para nós. O princípio da limitação é a forma; este princípio é a lei divina manifestada na matéria kósmica cuja essência não tem limites. O primeiro exercício para adquirir o poder de Kriyashkti é o exercício da imaginação, porque imaginar eqüivale à criação sólida de seu modelo, segundo o nosso ideal, com todos os

pormenores. A vontade então se atualiza e transfere a forma ao mundo objetivo.

SÓIS E PLANETAS

Os cometas se condensam gradualmente e chegam a fixar-se como Sóis. Então atraem planetas ainda não sujeitos a centro algum, e deste modo se forma um novo Sistema Solar ao cabo de milhões de anos. Os planetas já esgotados se transformam em satélites ou luas de planetas de outro Sistema.

O Sol que vemos é o reflexo do verdadeiro Sol; é o seu concreto e externo Kama-Rupa. O conjunto de Sóis constitui o Kama-Rupa do Cosmos.

Em seu próprio Sistema Planetário o Sol é Buddhi, reflexo de Âtma, o Sol verdadeiro, invisível neste plano. Todas as forças foháticas pertencem a este reflexo. Todos os planetas que os astrônomos situam em nosso Sistema Solar pertencem a ele, menos Netuno. Também existem outros planetas com as suas luas que também pertencem a ele "assim como todas as luas que ainda não são visíveis para as coisas por vir". Esses planetas só se movem em nossas consciências. Os Reitores dos sete planetas secretos não têm influência sobre esta Terra, como tem a Terra sobre outros planetas. O Sol e a Lua produzem não somente um efeito mental, mas também físico.

O efeito do Sol sobre a humanidade está relacionado com Kama-Prana, isto é, com nossos mais intensos elementos kâmicos. É o princípio vital que favorece o crescimento e desenvolvimento. O efeito da Lua está relacionado com Kama-Manas, e é psíquico-fisiológico. Atua sobre o cérebro psicológico ou mente cerebral.

No começo da evolução de nosso globo, a Lua era maior do que o é agora, e estava mais próxima da Terra. Afastou-se e diminuiu de volume, transmitindo todos os seus princípios à Terra, enquanto os Pítris só deram seus Chayas ou sombras aos homens. A influência da Lua é inteiramente psicofísica. Está morta; como cadáver, desprende emanações nocivas.

É para a Terra e seus moradores um vampiro; por isso as pessoas que dormem sob seus raios perdem a vitalidade. Para preservar-nos de sua maligna influência, convém cobrir a cabeça com tecidos brancos que repelem seus raios. No plenilúnio emite partículas que absorvemos. A Lua é fosforescente. Esotericamente a Lua é o símbolo de Manas inferior. Também o é do astral. Há plantas benéficas sob os raios do Sol, que são maléficas sob os raios da Lua. As ervas venenosas o são muito mais quando arrancadas em noite de lua. Ela se desagregará, totalmente, na Sétima Ronda; então aparecerá outra. Hoje existe detrás da Lua um "planeta misterioso", que está morrendo, gradualmente. Um dia transmitirá seus princípios a um novo centro Laya, e aí se formará um novo planeta que pertencerá a outro Sistema

Solar, e o "planeta misterioso" será a Lua de nosso Globo. Esta nada terá a ver com nossa Terra, ainda que dentro de nosso campo visual. O diamante e o rubi estão sob a influência do Sol, e a safira sob a da Lua. Os ciclos e as épocas dependem da consciência; eles se repetem, e são medidos pela humanidade e não pela Natureza. Somos as mesmas gentes de passadas épocas. O Átomo é a Alma da molécula. Ele está constituído pelos seis princípios, e a molécula é o seu corpo. 0 Átomo é o Âtma do Cosmos objetivo; está no sétimo plano do Prakriti inferior.

CLASSIFICAÇÃO VEDANTINA DOS LOKAS (MUNDOS, ESTADOS)

Cada Hierarquia Kósmica tem um Loka, correspondente esotéricamente aos estados humanos de consciência e suas 49 subdivisões.

Tala significa "lugar". Atala significa "carência de lugar". Vitala significa "mudança com melhoramento". Assim temos melhora de matéria onde esteja diferenciada. Sutala significa "lugar excelente". Karatala quer dizer "estado da matéria tangível". Rastala, "lugar do gosto"; onde é possível sentir com um dos órgãos da sensação. Maha-tala quer dizer "lugar grande"; esotéricamente, é o que subjetivamente inclui a todos os demais, e potencialmente a todos quantos o precedem. Patala significa "algo sob os pés", base de algo. Também quer dizer antípoda.

Cada Loka, lugar, mundo, estado etc, corresponde a e se transforma em cinco (exotéricamente) e sete (esotéricamente) estados ou tattwas, sem nomes definidos, que constituem os 49 fogos.

Estes estados de consciência se transformam em Hierarquias de Dhyân-Choans, tattwas etc. São sempre sete com sete reflexos correspondentes : em cima, embaixo; dentro, fora; subjetivo, objetivo; puro, impuro; positivo, negativo; etc.

7. Atala é o estado áurico ou átmico. Emana diretamente da Absolutividade e é o primeiro algo do Universo. Corresponde à Hierarquia de Seres espirituais não-substanciais, num lugar que para nós não é lugar e cujo estado não é estado. Esta Hierarquia contém o plano primordial, tudo quanto foi, é, e será, desde o princípio até o fim do Mahavântara. O estado de consciência correspondente é o Parasamaâhi ou Dharmakaya, em que já não cabe progresso algum. As Entidades se cristalizam em pureza e homogeneidade.

6. Vitala. Neste Loka estão as Hierarquias dos Budas celestiais, ou Bodhisattvas emanados dos sete Dhyani Budhas. Representa o estado mais elevado em que os Adeptos podem viver; não há outro superior a este. Corresponde na Terra ao estado de Samadhi, a consciência búdica no homem. Uma vez atingido o estado superior a este, o Dharmakaya já não pode voltar à Terra. Estes dois estados são puramente hipermetafísicos.

5. Suíala, estado diferencial que corresponde na Terra ao Manas Superior, e portanto ao Som, Logos, ou nosso Eu Superior. É o estado a que chegou Gautama neste mundo; é o terceiro estado, dos sete do Samadhi. Suas Hierarquias são os Kümaras e Agnishvattas.

4. Karatala é o estado das Hierarquias etéricas, os semi-objetivos Dhyân-Choans da matéria astral do Manas-Manas. Corresponde ao tato; os seus devas são Sparsha (tato), e só têm este sentido em atividade. Este sentido é mais afinidade ou contacto do que outra coisa mesmo.

3. Rasatala, os devas da vista, dotados de três sentidos: ouvido, tato e vista. Compreendem as entidades kamo-manásicas e os elemen-tais superiores (sílfides e ondinas). Seu estado de consciência corresponde ao hipnótico e o produzido por alguns alcalóides, como a morfina.

2. Mahatala corresponde às Hierarquias dos devas do gosto, cujo estado de consciência abarca os cinco sentidos inferiores e as emanações da vida e da existência. Corresponde ao Kama e ao Prana no homem, e aos gnômos e salamandras na Natureza.

1. Patala corresponde à Hierarquia dos devas do olfato; é também chamada Myalba, o mundo dos antípodas. É a esfera dos animais irracionais, cujas emanações se contraem ao gosto dos sentidos e cujo único sentimento é o instinto de conservação. É o plano dos homens muito egoístas, quer em sonhos quer em vigília. Patala é o estado ter-reno e está em correspondência com o sentido do olfato. Pertencem a ele os dementais de animais e os espíritos da Natureza.

Todos estes estados denotam correntes magnéticas especiais, os planos de substância e os graus de aproximação da consciência do Yogue com as respectivas Hierarquias que constituem a essência dos mesmos.

Os três lokas superiores são eternos e os inferiores são transitórios

Para um homem alcançar os três estados superiores, precisa ser um Adepto completo.

Os Vairajas são os veementes Egos de outros Mahavântaras, já purificados no fogo das paixões, que se negaram a criar. Alcançaram o Sétimo Portal e renunciaram ao Nirvana para atuar em sucessivos Manvântaras.

CONSCIÊNCIA

A consciência é própria dos animais; só o homem tem autocons-ciência, isto é, o conhecimento subjetivo do Ego. Há enorme diferença entre as consciências do inseto, do pássaro, do quadrúpede e do homem. A autoconsciência é um atributo da Mente e não da Alma ou Anima de que se deriva o nome de animal. A consciência cerebral é o campo iluminado pela luz do Ego, do ovo áurico, do Manas superior. 0 instinto é estado inferior da consciência. A memória é uma faculdade da mente; pode se aguçar ou embotar de acordo com as condições das

células cerebrais, que armazenam as impressões. Não é possível o conhecimento sem a memória que armazena, dispõe e prove todas as coisas. A consciência cerebral depende da intensidade da luz refletida por Manas superior sobre o Manas inferior, e do grau de afinidade entre o cérebro e esta Luz. O animal tem latentes a Mônada e o Manas, mas não pode responder por estarem em potência estes princípios, que no homem estão atualizados.

A mente recolhe e armazena de uma maneira inconsciente tudo quanto percebe, e transmite-o à memória como percepções inconscientes.

Há sete escalas ou matizes da Consciência Una; quatro inferiores e três superiores. Elas se manifestam em qualquer plano. Jamais se reproduz exatamente o mesmo estado de consciência, ainda que a vida dure cem anos e passe o Ego por milhões de tais estados. Isto explica por que algumas coisas abstratas acompanham o Ego ao Devakan e outras se dissipam no Espaço.

Tudo que vibra em harmonia com o Ego acompanha-o formando parte integrante de sua individualidade, como biografia da personalidade extinta.

O corpo astral é molecular, por etérico que seja; o Ego é atômico, espiritual. Os átomos são espirituais, e nunca visíveis no plano físico.

As moléculas acumulam-se em torno dos átomos, que assim permanecem invisíveis como princípios superiores das moléculas. Os olhos são os órgãos de mais oculta índole. Ao cerrá-los, passamos ao plano mental. Se detivermos o funcionamento de todos os sentidos, achar-nos-emos em outro plano.

O Kama é a vida e a essência do sangue, que se coagula quando o Kama a abandona. Prana é universal no plano físico.

O campo de consciência do Ego Superior não se reflete nunca na Luz astral. A aura recebe tanto as impressões do Manas superior como as do inferior; porém só as impressões deste último se refletem na Luz astral, a qual está num plano demasiado baixo para receber a essência das coisas espirituais que alcançam o Ego superior. Depois da morte e da separação dos princípios, une-se à Mente Universal para esperar ali, karmicamente, o dia da reencarnação do Ego.

O Raio reencarnante pode considerar-se em dois aspectos; o eu kármico inferior, que se desagrega no Kamaloka, e o Eu Manásico, que percorre o seu ciclo e volta ao Ego Superior, que na realidade é quem sofre a pena.

Esta é a verdadeira crucificação do Christos, pois dele depende todo o ciclo de nossas vidas. Os bons e maus pensamentos, as boas e más obras, ficam impressos na aura, e o Ego deita sobre si o mau Karma, ainda que não seja culpado dele. Cada Ego tem atrás de si o Karma de passados Manvântaras.

Há sete Hierarquias de Egos, alguns dos quais estão começando seu atual ciclo, como, por exemplo, os selvagens. O Ego surge com

consciência divina, sem passado nem futuro, nem separação e tarda muito em advertir que ele é. Só ao cabo de muitas vidas pode discernir por experiência que é um indivíduo. No final de suas reencarnações, torna-se uma consciência autônoma e individualizada. O sentimento da responsabilidade dimana da presença da Luz do Ego Superior. O dia do Sê conosco fará recordar ao Ego todo o ciclo de suas passadas encarnações manvantáricas. Então, ao pôr-se o Ego em contato com a Terra, os sete Princípios se resumem em um, e vê quanto fez no mundo. Vê a corrente de suas passadas encarnações, iluminadas por uma Luz divina. Vê a humanidade em conjunto, porém perdura o sentimento de individualidade, de um "algo" que é sempre "eu". 0 Ego Superior é como um globo de luz pura e divina, uma unidade num plano superior em que não há diferenciação. Quando se diferencia, emite um Raio, que só pode se manifestar por meio da diferenciada personalidade. Uma porção deste Raio (Manas inferior) pode cristalizar-se de tal maneira, durante a vida, que se identifica com Kama e permanece assimilado à matéria, mas a porção que se conserva pura, forma o Antakha-rana. Todo o destino de uma encarnação depende de se Antakharana será ou não capaz de subjugar o Manas kâmico. Depois da morte, Antakharana leva as impressões e memória de todas as suas nobres aspirações, e identifica-se com o Ego Superior; os maus desejos e ações se dissipam no espaço, mas voltam com o Karma que espera a personalidade.
O sentimento da responsabilidade é o princípio da Sabedoria.

O Kama Rupa separa-se algumas vezes e passa a animais. Todos os animais de sangue vermelho procedem do homem; os de sangue frio e branco procedem da matéria do passado. 0 Kama Rupa é o sangue. Os glóbulos brancos do sangue, os "lixeiros" ou devoradores, são de natureza astral e deste plano são exsudados por meio do baço. São os nascidos do suor dos Chayas. O Kama compenetra todo o corpo físico. Os glóbulos vermelhos são como gotas de fluido elétrico; são os da progênie do princípio fohático. No coração há sete centros, símbolos das sete Hierarquias. Os fogos atuam constantemente em volta da glândula pineal, e quando Kundalini os ilumina por um breve instante, vê-se o universo inteiro. Mesmo no sono profundo se abre o terceiro olho. Para passar aos planos superiores é preciso fechar os olhos e paralisar o cérebro pela vontade, não permitindo que ele atue.

Deixa-se passivo o cérebro e passa-se mais além; vê-se uma luz branca e radiante, opalescente, pela qual cruzam coloridas e mutáveis ondas desde o violeta pálido ao azul anil de brilho metálico, passando por matizes de verde bronze. Se vedes isto, prova que estais em outro plano. Quando aparecer uma cor, examinai-a, e se não for boa, repeli-a. As cores boas são: verde, anil e amarelo. O vermelho é simplesmente fisiológico; deve ser repelido. O verde bronze corresponde ao Manas inferior, o amarelo bronze ao Antakharana e o anil bronze ao Manas superior. Estas são cores dignas de observação.

Quando o amarelo bronze se absorve no anil, prova que se está no plano mental, onde se vê o Númeno ou essência dos fenômenos,

Na meditação não existe "o tempo", porque neste plano não há sucessão de estados de consciência. A cor do astral é o violeta; com ela começais, mas precisais transcendê-lo. A consciência animal está constituída por todas as do corpo, menos as do coração. Há neste um ponto, centro da vida, que é o último a cessar de bater; é também o primeiro que palpita no feto. O coração é o centro da consciência espiritual, como o cérebro o é da intelectual.

No coração reside o Deus único manifestado, que, com os outros dois invisíveis, forma a Tríada Âtma-Buddhi-Manas. No homem há três centros principais: a cabeça, o coração e o umbigo. O coração representa a Tríada superior. O fígado e o baço representam o Quaternário. O plexo solar é o centro cerebral do estômago.

A crucificação de Cristo representa o sacrifício de Manas Superior, o unigênito filho enviado pelo Pai a carregar com os nossos pecados. O Mito do Cristo procede dos Mistérios. A vida de Jesus Cristo é tão semelhante à de Apolônio de Tyana que os Padres da Igreja suprimiram a deste último, para que o povo não notasse sua grande semelhança com o primeiro.

O homem psico-intelectual reside inteiro na cabeça, com seus sete portais. O homem espiritual está no coração. O terceiro ventrículo cerebral está cheio de luz durante a vida, e não com um líquido, como depois da morte.

No cérebro há sete cavidades, que durante a vida estão vazias e onde se refletem as visões que hão de perdurar na memória. Estão cheias de Akasha.

A sexta destas cavidades é a glândula pineal, a sétima é o conjunto cerebral. A quinta é o terceiro ventrículo, e a quarta, o corpo pituitário.

O cérebro é o arsenal de todas as forças; é o Kama da cabeça.

A glândula pineal se corresponde com o útero, e seus pedúnculos com as trompas de Falópio. A glândula pituitária é o porta-luz da pineal.

O homem encerra em si todos os elementos do Universo, de sorte que nada há no Macrocosmo que não esteja contido também no Microcosmo. No corpo pituitário existem várias essências. Cada sentido tem a sua consciência peculiar, e por meio de cada sentido podemos ter consciência.

Sempre começamos no terceiro plano; para além, tudo é inconcebível.

Manas é o corpo, Buddhi a Alma, e Âtma o Espírito do Universo.

AS NIDANAS DO BUDISMO

São as causas da existência senciente, mediante os doze laços entre a Natureza subjetiva e a objetiva. Ê o encadeamento de causas e efeitos.

Cada causa produz um efeito, que por sua vez se converte em causa. As doze Nidanas são:

1. Jaramarana	7. Sparsha
2. Jati	8. Chadayatana
3. Bhava	9. Namarupa
4. Upadana	10. Vignana
5. Trishna	11. Sanskara
6. Vedana	12. Avidya

A ordem evolucionária é inversa, isto é, começa pela décima segunda e termina na primeira.

1. Jaramarana (literalmente, "morte por decrepitude"). Note-se que a primeira Nidana é a morte e não a vida. Na filosofia budista é fundamental que cada átomo, a todo momento e desde o momento de nascer, começa a morrer. Nisto se baseiam os cinco Skandas, que são seus efeitos ou resultados. Nele se baseiam os cinco Skandas, que são seus efeitos ou produtos. Além disso, por sua vez, no átomo se baseiam os cinco Skandas. Há mutualidade entre ambos, pois um produzo outro.

2. Iati (literalmente, "nascimento"). Significa nascimento de conformidade com uma das quatro modalidades de Chaturyoni (quatro matrizes), isto é: a) pela placenta, como os mamíferos; b) pelo ovo, como as aves; c) por germes líquidos ou etéricos, como o pólen das flores, desova de peixes, insetos etc; d) por anupadaka, como os Nirmanakayas, Deuses etc.

O nascimento se efetua por um destes quatro meios. Necessitamos nascer numa das seis modalidades objetivas da existência, ou na sétima, que é subjetiva. Os quatro processos acima estão compreendidos nas seis modalidades de existências, que são:

1. Exotericamente: a) Devas, b) Homens, c) Asuras, d) Homens no inferno, e) Pretas (demônios ou espíritos malignos atuantes na Terra), f) Animais.

2. Esotericamente: a) Deuses maiores, b) Devas ou Pítrís, c) Nirmanakayas, d) Bodhisattvas, e) Homens de Myalba, f) Entidades kama-rúpicas (humanas ou animais) em Kamaloka ou Luz astral.

3. Bhava. Existência kármica, não a existência atuante, senão como um agente moral que determina o loka (mundo) de nosso nascimento (terreno, astral ou celeste). Sua causa é o apego à existência, que nos faz desejar a vida em qualquer forma. Seu efeito é Jati num ou noutro dos três mundos, e sob quaisquer condições.

Nidanas são as expressões pormenorizadas da lei kármica sob doze aspectos, isto é, da lei do Karma sob doze aspectos nidânicos.

SKANDAS

Skandas são os germes da vida em todos os sete planos da existência. Cada vibração atuada por nós é um skanda; este nos liga ao Ego reencarnante. Há skandas exotéricos e esotéricos, relacionados com o homem subjetivo e com o objetivo. Em sua vida futura, os últimos pensamentos e ações do homem influem enormemente, e apesar de terem de sofrer por suas culpas, melhoram as condições dos efeitos kármicos.

Só há Tanha, o desejo de viver, e este se multiplica num sem-fim de desejos. Todo o elemental criado pelo homem deve volver ao seu criador, mais ou menos tarde, posto que é vibração sua, e desta sorte se converte em sua inseparável sombra. São bons ou maus pensamentos emitidos, que cristalizam na luz astral até serem atraídos por lei de afinidade e postos em vibração quando seu criador volte à vida terrena. Podemos neutralizá-los por efeitos contrários. Os Elementais nos invadem como uma enfermidade, e por isso são perigosos tanto para nós como para os demais. O pior pecado é deter o progresso da Verdade.

Quando um homem aparece a outro em seu corpo astral, reveste-se do Linga Sharira, ainda que tal não possa suceder a longas distâncias.

Quando alguém pensa insistentemente em outrem, pode aparecer a este, às vezes. Neste caso aparece o Mayavi-Rupa, formado inconscientemente por Kriyashakti, pois só os Mestres e Iniciados podem projetar conscientemente seu Mayavi-Rupa. Só os instrumentos perfurantes podem penetrar na matéria astral, mas não os contundentes. Não se deve tentar a projeção do corpo astral.

O Fogo é um princípio divino, não um elemento. A chama física é o veículo objetivo do Espírito Supremo. Os Elementais do fogo são os de maior categoria. A chama em que acendemos uma vela nada tem a ver com a vela mesma. Os Elementais do fogo carecem de consciência física, porque são muito elevados e refletem a Divindade de sua origem. Os demais Elementais têm consciência no plano físico, pois refletem a natureza humana.

0 éter é fogo; a parte ínfima do éter é a chama que fere a nossa vista. O fogo é a presença subjetiva da Divindade no Universo; é o Kriyashakti de todas as formas de vida. Em todas as suas manifestações o fogo é essencialmente um. No Fogo se sintetizam os sete Cosmocratores. Na mais grosseira modalidade de sua essência, o fogo é a primeira forma inferior dos primeiros seres subjetivos do Universo. Os Elementais do fogo são os primeiros pensamentos caóticos divinos. Na Terra eles tomam a forma de Salamandras.

No ar, há milhões de seres vivos e conscientes, que se apoderam de nossos emitidos pensamentos. Os Elementais do fogo se relacionam com o sentido da vista, e absorvem os Elementais dos demais sentidos. Assim é que, só com o sentido da vista, podemos ouvir, cheirar, gostar etc.

À medida que o tempo transcorre, haverá mais e mais éter no ar; e quando o encher por completo, nascerão crianças sem necessidade de pais. Na Virgínia há uma espécie de maçã, que frutifica sem ter flores nem sementes. Esta espécie de geração se estenderá primeiro aos animais, e depois aos homens.

As mulheres darão à luz sem prévia fecundação, e na Sétima Ronda haverá homens que se reproduzirão por si mesmos. Na Sétima Raça da Quarta Ronda os seres humanos mudarão de pele anualmente e renovarão as unhas das mãos e pés. Na Sétima Ronda nascerão Budas sem mácula. Esta última Ronda será muito curta. O Eu Superior em seu próprio plano é Kümara. O Ego assume a responsabilidade dos corpos em que se encarna.

O Duplo Etérico é muito semelhante ao Corpo Astral. Depois da morte, todas as moléculas e células exalam sua essência da qual se forma o Astral ou Kama Rupa, porém este não se exterioriza. O corpo etérico é uma base de vida; é como uma esponja ou depósito que armazena a Vida tomada do ambiente. A vida não pode passar, imediatamente, do subjetivo para o objetivo, porque jamais a Natureza dá saltos. A Vida é, verdadeiramente, a Divindade.

Mas para ela manifestar-se no Plano Físico, tem de assimilar, e como o corpo físico é muito denso, precisa de um intermediário que é o corpo astral-etérico ou Linga Sharira. A inteligência das entidades kama-rúpicas é idêntica à dos monos. Nos quatro reinos inferiores não há entidades inteligentes para comunicar-se com os homens, porém os Elementais têm instintos semelhantes aos do animal. As Sílfides ou Elementais do ar, os mais perniciosos, podem comunicar-se com os homens, em circunstâncias propícias, pois têm de ser atraídos. O Devacan é um estado num plano de consciência espiritual. Kamaloka é um lugar de consciência física, a sombra do mundo animal e dos sentimentos instintivos.

O resumo exposto é um trabalho de seleção, apenas; foi aproveitada toda a Doutrina Secreta que a autora, Helena Petrovna Blavatsky, recebeu dos Mestres de Sabedoria, e ainda os excertos de autores conhecidos do público, os quais foram citados para apoiar ou refutar as doutrinas esotéricas.

De qualquer modo, o meu trabalho foi somente tornar mais suaves e compreensíveis os profundos ensinamentos transmitidos nesta formidável obra, que é a Doutrina Secreta. Eliminei as polêmicas desnecessárias, as repetições, e as asperezas por vezes contundentes com que a autora se refere ao dogmatismo religioso e ortodoxo; conservei, porém, na forma original, tudo o que diz respeito aos ensinamentos esotéricos, transcrevendo as palavras da autora. Os termos em línguas orientais foram traduzidos pelo Glossário da mesma Autora, facilitando a compreensão para os leitores que não estão familiarizados com a linguagem teosófica.

Pondo ao alcance de muitos um livro escrito para uns poucos, creio ter colaborado na divulgação da Verdade, tão dispersa hoje que é difícil reunir os seus fragmentos e oferecê-los ao grande público de modo aceitável.

Foi um esforço de cinco anos, em que por eliminação fui coordenando o necessário a transmitir e abandonando as repetições, e consegui sintetizar, num só volume, o material de seis grossos livros, sem deformar o pensamento e a mensagem da Autora.

A síntese foi feita da terceira edição da Biblioteca Orientalista, Editorial R. Maynadé, Barcelona, 1932, traduzida da edição inglesa revisada por vários membros da Sociedade Teosófica.

C. A. Figueiredo